



Victor Alexandre Garcia

**CIÊNCIA E MORAL NA BOTÂNICA DE ROUSSEAU:
Tradução e Comentário**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia, do Departamento de Filosofia da PUC-Rio.

Orientador: Rodrigo Guimarães Nunes
Co-orientador: Fabiano de Lemos Britto

**Rio de Janeiro,
Outubro de 2023**



Victor Alexandre Garcia

**CIÊNCIA E MORAL NA BOTÂNICA DE ROUSSEAU:
Tradução e Comentário**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia, do Departamento de Filosofia da PUC-Rio.

Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Prof. Rodrigo Guimarães Nunes

Orientador

Departamento de Filosofia – PUC-Rio

Prof. Fabiano de Lemos Britto

Co-orientador

Departamento de Filosofia – UERJ

Prof. Luciano da Silva Façanha

Departamento de Filosofia – UFMA

Prof. Pedro Paulo Garrido Pimenta

Departamento de Filosofia – USP

Prof. Cesar Louis Cunha Kiraly

Departamento de Ciência Política – UFF

Prof. Ulysses Pinheiro

Departamento de Filosofia – UFRJ

Rio de Janeiro, 06 de Outubro de 2023

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial do trabalho, é proibida sem a autorização da universidade, do autor e dos orientadores.

Victor Alexandre Garcia

Graduado em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2015). Mestre em Psicanálise e Saúde Mental pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2018). Mestre em Filosofia pela PUC-Rio (2019).

Ficha Catalográfica

Garcia, Victor Alexandre

Ciência e moral na botânica de Rousseau : tradução e comentário / Victor Alexandre Garcia ; orientador: Rodrigo Guimarães Nunes ; co-orientador: Fabiano de Lemos Britto. – 2023.

388 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 2023.

Inclui bibliografia

1. Filosofia – Teses. 2. Rousseau. 3. Filosofia moderna. 4. História natural. 5. Botânica. I. Nunes, Rodrigo Guimarães. II. Britto, Fabiano de Lemos. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Filosofia. IV. Título.

CDD:100

Agradecimentos

Ao meu orientador, Professor Rodrigo Nunes – pela amizade, por acreditar no meu trabalho a ponto de concordar com uma mudança abrupta de tema de pesquisa, pela leitura de meu texto, pelos comentários que ajudaram a melhorá-lo e pelas indicações de leitura.

Ao meu coorientador, Professor Fabiano Lemos – pela amizade, por me acolher em seu grupo de pesquisa, pelo diálogo contínuo ao longo desses anos de tese, sem o qual eu certamente não teria conseguido encontrar e refinar meu próprio caminho filosófico. Pela leitura de meu texto, pelos comentários que ajudaram a melhorá-lo e pelas indicações de leitura.

À minha mãe, Marcia Garcia – por todo o amor – “amor que não se mede”, como diz a letra da música –, pelo carinho, por sempre acreditar em mim e me dar suporte em minhas nada fáceis escolhas profissionais.

À minha avó Ileda de Oliveira (*in memoriam*), às minhas tias-avós Hilma de Oliveira (*in memoriam*), Yara de Oliveira (*in memoriam*) e Ieda de Oliveira (*in memoriam*) – fui formado no amor de vocês... agora me resta essa saudade que não tem mais fim. Aos meus primos Kátia e Christiano Sydorack – por todo amor e por todo carinho.

Ao Ádamo da Veiga, amor de uma vida, meu grande amigo – pelo companheirismo de sempre, pelo carinho e pelo apoio em momentos de crise, pela troca intelectual que tanto influenciou o texto desta tese.

Aos meus queridos amigos de longa data, em especial à Thatiana Brito, à Débora Veiga, à Mariana Kehl, ao João Tannouri e ao Ramão Anastácio – por escolherem partilhar a vida comigo, por todo amor, carinho e apoio ao longo de décadas de amizade.

À Professora Heliana Conde, que sigo sem conseguir agradecer o suficiente – pela generosidade intelectual, pela amizade, pelo carinho, pelo diálogo constante, pelos

incontáveis e-mails trocados, pelos vários cafés, encontros e aulas, por todo o conhecimento e sabedoria transmitidos ao longo desses dez anos de amizade.

Ao Professor Cesar Kiraly, amigo precioso – pela generosidade intelectual, por me ensinar tanto sobre ceticismo, sobre arte, sobre delicadeza, sobre tudo!, por viabilizar tantas vezes minha vida.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-Rio – pelos cursos de excelência que certamente marcaram minha pesquisa. Um agradecimento especial às Professoras Déborah Danowski e Clara de Castro – também pela amizade e pela abertura ao diálogo.

A todos aqueles que de alguma forma me ajudaram com a tradução, seja por meio de sugestões, da decifração de passagens difíceis, ou provendo informações históricas que eu não tinha – meu muitíssimo obrigado! Em especial, ao meu amigo franco-brasileiro, Valentin Wolf, que me ajudou com muitas passagens – pela amizade, carinho e pela paciência imensa. À minha querida professora de francês, Heloisa Rocha – pela amizade, carinho e pela inteligência arguta. Também à Carmel Ramos, amiga tradutora, que tanto conhece a dificuldade desse tipo de trabalho, e à Nicole Ayres, minha primeira professora de francês – pela amizade, carinho e pela ajuda com algumas passagens da tradução.

Ao Professor Deivid Gaia, amigo querido – pela amizade, pela ajuda com as referências à Roma Antiga e na tradução de passagens em latim.

Aos Professores Pedro Paulo Pimenta e Luciano Façanha, e aos colegas rousseauianos e estudiosos do século XVIII que fiz na USP e na UFMA, em especial, ao Thiago Vargas, ao Ciro Lourenço Borges Jr., ao Mauro Dela Bandeira – pelo diálogo, pela disponibilidade e gentileza, pela ajuda com textos preciosos e de difícil acesso.

À Professora Alexandra Cook e aos Professores Alain Grosrichard e Alessandro Francisco – pela abertura ao diálogo, generosidade intelectual e simpatia.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Resumo

GARCIA, Victor. **Ciência e moral na botânica de Rousseau: tradução e comentário**. Rio de Janeiro, 2023. 388f. Tese de Doutorado – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A pesquisa de doutorado que culminou nesta tese consistiu na seleção e na tradução de parte significativa dos textos de botânica do filósofo iluminista Jean-Jacques Rousseau, diante de um cenário de indisponibilidade desses textos em língua portuguesa. A tradução é antecedida por uma tese que sustenta a hipótese de que a botânica rousseauiana pode ser compreendida como uma ciência moral.

Palavras-chave

Rousseau, Filosofia Moderna, História Natural, Botânica

Résumé

GARCIA, Victor. **Science et morale dans la botanique de Rousseau: traduction et commentaire**. Rio de Janeiro, 2023. 388f. Tese de Doutorado – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

La recherche doctorale qui a abouti à cette thèse a consisté en la sélection et la traduction d'une partie importante des textes de botanique de Jean-Jacques Rousseau, philosophe des Lumières, étant donné l'indisponibilité de ces textes en portugais. La traduction est précédée d'une thèse qui soutient l'hypothèse selon laquelle la botanique de Rousseau peut être comprise comme une science morale.

Mots-clés

Rousseau, Philosophie Moderne, Histoire Naturelle, Botanique

Sumário

Tese

Introdução	17
Capítulo 1	22
1.1 Um naturalista singular	22
1.2 Uma ciência para os amadores	25
1.3 Ver, dizer, e... gozar	35
1.4 O que devo estudar? Como devo estudar?	44
1.5 Botânicos e boticários	58
1.6 Monstruosidade e desnaturação	66
Capítulo 2	77
2.1 A tradição espiritual	77
2.2 Um exercício para despistar as paixões	82
2.3 A quietude das plantas	91
2.4 A arte de gozar	97
2.5 “A mão que me faz gozar de tudo isso”	109
Considerações finais	119

Tradução

Introdução à tradução	131
Cartas sobre botânica	133
1764	133
À Sra. Condessa de Boufflers, 26 de agosto	140
Ao Sr. Duchesne, 15 de setembro	143
Ao Sr. de Malesherbes, 11 de novembro	143
Ao Sr. Duclos, 2 de dezembro	145
1765	148
Ao Sr. Du Peyrou, 29 de abril	151
Ao Sr. Du Peyrou, 11 de junho	153
Ao Sr. Du Peyrou, 16 de junho	154
Ao Sr. d'Ivernois, 1 de agosto	155
1766	157
Ao Sr. Du Peyrou, 19 de julho	160
À Sra. Duquesa de Portland, 3 de setembro	165
Ao Sr. Davenport, 11 de setembro	165
À Sra. Duquesa de Portland, 20 de outubro	167
1767	170
Ao Sr. D. Malthus, 2 de janeiro	173
Ao Sr. Marquês de Mirabeau, 31 de janeiro	175
Ao Sr. Louis Dutens, 5 de fevereiro	178

À Sra. Duquesa de Portland, 12 de fevereiro	180
À Sra. Duquesa de Portland, 28 de fevereiro	183
À Sra. Duquesa de Portland, 29 de abril	183
À Sra. Duquesa de Portland, 10 de julho	185
À Sra. Duquesa de Portland, 12 de setembro	186
Ao Sr. Du Peyrou, 5 de outubro	188
Ao Sr. Du Peyrou, 17 de outubro	189
1768	191
À Sra. Duquesa de Portland, 4 de janeiro	193
Ao Sr. Du Peyrou, 3 de março	194
Ao Sr. Du Peyrou, 20 de junho	196
À Sra. Duquesa de Portland, 2 de julho	197
Ao Sr. Laliaud, 5 de outubro	199
À Sra. Presidente de Verna, 2 de dezembro	202
Ao Sr. Du Peyrou, 19 de dezembro	203
Ao Sr. Clappier Filho, 23 de dezembro	206
1769	209
Ao Sr. Moulto, 14 de fevereiro	210
Ao Sr. Du Peyrou, 28 de fevereiro	213
Ao Sr. Clappier Filho, 17 de abril	214
Ao Sr. Du Peyrou, 19 de maio	215
Ao Sr. Clappier Filho, 26 de maio	216
À Sra. Duquesa de Portland, 21 de agosto	218
Ao Sr. Laliaud, 27 de agosto	220
Ao Sr. Clappier Filho, 31 de agosto	221

À Sra. Boy de la Tour, 19 de setembro	223
Ao Sr. Gouan, 6 de outubro	225
Ao Sr. Richard de Montenac, 1º de novembro	228
Ao Sr. Du Peyrou, 15 de novembro	229
Ao Sr. M.-M. Rey, 23 de novembro	231
Ao Sr. Laliaud, 30 de novembro	232
Ao Sr. de La Tourrette, 17 de dezembro	233
À Sra. Duquesa de Portland, 21 de dezembro	235
1770	239
Ao Sr. Du Peyrou, 7 de janeiro	240
Ao Sr. de La Tourrette, 26 de janeiro	242
Ao Sr. de La Tourrette, 22 de fevereiro	245
Ao Sr. de La Tourrette, 16 de março	247
Ao Sr. de La Tourrette, 4 de julho	249
Ao Sr. de La Tourrette, 8 de setembro	251
Ao Sr. de La Tourrette, 26 de novembro	252
1771	255
Ao Sr. Lineu, 21 de setembro	256
Ao Sr. de Malesherbes, 21 de outubro	257
Ao Sr. de Malesherbes, 11 de novembro	257
Ao Sr. de Malesherbes, 19 de dezembro	259
Ao Sr. André Thouin	261
1772	263
Ao Sr. de Malesherbes, 19 de janeiro	264

Ao Sr. de La Tourrette, 25 de janeiro	265
Ao Sr. de Malesherbes, Primavera	267
À Sra. Duquesa de Portland, 17 de abril	271
Ao Sr. de Malesherbes, 11 de maio	273
À Sra. Duquesa de Portland, 19 de julho	275
Ao Sr. Duque de Albe, 9 de novembro	276
1773	278
Ao Sr. de La Tourrette, 7 de janeiro	278
Ao Sr. de Malesherbes, 8 de março	280
Ao Sr. de Malesherbes, 18 de abril	281
Ao Sr. de Malesherbes, 2 de maio	283
À Sra. Delessert, 24 de maio	284
À Sra. Delessert, 9 de agosto	289
À Sra. Delessert, 30 de agosto	294
À Sra. Duquesa de Portland, 22 de outubro	297
1776	298
À Sra. Duquesa de Portland, 11 de julho	300
1778	301
Ao Sr. Abade de Pramont, 13 de abril	302
Cartas elementares sobre botânica	304
I	309
II	313
III	317

IV	322
V	327
VI	336
VII	344
VIII	347
 Introdução	 354
 Fragmentos sobre botânica	 364
 Lista de personagens históricos	 372
 Referências	 376

Listas de figuras

Figura 1 — Rousseau herborizando em Ermenonville	129
Figura 2 — <i>Rousseia simples</i> Smith.	130
Figura 3 — Retrato de Madeleine Delessert	307
Figura 4 — Primeira página da primeira carta à Sra. Delessert	308
Figura 5 — Herbários de Rousseau	353
Figura 6 — Página de um herbário de Rousseau	353

Longe de se oferecer ao homem como um refúgio nostálgico, a identificação com todas as formas de vida, a começar pelas mais humildes, propõe à humanidade de hoje, pela voz de Rousseau, o princípio de toda sabedoria e de toda ação coletivas. O único capaz, num mundo atulhado, em que vão-se tornando mais difíceis — e tão mais necessários! — os respeitos mútuos, de permitir que os homens vivam juntos e construam um futuro harmonioso.

Claude Lévi-Strauss

Notas sobre as referências

As referências à obra de Rousseau remetem à edição das *Œuvres Complètes de Jean-Jacques Rousseau*, da Bibliothèque de la Pléiade, publicada em cinco tomos sob direção de Bernard Gagnebin e Marcel Raymond. Utilizo, para ela, a abreviatura “OC”, seguido do número do tomo, do título do texto e da página onde se encontra a citação. Indico também a página da tradução brasileira. As edições utilizadas podem ser encontradas ao final, nas referências. Quando modifiquei a tradução da edição brasileira, indiquei na nota de rodapé.

As referências à correspondência de Rousseau remetem à edição da *Correspondance Générale de J.-J. Rousseau*, publicada em vinte volumes por Théophile Dufour e Pierre-Paul Plan. Utilizo, para ela, a abreviatura “CG”, seguido do volume e da página.

As referências aos demais autores seguem as regras prescritas pela PUC-Rio.

Introdução

Sentindo-se perseguido e caluniado, traído e abandonado pelos homens, Jean-Jacques Rousseau voltou-se para as plantas. Fez do estudo da botânica uma espécie de terapia para a alma e refugiou-se da confusão das grandes cidades europeias entre pétalas e corolas. Até descobrir o encanto dos vegetais, somente as notas musicais tinham lhe proporcionado tanto prazer. Paixão tardia, o estudo da botânica ocupou um lugar verdadeiramente central nos quinze últimos anos de sua vida. No quinto livro das *Confissões*, Rousseau nos diz que provavelmente teria se tornado um grande botânico se tivesse tido contato com as herborizações mais cedo:

Tenho quase que a certeza de que, se eu tivesse ido [herborizar com Claude Anet] uma única vez, a paixão me teria dominado, e talvez hoje eu fosse um grande botânico; porque não conheço nenhum estudo no mundo que, como o das plantas, melhor se associe a minhas predileções naturais, e a vida que há dez anos levo no campo não é mais do que uma herborização contínua, na verdade sem objetivo e sem progresso¹

Mas, ainda que Rousseau tenha declarado de próprio punho a importância da botânica para si, ela permaneceu ao longo do tempo — e permanece até hoje — como um tema marginal entre os comentadores, não despertando o mesmo interesse que os textos políticos e pedagógicos. Espero que a tradução aqui presente possa contribuir para mudar esse cenário, ao menos em solo brasileiro.

Minha hipótese com relação à botânica de Rousseau é a de que devemos entendê-la como um “exercício espiritual”², no sentido que Pierre Hadot confere ao termo. Michel Foucault prefere falar em “técnicas de si”³ para se referir ao conjunto de ações que o sujeito realiza sobre si mesmo com o objetivo de transformar-se. Em ambos os casos, ciência e moral confundem-se, ou, para ser mais preciso, o conhecimento subordina-se à moral. Essa interpretação pode ser encontrada no recente livro de Alexandra Cook, *Jean-Jacques Rousseau and Botany: the salutary science* — um dos poucos que versam exclusivamente sobre o

¹ OC I, *Les confessions*, p. 180; trad. bras., p. 180-181.

² HADOT, P., *Exercícios espirituais e filosofia antiga*.

³ Cf. FOUCAULT, M., *História da sexualidade II: O uso dos prazeres*, p. 18.

tema⁴ —, que em alguns momentos aproxima diretamente a botânica da noção foucaultiana de cuidado de si.

No primeiro capítulo, abordarei o lugar bastante singular que Rousseau ocupou na História Natural e a estranheza dos pressupostos de sua botânica se comparada com abordagens de naturalistas como Buffon e Daubenton. A botânica de Rousseau ainda traz os pressupostos da antiga tradição da espiritualidade, ao passo que, em sua época, a figura moderna das ciências já está bastante consolidada. Veremos também o lugar que o estudo das ciências ocupa em seu pensamento e em sua pedagogia, seu anseio em tornar a botânica acessível e o viés didático presente nas cartas enviadas à Sra. Delessert. O primeiro capítulo aborda ainda o tema da monstruosidade e da desnaturação, ou seja, a reflexão rousseauiana sobre os modos de intervenção do homem na natureza.

O segundo capítulo detém-se mais diretamente na hipótese da tese. Começo apresentando a tradição da espiritualidade a partir das leituras de Hadot e de Foucault, para em seguida demonstrar que a botânica de Rousseau é um exercício espiritual que coloca em jogo a moderação das paixões e a imersão do sujeito no Todo da natureza. O segundo capítulo se encerra mostrando a relação entre botânica, religião e teleologia no interior do pensamento rousseauiano.

Concluo a tese identificando na botânica de Rousseau o que Roland Barthes chamava de “desejo de neutro”⁵ e sustentando que a política das plantas é a política do ceticismo. Não é fácil associar Rousseau ao ceticismo. Trata-se de um autor que está quase sempre muito à vontade com o dogmatismo, que conhecia profundamente Montaigne⁶ e mesmo assim não se valeu da forma

⁴ Em minha pesquisa, encontrei outros três livros inteiramente dedicados à botânica de Rousseau: *La dernière passion de Jean-Jacques Rousseau*, de François Matthey, *La botanique selon Jean-Jacques Rousseau*, de Guy Ducourthial, e *Une leçon de nature avec les lettres sur la botanique*, de Jean-Marie Pelt. Infelizmente não tive acesso a eles. Deixo aqui os títulos na tentativa de ajudar futuros pesquisadores.

⁵ Cf. BARTHES, R., *O Neutro*, primeira aula.

⁶ É possível notar que Rousseau se afasta de Montaigne sempre que a percepção da diferença entre os costumes parece colocar em jogo uma possível relativização da moral. Rousseau acreditava que há “no fundo das almas um princípio inato de justiça e de virtude”, e se perguntava: “mas de que servem ao cético Montaigne os tormentos que proporciona a si mesmo para desenterrar em um canto do mundo um costume oposto às noções de justiça? (...) Ó Montaigne! Tu que te vanglorias de franqueza e de verdade, sê sincero e verdadeiro (...) e dize-me se existe alguma região da terra em que seja crime conservar sua fé, ser clemente, benfazejo e generoso, em que o homem de bem seja desprezível e o pérfido, honrado” (OC IV, *Émile*, p. 598-599; trad. bras., p. 358).

ensaio, e que frequentemente recusou a tradição cética⁷. Ainda assim, acredito que Rousseau oscila e, em alguns momentos, tem desejo de neutro.

Meu doutorado está inserido na linha de pesquisa *Ética e filosofia política*, mas há também, na PUC-Rio, a linha *Filosofia da questão ambiental*, que sempre me interessou muito. O leitor notará que a preocupação ambiental perpassa as páginas deste comentário sem que eu tenha trabalhado diretamente o vínculo entre Rousseau e o ambientalismo. Não foi por medo do anacronismo⁸ que não o fiz, pois acredito que esse é o tipo de anacronismo que vale a pena apostar. Foi, antes, por sentir que não percorri suficientemente a bibliografia que aborda o problema ambiental e a que relaciona Rousseau ao ambientalismo⁹, ambas de tamanho considerável.

Acredito que a obra de Rousseau poderia dialogar com a problemática trazida pelo Antropoceno tanto do ponto de vista da política quanto do ponto de vista da ética. Afinal, não há dúvida de que a mitigação da degradação planetária depende de uma imensa repactuação social, mas também de uma mudança radical no modo de vida de parte significativa da humanidade (parte essa que é inteiramente dependente dos combustíveis fósseis e da produção industrial — ou seja, de uma série de bens de consumo descartáveis e supérfluos —, do uso de meios de transporte individualistas, do consumo intensivo da carne de ruminantes etc. etc.). Nosso desafio agora reside em “acessar a prosperidade sem crescimento”¹⁰, em encontrar um “hedonismo alternativo”¹¹, em “comer o mundo

⁷ Por exemplo, no começo da *Profissão de Fé do Vigário Saboiano*: “Como se pode ser cético por sistema e de boa-fé? Não sou capaz de compreendê-lo. Ou esses filósofos não existem, ou são os mais infelizes dos homens. A dúvida sobre as coisas que nos importa conhecer é um estado violento demais para o espírito humano: ele aí não resiste muito tempo; decide-se a contragosto de uma maneira ou de outra, e prefere enganar-se a não crer em nada” (OC IV, *Émile*, p. 567-568; trad. bras., p. 328). Ainda assim, é possível encontrar elementos de ceticismo na *Profissão de Fé*, cf. OLASO, E., *The two scepticisms of the Savoyard vicar*.

⁸ Conforme nos lembra Starobinski, não encontraremos a ecologia prefigurada na obra de Rousseau a não ser sob um olhar anacrônico, e isto por um motivo bastante simples: Rousseau não conheceu a grande Revolução Industrial, que conquistará e transformará irremediavelmente o mundo nos séculos seguintes. Cf. STAROBINSKI, J., *Accuser et séduire*, p. 46).

⁹ Sobre Rousseau e o ambientalismo, deixo aqui algumas indicações: LAFRENIERE, G., *Rousseau and the European Roots of Environmentalism*; SCHNEIDER, M., *Jean-Jacques Rousseau et l'espoir écologiste*; BLESSON, M., *Pour une démocratie écologique*; BRAGA, E., *Relações e paralelos entre Rousseau e a ecologia radical contemporânea*; BANDERA, M., *Mudanças ambientais, aumento populacional e diversidade humana na antropologia de Rousseau*.

¹⁰ CHARBONNIER, P., *Abundância e liberdade*, p. 21.

¹¹ SOPER, K., *Post-Growth Living: For an Alternative Hedonism*.

de outra maneira”¹². Seria preciso colocar em prática a máxima moral rousseauiana: “faze teu bem com o menor mal possível para outrem”¹³.

Se é realmente esse o desafio presente em nosso tempo, estou certo que o pensamento de Rousseau teria algo a nos dizer — o que creio que minha tese demonstra bem, ainda que indiretamente. Porém, ao longo do doutorado, permaneceu em mim a sensação de que a pertinência de Rousseau com relação ao tema ambiental é sobretudo sombria¹⁴. Não é possível esquecer que estamos lidando com um autor pessimista para o qual já é sempre tarde demais, do mesmo modo que já é tarde demais para evitarmos completamente o Antropoceno, e que iremos — no melhor dos casos, isto é, se conseguirmos — apenas atenuar seus efeitos catastróficos¹⁵. Assim, Rousseau diverge de certo otimismo de Marx, autor para o qual “a humanidade não se propõe nunca senão os problemas que ela pode resolver”¹⁶. Segundo Bento Prado Jr.:

A sabedoria [em Rousseau] seria quase sempre retrospectiva: saber o que deveríamos ter feito e que, infelizmente, não fizemos. O retor só toma a palavra para manifestar o início da corrupção, para denunciar o mal que começa a estender seu domínio, ele fala nesse breve tempo que corre entre a emergência de um problema e o momento em que qualquer solução se tornará impossível. Para caracterizar essa concepção da práxis, poderíamos dizer que, para Rousseau, a humanidade se põe apenas os problemas já quase impossíveis de se resolver¹⁷

Aproveito para esclarecer que minha tese não tem como objetivo propor um retorno à espiritualidade como modo de lidar com os problemas contemporâneos. Seu único objetivo — além de apresentar a tradução — é o de refletir acerca da pertinência do pensamento de Rousseau para a compreensão do

¹² COOK, A., *Manger le monde autrement*.

¹³ OC III, *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*, p. 156; trad. bras., p. 199 (minha tradução).

¹⁴ Lição melancólica que Lévi-Strauss absorveu e incorporou em sua obra em diversos níveis: “Começamos, pois, por proclamar que o respeito pela vida — inclusive humana — não existe numa sociedade obstinada em destruir formas de vida insubstituíveis, quer sejam animais ou vegetais; que o amor pelo passado é uma mentira em cidades que, para satisfazer sua necessidade de crescimento, massacram todos os vestígios do que foram e que as fez; que o culto do belo e do verdadeiro é incompatível com a transformação do litoral em favelas e zonas urbanas, e das beiras de estrada ditas ‘nacionais’ em lixões” (LÉVI-STRAUSS, C., *Respostas a enquetes*, p. 299).

¹⁵ “Virtualmente tudo o que pode ser dito sobre a crise climática se torna, por definição, anacrônico, defasado; e tudo o que deve ser feito a respeito disso é necessariamente muito pouco, e tarde demais — *too little, too late*” (DANOWSKI, D.; VIVEIROS DE CASTRO, E., *Há mundo por vir?*, p. 23).

¹⁶ MARX, K., *Contribuição à crítica da economia política*, p. 48.

¹⁷ PRADO JR., B., *A retórica de Rousseau*, p. 83.

homem e de nosso tempo. De resto, tanto Michel Foucault quanto Pierre Hadot já apontaram para a provável perda de sentido da espiritualidade hoje, para os entraves na realização desse *retorno a si* e na constituição de uma ética e de uma estética do si¹⁸.

O leitor encontrará nesta tese várias referências a autores contemporâneos: Roland Barthes, Michel Foucault, Pierre Hadot, Michel Serres, Lévi-Strauss, Pierre Clastres e até mesmo Jacques Lacan. Não há porque esconder que o século XVIII é um tema de pesquisa relativamente recente e que minha formação pregressa se deu nos estudos da psicanálise e da filosofia francesa contemporânea. Tentei, ainda assim, ser rigoroso com os textos de Rousseau e com a leitura da bibliografia secundária, e me esforcei ao máximo em reportar a botânica rousseauiana ao contexto histórico de seu século.

¹⁸ Cf. GARCIA, V., *Foucault, Hadot, e a espiritualidade nos dias de hoje: o que resta do “retorno a si”?*

Capítulo 1

1.1 Um naturalista singular

Jean-Jacques Rousseau ocupa um lugar bastante singular no que se refere à História Natural de seu século. Segundo Timothée Léchoy, trata-se de um lugar ao mesmo tempo central e periférico¹⁹.

Por um lado, é preciso reconhecer a seriedade com que Rousseau estudou as plantas e quão profundamente refletiu sobre a botânica. Não devemos nos deixar enganar pelas várias declarações de impotência, especialmente presentes em sua correspondência²⁰, onde ele se diz um aprendiz caduco, sem memória, sem visão, incapaz de reter o que lê etc. Drouin foi certo ao afirmar: “Há preguiças simuladas e ignorâncias fingidas. A atitude de Jean-Jacques Rousseau com relação à botânica oferece uma bela ilustração disso”²¹. Atualmente sabemos que ele conhecia muito bem os principais tratados de botânica publicados desde o Renascimento, o que quer dizer que havia percorrido ao menos três séculos de bibliografia especializada, e que se dedicava com afinco ao enorme trabalho de sinonímia e de fichamento desses tratados.

É importante também não nos deixarmos levar inteiramente pela imagem do botânico solitário, em certa medida construída nos *Devaneios do caminhante solitário*. Rousseau herborizava com amigos e às vezes com grandes botânicos, tendo frequentado o Jardim do Rei e outros locais de aprendizagem. Além disso, encontrava-se perfeitamente inserido na rede de troca epistolar dos naturalistas. Não se correspondeu apenas com botânicos amadores, mas também com um bom número de cientistas importantes, entre os quais, Pierre Clappier, Antoine Gouan, Marc Antoine de La Tourette, Margaret Cavendish Bentinck (Duquesa de Portland) e com o próprio Carlos Lineu. Nessa troca epistolar era frequente o

¹⁹ Cf. *La nature des plantes*, podcast com Timothée Léchoy e Patrick Bungener. Léchoy enumera alguns dos pontos que desenvolvo na sequência.

²⁰ Cook nos lembra que Rousseau se correspondia frequentemente com pessoas ilustres, como é o caso da Duquesa de Portland, e se apresentar de forma humilde fazia parte da etiqueta: “a correspondência que Rousseau entretém com a duquesa de Portland parece comportar todas as marcas da troca epistolar típica do século XVIII entre um inferior (Rousseau) e um superior (a duquesa). Aqui se aplicam todas as normas da cultura nobre” (COOK, A., *Rousseau et les réseaux d'échange botanique*, p. 111).

²¹ DROUIN, J.-M., *L'Herbier des philosophes*, p. 15.

envio e o recebimento de sementes, de amostras de plantas, de plantas secas e de pranchas de herbário. Segundo Cook, a troca de presentes científicos desempenhou um papel central no desenvolvimento da História Natural. A partir da exigência de reciprocidade, ela se desenvolveu “no seio da cultura nobre e *gentilhomme*, ligada à noção de 'conversação polida' e, por extensão, de correspondência polida”, constituindo-se “como um elemento essencial da comunicação e da sociabilidade erudita”²².

Por outro lado, Rousseau não escreveu nenhum tratado de botânica. Os textos em que trata dela, em sua maioria cartas, serão todos publicados postumamente. As oito cartas enviadas à Sra. Delessert, compiladas por seus primeiros editores sob o nome de *Cartas elementares sobre botânica*, foram, sem dúvida, a principal contribuição de Jean-Jacques para essa ciência de um ponto de vista historiográfico. Contudo, sua importância restringe-se à divulgação e à popularização da botânica para um público mais amplo²³, já que nelas não encontramos a apresentação de um sistema ou de um método original.

Rousseau também não foi um grande explorador, não tendo feito nenhuma descoberta que contribuisse para aumentar o conhecimento da época. O ofício do naturalista na modernidade está de tal modo ligado às viagens de exploração que por vezes nos parece difícil separar uma coisa da outra²⁴. A viagem de Tournefort à Anatólia e às ilhas gregas (1700-1702), a viagem de Lineu à Lapônia (1732) e à Dalarna (1734), a viagem de Michel Adanson ao Senegal (1749-1754), as várias viagens do capitão James Cook, a viagem de Alexander von Humboldt à América Latina (1799-1804), a famosíssima viagem de Charles Darwin a bordo do *Beagle* (1831-1836), a viagem de Alfred Russel Wallace à Amazônia (1848-1852) são apenas alguns exemplos do entrelaçamento entre o desenvolvimento do conhecimento em história natural e as expedições científicas em que se observava e se coletava novos espécimes de animais e de plantas²⁵. Jean-Jacques certamente

²² COOK, A., *Rousseau et les réseaux d'échange botanique*, p. 93.

²³ Para compreender o legado da botânica rousseauiana, cf. COOK, A. *Jean-Jacques Rousseau and Botany: the salutary science*, capítulo 9.

²⁴ “O século XVIII terminou assim com um florescimento de métodos que permitiam nomear, classificar e descrever espécies animais e vegetais (...). Esse empreendimento não só mobiliza um grande número de amadores, que herborizam em sua região, como põe em jogo uma rede de jardins botânicos na Europa, mas em breve também noutras partes do mundo, aproveita as grandes viagens de exploração, acompanha ambições coloniais e trocas comerciais. O século das Luzes foi marcado pelas viagens científicas” (DROUIN, J.-M., *L'Herbier des philosophes*, p. 50).

²⁵ Cf. DROUIN, J.-M., *De Lineu a Darwin: os viajantes naturalistas*.

viajou muito, mas exclusivamente dentro de um perímetro europeu bastante restrito. Afirmou, em sua correspondência, contentar-se de bom grado com as plantas que encontrava perto de si:

em minha grande paixão pela botânica, contente com o feno que encontrava sob meus pés, nunca tive gosto pelas plantas estrangeiras, que não se encontram entre nós senão no exílio e desnaturadas nos jardins dos curiosos.²⁶

As chamadas *plantas exóticas*, das quais Rousseau demonstrou pouquíssimo interesse, representavam um dos aspectos mais importantes da botânica moderna. A exploração de novas plantas, ligada à colonização, nutria íntima relação com o plano econômico e político, de tal modo que a história natural e as expedições aos outros continentes, muitas vezes promovida pelos grandes estados europeus, terminavam realimentando-se mutuamente²⁷. Rousseau, por sua vez, idealizou uma botânica que se restringisse aos arredores: “o maior prazer da botânica é antes poder estudar e conhecer a natureza ao seu redor do que a das Índias”²⁸. A expressão “jardim dos curiosos” denuncia a um só tempo a dinâmica do amor-próprio e o caráter deformador dos jardins — tema a que voltaremos ao final do primeiro capítulo.

Por fim, percebe-se que os textos de Rousseau sobre botânica não deixam de comportar erros, alguns deles banais para alguém versado no assunto, mesmo considerando a situação que partilhava com seus contemporâneos quanto ao estágio de desenvolvimento técnico de certos instrumentos de observação e pesquisa. Na edição da Pléiade das *Lettres sur la botanique*, por exemplo, encontramos alguns deles, assinalados em nota de rodapé pelo editor. Rousseau eventualmente se confundia quanto ao nome e quanto à diferenciação das plantas, quanto ao momento correto da floração de certas espécies, empregava termos inexistentes na botânica (como os termos “nação”, “linha” e “beijo”, presentes na quarta carta²⁹), por vezes realizava afirmações genéricas demais e fornecia exemplos infelizes.

²⁶ CG XX, p. 320.

²⁷ “Os laços entre a descoberta geográfica e a empresa imperialista ou os interesses comerciais facilitam por vezes o trabalho do naturalista” (DROUIN, J.-M., op. cit., p. 152).

²⁸ CG XX, p. 110.

²⁹ OC IV, *Lettres sur la botanique*, p. 1165-1166.

Qual seria, então, a chave para compreendermos essa botânica tão excêntrica, ao mesmo tempo robusta e imperfeita, muitas vezes lacunar, essa ciência bem pouco ambiciosa segundo os parâmetros da época, mas realizada com notável dedicação e paixão? Como disse, sustentarei a hipótese, especialmente no capítulo dois, de que Rousseau via o estudo da botânica sobretudo como um exercício espiritual. Assim, ela deve ser compreendida no interior da longa história das formas de espiritualidade, bem marcada na antiguidade clássica e sobretudo no período helenístico greco-romano, em que conhecimento e moral encontravam-se fundidos. Precisamente por esse motivo, um dos principais aspectos da botânica rousseauniana é que ela parece comportar um desejo disso que hoje chamamos de divulgação científica. Convencido dos benefícios do estudo das plantas para o tratamento da alma — e não do corpo —, para o controle das paixões, imprescindível para a formação saudável do juízo, Rousseau não cessou de pensar em modos de torná-la mais acessível a um público mais amplo.

1.2 Uma ciência para os amadores

Roger de Vilmorin, responsável pela "Introdução" das *Lettres sur la botanique* da edição da Pléiade, qualifica Rousseau de “amador esclarecido”³⁰. Eis um modo bastante preciso de avaliar sua inserção nas ciências em geral e na botânica em particular. Mas Rousseau não foi o único amador esclarecido de sua época, já que o amadorismo no século XVIII comportava uma seriedade que talvez tenha se perdido em nossa cultura:

Rousseau pratica as ciências como amador. Mas esquecemos que no século XVIII o amadorismo é uma coisa séria (...). Os amadores participam da discussão, da difusão e da própria validação experimental da ciência enquanto ela se faz. O amador da ciência no século XVIII não é um diletante que se contenta com conhecimentos superficiais que permitem adornar a conversação nos salões. É, em sentido forte, alguém que faz ciência por amor, por gosto, por paixão.³¹

³⁰ VILMORIN, R., *Introductions*, p. ccx.

³¹ BENSUAUDE-VINCENT, B.; BERNARDI, B., *Rousseau dans le contexte des sciences de son époque*, p. 10-11.

Roland Barthes nos apresenta algumas considerações interessantes a respeito do amadorismo. Para ele, o amador é aquele que conduz seu estudo por prazer, fora da competição e da exigência de maestria:

O Amador (aquele que pratica a pintura, a música, o esporte, a ciência, sem espírito de maestria ou de competição), o Amador reconduz seu gozo (*amator*: que ama e continua amando); não é de modo algum um herói (da criação, do desempenho); ele se instala *graciosamente* (por nada) no significante: na matéria imediatamente definitiva da música, da pintura.³²

Essa concepção de amadorismo se aplica bem a Rousseau, que estudou as ciências de forma séria (especialmente a química, a botânica e a música), utilizando-as na elaboração de seu próprio pensamento³³, mas sempre fora da exigência de perfeição e de avanço do saber, e, sobretudo, sem participar da competição e das querelas entre os especialistas. Diferentemente de Voltaire, Rousseau não se preocupou em defender a física de Newton contra a de Descartes; não se envolveu na controvérsia entre os químicos ligados a Rouelle; elaborou uma posição original na chamada *querela do luxo*. Bernardi e Bensaude-Vincent não hesitam em apontar para o ceticismo presente nesse modo de proceder³⁴.

No que se refere à botânica, vemos que ele adotou a mesma atitude cética, optando pelo pluralismo taxonômico. Especializou-se no sistema *artificial* de Lineu, mas estudou igualmente os métodos de classificação chamados de *naturais*³⁵, não tendo jamais defendido de forma apaixonada um ou outro³⁶. Ao refletir sobre a querela entre Adanson e Lineu, deplorou a tendência dos homens em todas as áreas ao “espírito de partido”:

Quanto a mim, que não me apaixono senão pelo amor à justiça, bem sei que se alguém tratasse o Sr. Adanson com tanta indignidade e até má fé como ele trata o Sr. Lineu, que não conheço e por quem não tenho nenhum interesse senão o da

³² ROLAND, B., *Roland Barthes por Roland Barthes*, p. 65.

³³ Cf. BERNARDI, B., *La fabrique des concepts*.

³⁴ BENSAUDE-VINCENT, B.; BERNARDI, B., *Rousseau dans le contexte des sciences de son époque*, p. 12.

³⁵ Explico brevemente a diferença entre sistemáticos e metódicos no próximo subcapítulo. Ver também em DROUIN, J.-M., *L'Herbier des philosophes*, p. 48-50.

³⁶ “(...) em vez de observar os vegetais na natureza, ocupa-se de sistemas e métodos; eterna matéria de disputa que não faz conhecer uma única planta a mais, e não lança nenhuma luz sobre a história natural e o reino vegetal. Daí o ódio e a inveja que a concorrência pela celebridade provoca nos botânicos autores, tanto quanto, ou mais, que nos demais eruditos” (OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1069-1070; trad. bras., p. 134).

verdade e da honestidade, eu me inflamaria com sua justa defesa, como faço com a de Lineu. Mas tanto os botânicos como todos os homens de letras não conhecem outra justiça ou outra paixão que não o espírito de partido. Ainda assim, é menos por amor por quem eles seguem do que por ódio por quem eles não seguem.³⁷

Uma vez compreendido que o amadorismo de Rousseau era “coisa séria”, é importante não desprezarmos a dimensão da fruição e do gozo presente em sua botânica. Barthes pode nos auxiliar mais uma vez. Em *Roland Barthes por Roland Barthes*, o autor, que era também aspirante a pianista, nos conta que tocava piano mal, pois não tinha gosto pelo treinamento rigoroso: “a razão disso é que, evidentemente, quero uma fruição sonora imediata e recuso o tédio do treinamento, porque o treinamento impede a fruição”³⁸. Essa passagem nos permite perceber que o gozo a que visa o amador pode encontrar obstáculos. No caso do piano, segundo Barthes, o maior obstáculo à fruição é a exigência de um treinamento rigoroso. Mas, no caso das plantas, quais obstáculos poderiam afastar as pessoas de seu estudo?

A correspondência botânica de Rousseau é, em parte, uma grande meditação a esse respeito, e tudo nos leva a crer que ele pensou com seriedade no problema do acesso do leigo ao estudo das plantas. Ao estimular Pierre Clappier a inventar um método para os iniciantes, Rousseau reconhece o quanto as dificuldades que sente no estudo da botânica o tornaram consciente a respeito das formas de superá-las, e menciona, ainda que não desenvolva, que teve mais de uma ideia: “Se essa ideia vos fez rir, eu poderia talvez sugerir outras relacionadas a ela, justamente por causa da minha ignorância, que me faz sentir bem as dificuldades que tereis que nos ensinar a superar”³⁹.

Percorrendo as cartas de Rousseau, nota-se que as reclamações referentes aos obstáculos são quase todas derivadas do problema da mediação operada pelos livros, que se colocam necessariamente entre o estudante e a natureza. Conforme veremos na próxima seção, a obra de Rousseau é atravessada pela desconfiança em relação à representação, que não poderia deixar de figurar também nas reflexões sobre botânica. Se os livros são indispensáveis para o bom

³⁷ CG XX, p. 148.

³⁸ BARTHES, R., *Roland Barthes por Roland Barthes*, p. 84.

³⁹ CG XIX, p. 31-32.

conhecimento da natureza, formam ao mesmo tempo uma série de obstáculos: são caros e difíceis de encontrar, seus autores discordam frequentemente uns dos outros, existem muitos sistemas classificatórios para aprender⁴⁰, a sinonímia é um trabalho penoso que sobrecarrega a memória. Além disso, Rousseau julgava que a maior parte dos livros tinham sido escritos para os doutos, e não para os iniciantes e amadores:

Os livros de botânica modernos não instruem senão os botânicos; são inúteis aos ignorantes. Falta-nos um livro verdadeiramente elementar, com o qual um homem que não tivesse jamais visto plantas pudesse chegar a estudá-las sozinho.⁴¹

Rousseau afirmou várias vezes que para estudar botânica é preciso começar por ser guiado, já que os livros existentes supõem um conhecimento prévio da matéria, que, quando ausente, não faz senão guiar do desconhecido ao desconhecido:

Todos os livros do mundo não valem um bom guia e não podem compensá-lo, porque são todos escritos para discípulos já instruídos por cursos de professores ou de demonstradores. Quanto a mim, destituído de toda instrução e assistência humana, eu disse: quero estudar as plantas, e peguei livros que, supondo conhecimentos que eu não tinha, não me puderam levar ao desconhecido senão pelo desconhecido, o que não é o caminho do aprendizado. É fruto do acaso quando, em frases estranguladas, em descrições confusas ou em figuras mutiladas, consigo determinar aqui e ali alguma planta, cuja sinonímia incerta é ainda outro trabalho muito penoso quando se trata de seguir a concordância dos autores; sem o que, não sabendo de que planta estão falando, sob um nome que não conheço, suas observações me são inúteis.⁴²

Nosso amador esclarecido já aprendera com Condillac⁴³ que sempre conhecemos partindo do conhecido em direção ao desconhecido⁴⁴. Ora, um bom

⁴⁰ “Em 1763, foram relatados cinquenta e cinco ‘systemes universels’ e quatorze ‘systemes particuliers’, ou seja, sessenta e nove no total” (COOK, A., *Jean-Jacques Rousseau and Botany: the salutary science*, p. 133).

⁴¹ CG XVI, p. 292.

⁴² CG XIX, p. 31.

⁴³ Para uma análise das proximidades e divergências entre Rousseau e Condillac, cf. BECKER, E. *Política e linguagem em Rousseau e Condillac*.

⁴⁴ “Só se pode ir do conhecido ao desconhecido, este é um princípio de toda teoria quase ignorado na prática. Parece que ele só é sentido pelos homens que não estudaram. Quando querem fazer-vos compreender uma coisa que não conheceis, eles a colocam em comparação com outra que conheceis e, se nem sempre são felizes nas escolhas de suas comparações, ao menos fazem ver que sentem o que devem fazer para serem entendidos. O mesmo não ocorre com os doutos. Ainda que queiram instruir, de bom grado se esquecem de ir do conhecido ao desconhecido. Entretanto, se

guia poderia suprir a dificuldade dos livros, um botânico experiente poderia ensinar a conhecer as plantas; mas onde encontrá-los? É certo que Rousseau estudou na Suíça, em Lyon, em Paris; é certo também que realizou excursões com grandes botânicos; mas nada disso é fácil de arrumar. Para aquele que quer ter contato com a lógica por trás das produções da natureza sem se tornar necessariamente um grande botânico, as dificuldades e os inconvenientes podem fazê-lo desistir do projeto, o que, levando em conta as expectativas que Rousseau nutre pela botânica como remédio, seria lamentável.

Uma ferramenta capaz de superar o obstáculo dos livros especializados seria um bom dicionário. Em carta a Latourette, Rousseau rebate a sugestão que havia sido feita a ele de escrever um dicionário, afirmando não sentir nem vontade e nem competência para executar tal empreitada:

É a vós que é preciso remeter todas as exortações que me fizestes sobre o empreendimento de um dicionário de botânica, cuja necessidade é surpreendente que aqueles que cultivam essa ciência sintam tão pouco. Vossa idade, Senhor, vossos talentos, vossos conhecimentos, vos conferem os meios para formar, dirigir e levar a cabo este empreendimento de forma superior; e os aplausos com os quais vossos primeiros ensaios foram recebidos pelo público são vossa garantia daqueles com os quais o público acolheria um trabalho mais considerável. Para mim, que sou, neste estudo como em muitos outros, apenas um colegial caduco, pensei, ao herborizar, mais em distrair-me e divertir-me do que em instruir-me, e não tive absolutamente, em minhas observações tardias, a ideia tola de ensinar ao público o que eu mesmo não sabia.⁴⁵

Deixando de lado a polêmica em torno da autenticidade do dicionário de botânica de Rousseau, é ao menos seguro afirmar que ele desejou que houvesse um. E ainda que talvez não tenha seguido “a ideia tola de ensinar ao público”, é igualmente verdade que encontrou ao menos uma discípula na figura da Sra. Delessert, o que nos permite entrever algumas de suas ideias acerca de uma metodologia mais conveniente ao iniciante. O interesse de Rousseau por Lineu estava em grande parte ligado à facilidade da abordagem lineana, mesmo que

quereis fazer-me conceber ideias que não tenho, deveis tomar-me pelas ideias que tenho. É no que conheço que começa tudo que ignoro, tudo que é possível aprender” (CONDILLAC, E., *A Lógica ou primeiros desenvolvimentos da arte de pensar*, p. 37).

⁴⁵ CG XIX, p. 217.

Rousseau considerasse ser o sistema de Ray aquele que teria se aproximado “mais do que nenhum outro desse método elementar”⁴⁶.

Em primeiro lugar, vemos que Rousseau adotou o modelo da troca epistolar, consciente de que ele próprio havia aperfeiçoado seu conhecimento de botânica a partir das cartas⁴⁷. Os principais professores epistolares de Rousseau foram a duquesa de Portland, Gouan, Clappier e Latourette. Segundo Cook, “a correspondência é formadora no caso em que um dos correspondentes é mais versado que o outro em um domínio particular”⁴⁸. Esse interlocutor mais douto e mais experiente no assunto não deixa de funcionar como uma espécie de guia, ainda que distante. Junto das cartas eram também enviados livros, por vezes difíceis de obter, amostras de plantas e de sementes, correções e apontamentos.

Em segundo lugar, percebemos que as cartas à Sra. Delessert têm claramente um viés didático em que a dificuldade da observação aumenta gradualmente. Elas começam com o Lírio, que Rousseau escolheu “porque está na estação, e também pelo tamanho de sua flor e de suas partes, que as torna mais sensíveis”⁴⁹, e se encaminha aos poucos até as plantas mais complexas, compostas de partes tão pequenas que necessitam de uma lupa para serem propriamente observadas.

se começamos pelas observações de detalhe, logo sobrecarregados pelo número, a memória nos abandonará, e nos perderemos desde os primeiros passos nesse reino imenso; ao passo que, se começamos por reconhecer bem as grandes estradas, nos perderemos raramente nas veredas e reencontrar-nos-emos em todo o lugar sem muito esforço.⁵⁰

⁴⁶ CG XIX, p. 200.

⁴⁷ Abordarei aqui apenas a dimensão pedagógica da troca epistolar, mesmo sabendo que uma análise completa da escrita epistolar em Rousseau não poderia se limitar ao aspecto pedagógico. Há, nesse autor, todo um trabalho de construção e de reflexão sobre as cartas. Para uma análise do ritmo e da musicalidade empregada nas construções frasais de suas cartas, cf. MOON, J., *Jean-Jacques Rousseau, amoureux par lettres*. Para uma análise da relação ambígua de Rousseau com as cartas, cf. CAVE, C., *Rousseau et les ambiguïtés de l'épistolaire: la correspondance avec Mirabeau*. Esse autor aborda o modo como a carta em Rousseau é escrita de si, em oposição ao uso militante da carta em Voltaire, bem como a tendência, recorrente em Rousseau, de romper com o pacto epistolar. Para uma análise historiográfica do papel da carta no Iluminismo, cf. GOODMAN, D., *The Republic of Letters*, especialmente o capítulo 4, onde a autora mostra que a república das letras (*république des lettres*) era sobretudo uma república das cartas, forma de escrita dominante no século XVIII, que expandia a conversação filosófica dos salões para um público mais amplo.

⁴⁸ COOK, A., *Rousseau et les réseaux d'échange botanique*, p. 104.

⁴⁹ OC IV, *Lettres sur la botanique*, p. 1154.

⁵⁰ OC IV, *Lettres sur la botanique*, p. 1177.

Assim, para reconhecer-se nessas grandes estradas, Rousseau supõe necessário que a Sra. Delessert tenha bem estabelecido em seu espírito o conhecimento de ao menos duzentas plantas. Os detalhes só devem ser observados uma vez que tenha sido consolidado uma base sólida de conhecimentos gerais. Sem isso, os detalhes apenas a aborreceriam:

É absolutamente necessário que conheçais de vista e por seus nomes cerca de duzentas plantas, e que eu saiba quais são, para que eu possa, com sucesso e prazer para vós, vos falar de botânica. Caso contrário, meus detalhes abstratos só irão vos aborrecer quando não virdes sua aplicação.⁵¹

Do mesmo modo que as lições encaminham-se progressivamente das estruturas maiores às estruturas menores, Rousseau busca caminhar do geral ao particular. Por esse motivo, anuncia que seu objetivo é o de apresentar a sua aluna “a princípio seis dessas famílias para vos familiarizar com a estrutura geral das partes características das plantas”⁵², e que, ao cabo do projeto, ela terá luzes suficientes para que possa “após alguns meses de herborização”, familiarizar-se “com a ideia geral do porte de cada família”⁵³. A respeito disso, Cook nos lembra que as cartas enviadas à Sra. Delessert foram escritas sob influência do método natural de Tournefort e de Jussieu⁵⁴. Este último dividia as plantas em sete grandes famílias: *Liliaceae*, *Cruciferae*, *Leguminosae*, *Labiatae*, *Compositae*, *Umbelliferae*, e *Gramineae*. Com exceção das gramíneas, que Rousseau considerava de difícil estudo, as outras seis figuram em suas cartas. Cook ressalta ainda que cada carta começa com uma análise tournefortiana da corola⁵⁵.

As cartas sobre botânica enviadas à Sra. Delessert pretendem que ela consiga também iniciar sua própria filha, Marguerite-Madeleine Delessert, no assunto. Ora, o *Emílio* apresenta várias considerações sobre o lugar do estudo das ciências na educação de uma criança. Passemos em revista as teses centrais de

⁵¹ CG XX, p. 268.

⁵² OC IV, *Lettres sur la botanique*, p. 1160-1161.

⁵³ OC IV, *Lettres sur la botanique*, p. 1179.

⁵⁴ Cf. COOK, A., *Jean-Jacques Rousseau and Botany: the salutary science*, p. 196-199.

⁵⁵ Cf. Idem, p. 155.

Emílio, para então avaliarmos como o ensino da botânica pode ter um lugar no interior da pedagogia rousseauniana⁵⁶.

Segundo Rousseau, o objetivo central da educação deve ser o de formar o caráter seguindo ao máximo a natureza. A boa educação deve buscar o melhor ajuste entre as faculdades e as necessidades, sem permitir que uma necessidade fora de época possa desnaturar negativamente a criança cedo demais. Assim, cada necessidade da criança deve ser satisfeita com o objeto apropriado. Se soubéssemos enxergar a criança na criança — ou seja, a natureza da criança —, não lhe daríamos objetos de satisfação que estão além das necessidades que a cada momento o natural de sua idade lhe prescreve. Para atingir um objetivo tão difícil e desafiador, comparável à produção de uma obra de arte, o mais importante é perder tempo, ou seja, postergar ao máximo o contato do aluno com a vida social em sua totalidade, atrasando a irrupção do amor-próprio, o surgimento dos vícios e diminuindo a multiplicação precoce de necessidades sociais fictícias. O princípio norteador dessa *educação negativa* é a produção de uma “liberdade bem regrada”⁵⁷.

Idealmente, ao longo de toda a educação, o preceptor jamais dá ordens à criança. Ela deve crescer sem mandar e sem obedecer, sendo essa a única condição para que não se torne, quando adulta, tirana ou servil. A criança só deve obedecer realmente à muda lei da necessidade. “Só a experiência e a impotência devem fazer as vezes de lei para a criança”⁵⁸. Ela precisa sentir que sua impotência deriva diretamente das coisas, e não de restrições do preceptor. O preceptor só é importante para ela devido a sua fraqueza, que a torna incapaz de preencher todas as suas necessidades naturais. Afora isso, o preceptor nada deve fazer além de criar as condições pedagógicas para que a própria natureza apareça enquanto lei.

Marguerite-Madeleine Delessert tem exatamente quatro anos quando Rousseau começa a enviar as cartas sobre botânica para sua mãe, o que quer dizer que valeria para ela os raciocínios presentes no livro II de *Emílio*, que compreende

⁵⁶ O leitor encontrará uma análise minuciosa do *Emílio* em KAWAUCHE, T., *Educação e filosofia no Emílio de Rousseau*. Para a teoria da aprendizagem rousseauniana, cf. MVOGO, D., *Théorie de l'apprentissage chez Jean-Jacques Rousseau*.

⁵⁷ OC IV, *Émile*, p. 321; trad. bras., p. 85.

⁵⁸ OC IV, *Émile*, p. 311; trad. bras., p. 75

aproximadamente o período da infância que vai dos dois aos treze anos de idade. Nesse período, não se trata ainda de considerar a criança como um ser moral⁵⁹ e nem de estimular o desenvolvimento de sua faculdade racional. Em Rousseau, raciocinar equivale a julgar⁶⁰, e o julgamento serve de freio às paixões. Ora, a faculdade da imaginação, pouco desenvolvida na criança dessa faixa etária, ainda não multiplica suas paixões indefinidamente, restringindo-se aos objetos que a rodeiam. De que serviria a razão? A criança come, corre e brinca, e a educação não precisa ir muito além disso⁶¹. Contudo, haveria uma pedagogia das sensações a ser feita antes do surgimento da razão. A visão, o tato, o paladar, o olfato, serão preparados para que um dia o futuro adulto possa empregá-los na execução de um juízo saudável. Para Rousseau, as sensações são a antecâmara do juízo. Não é à toa que o vegetarianismo⁶² é discutido ao final do livro II, com a famosa transcrição do texto *Se é lícito comer carne*, de Plutarco. Educar os sentidos passa por impedir que se desnature o gosto primitivo, entendido como gosto simples⁶³. Assim, deve-se impedir que nasça na criança o apetite pela carne, já que “os grandes comedores de carne são, em geral, cruéis e ferozes mais do que os outros homens”⁶⁴.

De forma resumida, pode-se dizer que o livro II de *Emílio* é inteiramente atravessado pelos princípios da *educação negativa*: ele sugere que ocupemos a criança de modo divertido, vendo-a como um ser físico, quase inteiramente reduzido às sensações. O aluno será levado “pelo país das sensações até os confins da razão pueril”⁶⁵. Na verdade, ocupação e diversão confundem-se

⁵⁹ De que serviriam noções morais bem desenvolvidas, questiona Rousseau, “se uma criança não é ainda um membro ativo da sociedade?” (OC IV, *Émile*, p. 421; trad. bras., p. 183).

⁶⁰ “A arte de julgar e a arte de raciocinar são exatamente a mesma” (OC IV, *Émile*, p. 486; trad. bras., p. 247).

⁶¹ “deixai-as que comam, corram e brinquem tanto quanto lhes agrade” (OC IV, *Émile*, p. 414; trad. bras., p. 176).

⁶² Independentemente da qualidade dos argumentos que Rousseau mobiliza em sua obra para defender o vegetarianismo, fica claro que o consumo de carne traz consigo uma crueldade com a qual ele não lida bem. Há um dogmatismo em tratar o consumo da carne como sendo uma atividade trivial que claramente o incomoda. Acredito que encontramos esse mesmo anti-dogmatismo em Lévi-Strauss: “virá o dia em que a ideia de os homens do passado criarem e massacrarem seres vivos para se alimentar e não verem problema em expor pedaços de sua carne nas vitrines inspirará a mesma repulsa causada aos viajantes dos séculos XVI e XVII pelas refeições canibais dos selvagens americanos, africanos ou da Oceania” (LÉVI-STRAUSS, C., *A sábia lição das vacas loucas*, p. 137).

⁶³ Para Rousseau, o gosto pela carne não é natural no homem. Cf. OC IV, *Émile*, p. 411; trad. bras., p. 172.

⁶⁴ OC IV, *Émile*, p. 411; trad. bras., p. 173.

⁶⁵ OC IV, *Émile*, p. 417; trad. bras., p. 179.

oportunamente, sendo equivalentes em um aluno dessa idade: “que se ocupe ou que se divirta, as duas coisas são equivalentes para ele”⁶⁶. Quando Rousseau aborda o ensino da música na infância emprega o mesmo raciocínio: “ensinai-a como quiserdes, desde que não passe de um divertimento”⁶⁷. Ora, logo na primeira carta à Sra. Delessert, lemos: “vossa ideia de entreter um pouco a vivacidade de vossa filha, e de exercitar sua atenção com objetos agradáveis e variados, como as plantas, me parecia excelente”⁶⁸. Percebemos, mais uma vez, que se trata de ocupar de forma divertida a vivacidade da criança, apresentá-la a objetos agradáveis, variar os objetos, estimular os sentidos, ensinando-a a ver aquilo que seu olho apreende.

O primeiro aspecto da educação negativa, como vimos, é o de postergar ao máximo o nascimento e o aprofundamento dos vícios. Um segundo aspecto dessa educação negativa diz respeito à espera, por parte preceptor, pelo aparecimento do desejo no aluno. Para a pedagogia presente em *Emílio* todo conhecimento advém do desejo de aprender⁶⁹. O preceptor vigia e espera pelo “alvorecer do desejo”⁷⁰; mas isso não quer dizer que deva adotar uma atitude completamente passiva. Ele pode e deve apresentar à criança bens culturais, pois “o próprio desejo de cultura já é filho da cultura”⁷¹.

A lição parece correta, se observarmos que a infância florida a que a Sra. Delessert expôs seus filhos não deixou de render frutos. Dois deles tornaram-se bons naturalistas: Etienne (1771-1794) e Jules Delessert (1773-1847). Segundo Cook, esse último fundou um dos maiores museus privados de história natural do século XIX⁷².

⁶⁶ OC IV, *Émile*, p. 423; trad. bras., p. 184.

⁶⁷ OC IV, *Émile*, p. 407; trad. bras., p. 168.

⁶⁸ OC IV, *Lettres sur la botanique*, p. 1151.

⁶⁹ “Faz-se um grande negócio da busca por melhores métodos para ensinar a ler; inventam-se escrivatinhas e mapas; faz-se do quarto da criança um ateliê de impressão. Locke quer que ela aprenda a ler com dados. Não está aí uma invenção bem pensada? Que pena! Um meio mais seguro do que tudo isso e que sempre se esquece é o desejo de aprender. Daí à criança esse desejo e, depois, deixai de lado vossas escrivatinhas e vossos dados, pois qualquer método lhe será bom” (OC IV, *Émile*, p. 358; trad. bras. p. 120-121).

⁷⁰ MVOGO, D., *Théorie de l'apprentissage chez Jean-Jacques Rousseau*, p. 453.

⁷¹ “Se o que dissemos é verdade, a saber, que o próprio desejo de cultura já é filho da cultura, então não nos parece realista esperar que esse desejo apareça antes de apresentar, de propor à criança os bens culturais necessários à vida de seu espírito. Não pertencendo à esfera biológica, este desejo deve ser criado a partir do zero, não, claro, por algum poder mágico, mas pela construção de um espaço cultural, pela organização de um ambiente rico em bens culturais” (MVOGO, D., *Théorie de l'apprentissage chez Jean-Jacques Rousseau*, p. 453).

⁷² COOK, A., *Jean-Jacques Rousseau and Botany: the salutary science*, p. 190-191.

1.3 Ver, dizer, e... gozar

Um breve desvio pelo livro *As palavras e as coisas*, de Michel Foucault, nos ajudará a caracterizar a inserção da História Natural em seu contexto histórico, situá-la na história dos saberes e apreender seu sentido mais geral. Segundo Foucault, uma análise arqueológica nos permitiria descobrir o solo epistemológico que possibilita a História Natural, bem como outros saberes da época, tais como a Análise das Riquezas e a Gramática Geral: nos três casos é a *representação* que ordena a construção do saber. Ao final de nossa análise, poderemos avaliar o modo como a botânica de Rousseau participa da Idade Clássica, marcada pelo *ver* e pelo *dizer*, ou seja, pelo momento em que os signos deixam de fazer parte das coisas e “se tornam modos da representação”⁷³.

O livro de Foucault iria se chamar “A Ordem das Coisas”⁷⁴ — título sem dúvida mais próximo dos questionamentos que suscita. Como surge determinada forma de ordenar o real? Como, nas experiências de ordenação, palavras e coisas parecem se relacionar tão bem? De onde vem a coerência que as coisas ordenadas por vezes parecem comportar? A ordem está em nós ou no mundo?

A ordem é ao mesmo tempo aquilo que se oferece nas coisas como sua lei interior, a rede secreta segundo a qual elas se olham de algum modo umas às outras e aquilo que só existe através do crivo de um olhar, de uma atenção, de uma linguagem (...). Os códigos fundamentais de uma cultura — aqueles que regem sua linguagem, seus esquemas perceptivos, suas trocas, suas técnicas, seus valores, a hierarquia de suas práticas — fixam, logo de entrada, para cada homem, as ordens empíricas com as quais terá de lidar e nas quais se há de encontrar. Na outra extremidade do pensamento, teorias científicas ou interpretações filosóficas explicam por que há em geral uma ordem, a que lei geral obedece, que princípio pode justificá-la, por que razão é esta a ordem estabelecida e não outra.⁷⁵

As palavras e as coisas parte de duas hipóteses principais: primeiro, que cada época está submetida a um modo específico de ordenação do real; segundo, que as regras que presidem essa ordenação escapam completamente àqueles que produzem discursos e saberes. Esse “inconsciente do saber”⁷⁶, essa rede anônima

⁷³ FOUCAULT, M., *As palavras e as coisas*, p. 177.

⁷⁴ Cf. ERIBON, D., *Michel Foucault 1926-1984*.

⁷⁵ FOUCAULT, M., *As palavras e as coisas*, p. XVI.

⁷⁶ “Existe um inconsciente do saber que tem suas formas e suas regras específicas” (FOUCAULT, M., *Resposta a Derrida*, p. 271).

de restrições que constitui a possibilidade de existência dos discursos em um dado momento histórico, Foucault nomeia de *episteme*. A *episteme* se organiza segundo um *a priori* histórico. Via de regra, *a priori* diz respeito a uma estrutura anterior à experiência, não-constituída, sistemática. No entanto, Foucault propõe que essa estrutura sistemática é imanentemente histórica, passível de variar ao longo do tempo, abrindo a possibilidade de pensarmos a existência de uma ordenação anterior ao próprio conhecimento, ao sujeito, à reflexão. Por fim, Foucault acredita ainda que a *episteme* conferiria uma espécie de unidade implícita e inevitável entre os saberes de uma época⁷⁷.

Foucault trabalha, então, com três períodos históricos, o Renascimento (séculos XV e XVI), a Idade Clássica (séculos XVII e XVIII) e a Idade Moderna (séculos XIX e XX), identificando seus índices epistêmicos como sendo, respectivamente, a *Semelhança*, a *Representação* e a *História*. Para os propósitos desta tese, é importante a compreensão da Idade Clássica, onde Foucault localiza a História Natural, e a passagem da *episteme* da semelhança para a *episteme* da representação.

Segundo Foucault, no Renascimento⁷⁸, a noção de *semelhança* possibilitava a ordenação do mundo. Acreditava-se haver nos signos uma espécie de *assinatura* capaz de indicar que havia relação entre coisas de natureza diferente. Marcas visíveis apontavam para analogias invisíveis, tornando o mundo um grande texto, um imenso livro a ser decifrado: o mundo falava ao homem através das semelhanças entre as palavras e o que elas designavam. A pesquisa pela propriedade curativa de certos elementos naturais, por exemplo, baseava-se na busca pela semelhança entre tal elemento e a região afetada. Dois exemplos, retirados de Foucault, são suficientes:

Há simpatia entre o acônito e os olhos. Essa afinidade imprevista permaneceria na sombra se não houvesse sobre a planta uma assinalação, uma marca e como que uma palavra dizendo que ela é boa para as doenças dos olhos. Esse signo é perfeitamente legível em suas sementes: são pequenos globos escuros engastados em películas brancas, que figuram aproximadamente o que as pálpebras são para os olhos. O mesmo se passa entre a noz e a cabeça; o que cura as “aflições do

⁷⁷ A depender, é claro, da seleção dos arquivos a serem utilizados na análise. Mas acredito que esse ponto está mais claramente exposto em *A arqueologia do saber* do que em *As palavras e as coisas*.

⁷⁸ A leitura que Foucault faz do Renascimento tem sido bastante debatida ultimamente, cf. MACLEAN, I., *Foucault's Renaissance Episteme Reassessed*.

pericrânio” é a espessa casca verde que repousa sobre os ossos — sobre o invólucro — do fruto: mas os males interiores da cabeça são evitados pelo próprio núcleo “que indica totalmente o cérebro”.⁷⁹

Em suma, no Renascimento, a busca por similitudes entre as coisas era o critério que possibilitava que os saberes alcançassem o patamar de verdade e validade. Conhecer equivalia a saber interpretar o grande livro do mundo, produzir uma hermenêutica, um comentário verdadeiro. Tudo isso porque, segundo Paracelso:

não é vontade de Deus que o que ele cria para o benefício do homem e o que ele lhe deu permaneça escondido... E ainda que ele tenha escondido certas coisas, nada deixou sem sinais exteriores e visíveis como marcas especiais.⁸⁰

Ora, nesse mundo feito de coisas para ler, os naturalistas não podiam evitar, ao escrever tratados sobre animais e plantas, misturar descrições precisas da anatomia dos seres com fábulas, lendas, alegorias, presságios, deuses, mitologias, simpatias e antipatias, milagres, moedas, signos heráldicos etc. Afinal, “conhecer um animal, ou uma planta, ou uma coisa qualquer da terra, é recolher toda a espessa camada dos signos que puderam ter sido depositados neles ou sobre eles”⁸¹.

A partir do século XVII, a busca pelas semelhanças deixa de fazer sentido e de desempenhar um papel na construção dos saberes. Ela não sobreviverá ao escrutínio de Descartes: “é um hábito frequente, quando se descobrem algumas semelhanças entre duas coisas, atribuir tanto a uma quanto à outra, mesmo sobre os pontos em que elas são na realidade diferentes, aquilo que se reconheceu verdadeiro para somente uma das duas”⁸². E será também duramente criticada por Bacon: “o espírito humano é naturalmente levado a supor que há nas coisas mais ordem e semelhança do que possuem; e, enquanto a natureza é plena de exceções e de diferenças, por toda a parte o espírito vê harmonia, acordo e similitude”⁸³. No

⁷⁹ Ibidem, p. 37-38.

⁸⁰ PARACELSO apud FOUCAULT, M., *As palavras e as coisas*, p. 36.

⁸¹ FOUCAULT, M., *As palavras e as coisas*, p. 55.

⁸² DESCARTES, R. apud FOUCAULT, M., *As palavras e as coisas*, p. 70.

⁸³ BACON, F. apud FOUCAULT, M., *As palavras e as coisas*, p. 71.

século XVIII, teremos ainda a desqualificação de Buffon, para o qual tudo o que escrevem os naturalistas do Renascimento “não é descrição, mas lenda”⁸⁴.

Segundo Foucault, uma análise arqueológica nos permitiria descobrir na *representação* o elemento que ordena a construção dos conhecimentos na Idade Clássica, presente tanto na História Natural quanto em outros saberes da época, tais como a Análise das Riquezas e a Gramática Geral. Haveria uma unidade entre esses saberes, de tal modo que a História Natural estaria mais próxima da Gramática Geral, por exemplo, do que da biologia moderna. Não à toa, Adam Smith, economista, escreveu um ensaio sobre a origem das línguas; Quesnay, fisiocrata, escreveu o verbete EVIDÊNCIA, da *Encyclopédie*; Adanson, botânico, almejou uma reorganização da escrita a partir da fonética; Rousseau escreveu também sobre a origem das línguas e dedicou-se à botânica etc.⁸⁵

Para a Idade Clássica, o mundo não é mais um enorme texto a ser interpretado; não há mais semelhança capaz de garantir que palavras e coisas se pertençam mutuamente. Deus é certamente o responsável pelas leis que regem o mundo, certamente produziu uma imensa cadeia de seres; mas não depositou nas coisas marcas especiais que nos indicassem, sendo tudo (ou quase tudo) semelhante a tudo, onde e como encontrar o que pode beneficiar a vida humana. Palavras e coisas divorciam-se; doravante, será preciso que o saber ordene as diferenças e as semelhanças entre as coisas: conhecer é representar, e conhecer bem é representar bem.

Assim, a História Natural é um exemplo perfeito da episteme da representação, pois nela temos um conhecimento predominantemente classificatório, que visa nomear o visível, observando-o e descrevendo-o, e depois organizando as representações de modo coerente. No interior dessa episteme, importa transportar para o nível da representação, dos signos, os objetos da visão. Para isso, o naturalista deve discernir nos seres naturais o que é relevante para a descrição; além de nomeá-los deve confrontá-los para determinar os parentescos e as separações. Em sua tentativa de arranjar do melhor modo possível a criação divina, o naturalista apreende o mundo como ordem, e diante das relações necessárias que conectam as representações no interior dessa ordem, o tempo só

⁸⁴ BUFFON apud FOUCAULT, M., *As palavras e as coisas*, p. 54-55.

⁸⁵ FOUCAULT, M., *As palavras e as coisas*, p. 105.

pode aparecer como contingência. A História Natural ignora o *tempo* em prol do *quadro*. Nenhum objeto aparece em sua densidade histórica, já que o saber visa formar o quadro essencial e imutável dos seres. Desse modo, ela seria um saber de *superfície*, reduzido ao que se mostra ao olhar. Paracelso dá lugar a Condillac, para quem uma ciência não é mais do que uma língua bem-feita.

Por conta do modo como funciona a *episteme* da representação, Foucault não via grande diferença entre Lineu e Buffon, entre sistemáticos e metódicos, entre *sistema artificial* e *método natural*. Os sistemas artificiais classificavam os seres a partir de um número limitado de caracteres (no caso de Lineu, estames e pistilos), enquanto o método natural visava integrar à classificação uma gama mais ampla de caracteres. Mas, para Foucault, em ambos os casos se trata da tentativa de representar artificialmente uma natureza que aparece na continuidade perfeita da cadeia dos seres:

Os primeiros [sistematas] dizem que, para além da espécie, de qualquer forma não se pode atingir diretamente a realidade. É preciso escolher uma técnica de classificação que será arbitrária, mas que deve ser eficaz e cômoda. Os segundos, os metodistas, dizem, ao contrário, que as classificações e as construções classificatórias que serão erigidas devem se ajustar, até certo ponto, às semelhanças globais dadas na experiência. Não se pode colocar, em uma mesma categoria, uma salada e um abeto. Mas, quer se trate do método natural ou do sistema arbitrário, sempre estará além desse limiar ontológico.⁸⁶

Uma categoria taxonômica podia ser melhor ou mais mal fundamentada, mas nunca era tida como real, nem mesmo pelos metodistas. De Jussieu a Lamarck, os metodistas almejavam apenas a construção de gêneros mais bem fundamentados. As divisões entre os seres se dariam apenas em relação a nós, jamais em relação à própria natureza. Ainda segundo Foucault, será preciso esperar por Cuvier para vermos contestada, não a ideia de continuidade, mas a ideia de cadeia dos seres. Afinal, Cuvier não considerava que cada ser é passagem para um outro, que os seres se sucedem por gradações sucessivas e que formariam uma série única⁸⁷. Com Cuvier estamos a um passo da biologia.

Na Modernidade, os saberes clássicos saem do espaço da *representação* e adentram o espaço da *história*: a História Natural cede lugar à biologia. Essa

⁸⁶ FOUCAULT, M., *A posição de Cuvier na história da biologia*, p. 203.

⁸⁷ FOUCAULT, M., *A posição de Cuvier na história da biologia*, p. 223.

transformação foi possível devido ao aparecimento da noção de *vida*, ausente na Idade Clássica. A *vida* não tem sua verdade em um grande quadro classificatório, mas sim em um organismo que tem funções, que evolui e que se transforma na história (o tecido lesionado, por exemplo, possui uma história a partir da qual se desenrola a doença). Para o homem moderno, conhecer quer dizer compreender a historicidade própria a cada objeto, isto é, apreender as leis de seu desenrolar no tempo e as características de sua finitude. E aquele que irá conhecer essas finitudes — o sujeito —, é também um ser finito. Em suma, o conhecimento não se coloca mais a partir da infinitude de Deus, mas a partir do próprio homem enquanto ser finito⁸⁸.

O livro de Foucault certamente nos traz uma importante chave de leitura para compreendermos a História Natural e a transformação dos saberes no tempo, mas, pelo recorte que faz nos arquivos, não leva em conta todos os saberes dos períodos estudados. Segundo Jean-Marc Drouin, o estudo do vegetal dividia-se, no século XVIII, em uma botânica descritiva e classificatória “ligada sobretudo ao que diferencia os vegetais uns dos outros”⁸⁹, e a chamada *physique végétale*, que compreendia a anatomia e a fisiologia vegetal, responsável pelo estudo de suas funções. Cook também afirma que os séculos XVII e XVIII foram palco de grandes avanços fisiológicos, ainda que a botânica da época clássica não se preocupasse “com o sistema interno das plantas, como reprodução, respiração e nutrição”⁹⁰, entendidos como sendo da alçada da *physiologie végétale*⁹¹:

O estudo da nutrição vegetal foi iniciado por Marcello Malpighi e Nehemiah Grew, que descobriram separadamente os sistemas vasculares das plantas no século XVII. Particularmente importante foi a pesquisa, no século XVIII, sobre respiração ou trocas gasosas por Stephen Hales, cujo *Vegetable staticks* (1727)

⁸⁸ Essa caracterização sinóptica da Modernidade em *As palavras e as coisas* pode ser aprofundada em SABOT, P., *Lire Les mots et les choses de Michel Foucault*. Destaco o resumo da página 208: “Em *As palavras e as coisas*, a Modernidade designa uma certa época do conhecimento, delineando uma configuração do pensamento inaugurada pelo aparecimento do tema transcendental (na órbita da crítica kantiana) e caracterizada tanto pela irrupção da dimensão da história na ordem do ciências empíricas quanto pela elaboração de uma antropologia da finitude”.

⁸⁹ DROUIN, J.-M., *L’Herbier des philosophes*, p. 53.

⁹⁰ COOK, A., *Jean-Jacques Rousseau and Botany: the salutary science*, p. 132.

⁹¹ Cook recorre a uma citação do livro *Demonstrations Élémentaires de Botanique*, de Latourrette e Rozier (apud COOK, A., *Jean-Jacques Rousseau and Botany: the salutary science*, p. 133), em que lemos: “sendo o objetivo da Botânica fornecer os meios de reconhecer e distinguir as plantas, a pesquisa dos botânicos deve essencialmente se relacionar apenas com suas partes externas. O exame dos órgãos internos pertence ao físico que procura descobrir as leis da vegetação”.

Buffon traduziu para o francês, e por Jan Ingen-Housz, F. R. S., (1730-1799), cuja investigação sobre o efeito da luz nas plantas levou à descoberta da fotossíntese.⁹²

Voltemos, finalmente, a Jean-Jacques Rousseau: como o estudo que fazia dos vegetais figurava diante dos saberes do século XVIII? Cook responde de forma categórica: “Rousseau escolheu estudar botânica, o que era sinônimo de taxonomia”⁹³. Em suma, ele foi um grande aliado da vertente taxonômica da botânica, afastando-se, conforme veremos melhor ao final deste capítulo, da concepção dos enciclopedistas, bem como dos estudos da *physiologie végétale*. Poderíamos alinhar perfeitamente a botânica rousseauniana com a atividade classificatória, não fosse o fato de que a representação goza de um estatuto ambíguo no interior de um pensamento que associa diretamente toda a origem do mal à distinção entre *ser* e *parecer*⁹⁴.

Se é impossível ao homem escapar da representação, ao menos não se deve perder de vista a coisa representada. Rousseau insiste com a Sra. Delessert que “para estudar a natureza de maneira útil e agradável é preciso ter suas produções sob os olhos”⁹⁵. É a mesma recomendação que encontramos em *Emílio*: “em qualquer estudo que seja, sem a ideia das coisas representadas, os sinais representantes nada são. Contudo, limitamos a criança sempre a esses sinais, sem nunca fazê-la compreender nenhuma das coisas que representam”⁹⁶. Ou ainda: “em geral, não deveis nunca substituir a coisa pelo signo, a menos que vos seja impossível mostrá-la, pois o signo absorve a atenção da criança e a faz esquecer a coisa representada”⁹⁷.

Ao lermos sua correspondência botânica, vemos que Rousseau chegava até mesmo a sonhar com a possibilidade de conhecer a natureza sem passar em absoluto pelo texto, em conseguir contornar as palavras: “sempre acreditei que se poderia ser um grande botânico sem conhecer uma única planta por seu nome”⁹⁸. Isso seria equivalente a estudar a natureza diretamente no livro da natureza, como

⁹² COOK, A., *Jean-Jacques Rousseau and Botany: the salutary science*, p. 133.

⁹³ Ibidem, p. 133.

⁹⁴ Cf. SALINAS FORTES, L., *Paradoxo do espetáculo*, para o problema da representação em Rousseau.

⁹⁵ CG XX, p. 268.

⁹⁶ OC IV, *Emile*, p. 347; trad. bras. p. 111.

⁹⁷ OC IV, *Emile*, p. 434; trad. bras. p. 194.

⁹⁸ OC IV, *Lettres sur la botanique*, p. 1152.

dizia frequentemente, e não no livro dos homens. “Feliz aquele que sabe tomar tanto gosto por essa interessante leitura para não ter necessidade de nenhuma outra, e que, desprezando as instruções dos homens, que são mentirosos, apega-se àquelas da natureza, que não mente nunca!”⁹⁹.

O que está em jogo é o caráter deformador da representação, que aparece também na crítica das religiões reveladas, presente na *Profissão de Fé do Vigário Saboiano*:

Deus falou! Eis com certeza uma grande palavra. E a quem ele falou? Falou aos homens. Por quê, então, nada ouvi? Ele encarregou outros homens de vos transmitirem sua fala. Entendo! São homens que vão me dizer o que Deus disse. Preferiria ter ouvido o próprio Deus; não lhe teria custado muito, e eu estaria protegido da sedução. Ele vos protege dela manifestando a missão de seus enviados. Como isso? Por meio de prodígios. E onde estão esses prodígios? Nos livros. E quem fez esses livros? Homens. Quê? Sempre testemunhos humanos! Sempre homens que me relatam o que outros homens relataram! Quantos homens entre mim e Deus!¹⁰⁰

Para Rousseau, a mediação dos homens inevitavelmente deforma a palavra original de Deus. Fariamos melhor em lê-la no grande livro da natureza¹⁰¹, ou então em escutarmos essa voz que fala diretamente em nós quando as paixões não estão exaltadas demais — a voz da consciência. Nos textos sobre botânica sentimos por vezes que é como se Rousseau exclamasse: “quantos homens, quantos livros, quantas palavras entre mim e a natureza!”. O estudo da nomenclatura e, pior, a necessidade de estabelecer a sinonímia entre os autores, sem a qual não é possível saber a qual planta eles se referem, constituía-se como um obstáculo imenso aos amadores:

A nomenclatura e a sinonímia formam um estudo imenso e penoso: quando não queremos senão observar, nos instruir e nos divertir, não precisamos de tantos livros entre a natureza e nós. Eles são necessários, talvez, para se ter alguma ideia do sistema vegetal e aprender a observar; mas quando nossos olhos estão abertos, por mais ignorante que sejamos, não precisamos mais de livros para ver e admirar sem cessar.¹⁰²

⁹⁹ CG XVI, p. 101.

¹⁰⁰ OC IV, *Émile*, p. 610; trad. bras. p. 370.

¹⁰¹ “Fechei, portanto, todos os livros. Deles, um só há que está aberto a todos os olhos: é o da natureza. É nesse grande e sublime livro que aprendo a servir e a adorar seu divino autor” (OC IV, *Émile*, p. 624; trad. bras. p. 383).

¹⁰² CG XIX, p. 194.

Para Rousseau, o espaço cavado pela representação é problemático na medida em que é perda da imediaticidade no acesso ao real, e na medida em que, para além de toda representação, há o irrepresentável. Uma vez que a representação torna possível *parecer* sem *ser*, sua obra consistirá em conjugar duas frentes de batalha: por um lado, a constante denúncia dos perigos da representação e, por outro lado, a confecção de escalas¹⁰³ que permitam medir o grau de deturpação produzido pelas representações. O homem em estado de natureza é um elemento dessa escala, uma ficção que lhe permite observar as transformações perpetradas pelo desenvolvimento da vida social e do amor-próprio. O *Contrato Social*, por sua vez, é uma régua que permite medir o grau de afastamento da representação política com relação à irrepresentável vontade geral em uma dada sociedade.

Rousseau possuía, sem dúvida, uma consciência aguda acerca da necessidade de uma nomenclatura compartilhável entre os botânicos. Isso fica claro no longo fragmento usualmente intitulado de *Introdução*, texto em que narra de forma breve a história da botânica do ponto de vista da nomenclatura, e onde reconhece que Lineu teria operado uma verdadeira revolução na linguagem. Antes de Lineu, a nomenclatura era confusa e a comunicação entre os botânicos quase inviável: “dava-se vinte nomes à mesma planta, e a vinte plantas o mesmo nome”¹⁰⁴. O fragmento termina indagando o leitor: “pergunto a qualquer leitor sensato como é possível apegar-se ao estudo das plantas rejeitando o da nomenclatura. É como se alguém quisesse se tornar erudito em uma língua sem querer aprender as palavras”¹⁰⁵.

Ainda assim, nas cartas sobre botânica, Rousseau aponta para um grande problema em Lineu: a aridez (*sécheresse*) das descrições¹⁰⁶. Sua língua muito árida, muito seca, as descrições muito breves, não dão conta de todas as características das plantas e não permite imaginá-las se já não tivemos a

¹⁰³ Cf. NASCIMENTO, M., *A farsa da representação política*, especialmente o capítulo I, “Entre a escala e o programa”.

¹⁰⁴ OC IV, *Introduction*, p. 1203.

¹⁰⁵ OC IV, *Introduction*, p. 1209.

¹⁰⁶ “Fui forçado, pela mesma razão, a renunciar ao *Hortus Cliffortianus*, aos *Amoenitates academicae* e a muitos outros livros que me seriam igualmente necessários para complementar, por suas descrições, a aridez do *Species* e, sem querer vos desagradar, a do *Hortus Monsp.* e a da *Flora Monspel*” (CG XIX, p. 16).

oportunidade de vê-las de maneira muito precisa. Reclamação pertinente, já que, conforme Foucault demonstrou, a classificação em História Natural se caracterizava justamente “por restringir voluntariamente o campo de sua experiência”¹⁰⁷. Exclusão, portanto, do gosto e do sabor, restrição do tato, pois “com sua incerteza, com sua variabilidade, não permitem uma análise em elementos distintos que seja universalmente aceitável”¹⁰⁸. E mesmo no campo da visão, sentido privilegiado pelos naturalistas, exclusão das cores.

Assim, ainda que a botânica rousseauniana se preocupe com a classificação, sem a qual é difícil perceber a relação entre as estruturas vegetais, é certo que não encontra nela seu principal elemento. Ao estudarmos a natureza exclusivamente pelos livros perdemos quase inteiramente a experiência estética. Uma outra dimensão, então, se insinua: a do gozo do olhar. “Quero que meus olhos gozem com elas”¹⁰⁹, dizia Rousseau sobre as plantas. Gozo duplo, aliás, o de ver por si mesmo e o de ver através dos olhos dos outros:

parece-me que um dos maiores encantos da botânica é, depois daquele de ver por si mesmo, o de verificar o que os outros viram: dar, pelo testemunho de meus próprios olhos, meu assentimento às observações finas e precisas de um autor parece-me um verdadeiro gozo.¹¹⁰

Entre *ver* e *dizer* nota-se que a botânica rousseauniana privilegia o olhar, pois o espetáculo da natureza comporta um âmbito estético, de fruição, de gozo que não pode ser transmitido pelas palavras.

1.4 O que devo estudar? Como devo estudar?

O livro III de *Emílio* trata do breve período entre a infância e a adolescência, qualificado por Rousseau como *idade da inteligência*. Trata-se do período correto para apresentar a criança às ciências, pois ela chegou agora ao “tempo dos trabalhos, da instrução, dos estudos”¹¹¹. Sem dúvida, a botânica pôde

¹⁰⁷ FOUCAULT, M., *As palavras e as coisas*, p. 181.

¹⁰⁸ Ibidem, p. 182.

¹⁰⁹ OC IV, *Fragments de botanique*, p. 1252.

¹¹⁰ CG XX, p. 135.

¹¹¹ OC IV, *Émile*, p. 428; trad. bras., p. 188.

ser empregada pela Sra. Delessert como modo de ocupar sua filha, diverti-la, esgotar suas parcas forças de criança, ajudar na constituição de um corpo robusto e saudável. Doravante, a ciência deve ocupar um lugar bem mais sério. Mas, adverte-nos Rousseau, o que está em jogo não é o ensino de uma grande quantidade de conteúdo científico, e sim estabelecer as condições para que se chegue a gostar das ciências e a compreender sua importância para a vida humana:

A idade tranquila da inteligência é tão curta, passa tão depressa, tem tantos outros usos necessários, que seria loucura querer que ela baste para tornar sábia uma criança. Não se trata de ensinar-lhe as ciências, mas de dar-lhe gosto para amá-las, e quando esse gosto estiver mais bem desenvolvido, métodos para aprendê-las.¹¹²

Vemos com clareza o quanto Bruno Bernardi e Bernadette Bensaude-Vincent estão corretos ao afirmar que “é preciso acabar com a imagem, resultante de uma leitura superficial do primeiro *Discurso*, de um [Rousseau] adversário das ciências e das artes”¹¹³. Mais recentemente, temos também o esforço de Anne Deneys-Tunney em complexificar as leituras que colocam esse autor como adversário da técnica¹¹⁴. Rousseau só era inimigo da desigualdade e da injustiça. Acredito, no rastro de Bento Prado Jr., que o grande critério da filosofia de Rousseau sempre foi a Justiça¹¹⁵. O que equivale a dizer que tudo (economia, ciência, religião etc.) pode ter um lugar, contanto que subordinado a essa exigência moral.

É verdade que, em muitos de seus trabalhos, as ciências não têm o começo nobre que se supõe convencionalmente. Lemos, no primeiro *Discurso*, que todas elas nasceram de nossos vícios:

Com efeito, mesmo que se folheie os anais do mundo (...) não se encontrará a respeito dos conhecimentos humanos uma origem que corresponda à ideia que se gosta de formar a seu respeito. A Astronomia nasceu da superstição; a Eloquência, da ambição, do ódio, da bajulação, da mentira; a Geometria, da

¹¹² OC IV, *Émile*, p. 436; trad. bras., p. 196.

¹¹³ BENSAUDE-VINCENT, B; BERNARDI, B., *Rousseau dans le contexte des sciences de son époque*, p. 14.

¹¹⁴ Cf. DENEYS-TUNNEY, A., *Un autre Jean-Jacques Rousseau: le paradoxe de la technique*.

¹¹⁵ “E o critério que nos permite distinguir entre os diferentes tipos de verdade é a Justiça: a limitação do campo da verdade, a escolha das ‘boas’ verdades é fundada no amor da justiça que precede e funda o amor da verdade, escolha assentada numa relação com o outro no horizonte de uma humanidade particular” (PRADO JR., B. *A retórica de Rousseau*, p. 85).

avareza; a Física, de uma curiosidade vã; todas, e a própria Moral, do orgulho humano.¹¹⁶

E não apenas sua origem é ordinária e ignóbil, como também sua verdadeira função social é igualmente ordinária e ignóbil. No primeiro *Discurso*, as ciências e as artes são compreendidas por Rousseau como politicamente estratégicas na manutenção da dominação política dos povos, ensinando-os a amar suas correntes:

Enquanto o Governo e as Leis providenciam a segurança e o bem-estar dos homens reunidos, as ciências, as letras e as artes, menos despóticas e talvez mais poderosas, estendem guirlandas de flores sobre as correntes de ferro que lhes são impostas, sufocam o sentimento dessa liberdade original para a qual parecem ter nascido, fazem com que amem sua escravidão e formam com isso o que se chama de Povos policiados.¹¹⁷

Assim, o que espanta Rousseau é sempre a desproporção entre o acúmulo de conhecimentos e a felicidade do gênero humano, e mesmo a relação inversamente proporcional entre o progresso científico e artístico, e o progresso social. Esse espanto já está presente no primeiro *Discurso*, quando Rousseau afirma que um estrangeiro que tentasse compreender as sociedades europeias usando como parâmetro o estado avançado das ciências e a perfeição das artes “veria em nossos costumes exatamente o contrário do que eles são”¹¹⁸. Em suma, enquanto as ciências e as artes se aperfeiçoam, a sociedade degenera em desigualdade, opressão e hipocrisia. Nas respostas às objeções ao primeiro *Discurso* encontramos o argumento rousseauiano em seu estado mais bem acabado:

Eis como ordenaria essa genealogia. A primeira fonte do mal é a desigualdade. Da desigualdade vieram as riquezas, pois os termos *pobre* e *rico* são relativos, e por toda parte em que os homens forem iguais não haverá ricos nem pobres. Das riquezas surgiram o luxo e o ócio; do luxo vieram as belas-artes e do ócio as ciências.¹¹⁹

¹¹⁶ OC III, *Discours sur les sciences et les arts*, p. 17; trad. bras., p. 51 (minha tradução).

¹¹⁷ OC III, *Discours sur les sciences et les arts*, p. 6-7; trad. bras., p. 41 (minha tradução).

¹¹⁸ OC III, *Discours sur les sciences et les arts*, p. 9; trad. bras., p. 44.

¹¹⁹ OC III, *Observations de Jean-Jacques Rousseau, de Genève, sur la Réponse qui a été faite à son Discours*, p. 49-50; trad. bras., p. 87.

A ideia de “remédio no mal”¹²⁰ é uma das formas de resolver a aparente contradição entre a virulenta crítica rousseauiana das ciências e das artes e o evidente interesse de Rousseau por elas. É sempre possível pensar que a história não anda para trás, e que retirar da humanidade, em tal estado de corrupção dos povos e das nações, o letramento, as artes e as ciências, não seria nada desejável. Em um caso como esse, os vícios se manteriam e ainda teríamos a pior das ignorâncias. Por isso, Rousseau nos diz: “(...) evitemos concluir que seria preciso hoje queimar todas as bibliotecas e destruir as universidades e as academias. Não faríamos senão remergulhar a Europa na barbárie e os costumes nada ganhariam com isso”¹²¹.

Encontramos frequentemente em Rousseau o raciocínio mendevilliano que recomenda buscar os remédios para as doenças do corpo social no próprio mal que o acomete, pois ele acreditava que, “uma vez corrompido, nunca se viu um povo recuperar a virtude”¹²²:

Em vão pretenderíeis destruir as fontes do mal; em vão extinguiríeis os alimentos da vaidade, da ociosidade e do luxo; em vão, ainda, reconduziríeis os homens a essa primeira igualdade conservadora da inocência e fonte de toda virtude: seus corações, uma vez corrompidos, o serão sempre. (...) Deixemos, então, as Ciências e as Artes adoçarem de algum modo a ferocidade dos homens que elas corromperam; procuremos fazer uma diversão sábia e tentemos despistar [donner le change à] suas paixões (...). As luzes do maldoso são ainda menos temíveis que sua brutal estupidez; elas ao menos o tornam mais circunspecto em relação ao mal que ele poderia fazer pelo conhecimento do mal de que ele próprio sofreria.¹²³

Vemos aqui o emprego da expressão “donner le change” ligada ao tema das paixões (“tâchons de donner le change à leurs passions”), do qual voltarei a discutir no segundo capítulo. É preciso distrair as paixões irascíveis, colocar algo no lugar delas, fazer com que percam o rumo, despistá-las. Nessa chave de leitura, a botânica poderia funcionar como uma ciência possível, salutar, para a era corrompida das ciências (e pelas ciências). Ela é compreendida por Rousseau

¹²⁰ Cf. STAROBINSKI, J. *O remédio no mal: o pensamento de Rousseau*, p. 168-174.

¹²¹ OC III, *Observations de Jean-Jacques Rousseau, de Genève, sur la Réponse qui a été faite à son Discours*, p. 55-56; trad. bras., p. 93 (minha tradução).

¹²² OC III, *Observations de Jean-Jacques Rousseau, de Genève, sur la Réponse qui a été faite à son Discours*, p. 56; trad. bras., p. 94.

¹²³ OC III, *Observations de Jean-Jacques Rousseau, de Genève, sur la Réponse qui a été faite à son Discours*, p. 56; trad. bras., p. 94 (minha tradução).

como um divertimento inocente, capaz de ocupar um tempo ocioso¹²⁴ que poderia ser empregado de forma socialmente nociva:

Ah, saibamos amar a natureza, saibamos procurá-la, estudá-la, conhecê-la, saibamos admirar as belezas que não foram paramentadas para nós, aprendamos a permanecer entre ela e nós, e a nos curar da ociosidade, do tédio, de sermos um fardo para nós mesmos e para os outros. Vamos nos dar divertimentos fáceis, inocentes, amáveis, que nos dispensam de procurar os ruinosos, os criminosos, os insensatos.¹²⁵

Em todo caso, esses argumentos não esgotam a problemática do conhecimento científico na filosofia rousseauiana. O ponto central é que Rousseau via o entendimento humano como intrinsecamente limitado, de modo que seu pensamento sempre privilegia a razão prática e a formação do juízo capaz de entrever a boa ação a ser tomada em cada contexto, por oposição à proliferação indefinida do conhecimento, sempre acompanhado das querelas metafísicas e científicas¹²⁶. O argumento está perfeitamente resumido na resposta à objeção do primeiro *Discurso* que estamos trabalhando:

A ciência é muito boa em si mesma, isso é evidente; e seria preciso ter renunciado ao bom senso para dizer o contrário (...). Mas como pode ser que as ciências, cuja fonte é tão pura e a finalidade tão louvável, engendrem tantas impiedades, tantas heresias, tantos erros, tantos sistemas absurdos, tantas contrariedades, tantas tolices (...); e, naqueles que as cultivam, tanto orgulho, tanta cobiça, tanta malignidade, tantas intrigas, tantas invejas, tantas mentiras, tantas perfídias, tantas calúnias, tantas adulações covardes e vergonhosas? Eu dizia que a ciência, por mais bela e sublime que seja, não é feita para o homem; que ele tem o espírito por demais limitado para nela fazer grandes progressos, e paixões demais no coração para dela não fazer mal uso; que lhe basta estudar bem seus deveres, e que cada um recebeu todas as luzes de que necessita para esse estudo.¹²⁷

¹²⁴ Para uma boa análise do problema do ócio em Rousseau, cf. VARGAS, T., *Trabalho e ócio: um estudo sobre a antropologia de Rousseau*.

¹²⁵ OC IV, *Fragments de botanique*, p. 1251.

¹²⁶ “Sua teoria da história e os princípios de sua retórica obrigam-no, de fato, a reconhecer sua ‘situação’ no século, e a falar, de um lugar particular, para um auditório particular. Essa adesão ao seu tempo é tanto mais necessária quanto seu pensamento é animado por uma vocação essencialmente prática: são estes homens, os homens do meu tempo que é necessário tentar reformar e salvar” (PRADO JR., B. *A retórica de Rousseau*, p. 65).

¹²⁷ OC III, *Observations de Jean-Jacques Rousseau, de Genève, sur la Réponse qui a été faite à son Discours*, p. 36-37; trad. bras., p. 73.

Percebemos que não se trata de condenar as ciências por si mesmas, ou de modo *a priori*, mas de ter consciência dos limites das faculdades humanas, do pouco conhecimento efetivo que se conseguirá ao cabo de investigações penosas, e, sobretudo, do modo como as paixões excitadas tendem sempre ao mal uso dos conhecimentos adquiridos. A natureza, por sua vez, já teria nos fornecido as luzes necessárias para que cada um estudasse seus deveres. Em outra passagem das respostas às objeções, Rousseau deixa claro que não visa enaltecer a pura e simples ignorância, e que haveria uma ignorância salutar e uma perniciosa¹²⁸. Invertendo o problema, afirma que ignorância que o preocupa é aquela que nos leva a desconhecer nossos limites e, por conta disso, a nos perdermos em um mar de erros¹²⁹, enquanto aquilo que nos é mais essencial passa ao largo de nossa atenção.

Não é por outro motivo que o livro III de *Emílio* tematiza a curiosidade, buscando o melhor momento para intervir em seus efeitos e orientá-la positivamente. Segundo Rousseau, a curiosidade é natural ao homem, mas ela tende a aumentar, pois está ligada a uma busca de bem-estar que jamais se completa:

Existe um ardor de saber que se fundamenta apenas no desejo de ser considerado sábio; existe outro que nasce de uma curiosidade natural ao homem por tudo o que pode interessá-lo de perto ou de longe. O desejo inato do bem-estar e a impossibilidade de contentar plenamente esse desejo fazem que procure sem cessar novos meios de contribuir para isso. Tal é o primeiro princípio da curiosidade; princípio natural ao coração humano e cujo desenvolvimento só se dá proporcionalmente a nossas paixões e a nossas luzes.¹³⁰

¹²⁸ “Há uma ignorância feroz e brutal, nascida de um coração mau e de um espírito falso; uma ignorância criminosa que se estende aos deveres da humanidade; que multiplica os vícios; que degrada a razão, avilta a alma e torna os homens semelhantes às bestas (...). Há outro tipo de ignorância razoável que consiste em limitar a curiosidade à extensão das faculdades que se recebeu; uma ignorância modesta, que nasce de um vivo amor pela virtude e só inspira indiferença a todas as coisas que não são dignas de preencher o coração do homem, e que não contribuem para torná-lo melhor; uma doce e preciosa ignorância, tesouro de uma alma pura e contente consigo mesma, que concentra toda sua felicidade em recolher-se em si mesma, em testemunhar sua inocência, e não necessita buscar uma falsa e vã felicidade na opinião que os outros poderiam ter de suas luzes” (OC III, *Observations de Jean-Jacques Rousseau, de Genève, sur la Réponse qui a été faite à son Discours*, p. 54; trad. bras., p. 91-92).

¹²⁹ “A razão e o juízo chegam lentamente, mas os preconceitos acorrem em turba” (OC IV, *Émile*, p. 435; trad. bras., p. 196).

¹³⁰ OC IV, *Émile*, p. 429; trad. bras., p. 190.

Nossa curiosidade aumenta à medida que aumentam nossas necessidades e nos tornamos mais dependentes das coisas. Por isso, o preceptor deve atuar no sentido da produção de uma “curiosidade bem dirigida”¹³¹. O selvagem serve a Rousseau mais uma vez como ponto de comparação, capaz de contrastar e iluminar a situação europeia¹³². Pelo modo como vive, pelo desenho de sua sociedade, ele é capaz de olhar para as máquinas e para as conquistas técnicas com um profundo desinteresse:

Dado que quanto mais sabem mais os homens se enganam, o único meio de evitar o erro é a ignorância. Não julgueis e nunca vos enganareis. É a lição da natureza, bem como a da razão. À exceção das relações imediatas, muito poucas e muito sensíveis, que as coisas têm conosco, não possuímos naturalmente senão profunda indiferença quanto a todo o resto. Um selvagem não daria um passo para ir ver o funcionamento da mais bela máquina e todos os prodígios da eletricidade. *Que me importa?* É a frase mais familiar ao ignorante e a mais conveniente ao sábio. Mas, infelizmente, essa frase não nos serve mais. Tudo nos importa, uma vez que somos dependentes de tudo; e nossa curiosidade se alarga necessariamente com nossas necessidades. Eis porque atribuo uma curiosidade muito grande ao filósofo e nenhuma ao selvagem. Este não precisa de ninguém; o outro precisa de todo mundo, sobretudo de admiradores.¹³³

Para além dos limites estreitos deste *que me importa?*, rondam sempre os perigos da “paixão que crê raciocinar e do entendimento que delira”¹³⁴. O livro três de *Emílio* não deixa de comparar a atitude do cientista com a de uma criança empolgada:

Mas se encarais a ciência em si mesma, entráis em um mar sem fundo, sem margens, cheio de recifes, do qual jamais escapareis. Quando vejo um homem tomado pelo amor dos conhecimentos deixar-se seduzir por seu encanto e correr de um ao outro sem saber parar, acredito ver uma criança na praia colhendo conchas, começando por carregá-las, e depois, tentado por outras mais que vê,

¹³¹ OC IV, *Émile*, p. 429; trad. bras., p. 190.

¹³² Lévi-Strauss comenta essa produção de contraste em Rousseau nos seguintes termos: “As outras sociedades talvez não sejam melhores do que a nossa; mas se somos propensos a acreditar nisso, não temos à nossa disposição nenhum método para prová-lo. Ao conhecê-las melhor, ganhamos, porém, um meio de nos distanciarmos da nossa, não porque esta seja absolutamente má, ou apenas má, mas porque é a única da qual devíamos nos libertar: já estamos naturalmente liberto das outras” (LÉVI-STRAUSS, C., *Tristes trópicos*, p. 419).

¹³³ OC IV, *Émile*, p. 483; trad. bras., p. 244.

¹³⁴ OC III, *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*, p. 122; trad. bras., p. 161 (minha tradução).

jogá-las fora, tornar a pegá-las até que, esmagado pela quantidade e não sabendo mais o que escolher, termina por jogar tudo fora, voltando de mãos vazias.¹³⁵

Tudo isso prepara a recomendação de que o naturalista se detenha no estudo do reino vegetal, preferencialmente aos outros reinos da natureza, presente na sétima caminhada dos *Devaneios do caminhante solitário*. Ora, o mínimo que se pode dizer é que essa recomendação de restrição do campo de estudo é pouco convencional para as ciências da época. O conde de Buffon, considerado o maior naturalista do século XVIII, dizia que “a História Natural é uma história imensa, que abarca todos os objetos que o universo nos oferece”¹³⁶, e pensava ser preciso “uma espécie de força, própria do gênio, e certa coragem do espírito para contemplar, sem se deixar levar pelo espanto, a inumerável multidão de produções da natureza, e ser capaz de compreendê-las e compará-las”¹³⁷. Daubenton, por sua vez, abre o verbete HISTÓRIA NATURAL, da *Enciclopédia*, dizendo que o objeto da História Natural “é tão extenso quanto a natureza, abrange todos os seres que vivem em terra firme, que se projetam nos ares ou que habitam as profundezas das águas, todos os que recobrem a superfície da terra ou se escondem em suas entranhas”¹³⁸. Para Daubenton, igualmente, o naturalista deve estudar todas as produções naturais de modo a compará-las.

Ora, a botânica rousseauiana não prescreve comparações sistemáticas entre as produções da natureza. É capaz que encontremos aqui um ponto cego da teoria de Rousseau que, de resto, também acreditava ser impossível conhecer sem comparar¹³⁹ — especialmente no caso do conhecimento do homem¹⁴⁰. Como,

¹³⁵ OC IV, *Émile*, p. 435; trad. bras., p. 196.

¹³⁶ BUFFON, *História Natural*, p. 5.

¹³⁷ Ibidem, p. 6.

¹³⁸ DAUBENTON, L., *História Natural*, p. 218.

¹³⁹ Paul de Man desenvolve bem esse ponto: “comparar é, para Rousseau, a qualidade distintiva do julgamento (...). A teoria do julgamento de Rousseau reafirma, embora de forma menos oblíqua e desconcertante, a teoria crítica da metáfora que fundamenta o argumento do *Segundo Discurso*. O julgamento é descrito como a desconstrução da sensação, um modelo que divide o mundo em um sistema binário de oposições organizadas ao longo um eixo interno/externo e então prossegue com a troca de propriedades em ambos os lados desse eixo com base em analogias e potenciais identidades” (DE MAN, P., *The timid god*, p. 540 e 542).

¹⁴⁰ O *Discurso sobre a natureza dos animais*, de Buffon, começa com a seguinte afirmação: “apenas comparando é que podemos julgar se nossos conhecimentos versam ou não sobre as relações que as coisas têm com aquilo que é semelhante ou diferente delas; de resto, se não existissem animais, a natureza do homem seria ainda mais incompreensível do que é” (BUFFON, *História Natural*, p. 431). No caso de Rousseau, as comparações necessárias ao conhecimento do homem se dariam mais no plano das relações recíprocas que os homens estabelecem entre si. Segundo Bento Prado Jr., para Rousseau, “o conhecimento da natureza e o conhecimento do

então, Rousseau justifica a restrição do estudo ao reino dos vegetais, em detrimento dos outros objetos da vastíssima História Natural?

É conhecido o horror de Rousseau pela atividade da mineração¹⁴¹. Ele sabia que o homem europeu moderno se interessa mais pelo subsolo do que pelo solo. Já no segundo *Discurso*, dizia que “as minas se formam em lugares áridos e desprovidos de árvores e plantas, de maneira que se poderia dizer que a Natureza tomou precauções para ocultar-nos esse segredo fatal”¹⁴². O empreendimento minerador lhe parecia intrinsecamente absurdo, pois nele coloca-se a saúde e a vida em risco na busca de bens imaginários e desnecessários. “Os trabalhos nas minas, os diversos preparos dos metais, dos minerais, sobretudo do chumbo, do couro, do mercúrio, do cobalto, do arsênico, do realgar” está entre a “infinidade de profissões insalubres que abreviam os dias ou destroem o temperamento”¹⁴³. Em suma, com a mineração os homens cavam, literalmente e metaforicamente, sua própria miséria, conforme lemos na sétima caminhada:

O reino mineral nada tem em si de amável e atraente; suas riquezas, encerradas no seio da terra, parecem ter sido distanciadas dos olhares dos homens para não

homem obedecem a *razões* diferentes, cada uma das quais percorre o caminho inverso ao da outra. Num caso, o indivíduo é transparente e conduz o olhar em direção ao conhecimento da espécie; no outro, os indivíduos modelam-se em suas relações recíprocas, separados de seus corpos e de sua espécie” (PRADO JR., B., *A retórica de Rousseau*, p. 39). A leitura de Bento Prado Jr. é corroborada pela seguinte passagem de Rousseau: “o conhecimento da natureza das plantas pode muito bem ser auxiliado, por exemplo, pelo conhecimento do terreno que as produz, dos sucos que as nutrem e de suas virtudes específicas, mas jamais se conhecerá bem sua mecânica e seus princípios motores se não se examinar isso nelas próprias, se não se considerar toda sua estrutura interior, as fibras, as válvulas, os condutos, a casca, a medula, as folhas, as flores, os frutos, as raízes e, em suma, todas as partes que entram em sua composição. Nas investigações morais, ao contrário, eu começaria por examinar o pouco que conhecemos do espírito humano tomado em si mesmo e considerado como indivíduo; daí tiraria hesitantemente conhecimentos obscuros e incertos; mas abandonando logo esse tenebroso labirinto, apressar-me-ia a examinar o homem por suas relações, e daí que tiraria uma multidão de verdades luminosas que logo fariam desaparecer a incerteza dos meus primeiros argumentos, e que seriam ainda mais iluminadas pela comparação” (OC II, *Mélanges de littérature et de morale*, p. 1244-1245). Encontraríamos aqui a grande lição que Lévi-Strauss extraiu de Rousseau, a saber, que “toda humanidade é local e que a universalidade só se encontra no sistema das diferenças” (PRADO JR., B., *A retórica de Rousseau*, p. 59). Para um comentário sobre o pouco conhecimento que, de acordo com Rousseau, o homem tem de si mesmo, cf. GRISWOLD, C., *Genealogical narrative and self-knowledge in Rousseau's Discourse on the Origin and the Foundations of Inequality among Men*.

¹⁴¹ Sendo Rousseau usualmente considerado um autor pré-romântico, cf. HERINGMAN, N., *Romantic rocks, aesthetic geology*, que aborda o tema da filosofia da geologia presente no romantismo, mas que, de resto, vinha sendo formulada ao menos desde Leibniz.

¹⁴² OC III, *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*, p. 172; trad. bras., p. 217.

¹⁴³ OC III, *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*, p. 205; trad. bras., p. 261.

tentar sua cupidez (...). É preciso então que ele chame a indústria, o esforço e o trabalho em socorro às suas misérias; escava as entranhas da terra, busca em seu centro, arriscando sua vida e sua saúde, bens imaginários no lugar dos bens reais que ela [a natureza] lhe oferecia por si mesma quando ele sabia usufruí-los.¹⁴⁴

A colonização é inseparável da atividade mineradora¹⁴⁵, tendo sido o principal motor da opulência dos estados europeus modernos. Segundo Araújo, a lógica própria à mineração serve como chave interpretativa da colônia como "zona de pura e mera extração, da extração sem-fim e como objetivo em si mesmo da ação colonizadora"¹⁴⁶. Assim, Cristóvão Colombo foi uma espécie de Rousseau dos minérios. Enquanto Rousseau só pensava em plantas, Colombo só pensava em ouro. "A melhor coisa do mundo é o ouro", dizia¹⁴⁷. Ao tratar do raciocínio de Colombo, Adam Smith relata seu patente desinteresse pelos outros reinos:

Nada achando nos animais ou vegetais das terras recém-descobertas que pudesse justificar uma representação muito vantajosa delas, Colombo voltou a vista para seus minerais, e na riqueza das produções deste terceiro reino gabou-se ter achado plena compensação pela insignificância das dos outros dois.¹⁴⁸

Superfície dura e reluzente, o brilho das pedras preciosas fascina os olhos no sentido de estimular a cupidez e a cobiça. A luz que emana desse brilho ofusca o julgamento. Ora, é a mesma interpretação que encontramos em Araújo, autor para o qual a captura do olhar por esse objeto reluzente desempenhou um papel central no processo de colonização:

Assim, não cabe ignorar que a *cobiça pelo ouro* está nas bases do Ocidente, da modernidade; do capitalismo como modelo civilizatório (...). No relato de Adam Smith, Colombo não descobriu nada; simplesmente *direcionou seu olhar ao reino mineral* (...). A modernidade desse olhar reside na capacidade de deixar-se afetar pelo brilho do ouro. É o brilho ofuscante do ouro o que penetra o olhar de Colombo e que, daí, *apossando-se de seu coração*, conquista e coloniza os territórios do Novo Mundo.¹⁴⁹

¹⁴⁴ OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1066-1067; trad. bras., p. 130.

¹⁴⁵ Para Araújo é a mineração que funda a modernidade: "no lapso da história da humanidade no planeta, 1492 inaugura uma nova era, geológica e civilizatória. É a origem da modernidade, ou seja, da civilização do Capital, da globalização do Império do Capital. E nesse plano pode afirmar-se que a dita civilização é uma invenção-criação inteiramente mineral" (ARAÚJO, H., *Mineração, genealogia do desastre*, p. 89-90).

¹⁴⁶ ARAÚJO, H., *Mineração, genealogia do desastre*, p. 93.

¹⁴⁷ COLOMBO, C. apud ARAÚJO, H., *Mineração, genealogia do desastre*, p. 89.

¹⁴⁸ SMITH, A., apud ARAÚJO, H. *Mineração, genealogia do desastre*, p. 95.

¹⁴⁹ ARAÚJO, H., *Mineração, genealogia do desastre*, p. 97.

Segue-se daí uma série de oposições possíveis entre botânica e mineração: as pedras exaltam as paixões, alimentam o amor-próprio, ao passo que as plantas acalmam-nas devido a sua própria natureza, ou seja, por seus “odores suaves, as cores vivas e as mais elegantes formas”¹⁵⁰. As plantas se dão naturalmente aos olhos, pois estão dispostas em profusão sobre a terra. Os minerais, por sua vez, encontram-se escondidos no fundo de escuras cavernas subterrâneas. Essa verdadeira luta da luz contra as sombras, o contraste topológico entre um espaço naturalmente iluminado pelo sol e o espaço escuro das entranhas da terra, é também o duelo da visibilidade e da invisibilidade no conhecimento dos próprios objetos. Se deixarmos de lado a busca por remédios nas plantas — veremos na próxima seção a que ponto Rousseau repudiava que a botânica cedesse a essa tentação do invisível — observaremos que, para o nosso botânico amador, o vegetal se apresenta como que inteiro ao olhar, como “domínio de pura transparência e de perfeita visibilidade”¹⁵¹.

No caso dos minerais, o único interesse adviria necessariamente do estudo de suas propriedades invisíveis; o que quer dizer que “para tirar proveito do estudo dos minerais, é preciso ser químico e físico”¹⁵². Mas, ainda assim, ressalta Rousseau, seria necessário

fazer experiências difíceis e custosas, trabalhar em laboratórios, despender muito dinheiro e tempo em meio a carvão, cadinhos, fornos, retortas, sob a fumaça e vapores asfixiantes, sempre pondo a vida em risco e, com frequência, à custa de sua saúde. De todo esse triste e fatigante trabalho, resulta comumente muito menos saber do que orgulho.¹⁵³

Sabe-se que Rousseau estudou química, que em 1743 frequentou o curso de Rouelle no Jardim do Rei, e que entre 1747 e 1753 trabalhou em um tratado de química, conhecido como *Institutions chimiques*. Futuramente, a botânica lhe parecerá mais atrativa do que a química¹⁵⁴: a química precisa de laboratório e de

¹⁵⁰ OC I, *Réveries du promeneur solitaire*, p. 1063; trad. bras., p. 125.

¹⁵¹ PRADO JR., B., *A retórica de Rousseau*, p. 243.

¹⁵² OC I, *Réveries du promeneur solitaire*, p. 1063; trad. bras., p. 131 (minha tradução).

¹⁵³ OC I, *Réveries du promeneur solitaire*, p. 1063; trad. bras., p. 131.

¹⁵⁴ “(...) o estudo que Rousseau fez da química o predis pôs a buscar para além da química uma ciência salutar, porque a química estuda o que está morto, enquanto a botânica estuda o que está vivo; a química destrói, enquanto a botânica preserva; a química é para os ricos, que podem pagar aparatos caros, enquanto a botânica é para qualquer um que consiga adquirir algumas ferramentas

aparelhos caros, a botânica se dá ao ar livre; a química produz remédios que, na opinião de Rousseau, nem sempre ajudam, pois por vezes prejudicam e adoecem o corpo, ao passo que a botânica é remédio para a alma, sendo sempre desejável. Por fim, a botânica estuda o que está vivo, enquanto a química estuda o que está morto¹⁵⁵. O contraste entre o vivo e o morto é importante para compreendermos a botânica de Rousseau, especialmente porque a *piedade* é a identificação dos seres entre si enquanto seres vivos. Lemos no primeiro fragmento:

os vegetais não são aos olhos do botânico senão seres orgânicos, tão logo o vegetal está morto, que ele cessa de vegetar, que suas partes não têm mais a correspondência mútua que os fazia viver e os constituía como um, não é mais da alçada do botânico, é uma simples substância, uma matéria, um mixto, uma terra morta, que não pertence mais a partir de então ao reino vegetal, mas ao mineral.¹⁵⁶

No que se refere à astronomia, outro campo importante do naturalista, é provável que Rousseau considerasse que seu estudo poderia ter um efeito moral salutar. Leitor contumaz dos autores da antiguidade, a aposta nos astros endossa uma longa tradição. Segundo Hadot, devemos entender a física e a astronomia antigas como grandes exercícios espirituais¹⁵⁷. A física estóica, por exemplo, visava o treinamento específico que permitia ao filósofo não olhar para as coisas de uma perspectiva antropomórfica, acrescentando juízos valorativos, preconceitos e paixões que são alheios aos acontecimentos e às coisas, mas ver tudo da perspectiva geral da natureza. Hadot nomeia esse conjunto de exercícios de “olhar do alto”¹⁵⁸. Ao olhar do alto, os assuntos humanos, as paixões, as querelas, as guerras, as fronteiras geográficas são redimensionados e passam a figurar como fundamentalmente desimportantes.

simples. A química produz remédios de valor duvidoso e envenena o corpo com metais pesados; tenta transmutar metais básicos em ouro, que está associado à cupidez e ao comércio. A botânica, se praticada independentemente das preocupações materiais, acalma a alma perturbada” (COOK, A., *Jean-Jacques Rousseau and Botany: the salutary science*, p. 5).

¹⁵⁵ Segundo d’Holbach, o termo mineral inclui “todos os corpos não vivos e não organizados que se encontram no interior da terra e em sua superfície” (D’HOLBACH, *Minerais*, p. 238).

¹⁵⁶ OC IV, *Fragments de botanique*, p. 1249-1250.

¹⁵⁷ Cf. HADOT, P., *Exercícios espirituais e filosofia antiga*, parte III, especialmente o capítulo “A física como exercício espiritual ou pessimismo e otimismo em Marco Aurélio”.

¹⁵⁸ Cf. HADOT, P., *A filosofia como maneira de viver*, p. 206-208. Para a leitura de Foucault sobre a “visão do alto”, Cf. FOUCAULT, M., *Hermenêutica do sujeito*, aula de 17 de fevereiro de 1982.

Assim, tanto os astros quanto as plantas provocam uma mudança de perspectiva no observador. Em ambos os casos, o sujeito busca se descentralizar para moderar seu amor próprio. O botânico, através da lupa, muda sua perspectiva, colocando-se em um estado de atenção a uma série de detalhes que facilmente passam despercebidos na lida cotidiana com as plantas. A surpresa e o prazer do botânico é que essa mudança de perspectiva descortina diante de seus olhos um mundo repleto de beleza, cores e cheiros.

Ora, o problema é que o estudo dos astros, assim como o estudo da química, depende diretamente de aparelhos caros e difíceis de arrumar. A botânica, por oposição, é uma prática muito acessível do ponto de vista dos instrumentos. Para seguir o sistema sexual de Lineu, por exemplo, era preciso apenas uma lupa e uma pinça¹⁵⁹, e certa disposição para vagar pelos bosques e florestas:

As plantas parecem ter sido semeadas na terra com profusão, assim como as estrelas no céu, para convidar o homem, por meio da atração do prazer e da curiosidade, ao estudo da natureza. Mas os astros estão longe de nós; é preciso conhecimentos preliminares, instrumentos, máquinas, longas escadas para atingi-los e deixá-los ao nosso alcance. As plantas estão próximas de nós naturalmente. Nascerem sob os nossos pés e em nossas mãos, por assim dizer, e se a pequenez de suas partes essenciais as oculta às vezes a olho nu, os instrumentos que as revelam são de uso muito mais fácil do que os da astronomia.¹⁶⁰

Deixemos, então, os tentadores minérios descansarem nos seios da terra. Os astros estão muito longe de nós. Os elementos químicos estão todos mortos. Mas e o reino animal? Embora Rousseau reconheça que ele “ainda merece ser mais bem estudado”, também vê nele “suas dificuldades, seus embaraços, seus desgostos e seus sofrimentos”¹⁶¹, sobretudo porque o estudo dos animais “não é nada sem a anatomia”¹⁶². Além da dificuldade em capturar os vários animais existentes para melhor observá-los, seria necessário privá-los da liberdade, ou

¹⁵⁹ “A botânica é o estudo para um ocioso e preguiçoso solitário: uma ponteira e uma lupa são os únicos aparelhos necessários para observar as plantas. Ele passeia, vagueia livremente de um objeto a outro, passa em revista cada flor com interesse e curiosidade e, tão logo começa a apreender as leis de sua estrutura, experimenta, ao observá-las, sem qualquer esforço, um prazer tão intenso quanto se lhe custasse muito” (OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1069; trad. bras., p. 133).

¹⁶⁰ OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1069; trad. bras., p. 133.

¹⁶¹ OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1067; trad. bras., p. 131.

¹⁶² OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1068; trad. bras., p. 131 (minha tradução).

então matá-los. Para Rousseau, o estudo da anatomia “revolta ao mesmo tempo o coração e os sentidos” e nos “faz viver com cadáveres”¹⁶³. O anfiteatro anatômico lhe causa pavor:

Não tenho gosto nem os meios para mantê-los [os animais] cativos, nem a agilidade necessária para segui-los em seus deslocamentos enquanto em liberdade. Seria preciso, portanto, estudá-los mortos, despedaçá-los, desossá-los, vasculhar à vontade suas entranhas palpitantes! Que aparato terrível esse anfiteatro anatômico de cadáveres fétidos, de gotejantes e pálidas carnes, do sangue dos intestinos repugnantes, de esqueletos pavorosos, de vapores pestilentos! Não será lá, dou minha palavra, que Jean-Jacques buscará seus passatempos.¹⁶⁴

Diferentemente dos animais, é fácil observar e estudar as estruturas das plantas, já que elas permanecem paradas. Ainda que se possa retirar a planta para alocá-la em um herbário, matando-a, é sempre possível estudá-la viva, *in loco*. Nada de cadáveres fétidos, de entranhas palpitantes, de sangue. Conclui: “que diferença entre este amável estudo e aquele da anatomia”¹⁶⁵.

Diante de tamanha comodidade e conveniência, diante de um estudo que rende tão bons proveitos, que está ao alcance de um número tão grande de pessoas, nosso filósofo botânico só pode concluir que “mais rica, mais amável, mais acessível das três partes da história natural”¹⁶⁶ é a mais digna de ser estudada¹⁶⁷. Com a única condição, é claro, que seu estudo seja completamente inútil do ponto de vista dos valores sociais correntes, que ele não sirva para gerar riquezas, para escrever livros, para galgar cargos ou para adquirir poder:

(...) tão logo ali se mistura um motivo de interesse ou vaidade, seja para ocupar posições, seja para escrever livros, tão logo se quer aprender apenas para instruir, e que não se herboriza senão para tornar-se autor ou professor, todo aquele doce

¹⁶³ OC IV, *Fragments de botanique*, p. 1250.

¹⁶⁴ OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1068; trad. bras., p. 132.

¹⁶⁵ OC IV, *Fragments de botanique*, p. 1250.

¹⁶⁶ OC IV, *Introduction*, p. 1205.

¹⁶⁷ Uma passagem dos *Fragments* resume tudo o que vimos até aqui: “As formas mais elegantes, as cores mais vivas, flores encantadoras, perfumes deliciosos; um estudo atraente e cômodo, sem aparato, sem despesa, sem nenhuma outra fadiga além das caminhadas campestres, sem nenhum outro instrumento além de um pequeno microscópio, uma agulha, uma pinça, tesouras para recortar. Que diferença entre este amável estudo e aquele da anatomia, cujo aparato horrível revolta ao mesmo tempo o coração e os sentidos, e que vos faz viver com cadáveres, ou aquele dos minerais, que é preciso arrancar das entranhas da terra com grande fadiga, e analisar com grandes despesas, frequentemente com grandes riscos, em antros dos Ciclopes” (OC IV, *Fragments de botanique*, p. 1250).

encanto se esvai; não se vê mais nas plantas senão instrumentos de nossas paixões, não se encontra mais nenhum verdadeiro prazer em seu estudo, não se quer mais saber, mas mostrar o que se sabe.¹⁶⁸

1.5 Botânicos e boticários

Ao longo dos textos e cartas sobre botânica, Rousseau critica de forma veemente os boticários, os médicos, e todos aqueles que não enxergam nas plantas mais do que as propriedades medicinais que elas eventualmente podem possuir. Assim, Rousseau rejeita expressamente que o estudo das plantas se reduza à descoberta de seus fins medicinais. Essa redução teria sido, aliás, seu maior obstáculo,¹⁶⁹ e ele nota que até mesmo nos gabinetes de história natural as plantas perdiam em importância para os animais.¹⁷⁰ De fato, sabe-se que historicamente o interesse pela compreensão das plantas limitava-se à sua utilidade, seja como alimento, seja como remédio. É o que afirma Delaporte em *O Segundo Reino da Natureza*:

O estudo das plantas sem consideração por seu uso era dificilmente concebível. Antes que a vida da planta pudesse se tornar um objeto de estudo, o obstáculo do interesse tecnológico tinha de ser superado.¹⁷¹

É bem sabido o quanto Rousseau desconfiava dos médicos e desprezava a medicina¹⁷², apesar de ter recorrido diversas vezes a ela para tentar tratar de sua saúde precária. Já no segundo *Discurso*, Rousseau argumentava que o desenvolvimento das doenças segue aquele das civilizações, do aumento populacional, da vida nas cidades¹⁷³, e que a medicina, no melhor dos casos, não

¹⁶⁸ OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1069; trad. bras., p. 133-134.

¹⁶⁹ “O maior obstáculo ao progresso da botânica foi o de querer torná-la uma parte da medicina” (OC IV, *Fragments de botanique*, p. 1250).

¹⁷⁰ “O reino vegetal, o mais gracioso dos três, e talvez o mais rico, é muito negligenciado e quase esquecido nos gabinetes de história natural, onde deveria preferencialmente brilhar” (CG XX, p. 142).

¹⁷¹ DELAPORTE, F., *Nature's Second Kingdom*. p. 9.

¹⁷² “Quanto ao estudo das plantas, permita-me, Senhora, que o faça como naturalista, e não como boticário: pois, além de ter uma fé muito medíocre na medicina, conheço a organização das plantas na palavra da natureza, que não mente nunca, e só conheço suas virtudes medicinais na palavra dos homens, que são mentirosos. Não tenho vontade de acreditar na palavra deles, nem estou em estado de verificá-la” (CG XIX, p. 16).

¹⁷³ “A extrema desigualdade dos modos de vida, o excesso de ociosidade de uns, o excesso de trabalho de outros, a facilidade para provocar e satisfazer nossos apetites e nossa sensualidade, os

faz mais do que correr atrás do prejuízo. Para Rousseau, “o corpo do homem social é afetado por doenças não-naturais que ele próprio produz”¹⁷⁴. Como frequentemente os médicos eram também botânicos, interessados no uso medicinal dos vegetais, os textos sobre botânica desvelam outro aspecto da crítica rousseauiana à medicina.

No primeiro dos *Fragmentos de botânica*, Rousseau esclarece que a grande diferença entre botânicos e boticários está no tratamento da planta em sua forma. O botânico é aquele que não destrói a forma da planta, mesmo que a remova do solo para colocá-la em um herbário, ou seja, mesmo ocasionalmente matando-a, ele conserva sua forma, interessa-se *exclusivamente* por sua forma, da qual admira, estuda e observa. O boticário, por sua vez, ao moer as plantas em um almofariz, destrói completamente a forma das plantas. Ao tratá-las como remédio em potencial, o boticário ignora todas as características que, aos olhos de Rousseau, tornam-nas verdadeiramente atrativas e fascinantes: seu encanto, graça e beleza, sua contribuição para a atmosfera dos lugares e suas formas únicas de estarem vivas. Rousseau protesta diversas vezes nos *Fragmentos*: “antes que se tenha moído esta planta, que se tenha colocado ela em uma pasta, que se tenha extraído sua seiva, ela tinha uma figura encantadora”¹⁷⁵. O segundo fragmento se apresenta como um grande apelo: não haveria ninguém disposto a estudar as plantas por elas mesmas, sem visar qualquer interesse que ultrapasse o da observação de suas formas?

Ei, não há nenhum homem sensível às mais tocantes belezas da natureza que aí não misture sempre algum interesse pessoal? Para observar, para admirar as maravilhas da organização vegetal é absolutamente necessário ser médico? O ornamento da terra, este ornamento ao mesmo tempo soberbo e risonho, não merece por ele mesmo nenhum de nossos olhares; essas cores, esses odores, essas

alimentos por demais sofisticados dos ricos, que os nutrem de molhos condimentados que os abatem com indigestões, a má alimentação dos pobres, da qual frequentemente carecem, o que os leva a sobrecarregar avidamente o estômago sempre que possível, as vigílias, os excessos de toda espécie, as emoções imoderadas de todas as paixões, as fadigas, o esgotamento do espírito, o sofrimento, e as inúmeras dificuldades pelas quais passamos em todos os estados, que atormentam perpetuamente a alma, são todos, eu digo, a funesta garantia de que a maioria de nossos males resulta de nossa própria atuação, e poderíamos evitar quase todos conservando a maneira de viver simples, uniforme e solitária, que nos foi prescrita pela natureza” (OC III, *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*, p. 138; trad. bras., p. 177-178).

¹⁷⁴ COOK, A., *Jean-Jacques Rousseau and Botany: the salutary science*, p. 148.

¹⁷⁵ OC IV, *Fragments de botanique*, p. 1849.

figuras elegantes e variadas, não foram dadas às plantas senão para se fazer moer tudo isto em um almofariz?¹⁷⁶

Ora, o que está em jogo na destruição da forma é a completa desconsideração pelo ser da planta por si mesmo em prol da subordinação da planta à melhoria e ao aperfeiçoamento da vida humana¹⁷⁷. *Que seja!*, exclamava Rousseau às vezes, “em boa hora se a vida humana ganha com isso”¹⁷⁸. Mas se o critério mais importante de todos deve ser sempre o da utilidade, ele ressalta que o estudo contemplativo também possui uma: “concordo que os trabalhos úteis ao corpo devem ter a preferência; mas de todos os usos que damos aos nossos lazeres, aqueles que nos curam da ignorância e do erro são incontestavelmente os menos inúteis”¹⁷⁹. Aprendermos a nos curar “da ociosidade, do tédio, de sermos um fardo para nós mesmos e para os outros”¹⁸⁰ estaria entre os fins mais relevantes que se possa atribuir à produção de um conhecimento.

Pierre Hadot também aqui pode nos auxiliar a compreender a posição de Rousseau na crítica aos boticários. Em seu livro *O Véu de Ísis*, Hadot investiga os vários sentidos da noção de “segredo da natureza”, partindo do célebre aforismo de Heráclito — “a Natureza ama ocultar-se”¹⁸¹ —, e estudando sua recepção ao longo do tempo. Distingue, então, duas atitudes fundamentais, presentes na tradição ocidental. A primeira, nomeia de *atitude prometeica*. Tal como Prometeu ao roubar dos deuses o segredo do fogo, essa atitude recorre à astúcia, ao ardis, à violência, ao constrangimento, como modo de forçar a natureza a revelar seus segredos. Ela inclui a magia e toda a tradição mecanicista até a ciência experimental moderna. Para Hadot, os experimentos funcionam segundo o modelo do procedimento judiciário, em que é preciso extrair a verdade do acusado contra sua vontade. A segunda, nomeia de *atitude órfica*, em homenagem a Orfeu, que encantava os seres com seu canto e sua lira. Tratar-se-ia de uma atitude

¹⁷⁶ OC IV, *Fragments de botanique*, p. 1251.

¹⁷⁷ “(...) se os caminhos oferecem ao caminhante o espetáculo da natureza, não se trata de conhecê-la, mas de senti-la em comunhão com o próprio Eu. Essa imanência do caminhante ao caminho, ou do sujeito à natureza, muito característica de Rousseau, é a antítese do itinerário objetivo, da racionalidade produtora, que faz do percurso o meio de chegar” (SILVA, F., *Rousseau e os devaneios de um caminhante solitário*, p. 138).

¹⁷⁸ OC IV, *Fragments de botanique*, p. 1252.

¹⁷⁹ OC IV, *Fragments de botanique*, p. 1251.

¹⁸⁰ OC IV, *Fragments de botanique*, p. 1251.

¹⁸¹ HERÁCLITO apud HADOT, P., *O véu de Ísis*, p. 21. No capítulo 1 desse mesmo livro, Pierre Hadot discute várias interpretações possíveis do aforismo.

contemplativa, em que nos aproximamos da natureza através de uma abordagem estética, da poesia, do êxtase cósmico. Essa atitude se interdita de fazer violência à natureza e escolhe respeitar “seu pudor”¹⁸².

Segundo Hadot, poderíamos incluir Rousseau entre os proponentes de uma atitude órfica com relação à natureza¹⁸³. Haveria em Rousseau os principais elementos dessa atitude: a caracterização do conhecimento como curiosidade vã (primeiro *Discurso*), o medo dos perigos existentes quando corremos atrás do que a natureza fez por bem nos esconder (vimos que é assim que Rousseau enxergava os minerais e a atividade mineradora), e o conhecimento da natureza através do êxtase cósmico. Em uma das quatro cartas a Malesherbes em que Rousseau aborda a solidão, lemos:

Dali a pouco, minhas ideias elevavam-se da superfície da Terra em direção a todos os seres da natureza, ao sistema universal das coisas, ao ser incompreensível que tudo abraça. Então, com o espírito perdido nessa imensidão, não pensava, não raciocinava, não filosofava, sentia-me com certa volúpia acabrunhado pelo peso desse universo (...). *Creio que se tivesse desvendado todos os mistérios da natureza sentir-me-ia em situação menos deliciosa do que nesse êxtase entontecedor ao qual meu espírito se entregava sem reservas* e que, na agitação de meus arroubos, fazia-me gritar algumas vezes: “Oh, grande Ser! Oh, grande Ser!” — sem poder dizer nem pensar mais nada.¹⁸⁴

Por outro lado, encontramos um exemplo da *atitude prometeica* no século XVIII em alguns verbetes da *Encyclopédie*. De acordo com Christophe Martin¹⁸⁵, esse é precisamente o caso do verbete EXPERIMENTAL, de D’Alembert, em que lemos:

A física experimental gira em torno de dois pontos que não devem ser confundidos, a experimentação propriamente dita e a observação. Esta última, menos requintada e menos sutil, restringe-se aos fatos que se apresentam aos olhos, a ver atentamente e detalhar toda espécie de fenômeno oferecido pelo espetáculo da natureza. A primeira, ao contrário, busca penetrar mais a fundo, *descobrir o que a natureza esconde*, criar, de alguma maneira, pela diferente

¹⁸² HADOT, P., *O véu de Ísis*, p. 313, uma das passagens do autor sobre Nietzsche.

¹⁸³ HADOT, P., *O véu de Ísis*, especialmente o capítulo 12.

¹⁸⁴ OC I, *Lettres a Malesherbes*, p. 1141; trad. bras., p. 29-20 (grifos meus).

¹⁸⁵ Cf. MARTIN, C., *La nature dévoilée (de Fontenelle à Rousseau)*, que se vale do *O Véu de Ísis*, de Hadot, do começo ao fim.

combinação dos corpos, novos fenômenos a serem estudados. *Enfim, não se limita a escutar a natureza, a interroga e a pressiona.*¹⁸⁶

O que D'Alembert faz ao longo desse verbete é justamente diferenciar a observação da experimentação, sem, contudo, opô-las. A observação acabaria por conduzir, através da curiosidade, à experimentação, e esta, por sua vez, conduz a novas observações¹⁸⁷. Mas tudo se passa como se, para Rousseau, a botânica habitasse o plano exclusivo da observação. Não há experimentos. Para ele, o olhar do boticário não se demora suficientemente nas semelhanças e diferenças, não se interessa verdadeiramente pela forma do vegetal; não é um olhar de superfície, mas um olhar que visa perscrutar o que é invisível aos olhos. Perde, assim, a dimensão estética da experiência de observação. O botânico, por sua vez, se interessa pelas plantas exclusivamente a partir de sua superfície; seu olhar não se aprofunda, devendo percorrê-las em sua estrutura visível. Rousseau afirma, no primeiro fragmento, que o botânico rejeita *ativamente* ultrapassar o plano da observação das formas:

O botânico *não aceita* nenhum ponto intermediário entre a natureza e ele. Ele *não admite* como verdadeiro senão aquilo que ela lhe mostra, ele *rejeita* tudo que os homens a ela querem adicionar por sua conta.¹⁸⁸

A problemática torna-se ainda mais clara quando comparamos a visão de Rousseau com a de Daubenton nos verbetes que escreveu também para a *Enciclopédia*¹⁸⁹. No verbete BOTÂNICA, Daubenton afirma que a botânica “divide-se em muitas partes, sendo três as principais: nomenclatura das plantas, cultivo e propriedades”, e ressalta que “a última é a única de importância quanto à utilidade que dela extraímos, e as duas primeiras só devem nos ocupar na medida

¹⁸⁶ D'ALEMBERT, J., *Experimental*, p. 279-280 (grifos meus).

¹⁸⁷ Cf. PATY, M., *D'Alembert*, especialmente o capítulo X, para uma análise mais detalhada da teoria do conhecimento de D'Alembert.

¹⁸⁸ OC IV, *Fragments de botanique*, p. 1250 (grifos meus).

¹⁸⁹ Sobre a diferença entre Daubenton e Rousseau no que se refere à botânica, Cf. PIMENTA, P., *A trama da natureza*, especialmente o sexto capítulo. Destaco a seguinte passagem, das páginas 146-147: “Os dois pilares da Botânica de Rousseau são erguidos, em certa medida, contra verbetes da *Enciclopédia* dedicados à Botânica, textos que ele leu e absorveu, nos quais há uma defesa do caráter prático da Botânica, que justificaria, em última instância, sua constituição como ciência da natureza e a afastaria de toda apologética moral ou teológica. O autor do verbete ‘Botânica’ é Daubenton, e tem como alvo ninguém menos que Lineu (...)”.

em que possam contribuir para valorizar a terceira”¹⁹⁰. O verbete HISTÓRIA NATURAL é igualmente enfático na crítica dos sistemas de nomenclatura:

A Botânica é um dos principais e mais extensos ramos da História Natural. Mas, ao percorrermos as obras dos botânicos, vemos esse ramo secar, por causa de um galho excessivamente grande, que absorve toda a sua subsistência. A nomenclatura das plantas, que é uma parte bem pequena da História Natural, tornou-se o principal objeto dos botânicos, que em sua maioria se aplicam quase exclusivamente a denominações.¹⁹¹

Assim, seria preciso reduzir “a nomenclatura das plantas a seus justos limites”, pois

o mais difícil e o mais importante para essa ciência não é nomear as plantas, mas conhecer suas propriedades, saber como cultivar as plantas úteis, extirpar as nocivas, observar sua conformação e determinar as partes que concorrem para a economia vegetal.¹⁹²

Em seus verbetes, Daubenton ressalta frequentemente a importância da comparação entre as produções da natureza, única condição de retirarmos um real proveito dos conhecimentos obtidos. No exato oposto de Rousseau, Daubenton dizia que o homem deve buscar *ativamente* pelas propriedades contidas nos vegetais. Deplora que as descobertas realizadas até então tenham sido mais frutos do acaso do que do bom emprego das luzes da razão:

Essas propriedades são tão preciosas que, no intuito de descobri-las, os naturalistas deveriam aliar seus conhecimentos aos dos médicos. Até o presente, o acaso teve um papel mais preponderante do que as luzes do espírito humano na realização dessas descobertas. Testes com animais, submetidos ao efeito de certas plantas, poderiam revelar propriedades úteis ao homem. Essas descobertas não seriam tão difíceis se houvesse elementos de uma Medicina Comparada, estabelecidos com base nos animais, considerados em estado saudável e em estado enfermo. Quantas novas propriedades não haveria a descobrir nas plantas, relativamente às artes, se os botânicos tivessem empregado com testes o tempo que perderam com a sua denominação!¹⁹³

¹⁹⁰ DAUBENTON, L., *Botânica*, p. 163.

¹⁹¹ Idem, *História Natural*, p. 220-221.

¹⁹² Ibidem, p. 221.

¹⁹³ Ibidem, p. 222.

Sendo a *Enciclopédia* um projeto inteiramente realizado sob a influência de Francis Bacon¹⁹⁴, poderíamos evocar também a utopia baconiana da Nova Atlântida, que dedica várias páginas a tratar dos diversos domínios de estudo da Casa de Salomão. Bacon explica a finalidade dessa instituição em uma única frase, trata-se de produzir “o conhecimento das causas e dos segredos dos movimentos das coisas e a ampliação dos limites do império humano para a realização de todas as coisas que forem possíveis”¹⁹⁵. Bacon, aliás, não tinha o mesmo horror ao cerimonial anatômico: “temos ainda parques e cercados de todos os tipos para animais e pássaros, que não servem somente pela beleza ou raridade, mas também para experimentos de dissecação, pelos quais procuramos esclarecer tudo que pode ser feito no corpo humano”¹⁹⁶. Segundo Cook, a utopia de Bacon é a distopia de Rousseau:

Rousseau não via seu estudo da botânica como uma contribuição para um sistema baconiano de gestão da natureza para remédios, alimentos, vestimentas, abrigo ou lucro; esse papel estava reservado à agricultura e à horticultura. Levado ao extremo lógico, essa agenda baconiana produz biotecnologia e organismos geneticamente modificados; o sonho de Sir Francis Bacon é o pesadelo de Rousseau.¹⁹⁷

Tanto em Francis Bacon quanto nos enciclopedistas, encontramos a mesma aposta na utilidade do conhecimento da natureza, entendido como modo mais seguro de garantir ao homem a segurança e o prazer necessários para uma

¹⁹⁴ Para uma análise da imbricação entre ciência e técnica em Bacon, cf. OLIVEIRA, B., *Francis Bacon e a fundamentação da ciência como tecnologia*. O autor mostra a importância que adquiriu, na Modernidade, o argumento do “conhece quem faz”. Tanto na tradição antiga quanto na tradição medieval, o saber técnico dos artífices era bastante desvalorizado pelos filósofos enquanto forma de conhecimento. A partir da Modernidade, conhecer passa a ser equivalente a saber fazer, a produzir, a criar. Na página 142, lemos: “O ‘conhecimento de quem faz’ é também um tema central na fundamentação da técnica como ciência, porque expressa tanto uma crítica ao conhecimento teórico que desconhece a prática e não resulta em obras quanto defende a prática (operativa ou construtiva) como forma de conhecimento válida, mesmo sem o domínio teórico absoluto das causas. Ou seja, ela tanto legitima ideologicamente a operação como conhecimento quanto transfere o critério epistemológico de verdade para o processo de produção”.

¹⁹⁵ BACON, F., *Nova Atlântida*, p. 262.

¹⁹⁶ Ibidem, p. 264.

¹⁹⁷ COOK, A., *Jean-Jacques Rousseau and Botany: the salutary science*, p. 23.

vida feliz¹⁹⁸. É o que transparece, por exemplo, nessas belas palavras de esperança de Daubenton:

Feliz do século em que as ciências tenham chegado a um ponto de perfeição tão elevado que cada uma das partes da História Natural tenha se tornado objeto de outras ciências que concorrem para o bem-estar dos homens!¹⁹⁹

Nos dias de hoje, diante do imenso potencial destrutivo das tecnociências, que sabemos intimamente ligadas a interesses financeiros, como sustentar honestamente que o avanço do conhecimento serve ao bem-estar dos homens? Roland Barthes dizia que Voltaire, jamais reconhecendo a existência da História e ao mesmo tempo tendo-a sempre a seu favor, foi o último escritor feliz. Depois de Voltaire, o escritor, o intelectual — e Rousseau teria sido o primeiro —, “tocado por uma responsabilidade que não poderá ser mais nem completamente honrada, nem completamente evitada (...) vai se definir por sua má consciência”²⁰⁰. Ora, levando em conta o modo como a ciência experimental vem se desenvolvendo desde a modernidade, podemos dizer que somente os cientistas continuam felizes²⁰¹, pois ainda lidam com os experimentos como se eles não tivessem relação com a vida comum.

¹⁹⁸ “Bacon considera a nova ciência mais válida, fecunda, útil e promissora do que os conhecimentos propostos pelas diversas tradições e escolas filosóficas, e nesse sentido mais verdadeira. Nela, entrevê, não a garantia, mas a grande possibilidade de salvação. Mais do que uma aspiração, o aumento do saber é uma aposta fundamental de sua filosofia” (OLIVEIRA, B., *Francis Bacon e a fundamentação da ciência como tecnologia*, p. 81).

¹⁹⁹ DAUBENTON, L., *História Natural*, p. 224.

²⁰⁰ BARTHES, R., *O último escritor feliz*, p. 5.

²⁰¹ Um contraponto: Lacan afirma que, mais recentemente, alguns cientistas começaram a se angustiar. “Há uma coisa que Freud não falou, porque era tabu para ele, a saber, a posição do cientista. É igualmente uma posição impossível, só que a ciência não faz ainda a menor ideia disso, e esta é a sua oportunidade. Somente agora os cientistas começam a ter crises de angústia (...) é divertido ver nestes últimos tempos alguns cientistas que trabalham em laboratórios seríssimos alarmarem-se de repente, ficarem com medo, o que significa ter um cagaço, e se dizerem: ‘suponham, depois de termos feito delas um instrumento sublime de destruição da vida, que um fulano liberte do laboratório todas essas pequenas bactérias com as quais fazemos coisas maravilhosas’. Isso ainda não foi feito. Não chegaram a esse ponto. Mas eles começam a ter uma pequena ideia de que seria possível fazer bactérias resistentes a tudo, que não pudessem mais ser detidas. Isso talvez limpasse a superfície do globo de todas essas coisas de merda, em particular humanas, que o habitam. E então sentiram-se de repente tomados por uma crise de responsabilidade. Embargaram certo número de pesquisas. Talvez essa ideia não seja tão má, talvez o que eles façam possa ser muito perigoso. Não acredito nisso. A animalidade é inquebrantável. Não serão as bactérias que nos livrarão de tudo isso. Mas por causa disso eles tiveram uma típica crise de angústia e uma espécie de interdição, pelo menos provisória, foi lançada” (LACAN, J., *O triunfo da religião*, p. 61-62).

Poderíamos argumentar que os autores modernos, diferentemente dos cientistas atuais, não tinham o afastamento temporal necessário para conseguir perceber o que séculos depois seria anunciado por Adorno e Horkheimer, a saber, que “a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal”²⁰²; poderíamos argumentar isso, não fosse a presença de Rousseau em meio a esse mesmo Iluminismo, esclarecendo o Esclarecimento, percebendo o vínculo estreito entre prosperidade material, desigualdade e exploração, e intuindo algo dessa calamidade vindoura.

1.6 Monstruosidade e desnaturação

Do Renascimento até o século XVIII, o monstruoso funcionou como signo de uma exceção ao ordenamento do mundo capaz de confirmar a regra do propósito divino e atestar a potência de Deus²⁰³. Esse caráter teológico vai sendo aos poucos abandonado. No século XVIII²⁰⁴, o monstro passa “a ser considerado parte do mundo natural”²⁰⁵, e daí em diante assistimos a uma progressiva laicização da teratologia. Rousseau foi sem dúvida um momento importante dessa dessacralização da cultura. Segundo Roberto Romano:

²⁰² ADORNO, T.; HORKHEIMER, M., *Dialética do esclarecimento*, p. 17.

²⁰³ Sigo aqui o resumo feito por Roberto Romano a partir do livro *Diderot et l'imagination*, de Robert Morin: “(...) até aquele tempo, a monstruosidade humana era figurada como aberração diante do ordenamento do mundo, cujas leis matemáticas refletiam a perfeição divina e seu caráter absoluto. Ela era um capricho da natureza, um milagre ou maldição, talvez um fenômeno diabólico; em todo caso, uma exceção que confirmava a regra, uma aberração que punha em relevo a integridade absoluta da lei natural. Ela se relaciona sobretudo com o fantástico, isto é, com um inquietante comportamento extranatural, uma falha no universo, que tinha servido à Idade Média e nas representações de um Bosch ou de um Brueghel para simbolizar o pecado e a presença satânica. O diabo, o transgressor da lei, apresenta-se por detrás da monstruosidade, e desafia a perfeição divina da estrutura do mundo” (MORIN, R. apud ROMANO, R., *Moral e ciência: a monstruosidade no século XVIII*, p. 38).

²⁰⁴ O tema da monstruosidade é importantíssimo no século XVIII. Dou aqui algumas indicações de leitura. Sobre o tema da monstruosidade no século XVIII, cf. TORT, P. *L'ordre et les monstres*; cf. também FOUCAULT, M., *Os anormais*. Sobre o tema da monstruosidade na *Enciclopédia*, cf. BARTHES, R. *As pranchas da Enciclopédia*; cf. também FISCHER, J.-L., *L'Encyclopédie présente-t-elle une pré-science des monstres?* Sobre o tema da monstruosidade em Diderot, cf. LAIDLAW, G., *Diderot's Teratology*. Sobre o tema da monstruosidade em Rousseau, Cf. REIS, C., *Rousseau entre monstros e quimeras*. Sobre o tema da monstruosidade no *Emílio*, cf. MALL, L., *Des monstres et d'un prodige: les commencements de l'Émile*.

²⁰⁵ COOK, A. Jean-Jacques Rousseau, “Terminator” and Telos in Nature, p. 310.

Tanto a geração da monstruosa sociedade moderna quanto a sua crítica por Rousseau são alheias aos valores cristãos e a uma teleologia que os acompanha. A teratologia mostra-se como experiência histórica, da qual as tentativas do educador, ou do legislador, são um antídoto.²⁰⁶

Sabemos que Rousseau rejeita integralmente a hipótese do pecado original: o desenrolar da história humana, com seus funestos acasos, é o único responsável pelas monstruosidades. A contrapartida é que também passa a ser de nossa inteira responsabilidade conseguirmos melhorar nossa situação social²⁰⁷. E, de fato, não encontraremos em sua obra qualquer impedimento sobrenatural, qualquer barreira ontologicamente intransponível no que se refere à possibilidade da regeneração social. Starobinski chega a afirmar que, para Rousseau, não há “espada flamejante que nos impeça o acesso do paraíso perdido”²⁰⁸.

Porém, a mesma abertura que dá ao homem um caráter bastante indeterminado, com o passar do tempo possibilitou que surgisse a propriedade privada e a desigualdade, paulatinamente corrompeu os costumes e os gostos mais simples, trouxe necessidades antes desconhecidas, e que doravante ele não saberá mais viver sem atender, produziu uma série de paixões fictícias, nefastas e indomáveis. Em suma, o desnaturou.

O que é tal como a natureza o fez é oferecido por ela, ao homem que ela formou, como o que mais lhe convém. Mas, à medida que o homem se afasta de seu estado natural suas necessidades multiplicam-se, seus gostos mudam, o império da opinião perturba toda a ordem do mundo, nada mais é bom para nós tal como é, é preciso que tudo tome novas formas para se curvar aos nossos caprichos e as nossas novas necessidades.²⁰⁹

No primeiro *Discurso*, Rousseau dizia ser “impossível refletir sobre os costumes sem deleitar-se com a lembrança da imagem de simplicidade dos primeiros tempos”, evocado pela cena da “bela orla, adornada pelas mãos da natureza”, onde os homens, virtuosos e inocentes, “moravam juntos sob as mesmas cabanas”²¹⁰. Mas tratar-se-ia apenas de uma lembrança: a história não

²⁰⁶ ROMANO, R., *Moral e ciência: a monstruosidade no século XVIII*, p. 47.

²⁰⁷ “Os limites do possível nas coisas morais são menos estreitos do que pensamos; são nossas fraquezas, nossos vícios, nossos preconceitos que os estreitam” (OC III, *Du contract social*, p. 425; trad. bras., p. 597)

²⁰⁸ STAROBINSKI, J., *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*, p. 24.

²⁰⁹ OC IV, *Manuscrit Favre*, p. 55.

²¹⁰ OC III, *Discours sur les sciences et les arts*, p. 22; trad. bras., p. 56.

anda para trás e Rousseau jamais acreditou em qualquer retorno à ordem da natureza. Sendo impossível voltar, uma vez avançado o processo de desnaturação só nos resta tentar terminá-lo da melhor forma possível²¹¹. Sob a orientação do preceptor, Emílio terá de se tornar o monstro do monstro.

O tema da desnaturação percorre por inteiro a obra de Rousseau, a começar pelo segundo *Discurso*, em que a própria atividade reflexiva²¹² faz do homem o animal depravado por excelência. Segundo Roberto Romano, “um aspecto visível da teratologia no século XVIII é a passagem do homem ao animal”²¹³. Ora, Rousseau acreditava que o homem tende a pensar mais do que é necessário²¹⁴, sendo o único animal capaz de cair abaixo da animalidade, o único “sujeito a tornar-se imbecil”²¹⁵. Eis aí um candidato interessante para representar a tal “excepcionalidade” humana com relação ao mundo animal de que tanto buscamos. Seja o que for que a defina melhor, deve ser inseparável de uma certa dose de loucura²¹⁶ e de deselegância metafísica.

²¹¹ “As boas instituições são as que melhor sabem desnaturar o homem” (OC IV, *Émile*, p. 249; trad. bras., p. 11).

²¹² “Para Rousseau, aliás, a vida afetiva e a vida intelectual se opõem da mesma maneira que a natureza e a cultura: estas se distanciam inteiramente ‘desde as puras sensações aos mais simples conhecimentos’. Isto é tão verdadeiro que encontramos às vezes o estado de natureza em oposição ao ‘estado de raciocínio’ e não ao estado de sociedade” (LÉVI-STRAUSS, C., *Totemismo hoje*, p. 104).

²¹³ ROMANO, R., *Moral e ciência: a monstrosidade no século XVIII*, p. 39.

²¹⁴ “(...) nos escritos de Rousseau pode-se ter o vislumbre de formas distintas de teratologia. A primeira segue a desnaturação do animal humano que se deprava na exata medida em que pensa” (ROMANO, R., *Moral e ciência: a monstrosidade no século XVIII*, p. 40).

²¹⁵ OC III, *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*, p. 142; trad. bras., p. 183.

²¹⁶ O livro *A sexta extinção*, de Elizabeth Kolbert, traz um capítulo chamado “o gene da loucura”. Svante Pääbo, biólogo sueco especializado em paleogenética, em conversa com a autora, diz ser difícil diferenciar os *Homo sapiens* dos Neandertais, mas sugere, ainda assim, um inquietante critério: esses últimos pararam de avançar assim que encontraram um obstáculo geológico significativo, ao passo que os primeiros, não. O que levou os *Homo sapiens* a se atirarem nos oceanos, durante vários anos, sem qualquer certeza de encontrar um novo pedaço de terra? “A partir de registros arqueológicos, pode-se inferir que os homens de Neandertal evoluíram na Europa ou no oeste asiático e de lá se dispersaram, parando onde encontravam água ou algum obstáculo significativo (...). Os seres humanos arcaicos, como o *Homo erectus*, ‘espalharam-se como muitos mamíferos no Velho Mundo’, disse Pääbo. ‘Eles nunca foram para Madagascar, nunca foram para a Austrália. Tampouco os homens de Neandertal. Foram os homens totalmente modernos que deram início a essas aventuras oceânicas, sem terras à vista. Em parte, isso se deve à tecnologia, é claro: é preciso ter embarcações para realizar essas viagens. Mas gosto de pensar que também há uma certa loucura envolvida. Entende? Quantas pessoas devem ter navegado e desaparecido no Pacífico antes de alguém encontrar a ilha de Páscoa? Quer dizer, é ridículo. E para quê? Pela glória? Imortalidade? Curiosidade? E agora vamos para Marte. Nós nunca paramos” (KOLBERT, E., *A sexta extinção*, p. 261).

O desnatural é uma terceira categoria, pois diz respeito a fenômenos que não são nem sobrenaturais e nem naturais. É o caso, segundo Rousseau, da realização de enxertos nos vegetais e da produção de flores dobradas²¹⁷. Nessas últimas, as flores apresentam um número de pétalas muito superior ao comum da espécie. Ficam mais belas, passando a ter uso na ornamentação, porém perdem os estames e frequentemente tornam-se estéreis. Na segunda carta sobre botânica, Rousseau recomenda que a Sra. Delessert não perca tempo com seu estudo:

Quando as encontrardes dobradas [os goivos e as julianas], não vos prendais em seu exame; elas estarão desfiguradas, ou, se preferis, adornadas à nossa moda, a natureza nelas não se encontrará mais: ela se recusa a se reproduzir através de monstros assim mutilados; pois, se a parte mais brilhante, a saber, a corola, ali se multiplica, é às custas de partes mais essenciais, que desaparecem sob esse brilho.²¹⁸

A enxertia, por sua vez, diz respeito à técnica humana milenar de unir duas plantas de espécies diferentes. A planta enxertada produzirá os frutos enquanto se beneficiará da maior adaptação ao solo, ao clima, às doenças e às pragas provindas da outra. Na sétima carta enviada à Sra. Delessert, ao comentar sobre os enxertos, Rousseau condensa os principais aspectos de sua reflexão sobre os modos de intervenção do homem na natureza:

O homem desnaturou muitas coisas para melhor convertê-las a seu uso, nisso ele não tem qualquer culpa; mas não é menos verdadeiro que frequentemente ele as desfigurou, e que quando nas obras de suas mãos ele acredita estudar realmente a natureza, ele se engana. Esse erro ocorre sobretudo na sociedade civil, ele ocorre mesmo nos jardins.²¹⁹

Rousseau foi um grande leitor de Buffon, que tornara-se referência incontornável em seu tempo pelos vários volumes de sua *História Natural*. Uma das lições mais importantes que ele absorveu dessa leitura é a de que o homem não tem culpa em desnaturar a natureza, pois a perfectibilidade e a liberdade lhe

²¹⁷ “Rousseau insistiu que os monstros vegetais não são de origem natural nem mesmo sobrenatural; antes, os monstros são totalmente antinaturais, produtos de uma vã violação *humana* do *telos* natural do organismo; os cultivadores de plantas vistosas desejavam ser conhecidos, elogiados e admirados pelos seus jardins. A crítica de Rousseau à flor estéril deriva da sua visão de que a criatividade humana surge da vaidade: a monstruosidade hortícola agrada aos olhos, mas não pode reproduzir a vida” (COOK, A., *Jean-Jacques Rousseau, "Terminator" and Telos in Nature*, p. 310).

²¹⁸ OC IV, *Lettres sur la botanique*, p. 1156.

²¹⁹ OC IV, *Lettres sur la botanique*, p. 1188.

são naturais. Em suma, é natural ao homem desnaturar: é a própria natureza que “não se contenta em torná-los [plantas e animais] úteis para nós de acordo com os seus pontos de vista, coloca-nos em condições de aumentar essa utilidade de acordo com os nossos”²²⁰.

Buffon não fala em perfectibilidade, mas, para ele, o homem é por excelência um animal da técnica²²¹. O texto *Das épocas da Natureza*, que classifica seu próprio tempo como a sétima e última das épocas, não esconde que o grande naturalista do Setecentos vê no aparecimento do homem um fato decisivo. Já em seu título, lemos: “Sétima época: quando a potência do homem vem acrescentar-se à da Natureza”²²². Ao percorrermos essa história conjectural, aprendemos que desde os primeiros momentos de seu surgimento o homem produz ferramentas que transformam a face da terra a seu favor, e que, passado algum tempo, ele se tornará uma verdadeira potência, capaz de somar-se à potência da própria natureza²²³.

Vale lembrar que o *Emílio* inicia-se com a famosa passagem acerca da capacidade humana de desnaturação e a possibilidade sempre presente de sua arte produzir monstruosidades:

Tudo está bem ao sair das mãos do autor das coisas, tudo degenera nas mãos dos homens. Ele força uma terra a sustentar as produções de outra, uma árvore a carregar os frutos de outra. Mistura e confunde os climas, os elementos, as estações. Mutila seu cão, seu cavalo, seu escravo. Bagunça tudo, desfigura tudo, ama a deformidade, os monstros.²²⁴

²²⁰ OC IV, *Manuscrit Favre*, p. 56.

²²¹ “para Buffon, a espiritualidade do homem reside em seu entendimento; para Rousseau, consiste essencialmente na liberdade. Como quer que seja, quando Rousseau afirma que a ‘perfectibilidade’ é o apanágio do homem, encontra leitores que a leitura de Buffon advertiu suficientemente para que esse neologismo não os surpreenda” (STAROBINSKI, J., *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*, p. 440).

²²² BUFFON, *Das épocas da natureza*, p. 122.

²²³ “Com sua inteligência, subjugou, domou e reduziu os animais à obediência; com seus trabalhos, drenou pântanos, canalizou rios, suprimiu quedas d’água, derrubou florestas, arou o solo; com sua reflexão, contou o tempo, mediu o espaço, identificou, combinou e representou os movimentos celestes, comparou o Céu e a Terra, expandiu o Universo, adorou o Criador, como convém; munido de uma arte oriunda da ciência, atravessou os mares, cruzou montanhas, aproximou os povos, descobriu um novo mundo, apoderou-se de mil outras terras distantes e isoladas. Em suma, a face inteira da Terra traz hoje a marca da potência humana, que, embora subordinada à da Natureza, não raro faz mais do que ela, ou ao menos a auxilia de maneira tão maravilhosa que, graças às nossas mãos, ela veio a se desenvolver em toda a sua plenitude, atingindo gradualmente o ponto de perfeição e magnificência em que hoje a encontramos” (BUFFON, *Das épocas da natureza*, p. 129).

²²⁴ OC IV, *Emile*, p. 245; trad. bras., p. 7.

É provável que o começo de *Emílio* seja a resposta de Rousseau à *Nova Atlântida*, de Bacon, em que a potencialidade técnica própria ao homem é descrita nos termos sempre positivos da promessa:

Nesses mesmos jardins e pomares fazemos artificialmente plantas e flores antes ou depois da estação própria, bem como fazemos crescer mais rapidamente que no curso normal. Ainda por meios artificiais, tornamo-las maiores que o normal e tornamos os frutos maiores e mais doces e diferentes, no gosto, no aroma, na cor e forma do produto natural. Também temos meios de fazer nascer diversas plantas sem sementes, tão somente pela mistura de terras e, igualmente, de criar diversas plantas novas, diferentes das comuns, e, ainda, de transformar árvores e plantas em uma espécie diferente.²²⁵

A questão, tanto para Rousseau quanto para Buffon, é que nada garante que essa desnaturação técnica da natureza, possibilitada pelo entendimento²²⁶, não produza deformações. Uma segunda lição buffoniana diz respeito à degeneração. Para ambos os autores a natureza é fixa, havendo apenas a possibilidade dos seres degenerarem pela diferença entre os climas e, sobretudo, por consequência da arte humana. Assim, Rousseau aprendeu, lendo os verbetes da *História Natural*, que a domesticação dos animais pelo homem equivale a um processo político de escravização²²⁷. Para Buffon, o cavalo doméstico é apenas uma sombra pálida do cavalo selvagem. Ao serem domesticados, os animais perderiam suas características mais nobres e mais distintas, e até mesmo o amor pela liberdade. O que antes era um ser altivo e livre dá lugar a um ser dócil e servil, capaz de trabalhar para o homem mesmo constantemente humilhado e maltratado.²²⁸

Ora, encontramos na sétima carta à Sra. Delessert esse mesmo raciocínio, mas aplicado às plantas, mais especificamente às árvores frutíferas, que seriam

²²⁵ BACON, F., *Nova Atlântida*, p. 264.

²²⁶ “Deus, única fonte de toda luz e inteligência, rege o Universo e as espécies inteiras com uma potência infinita. O homem, que não tem mais do que um raio dessa inteligência, tem apenas uma potência limitada a pequenas porções da matéria, e não é mestre senão dos indivíduos. Portanto, é pelos talentos do espírito, e não pela força e por outras qualidades da matéria, que o homem soube subjugar os animais” (BUFFON, *História Natural*, p. 517).

²²⁷ “O homem modifica o estado natural dos animais, forçando-os a lhe obedecer e fazendo que sirvam ao seu uso. Um animal doméstico é um escravo, com o qual o homem se diverte, do qual ele usa e abusa, que ele adultera, expatria e desnatura, ao passo que o animal selvagem, obediente apenas à Natureza, não conhece outras leis além daquelas da necessidade e da liberdade” (BUFFON, *História Natural*, p. 515).

²²⁸ Esse é o caso, por exemplo, do cavalo e do asno. Cf. BUFFON, *História Natural*, p. 518-591.

“infinitamente maiores e mais vigorosas” na natureza se comparadas às que crescem em pomares:

Assim, para conhecer a pêra e a maçã da natureza, é preciso procurá-las não nos pomares, mas nas florestas. A polpa não é tão grande e nem tão suculenta nelas, mas as sementes amadurecem melhor, se multiplicam mais, e as árvores são infinitamente maiores e mais vigorosas.²²⁹

Segundo Starobinski, Rousseau coloca em um mesmo plano a domesticação do homem pelo homem e a transformação a que o homem submete plantas e animais²³⁰. De fato, o segundo *Discurso* não hesita em comparar a situação do cavalo doméstico com a situação histórica do homem: ambos se acostumaram com seus grilhões e com as esporas de seus senhores e já não conseguem mais reencontrar o gosto pela liberdade²³¹. Tal como no cavalo doméstico de Buffon, tratar-se-ia também para o homem de um caminho sem volta²³².

Ora, o que não encontraremos quase nunca em Buffon é o pessimismo histórico de Rousseau²³³. Para esse último, “a reflexão é um poder ambíguo que aperfeiçoa o homem alienando-o”²³⁴, ao passo que, para o primeiro, “o conhecimento racional, as técnicas que dele decorrem, educam e corrigem a natureza para o bem da humanidade, permitindo assim ao homem

²²⁹ OC IV, *Lettres sur la botanique*, p. 1188.

²³⁰ STAROBINSKI, J., *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*, p. 441.

²³¹ “O cavalo, o gato, o touro, o próprio asno têm, em sua maioria, uma estatura maior, uma constituição mais robusta, mais vigor, força e coragem nas florestas do que em nossas casas. Perdem a metade dessas vantagens tornando-se domésticos, e poder-se-ia dizer que todos os nossos cuidados em tratar bem e alimentar esses animais resultam na degeneração deles. O mesmo vale para o próprio homem: fazendo-se sociável e escravo, torna-se fraco, medroso, servil, e seu modo de vida, frouxo e efeminado, termina por minar a um só tempo sua força e sua coragem” (OC III, *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*, p. 139; trad. bras., p. 179). Ou ainda: “Como um corcel indômito que eriça a crina, escarva o chão e se debate impetuosamente à simples aproximação do freio, enquanto um cavalo domado suporta pacientemente o chicote e a espora, o homem bárbaro não abaixa a cabeça ao jugo que o homem civilizado carrega sem se lamentar, e à sujeição tranquila prefere a mais tempestuosa liberdade” (OC III, *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*, p. 181; trad. bras., p. 228).

²³² “Uma vez acostumados a ter senhores, os povos não conseguem mais viver sem eles” (OC III, *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*, p. 113; trad. bras., p. 150).

²³³ “O quadro da infelicidade do homem civilizado que encontramos no *Discurso sobre a natureza dos animais* está pouco de acordo com a alegre satisfação que Buffon, no resto de sua obra, manifesta todas as vezes em que evoca a dominação do homem sobre a natureza; esse atestado de nossas misérias ilustra melhor o pessimismo histórico de Rousseau que o otimismo racionalista de Buffon” (STAROBINSKI, J., *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*, p. 446).

²³⁴ STAROBINSKI, J., *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*, p. 446.

aperfeiçoar-se”²³⁵. Esse tom empolgado transparece em diversos momentos dos textos de Buffon. Podemos sentir a diferença com relação ao tom de Rousseau ao lermos sua reflexão sobre o enxerto nos vegetais:

É verdade, muitas dessas belas novas espécies são oriundas de primitivas; mas quantas vezes o homem não teve de testar a Natureza, para obter espécies excelentes? Quantos milhares de germes não teve de confiar à Terra, para que enfim brotassem? Semeando, crescendo, cultivando e colhendo um número quase infinito de vegetais da mesma espécie pôde-se enfim identificar alguns indivíduos, portadores de frutos superiores e mais doces. Mas essa descoberta inicial, que pressupõe já tantos cuidados, teria permanecido estéril, não fosse por uma ulterior, que pressupõe tanto gênio quanto a outra exigia paciência: o meio de multiplicar, pelo enxerto, os indivíduos seletos, que infelizmente são incapazes de fundar por si mesmos uma linhagem à sua altura e propagar as excelentes qualidades de que são dotados.²³⁶

No fim, Buffon não pode senão conceber a domesticação — e a consequente degeneração dos animais e plantas — como sendo um processo legítimo, ao mesmo tempo sinal da inteligência divina em nós e consequência natural da superioridade do espírito sobre a matéria. Em Rousseau, a concepção de uma arte que produz monstruosidades vem alinhar-se perfeitamente bem com a visão de que o homem “escraviza tanto os homens quanto a natureza por motivos de ganância e vaidade”²³⁷.

Assim, é preciso atentar para um detalhe importante da sétima carta à Sra. Delessert, a saber, o momento em que Rousseau afirma haver dois lugares principais da desfiguração da natureza: a sociedade civil e os jardins. A sociedade civil é aquela fundada pela propriedade privada, pelo primeiro impostor que cercou um terreno e “arriscou-se a dizer: *isto é meu*”²³⁸; é a sociedade que nasce da invenção das “horríveis palavras *teu e meu*”²³⁹. O que será plantado nessas terras não terá mais qualquer sentido comunal, a natureza ali deverá tornar-se lucro ou exibição.

²³⁵ Ibidem, p. 441.

²³⁶ BUFFON, *Das épocas da natureza*, p. 137.

²³⁷ COOK, A., *Jean-Jacques Rousseau and Exotic Botany*, p. 182.

²³⁸ OC III, *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*, p. 122; trad. bras., p. 206.

²³⁹ OC III, *Dernière réponse de J.-J. Rousseau, de Genève*, p. 80; trad. bras., p. 115.

A reflexão sobre os jardins é recorrente nas cartas sobre botânica, especialmente na correspondência com a Duquesa de Portland, onde reaparece o tema da desfiguração:

Os vegetais em nossos bosques e em nossas montanhas estão ainda tais como saíram originariamente de suas mãos [das mãos de Deus], e é lá que amo estudar a natureza, pois confesso-vos que não sinto o mesmo encanto ao herborizar em um jardim. Acho que neles a natureza não é mais a mesma: ela tem mais brilho, mas não é tão tocante. Os homens dizem que eles a embelezam, e eu acho que eles a desfiguram.²⁴⁰

O jardim é um espaço racionalmente organizado pelo homem, seja por motivos estéticos e de lazer, seja para o estudo das plantas²⁴¹. A crítica de Rousseau aos jardins incide sobretudo em sua relação com as plantas exóticas e com o processo de naturalização, isto é, a “transplantação de espécies de seu clima indígena para outro”²⁴². Esse fenômeno sem dúvida perdeu-se na noite dos tempos, mas encontrou um capítulo importante na história do imperialismo Europeu. Foi o caso, por exemplo, da cana-de-açúcar. Originária da Índia, a cana veio parar em nosso continente, possibilitando à Europa a desejada comercialização do açúcar.

Em que capítulo estamos de nossa tendência teratológica? Ninguém sabe ao certo; mas parece que o ciclo cada vez mais acelerado de reprodução do capital ultrapassou definitivamente os lentos ciclos da natureza, que vem se tornando mais e mais obsoleta a cada dia que passa. Atualmente, boa parte de nossas sementes, transformadas em *commodities*, são geneticamente modificadas para o aumento da produtividade. A modificação genética torna as sementes mais resistentes às pragas e às doenças, e possibilita que sejam produzidas em outros climas e em outras estações. Os avanços no campo da química nos trouxeram também os fertilizantes e os agrotóxicos. Os fertilizantes inorgânicos estão entre as invenções mais determinantes da modernidade, pois foi o que possibilitou o vertiginoso aumento populacional que vimos no século passado: “a população

²⁴⁰ CG XVI, p. 293.

²⁴¹ Os textos sobre botânica apresentam uma visão dos jardins diferente daquela apresentada por Júlia, em *A Nova Heloisa*. O jardim criado por Julia é um produto híbrido de natureza e artifício, pois ela diz que a natureza fez tudo, mas sempre sob sua direção (OC II, *La Nouvelle Héloïse*, p. 472; trad. bras., p. 410).

²⁴² COOK, A., *Jean-Jacques Rousseau and Exotic Botany*, p. 182.

mundial não poderia ter crescido de 1,6 bilhão em 1900 para os atuais seis bilhões sem o processo Haber-Bosch”²⁴³.

O livro de Elizabeth Kolbert, *A sexta extinção: uma história não natural*, traz em seu subtítulo a referência ao *unnatural*. A sexta extinção é *unnatural*, pois “nenhuma criatura alterou a vida no planeta dessa forma”²⁴⁴. As outras cinco grandes extinções foram causadas por fenômenos biogeoquímicos²⁴⁵. Ao que tudo indica, a sexta extinção é consequência direta da capacidade humana de alterar o mundo natural; capacidade essa que é certamente intrínseca ao homem, mas que foi potencializada pela concatenação de eventos — em mais um desses funestos acasos rousseauianos — que culminou na sociedade capitalista e industrial moderna:

Essa capacidade é anterior à modernidade, embora, claro, a modernidade seja sua expressão mais completa. Na verdade, essa capacidade é provavelmente indistinguível das qualidades que fizeram de nós humanos, para começo de conversa: a inquietação, a criatividade, a capacidade de cooperar para resolver problemas e concluir tarefas complicadas. Assim que os seres humanos começaram a usar sinais e símbolos para representar o mundo natural, extrapolaram os limites desse mundo.²⁴⁶

Elizabeth Kolbert aborda uma série de pesquisas científicas em seu livro, na tentativa de descobrir alguns dos efeitos da atuação de uma espécie que não é particularmente ágil ou forte, mas que é dotada de “uma engenhosidade singular”²⁴⁷ e de uma estranha vocação planetária. Em suas linhas, entrevemos que

²⁴³ SMIL, V., *Detonator of the population explosion*, p. 415. Lévi-Strauss menciona a explosão populacional em uma entrevista, ressaltando o curto espaço de tempo em que ela ocorreu: “A São Paulo dos anos trinta tinha uma população de menos de um milhão de habitantes (...). Não ousaria dizer se é para melhor ou para pior. Ainda que, enfim, no final da minha vida, algo me assombra. Quando entrei na vida ativa, ao término dos meus estudos, nos arredores de 1930, viviam dois bilhões de homens sobre a terra. Agora, no fim da minha vida, existem seis bilhões. Este parece-me ser o fenômeno que dá conta de todo o resto. É este, no fundo, o único problema que temos a entrever — dele decorre todo o resto (...). E que isso tenha se produzido no prazo de uma vida humana...” (LÉVI-STRAUSS, C., *Entrevista de Claude Lévi-Strauss*, p. 139-140).

²⁴⁴ KOLBERT, E., *A sexta extinção*, p. 11.

²⁴⁵ “Até onde podemos identificar as causas dessas revoluções, da para ver que são bastante variadas: glaciação, no caso da extinção no fim do Ordoviciano; aquecimento global e mudanças na química dos oceanos no fim do Permiano; o impacto de um asteroide nos derradeiros segundos do Cretáceo. A extinção em curso tem sua própria causa original — não é um asteroide ou uma erupção vulcânica maciça, mas ‘uma espécie daninha’. Como me disse Walter Alvarez, ‘estamos observando, neste mesmo instante, que uma extinção em massa pode ser causada pelos seres humanos’” (Ibidem, p. 276).

²⁴⁶ Idem.

²⁴⁷ Ibidem, p. 9.

essa espécie tem a infelicidade de agregar um grande potencial de alteração do mundo natural com a incapacidade congênita de imaginar o que faz.

Capítulo 2

2.1 A tradição espiritual

Rousseau via a botânica como um estudo em que a produção do conhecimento e a transformação da subjetividade encontravam-se imbricados. Essa imbricação tem uma longa história e também um nome: espiritualidade. Assim, a botânica rousseauiana pode ser compreendida como um exercício espiritual, para usarmos o termo de Pierre Hadot, ou como uma técnica de si/prática de si, se optarmos pelas terminologias de preferência de Michel Foucault. Ela ressoa na longa tradição nomeada por Foucault, a partir de seus estudos da antiguidade greco-romana, bem como da obra de Hadot, de cuidado de si.

A espiritualidade, usualmente associada às religiões, mas que na Antiguidade apareceu no interior da filosofia²⁴⁸, diz respeito a uma outra experiência de sujeito, distinta do sujeito moderno que é *a priori* capaz de verdade. Na tradição da espiritualidade o sujeito se constitui por meio das ações que realiza sobre si próprio e que, na medida mesmo que o qualificam como sujeito, culminam em mudanças em seu modo de viver e de ver o mundo. O sujeito assim entendido não é uma substância e nem uma estrutura transcendental: a verdade só lhe é dada ao preço de sua própria transformação. No curso *Hermenêutica do sujeito*, Foucault diferencia “filosofia” de “espiritualidade”:

Chamemos “filosofia” a forma de pensamento que se interroga sobre o que permite ao sujeito ter acesso à verdade, forma de pensamento que tenta determinar as condições e os limites do acesso do sujeito à verdade. Pois bem, se a isso chamamos “filosofia”, creio que poderíamos chamar de “espiritualidade” o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as asceses, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações da existência, etc., que

²⁴⁸ “Quando falo de espiritualidade, não falo de religião, ou seja, é necessário distinguir muito bem espiritualidade e religião (...). A espiritualidade é algo que você pode encontrar na religião, mas também fora dela; você a encontra no budismo, religião sem teologia, nos monoteísmos, mas também na civilização grega. Portanto, a espiritualidade não está necessariamente relacionada à religião, embora a maioria das religiões tenha uma dimensão de espiritualidade” (FOUCAULT, M., *O enigma da revolta*, p 20).

constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade.²⁴⁹

A expressão *cuidado de si* (em francês, *Souci de Soi*) é apenas a tradução aproximada da expressão grega *Epiméleia Heautoû* (e de seu equivalente latino, *Cura sui*), muito importante e muito frequente nos textos greco-romanos. Foucault acreditava que a filosofia antiga possuía um caráter marcadamente prático, traduzindo-se em uma série de exercícios através dos quais o filósofo trabalhava a si próprio continuamente. As mais variadas práticas constituíam-se como técnicas de si, pois

esse tempo não é vazio: ele é povoado por exercícios, por tarefas práticas, atividades diversas (...). Existem os cuidados com o corpo, os regimes de saúde, os exercícios físicos sem excessos, a satisfação, tão medida quanto possível, das necessidades. Existem as meditações, as leituras, as anotações que se toma sobre livros ou conversações ouvidas, e que mais tarde serão relidas, a rememoração das verdades que já se sabe mas de que convém apropriar-se ainda melhor.²⁵⁰

Na cultura ocidental, o momento de maior brilho desse retorno a si promovido pelas práticas de si ocorreu no interior do período helênico, em que as várias escolas filosóficas estavam abertas à formação daqueles dispostos a transformar sua vida para viver segundo preceitos filosóficos. Mas Foucault aponta que essa tradição teria se iniciado com Sócrates, bem antes do período helênico, de modo que teríamos primeiramente um *momento socrático* e posteriormente um *momento helenístico* do cuidado de si, com semelhanças e diferenças entre eles. Na modernidade, Foucault nos fala de um terceiro momento, que ele nomeia de *momento cartesiano*, mas que agora é de derrocada quase definitiva dessa tradição milenar²⁵¹. Não se trata de localizá-lo exclusivamente na figura de Descartes, de “situar em uma data, individualizá-lo em torno de uma pessoa”²⁵², mas de entender a filosofia de Descartes como um marco. Trata-se do

²⁴⁹ FOUCAULT, M., *Hermenêutica do sujeito*, p. 15.

²⁵⁰ FOUCAULT, M., *História da sexualidade III: O cuidado de si*, p. 56.

²⁵¹ Foucault chega a afirmar que a modernidade teria visto algumas tentativas de reconstruir uma ética e uma estética do si, mas nada que tenha chegado perto do que ocorreu durante o período helênico: “O tema do retorno a si foi sem dúvida, a partir do século XVI, um tema recorrente da cultura ‘moderna’. Porém, penso também que não podemos deixar de nos aperceber que esse tema, no fundo, foi reconstituído - por fragmentos, por migalhas — em sucessivas tentativas que jamais se organizaram de modo tão global e contínuo quanto na Antiguidade helenística e romana” (FOUCAULT, M., *Hermenêutica do sujeito*, p. 224).

²⁵² FOUCAULT, M., *Hermenêutica do sujeito*, p. 25.

momento em que o sujeito não precisa mais se transformar para acessar a verdade, bastando

que o sujeito seja o que ele é para ter, pelo conhecimento, um acesso à verdade que lhe é aberto pela sua própria estrutura de sujeito. Parece-me então ser isso que, de maneira muito clara, encontramos em Descartes, a que se junta, em Kant, se quisermos, a virada suplementar que consiste em dizer: o que não somos capazes de conhecer é constitutivo, precisamente, da própria estrutura do sujeito cognoscente, fazendo com que não o possamos conhecer.²⁵³

Na filosofia antiga, a verdade *produzia* o sujeito que, portanto, não existia antes dela. O sujeito passa a existir no momento em que exercita a si próprio, em que trabalha a si próprio, em que encaminha a constituição de seu “si” em uma direção determinada. Na filosofia moderna, o sujeito possui as condições *apriorísticas* de todo conhecimento possível e a verdade é a adequação das representações com o mundo. A subjetividade do cientista, o que o levou a realizar tal pesquisa, deixa de ser relevante para o progresso dos conhecimentos. Uma das consequências disso é que nada daquilo que será pesquisado por ele pode retornar como sendo algo que implique seu ser. A verdade assim adquirida não será capaz de salvar o sujeito:

O conhecimento se abrirá simplesmente para a dimensão indefinida de um progresso cujo fim não se conhece e cujo benefício só será convertido, no curso da história, em acúmulo instituído de conhecimentos ou em benefícios psicológicos ou sociais que, no fim das contas, é tudo o que se consegue da verdade quando foi tão difícil buscá-la. Tal como doravante ela é, a verdade não será capaz de salvar o sujeito.²⁵⁴

Também Pierre Hadot enfatiza a diferença marcante entre a filosofia antiga e a filosofia moderna no que se refere ao privilégio dado ao âmbito da prática. Para Hadot, o que caracteriza a filosofia antiga é a impossibilidade de separá-la do modo de vida do filósofo, pois tratava-se sempre e primeiramente de um exercício de sabedoria, de uma terapêutica da alma, de uma transformação do sujeito: “filosofia é conversão, transformação da maneira de ser e da maneira de viver, busca da sabedoria”²⁵⁵. Em várias passagens da obra de Hadot podemos

²⁵³ Ibidem, p. 172.

²⁵⁴ Ibidem, p. 19.

²⁵⁵ HADOT, P., *Exercícios espirituais e filosofia antiga*, p. 274.

depreender essa mesma leitura: “o essencial da filosofia não é mais o discurso, mas a vida, mas a ação. Toda a antiguidade reconheceu que Sócrates foi filósofo, mais por sua vida e por sua morte, do que por seus discursos”²⁵⁶. Ou ainda: “A filosofia antiga, portanto, não é jamais a edificação de um sistema abstrato, mas aparece como um apelo à conversão por meio da qual o homem reencontrará sua natureza original”²⁵⁷. Se atualmente só consideramos como filósofo aquele que escreve, que produz ideias, Hadot nos mostra que na antiguidade qualquer um que vivesse segundo os preceitos de uma escola filosófica poderia ser considerado filósofo: “não somente Crisipo ou Epicuro são considerados filósofos porque desenvolveram um discurso filosófico, mas também todo homem que vive segundo os preceitos de Crisipo e Epicuro (...) ainda que nada tenha escrito, nem nada ensinado”²⁵⁸.

Pierre Hadot escolhe o termo “exercícios espirituais” para se referir ao conjunto de práticas que constituía a filosofia antiga após uma longa reflexão:

A expressão desconcerta um pouco o leitor contemporâneo. Primeiramente, não é mais de muito bom tom, hoje, empregar a palavra “espiritual”. É preciso, porém, resignar-se a empregar esse termo, porque os outros adjetivos ou qualificativos possíveis: “psíquico”, “moral”, “ético”, “intelectual”, “de pensamento”, “da alma” não recobrem todos os aspectos da realidade que queremos descrever. Poder-se-ia falar, evidentemente, de exercícios de pensamento, pois, nesses exercícios, o pensamento é tomado, de algum modo, como matéria e busca modificar a si mesmo. A palavra “pensamento”, porém, não indica de maneira suficientemente clara que a imaginação e a sensibilidade intervêm de uma maneira muito importante nesses exercícios. Pelas mesmas razões, não é possível se contentar com “exercícios intelectuais”, ainda que os aspectos intelectuais (definição, divisão, raciocínio, leitura, pesquisa, amplificação retórica) desempenhem um grande papel. “Exercícios éticos” seria uma expressão bastante sedutora, pois, como veremos, os exercícios em questão contribuem poderosamente para a terapêutica das paixões e se relacionam à conduta de vida. Todavia, seria, mais uma vez, uma visão demasiado limitada. De fato, esses exercícios correspondem a uma transformação da visão de mundo e a uma metamorfose da personalidade. A palavra ‘espiritual’ permite entender bem que esses exercícios são obra não somente do pensamento, mas de todo o psiquismo do indivíduo e, sobretudo, ela revela as verdadeiras dimensões desses exercícios:

²⁵⁶ Ibidem, p. 330.

²⁵⁷ Ibidem, p. 206.

²⁵⁸ Ibidem, p. 270.

graças a eles, o indivíduo se eleva à vida do Espírito objetivo, isto é, recoloca-se na perspectiva do Todo.²⁵⁹

Hadot acreditava que Foucault não havia ressaltado “o suficiente a dimensão de pertencimento ao Todo cósmico, nem a tomada de consciência do pertencimento à comunidade humana”²⁶⁰ em suas análises da Antiguidade. Encontramos em Hadot uma leitura mais transcendente e em Foucault uma leitura mais imanente do mesmo fenômeno²⁶¹.

Foucault se interessava pelo caráter agonístico da espiritualidade. Em sua leitura do estoicismo, por exemplo, destacou a noção senequiana de desaprendizagem: como desligar-se de certos valores do mundo, de certas aprendizagens que não servem bem ao cuidado que se quer ter consigo²⁶². Enfatizou também a noção senequiana de fuga (*pheúgein*), que denota a ruptura do eu com o que o cerca: “é em torno do eu, para que ele já não seja escravo, dependente e cerceado, que se deve operar essa ruptura”²⁶³. Em suma, Foucault desejava encontrar uma compreensão de sujeito em que este trabalha a si próprio numa relação de tensão com as normas sociais e familiares, de modo a produzir uma existência única.

Hadot, por sua vez, acreditava que há “atitudes universais e fundamentais do ser humano quando ele busca a sabedoria”²⁶⁴. Segundo ele, cada um de nós, ao refazer a experiência da vida, encontra-se com as mesmas questões existenciais (a morte, a busca pela felicidade, a vida em comunidade etc.) e, logo, com um número limitado de respostas:

Sempre apreciei muito aquela máxima de Vauvenargues: ‘um livro bem novo e bem original seria aquele que fizesse amar as velhas verdades’. Essas velhas verdades são aquelas que reaparecem em todas as épocas — em nossa época também —, não só porque foram tão intensamente vividas no passado que continuam a marcar nosso inconsciente, mas também porque renascem sempre à medida que as gerações refazem a experiência da vida. Essas atitudes espirituais

²⁵⁹ Ibidem, p. 20.

²⁶⁰ HADOT, P., *A filosofia como maneira de viver*, p. 171.

²⁶¹ Para uma análise detalhada das diferenças entre Hadot e Foucault, cf. STEPHAN, C., *O si mesmo, os outros e o mundo*.

²⁶² FOUCAULT, M., *Hermenêutica do sujeito*, p. 87.

²⁶³ Ibidem, p. 191.

²⁶⁴ HADOT, P., *Exercícios espirituais e filosofia antiga*, p. 341.

fundamentais são, na realidade, temas de meditações que dominaram a história do pensamento ocidental.²⁶⁵

Assim, epicurismo, estoicismo, platonismo, pirronismo etc., são discursos diferentes, mas que conduzem a resultados práticos parecidos. Hadot estava interessado em encontrar uma compreensão de sujeito em que este trabalha a si próprio de modo a liberar-se do egoísmo e da perspectiva individualista — o que lhe franquearia a abertura para uma perspectiva mais alargada de pertencimento a um Todo e lhe possibilitaria viver segundo os preceitos da razão universal. A diferença com relação a Foucault é patente e notória.

Acredito que a interpretação de Hadot aplica-se melhor à botânica de Rousseau de modo geral, pois nela encontramos sem dificuldade os dois principais universais hadotianos: o controle das paixões pela moderação do amor-próprio e a imersão do sujeito na Natureza. Porém, não se pode desconsiderar que há também na espiritualidade rousseauiana uma necessidade de separação radical do sujeito com relação à subjetividade de sua época. São esses dois pontos que veremos a seguir.

2.2 Um exercício para despistar as paixões

É certo que Rousseau via na botânica uma terapia para a alma²⁶⁶. Para usarmos a expressão precisa de Alexandra Cook, ela funcionava, paradoxalmente, como uma “paixão contra as paixões”²⁶⁷. A primeira carta à Sra. Delessert determina o sentido geral do estudo da botânica como ligado ao controle das paixões:

em qualquer idade, o estudo da natureza atenua o gosto por divertimentos frívolos, evita o tumulto das paixões, e nutre a alma com um alimento que a beneficia, preenchendo-a com o objeto mais digno de suas contemplações.²⁶⁸

²⁶⁵ Idem, *A filosofia como maneira de viver*, p. 203.

²⁶⁶ “Se o estudo das plantas me purga a alma, isso me basta, não quero nenhuma outra farmácia” (OC IV, *Fragments de botanique*, p. 1251).

²⁶⁷ COOK, A., *La botanique, une passion contre les passions*.

²⁶⁸ OC IV, *Lettres sur la botanique*, p. 1151.

Em Rousseau, como na maior parte dos pensadores iluministas, as paixões governam os homens com um império absoluto. Em carta a Mirabeau, Rousseau diz que “quase todos os homens conhecem seus verdadeiros interesses e não os seguem melhor apesar disso”, e conclui com o questionamento: “de que serve a razão nos esclarecer quando a paixão nos conduz?”²⁶⁹. Lembremos que, no final do primeiro *Discurso*, o autor já afirmava que a virtude só pode ser escutada no silêncio das paixões:

Oh, virtude! Ciência sublime das almas simples, seria preciso tanto esforço e tantos aparelhos para te conhecer? Teus princípios não estão gravados em todos os corações, e não seria suficiente, para aprender tuas leis, voltar-se a si mesmo e escutar a voz da consciência no silêncio das paixões?²⁷⁰

Sua aposta é que as paixões, uma vez calmas, não degeneram em vícios.²⁷¹ Mas, afinal, o que devemos entender por “paixão”? Em Rousseau, as paixões circunscrevem o campo amplo que inclui todas as formas da vaidade social, as consequências da transformação profunda que o olhar do outro implica nas relações humanas. No quarto livro de *Emílio*, Rousseau afirma que o *amor de si* é a única paixão natural, de onde todas as outras derivam.²⁷² Trata-se da vontade de conservação presente nos seres vivos, da paixão salutar da vida por sua própria existência. O amor de si, em sua origem, é moralmente neutro. O amor-próprio, por sua vez, deriva de uma transformação do amor de si a partir das relações sociais, apresentando-se como um amor de si inflado, que vai muito além do mero desejo de se conservar. O paradoxo do amor-próprio está bem descrito em *Emílio*:

O amor de si, que só diz respeito a nós, fica contente quando nossas verdadeiras necessidades são satisfeitas; mas o amor-próprio, que se compara, nunca está contente e não poderia estar, porque esse sentimento, preferindo-nos aos outros, exige também que os outros nos prefiram a eles; o que é impossível²⁷³

²⁶⁹ CG XVII, p. 156.

²⁷⁰ OC III, *Discours sur les sciences et les arts*, p. 30; trad. bras., p. 65 (minha tradução).

²⁷¹ “(...) ainda restaria saber se as paixões demasiado exaltadas não degeneram em vícios” (OC V, p. 18; trad. bras., p. 374-375).

²⁷² “A fonte de nossas paixões, a origem e o princípio de todas as outras, a única que nasce com o homem e não o deixa nunca durante sua vida é o amor de si; paixão primitiva, inata, anterior a qualquer outra, e da qual todas as demais são, em certo sentido, apenas modificações” (OC IV, *Emile*, p. 491; trad. bras., p. 253).

²⁷³ OC IV, *Emile*, p. 493; trad. bras., p. 254-255.

Rousseau afirma ainda que as paixões derivam sempre das sensações, que por sua vez derivam dos órgãos dos sentidos. *Emílio* é definitivamente um tratado sensualista, escrito sob influência de Condillac. O olhar atíça uma série de paixões, sendo, em última análise, o responsável pelo amor-próprio. Isolado e estando completamente absorvido na ordem natural, o homem em estado de natureza não podia se colocar no centro de tudo. A civilização introduziu a barreira do narcisismo e do espelho; a partir da dinâmica dos olhares e do desejo de reconhecimento, o homem se projeta para o centro da relação que estabelece com as pessoas e com as coisas. No segundo *Discurso*, é o olhar que dá o sentido da famosa cena dos selvagens reunidos em volta da fogueira, dançando e cantando. Os homens começam a se olhar e a se comparar; comparando-se, percebem que uns são mais belos, outros mais rápidos, outros mais fortes, outros mais ágeis etc. Sendo essas capacidades socialmente valorizadas, advém o desejo de ser melhor que o outro; e, do desejo de distinção social, brotam a inveja, a rivalidade, a agressividade, a vontade de dominar²⁷⁴.

Segundo Bento Prado Jr., as plantas davam a Rousseau a imagem da inocência perdida, da realidade anterior à queda dos homens para fora da ordem da Natureza. A sociedade introduziu e aprofundou a lógica da dissimulação e do disfarce; é lugar de profundos conflitos de interesse que dilaceram o tecido social. Esses interesses, muitas vezes perniciosos, estão cifrados, propositalmente escondidos, frequentemente encobertos pela capa da decência e dos bons costumes. Impossível, assim, ler o coração dos homens e conhecer suas verdadeiras intenções e sentimentos: eles quase sempre dizem uma coisa e fazem outra. No vegetal, por sua vez, “nenhuma fissura separa o *ser* do *parecer* e toda a realidade da planta está à mercê do olhar que a percorre”²⁷⁵, única condição em que a consciência pode se permitir se entregar às aparências e coincidir plenamente com as sensações.

²⁷⁴ Em *Emílio*, Rousseau trata do modo como a criança, por sua fraqueza originária, vê-se na posição de comandar. “His Majesty, the baby”, diria Freud. A esse respeito, Deleuze tece o seguinte comentário: “a primeira regra pedagógica de Rousseau é esta: nós chegaremos a nos constituir enquanto homens privados quando restaurarmos nossa relação natural com as coisas, com isso preservando-nos das relações artificiais demasiado humanas que, desde a infância, acarretam em nós uma perigosa tendência a comandar. (E é a mesma tendência que nos faz escravo e que nos faz tirano)” (DELEUZE, G., *Jean-Jacques Rousseau — Precursor de Kafka, Céline e de Ponge*, p. 76-77).

²⁷⁵ PRADO JR., B., *A retórica de Rousseau*, p. 243.

A botânica trata as paixões de modo *indireto*, a saber, provendo à imaginação uma série de agradáveis “ideias acessórias”:

É a corrente das ideias acessórias que me prende à botânica. Ela reúne e relembra à minha imaginação todas as ideias que mais a deleitam. Os prados, as águas, os bosques, a solidão, sobretudo a paz e o repouso — que se encontra em meio a tudo isso — são incessantemente reconduzidos por ela à minha memória. Ela me faz esquecer a perseguição dos homens, seu ódio, seu desprezo, seus ultrajes e todos os males com que recompensaram meu terno e sincero apego por eles.²⁷⁶

Essa cadeia de ideias acessórias transportam o sujeito para fora do espaço societal em que se desenrola a maldade e a ignomínia, distrai a imaginação, faz esquecer a triste história dos homens. Quando Rousseau falava de sua solidão, dizia procurar “algum lugar selvagem na floresta, algum lugar deserto em que as coisas, em nada mostrando as mãos dos homens, não anunciassem nem a servidão e nem a dominação”²⁷⁷. O tema reaparece nas *Cartas Morais*:

Os bosques, os regatos, a vegetação afastam de nosso coração as preocupações humanas; os pássaros, voando para lá e para cá a seu bel-prazer, oferecem-nos na solidão o exemplo da liberdade, ouvimos seu canto, sentimos o odor dos campos e das árvores.²⁷⁸

Em carta a Duquesa de Portland, lemos: “despistar nossas paixões através do gosto pelos belos conhecimentos é encadear os amores com elos de flores”²⁷⁹. A frase em francês é “donner le change à nos passions par le goût des belles connaissances, c’est enchaîner les amour avec des liens de fleurs”. É importante atentarmos para a expressão “donner le change”. Seu sentido mais antigo, que data da metade do século XVII, remete à caça. Utilizava-se essa expressão quando um animal acabava sendo caçado no lugar daquele que dera início à caçada, e que então era perseguido por erro. Quando se está com fome, pode-se dizer “donner le change à sa faim par un plat”, ou então, “donner le change à sa faim par un café”, ou seja, resolver a fome com um objeto real ou enganá-la com um falso. Tudo se passa como se a botânica “enganasse” as paixões, colocasse no caminho das

²⁷⁶ OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1073; trad. bras., p. 138-139 (minha tradução).

²⁷⁷ OC I, *Lettres a Malesherbes*, p. 1139; trad. bras., p. 28 (minha tradução).

²⁷⁸ OC IV, *Lettres morales*, p. 1114 ; trad. bras., p. 170.

²⁷⁹ OG XVI, p. 44.

paixões a pista dos belos conhecimentos. Ao apresentar ao olhar objetos belos, como as plantas, é o conhecimento que toma o lugar das paixões, acalmando-as.

Um exemplo da botânica como remédio encontra-se na correspondência com Du Peyrou, em um raciocínio que antecipa em vários anos o conceito freudiano de sublimação. Rousseau faz o papel de conselheiro e médico ao amigo que sofre constantemente com crises de gota. O futuro editor de suas obras procurava uma companheira e o desejo insatisfeito em um homem de sua idade poderia terminar mal²⁸⁰. Segundo Rousseau, a botânica poderia ajudar no tratamento da gota tanto pelo exercício pedestre implicado nela, quanto pela distração da imaginação promovida pelo oferecimento de um outro objeto aos sentidos:

Eu vos recomendei a botânica, e vos recomendo de novo, pelo duplo benefício da diversão e do exercício, e porque quando se herboriza nos rochedos durante o dia, não se fica chateado à noite em ir dormir sozinho. Vejo nela vantagens que outras ocupações dificilmente reuniriam tão bem. Todavia, segui vossos gostos, quaisquer que eles sejam, mas ocupai-vos realmente; sentireis o encanto que os conhecimentos adquirem gradualmente à medida que o cultivamos. Tal curioso analisa com mais prazer uma flor bonita do que uma menina bonita. Queira Deus, meu caríssimo Anfitrião, que logo este seja vosso caso.²⁸¹

Por fim, Rousseau nos diz que a botânica nutre a alma com o objeto mais digno de suas contemplações. Esse objeto é a Natureza²⁸². Ao conduzir da multiplicidade das formas vivas à percepção da natureza como sistema organizado, a botânica remete o sujeito para o todo que lhe ultrapassa. O prazer que a botânica oferece é duplo, nos diz Bento Prado Jr.: prazer da diferença e prazer da identidade, que se alternam incessantemente, e que, portanto, reúnem-se sem conflito. Ela tanto pode subsumir o sujeito na unidade oceânica da natureza da qual toda diferença faz parte, quanto levar o sujeito a se deter no estudo de uma estrutura específica e privilegiada do vegetal. Tanto faz, já que, continua Bento Prado Jr., em ambos os casos “o sentimento da existência se restabelece em sua

²⁸⁰ Rousseau era leitor do Dr. Tissot que, entre outras obras, escreveu um ensaio intitulado *Les Maladies des gens de lettres*.

²⁸¹ OG XV, p. 335.

²⁸² A noção de Natureza, em Rousseau, não possui conteúdo efetivo: “Salinas [Fortes] insiste que a ideia de Natureza, para Rousseau, como a de Deus para Kant, é sobretudo uma ideia reguladora, que orienta nossas observações, e à qual nossa finitude nunca poderá dar um conteúdo efetivo” (MATOS, L., *Uma arte da medida*, p. 11).

pureza pois, diante da diferença como diante da identidade, a consciência é restituída à sensação e ao imediato”²⁸³.

Embora o tema não apareça diretamente na carta enviada para a Sra. Delessert, é possível supor que a botânica realiza o que Rousseau batizava de seu *desejo de expansão*. A imersão no todo confunde-se com a sensação de estender-se em direção aos outros seres indistintamente: “sinto êxtases, arrebatamentos inexprimíveis ao me fundir, por assim dizer, no sistema dos seres, ao me identificar à natureza inteira”²⁸⁴. No segundo *Discurso* aprendemos qual é a condição necessária para essa expansividade — ela é possibilitada pela *piiedade*, faculdade inscrita na natureza do homem e de outros animais, que representa a capacidade primária de identificação com um ser vivo qualquer porque vivo.

Romain Rolland, em correspondência com Freud, batizou a experiência de conexão e unidade com o universo de “sentimento oceânico”²⁸⁵. A metáfora do oceano remete à vastidão, à sensação súbita de dissolução das fronteiras do *eu*. Assim como as ondas fazem parte do oceano, o *eu* é sentido como uma parte inseparável do todo maior, aspirando a ser reabsorvido na massa líquida que lhe deu origem.

Em suma, reencontramos aqui uma das respostas universais diante das questões postas pela existência, segundo Hadot: o tema da valorização do presente. Várias escolas filosóficas propõem exercícios espirituais que buscam reter e concentrar o sujeito no instante presente, a partir da percepção de que a felicidade só é possível nele²⁸⁶. É, sem dúvida, o caso de Rousseau, conforme veremos melhor mais adiante, que acreditava que apenas no presente podemos sentir o prazer de existir. Para Hadot, pensador para o qual a sensação de imersão

²⁸³ PRADO JR., B., *A retórica de Rousseau*, p. 244.

²⁸⁴ OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1065; trad. bras., p. 129.

²⁸⁵ Para uma análise detalhada desse tema, cf. HULIN, M., *La mística salvaje*.

²⁸⁶ “A felicidade está no momento presente, primeiramente pelo simples fato de que só vivemos o presente; depois, porque passado e futuro são quase sempre fonte de sofrimento: o passado nos aflige, seja simplesmente porque é passado e nos escapa, seja porque dá a impressão de uma imperfeição; o futuro nos inquieta porque é incerto e desconhecido. Mas cada momento presente nos oferece a possibilidade da felicidade: se nos posicionarmos dentro da perspectiva estoica, ele nos oferece a oportunidade de cumprir nosso dever, de viver de acordo com a razão; se nos posicionarmos dentro da perspectiva epicurista, ele nos proporciona a cada instante o prazer de existir, tão bem descrito por Rousseau na Quinta Caminhada dos *Devaneios do caminhante solitário*” (HADOT, P., *A filosofia como maneira de viver*, p. 203).

no todo constituía uma experiência recorrente e importante, nesses momentos, o mundo aparece para o sujeito como estando “intensamente presente”²⁸⁷.

No atropelamento sofrido por Rousseau, narrado na segunda caminhada dos *Devaneios*, vemos sua consciência completamente ativa, como se estivesse sob o efeito de uma droga capaz de aguçar a sensibilidade. Ele estava inteiramente retido no presente:

A noite avançava. Percebi o céu, algumas estrelas e um pouco de vegetação. Essa primeira sensação foi um momento delicioso. Não sentia a mim mesmo senão por meio dela. Nascia para a vida naquele instante, e parecia que eu preenchia, com minha tênue existência, todos os objetos que percebia. Imerso no presente, não me recordava de nada; não tinha nenhuma noção distinta do meu indivíduo, tampouco a menor ideia do que acabara de me acontecer; não sabia quem eu era, nem onde eu estava; não sentia dor, medo ou inquietação. Via correr o meu sangue, como teria visto correr um riacho, sem pensar que aquele sangue de algum modo era meu. Sentia em todo o meu ser uma calma maravilhosa, e, cada vez que a recordo, sou incapaz de encontrar algo comparável em qualquer um dos prazeres ativos conhecidos.²⁸⁸

Porém, a cena do atropelamento deixa claro que essa imersão no Todo, ao menos em certa medida, é dependente também de um grande choque e, no limite, da falência física. Foi preciso o branco²⁸⁹ produzido pelo acidente para que Rousseau esquecesse momentaneamente o mundo, para o qual ele sente agora renascer. A possibilidade de enunciação do *eu* é debitária de uma síntese do *eu* com o Todo, mas essa síntese encontra-se impossibilitada no tipo de sociedade a

²⁸⁷ “A noite havia chegado. As estrelas brilhavam naquele céu imenso. Nessa época ainda era possível enxergá-las. Numa outra vez, eu estava num dos quartos da nossa casa. Em ambas as ocasiões, fui tomado por uma angústia ao mesmo tempo aterradora e deliciosa, provocada pelo sentimento da presença do mundo, ou do Todo, e de mim nesse mundo. Na realidade, eu não conseguia formular minha experiência, mas num momento posterior senti que ela podia corresponder a perguntas como: “Quem sou eu?”, “Por que estou aqui?”, “O que é este mundo em que estou?”. Meu sentimento era de estranheza, de espanto e de maravilhamento por estar ali. Ao mesmo tempo, tinha a sensação de estar imerso no mundo, de fazer parte dele, e o mundo se estendia da mais minúscula grama até as estrelas. Este mundo estava presente para mim, intensamente presente” (HADOT, P., *A filosofia como maneira de viver*, p. 20).

²⁸⁸ OC I, *Réveries du promeneur solitaire*, p. 1005; trad. bras., p. 43-44 (minha tradução).

²⁸⁹ Tal como o “despertar neutro”, de Barthes, que é um “despertar branco”: “Tive oportunidade de escrever meu interesse por certo tipo de despertar: o despertar branco, neutro: durante alguns segundos seja qual for o Cuidado com que se tenha adormecido, momento puro sem Cuidado, esquecimento do mal, vício no estado puro, espécie de alegria em dó maior; depois o Cuidado anterior desaba sobre nós como um grande pássaro negro: o dia começa” (BARTHES, R., *O Neutro*, p. 82).

que Rousseau faz parte²⁹⁰. Em última análise, é uma espécie de suspensão que o possibilita separar-se da falsificação da subjetividade presente em sua época, denunciada desde o primeiro *Discurso*:

Antes que a arte tivesse modelado nossos modos e ensinado nossas paixões a falar uma linguagem afetada, nossos costumes eram rústicos, mas naturais, e as diferenças de comportamento anunciavam, à primeira vista, as dos caracteres. A natureza humana, no fundo, não era melhor, mas os homens encontravam uma segurança feliz na possibilidade de se interpenetrarem uns nos outros, e essa vantagem, de cujo valor não temos ideia, resguardava-os contra muitos vícios. Hoje, quando as pesquisas mais sutis e um gosto mais refinado reduziram a arte de agradar a princípios, reina em nossos costumes uma uniformidade vil e enganosa, e os espíritos parecem ter sido todos postos numa mesma fôrma (...). Ninguém mais ousa parecer o que se é, e nessa coerção perpétua os homens que formam o rebanho chamado de sociedade farão todos, nas mesmas circunstâncias, as mesmas coisas, se motivos mais poderosos não os desviarem. Logo, nunca se sabe ao certo com quem se está lidando.²⁹¹

Por produzir um distanciamento, o atropelamento só pode ser vivido como uma cena de gozo; sua rememoração através do texto, um segundo gozo. Observando os desdobramentos da obra de Rousseau, percebemos que a escrita como *locus* privilegiado desse trabalho de separação se impôs completamente a ele, conduzindo-o à produção dos textos autobiográficos²⁹² e das cartas:

Toda negatividade acumulada ao longo da reflexão que denominamos filosofia social poderá talvez gerar o impulso para outra escrita, que seria a manifestação

²⁹⁰ Entre os comentadores que trabalham essa problemática, destaco Franklin Leopoldo e Silva: “A desigualdade tornada sistema absorve o indivíduo livre e anula a liberdade que somente se realizaria num contexto igualitário. O desenvolvimento do sistema das línguas absorve a liberdade poética da expressão originária. A formação do sistema torna-se também a formação do sujeito — ou a sua deformação como indivíduo socialmente construído, mero produto das convenções que pautam a civilização em progresso (...). O predomínio do artifício ou das convenções proporciona uma associação entre atividade e trivialidade que define o indivíduo civilizado e constitui o seu perfil ético, histórico e político” (SILVA, F., *Rousseau e os devaneios de um caminhante solitário*, p. 133-134.). Cf. também DAMIÃO, C., *Sobre o declínio da “sinceridade”*. No prefácio, escrito por Franklin Leopoldo e Silva, lemos: “A autora, fiel a uma concepção crítica das relações entre subjetividade e história, procura mostrar que a integridade do ‘eu’ não se pode manter num processo de dissolução da ancoragem social do indivíduo. É o lastro comunitário que deveria sustentar a coesão pessoal; daí o paradoxo do declínio do indivíduo na era do individualismo (...). É como se a continuidade narrativa do ‘eu’, em que se poderia encontrar o sentido de uma vida, dependesse de uma configuração histórica e social da identidade. Uma vez desaparecido esse fundo em que a instância do coletivo se faz sustentáculo, a individualidade não pode constituir-se como figura, terminando por abstrair-se ou apagar-se em seus traços definidores” (SILVA, F., Prefácio, p. 13-14).

²⁹¹ OC III, *Discours sur les sciences et les arts*, p. 8; trad. bras., p. 42-43.

²⁹² Sobre os deslocamentos subjetivos produzidos em cada um dos três textos autobiográficos de Rousseau, cf. FOUCAULT, M. *Introdução* (in *Rousseau*).

resistente da subjetividade. E é claro que essa outra conduta do escritor implicará a recusa da sociedade e das convenções da civilização. É isso que explica, ao longo da obra de Rousseau, os momentos de exposição da subjetividade — *Confissões*, *Cartas*, Rousseau e Jean-Jacques — e, finalmente, a tentativa de realização completa dessa exposição, que é ao mesmo tempo uma interiorização, a volta à autenticidade subjetiva: as *Rêveries*, *Os devaneios do caminhante solitário*.²⁹³

As *Confissões*, verdadeira “monografia botânica”²⁹⁴, visavam mostrar que Rousseau era uma planta única em sua espécie, cuja descrição se fazia necessário para que as outras plantas pudessem se conhecer por comparação²⁹⁵. Ainda assim, Rousseau sentiu que seus contemporâneos continuavam a tomá-lo por uma dessas plantas monstruosas, dobradas ou enxertadas, de uma artificialidade desfigurada e até mesmo nociva. A primeira caminhada dos *Devaneios* inicia-se, então, com a busca de Rousseau por si mesmo, mas estando agora completamente apartado dos homens: “mas eu, afastado deles e de tudo, o que sou? Eis o que me resta buscar”²⁹⁶. A resposta a essa questão — que novamente não será encontrada —, agora “*exige*, de alguma forma, a solidão e o abandono”²⁹⁷.

A instabilidade é um elemento marcante nos textos autobiográficos, mas também nos textos de botânica. Neles encontramos os passeios contemplativos frequentemente interrompidos pela intrusão humana, a euforia seguida do mais profundo pesar, o tormento das doenças, das perseguições, a constante sensação da morte iminente. É que o estilo de Rousseau inscreve sem cessar o choque entre

²⁹³ SILVA, F. *Rousseau e os devaneios de um caminhante solitário*, p. 135.

²⁹⁴ A bela hipótese das *Confissões* como monografia botânica foi desenvolvida por Alain Grosrichard. Cf. GROSRICHARD, A., « *Je vais devenir plante moi-même un de ces matins* ». O autor se inspirou no sonho da monografia botânica, de Freud. Em seu texto, Grosrichard reescreve o preâmbulo das *Confissões* substituindo *homem* por *planta*. A substituição funciona com perfeição: “Quero mostrar aos meus semelhantes uma planta em toda a verdade da natureza, e essa planta, será eu. Eu só. Sinto meu coração e conheço as plantas. Não sou feito como nenhuma das que vi. Ouso crer que não sou feito como nenhuma das que existem” (GROSRICHARD, A., « *Je vais devenir plante moi-même un de ces matins* », p. 27).

²⁹⁵ “Observei frequentemente que, mesmo entre aqueles que têm a presunção de melhor conhecer os homens, cada um conhece apenas a si mesmo, se é de fato verdade que alguém se conheça; pois como determinar corretamente um ser somente pelas relações que estão nele mesmo e sem as comparar com nada? (...) Partindo dessas observações, resolvi fazer com que meus leitores dessem mais um passo no conhecimento dos homens, afastando-os, se possível, dessa regra única e incorreta de julgar sempre o coração do outro pelo seu próprio; enquanto, pelo contrário, muitas vezes para conhecer o seu próprio seria necessário começar por ler no coração do outro. Quero fazer com que, para aprender a apreciar nós mesmos, possamos pelo menos ter um ponto de comparação; que cada um possa conhecer a si mesmo e a um outro, e este outro serei eu” (OC I, *Ébauches des confessions*, p. 1148-1149; trad. bras., p. 91-93).

²⁹⁶ OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 995; trad. bras., p. 29.

²⁹⁷ SILVA, F., *Rousseau e os devaneios de um caminhante solitário*, p. 136.

a busca da tranquilidade e a impossibilidade (terrena) de sua realização. Trata-se de uma filosofia infernal onde o idílio só aparece como imagem rasurada, como estado inalcançável, mas capaz de estabelecer um procedimento de reflexão. Conforme veremos ao final, do neutro, Rousseau só encontra o desejo.

2.3 A quietude das plantas

Em *Desejo e prazer na Idade Moderna*, Luiz Roberto Monzani trata de uma série de autores que atribuem à natureza humana um caráter passional: Hobbes, La Rochefoucauld, Malebranche, Locke e Condillac. Instigado pela leitura do Marquês de Sade, o autor busca investigar o tema da inquietude própria ao desejo e o tema do desejo como motor do homem. O livro começa analisando a famosa querela do luxo, no interior da qual foi gestada toda uma nova concepção da natureza humana, mais apta a compreender um contexto histórico que favoreceu em muito a inquietude e a desmedida do desejo. Essa nova concepção complexificou o esquema das paixões, introduzindo a indeterminação, a fugacidade e a elaboração imaginativa. Me permito uma citação longa, mas bastante elucidativa:

Assim, devemos distinguir duas séries para evitar qualquer confusão. Há, em primeiro lugar, a série necessidade — desejo — satisfação. Série cíclica, repetitiva, monótona, que se espelha no campo vital. Mas há, em segundo lugar, uma outra série, que é a que está chamando a atenção, que evidentemente não se coloca no ciclo biológico das chamadas necessidades vitais. É exatamente esta última que parece ser uma conquista do homem, não negando a primeira, mas instaurando uma outra, superposta e suplementar; fazendo com que, nesse nível agora, essa adequação quase perfeita que existe nos animais entre necessidade e satisfação seja rompida e se instaure um novo tipo de ciclo, na forma de uma espiral indefinida de desejos e insatisfações fugazes, que provocam novos desejos e assim indefinidamente. Chegamos assim a uma fórmula mais complexa: ... desejo — necessidade indeterminada — elaboração imaginária — concretização do objeto — satisfação fugaz — desejo... É esse ciclo aberto, por assim dizer, que chama a atenção. E é aqui que parece estar a ruptura do especificamente humano.²⁹⁸

²⁹⁸ MONZANI, L., *Desejo e prazer na Idade Moderna*, p. 69.

Segundo Monzani, Thomas Hobbes foi um dos primeiros a se opor à concepção clássica das paixões, que não apenas as hierarquizava como pressupunha a existência de um Bem objetivo e transcendente, ao qual o homem se encaminharia uma vez que dele tomasse conhecimento. No interior dessa concepção clássica, é o amor ao Bem supremo, externo ao sujeito, que organiza as paixões. Em Hobbes, por sua vez, é o desejo de autoconservação que ocupa o centro da vida passional do homem, atuando com força inabalável e dando direção às paixões. Com isso, toda uma tradição de aposta na Razão perde sua força, “na medida em que já não vai se tratar mais do império da Razão sobre a paixão, mas do exatamente inverso”²⁹⁹. E não apenas a razão se torna mero instrumento das paixões, como o bem não pode mais se desvincular do sujeito desejante. Ou seja, o bem só existe em relação a um desejo que o reconheça como tal. E isso necessariamente abre o desejo para uma mobilidade extrema e permanente:

Não só é impossível ao sujeito viver quando cessam seus desejos, como a felicidade, como vimos, é um contínuo progresso do desejo, de um objeto a outro, sendo a conquista de um o caminho para se conseguir um segundo, e assim indefinidamente. O desejo é móvel, instável e irrequieto. Não tem ponto de ancoragem fixo e não é por acaso que Hobbes ilustra sua teoria das paixões através da metáfora da corrida. A sucessão contínua é a forma de existência do desejo. Ele é, na sua essência, inquieto.³⁰⁰

Em seguida, Monzani analisa os conceitos de *inquiétude*, de Malebranche, e de *uneasiness*, de Locke. Arrisco aqui uma síntese apressada. No caso de Malebranche, a vontade é movimento em direção ao bem, entendido como sendo a felicidade. Ela é também movimento que nos impulsiona a Deus e “o fim desse movimento (que, sem dúvida não se dará nessa vida) significará o repouso em Deus que nada mais é que a felicidade suprema”³⁰¹. Antes desse estado de suprema felicidade, o homem experimenta a inquietude derivada dos objetos finitos que se sucedem e que lhe trazem uma felicidade passageira. A *uneasiness* lockiana, entre Hobbes e Malebranche, é de difícil conceituação. Diz respeito à insatisfação, ao mal-estar, eventualmente à dor física, ou seja, ao que quer que

²⁹⁹ Ibidem, p. 92.

³⁰⁰ Ibidem, p. 134.

³⁰¹ Ibidem, p. 147.

conduza o sujeito “a um estado mais agradável”³⁰², estando diretamente ligada à ação.

Finalmente, Condillac coroa essa nova lógica das paixões inscrevendo definitivamente em sua genealogia a primazia do prazer. Nem a *uneasiness* e nem a *inquiétude* dão conta da gênese do desejo. É o par prazer/dor, derivado das sensações e intermediado pela memória, que constitui sua gênese³⁰³. De acordo com Monzani, isso permite que Condillac repense um conjunto de noções. Para os propósitos de minha argumentação, destacarei apenas dois pontos, antes de retornar a Rousseau. Primeiro, Condillac passa a atribuir à imaginação um papel cada vez mais relevante. A imaginação parte dos dados mínimos das sensações para posteriormente combiná-los de modo a criar “qualidades que não se encontram juntas no campo perceptivo”³⁰⁴. Esses novos objetos de gozo instauram um “novo campo de satisfação”³⁰⁵. Segundo, orientado pela busca do prazer, o homem se liberta do esquema da pura satisfação da necessidade. Ao lado da necessidade de saciar a fome, surge uma necessidade paralela de saciar o gosto por determinado alimento.

Nesse instante, a estátua rompe o ciclo do necessário e instaura o campo do não necessário à ordem vital. Ela introduz o campo do supérfluo e a possibilidade do excesso. Já não está pressionada única e exclusivamente pelas necessidades vitais que a faz desejar o necessário mas, agora, duplica ou triplica o campo fazendo com que se alongue desmesuradamente o campo de suas necessidades. Passa a viver sob um regime no qual o desejar mesmo passa a ser uma necessidade porque fazendo de sua atividade um campo no qual se desdobram novas necessidades incessantemente, ela acaba por fazer dessa mesma atividade o objeto do desejo, “o desejo de novas necessidades”.³⁰⁶

Voltemos, então, a Rousseau. Em carta enviada a d'Ivernois, ele diz se sentir prestes a se tornar planta, tal como na antiguidade alguém podia se tornar estóico, epicurista, cínico ou platônico: “tornar-me-ei eu mesmo planta uma

³⁰² Ibidem, p. 174.

³⁰³ “(...) a necessidade, aguilhada pela dor, encontra o objeto que a satisfaz, que faz extinguir o conjunto das sensações desagradáveis. Mas isso significa dizer que esse objeto, encontrado por meio da experiência, só a partir desse momento entra na cadeia representativa e passa a funcionar como representação-meta à qual todo o circuito associativo se liga e, então, lhe fornece sentido, o perfaz e fecha esse campo. Só então se pode fazer dele aquilo para o que tende a estátua. Pode enfim nascer o desejo” (Ibidem, p. 240).

³⁰⁴ Ibidem, p. 252.

³⁰⁵ Idem.

³⁰⁶ Ibidem, p. 253.

dessas manhãs”³⁰⁷. Isso quer dizer que ele acreditava ser possível suprimir as paixões? Não. Aniquilá-las ou impedi-las de nascer está fora de questão³⁰⁸. Como vimos, a botânica é uma tentativa de controle das paixões, diretamente responsáveis pela multiplicação das necessidades, e não sua supressão. A planta é apenas o modelo de um ser vivo capaz de se contrapor ao desejo enquanto característica típica da economia animal.

Segundo François Delaporte, no século XVIII a taxonomia vegetal florescia mais do que taxonomia animal devido à relativa facilidade com que se podia observar e definir a planta por seus caracteres externos. Por outro lado, a fisiologia vegetal teve que seguir o exemplo da fisiologia animal, dado que a aparente simplicidade das plantas tornava difícil identificar suas partes e os papéis específicos que essas partes desempenhavam³⁰⁹. As plantas, então, eram frequentemente pensadas em analogia com os animais, mesmo sem apresentar qualquer tipo de estrutura parecida com os órgãos nos animais. O último capítulo do livro de Delaporte remonta ao debate acerca da "irritabilidade" nas plantas. A questão envolvia saber se é possível atribuir instinto aos vegetais, e se, tal como os animais, eles também possuiriam "sensibilidade".

No verbete VÉGÉTAL, presente no *Dicionário de botânica* que Rousseau supostamente teria escrito, o vegetal é definido como “corpo organizado dotado de vida e privado de sentimento”³¹⁰. Ainda não havia consenso a respeito da presença de vida nos vegetais. Com essa definição, Rousseau afastava-se das leituras cartesianas, para as quais “o homem é uma máquina viva e pensante, os animais são máquinas vivas (...) as plantas, por sua vez, são apenas máquinas e não estão vivas”³¹¹. Mas, ao privar as plantas de sentimentos³¹², afastava-se também dos materialistas mais radicais, como Diderot, que pressupunha a sensibilidade como inerente a toda matéria. Na continuação do verbete, lemos:

³⁰⁷ CG XIV, p. 58.

³⁰⁸ “Aquele que quisesse impedir as paixões de nascerem eu acharia quase tão louco quanto quem as quisesse aniquilar; e os que acreditassem que minha intenção até aqui era essa, certamente teriam me entendido muito mal” (OC IV, *Émile*, p. 491; trad. bras., p. 253).

³⁰⁹ DELAPORTE, F., *Nature's second kingdom*, p. 28.

³¹⁰ OC IV, *Fragments pour un dictionnaire des termes d'usage en botanique*, p. 1245.

³¹¹ DELAPORTE, F., *Nature's second kingdom*, p. 84.

³¹² Rousseau, em *Emílio*, sustenta essa mesma posição, retirando dos vegetais o movimento e os sentimentos: “Se as plantas tivessem um movimento progressivo, seria preciso que tivessem sentidos e adquirissem conhecimentos; de outro modo, as espécies logo pereceriam” (OC IV, *Émile*, p. 281-282; trad. bras., p. 45).

Não vão me permitir essa definição, eu sei. Querem que os minérios vivam, que os vegetais sintam e que a matéria, mesmo informe, seja dotada de sentimento. Seja como for essa nova física, jamais fui capaz, jamais poderei falar segundo as ideias dos outros, quando essas ideias não são as minhas. Muitas vezes vi morta uma árvore que antes via cheia de vida, mas a morte de uma pedra é uma ideia que não saberia entrar em meu espírito. Vejo um sentimento requintado em meu cachorro, mas não percebo nenhum em um Repolho.³¹³

Difícil saber a que se refere essa “nova física”, pois Diderot não diz exatamente que as pedras possuem sentimentos. Seu materialismo apenas pressupõe que toda matéria tem o potencial de adquirir sensibilidade³¹⁴. Em todo caso, ao retirar a sensibilidade das plantas, Rousseau não buscava uma justificativa para destruí-las³¹⁵. Ele buscava, nessa concepção de planta, o modelo de um ser vivo não desejante e não atormentado por paixões. Para os autores do século XVIII, o movimento nos animais é indício da presença de instinto, de necessidades, de sentimentos, de volição³¹⁶ — o animal é inquieto por natureza. Ao passo que, na planta, todos os elementos necessários à manutenção de sua vida lhes pareciam estar dispostos de antemão. Elas se reproduzem através do vento e de insetos, alimentam-se da terra e não sentem o perigo, pois nada teriam a fazer com esse sentimento:

Ao estudar o movimento animal, não só deve ser considerado o papel do ambiente como fonte de estímulos, mas também as orientações dos movimentos que dependem do instinto, porque "vemos que a lei foi escrita em cada objeto, e três incentivos foram realizados para fornecer Geração, Nutrição e Preservação: Prazer, Fome e Dor". Nas plantas, esses incentivos pareciam faltar. Por um lado, o prazer não seria de nenhuma utilidade para a planta, porque o material fertilizante é carregado por insetos e pelo vento. Por outro lado, as plantas agora não passam fome, pois suas raízes penetram na terra. Elas, portanto, não precisam procurar comida. Finalmente, as plantas aparentemente não têm senso de perigo

³¹³ OC IV, *Fragments pour un dictionnaire des termes d'usage en botanique*, p. 1245-1246.

³¹⁴ Sobre o materialismo de Diderot, Cf. SOUZA, M. *Natureza e Ilustração*, especialmente a primeira parte do livro.

³¹⁵ “Se Deus não permite que as plantas sintam dor, então o homem tem o direito de destruí-las” (DELAPORTE, F., *Nature's second kingdom*, p. 179).

³¹⁶ “Finalmente, o estudo do movimento das plantas foi tão importante quanto o estudo da reprodução na localização do reino vegetal em relação aos outros dois reinos na hierarquia da natureza, o animal e o mineral. Nos animais, afirmava-se, o movimento é a manifestação do instinto, da necessidade e do sentimento. O movimento reflete a necessidade de se adaptar ao ambiente e às condições em mudança” (CANGUILHEM, G., *Prefácio*, p. xi).

iminente. Que bem lhes faria serem avisados do perigo, se não podem fugir ou afastar-se dele?³¹⁷

De fato, encontramos em Condillac essa mesma relação entre ausência de movimento e ausência de sentimento e de volição:

Outros corpos mantêm-se fixados no lugar em que nascem; não têm nada a buscar, nada de que fugir. O calor da terra é suficiente para transmitir a todas as suas partes a seiva que os nutre; não têm órgãos para julgar o que lhes é próprio; não escolhem, vegetam.³¹⁸

E também Buffon³¹⁹ encontrava a diferença entre plantas e animais na ausência de sentimento e de movimento que caracterizaria as primeiras:

Nesse sentido, um vegetal é um animal que dorme, e, de modo geral, as funções de todo ser organizado desprovido de movimento e de sensação poderiam ser comparadas às funções de um animal que estaria por natureza fadado a dormir perpetuamente.³²⁰

Segundo Canguilhem, o longo desinteresse histórico pelo estudo dos vegetais pode ser explicado pelo simples fato de que os animais pareciam mais propícios a iluminar algo da natureza humana. Afinal, “como as plantas poderiam iluminar a humanidade acerca do que torna o homem uma criatura ativa, curiosa e conquistadora?”³²¹. O vegetal pouco teria a nos dizer, e não surpreende que “o verbo *vegetar*, originalmente derivado de palavras latinas que significam força e crescimento, rapidamente passou a significar inércia e apatia”³²².

Ora, mas como se caracteriza esse gozo que tem a planta como modelo? Eis o que resta investigar. Nos *Diálogos*, Rousseau diz de si próprio: “eu o vi levar por gosto uma vida igual, simples e rotineira, sem se desgostar jamais”³²³. É perfeitamente possível ler toda a obra de Rousseau através da problemática da

³¹⁷ DELAPORTE, F., *Nature's second kingdom*, p. 161-162.

³¹⁸ CONDILLAC, E., *Tratado dos animais*, p. 66.

³¹⁹ É nesses termos que Diderot e Daubenton retomam a noção de animal em Buffon, no verbete ANIMAL, da *Enciclopédia*: “Contudo, o que é o animal? É, diz o Sr. Buffon, ‘a matéria vivente e organizada que sente, age, move-se, nutre-se e se reproduz. Consequentemente, o vegetal é a matéria vivente e organizada que se nutre e se reproduz, mas não sente, não age, não se move; e o mineral é matéria morta e bruta que não sente, não age, não se move, não se nutre nem se reproduz’” (DAUBENTON, L.; DIDEROT, D., *Animal*, p. 141).

³²⁰ BUFFON, *História Natural*, p. 434.

³²¹ CANGUILHEM, G., *Prefácio*, p. ix.

³²² Ibidem.

³²³ OC I, Rousseau, *Juge de Jean-Jacques: Dialogues*, p. 865; trad. bras., p. 312.

inquietação do homem, como se a questão que jaz no interior dessa obra fosse justamente a de saber como levar uma vida igual, simples e rotineira sem jamais enjoar-se. Questão que remete, sem dúvida, às reflexões de Pascal, autor para o qual toda a infelicidade dos homens provém de “não saberem ficar quietos dentro de um quarto”³²⁴.

2.4 A arte de gozar

Rousseau abordou o tema da felicidade em várias de suas obras; é possível conceber sua filosofia como uma longa meditação sobre a arte de gozar. Ele acreditava que a felicidade verdadeira depende apenas da saúde do corpo e da satisfação do necessário, de modo que sua arte de gozar enseja uma verdadeira batalha³²⁵ contra a inquietação animal, mais ativa no homem por causa da perfectibilidade, e infinitamente ampliada na sociedade moderna, que cria desejos artificiais de forma ilimitada. Essa reflexão tem consequências morais e políticas da mais alta relevância. Em uma passagem perfeitamente sinóptica do livro IV de *Emílio*, Rousseau define o homem “essencialmente mau” como aquele que tem muitas necessidades e que é muito atento à opinião alheia, e o homem “essencialmente bom” como aquele que tem poucas necessidades e compara-se pouco com os outros³²⁶. Ou seja, temos dois critérios para a bondade e para a maldade: número de necessidades e grau do amor-próprio.

³²⁴ PASCAL, B., *Pensamentos*, p. 71.

³²⁵ Segundo Foucault, na Grécia e na Roma antigas não havia exatamente um código moral ou uma lei universal que sujeitasse os indivíduos. A questão central para aqueles gregos e romanos era o da moderação dos prazeres, já que eles eram vistos como possuindo uma vivacidade capaz de sobrepujar o sujeito. Os prazeres não eram compreendidos como o mal a ser evitado, mas como uma força que tende ao excesso. Sua moderação estabelece os contornos da *enkrateia* (temperança), ou seja, da atitude necessária a tomar diante dos prazeres. A *enkrateia*, por sua vez, “domina os prazeres e os desejos mas tem necessidade de lutar para vencê-los” (FOUCAULT, M., *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*, p. 81). Por isso a multiplicação, nos textos antigos, da metáfora da batalha no que se refere à temperança: “opor-se aos prazeres e aos desejos, não ceder a eles, resistir às suas investidas ou, ao contrário, deixar-se levar por eles, vencê-los ou ser vencido por eles, estar armado ou equipado contra eles” (ibidem, p. 83). Em todos esses casos, fica patente que, na antiguidade clássica, “somente instaurando, em relação aos prazeres, uma atitude de combate, é que se pode conduzir-se moralmente” (ibidem, p. 82).

³²⁶ OC IV, *Émile*, p. 493; trad. bras., p. 255.

Rousseau pensou a felicidade desvinculada do progresso das ciências e das artes. Ele não via uma relação necessária e direta entre o desenvolvimento técnico e o aumento da felicidade do gênero humano:

Quando se consideram, de um lado, os imensos trabalhos dos homens, tantos progressos nas ciências, tantas artes inventadas, forças mobilizadas, abismos superados, montanhas aplainadas, rochas arrebatadas, rios tornados navegáveis, terras desmatadas, lagos construídos, pântanos drenados, enormes construções erguidas sobre a terra, o mar coberto de navios e de marinheiros, e, de outro lado, investigam-se quais as vantagens que de fato resultam disso para a espécie humana no que diz respeito à felicidade, é impossível não se impressionar com a espantosa desproporção que reina entre essas duas séries.³²⁷

A seus olhos, os “funestos progressos”³²⁸ afastaram crescentemente (e de forma definitiva) o homem de um estado primário de igualdade e de liberdade bem mais desejável³²⁹. No segundo *Discurso*, Rousseau afirma que a humanidade deveria ter permanecido no estado selvagem³³⁰, ponto de “equilíbrio exato entre a indolência do estado primitivo e a atividade petulante de nosso amor-próprio”³³¹. É importante notar, então, que a perfectibilidade rousseauiana não descreve o caminho em direção à perfeição da espécie. Essa faculdade própria ao homem, que o possibilita aprender e transmitir os aprendizados adiante estabelecendo uma temporalidade cumulativa, não deve ser confundida com o progresso, pois é mais

³²⁷ OC III, *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*, p. 202; trad. bras., p. 255.

³²⁸ OC IV, *Émile*, p. 588; trad. bras., p. 348.

³²⁹ Acílio Rocha aproxima Lévi-Strauss e Rousseau precisamente nesse ponto: “Sendo descontínuo, o autor minimiza, por um lado, o êxito dos progressos proclamados pela civilização ocidental, nomeadamente o da revolução industrial — pálida réplica da revolução neolítica que se tornou decisiva para as sociedades — e, por outro, demora-se em mostrar como os resultados do progresso são tais que vêm muitas vezes anular o seu benefício, usados como instrumento de exploração humana. A visão do homem e da sociedade de Lévi-Strauss está em consonância com a de Rousseau; além disso, a consternação de Lévi-Strauss pela destruição do que hoje se designa por ecossistemas faz pensar ainda em Rousseau; mas, ao mesmo tempo, observa-se nele um desencantamento: o progresso no domínio da natureza e na evolução das técnicas não melhora a espécie humana. A questão decisiva é: começou-se não só por separar o homem da natureza, como por olvidar o mais incontornável: ele é um ser vivo” (ROCHA, A., *Lévi-Strauss, o “herdeiro contemporâneo” de Rousseau*, p. 417).

³³⁰ “O exemplo dos selvagens, que foram encontrados quase todos nesse estágio, parece confirmar que o gênero humano fora feito para assim permanecer sempre, que esse estado é a verdadeira juventude do mundo, e que todos os progressos ulteriores foram, em aparência, outros tantos passos para a perfeição do indivíduo mas, na verdade, para a decrepitude da espécie” (OC III, *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*, p. 171; trad. bras., p. 215).

³³¹ OC III, *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*, p. 171; trad. bras., p. 215.

maldição do que promessa. Ela é apenas a abertura ao indeterminado que faz com que os antigos sejam diferentes dos modernos, os europeus diferentes dos selvagens, e que explica a desigualdade entre os homens. O problema da perfectibilidade é que é impossível conhecer *a priori* seu ponto ideal, pois esse só aparece com clareza para nós retrospectivamente. Ou seja, no estado selvagem nos encontrávamos num bom momento da perfectibilidade, mas não havia como saber.

Para Rousseau, felicidade e progresso não são duas variáveis diretamente proporcionais e não poderiam ser, já que o avanço material capaz de dar ao homem uma vida mais prazerosa e confortável, ainda que estivesse ao alcance de todos, é rapidamente incorporado e naturalizado, perdendo o valor³³². Em suma, o progresso reinscreve incessantemente a dinâmica da satisfação das necessidades, elevando-as sempre a um novo patamar de insatisfação. Uma vez satisfeitas uma gama de necessidades, surgem outras — e isso *ad infinitum/ad nauseam*. Rousseau só pode concluir, então, que “o progresso das ciências e das artes nada acrescentou à nossa verdadeira felicidade”³³³, pois a “verdadeira felicidade” não pode decorrer de uma lógica que traz sobretudo a marca de uma insatisfação permanente.

Ainda para esse autor, a insatisfação nunca se daria nos começos. Ela aparece apenas com o tempo, como resultado inevitável da acumulação, e especialmente com a acumulação do supérfluo. À medida que acumulamos, deixamos de gozar com o que já temos e passamos a sentir de forma mais aguda a privação daquilo que nos falta. Nas cartas sobre botânica, o tema aparece na discussão sobre as coleções³³⁴:

Há muito que noto, e agora experimento eu mesmo, que as coleções, tão agradáveis de começar, dão mais embaraço do que prazer em continuar, pois à

³³² “(...) tudo que vem dos sentidos e não é necessário à vida muda de natureza logo que se torna hábito, que cessa de ser um prazer ao tornar-se uma necessidade, que é ao mesmo tempo uma escravidão que damos a nós mesmos e um gozo de que nos privamos” (OC II, *La Nouvelle Héloïse*, p. 541-542; trad. bras., p. 469).

³³³ OC III, *Discours sur les sciences et les arts*, p. 28; trad. bras., p. 63.

³³⁴ Vale notar também que o colecionismo, o antiquarianismo, transformar-se-á ao longo da modernidade, e especialmente a partir do século XVIII, no objeto de uma ciência, a museologia, que alcançará sua vocação a partir do século XIX. O Museu vem aliviar o cidadão da obrigação de colecionar. Cf. CHOAY, F., *Du temple de l'art au supermarché de la culture*, para uma breve história dos museus e uma crítica de seu estado atual nas sociedades industriais tardias.

medida que se vai enriquecendo, sente-se mais a privação do que nos falta, do que o gozo por aquilo que temos, ao passo que no começo saboreamos apenas o prazer de adquirir.³³⁵

Eis, então, a primeira lição da arte de gozar rousseauniana: é preciso saber gozar com aquilo que temos no instante presente. Ao longo de toda a obra, Rousseau nos oferece a mesma concepção de gozo e de felicidade. No segundo *Discurso*, ela aparece caricaturada na figura do “selvagem”, que vive tão imerso no presente que é capaz de vender um objeto sem saber que logo tornará a precisar dele³³⁶. Nas *Confissões*, a temática do gozo no presente é transposta para a vida do próprio Rousseau: ele frequentemente gasta todo o salário sem atentar para a penúria que virá³³⁷.

Nada diferente, aliás, do que lemos a respeito de Emílio, que Rousseau afirma que foi educado para saber gozar no instante presente:

Sempre ocupados apenas com o objeto que almejam, lamentam o intervalo que dele os separa: um desejaria já estar no dia seguinte; outro, um mês depois; outro dez anos mais tarde; nenhum quer viver hoje; ninguém está contente com a hora presente, todos acham que ela é lenta demais. Quando se queixam de que o tempo passa depressa demais, mentem; pagariam de bom grado o poder de acelerá-lo (...) *Não eduquei meu Emílio para desejar nem esperar, mas para gozar*; e quando ele projeta seus desejos além do presente, não o faz com ardor tão impetuoso a ponto de se importunar com a lentidão do tempo. Não gozará somente do prazer de desejar, mas também de ir ao objeto que deseja; e suas paixões são tão moderadas que ele se encontra sempre mais onde está do que onde estará.³³⁸

³³⁵ CG XX, p. 207.

³³⁶ “Tal é, ainda hoje, o grau de previsão do caraíba: ele vende seu leito de algodão pela manhã e à tarde chora para comprá-lo de volta, por não haver previsto que necessitaria dele para a noite seguinte” (OC III, *Discours sur l’origine et les fondemens de l’inégalité parmi les hommes*, p. 144; trad. bras., p. 185).

³³⁷ Por exemplo, no segundo livro: “De novo senhor de mim próprio, depois de uma longa escravidão, via-me em uma grande cidade de abundantes recursos, cheia de gente qualificada que não deixaria de me acolher, assim que me conhecesse, em vista dos meus talentos e méritos. E tinha a mais todo o tempo para esperar, e no bolso vinte francos que me pareciam um tesouro inesgotável. Poderia dispor dele à vontade, sem prestar contas a ninguém (...). Supunha que minha fortuna já estava feita, e achava muito bonito só a mim próprio dever obrigações (...) Embora eu vivesse com muita economia, minha bolsa insensivelmente se esgotava. E afinal, essa economia era menos o efeito da prudência do que de uma simplicidade de gosto que até hoje o costume nas grandes mesas ainda não alterou” (OC I, *Les confessions*, p. 70-72; trad. bras., p. 85-87). No terceiro livro: “A providência sempre me estragou o gozo. Enxergava o futuro em pura perda: jamais pude evitar” (OC I, *Les confessions*, p. 106; trad. bras., p. 117 — minha tradução).

³³⁸ OC IV, *Émile*, p. 770-771; trad. bras., p. 526-527 (meus grifos).

Mas como é possível gozar com intensidade daquilo que se tem? Rousseau nos oferece ao menos duas respostas. Em primeiro lugar, a moderação no uso dos prazeres é capaz de intensificá-los; ao passo que o excesso conduz ao desgaste e à banalização das experiências de prazer. Daí decorre a opção de Júlia por um “epicurismo da razão”³³⁹, espécie de aritmética dos prazeres em que a arte de gozar “das menores coisas” consiste em “recusá-las vinte vezes a si mesma para gozar uma”³⁴⁰.

Se, de início, a multidão e a variedade dos divertimentos parecem contribuir para a felicidade, se a uniformidade de uma vida regular parece, a princípio, tediosa, quando olhamos mais de perto, vemos, ao contrário, que o mais doce hábito da alma consiste em uma moderação do gozo sem deixar muito espaço para o desejo e o desgosto. A inquietude dos desejos produz a curiosidade, a inconstância: o vazio dos prazeres turbulentos produz o tédio.³⁴¹

O tema do autodomínio como formador do caráter virtuoso, a defesa de um comportamento racional e moderado, também está presente em Adam Smith, porém com outros objetivos e com outras consequências. Isso porque, em Smith, para enriquecer é preciso saber poupar os rendimentos: “os capitais crescem com a parcimônia e diminuem com a prodigalidade e a má conduta”³⁴². A atitude parcimoniosa, presente no homem prudente, é o que lhe possibilita acumular o excedente. Mas, para isso, ele deve privilegiar o interesse a longo prazo e lutar “contra a paixão pela fruição presente; que, embora às vezes violenta e muito difícil de ser contida, é, em geral, apenas momentânea e ocasional”³⁴³. Tudo estaria perdido para o crescimento econômico se o princípio da frugalidade não prevalecesse sempre sobre o princípio da prodigalidade. E ele prevalece porque,

³³⁹ “Assim aguça-se a volúpia do sábio: abster-se para gozar é tua filosofia, é o epicurismo da razão” (OC II, *La Nouvelle Héloïse*, p. 662; trad. bras., p. 570). O tema reaparece nos fragmentos sobre a arte de gozar: “Vede à mesa um convalescente devorado por um apetite que é obrigado a conter, saborear com volúpia todas as porções que se permite, e contar com cobiça as que ainda pode se permitir. Ele tempera cada porção com uma medida maior de prazer do que um outro coloca em uma refeição completa, ao comer metade do que vós comeis, ele goza o dobro” (OC I, *Art de jouir et autres fragments*, p. 1174).

³⁴⁰ OC II, *La Nouvelle Héloïse*, p. 541-542; trad. bras., p. 469. Mais acima, nessa mesma carta, lemos: “(...) a arte de gozar é para ela [Júlia] a das privações; não essas privações penosas e dolorosas que ferem a natureza e cuja homenagem insensata é recusada por seu autor, mas as privações passageiras e moderadas que conservam à razão todo o seu poder e, servindo de ingrediente ao prazer, evitam seu desgosto e seu abuso”.

³⁴¹ OC IV, *Émile*, p. 515; trad. bras., p. 276-277.

³⁴² SMITH, A., *A riqueza das nações*, p. 347.

³⁴³ *Ibidem*, p. 351.

diferentemente do desejo pelo gozo imediato, o “desejo de melhorar a nossa condição (...) nos acompanha desde o ventre e somente nos abandona em nossa sepultura”³⁴⁴.

Ora, acumular o excedente significa renunciar a consumi-lo no presente em nome de um gozo maior no futuro³⁴⁵, quando então a fortuna terá aumentado e haverá uma quantidade ainda maior de bens disponíveis. Para Rousseau, enquanto projetamos o gozo para o futuro, em direção ao que não temos, é impossível gozar com o que já temos. No limite, a acumulação indefinida traz o risco da não realização do gozo. Por isso encontramos em seu pensamento uma verdadeira hostilidade à eficiência produtiva³⁴⁶, que está nos antípodas da obra Smith, dos fisiocratas, e também do marxismo mais tradicional: “deve-se procurar dar pouca duração e solidez às obras da indústria e torná-las o mais perecível possível, e considerar como reais vantagens os incêndios, os naufrágios e todos os outros danos que constituem a desolação dos homens”³⁴⁷. E nem como redução da jornada de trabalho³⁴⁸ a eficiência produtiva é desejável: “(...) em tudo o que depende da indústria humana, deve-se proscrever cuidadosamente toda máquina e

³⁴⁴ Ibidem, p. 351.

³⁴⁵ “Da mesma maneira, tanto sob o aspecto da conveniência, como da utilidade, aprovamos o autodomínio por meio do qual refreamos nossos apetites presentes a fim de satisfazê-los melhor em outra ocasião. Quando agimos dessa maneira, os sentimentos que influenciam nossa conduta parecem coincidir exatamente com os do espectador. Este não experimenta as súplicas de nossos apetites presentes. Para ele, o prazer que vamos usufruir dentro de uma semana ou um ano é tão interessante quanto o que estamos usufruindo neste instante. Quando, pois, pelo bem do presente sacrificamos o futuro, nossa conduta lhe parece extravagante e absurda ao extremo, e é incapaz de compartilhar os princípios que a influenciam. Ao contrário, quando nos abstermos de um prazer presente, a fim de assegurar um prazer maior futuro, quando agimos como se o objeto remoto nos interessasse tanto quanto o que pressiona imediatamente nossos sentidos, quando nossos afetos correspondem exatamente aos seus, ele sempre aprova nosso comportamento; e, como sabe por experiência quão poucos são capazes desse autodomínio, olha nossa conduta com muita estranheza e admiração” (SMITH, A., *Teoria dos Sentimentos Morais*, p. 232).

³⁴⁶ Para uma boa análise do raciocínio contraintuitivo de Rousseau no que se refere à economia, cf. PIGNOL, C., *Pauvreté et fausse richesse chez J.-J. Rousseau*. Ressalto a seguinte passagem, da página 46: “Essa proposição provocativa se opõe à economia política, que busca sempre as condições que permitam escapar da avareza da natureza, produzir mais por um determinado custo, ou minimizar o custo de uma produção. Nesse sentido, suas ideias econômicas não pertencem a uma economia da produção cujo objetivo final seria vencer a pobreza, mas a uma economia do consumo: se a riqueza é ruim, não é porque é globalmente insuficiente nem apenas porque é mal distribuída. É certo que sua distribuição é ruim, mas isso é antes uma consequência do luxo, definido como um mau uso da riqueza. O problema que coloca a riqueza vem primeiro do fato de que a usamos mal. O mau uso da riqueza é efeito da vaidade e da inveja entre os indivíduos nas sociedades de mercado: 'ruim' porque ela traz infelicidade ao indivíduo ao tornar seu desejo insatisfeito e ao fechar o seu coração ao sofrimento dos outros, e dos pobres em particular”.

³⁴⁷ OC III, *Fragments politiques*, p. 525.

³⁴⁸ A temperança e o trabalho são os dois verdadeiros médicos do homem: o trabalho aguçava seu apetite e a temperança impede que abuse dela” (OC IV, *Émile*, p. 271; trad. bras., p. 34).

toda invenção que possa encurtar o trabalho, economizar mão de obra e produzir o mesmo efeito com menos dificuldade”³⁴⁹.

Em Rousseau, a arte de gozar, quando se desprende do presente, conduz o sujeito mais para o passado do que para o futuro. Por isso, a segunda forma de intensificar o gozo passa pela rememoração de uma experiência prazerosa já ocorrida como modo de gozar novamente dela³⁵⁰. A função mais preciosa de um herbário, para Rousseau, é a de funcionar como um diário de herborização. As plantas, mesmo em fragmentos, permitem que ele reviva caminhadas realizadas outrora como se estivesse novamente em campo aberto. O herbário preserva as lembranças e pode ser usado quando as circunstâncias não permitem a caminhada e o contato direto com a natureza (é o caso do inverno europeu, que é pobre de herborização). A experiência de folheá-lo é comparada ao efeito de um aparelho óptico, evidenciando o poder evocativo da memória:

Agora, que não posso mais correr por essas felizes regiões, basta abrir meu herbário para que logo me transporte para elas. Os fragmentos das plantas que lá colhi são suficientes para me recordar todo aquele magnífico espetáculo. Esse herbário é, para mim, um diário de herborizações, que me fez retomá-las com novo encanto e que produz o efeito de um aparelho óptico, como se as representasse mais uma vez diante de meu olhos.³⁵¹

A segunda lição da arte de gozar diz respeito ao amor-próprio, que corrompe o gozo ao alienar o valor real das coisas na necessidade de mostrar-se ao outro. Segundo Rousseau, “há uma grande diferença entre o valor que a opinião dá às coisas e aquele que elas têm realmente”³⁵². No luxo, na ostentação, na moda, o objetivo central é se distinguir dos demais. Quando tudo decorre da opinião, preocupa-se mais com a maneira como os outros julgam, aprovam ou desaprovam, do que com o prazer dado pelas coisas ou com sua utilidade para a vida: “a moda sufoca o gosto, e não mais procura o que agrada, mas o que distingue”³⁵³. Assim, saber gozar é sobretudo uma questão de gosto: “para desdenhar o brilho e o luxo, precisamos menos de moderação do que de gosto”³⁵⁴.

³⁴⁹ OC III, *Fragments politiques*, p. 525.

³⁵⁰ “Dizendo a mim mesmo, eu gozei, gozo de novo” (OC I, *Art de jouir et autres fragments*, p. 1174).

³⁵¹ OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1073; trad. bras., p. 138.

³⁵² OC II, *La Nouvelle Héloïse*, p. 550; trad. bras., p. 476.

³⁵³ OC IV, *Émile*, p. 672; trad. bras., p. 430.

³⁵⁴ OC II, *La Nouvelle Héloïse*, p. 546; trad. bras., p. 473.

O gozo proveniente do gosto remete ao *ser* e o gozo da distinção³⁵⁵ remete ao *parecer*.

Nesse sentido, para Rousseau, o rico é fundamentalmente alguém que não tem gosto, e que, portanto, não sabe gozar. No livro III de *Emílio*, o preceptor leva o aluno para um banquete numa “casa opulenta”, onde se encontra “muita gente, muitos lacaios, muitos pratos, um serviço fino e elegante”³⁵⁶. Em suma, Emílio se vê diante de um jantar luxuoso, em uma casa bem decorada, com muitos empregados, e tendo à mesa as chamadas *pessoas distintas*³⁵⁷. Emílio encontra-se fascinado, hipnotizado, pela profusão das riquezas que observa, quando o preceptor lhe surpreende com a seguinte pergunta: “por quantas mãos estimais que passou tudo o que vedes nesta mesa antes de chegar nela?”³⁵⁸. O primeiro ponto a ressaltar é que o preceptor mostra a Emílio que o rico literalmente se alimenta às custas da saúde e da vida de milhares de homens. O luxo, que mobiliza o trabalho de um número importante de indivíduos relativamente àqueles que gozam dele, é em parte o motor das desigualdades econômicas e sociais.

Segundo, tal como a cena é descrita, fica claro que os convivas estão inteiramente absortos por tudo que se passa ao redor deles, pela decoração e ornamentos que vêem, pelos comentários barulhentos que escutam, e que mal observam o que comem. Alimenta-se “o estômago através dos olhos”³⁵⁹. O anfitrião que serviu o jantar está numa situação ainda pior, pois o trabalho que teve em organizar o banquete com toda aquela pompa o privou do prazer de usufruir dele: “se fôsseis o dono da casa (...) o cuidado de exhibir aos olhos dos outros vosso gozo teria acabado por tirá-lo de vós: teríeis tido o trabalho e eles, o prazer”³⁶⁰. A riqueza, então, traz tantos inconvenientes que quase anula o gozo³⁶¹.

³⁵⁵ Em Rousseau, o gozo da distinção tem sempre o mesmo sentido, estabelecido desde o segundo *Discurso*: “se encontramos uns poucos poderosos e ricos no auge da grandeza e da fortuna, enquanto a multidão rasteja na obscuridade e na miséria, é porque os primeiros só valorizam as coisas de que gozam na medida em que os demais delas são privados e, sem mudar de condição, deixariam de ser felizes se o povo deixasse de ser miserável” (OC III, *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*, p. 189; trad. bras., p. 239 — minha tradução).

³⁵⁶ OC IV, *Émile*, p. 463; trad. bras., p. 224.

³⁵⁷ Essas raramente frequentam a casa de Júlia: “raramente são vistos aqui esses bandos de ociosos chamados pessoas distintas” (OC II, *La Nouvelle Héloïse*, p. 553; trad. bras., p. 479).

³⁵⁸ OC IV, *Émile*, p. 463; trad. bras., p. 224.

³⁵⁹ OC II, *La Nouvelle Héloïse*, p. 543; trad. bras., p. 470.

³⁶⁰ OC IV, *Émile*, p. 464; trad. bras., p. 225.

³⁶¹ “O barulho das pessoas de uma casa perturba incessantemente o repouso do dono. Ele nada pode esconder a tantos Argos. A multidão de seus credores faz-lhe pagar caro a de seus admiradores. Seus aposentos são tão maravilhosos que ele é forçado a dormir num cubículo para

Terceiro, o rico está tão alienado na dinâmica do amor-próprio que não consegue mais distinguir o que é bom do que é ruim. A qualidade real das coisas é inteiramente confundida pelo signo que marca a distinção. Em suas mesas reinam “os pratos finos e requintados, cujo único preço é o de ser pouco comum e que é preciso nomeá-los para achá-los bons”³⁶². Isso faz com que seja fácil enganá-los³⁶³, bastando, por exemplo, colar a etiqueta de um vinho bom em um vinho ruim³⁶⁴: “falsificam-se sobretudo as bebidas, e sobretudo os vinhos, porque a enganação é mais difícil de se descobrir, e dá mais lucro ao enganador”³⁶⁵. Em Rousseau, o luxo não é útil ao desenvolvimento econômico; é antes uma desgraça que corrompe toda a sociedade, tanto os ricos quanto os pobres³⁶⁶, engendrando uma série de vícios que se encadeiam uns nos outros. Em suma, o rico explora o pobre, enquanto o pobre engana o rico.

Quarto, na abundância dos ricos, o supérfluo faz com que se perca a dimensão do necessário. Na casa de Júlia, ao contrário, vemos muita “abundância no necessário e nenhum traço de supérfluo”³⁶⁷. Rousseau não defende a penúria para todos, mas a abundância³⁶⁸ do necessário. O luxo degenera o gosto em mau gosto, fazendo com que “se ame o que é difícil e caro”³⁶⁹, no lugar do simples e do

estar à vontade e seu macaco, às vezes, está mais bem alojado do que ele. Se quer almoçar, depende de seu cozinheiro e nunca de sua própria fome, se quer sair está na dependência de seus cavalos, mil dificuldades o detêm nas ruas (...), o peso do ouro de seu trajo o abate, não pode dar vinte passos a pé” (OC II, *La Nouvelle Héloïse*, p. 546-547; trad. bras., p. 473).

³⁶² OC II, *La Nouvelle Héloïse*, p. 543; trad. bras., p. 470.

³⁶³ “Uma das misérias dos ricos é serem enganados em tudo” (OC IV, *Émile*, p. 273; trad. bras., p. 35).

³⁶⁴ Saint-Preux foi enganado assim: “fui a princípio enganado pelos nomes pomposos que se davam a esses vinhos que, de fato, acho excelentes, bebendo-os como se proviessem dos lugares de que traziam os nomes” (OC II, *La Nouvelle Héloïse*, p. 552; trad. bras., p. 478).

³⁶⁵ OC IV, *Émile*, p. 451; trad. bras., p. 212.

³⁶⁶ “O luxo corrompe tudo: o rico que o desfruta e o miserável que o cobiça” (OC III, *Observations de Jean-Jacques Rousseau, de Genève, sur la Réponse qui a été faite à son Discours*, p. 51; trad. bras., p. 88).

³⁶⁷ OC II, *La Nouvelle Héloïse*, p. 548; trad. bras., p. 474.

³⁶⁸ Encontramos a definição rousseauiana de abundância nos *Fragments políticos*: “No que se refere à abundância, não entendo por essa palavra uma situação em que alguns indivíduos regurgitam de todas as coisas enquanto todo o resto do povo é obrigado a recorrer a eles para receber sua subsistência ao preço que lhes agrada estabelecer, nem esse outro estado, hipotético e impossível ao menos por sua duração, em que todo mundo encontraria sob as mãos, sem trabalho e sem esforço, com o que satisfazer suas necessidades, mas aquele no qual todas as coisas necessárias à vida se encontram reunidas no país em tal quantidade que cada um pode, com o seu trabalho, acumular facilmente tudo o que precisa para a sua conservação” (OC III, *Fragments politiques*, p. 523-524).

³⁶⁹ OC IV, *Émile*, p. 673; trad. bras., p. 431.

disponível³⁷⁰. Suas insígnias passam a orientar o gosto da multidão, que não possui juízo próprio e que “não aprova o que é bom, mas o que eles aprovaram”³⁷¹.

Ver-se entregue à opinião do outro é estar em algum nível desprovido de seu próprio gosto e da capacidade de julgar. A refeição de Emílio é realmente para o estômago; ele deve estar inteiramente onde está, ou seja, manter relação com seu próprio gosto e com seus sentidos. Por isso, detentor de um juízo saudável, Emílio irá preferir uma refeição rústica, mas boa e salutar, inteiramente preparada com produtos locais que passaram por pouquíssimas mãos antes de chegar a ele. “Em que realmente gozastes de tudo o que fornecera a mais a terra longínqua e a mão dos homens na outra mesa?”³⁷². A educação do preceptor conduziu Emílio a concluir que toda a pompa do banquete não acrescentou em nada ao sabor da refeição. E pior, todo aquele serviço, que talvez “tenha custado a vida de milhares de homens”, foi feito “para apresentar-lhe pomposamente ao meio-dia o que à noite vai depositar em sua privada”³⁷³, ou seja, terá o mesmo destino de toda refeição.

A equivalência simbólica entre as fezes e os objetos produzidos é recorrente nos *Fragmentos sobre botânica*. Boticários, assim como outras pessoas desprovidas de gosto, não conseguem ver nas plantas senão material para lavagens intestinais³⁷⁴. Ao final do livro quatro de *Emílio*, as fezes, primeiro objeto de troca das crianças, são comparadas com o dinheiro: “quem quer que se afaste dessas regras, por mais rico que seja, comerá seu ouro como esterco e jamais conhecerá o valor da vida”³⁷⁵.

Isso nos conduz à terceira e última lição da arte de gozar: “o supremo gozo está no contentamento consigo mesmo”³⁷⁶. Idealmente, o melhor dos gozos é desprovido de objeto. A arte de gozar implica em saber gozar com o necessário, como vimos, mas no limite implica também em saber gozar com nada ou com

³⁷⁰ “O gosto não parece cem vezes melhor nas coisas simples do que nas que são ofuscadas pela riqueza?” (OC II, *La Nouvelle Héloïse*, p. 546; trad. bras., p. 473).

³⁷¹ OC IV, *Émile*, p. 672; trad. bras., p. 430.

³⁷² OC IV, *Émile*, p. 464; trad. bras., p. 225.

³⁷³ OC IV, *Émile*, p. 463; trad. bras., p. 224.

³⁷⁴ “Os farmacêuticos não vêem no rico esmalte dos prados senão ervas para lavagens” (OC IV, *Fragments de botanique*, p. 1252).

³⁷⁵ OC IV, *Émile*, p. 690-691; trad. bras., p. 449.

³⁷⁶ OC IV, *Émile*, p. 587; trad. bras., p. 347.

quase nada. Trata-se de um gozo que não deriva da celebração de um sucesso, de uma conquista, de uma descoberta, ou mesmo da realização de um desejo, mas do prazer de existir pura e simplesmente.

Por isso, as quatro cartas a Malesherbes sustentam do início ao fim a compatibilidade perfeita entre gozo e solidão. Do que gozava esse ser solitário? “De mim, do universo inteiro, de tudo o que existe, de tudo que pode existir, de tudo que o mundo sensível tem de belo e o mundo intelectual, de imaginável”³⁷⁷. Como vemos, gozar de si próprio possui dois elementos centrais: o gozo com tudo que o mundo sensível tem de belo e o gozo com tudo que o mundo intelectual tem de imaginável. No primeiro caso, temos a botânica, o gozo com a contemplação da natureza, o desejo de expansão, o prazer que o eu sente ao perder suas fronteiras. No segundo caso, temos o gozo da imaginação, quando então Rousseau diz povoar a terra “com seres conformes ao [seu] coração”³⁷⁸. A leitura dos clássicos, que fizera com o pai na infância, imprimiu nele o gosto pelas coisas imaginárias e a inclinação a corrigir os defeitos do mundo através da ficção³⁷⁹.

O país das quimeras é, neste mundo, o único digno de ser habitado e a nulidade das coisas humanas é tal que, exceto o Ser existente por si mesmo, não há nada de belo a não ser o que não existe.³⁸⁰

A famosa tese acerca da bondade natural do homem deve ser entendida no interior dessa concepção do gozo consigo próprio³⁸¹. A natureza colocou no homem tudo que ele precisa para ser feliz, bastando que ele saiba satisfazer-se

³⁷⁷ OC I, *Lettres a Malesherbes*, p. 1138-1139; trad. bras., p. 27.

³⁷⁸ OC I, *Lettres a Malesherbes*, p. 1140; trad. bras., p. 29.

³⁷⁹ “(...) foi nutrir-me das situações que me haviam interessado nas leituras, lembrá-las, variá-las, combiná-las, apropriar-me delas de tal modo que me tornasse um dos personagens que imaginava, que me visse sempre, segundo meu gosto, nas mais agradáveis posições, enfim, que a condição fictícia em que eu me travestira me fizesse esquecer a vida real que me descontentava tanto. Esse gosto pelas coisas imaginárias e essa facilidade de as imaginar acabaram de me desgostar de tudo que me cercava, e determinaram esse amor à solidão que me ficou desde esse tempo, para sempre” (OC I, *Les confessions*, p. 41.; trad. bras., p. 59).

³⁸⁰ OC II, *La Nouvelle Héloïse*, p. 693; trad. bras., p. 595.

³⁸¹ Minha interpretação baseia-se bastante no livro de Arthur Melzer, onde lemos: “Rousseau não simplesmente nega o que esses pensadores [Hobbes e Platão] afirmam, a saber, que os homens como os vemos agora estão inclinados à iniquidade – seja por um desejo inquieto de progresso ou por um desejo frustrado de descanso. Mas esses desejos, afirma ele, são apenas distorções criadas pela sociedade, distorções de algo mais fundamental que ele redescobriu. Em seu *self* mais profundo o homem é absoluto e auto-suficiente e, portanto, a sua experiência mais profunda, o ‘primeiro movimento da natureza’, não é nem um desejo inquieto nem um anseio frustrado, mas sim contentamento, paz e um grande amor pela existência. O homem é naturalmente bom para si mesmo, nesse sentido” (MELZER, A., *The natural goodness of man*, p. 34).

com a sua própria existência, que ele saiba sentir o cintilante prazer de existir. Sobre a felicidade que se pode experimentar ao sentir a própria existência, lemos:

De que gozamos em semelhante situação? De nada exterior a nós, de nada além de nós mesmos e de nossa própria existência; enquanto dura esse estado, bastamos nós mesmos, como Deus. O sentimento de existência despojado de toda outra afeição é, em si, um sentimento precioso de contentamento e de paz, bastaria-se sozinho para tornar essa existência cara e doca a quem soubesse afastar de si todas as impressões sensuais e terrenas, que vêm incessantemente nos distrair e perturbar a doçura deste mundo.³⁸²

É claro que Rousseau sabe que a felicidade como estado de completude, em que toda inquietação finalmente cessaria, nos é vetado³⁸³. E é aqui que a arte de gozar encontra seus limites terrenos e aparece a religião. A perfeita felicidade não pode ser encontrada “aqui embaixo”³⁸⁴, onde tudo é imperfeito; ela está destinada ao momento em que a alma se desprende do corpo e o homem encontra finalmente a recompensa por ter sido bom e justo em vida. Ainda assim, os selvagens são, para Rousseau, aqueles que chegam mais perto desse contentamento consigo mesmo. Os únicos que “gozam não das coisas, mas de si próprios”, que “passam vida sem fazerem nada e jamais se aborrecem”³⁸⁵.

Smith via os grupamentos que vivem da caça e da pesca como “miseravelmente pobres”, e acreditava que “até mesmo um trabalhador da classe mais baixa e mais pobre, se for frugal e aplicado, pode desfrutar de uma parcela maior dos bens de primeira necessidade e comodidades da vida do que qualquer selvagem conseguiria adquirir”³⁸⁶. Rousseau, por sua vez, via com bons olhos a situação desses povos. Estando a faculdade da piedade ainda pouco corrompida

³⁸² OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1047; trad. bras., p. 102.

³⁸³ Na quinta caminhada, lemos: “Tudo está em um fluxo contínuo sobre a terra: nada mantém uma forma constante e fixa, e nossas afeições, que se prendem às coisas exteriores, como estas, passam e mudam necessariamente. Sempre à frente ou atrás de nós, elas lembram o passado, que não é mais, ou antecipam o futuro, que, muitas vezes, não deve acontecer: não existe nada de sólido a que o coração possa se pegar. Assim, neste mundo, só conhecemos o prazer passageiro; a felicidade duradoura, duvido que seja conhecida (...). E como chamar de felicidade um estado fugidio que nos deixa o coração inquieto e vazio, que nos faz sentir falta de algo antes ou desejar ainda algo depois?” (OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1046; trad. bras., p. 101). Ou ainda, na nona caminhada: “A felicidade é um estado permanente que não parece feito, neste mundo, para o homem (...). Assim, todos os nossos projetos de beatitude para esta vida são quimeras” (OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1085; trad. bras., p. 157).

³⁸⁴ “Não sou perfeitamente feliz, pois não há nada de perfeito aqui embaixo, sobretudo a felicidade” (CG XVI, p. 248).

³⁸⁵ OC IV, *Émile*, p. 515; trad. bras., p. 277.

³⁸⁶ SMITH, A., *A riqueza das nações*, p. 36-37.

pelo amor-próprio, o selvagem é capaz de expressar uma maior solidariedade com o próximo. O homem civil, imerso no amor-próprio, pressionado por uma necessidade de acumular que o conduz a sempre competir com os demais, torna-se cada vez mais surdo às dores do outro. Continuamente atormentado por um desejo destinado a permanecer insatisfeito pela própria lógica que o gerou, desaprende a gozar da vida, sua abundância é sua miséria, consegue a façanha de ser infeliz mesmo quando se é rico.

2.5 “A mão que me faz gozar de tudo isso”

A botânica rousseauniana, tal como a de Lineu, perfaz o caminho que leva do estudo das plantas à existência de Deus³⁸⁷. Rousseau chega a afirmar que percorrer esse caminho constituiu o verdadeiro objetivo do estudo da natureza:

O estudo da natureza nos desprende de nós mesmos e nos eleva ao seu Autor. É neste sentido que alguém se torna verdadeiramente filósofo; é assim que a história natural e a botânica têm uso para a sabedoria e para a virtude.³⁸⁸

Aqui entra em jogo um outro aspecto da botânica enquanto terapia: o estudo da natureza contribui para a sabedoria e para a virtude não apenas por possibilitar o controle das paixões, mas também por conduzir o estudioso à certeza da existência de Deus. Como esperado, a pressuposição da divindade não é desprovida de consequências importantes para a construção de uma filosofia moral. É bem sabido que Rousseau não via compatibilidade entre materialismo e moral. Seu coração jamais o permitiu crer que os justos não serão um dia felizes, recompensados pelos sofrimentos da vida terrena: Jesus não morreria em vão na cruz. Em carta a Moulton, vemo-lo insurgir-se contra a “moda” dos argumentos materialistas e expor de forma clara sua posição resoluta:

Quereis rejeitar a inteligência universal? As causas finais vos furam os olhos. Quereis sufocar o instinto moral? A voz interna eleva-se em vosso coração, nele destrói os pequenos argumentos da moda, e vos clama que não é verdade que o homem honesto e o celerado, o vício e a virtude, não são nada; pois vós sois um

³⁸⁷ Sobre a ideia de Deus em Rousseau, cf. DE MAN, P., *The timid god*.

³⁸⁸ OG XVI, p. 44.

raciocinador muitíssimo bom para não ver imediatamente que, rejeitando a causa primeira e fazendo tudo com a matéria e o movimento, remove-se toda moralidade da vida humana. O que, meu Deus! o justo desafortunado, vítima de todos os males desta vida, sem exceção sequer do opróbrio e da desonra, não teria nenhuma compensação a esperar depois dela, e morreria como uma besta depois de ter vivido em Deus? Não, não, Moulto; Jesus, que este século não compreendeu, porque é indigno de conhecê-lo, Jesus, que morreu por ter querido fazer dos seus vis compatriotas um povo ilustre e virtuoso, o sublime Jesus não morreu inteiramente na cruz.³⁸⁹

O estudo dos vegetais permite que Rousseau contemple a existência de uma ordem física admirável na natureza e pressuponha a existência de uma ordem moral que lhe corresponda: “ela [a natureza] não é contraditória consigo própria: nela vejo reinar uma ordem física admirável e que não se desmente jamais. A ordem moral nela deve corresponder”³⁹⁰. Certamente seria possível observar as plantas sem qualquer conhecimento prévio e encantar-se com suas formas elegantes e variadas, mas sem conhecer as semelhanças e as diferenças entre os vegetais não se é transportado até “a mão que [nos] faz gozar de tudo isso”³⁹¹.

Por esse motivo, Rousseau critica, nas *Confissões*, o olhar do ignorante em História Natural³⁹²; a admiração “estúpida e monótona” daqueles que olham as plantas sem a possuir a menor ideia do que estão vendo:

Por elegante, por admirável, por mais diversa que seja a estrutura dos vegetais, ela não atinge suficientemente um olho ignorante a ponto de interessá-lo. Aquela analogia constante, e no entanto, aquela prodigiosa variedade que reina em sua organização, não entusiasma senão aqueles que já têm alguma ideia do sistema vegetal. Os outros não têm, ao verem todos esses tesouros da natureza, senão uma admiração estúpida e monótona. Não vêem nada em detalhe, porque nem mesmo sabem o que devem olhar; tampouco vêem o conjunto, porque não têm nenhuma ideia daquela cadeia de relações e de combinações que cumula, com suas maravilhas, o espírito do observador.³⁹³

O olhar do ignorante perde a apreciação da natureza como ordem, que só pode ser apreendida da cadeia de relações e de combinações que estruturam o

³⁸⁹ CG XIX, p. 88.

³⁹⁰ CG XIX, p. 89.

³⁹¹ OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1069; trad. bras., p. 133 (minha tradução).

³⁹² O próprio Rousseau nos conta que só percebia a natureza em bloco antes de estudar botânica: “fixando minha atenção nos objetos que me rodeavam, fez-me, pela primeira vez, considerar em detalhes o espetáculo da natureza, que eu quase não havia contemplado até então, a não ser em bloco e em seu conjunto” (OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1062; trad. bras., p. 124).

³⁹³ OC I, *Les confessions*, p. 641.; trad. bras., p. 577-578 (minha tradução).

todo. A ordem é a harmonia e o acordo que reina no todo, na natureza tomada como unidade, em que cada parte concorre de um lugar determinado, assinalado pela natureza de modo inconfundível na imperturbável divisão das espécies. Apenas na perspectiva dos seres finitos existe o mal, a morte, as doenças, as dores. Quando o mal decorre da lei da natureza, Rousseau nos prescreve a resignação infinita, e que evitemos uma batalha da qual inevitavelmente sairemos perdedores³⁹⁴. Na perspectiva do Todo, “tudo está bem”³⁹⁵, sempre, pois “o Universo subsiste, a ordem reina nele e se conserva”³⁹⁶. Para metafísica rousseauniana, apenas uma coisa é certa: que “o todo é uno e anuncia uma inteligência única”, ou seja, “que o mundo é governado por uma vontade poderosa e sábia”³⁹⁷.

Quando o ignorante deixa escapar a apreciação dessa ordem perfeita que anuncia a presença de uma inteligência suprema, ele perde a oportunidade de render à divindade o mais digno tipo de homenagem — provavelmente a única que interessava a Rousseau realizar:

Não encontro homenagem mais digna à divindade do que aquela admiração muda que a contemplação de suas obras excita e que não se exprime por atos desenvolvidos. Compreendo por que os que moram em cidades, e só vêm paredes, ruas e crimes, têm pouca fé; porém, não posso compreender por que os camponeses, e principalmente os que vivem solitários, podem deixar de tê-la. Como suas almas não se elevam cem vezes por dia em êxtase ao Autor das maravilhas que as atingem?³⁹⁸

Cabe notar que encontramos em Diderot o oposto exato desse argumento. Na *Carta sobre os cegos para uso dos que vêem*, Diderot sugere que o sentido da visão nos desvia da matéria. Se fôssemos cegos, tenderíamos ao materialismo e estaríamos em posição mais propícia a desconfiar da existência de um artífice. O cego não pode dar endosso ao clássico argumento da existência de Deus pela observação da perfeição de suas obras, pois ele não é capaz de enxergar as

³⁹⁴ “Tudo nele [no Universo] perece sucessivamente porque essa é a lei dos seres materiais e movidos; mas tudo nele também se renova, e nada degenera, porque essa é a ordem de seu autor, e essa ordem não se contradiz” (OC IV, *Lettres à M. de Franquières*, p. 1141; trad. bras., p. 184). Rousseau consola Du Peyrou pela perda da mãe dizendo-lhe que “tal é a lei da natureza, é preciso abaixar a cabeça e resignar-se” (CG XIX, p. 111).

³⁹⁵ OC IV, *Lettre de J. J. Rousseau a Monsieur de Voltaire*, p. 1068; trad. bras., p. 130.

³⁹⁶ OC IV, *Lettres à M. de Franquières*, p. 1140-1141; trad. bras., p. 184.

³⁹⁷ OC IV, *Émile*, p. 580-581; trad. bras., p. 341.

³⁹⁸ OC I, *Les confessions*, p. 642.; trad. bras., p. 578 (minha tradução).

maravilhas da natureza³⁹⁹. Além disso, estando mais habituado a pensar a partir do escuro imposto pela cegueira, o cego conduz aquele que vê a meditar sobre o começo dos tempos. O olhar nos retém demasiadamente no estado atual do mundo, mas somos todos cegos diante de seu passado. Ora, não há motivo para supor que as formas que vemos sempre foram as mesmas, que a ordem sempre subsistiu tal como a conhecemos hoje, e que a natureza não se transformou com o passar do tempo⁴⁰⁰.

Para Diderot, a maior parte de nós não conta com o privilégio da cegueira⁴⁰¹. Para Rousseau, por sua vez, a maior parte de nós não conta com o privilégio da visão. Somos “cegos de nascença”, e nem sequer sabemos o que quer dizer ver, pois nunca conseguimos distinguir com clareza o que é realmente essencial:

Somos inteiramente cegos, mas cegos de nascença que nem sequer imaginam o que é a visão; e por não acreditar que nos falte alguma faculdade, queremos medir as extremidades do mundo, embora nossas curtas luzes não cheguem, como nossas mãos, senão a dois pés de nós.⁴⁰²

Com efeito, o termo “admiração muda” resume satisfatoriamente toda a teologia de Rousseau. Ele não sente a necessidade de ultrapassar o âmbito dessa certeza interior⁴⁰³. Ao ser conduzido, através da observação da natureza, à certeza

³⁹⁹ “Ah, Senhor!, dizia-lhe o filósofo cego, deixai de lado todo esse belo espetáculo que nunca foi feito para mim! Fui condenado a passar minha vida nas trevas; e vós me citais prodígios que não entendo, e que só provam para vós e para os que vêm como vós. Se quereis que eu creia em Deus, cumpre que me façais tocá-lo” (DIDEROT, D., *Carta sobre os cegos*, p. 120).

⁴⁰⁰ “Eu não vejo nada, entretanto admito em tudo uma ordem admirável; mas conto que não exigireis mais do que isso. Eu vos concedo isto quanto ao estado atual do universo, para obter de vós em compensação a liberdade de pensar o que me aprouver sobre o seu antigo e primeiro estado, a cujo respeito não sois menos cego do que eu (...). Imaginai, pois, se quiserdes, que a ordem que vos impressiona sempre subsistiu; mas deixai-me crer que não é assim; e que se remontássemos ao nascimento das coisas e dos tempos, e se sentíssemos a matéria mover-se e o caos desembrulhar-se, reencontraríamos uma multidão de seres informes para alguns seres bem organizados” (Ibidem, p. 121).

⁴⁰¹ Sobre o tema da cegueira no Iluminismo, cf. TUNSTALL, K., *Blindness and Enlightenment: an essay*. O primeiro capítulo é inteiramente dedicado a Diderot.

⁴⁰² OC IV, *Lettres morales*, p. 1092 ; trad. bras., p. 151.

⁴⁰³ “O homem ao mesmo tempo racional e modesto, percebe seus limites e se mantém dentro deles, encontra nesses limites a ideia de sua alma e a do Autor de seu ser, sem ser capaz de ir além disso para tornar essas noções claras e contemplar uma e outra de tão perto como se fosse ele próprio um puro espírito. Então, tomado de respeito, pára e não toca no véu, contente de saber que o Ser imenso está sob ele. Eis até onde a filosofia é útil à prática. O resto nada mais é do que especulação ociosa para a qual o homem não foi feito, da qual o raciocinador moderado se abstém, e na qual o homem vulgar de modo algum participa” (OC IV, *Lettres à M. de Franquières*, p. 1137; trad. bras., p. 181). Ou ainda: “O primeiro fruto que obtive dessas reflexões foi aprender a limitar minhas investigações ao que me interessava imediatamente, a repousar-me sobre uma

desse “ser incompreensível que abraça tudo”, Rousseau entrava em um êxtase que o impossibilitava até mesmo de pensar e de falar. Sufocado pela grandiosidade dessa revelação, só conseguia exclamar: “Oh, grande Ser! Oh, grande Ser”⁴⁰⁴. Pouco importa a verdade do mundo exterior, que o limitado entendimento humano em vão tenta desvelar. Em vão, também, os teólogos ultrapassam o âmbito limitado da certeza interior de uma divindade e tentam perscrutar seus desígnios: esses também não estão ao nosso alcance. Jamais desvendaremos nossa natureza, a causa final, quantas são as substâncias, o que é matéria e o que é a alma etc.⁴⁰⁵

No entanto, o pensamento de Rousseau pressupõe a existência de uma teleologia, ainda que pouco diga a seu respeito. A terceira carta enviada à Sra. Delessert, por exemplo, que versa sobre as leguminosas, é impregnada de finalismo:

O Supremo Obreiro, atento à conservação de todos os seres, teve grande cuidado em proteger a frutificação das plantas dos ataques que podem prejudicá-las, mas ele parece ter redobrado a atenção para aquelas que servem à nutrição dos homens e dos animais, como a maior parte das leguminosas.⁴⁰⁶

É certo que Rousseau não via nas plantas nada que indicasse a produção de remédios, mas, às vezes, vinha-lhe ao espírito que elas foram feitas para a alimentação dos animais⁴⁰⁷. Na quarta carta à Sra. Delessert, encontramos uma passagem bastante enigmática: “Se perguntais ainda: por que essas glândulas? Eu vos responderei que elas são um dos instrumentos destinados pela natureza a unir o reino vegetal ao reino animal e fazê-los circular um no outro”⁴⁰⁸. Rousseau pode estar se referindo aqui ao papel dos insetos na polinização, ainda assim, o raciocínio finalista está presente. Conforme nos diz Paul Cantor, as abordagens

profunda ignorância acerca de todo o resto, e a só me inquietar até a dúvida com coisas que me importava saber” (OC IV, *Émile*, p. 569; trad. bras., p. 330).

⁴⁰⁴ OC I, *Lettres a Malesherbes*, p. 1141; trad. bras., p. 29-20.

⁴⁰⁵ “Não temos a medida dessa máquina imensa, não podemos calcular as relações; não conhecemos nem suas primeiras leis nem a causa final; somos ignorantes acerca de nós mesmos; não conhecemos nem nossa natureza nem nosso princípio ativo; mal sabemos se o homem é um ser simples ou composto; mistérios impenetráveis cercam-nos por toda parte; eles estão acima da região sensível; para penetrá-los, acreditamos ter inteligência e só temos imaginação” (OC IV, *Émile*, p. 568; trad. bras., p. 329).

⁴⁰⁶ OC IV, *Lettres sur la botanique*, p. 1164.

⁴⁰⁷ “Muitas vezes pensei, ao olhar de perto os campos, os pomares, os bosques e seus numerosos habitantes, que o reino vegetal era um armazém de alimentos doados pela natureza ao homem e aos animais. Mas nunca ocorreu a meu espírito nele procurar drogas e remédios” (OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1064-1065; trad. bras., p. 127).

⁴⁰⁸ OC IV, *Lettres sur la botanique*, p. 1166.

teleológicas pressupõem que “cada parte de um ser vivo tem uma função a servir na economia geral do organismo, mas cada organismo, por sua vez, tem uma função a servir na economia mais ampla da natureza como um todo”⁴⁰⁹. Ou seja, a pressuposição de uma relação de dependência entre os reinos é reveladora de uma abordagem finalista. A nota de rodapé da edição da Pléiade, ligada a essa citação da quarta carta, nos lembra que o reino vegetal não penetra no reino animal, que o primeiro prescinde quase inteiramente do segundo, embora o oposto não seja verdadeiro.

Cook resume o finalismo de Rousseau com as seguintes palavras: “Unidade e ordem indicam um fim desconhecido e incognoscível. Ontologicamente, existem causas finais; epistemologicamente, elas são incognoscíveis”⁴¹⁰. Essa é precisamente a posição do vigário, na *Profissão de Fé*:

Julgo a ordem do mundo, embora desconheça seu fim, porque para julgar essa ordem basta-me comparar as partes entre si, estudar seu concurso, suas relações, observar o concerto (...). Sou como um homem que visse pela primeira vez um relógio aberto e que, embora não conhecesse o uso da máquina e não tivesse visto o mostrador, não deixasse de admirar a obra. Não sei, diria ele, para que serve o todo, mas vejo que cada peça é feita para as outras; admiro o obreiro no detalhe de sua obra, e estou bem certo de que todas essas engrenagens só marcham assim em concerto para um fim comum que me é impossível perceber.⁴¹¹

Segundo Bruno David, na apresentação a um volume contendo alguns verbetes da *História Natural* de Buffon, o finalismo permeia o século XVIII. Ele conta que Diderot e Voltaire⁴¹² zombavam do raciocínio de Bernardin de Saint-Pierre, amigo de herborização de Rousseau, que dizia que o melão foi

⁴⁰⁹ CANTOR, P., *The metaphysics of botany*, p. 369. O artigo sustenta que não há teleologia na botânica de Rousseau, mas é preciso notar que Cantor analisa apenas os *Devaneios do caminhante solitário*.

⁴¹⁰ COOK, A., *Jean-Jacques Rousseau, "Terminator" and Telos in Nature*, p. 321.

⁴¹¹ OC IV, *Émile*, p. 578; trad. bras., p. 339.

⁴¹² Voltaire, em suas sátiras, ridiculariza frequentemente a metafísica finalista. O conto *Micrômegas*, por exemplo, se encerra com o riso dos gigantes de Sirius e de Saturno diante da seguinte fala de um padre: “Mas, infelizmente, havia ali também um animalículo de boné quadrado que cortou a palavra de todo os animalículos filósofos. Ele disse que sabia todo o segredo, que estava tudo na Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino; olhou de alto a baixo os dois habitantes celestes e lhe explicou que suas pessoas, seus mundos, seus sóis, suas estrelas, tudo, enfim, era feito exclusivamente para o homem. Ouvindo isso, nossos dois viajantes caíram numa gargalhada sem fim (...). O siriano pegou de novo os insetinhos e ainda lhes falou bondosamente, embora estivesse, no fundo, meio aborrecido de ver que os infinitamente pequenos tivessem um orgulho infinitamente grande” (VOLTAIRE, *Micrômegas*, p. 59-60).

dividido em fatias pela natureza para ser comido em família⁴¹³. Lineu também era bastante resoluto em seu finalismo⁴¹⁴. Para Cook, a pressuposição da incognoscibilidade é o que impede Rousseau de declarar que a finalidade da natureza é o homem:

O trabalho botânico de Rousseau pressupõe uma força externa agindo sobre a natureza, mas o seu finalismo está em desacordo com a físico-teologia do século XVIII, cujos adeptos – Pluche, Nieuwentyt e Lineu – afirmam um conhecimento definido do fim último do Criador como sendo o *homem*.⁴¹⁵

Porém, é igualmente verdadeiro que, na *Profissão de fé*, o vigário afirma que o homem ocupa a posição mais privilegiada no plano cosmológico, retomando o argumento da *grande cadeia dos seres* em um sentido que implica a perfeita continuidade e a hierarquia entre os seres. Conclui o raciocínio com as seguintes palavras: “o que há de tão ridículo em pensar que tudo é feito para mim, se sou o único que sabe tudo relacionar consigo mesmo?”⁴¹⁶. No entanto, em outros momentos de sua obra, Rousseau parece perfeitamente capaz de se dar conta do ridículo⁴¹⁷. Nos *Fragmentos sobre botânica*, lemos: “saibamos admirar as belezas que não foram paramentadas para nós”⁴¹⁸. Na *Cartas Morais*, é ainda mais enfático na suspensão do juízo: não se deve dizer que a natureza foi feita para nós e não há como saber se somos o melhor entre os seres da criação. Opta, assim, pela parcimônia, pela posição em que o amor-próprio fala mais baixo:

⁴¹³ Cf. DAVID, B., « *Le grand ouvrier de la nature est le temps* », p. 15.

⁴¹⁴ “Uma visão mais próxima e atenta da natureza nos ensina a verdade do que é afirmado na sagrada escritura, que tudo foi feito para o uso e felicidade do homem; se não imediatamente, ao menos mediamente: e aquelas coisas que a princípio parecem inúteis, tornam-se úteis pelo trabalho guiado pela experiência” (LINEU, C. apud COOK, A., *Jean-Jacques Rousseau, "Terminator" and Telos in Nature*, p. 319).

⁴¹⁵ COOK, A., *Jean-Jacques Rousseau, "Terminator" and Telos in Nature*, p. 319.

⁴¹⁶ OC IV, *Émile*, p. 582; trad. bras., p. 342.

⁴¹⁷ É importante frisar, como faz Paul de Man, que as teses teológicas presentes na *Profissão de fé* são enunciadas por um personagem criado por Rousseau — o vigário —, e não necessariamente correspondem com a posição do autor. “É óbvio, por exemplo, que nenhuma das passagens tão frequentemente citadas da *Profissão* como prova das convicções teístas de Rousseau é dita pelo próprio Rousseau, mas por um personagem fictício, cuja ‘voz’ não coincide necessariamente com a do autor; o mesmo é verdade, é claro, nas cartas de Julie” (DE MAN, P., *The timid god*, p. 538). Trata-se do mesmo tipo de dificuldade que encontramos quando tentamos precisar a posição do Marquês de Sade com relação ao materialismo através do estudo de seus romances. São seus personagens libertinos que dissertam sobre o materialismo, e o fazem se valendo de referências variadas e modernas. Ao final, não é fácil avançar da constatação mais basilar de que Sade era materialista.

⁴¹⁸ OC IV, *Fragments de botanique*, p. 1251.

Não digamos jamais, em nossa tola vaidade, que o homem é o rei do mundo, que o Sol, os astros, o firmamento, o ar, a terra, o mar foram feitos para ele, que os vegetais germinam para sua subsistência, que os animais existem para que ele os devore. Com essa forma de raciocinar, essa voraz sede de felicidade, de excelência e de perfeição, por que cada um não acreditaria que o restante do gênero humano fora criado para servi-lo e não se consideraria pessoalmente o único objetivo de todas as obras da natureza? Se tantos seres são úteis à nossa conservação, estamos seguros de sermos menos úteis à deles? Que prova isso senão nossa fraqueza, e como podemos conhecer melhor o destino deles do que o nosso? Se estivéssemos privados da visão, como poderíamos descobrir que existem pássaros, peixes e insetos quase imperceptíveis ao tato? Muitos desses insetos, por sua vez, parecem não ter nenhuma ideia de nós. Por que então não existiriam outras espécies mais excelentes, das quais jamais nos apercebemos por falta de sentidos apropriados para descobri-las, e para as quais somos talvez tão desprezíveis quanto as minhocas aos nossos olhos?⁴¹⁹

Rousseau foi sem dúvida um “cristão sincero”⁴²⁰ e é certo que a religião desempenhou um papel importante em sua vida pessoal. No que se refere a sua filosofia, a religião, como todo resto, encontra-se inteiramente subordinada à moral⁴²¹. Ele desconfiava que política e religião, presentes em todas as sociedades e unidas desde o começo dos tempos, permaneceriam desse modo, a despeito dos esforços filosóficos em separá-las⁴²². O melhor a fazer seria extrair dos ensinamentos religiosos uma base moral racional e salutar. Vemos, assim, repetir-se o mesmo desinteresse por toda forma de conhecimento que não conduz “a nada de útil para a prática”⁴²³.

Em todo caso, é sempre possível considerar Rousseau um mau metafísico, como Voltaire tantas vezes o fez⁴²⁴. Sua *Profissão de fé* resiste com dificuldade aos argumentos de um Diderot. Rousseau viveu a contradição dilacerante de ser

⁴¹⁹ OC IV, *Lettres morales*, p. 1100-1101; trad. bras., p. 158-159.

⁴²⁰ SALINAS FORTES, L., *O Iluminismo e os reis filósofos*, p. 72.

⁴²¹ “penso que cada um será julgado, não pelo que acreditou mas pelo que fez, e não creio que um sistema de doutrina seja necessário às obras porque a consciência o substitui” (OC IV, *Lettres à M. de Franquières*, p. 1137; trad. bras., p. 180).

⁴²² “Pode acontecer, concordo, que a torrente da moda e o jogo da intriga ampliem a força da seita filosófica e, por um momento, persuadam a multidão de que ela não crê mais em Deus; mas essa moda passageira não pode durar, e de qualquer maneira, a longo prazo, será preciso um Deus para os homens” (OC IV, *Lettres à M. de Franquières*, p. 1137; trad. bras., p. 182).

⁴²³ OC IV, *Émile*, p. 570; trad. bras., p. 331.

⁴²⁴ “O ódio de Voltaire encontra aí o seu fundamento: Rousseau lhe parece um *traidor*, aquele que mascara o verdadeiro combate da Razão. O fato é, pois, que a obra de Rousseau não produz, em seu espaço interior, a linha demarcatória que divide o campo ideológico de seu século. Ou, em outras palavras, a própria superfície de seus escritos sugere que o conflito essencial não é aquele que aparece como tal para a consciência de seus contemporâneos” (PRADO JR., B., *A retórica de Rousseau*, p. 68).

ao mesmo tempo iluminista, que admitia sem problema que “todas as fórmulas em matéria de fé” parecem “correntes de iniquidade, de falsidade e de tirania”⁴²⁵, e cristão. A adesão pura e simples ao materialismo lhe parecia um novo dogmatismo⁴²⁶, e a seus olhos o materialismo não dava boas respostas ao problema da desigualdade e da injustiça social. No fim das contas, resistir às modas e manter-se cristão é o mínimo que se espera de um conservador consequente, que não toma como necessariamente verdadeiro o argumento de que o novo é melhor do que o antigo. É preciso encarar a religiosidade de Rousseau contextualmente, no interior da crítica da Filosofia e levando em conta as mudanças sociais trazidas pela modernidade. Foi exatamente o que fizeram Starobinski⁴²⁷, Bento Prado Jr.⁴²⁸ e Salinas Fortes⁴²⁹, para citar três exemplos.

⁴²⁵ OC IV, *Lettres à M. de Franquières*, p. 1142; trad. bras., p. 186.

⁴²⁶ “Consultei os filósofos, folheei seus livros, examinei suas diversas opiniões. Achei-os todos altivos, afirmativos, dogmáticos, mesmo em seu pretenso ceticismo, nada ignorando, nada provando, zombando uns dos outros; e esse ponto comum a todos pareceu-me o único sobre o qual tinha todos razão” (OC IV, *Émile*, p. 568; trad. bras., p. 329).

⁴²⁷ “Rousseau não deseja limitar-se à crítica do accidental; esforçar-se-á em anunciar uma verdade essencial, verdade que os outros — os Filósofos — não querem ouvir falar (...). Quando os ‘holbachianos’ arrancam as máscaras dos déspotas e dos padres, descobrem o rosto hipócrita do interesse. Tanto melhor! Mas quando interpretam a natureza, ali veem um encadeamento necessário de causas e de efeitos, em que a moral humana não constitui exceção: daí resulta que cada um não tem nada de melhor a fazer a não ser perseguir sua vantagem. Se o mal é interesse, como a moral pode ser ‘interesse bem entendido’? Depois de ter acusado o interesse, Halbach e seus amigos restituem-lhe todos os seus direitos e aceitam sem muito pesar os males da sociedade, com os quais não sofrem. São aristocratas ou riquíssimos burgueses que tiram vantagem do mundo tal como ele funciona. Só contestam valores ilusórios para melhor instalar-se na ausência de todo valor e gozar mais à vontade de seus privilégios e de seus finos jantares. Arrancaram as máscaras apenas para dispensar todos os escrúpulos. Pois os valores que denunciavam — a religião, as convenções do bem e do mal — constituíam embaraço para seus prazeres” (STAROBINSKI, J., *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*, p. 104).

⁴²⁸ “O sábio nunca fala, portanto, de um lugar que não pode ser delimitado — em toda parte e em parte alguma —, ao qual ele teria acesso através de uma ascese intelectual, mas sempre de um lugar particular, em Genebra ou em Paris, ao qual está ligado pela exigência mais fundamental da Justiça. É porque ignora esse compromisso ético com o auditório particular, é porque o dissolve no fundo de um pretenso auditório universal, que o filósofo é necessariamente *perverso*. Ignorando o contrato local que constitui a humanidade particular à qual se dirige, ele contribui para dissolvê-lo e seu discurso torna-se necessariamente injusto: a ambição de universalidade da filosofia não faz mais que destruir os laços da sociabilidade real, sem possibilitar nenhuma humanidade universal” (PRADO JR., B., *A retórica de Rousseau*, p. 86).

⁴²⁹ “Trata-se de restaurar a capacidade de julgar contra uma corrupção do juízo que tem sua raiz sobretudo na conversão do amor de si em amor-próprio. O amor-próprio é a exasperação do ‘narcisismo’. Em termos de conhecimento ele conduz à ideologia ‘filosófica’ ou à *Filosofia* como ideologia específica de uma casta particular (...). Qual o preconceito ou a ‘ideologia’ dominante neste século ‘ilustrado’? Pode ser enunciado em poucas palavras: o progresso das ‘luzes’ salvará necessariamente o gênero humano. Mas não seria esta opinião dominante uma perigosa e desastrosa mitologia? Vamos devagar com o andor, pessoal! Eis a grande advertência que Rousseau lança contra os seus ilustrados confrades. Cuidado, não nos deixemos fascinar pelas promessas das ‘luzes’! Desconfiemos da ‘louca ciência dos homens’. Não nos impressionemos com a moda filosofante, racionalização de vontade de potência de uma casta privilegiada.

A botânica rousseuniana poderia ser laicizada sem grandes perdas? Talvez. Vimos, com Foucault, que a espiritualidade não está necessariamente vinculada ao âmbito religioso. O “sentimento oceanico”, segundo Hadot, “é estranho ao cristianismo porque nele não intervêm nem Deus, nem Cristo. É algo que se situa no âmbito do puro sentimento de existir”⁴³⁰. Para Cook, como também já vimos, a botânica de Rousseau prescinde do conhecimento das causas finais⁴³¹, ainda que pressuponha sua existência. Termino com as palavras da autora, que parece estar correta quando afirma: “Confrontado com o reino vegetal, Rousseau só pode dizer com certeza isto: ‘essas figuras, essas cores, essa simetria não foram colocadas aqui para nada’”⁴³².

Avaliemos com objetividade e sangue-frio a *hybris* especulativa ou representativa a fim de que não nos deixemos, como o pobre do segundo *Discurso*, seduzir pela arenga dos ricos filósofos” (SALINAS FORTES, L., *Paradoxo do espetáculo*, p. 93).

⁴³⁰ HADOT, P., *A filosofia como maneira de viver*, p. 23.

⁴³¹ "O botânico pode examinar essa combinação de maneira detalhada e sistemática sem se deixar absorver pelo tipo de especulação metafísica infundada sobre as causas finais que Rousseau ataca regularmente. De acordo com sua posição mais modesta, um mero ser humano pode conhecer apenas fins particulares, mesmo se ele ou ela está convencido de que a harmonia, a unidade e a ‘cadeia de relações’ na natureza apontam para uma inteligência, um artífice, que criou o mundo para um fim, ainda que incognoscível” (COOK, A., *Introduction*, p. xxii).

⁴³² COOK, A., *Jean-Jacques Rousseau, "Terminator" and Telos in Nature*, p. 321.

Considerações finais

Com Barthes, podemos dizer que eventualmente há desejo de neutro em Rousseau, especialmente em sua botânica. É esse desejo que transparece em seu cansaço diante dos vários matizes da dinâmica societal, que vão desde o incentivo ao conflito entre grupos — com a inevitável injunção à tomada de posição, ao engajamento —, até a mais simples conversa, capaz de revelar a força inabalável da linguagem, seu caráter infinito.

O neutro é “tudo que burla o paradigma”⁴³³, ou seja, tudo que impede um paradigma de se consolidar. Os paradigmas, segundo Barthes, formam o sistema linguístico e possibilitam a produção da significação através de oposições binárias (A/B). Assim, “onde há sentido, há paradigma, e onde há paradigma (oposição), há sentido”⁴³⁴. Barthes surpreendeu seus ouvintes ao qualificar a língua de fascista em sua aula inaugural no Collège de France, mas seria preciso lembrar que ele esteve sempre às voltas com um único e mesmo problema: o caráter inelutavelmente assertivo da língua, sua produção de estereótipos e de grandes consensos⁴³⁵.

Não é fácil definir o neutro, mas é possível mostrá-lo⁴³⁶. Diretamente ligado ao tema do ceticismo, o neutro pode ser identificado em uma série de figuras que expressam modos de suspensão do juízo. Em Rousseau, por exemplo, encontramos a fadiga, o retiro, o silêncio, a delicadeza. Há neutro nessas figuras, pois o desejo de neutro é desejo de

em primeiro lugar: suspensão (*epokhé*) das ordens, leis, cominações, arrogâncias, terrorismos, intimações, exigências, querer-agarrar. Em seguida, por aprofundamento, recusa do puro discurso da contestação: suspensão do

⁴³³ BARTHES, R., *O Neutro*, p. 16.

⁴³⁴ Ibidem, p. 17.

⁴³⁵ “Mas a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista, pois o facismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer. Assim que ela é proferida, mesmo que na intimidade mais profunda do sujeito, a língua entra a serviço de um poder. Nela, infalivelmente, duas rubricas se delineiam: a autoridade da asserção, o gregarismo da repetição” (BARTHES, R., *Aula*, p. 15).

⁴³⁶ “Hoje ainda posso ler um livro novo com certos trechos que podem cristalizar-se em torno da noção Neutro como uma *rabdomagia* fantasiosa: eu leio, a varinha se eleva: tem Neutro aí” (BARTHES, R., *O Neutro*, p. 22).

narcisismo: não ter mais medo das imagens (imago): dissolver sua própria imagem.⁴³⁷

Em Rousseau, a atividade da escrita esteve quase sempre ligada à *acusação* do mal e à tentativa de *seduzir* os leitores com possíveis melhorias⁴³⁸. Munido de uma retórica sem igual, Rousseau embaralhou constantemente as fronteiras da política e da ficção; a vivacidade de seus escritos possui até hoje o efeito de inflamar os leitores⁴³⁹. Identificamos perfeitamente a vertente combativa do Iluminismo nas tintas dessa pena que funcionava como arma. Contudo, a partir de dado momento, Rousseau se diz tomado por um desgosto absoluto por tudo que se liga à literatura⁴⁴⁰. O ato de escrever começará a oscilar⁴⁴¹ com atividades mais serenas: a botânica, a herborização, os passeios.

Aparece, então, uma fadiga, um Rousseau cansado. E, como não poderia deixar de ser, “coisas novas nascem da canseira — da encheção”⁴⁴². Em cartas a Mirabeau, lemos: “(...) todas as minhas desgraças me vêm deste ardente ódio pela injustiça, que jamais soube domar. Tenho dito: é tempo de ser sábio, ou ao menos tranquilo; estou cansado de guerras e de querelas”⁴⁴³. Davenport, rico proprietário inglês que abrigara o Rousseau em Wootton, escreve ao filósofo pedindo que o botânico não tome inteiramente o lugar do moralista: “espero que não empregueis todo o vosso tempo na busca de plantas pelos campos e bosques, mas que alguma porção dele seja dedicada a instruir e melhorar o gênero humano”⁴⁴⁴. Rousseau responde de forma categórica à preocupação de Davenport: “eu preferiria e acreditaria fazer algo muito mais útil ao descobrir uma única nova planta do que pregar durante cem anos a todo o gênero humano”⁴⁴⁵. Para um autor que

⁴³⁷ BARTHES, R., *O Neutro*, p. 30.

⁴³⁸ Cf. STAROBINSKI, J., *Accuser et séduire*.

⁴³⁹ “Artifício que embute um perigo considerável: o desregramento da frágil e instável imaginação humana” (PIMENTA, P., *Nota preliminar*, p. 9).

⁴⁴⁰ “tudo o que se liga por qualquer lado à literatura e a um trabalho para o qual certamente não fui feito tornou-se para mim tão perfeitamente insuportável, e sua recordação me lembra tantas ideias tristes, que, para não pensar mais nelas, tomei o partido de me desfazer de todos os meus livros” (CG XVI, p. 246).

⁴⁴¹ “O Neutro não é um desengajamento sistemático, uma retirada. Ele tenta procurar modos novos e um tanto inauditos de engajamento: um engajamento fragmentado, um engajamento descontínuo, um engajamento por oscilação. (...) No fundo o Neutro é o que não é sistemático, logo um retirada que fosse sistemática não seria o Neutro” (BARTHES, R. *Encontro com Roland Barthes*, p. 313).

⁴⁴² BARTHES, R., *O Neutro*, p. 48.

⁴⁴³ CG XVI, p. 247.

⁴⁴⁴ CG XVI, p. 57.

⁴⁴⁵ CG XVI, p. 59.

frequentemente escreveu sobre a sociedade e sobre o homem a partir da construção de um *dever ser*, a resposta surpreende. Ela marca o fim do proselitismo, da ânsia de resolver os problemas sociais, do furor de ser útil à humanidade.

Essa nova vocação está bem anunciada logo na primeira caminhada dos *Devaneios*: “a abstenção se tornou meu único dever”⁴⁴⁶. Na sétima caminhada, lemos: “não tenho outra regra de conduta senão a de seguir minha inclinação em tudo”⁴⁴⁷. Também Montaigne, autor que Rousseau lia bastante, mandou cunhar uma medalha com a divisa “Abstenho-me”⁴⁴⁸. Barthes associa a abstenção rousseauiana ao *Wu-wei* taoista. O *Wu-wei* “desorienta o querer do viver”⁴⁴⁹, ou seja, é o viver sem a marca de força do querer. Não se trata de uma inação, mas, antes, de uma não-direção da ação: “não dirigir, não orientar a força para um fim”⁴⁵⁰. Na tradição ocidental, encontramos uma atitude paralela em *Bartleby*, personagem interessante de um conto de Melville, que a partir de determinado momento começa a responder “eu preferiria não”⁴⁵¹ (*I would prefer not to*) a todo tipo de demanda que seu chefe lhe faz⁴⁵². O conto deixa claro que *fazer o não* é um modo de interromper os fluxos, de dificultar a facilidade com que se estabelecem certas conexões.

Sabemos que Rousseau escolheu se abster por sentir a impossibilidade de fazer o bem: “sei que o único bem de agora em diante em meu poder é o de me abster de agir por medo de fazer o mal, sem querer e sem o saber”⁴⁵³. Para Barthes, essa é a resposta imaginária que ele encontra para o *double bind*⁴⁵⁴ presente em sua situação persecutória. Um passo a mais na filosofia de Rousseau

⁴⁴⁶ OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1000; trad. bras., p. 36.

⁴⁴⁷ OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1060; trad. bras., p. 121.

⁴⁴⁸ “Montaigne, em 1576, manda cunhar uma medalha com suas armas e, no verso, sua idade (42 anos), uma balança em equilíbrio e a divisa pirroniana: ‘Abstenho-me’” (BARTHES, R., *O Neutro*, p. 371).

⁴⁴⁹ BARTHES, R., *O Neutro*, p. 362.

⁴⁵⁰ Idem.

⁴⁵¹ MELVILLE, H. *Bartleby, o escrevente - uma história de Wall Street*.

⁴⁵² Agamben encontra a raiz da fórmula de Melville na fórmula *ou mállon* (“não mais que”) do ceticismo antigo, através do qual o cético “se mantém em suspenso, com a mesma decisão, entre o afirmar e o negar, a aceitação e a recusa, o colocar e o retirar” (AGAMBEN, G. *Bartleby, ou da contingência*, p. 30). O paralelo entre o *Wu-wei* e o ceticismo é estabelecido também por Barthes através do tema da apatia, Cf. BARTHES, R., *O Neutro* p. 374-377.

⁴⁵³ OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1051; trad. bras., p. 108.

⁴⁵⁴ “Situação na qual o indivíduo não pode ganhar, faça o que fizer: cara, eu ganho; coroa, você perde” (BARTHES, R., *O Neutro*, p. 370).

nos permite relacionar essa impossibilidade de fazer o bem com a acentuada divisão do trabalho, a complexificação das relações sociais e o consequente funcionamento maquinal das sociedades modernas. Bernard de Mandeville, em sua *Fábula das abelhas*, defende que os vícios, e especialmente o egoísmo e a vaidade, geram como efeito todas as benesses de que se goza nas sociedades prósperas⁴⁵⁵. Rousseau não discordava⁴⁵⁶, mas essa situação o afligia ao máximo: “creio que desde então já me ressentia do maligno jogo dos interesses escondidos, que me perseguiu a vida inteira, e que me deu uma aversão muito natural pela ordem aparente que os produz”⁴⁵⁷. Retirou daí a grande máxima moral das *Confissões*:

Tirei daí essa grande máxima moral, a única talvez que tem algum uso para a prática, a de evitar as situações que colocam nossos deveres em oposição aos nossos interesses, e que nos mostram o nosso bem nos males de outrem: porque, em tais situações, por mais sincero que seja nosso amor à virtude, cedo ou tarde nos enfraquecemos sem percebermos, e nos tornamos injustos e maus de fato, sem havermos deixado de ser justos e bons na alma.⁴⁵⁸

A abstenção realiza, assim, um bem pela via negativa, tal como o preceito que fundamenta a educação em *Emílio*:

A única lição de moral que convém à infância, e a mais importante em qualquer idade, é a de jamais fazer mal a alguém. O próprio preceito de fazer o bem, se não for subordinado àquele, é perigoso, falso, contraditório. Quem não faz o bem? Todos o fazem, tanto o homem mau quanto os demais; ele faz um homem feliz à custa de cem miseráveis; e disso provêm todas as nossas calamidades. As mais

⁴⁵⁵ “Pois o principal propósito da fábula é mostrar a impossibilidade de se desfrutar de todas as mais refinadas comodidades da vida, encontradas em qualquer nação industriosa, rica e poderosa, e ao mesmo tempo ser abençoado com toda a virtude e a inocência a que se pode aspirar em uma Idade de Ouro; e, a partir daí, expor a irracionalidade e insensatez daqueles que, desejosos de constituírem um povo florescente e próspero, e surpreendentemente ávidos de todos os benefícios que podem daí auferir, estão, porém, sempre resmungando e protestando contra os vícios e inconvenientes, desde o princípio do mundo até o presente dia, inseparáveis de todos os reinos e Estados que sempre foram renomados, a um só tempo, por sua força, riqueza e refinamento” (MANDEVILLE, B., *A fábula das abelhas*, p. 9).

⁴⁵⁶ Que se admire a sociedade humana tanto quanto se queira, não será menos verdade que ela conduz necessariamente os homens a odiarem-se entre si à medida que seus interesses se chocam, a prestarem-se mutuamente aparentes favores e a causarem de fato uns aos outros todos os males imagináveis. O que pensar de uma relacionamento no qual a razão de cada particular lhe dita máximas diretamente contrárias às que a razão pública prega ao corpo da sociedade e onde cada um se beneficia com a desgraça de outrem?” (OC III, *Discours sur l'origine et les fondemens de l'inégalité parmi les hommes*, p. 202; trad. bras., p. 256).

⁴⁵⁷ OC I, *Les confessions*, p. 82.; trad. bras., p. 95.

⁴⁵⁸ OC I, *Les confessions*, p. 56.; trad. bras., p. 72-73 (minha tradução).

sublimes virtudes são negativas (...). Oh, que bem faz necessariamente a seus semelhantes aquele dentre eles, se é que existe, que nunca lhes faz mal!⁴⁵⁹

Também Barthes se indaga se a melhor resposta para o mal não seria justamente a preguiça:

Seria possível também reencontrar certas tentações da moral tolstoiana. Na medida em que poderíamos nos perguntar se não temos o direito de ser preguiçosos diante do mal. Tolstói respondia que sim, e ainda é isso que é o melhor, visto que não se deve responder a um mal com outro mal. Inútil dizer-lhe que essa moral está agora totalmente desacreditada. E se avançássemos um pouco mais, a preguiça poderia aparecer como uma alta solução filosófica do mal. Não responder. Mas, uma vez mais, a sociedade atual suporta mal as atitudes neutras. A preguiça lhe é pois intolerável, como se fosse, no fundo, o mal principal.⁴⁶⁰

Quem afirma que a neutralidade é impossível, ou até mesmo danosa e indesejável, pressupõe que devemos ser continuamente incentivados ao conflito. Mas a pressuposição de que temos sempre que escolher um lado para que possamos defender nossos interesses de maneira brutal parece ser, aos olhos de Barthes, um epifenômeno grotesco das sociedades ocidentais⁴⁶¹. Assim, se definirmos política como “querer-agarrar”, o neutro representa um esforço de *apoliticidade* salutar, necessário em muitos contextos. Nessa chave de leitura barthesiana, pode-se dizer que a botânica expressa o desejo de Rousseau de “querer-viver” (*vouloir-vivre*) fora do “querer-agarrar” (*vouloir-saisir*). Sinaliza que ele quer fazer outra coisa que não participar da dinâmica dos ódios mútuos, da dominação e da perseguição entre os homens. Aqueles que odeiam Rousseau vivem de persegui-lo, mas Rousseau, nos *Devaneios*, diz que não vive deles, pois vive de herborizar.

Acredito que o neutro nos permitiria reler o conceito rousseauiano de vontade geral. É claro que não há neutro na vontade geral quando ela representa a solução de uma diafonia, ou seja, quando ela é compreendida como a atividade de fazer convergir uma pluralidade de perspectivas e posições. E se pensamos a vontade geral comumente nesses termos, é porque tendemos a compreender a

⁴⁵⁹ OC IV, *Émile*, p. 340; trad. bras., p. 103-104.

⁴⁶⁰ BARTHES, R., *Ousemos ser preguiçosos*, p. 479.

⁴⁶¹ Ao longo de sua obra, Barthes frequentemente se vale do Oriente como produtor de contraste, capaz de iluminar o funcionamento do Ocidente: “Todo o nosso Ocidente: ideologia moral da vontade, do querer (agarrar, dominar, viver, impor sua verdade etc.). Ocidente: terra do proselitismo” (BARTHES, R., *O Neutro*, p. 364).

vontade como ação e mesmo como ação transitiva, ou seja, como vontade de algo. Mas não há porque julgar que toda vontade é ativa. Será que não haveria também uma *desvontade* geral, uma vontade geral negativa? Esse parece ser o caso dos povos indígenas que Pierre Clastres estudou, ao menos quando o líder-guerreiro não consegue conduzir sua comunidade à guerra contra sua vontade⁴⁶². Além disso, é possível pensar que o corpo coletivo se mantém coeso mesmo quando não tem vontade de alguma coisa determinada, mesmo quando não está empreendendo algo⁴⁶³.

Há neutro no retiro de Rousseau se não o compreendermos como um eremitismo, isto é, se seu afastamento não remeter a uma solidão absoluta, mas ao que poderíamos qualificar, novamente com Barthes, de um “rareamento dos contatos com o mundo”⁴⁶⁴. “Anacorese”, e não eremitismo: o anacoreta “de vez em quando desce para conversar com os donos da casa”⁴⁶⁵. É certo que há solidão em Rousseau, mas a botânica não é exatamente sobre ela. Afinal, há os amigos de herborização, as excursões, a troca epistolar. Parece que o tipo de sociabilidade que a botânica traz se dá entre o distanciamento e a proximidade. Ela põe em jogo uma forma específica de participar da sociedade e da política marcada pelo desengajamento eventual como modo de reflexão, como maneira de se expor a outras impressões, a outras formas de estar no mundo, como forma de ver melhor a sociedade em que se vive.

⁴⁶² “(...) o líder-guerreiro, em nenhum momento da expedição (preparação, batalha, retirada), tem condições — caso seja essa sua intenção — de impor sua vontade, de intimar uma ordem à qual ele sabe de antemão que ninguém obedecerá” (CLARES, P., *Arqueologia da violência*, p. 258).

⁴⁶³ Ao menos é assim que interpreto essa resposta de Lévi-Strauss a Georges Charbonnier, quando então Lévi-Strauss interpreta o conceito de vontade geral de modo inédito e interessante: “certamente, a vontade geral não é, para ele, a vontade da totalidade, ou da maioria da população, expressa em ocasiões particulares; é a decisão latente e contínua através da qual cada indivíduo aceita existir enquanto membro de um grupo” (CHARBONNIER, G., *Arte, linguagem, etnologia: entrevistas com Claude Lévi-Strauss*, p. 33).

⁴⁶⁴ BARTHES, R., *Como viver junto*, p. 47.

⁴⁶⁵ *Ibidem*, p. 48.

Há neutro no silêncio de Rousseau, quando ele nos fala, nas *Confissões*⁴⁶⁶, de seu cansaço com o “inextinguível fluxo de palavras”⁴⁶⁷. O silêncio ressoa diretamente no *tornar-se planta* e na botânica como atividade que vem preencher o vazio dos falatórios. Para Rousseau, se os homens falassem apenas quando tivessem o que dizer, se tornariam “menos maus” e o “convívio se tornaria mais seguro”. A sociedade, especialmente a das grandes cidades, lhe parece muito barulhenta. A única moral que cabe ao século é a moral do bilboquê:

Quando todos estão ocupados, só se fala quando se tem alguma coisa a dizer. Mas quando não se tem nada a fazer, é preciso a todo transe falar constantemente. E, de todos os inconvenientes, é esse o mais incômodo e o mais perigoso (...) se voltar a frequentar a sociedade, trarei sempre um bilboquê no bolso, para brincar com ele o dia todo a fim de me dispensar de falar quando não tiver o que dizer. Se todos fizessem o mesmo, os homens se tornariam menos maus, seu convívio se tornaria mais seguro e, creio, mais agradável. Enfim, riam se quisessem os gaiatos, mas eu sustento que a única moral ao alcance do século atual é a moral do bilboquê.⁴⁶⁸

Ora, podemos substituir perfeitamente o bilboquê pela botânica, capaz de desempenhar o mesmo papel, e concluir que a única moral que cabe ao século é a moral da botânica. Mas Rousseau sabe muito bem que, inflamados pelo amor-próprio, esse tipo de silêncio não parece ser do interesse de ninguém, especialmente no caso dos padres e dos filósofos. Afinal, caso os interesses e as vaidades cessassem, “não haveria perseguições nem disputas; os primeiros [os padres] não teriam ninguém para atormentar; e os segundos [os filósofos], ninguém para convencer: melhor seria abandonar o ofício”⁴⁶⁹.

O silêncio neutro não é o silêncio imposto. Ele guarda a mesma lógica do *I would prefer not to*, de *Bartleby*, ou seja, revela-se na escolha por *não falar*, justamente quando se poderia falar. Desse modo, esquiva-se do caráter afirmativo

⁴⁶⁶ Nas *Confissões*, Rousseau aborda diversas vezes esse cansaço. No livro três, por exemplo, quando discorre sobre as conversações, lemos: “No *tête-à-tête* há um outro inconveniente que acho pior. Quando nos falamos, é preciso responder, e se não nos dizem uma palavra é preciso sustentar a conversa. Só esse insuportável constrangimento bastaria para me aborrecer da sociedade. Não conheço mais terrível incômodo do que a obrigação de falar de improviso e constantemente. Não sei se isso se origina na minha mortal aversão a qualquer sujeição; mas é bastante que seja absolutamente indispensável que eu fale para que siga infalivelmente uma tolice” (OC I, *Les confessions*, p. 115.; trad. bras., p. 124-125).

⁴⁶⁷ OC I, *Les confessions*, p. 202; trad. bras., p. 199.

⁴⁶⁸ OC I, *Les confessions*, p. 202-203; trad. bras., p. 199.

⁴⁶⁹ OC V, p. 11; trad. bras., p. 365.

inerente à língua. Barthes aponta para o fato de que a língua é naturalmente assertiva e arrogante. Toda vez que falamos, fica implícito que o que temos a dizer merece mais existir do que não existir⁴⁷⁰ (o que, no entanto, dificilmente é o caso). Mas o silêncio do cético não é exatamente “um silêncio da boca (...), mas do ‘pensamento’, da ‘razão’”⁴⁷¹, pois o cético percebe que, “filósofo ou não, o homem fala contradizendo o que dizem os outros e não há meio de escolher a melhor opinião”⁴⁷². Por isso, Pirro de Élis sustentava indiferentemente o *sim* e o *não*, ou reivindicava ambos ao mesmo tempo. A imagem do cético como planta, ou seja, a imagem da planta como detentora de um silêncio que anula juízos conflitantes, já está presente em Aristóteles:

E caso se sustente que todos, do mesmo modo, ao mesmo tempo, se enganem e digam a verdade, então quem sustentar essa tese, não poderá abrir a boca nem falar; de fato, ao mesmo tempo, diz determinadas coisas e as desdiz. E se alguém não pensa nada e, indiferentemente, crê e não crê, como será diferente das plantas?⁴⁷³

Mas, afinal, o que essa profusão de seres silenciosos tem a ensinar a uma espécie tão inquieta quanto loquaz, que com frequência se orgulha de sua própria racionalidade discursiva? Para Barthes, a energia, e sobretudo a energia da língua, “é como uma marca de loucura”⁴⁷⁴. Vivemos e padecemos da loucura causada por esse parasita⁴⁷⁵ que é a linguagem em nós, ou seja, vivemos e padecemos da busca por dar sentido ao que não tem sentido, da contínua produção de crenças e ídolos, da confusão entre palavras e coisas. Podemos fazer diferente? Qual espaço para o

⁴⁷⁰ Cf. BARTHES, R., *O Neutro*, figura “Afirmação”.

⁴⁷¹ BARTHES, R., *O Neutro*, p. 57. Nesse sentido, poderíamos encontrar algo do neutro nos tagarelas, já que a recusa do cético refere-se à fala dogmática. Mas Barthes nos lembra a tempo “que os tagarelas são uns chatos” (BARTHES, R., *O Neutro*, p. 58).

⁴⁷² Ibidem, p. 56.

⁴⁷³ ARISTÓTELES, *Metafísica*, p. 159 (livro 4, 1008b).

⁴⁷⁴ BARTHES, R., *O Neutro*, p. 42.

⁴⁷⁵ A formulação é de Lacan: “E justamente por isso que o que chamamos de doente vai algumas vezes mais longe do que o que designamos como um homem saudável. A questão é antes saber por que um homem dito normal não percebe que a fala é um parasita, que a fala é uma excrescência, que a fala é a forma de câncer pela qual o ser humano é afligido” (LACAN, J., *O Seminário, livro 23: o sinthoma*, p. 92).

silêncio? Barthes nota que se reivindica o direito à fala, mas não o direito ao silêncio. Deseja, então, uma ecologia que lute contra a poluição⁴⁷⁶ das falas⁴⁷⁷.

Por fim, a última figura do neutro presente na botânica é sem dúvida a delicadeza, esse gozo “com a minúcia inútil (não funcional)”⁴⁷⁸, que pode até mesmo beirar o “estapafúrdio”⁴⁷⁹ (como no caso da tradicional arte japonesa do chá). A botânica, tal como compreendida por Rousseau, restitui a dignidade do inútil. Como vimos, ela não deve se misturar com o interesse, não deve servir para ocupar cargos ou escrever livros. Tudo o que é útil pode ser substituído por algo mais útil ou menos útil, apenas o que é inútil é propriamente insubstituível. A delicadeza tem horror às generalidades, ao gregarismo, às predicções (mesmo as positivas) que reduzem pessoas e coisas. Ela se interessa pelos detalhes minúsculos que não se repetem. Barthes dizia que “descer para o infinitamente fútil permitia confessar a sensação da vida”⁴⁸⁰. Do mesmo modo, a botânica rousseauiana mostra que a vida, para ser sentida, não precisa necessariamente ser vivida como potência, violência ou poder.

Segundo Starobinski, enquanto Rousseau teve energia suficiente para imaginar, ele corrigiu com seu desejo os defeitos do mundo; apenas quando sua

⁴⁷⁶ Vale a pena evocar aqui a lição de Michel Serres, um dos mais profícuos discípulo de Rousseau, a saber, a de que poluir é uma forma de se apropriar. “Quem sabe, perceber a beleza do mundo — e também a das obras e dos corpos humanos — consiste, muito simplesmente, em tirar da frente os dejetos da apropriação? Descobrir: retirar essa cobertura, esse dilúvio de lixo... Kant define o Belo como desinteressado. Pretendo-o desapropriado, livre de imundícies. Desejo e pratico o desapossamento do mundo” (SERRES, M., *O mal limpo*, p. 93). Para mim, uma das questões centrais do Antropoceno, questão de elegância: seremos capazes de limpar nossa sujeira ou deixaremos para as espécies que eventualmente nos sucederão um mundo completamente sujo?

⁴⁷⁷ Após diferenciar o *tacere* (silêncio verbal) do *silere* (tranquilidade, ausência de movimento e de ruído), Barthes desenha uma ecologia do *tacere*: “Mas atrás da cena, ou no fundo, de lado, outra demanda procura fazer-se ouvir (mas como?): o direito ao silêncio (...). Direito de calar-se, direito de não ouvir: isso hoje soa paradoxal. E aqui, inversão: o que toma a forma de uma reivindicação coletiva, quase política — em todo caso ameaçada pelo político —, é o direito à tranquilidade da natureza, o direito ao *silere*, não o direito ao *tacere*: encontramos aqui a ecologia, o movimento ecológico; mas a caça à poluição (...) não se refere, ou pelo menos não ainda, ou pelo menos não que eu saiba, à poluição pela fala, às falas poluentes → o *tacere*, como direito, está ainda, portanto, à margem da margem (lá onde deve estar, infinitamente, o verdadeiro combate)” (BARTHES, R., *O Neutro*, p. 51-52).

⁴⁷⁸ BARTHES, R., *O Neutro*, p. 66.

⁴⁷⁹ Ibidem, p. 67.

⁴⁸⁰ “Saíndo, à tardinha, no crepúsculo, recebendo com intensidade detalhes ínfimos, perfeitamente fúteis, da rua: um menu escrito com giz na vitrine de um café (galeto com purê, 16,50 francos — rins com creme de leite, 16,10 francos), um padeco de batina subindo a rua Médicis etc., tive essa intuição viva (para mim, o crepúsculo urbano tem grande força de nitidez, de ativação, é quase uma droga) de que descer para o infinitamente fútil permitia confessar a sensação da vida → A delicadeza pende, portanto, para o vivo, o que faz sentir a vida, o que ativa sua percepção: o sabor da vida puríssima, o prazer de estar vivo” (BARTHES, R. *O Neutro*, p. 102).

força imaginativa se esgotou, pôde dedicar-se à observação dos vegetais⁴⁸¹. Nos momentos em que Rousseau cansa de se direcionar ao mundo visando transformá-lo em outra coisa, atinge um dos elementos mais importante da suspensão do juízo: torna-se receptivo à percepção dos objetos que o circundam, converte-se em um observador sensível a nuances e detalhes. Não deve nos surpreender, então, que quando vai construir seu próprio retrato, é finalmente a imagem do *observador* que reivindica para si: “sou observador, e não moralista. Sou o botânico que descreve a planta. É ao médico que cabe regular seu uso”⁴⁸².

⁴⁸¹ “Notemos que esse ‘método’ é o inverso daquele geralmente praticado por Rousseau, quando inventa um mundo imaginário para ‘suprir’ as insuficiências dos objetos reais; é apenas quando o poder imaginativo nele se esgotar que procurará fixar seu espírito nos detalhes objetivos do mundo vegetal; mas então o retorno ao real tem por objetivo preservar um campo de atividade, perpetuar um trabalho mental que se pretende inocente, e não exorcizar um imaginário condenável” (STAROBINSKI, J., *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*, p. 181).

⁴⁸² OC I, *Mon Portrait*, p. 1120.; trad. bras., p. 74.



Figura 1 - Rousseau herborizando em Ermenonville, sua última residência.
Retrato de Georg Friedrich Meyer, professor de desenho dos filhos do Marquês de Girardin.

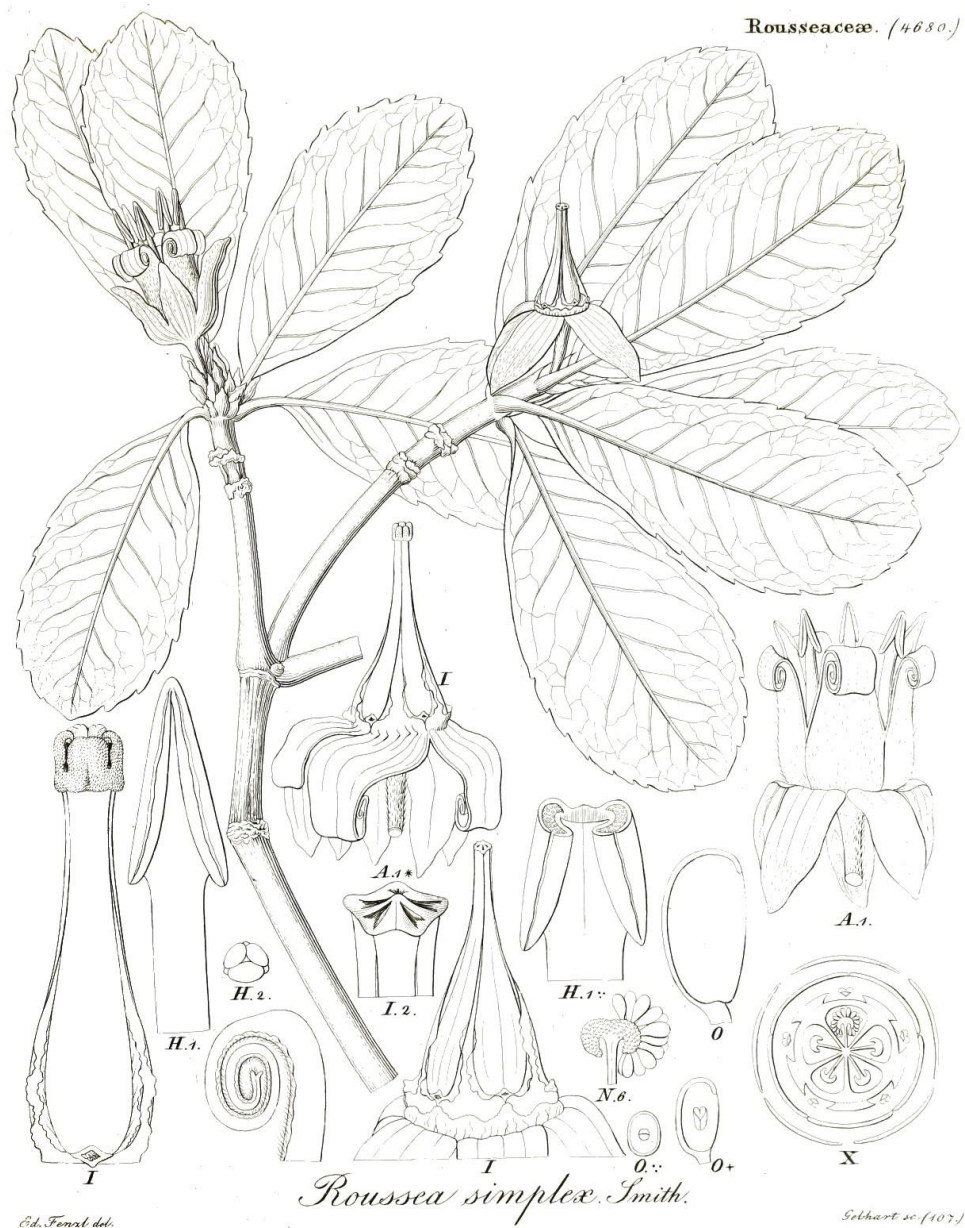


Figura 2 - *Roussea simplex* Smith., planta nomeada em 1789 pelo botânico inglês James Edward Smith, fundador da Linnean Society of London, em homenagem a Rousseau⁴⁸³. Indício de que seu desejo de se tornar planta não deixou de se realizar de alguma maneira.

⁴⁸³ Descobri essa preciosidade em GROSRICHARD, A., « Je vais devenir plante moi-même un de ces matins ».

Introdução à tradução

Para a tradução das *Lettres sur la botanique*, do texto *Introduction* e dos *Fragments de botanique*, utilizei a edição das *Œuvres complètes* da *Bibliothèque de la Pléiade*. Os textos podem ser encontrados no Volume IV dessa edição. Para a tradução de todas as demais cartas compiladas aqui, utilizei os volumes XI ao XX da *Correspondance Générale de J.-J. Rousseau*, de Théophile Dufour e de Pierre-Paul Plan. O volume em que cada carta pode ser encontrada está assinalado em nota de rodapé logo no começo de cada uma. Nomeei as oito cartas enviadas para a Sra. Delessert de “Cartas Elementares Sobre Botânica”, ainda que esse título não tenha sido escolhido pela Pléiade, apenas para diferenciá-las das outras cartas sobre botânica, que foram nomeadas, então, de “Cartas Sobre Botânica”. Para facilitar o cotejo com os textos originais, coloquei o número das páginas do original entre colchetes e em negrito. Usei os colchetes também para acrescentar palavras que não constam no original, mas que me pareceram importantes para o sentido da frase no português. Fiz de um modo que, ao ler a mesma passagem sem levar em conta o colchete, fosse possível encontrar a construção frasal mais próxima à empregada por de Rousseau.

A edição da Pléiade traz ao final uma série de variações a partir do manuscrito de Neuchâtel. Traduzi apenas as que julguei mais interessantes. Estão assinaladas em nota de rodapé com a letra “V”. As poucas notas de Rousseau estão sinalizadas ao final com os dizeres “Nota de Rousseau”; todas as outras notas são minhas. Ao final do trabalho, o leitor poderá encontrar uma lista contendo uma breve descrição das principais personalidades históricas citadas. Informações sobre personalidades menos importantes ou menos recorrentes encontram-se em nota de rodapé. O leitor encontrará em itálico, ao longo de toda tradução, contextualizações históricas de minha autoria. Objetivei com isso prover informações biográficas àqueles que não conhecem a tumultuosa vida de Rousseau. Retirei quase todas as informações biográficas da biografia de Raymond Trousson, especialmente do segundo volume, intitulado *Le deuil éclatant du bonheur*.

Fiz questão de colocar os nomes das plantas em latim, tentando me aproximar daquela que Rousseau tinha em mente ao escrever. Quando as notas de rodapé da Pléiade, fornecidas por Roger Vilmorin, ou da tradução dos textos sobre botânica para o inglês, feita pela professora Alexandra Cook, identificavam a planta em questão, apenas copieei seu nome. Nos casos em que não havia notas de rodapé identificando o nome científico da planta, arrisquei descobri-lo através de minha própria pesquisa. Peço a indulgência do leitor especializado em botânica no que se refere às minhas possíveis falhas de conhecimento. Tanto Vilmorin quanto Cook oferecem um excelente aparato crítico. Não sendo botânico, aproveitei algumas informações trazidas por eles em minhas próprias notas de rodapé. De resto, por tratar-se de uma tradução de doutorado, alerto aos leitores que ela não passou por qualquer revisão além de minhas sucessivas leituras.

Antes de passar ao texto, gostaria de apontar para algumas escolhas que fiz. Em primeiro lugar, o leitor notará que o uso idiossincrático que Rousseau dá às letras maiúsculas foi inteiramente preservado. Acredito que a maiúscula era utilizada como um modo de dar ênfase a determinada palavra. Além disso, escolhi preservar a pontuação original, mudando apenas as vírgulas. Traduzir é um ofício ao mesmo tempo necessário e impossível. Toda tradução é imperfeita. As cartas de Rousseau, especialmente as *Lettres sur la botanique*, não são de fácil tradução e possuem passagens truncadas mesmo para os parâmetros de sua língua original. Tentei não diluir inteiramente a estranheza do texto quando ela se apresentava também no francês. Assim, mantive as redundâncias e não busquei melhorar as estruturas frasais eventualmente precárias escolhidas por Rousseau para se expressar, muitas vezes derivadas de uma confessada pressa em concluir a carta. Ao mesmo tempo, procurei verter para o português a bela escrita rousseuniana, marca incontestável de seu gênio, presente em todos os gêneros em que se debruçou.

Cartas sobre botânica

1764

Em dezembro de 1757, após brigar com seu amigo Diderot e romper com a Sra. d'Épinay, sua até então protetora e anfitriã,⁴⁸⁴ Rousseau alugou em Montmorency a bela casa onde hoje podemos encontrar um museu com seu nome: o Mont-Louis. Permaneceu em Montmorency até 1762, tendo sido este um dos períodos de maior estabilidade de sua vida itinerante e de maior produtividade intelectual. Ali terminou de escrever Júlia ou A Nova Heloísa, produziu o Contrato Social e o Emílio. Foi também em Mont-Louis que recebeu o tomo VII da Enciclopédia, contendo o verbete “Genebra”, de autoria de D'Alembert, e que escreveu em três semanas sua famosa resposta, conhecida como Carta a d'Alembert sobre os espetáculos. Este texto, que atraiu o desprezo de Voltaire e de tantos outros, marcou o rompimento definitivo de Rousseau com os enciclopedistas.

Durante o período que passou em Montmorency, Rousseau fez amizade com várias figuras ilustres. Conheceu o Marechal de Luxembourg, amigo íntimo do rei, e os membros de sua comitiva. Conheceu também a Condessa de Boufflers, escritora culta e salonnière francesa, amiga de Diderot, Hume, Beaumarchais, Prevost, entre outros. A condessa, que enviuvou em 1764, era amante de Louis-François Bourbon, o Príncipe de Conti. Ateu e grande defensor dos philosophes, o Príncipe de Conti foi um dos principais protetores de Rousseau.

Mas como? Jean-Jacques, amigo dos grandes? O filósofo se explica em carta a Malesherbes:

Odeio os grandes, odeio sua posição, sua dureza, seus preconceitos, sua pequenez e todos os seus vícios (...) Foi com este sentimento que fui como que arrastado ao castelo de Montmorency; vi seus donos, gostaram de mim, e eu, Senhor, gostei deles e gostarei enquanto viver com todas as forças da minha alma.⁴⁸⁵

⁴⁸⁴ Responsável por sua estada no Hermitage.

⁴⁸⁵ OC I, *Lettres a Malesherbes*, p. 1145; trad. bras., p. 35.

Uma vez que o Emílio e o Contrato Social foram publicados e começaram a circular, entre os meses de abril e maio de 1762, foram esses amigos ilustres que avisaram Rousseau do perigo iminente de prisão e que organizaram sua fuga. Um abade escreveu ao marechal de Luxemburgo: “acabei de receber uma carta de Paris de uma pessoa de confiança que me diz: estou certo que Jean-Jacques Rousseau será denunciado hoje no Parlamento (...) diz-se em voz alta no palácio que é inútil queimar os livros, e que é aos autores que se deve visar”⁴⁸⁶. O abade estava certo. A Profissão de fé do vigário saboiano, presente no livro IV do Emílio, foi vista pelas autoridades como defesa aberta da religião natural, consolidando-se como a grande responsável pelo escândalo que a obra suscitou⁴⁸⁷. Rousseau foi sem dúvida um “cristão sincero”⁴⁸⁸, mas ele dinamitava sem cessar as bases da religião instituída: não acreditava na doutrina do pecado original, nos milagres e nem na doutrina da revelação. A seus olhos, um Deus revelado só poderia terminar desfigurado nas mãos dos homens. E, afinal, qual papel a religião deve desempenhar na educação de uma criança? Segundo o Emílio, nenhum⁴⁸⁹.

Assim, em 9 de Junho de 1762, o Parlamento de Paris condenou Emílio por motivos religiosos e decretou a prisão de seu autor. Dois dias depois o livro foi queimado em praça pública. Rousseau então fugiu de Montmorency e rumou em direção a Yverdon, pequena cidade perto de Genebra, situada numa das extremidades do lago de Neuchâtel. Lá ele foi recepcionado pelo suíço Daniel Roguin, estimado amigo que conhecera em Paris no ano de 1742. Junto dele estavam seus familiares, sobrinhos e sobrinhas, que incluía Julie-Anne Boy de la Tour, nascida Roguin, viúva de Pierre Boy de la Tour, e suas três filhas. Uma delas é Madeleine, a futura Sra. Delessert a quem Rousseau enviou suas famosas cartas sobre botânica, mas que no momento tinha apenas quinze anos.

⁴⁸⁶ TROUSSON, R., *Jean-Jacques Rousseau II: Le deuil éclatant du bonheur*, p. 162.

⁴⁸⁷ Desnecessário dizer que a Profissão de fé também não angariou a simpatia dos colegas philosophes, especialmente dos materialistas, para os quais a obra pretendia restabelecer o sentimento religioso. Rousseau é simultaneamente muito crédulo para os ateus e muito incrédulo para os religiosos ortodoxos.

⁴⁸⁸ SALINAS FORTES, L. *O Iluminismo e os reis filósofos*, p. 72.

⁴⁸⁹ “Prevejo quantos leitores se surpreenderão ao me verem acompanhar toda a primeira idade de meu aluno sem lhe falar de religião. Aos 15 anos, ele não sabia se possuía uma alma, talvez aos 19 não seja ainda o momento de aprendê-lo (...) Se tivesse de pintar a estupidez execrável, pintaria um pedante ensinando o catecismo a crianças” (OC IV, *Émile*, p. 554; trad. bras., p. 315).

A estadia em Berna durou pouquíssimo tempo, pois o Conselho de Berna não demorou a tomar as mesmas decisões de Genebra e a decretar a expulsão do filósofo de suas terras. Ora, a recepção de suas obras em Genebra não havia sido diferente daquela de Paris: em 19 de junho, o Pequeno Conselho condenou simultaneamente o Emílio e o Contrato Social. No caso de Genebra, o segundo livro causou mais incômodo do que o primeiro e a querela foi mais política do que religiosa. As teses do Contrato colocavam diretamente em xeque a estrutura política genebrina, marcada pela oligarquia, e fizeram de Rousseau uma espécie de ídolo da burguesia local contra o patriciado. Mas o Pequeno Conselho, na figura de seu Procurador Geral, Jean-Robert Tronchin, concordou que as duas obras continham “máximas perigosas com relação à religião e com relação ao governo” e que “caso o senhor Rousseau venha a Genebra, ele será preso”⁴⁹⁰.

Condenado em Paris e em Genebra, expulso de Yverdon, Rousseau mudou-se, em 10 de Julho do mesmo ano, para Môtiers, no distrito de Val-de-Travers. A região situava-se no cantão de Neuchâtel mas era de jurisdição prussiana, o que lhe permitiu escapar da jurisdição de Berna. Não foi preciso mais do que uma rápida troca de cartas para que Frederico II, rei da Prússia, autorizasse sua estadia. O soberano não contava entre seus admiradores e colocou como ressalva que o filósofo abandonasse para sempre a escrita. Em Môtiers, a Sra. Boy de la Tour foi a responsável por seu estabelecimento, disponibilizando-lhe uma casa. Rousseau permaneceu na região por pouco mais de três anos. Nesse período, além de ter se dedicado à escrita, respondeu às muitas cartas que lhe chegavam, especialmente as de seus amigos, recebeu muitas visitas de conhecidos, de admiradores distantes e de simples curiosos. Além disso, sentava-se na porta de casa para bordar ou para brincar com seu bilboquê, conversava com os vizinhos e passava tempo ao lado da companheira, Thérèse Levasseur.

Deste período duas amizades são dignas de nota. Em 1762, Rousseau conheceu seu futuro executor testamentário e companheiro de herborização, Pierre-Alexandre Du Peyrou. Herdeiro de uma enorme fortuna, Du Peyrou construiu uma mansão em Neuchâtel entre os anos de 1765 e 1771. O leitor verá que a alusão ao empreendimento é recorrente nas cartas e é o motivo pelo qual

⁴⁹⁰ TROUSSON, R., *Jean-Jacques Rousseau II: Le deuil éclatant du bonheur*, p. 179.

Rousseau chamava o amigo de seu “anfitrião” (este lhe prometera um pequeno aposento na referida construção). Em 1762, Rousseau conheceu também George Keith, nomeado governador de Neuchâtel por Frederico II. A identificação entre os dois foi imediata, pois o conde era igualmente um proscrito, tendo fugido de Edimburgo em 1719 por conta de revoltas políticas. Rousseau refere-se a ele nas cartas como “pai” e mais frequentemente como “Milord Marechal”. Além disso, George Keith era também amigo de Hume e esteve, junto com a Condessa de Boufflers, entre os que insistiram para que o filósofo se refugiasse na Inglaterra. Foi também em Môtiers que Rousseau recebeu a triste notícia do falecimento da Sra. de Warens, em 29 de julho desse mesmo ano.

A estada em Môtiers foi relativamente tranquila, pois inicialmente o pastor local, Frédéric-Guillaume de Montmollin, em consonância com a decisão de Frederico II, aceitou bem a presença do filósofo. Contudo, a querela com Genebra estava longe de terminar e a tensão só aumentava à medida que Rousseau seguia escrevendo. Muitos ainda queriam vê-lo retratar-se publicamente. Entre os pastores que se mostravam abertamente hostis estava Jean Sarasin, que desde o início havia questionado Montmollin acerca da admissão de Rousseau à comunidade eclesiástica, e Jacob Vernes. Este último havia sido amigo de Rousseau, mas por carreirismo, escrevera uma refutação de suas ideias religiosas intitulada Cartas sobre o cristianismo do Sr. J.-J. Rousseau. Além disso, Verne queria que o filósofo renegasse formalmente sua Profissão de fé.

O problema é que Rousseau estava bem longe de querer se retratar. Uma das críticas mais relevantes que recebeu veio de Christophe de Beaumont, Arcebispo de Paris, inimigo dos jansenistas e dos philosophes, que publicou em agosto de 1762 seu Mandement. Foi a ocasião perfeita para que Rousseau respondesse diretamente ao arcebispo e indiretamente a uma série de críticos menores. Poucos meses depois, em janeiro de 1763, estava concluída a famosa carta-resposta ao arcebispo, em que sintetiza com surpreendente clareza os motivos de sua conduta e os elementos centrais de seu pensamento filosófico. Além disso, na carta, Rousseau explica sua preferência por uma religião razoada, mais próxima dos ensinamentos de Cristo do que das palavras dos homens. Defende que um povo pode ser salvo sem ter tido a ideia de Deus (seria o caso

dos povos selvagens), pois o que importa na fé traduz-se em atos morais concretos e não nas querelas, nos sectarismos e nos fanatismos dos religiosos.

Desnecessário dizer que a carta ao Arcebispo circulou rapidamente e fez tanto sucesso quanto seus escritos posteriores. Ela foi responsável por uma outra onda de exaltação de seus admiradores e de indignação de seus inimigos. Angariou novos desprezos de Voltaire, que acompanhava à distância toda a querela e posicionava-se sempre a favor do Pequeno Conselho. Em 29 de abril de 1763, o Pequeno Conselho proibiu a impressão da carta em Genebra. Rousseau ressentiu-se novamente por não ter ocorrido qualquer protesto significativo por parte dos genebrinos. Em 12 de maio do mesmo ano, decepcionado com seus conterrâneos, escreveu a Jacob Favre, Primeiro Síndico, renunciando formalmente à sua pátria. Mais lenha em uma fogueira já prestes a tornar-se um incêndio.

Dessa vez houve reação por parte de burgueses e cidadãos aliados a Rousseau, descontentes com as resoluções do Pequeno Conselho. A partir do mês seguinte as manifestações surgiram e começaram a aumentar na exata medida em que eram ignoradas. Por fim, o Pequeno Conselho posicionou-se radicalmente contra os protestos através de um escrito anônimo, na verdade de autoria de Jean-Robert Tronchin, intitulado Cartas escritas do campo, que defendia de forma sólida as instituições genebrinas. Os aliados de Rousseau insistiram para que o filósofo produzisse uma resposta à altura. Ele só aceitou depois de muita hesitação. As Cartas escritas da montanha começaram a ser confeccionadas no final de outubro de 1763, foram concluídas no final de maio de 1764 e publicadas ao término do ano.

O ano de 64 terminou com a pior das invectivas de Voltaire contra Rousseau, vingança do patriarca de Ferney por uma pequena passagem das Cartas escritas da montanha que o revelava publicamente como autor de um libelo anônimo intitulado Sermão dos cinquenta. A retaliação de Voltaire realizou-se através da publicação anônima de outro libelo, intitulado O sentimento dos cidadãos, cuja autoria Rousseau atribuiu erroneamente a Jacob Vernes. As oito páginas acusavam-no de irreligiosidade, loucura, hipocrisia e ingratidão. E pior: expunham para toda Europa o abandono dos cinco filhos na porta do orfanato de Paris. Depois desse golpe, Rousseau começou a reavaliar o insistente pedido dos

livreiros para que ele escrevesse um livro contando sua vida. Um dia virá à luz suas Confissões.

Doravante, Jean-Jacques não deixará mais de sofrer com a glória de Rousseau, e de arrepende-se por ter seguido uma carreira que lhe retirou completamente o anonimato. A escolha pelas letras lhe parecia responsável por todos os seus males:

*Todos os meus escritos foram bem-sucedidos, nenhum homem de letras vivo, com exceção de Voltaire, teve momentos mais brilhantes do que os meus, e, no entanto, protesto para você que, desde o momento em que comecei a imprimir, minha vida foi apenas tristeza, angústia e dor de todos os tipos.*⁴⁹¹

Rousseau frequentemente retrata sua entrada nas letras como sendo da ordem de um acaso infeliz. Ele teria sido arrastado a despeito de sua própria vontade, após a Iluminação de Vincennes; teria sido vítima de seu amor-próprio, que o ligara desde o início apaixonadamente à verdade. Contudo, não devemos esquecer que sua fama foi ativamente conquistada através das várias polêmicas que seus textos continuamente incitaram. Eles levaram Rousseau a ser simultaneamente amado e odiado, elogiado e escarnecido, mesmo por pessoas completamente desconhecidas dele. Os acontecimentos de sua vida eram narrados nos jornais de *fait divers*, as cartas não paravam de assediá-lo. Nessas cartas, vemos desconhecidos pedindo conselhos sobre assuntos como o amor e a felicidade, tratando-o como uma espécie de guru espiritual e de conselheiro (ele exercerá o papel de diretor de consciência por um longo tempo). No século XXI conhecemos muito bem esse fenômeno: Rousseau se tornara uma celebridade em meio ao século inventou as celebridades⁴⁹².

É neste contexto que a botânica passou a desempenhar um papel importante, e mesmo crucial, em sua vida. Rousseau utilizou-a pessoalmente como uma espécie de terapia para a alma. Enquanto prática terapêutica, a botânica permitia a Rousseau “esquecer as perseguições dos homens, o ódio, o desprezo, seus ultrajes”⁴⁹³, e conseqüentemente impedia de nutrir nele sentimentos recíprocos de ódio e vingança. É o que lemos em algumas cartas, em

⁴⁹¹ ROUSSEAU, J.-J. apud TROUSSON, R., *Jean-Jacques Rousseau II: Le deuil éclatant du bonheur*, p. 134.

⁴⁹² Cf. LILTI, A. *A invenção da celebridade*, capítulo 5.

⁴⁹³ OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1073; trad. bras., p. 139.

especial na que envia a Duclos, no final de 1764: “não podendo deixar minha cabeça vazia, quero empalhá-la, e é preciso tê-la plena de feno para ser livre e verdadeiro, sem medo de ser condenado”⁴⁹⁴.

Sempre que podia, Jean-Jacques realizava pequenas viagens pelos arredores de Môtiers. Era um modo de fugir dos homens, de escapar da procissão dos desocupados que o importunavam sem parar com visitas e cartas. Durante a estadia em Môtiers, o então aspirante a botânico encomendou um microscópio e outros instrumentos, como tesouras finas e pinças. Encomendou também livros de botânica com os livreiros Duchesne, Guy, e Rey, e iniciou-se definitivamente nessa ciência com Jean-Antoine d'Ivernois. Vale lembrar que alguns dos naturalistas e botânicos mais notáveis da época eram suíços: Albrecht von Haller⁴⁹⁵, Johannes Gessner, Abraham Gagnebin, Charles Bonnet e seu sobrinho Horace-Bénédict de Saussure, entre outros.

O primeiro professor de Rousseau no tema era médico e colaborador de Haller, além de grande conhecedor da flora de Neuchâtel. Não temos nenhum registro dessas aulas, de modo que não há como saber quantos e quais sistema d'Ivernois ensinou a Rousseau⁴⁹⁶. Sabemos apenas que ele considerava Tournefort, Haller e Lineu os botânicos mais importantes⁴⁹⁷, e que seu ensino terminou em agosto de 1763, quando o botânico adquiriu a doença que dará um fim à sua vida pouco mais de um anos depois, em 24 de janeiro de 1765.

Uma herborização digna de nota ocorreu entre 23 e 24 de julho de 1764, quando Rousseau organizou uma excursão ao Chasseron, no Maciço do Jura, na Suíça. Acompanharam-no nesta herborização⁴⁹⁸ DuPeyrou, o coronel de Pury, o magistrado Clerc e François-Louis d'Escherny. A excursão à montanha do Chasseron, “do alto da qual descobrimos sete lagos”⁴⁹⁹, ficará marcada em sua memória e será registrada na sétima caminhada de seus Devaneios.

⁴⁹⁴ CG XVII, p. 110.

⁴⁹⁵ Haller estava entre aqueles que antipatizavam com a figura de Rousseau devido a divergências políticas e religiosas.

⁴⁹⁶ COOK, A. *Jean-Jacques Rousseau and Botany: the salutary science*, p. 122.

⁴⁹⁷ COOK, A. *Jean-Jacques Rousseau and Botany: the salutary science*, p. 120.

⁴⁹⁸ Sobre essa herborização, Cf. LÉCHOT, T. *L'herborisation comme pratique sociale: Jean-Jacques Rousseau sous la loupe de François-Louis d'Escherny*.

⁴⁹⁹ OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1072; trad. bras., p. 137.

À Sra. Condessa de Boufflers⁵⁰⁰

Motiers, 26 de Agosto de 1764

[239] Após as provas tocantes, Senhora, que tive de vossa amizade nos momentos mais cruéis de minha vida, seria ingratidão de minha parte não contar sempre com ela; mas é preciso perdoar em muito meu estado; a confiança abandona os infelizes, e sinto, no prazer que vossa Carta me deu, que preciso ser tranquilizado assim às vezes. Esta consolação não poderia me chegar em momento mais adequado: após tantas perdas irreparáveis e, por último, aquela do Sr. de Luxembourg⁵⁰¹, importa para mim sentir que me restam bens suficientemente preciosos para que valha a pena viver. O momento em que tive a felicidade de conhecê-lo parecia bastante com aquele em que o perdi; tanto em um quanto no outro eu estava aflito, desamparado, doente. Ele me consolou de tudo; quem me consolará dele? Os amigos que eu tinha antes de perdê-lo; pois meu coração, desgastado pelos males e já endurecido pelos anos, está doravante fechado a todo novo vínculo.

Não posso conceber, Senhora, que nas críticas que dizem [240] respeito à educação do Senhor vosso filho, vós compreendíeis o que, sobre a decisão que tomastes de enviá-lo a Leida, escrevi ao Cavaleiro de Lorenzy.⁵⁰² Criticar alguém é desaprovar no âmbito público sua conduta; mas dizer seu sentimento a um amigo comum sobre um tema parecido não se chamará jamais criticar, a menos que a amizade imponha a lei de não dizer jamais o que se pensa, mesmo nas coisas em que pessoas do melhor discernimento podem não ser da mesma opinião. Depois da maneira com que constantemente pensei e falei de vós, Senhora, eu difamaria a mim mesmo se ousasse criticá-la. Encontro, na verdade, muitos inconvenientes em enviar os jovens para as universidades, mas acho também que, dependendo das circunstâncias, pode haver mais em não fazê-lo, e não se tem sempre nestes casos a escolha pelo maior bem, mas pelo menor mal. Além disso,

⁵⁰⁰ CG, volume XI.

⁵⁰¹ Charles de Montmorency-Luxembourg (1702-1764), falecido em maio de 1764, duque e marechal francês.

⁵⁰² Orlando de Lorenzy (1712-1784), italiano, ex-oficial, filho de uma família toscana mas de origem francesa, trabalhava a serviço do Príncipe de Conti.

uma vez suposta a necessidade desta decisão, acredito, como vós, que há menos perigo na Holanda do que em qualquer outro lugar.

Estou comovido com o que me dissestes a respeito do Srs. condes de Bintink. Julgai, Senhora, se a benevolência dos homens deste mérito me é preciosa, a mim, que mesmo a daqueles que não estimo sempre subjuga! Não sei o que não se teria feito de mim com as carícias: felizmente não se ousou mimar-me com elas. Trabalhou-se incansavelmente para dar ao meu coração, e talvez ao meu gênio, o móbil que naturalmente eles não tinham. Nasci fraco; os maus tratamentos me fortaleceram. À força de quererem me aviltar, tornaram-me altivo.

Tendes a bondade, Senhora, de querer os detalhes sobre as coisas que me concernem: que vos direi? Nada é mais uniforme do que minha vida, nada é mais limitado do que meus projetos; vivo o dia-a-dia sem me preocupar com o amanhã, ou antes, acabo a vida com mais lentidão do que esperava. Não partirei mais cedo do que a natureza quiser, mas esta demora não deixa de me embaraçar, pois não tenho mais nada a fazer por aqui. O desgosto por todas as coisas me entrega cada vez mais à indolência e à ociosidade. Os males físicos me dão por si só [241] um pouco de atividade. O lugar que habito, embora suficientemente saudável para outros homens, é pernicioso para o meu estado: o que faz com que, para me esquivar das injúrias do ar e das importunações dos desocupados, eu vá errando pelo país durante a bela estação;⁵⁰³ mas com a aproximação do inverno, que aqui é muito rude e muito longo, é preciso retornar e sofrer. Há muito tempo que procuro ir embora, mas para onde ir? Como me organizar? Tenho ao mesmo tempo o embaraço da indigência e das riquezas; toda espécie de cuidado me assusta; o transporte de meus trapos e dos meus Livros por estas montanhas é penoso e custoso; é o esforço de ir embora de minha casa, na expectativa de ir logo embora de meu corpo! Ao passo que, permanecendo onde estou, tenho dias deliciosos, errando sem preocupação, sem projeto, sem afazer, de bosque em bosque e de rochedo em rochedo, sonhando sempre e não pensando absolutamente nada. Eu daria tudo no mundo para saber a botânica; é a verdadeira ocupação de um corpo ambulante e de um espírito preguiçoso; eu não responderia que não teria a loucura de tentar aprendê-la se soubesse por onde começar. Quanto à minha situação do ponto de vista dos recursos, não se preocupe; o necessário, mesmo o abundante,

⁵⁰³ Em francês, *belle saison*, expressão que corresponde à primavera e ao verão.

não me faltou até aqui, e provavelmente não me faltará tão cedo. Longe de vos repreender por vossas ofertas, Senhora, eu vos agradeço por elas; mas vós conviríeis que elas estariam mal colocadas se me valesse delas antes da necessidade.

Queríeis os detalhes; deveis estar contente. Estou bastante contente com os vossos; exceto que jamais consegui ler o nome do lugar em que habitais. Talvez o conheça, e me seria muito doce poder vos seguir por lá, ao menos na imaginação. De resto, lamento que não estejais ainda senão na filosofia. Estou muito mais avançado que vós, senhora; salvo meus deveres e meus amigos, eis-me de volta ao nada.

Não acho o Cavaleiro tão desarrazoado, já que ele vos diverte: se fosse apenas desarrazoado, certamente não conseguiria. Ele é bem digno de pena por seus acessos de gota, pois sofre-se cruelmente, mas ao menos ele tem a vantagem de sofrer sem risco. Celerados não o assassinarão e [242] ninguém tem interesse em matá-lo. Está ao seu alcance, Senhora, ver frequentemente a Senhora Marechala? Na triste circunstância em que se encontra, ela precisa de todos os seus amigos, e sobretudo de vós. Estou tão sensibilizado com a garantia que me dais da continuação das bondades do Senhor Príncipe de Conti⁵⁰⁴ como se eu não houvesse sempre contado com elas. As provações pelas quais passei tendo-me deixado o mesmo que ele honrou, posso esperar não merecer jamais perdê-las.

Não recebi vossa Carta, Senhora, senão no retorno de uma viagem de três semanas, o que me impediu de respondê-la tão prontamente quanto deveria.

⁵⁰⁴ Louis François de Bourbon (1717-1776), assumiu o título de Príncipe de Conti em 1727.

**Ao Sr. Duchesne⁵⁰⁵, Livreiro,
Rua St-Jacques,
Paris⁵⁰⁶**

Motiers, 15 de setembro de 1764

(...)

[284] Soube pelos jornais que é possível se inscrever em Durand para uma obra intitulada *Tratado Histórico das Plantas que Crescem na Lorena*,⁵⁰⁷ etc. Eu gostaria de me inscrever para esta obra; porque, como um verdadeiro caduco que age como criança, tenho o furor de aprender a botânica sem possuir um único livro para me guiar. Este estudo tornaria minhas caminhadas solitárias deliciosas, sobretudo em um país tão rico em plantas como este.

Ao Sr. de Malesherbes⁵⁰⁸

Motiers-Travers, por Pontarlier, 11 de novembro de 1764

[53] Faço raramente uso, Senhor, da permissão que me destes de vos escrever, mas os infelizes devem ser discretos. Meu coração não mudou mais do que meu destino, e, mergulhado em um abismo de males do qual nunca sairei em minha vida, por mais que sinta minhas misérias, ainda sinto vossas bondades.

Ao saber da vossa aposentadoria,⁵⁰⁹ Senhor, tive pena dos homens [54] de letras, mas vos felicitei. Ao deixar de estar a frente deles por conta de vossa posição, ainda estareis lá por vossos talentos; por meio deles, embelezais vossa alma e vosso refúgio: ocupado com os encantos da literatura, já não estais mais obrigado a ver suas calamidades, filosofais mais à vontade e vosso coração terá menos a sofrer. É um meio de emulação, em minha opinião muito mais seguro,

⁵⁰⁵ Livreiro parisiense responsável pela edição de *Emílio*.

⁵⁰⁶ CG, volume XI.

⁵⁰⁷ *Traité historique des plantes qui croissent dans la Lorraine, etc.*, de Pierre-Joseph Buc'hoz (1731-1807).

⁵⁰⁸ CG, volume XII.

⁵⁰⁹ Malesherbes ocupou o cargo de *Direction de la librairie*, órgão de censura, sob os reinados de Luís XV e Luís XVI. Seu afastamento, no entanto, só se tornou oficial e efetivo quatro anos depois desta carta, em dezembro de 1768.

muito mais digno, de acolher e distinguir o mérito em Malesherbes do que protegê-lo em Paris.

Onde está, onde está, este castelo de Malesherbes, que tanto desejei ver? Os bosques, os jardins, teriam agora um atrativo a mais para mim no novo gosto que me toma. Sinto-me tentado a experimentar a botânica, não como vós, Senhor, em grande estilo e como um ramo da história natural, mas no máximo como um jovem boticário, para saber fazer meu chás e meus caldos. É a verdadeira diversão de um solitário que caminha e que não quer pensar em nada. Não me ocorre jamais uma ideia virtuosa e útil sem que eu veja ao meu lado a forca ou o cadafalso: com um Lineu no bolso, e feno na cabeça, espero que não me enforcem. Acredito que farei os progressos de um colegial de barba grisalha, mas o que importa isso? Não quero saber, mas estudar, e este estudo, tão de acordo com a minha vida ambulante, me divertirá muito e me será salutar: não se estuda sempre tão proveitosamente senão assim.

Acabo de mandar imprimir na Holanda, a pedido dos meus antigos concidadãos, uma espécie de refutação das Cartas do Campo, escrito que talvez tenhais visto. O meu não trata absolutamente senão do processo feito em Genebra contra mim e de suas consequências. Não falo dos franceses senão com elogio, da mediação da França senão com respeito. Não há uma palavra contra os católicos ou seu clero: os deboches são sempre a seu favor e contra nossos ministros. Enfim, esta obra poderia ter sido impressa em Paris com o privilégio do rei, e o governo deveria ter ficado satisfeito com ela. O Sr. de Sartine⁵¹⁰, diz-se, teria proibido sua entrada. Isso muito me desagrada, porque tal proibição impossibilita-me de fazer passar sob vossos olhos este escrito em sua novidade, [55] não ousando, sem a vossa permissão, enviá-lo pelo correio.

Aceite, Senhor, suplico-vos, meu profundo respeito.

J. J. Rousseau

⁵¹⁰ Antoine de Sartine, Conde de Alby, político e conselheiro. Ocupou o posto de *lieutenant général de police* durante o reinado de Luís XV, e de ministro da marinha, durante o reinado de Luís XVI.

Diz-se que a razão pela qual o Sr. de Sartine proibiu a entrada de minha obra é que ousou justificar-me ali contra a acusação de ter rejeitado os milagres. Este Sr. de Sartine parece-me um homem a quem não desagradaria que me mandassem enforcar, unicamente por haver provado que não merecia ser enforcado. França, França, vós desprezais demais em vossa glória os homens que vos amam e que sabem escrever! Por mais desprezíveis que eles vos pareçam, seria sempre mais sábio não levá-los ao limite.

Ao Sr. Duclos^{511 512}

Motiers, 2 de Dezembro de 1764

[109] Creio, meu caro amigo, que no ponto em que estamos, a raridade das cartas é mais um sinal de confiança do que de negligência: vosso silêncio pode inquietar-me a respeito de vossa saúde, mas não de vossa amizade, e espero de vós a mesma segurança em relação à minha. Tenho errado por todo verão, estado enfermo por todo inverno, e o tempo todo tão sobrecarregado com os desocupados que mal tenho um momento de folga para escrever aos meus amigos.

A coletânea feita por Duchesne é de fato incompleta e, o que é pior, muito incorreta; mas não há nada que não conheçais, exceto minha resposta às Cartas escritas do campo, que ainda não foi tornada pública. Eu esperava que ela vos fosse entregue assim que estivesse em Paris; mas fiquei sabendo que o Sr. de Sartine proibiu sua entrada, embora seguramente não haja uma palavra nesta obra que possa desagradar a França ou os Franceses, e que nela os deboches sejam a favor do clero católico e às expensas do nosso. Ai dos oprimidos! sobretudo quando o são injustamente, pois então eles não têm nem mesmo o direito de se queixar; e eu não ficaria surpreso que me enforcassem unicamente por ter dito e [110] provado que eu não merecia ser condenado. Pressinto a repercussão dessa defesa neste país. Vejo de antemão o partido que vão tomar meus implacáveis inimigos e, sobretudo, *ipse doli fabricator Epeus*.⁵¹³

⁵¹¹ Charles Pinot Duclos (1704-1772), escritor francês que também contribuiu para a *Encyclopédie*.

⁵¹² CG, volume XII.

⁵¹³ Trata-se de uma referência ao 264º verso do segundo livro da Eneida de Virgílio: “o próprio edificador daquele embuste, Epeu”. Epeu é creditado pela construção do cavalo de troia.

Tenho ainda o projeto de fazer enfim eu mesmo uma coletânea de meus escritos, no qual faria entrar alguns farrapos⁵¹⁴ que ainda estão em manuscrito, e entre outros, o pequeno conto⁵¹⁵ que falais, já que julgais que valeria a pena incluí-lo. Mas, além do fato de que este empreendimento me assusta, sobretudo no estado em que estou, não sei realmente onde fazê-lo. Na França é melhor nem pensar. A Holanda está muito longe de mim. Os livreiros desse país não têm saída suficientemente para este empreendimento, os lucros seriam pouca coisa, e vos confesso que não penso nisso senão para obter o pão para o resto de meus infelizes dias, não me sentindo mais em condição de ganhá-lo. Quanto às memórias de minha vida, de que falais, são muito difíceis de fazer sem comprometer ninguém; para pensar sobre é preciso mais tranquilidade do que me deixam ter, e que provavelmente não terei jamais: se eu viver, todavia, não desistirei. Tendes toda a minha confiança; mas, como sabeis, que há coisas que não se dizem de tão longe.

Minhas excursões pelas nossas montanhas, tão ricas em plantas, deram-me o gosto pela botânica: esta ocupação convém fortemente à uma máquina ambulante a qual é interdito pensar. Não podendo deixar minha cabeça vazia, quero empalhá-la, e é de feno que é preciso tê-la plena para ser livre e verdadeiro, sem medo de ser condenado. Tenho a vantagem de ainda não conhecer mais do que dez plantas, contando com o hissopo; terei muito tempo de prazer antes de chegar nas árvores de nossas florestas.

Espero com impaciência vossa nova edição das *Considérations sur les mœurs*. Já que tendes facilidades por todo o reino, enviai o pacote para Pontarlier⁵¹⁶, [111] diretamente a mim, o que é suficiente; ou ao Sr. Junet, diretor dos correios; ele o fará chegar a mim. Podeis também enviá-lo a Duchesne, que me encaminhará com outras remessas. Até mesmo vos pedirei, sem cerimônia, que encaderne o exemplar, o que não posso fazer aqui sem estragá-lo; eu o levarei

⁵¹⁴ Em francês, *chiffons*, palavra de difícil tradução e que aparece algumas vezes na pena de Rousseau. Designa sobretudo pano velho, sem valor. A tradução mais literal seria, então, "trapos". Porém, em francês, essa palavra também serve para designar papéis sem valor. Acontece que não temos em português uma palavra para designar papel sem valor. Acredito que "farrapo", que carrega igualmente um sentido pejorativo, embora diga mais respeito a tecidos, também possa ser aplicado a papéis.

⁵¹⁵ Trata-se do conto *A rainha fantasiosa*.

⁵¹⁶ Comuna francesa.

secretamente no bolso ao ir herborizar; e, quando não mais vir guardas⁵¹⁷ ao meu redor, lançarei os olhos sobre ele às escondidas. Meu caro amigo, como fazeis para pensar, ser um homem honesto, e não ser enforcado? Isto me parece difícil, na verdade. Abraço-vos de todo o coração.

⁵¹⁷ Em francês, *archer*, cargo subalterno de agente de justiça e de polícia do Antigo Regime.

1765

Em maio de 1765, Rousseau herborizou junto de Du Peyrou, em Cressier. Graças ao sexto livro das confissões, sabemos que nessa herborização Rousseau encontrou a pervinca (Vinca minor L.) e que o encontro remeteu-lhe diretamente à memória um episódio feliz do passado, quando a Sra. de Warens lhe apresentou a planta pela primeira vez:

No primeiro dia em que fomos dormir nas Charmettes, mamãe ia de liteira e eu a acompanhava a pé. O caminho torna-se íngreme, ela era pesada, e temendo fatigar seus carregadores, quis descer na metade do caminho para fazer o resto a pé. Caminhando, viu uma coisa azul na cerca-viva e me disse: “eis a pervinca ainda em flor!”. Eu nunca vira uma pervinca, e abaixei-me para examiná-la, porque tenho a vista muito curta para enxergar as plantas de minha altura. Lancei apenas um rápido olhar a essa, e se passaram quase trinta anos sem que eu visse novamente ou que reparasse em uma pervinca. Em 1764, estando em Cressier com meu amigo Du Peyrou, subimos a um monte em cujo cume há um lindo trecho plano a que ele chama, com razão, Bela-Vista. Comecei então a herborizar um pouco. Subindo e olhando por entre as moitas, soltei um grito de alegria: “ah, eis a pervinca!”. E de fato era mesmo.⁵¹⁸

Em meados de junho, Rousseau passou pouco mais de uma semana em La Ferrière, junto de Abraham Gagnebin. Foi a ocasião para alguns dias de herborização ao redor da cidade e para aprender com o grande botânico a respeito do sistema de Lineu. A viagem contaria com a presença de Du Peyrou e do coronel de Pury, mas Rousseau acabou indo sem eles e chegando doente ao local. Em uma das cartas a Du Peyrou, temos um relato de suas impressões sobre o encontro com Gagnebin:

Do pouco que vi sobre botânica, compreendo que sairei daqui mais ignorante do que cheguei, mais convencido, ao menos, da minha ignorância; Já que verificando meu conhecimento sobre as plantas, descobri que várias das que eu acreditava conhecer, não conhecia em absoluto. Deus seja louvado; aprende-se sempre alguma coisa ao aprender que não se sabe nada.⁵¹⁹

Em 25 de julho, Gagnebin acompanhou Rousseau, Du Peyrou, Pury e d'Escherny em uma herborização na região do Creux-du-Van, que fica na

⁵¹⁸ OC I, *Les confessions*, p. 226.; trad. bras., p. 220 (minha tradução).

⁵¹⁹ CG XIV, p. 15.

fronteira dos cantões de Vaud e de Neuchâtel, e cujo objetivo era, novamente, o de aprender sobre o sistema classificatório de Lineu. Sobre essa herborização, seu biógrafo nos pintou a seguinte cena:

Desde o primeiro raio de sol, Jean-Jacques não consegue ficar parado. Ninguém é menos que ele homem de gabinete, e não lhe basta estudar as plantas nos livros. Deitado por inteiro no chão para ver melhor, seu grande Lineu aberto ao lado, ele descobre, maravilhado como uma criança, as belezas da natureza. Lamenta ter começado tão tarde uma disciplina que o fascina e na qual se inicia com tenacidade.⁵²⁰

Determinar a cronologia das herborizações de Rousseau não é tarefa fácil. Foi provavelmente em julho de 1765 que Rousseau herborizou sozinho em La Robella, no Val-de-Travers. Ficamos sabendo dessa herborização também através da sétima caminhada dos Devaneios, que contém seu breve relato. Trata-se do famoso episódio em que Rousseau, após imaginar estar completamente só na natureza, terminou se deparando com uma fábrica de meias:

*Lembrarei por toda minha vida de uma herborização que fiz um dia para os lados da Robaila, nas terras do magistrado Clerc. Estava sozinho e embrenhei-me nas fendas da montanha; de árvores em árvore, de rocha em rocha, cheguei a um reduto tão escondido que nunca vi um aspecto mais selvagem em toda a minha vida. Negros pinheiros entremeados de progidiosas faias, muitas das quais, caídas pela velhice e entrelaçadas umas às outras, fechavam esse lugar com barreiras impenetráveis; alguns intervalos, deixados por esse sombrio recinto, monstravam ao longe apenas rochas escarpadas e horríveis precipícios, que eu só ousava olhar deitado de bruços. O mocho, a coruja e a água-pescadora faziam ouvir seus gritos nas fendas da montanha; alguns pequenos pássaros raros, mas familiares, atenuaram o horror dessa solidão. Encontrei ali a *Dentaria heptaphyllos*, o *Cyclamem*, o *Nidus avis*, o grande *Leserpitium* e algumas outras plantas que me encantaram e me distraíram por muito tempo.⁵²¹*

Rousseau permaneceu em Môtiers até o final de 1765. Conforme lemos em carta a d'Ivernois deste ano, chegou pensar estar “se enraizando” em Môtiers, apesar das investidas do Arcipreste, que continuava “a amotinar a canalha”⁵²² para enxotá-lo de lá. Na mesma carta, ele nos fala da loucura pela botânica, e diz que se sente prestes a tornar-se planta. As flores, indiferentes e impassíveis,

⁵²⁰ TROUSSON, R., *Jean-Jacques Rousseau II: Le deuil éclatant du bonheur*, p. 276-277.

⁵²¹ OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1070-1071; trad. bras., p. 135.

⁵²² CG XIV, p. 59.

representam com perfeição tudo que Rousseau gostaria de atingir: enraizar-se definitivamente em um local e alcançar a paz de espírito

O arcipreste em questão é Montmollin, que inicialmente havia aceitado sua presença em Môtiers, mas que mudara de posição à medida que a querela em torno do filósofo se agravava. A gota d'água veio com a publicação das Cartas escritas da montanha, onde Rousseau criticava abertamente todos os pastores de Genebra, com exceção do próprio Montmollin. Este se viu entre a pressão da comunidade eclesiástica indignada, que pedia a excomunhão de Rousseau, e as ordens do rei, que, cada vez mais irritado com o fanatismo, impunha que deixassem-no em paz. Sentindo-se humilhado tanto pela posição resoluta de Rousseau quanto pela determinação do rei em protegê-lo, Montmollin começou uma verdadeira cruzada contra o filósofo, estimulando o ódio de sua congregação através de seus sermões. “Para excitar essa gente simples, o homem de Deus não chega mesmo a sustentar que Rousseau é o Anticristo em pessoa e que afirmava em seus livros que as mulheres não têm alma?”⁵²³. A situação terminou com o famoso episódio da lapidação, ocorrida na noite de 6 de setembro, quando alguns habitantes locais atiraram pedras contra a residência do filósofo.

Dois dias depois Rousseau deixou definitivamente Môtiers, refugiando-se na Ilha de Saint-Pierre, no lago de Bienna. A curta mas marcante passagem pelo local está imortalizada nas belas páginas da quinta caminhada dos Devaneios: “de todas as habitações em que morei (e tive algumas encantadoras), nenhuma me fez tão feliz nem me deixou tão ternas lembranças”⁵²⁴. Afinal, poucas imagens traduzem melhor o rareamento dos contatos com o mundo exterior do que a imagem da ilha:

Como não há, nessas felizes paragens, estradas convenientes à passagem de veículos, a região é pouco frequentada por viajantes; mas é interessante, para os contemplativos solitários que amam se inebriar a esmo com os encantos da natureza e se recolher num silêncio que não seja perturbado por outro ruído além do grito das águas, do gorjeio entrecortado de alguns pássaros e do rumor das torrentes que caem da montanha.⁵²⁵

⁵²³ TROUSSON, R., *Jean-Jacques Rousseau II: Le deuil élatant du bonheur*, p. 280.

⁵²⁴ OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1040; trad. bras., p. 93.

⁵²⁵ OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1040; trad. bras., p. 94.

Rousseau estava no auge de seu “primeiro fervor de botânica”⁵²⁶, e decidiu que iria catalogar “todas as plantas da ilha, sem omitir uma única, com detalhes suficientes para me ocupar pelo resto dos meus dias”⁵²⁷. Com uma lupa em uma mão e o *Systema naturæ*, de Lineu, na outra, fascinava-se com a observação da variedade sexual das plantas: “nada é mais singular que os encantamentos, os êxtases que experimentava a cada observação que fazia sobre a estrutura e a organização vegetal, e sobre o funcionamento das partes sexuais na frutificação”⁵²⁸.

Durante a breve estada na ilha, chegou a imaginar que poderia terminar ali seus dias, mas as autoridades de Berna novamente colocaram-no para correr. Após passar por Estrasburgo e Paris, Rousseau seguiu em direção à Inglaterra de David Hume. Há três anos que a Condessa de Boufflers e outros amigos insistiam que apenas fora do continente o filósofo encontraria algum repouso. Agora ele estava decidido a tentar, mesmo sem jamais ter gostado da Inglaterra ou dos ingleses.

**Ao Senhor
Senhor Du Peyrou
Neuchâtel** ⁵²⁹

29 de abril [de 1765]

[273] Receio, meu caro Anfitrião, que tenhais deixado vossas galinhas aos cuidados da raposa. Ignorais que Fauche⁵³⁰ está absolutamente entregue ao Banneret Osterval? Fauche é incapaz de maldade intencional, mas ele é tão estúpido! Um homem hábil sabe aproveitar-se desse tipo de pessoa.

Vossa decisão de não fazer passar nenhum exemplar pelas minhas mãos é muito sábia; é uma reflexão que eu mesmo havia feito e que pretendia vos comunicar.

⁵²⁶ OC I, *Réveries du promeneur solitaire*, p. 1042; trad. bras., p. 97.

⁵²⁷ OC I, *Réveries du promeneur solitaire*, p. 1043; trad. bras., p. 97.

⁵²⁸ OC I, *Réveries du promeneur solitaire*, p. 1043; trad. bras., p. 97-98.

⁵²⁹ CG, volume XIII.

⁵³⁰ Livreiro de Neuchâtel que planejou uma edição das obras de Rousseau. O projeto foi suspenso pela municipalidade de Neuchâtel junto com a proibição da venda das *Cartas escritas da montanha*.

Recebi vosso presente;⁵³¹ agradeço-vos; dá-me [274] grande prazer, e desejo ardentemente estar ao alcance de fazer uso dele. Tenho mais do que nunca paixão pela botânica; mas vejo com confusão que ainda não conheço empiricamente plantas suficientes para estudá-las por sistema. Contudo, não desanimarei, e pretendo ir, durante a bela estação, passar uma quinzena de dias perto do Sr. Gagnebin, para ao menos me colocar em condição de seguir meu Lineu.

Tenho em mente que se puderdes aguentar até o dia de nossa caravana, ela garantirá que não ficareis parado durante o resto do ano, visto que a gota não tem maior inimigo do que o exercício pedestre. Deveríeis tomar a botânica como remédio caso não a tomásseis por gosto. De resto, advirto-vos que o encanto desta ciência consiste sobretudo no estudo anatômico das plantas. Não posso fazer esse estudo como gostaria, devido à falta dos instrumentos necessários, como microscópios de diversas medidas de foco, pequenas pinças muito miúdas parecidas com as pinças dos Joalheiros, tesouras muito finas para recortar. Deveríeis vos esforçar em providenciar tudo isso para a nossa excursão, e vereis que o uso é muito agradável e muito instrutivo.

Vós me falais sobre a melhora do tempo; definitivamente não aconteceu por aqui; fiz algumas tentativas de sair que tiveram pouco sucesso, e nunca sem chuva. Mal posso esperar para ir vos abraçar, mas é preciso fazer visitas, e isso me apavora um pouco, principalmente devido à minha condição.

Nosso Arcipreste continua com suas ardentes Filípicas. Ontem ele fez uma em que ficou tão tocado com os milagres que derreteu-se em lágrimas e fez seus piedosos ouvintes com ele derreterem-se. Ele parece ter tomado o partido mais seguro. O de não se preocupar com o conselho de Estado ou com a Classe, mas seguir seu curso agitando a canalha. No entanto, tudo até agora se limitou a alguns insultos e, como não respondo a nenhum, dificilmente terão a oportunidade de ir mais longe.

Quando vereis o fim desse processo desagradável? Gostaria [275] também de ver logo vossa construção pronta para poder nela ocupar minha cela, e chamá-lo, com razão, de meu caro Anfitrião. Adeus.

⁵³¹ Trata-se das obras de Lineu.

O homem daqui parecia absolutamente desvairado e determinado a levar as coisas o mais longe possível por conta própria. Parece-me sempre engraçado que um homem tão geralmente desprezado nem por isso seja menos temível. Se ele espera assustar-me a ponto de me fazer fugir, engana-se.

Ao Senhor

Senhor Du Peyrou

Neuchâtel ⁵³²

Esta terça-feira, 11 [de junho de 1765]

[5] Se fico mais um dia, me pegam: parto, então, meu caro Anfitrião, para La Ferrière⁵³³, onde vos esperarei com o maior ardor, mas sem impacientar-me. O que acaba de me determinar é que me informam que começastes a sair⁵³⁴. Recomendo-vos não esquecer, entre nossas provisões, café, açúcar, bule, isqueiro de pederneira e toda a parafernália para fazermos quando quisermos um café no bosque. Levai Lineu e Sauvages, algum livro divertido, e algum jogo que possa divertir a muitos, caso fiquemos parados em uma casa por conta do mau tempo. É preciso tudo prever para prevenir a ociosidade e o tédio.

Asseguraram-me de que os Lamas querem responder à carta⁵³⁵, e presumo que se servirão para isso da pena do Sr. Douré⁵³⁶, que naquela ocasião agiu abertamente como seu diabrete⁵³⁷, e que me parece não ter se tornado meu vizinho senão para me espionar. Adeus, pretendo partir amanhã de manhã, se o tempo estiver bom, para ir dormir em Le Locle⁵³⁸, e jantar ou dormir em La Ferrière no dia seguinte, quinta-feira. Um abraço.

[6] Recebo neste momento vossa carta de Domingo; não sei o porquê dessa demora. Nada dá certo para nós. Nenhuma resposta do Sr. Pury. Todavia,

⁵³² CG, volume XIV.

⁵³³ Cidade próxima a Neuchâtel. Em 1765, a região pertencia ao príncipe-bispo da Basileia, o que possibilitou a estadia de Rousseau.

⁵³⁴ Rousseau julga, erroneamente, que os ataques de gota de seu amigo haviam melhorado.

⁵³⁵ Trata-se da *Lettre de Goa*, escrita por Du Peyrou.

⁵³⁶ J.-M. Durey de Marsan (1717-1795), um dos copistas de Voltaire.

⁵³⁷ Em francês, *âme damnée*, designa uma pessoa devota e assujeitada a alguém, subserviente a seus desejos.

⁵³⁸ Comuna em Neuchâtel.

parto. Dai-me vossas notícias em La Ferrière. Um mês de espera é muito, mas se pudésseis vir em quinze dias, vos esperaria de bom grado.

**Ao Senhor
Senhor Du Peyrou
Neuchâtel** ⁵³⁹

La Ferrière, Domingo: 16 de junho de 1765

[14] Aqui estou, meu caro Anfitrião, em La Ferrière, onde só cheguei para ficar no meu quarto com um resfriado terrível, uma febre bastante forte, e uma esquinencia, mal a que estive muito sujeito em minha juventude, mas da qual esperava que a idade tivesse me dispensado. Eu estava errado; esse ataque foi violento, espero que seja curto. A febre diminui, minha garganta desobstruiu-se, engulo mais facilmente, mas ainda me é impossível falar.

Soube por duas cartas que acabo de receber do Sr. Pury que ele, indo, como suponho, a Monlesi⁵⁴⁰, se deu ao trabalho de passar para me visitar, eu já havia partido; o que lamentei por muitas razões: entre outras, porque teríamos acertado a hora e o modo de nos reunir. Ele me informa que não podereis ir ao campo por muito tempo; isso me faz tomar o partido de ir ter convosco; pois não posso passar mais tempo sem vos ver. Assim, podeis esperar vosso hóspede no máximo até o final [15] da semana, a menos que daqui até lá eu tenha notícias de vós. Se pudésseis vir para cá a cavalo, não duvido que o ar excelente, a beleza da paisagem e a tranquilidade da região vos fizesse todo tipo de bem e que vos reestabelecêsseis mais rapidamente aqui do que onde estais.

Não escrevo ao Sr. Coronel, porque não sei se ele está em Neuchâtel ou em sua Montanha; mas peço-vos que tenhais a gentileza de dizer a ele que não conheço suficientemente o Sr. Fischer para julgá-lo, que o Sr. Conde de Dohna, que viveu com ele por mais tempo do que eu, deve julgar melhor, e que um homem não se julga assim à primeira vista. Tudo o que sei é que ele tem conhecimentos e espírito; pareceu-me de um humor complacente e doce, sua

⁵³⁹ CG, volume XIV.

⁵⁴⁰ Apelido que o Coronel de Pury deu à sua propriedade, ao norte de Môtiers. Corruptela de *Mon Loisir*.

conversa é cheia de bom senso e honestidade; vi até mesmo coisas dele que me pareciam anunciar bons costumes e virtude. Quando não se trata senão de viajar com um homem, seria difícil pedir mais do que isso.

Do pouco que vi sobre botânica, compreendo que sairei daqui mais ignorante do que cheguei, mais convencido, ao menos, da minha ignorância; Já que verificando meu conhecimento sobre as plantas, descobri que várias das que eu acreditava conhecer, não conhecia em absoluto. Deus seja louvado; aprende-se sempre alguma coisa ao aprender que não se sabe nada. O Mensageiro espera e me apressa: é preciso terminar. Adeus, meu caro Anfitrião; abraço-vos de todo coração.

Ao Sr. d'Ivernois⁵⁴¹
Genebra⁵⁴²

Motiers, 1 de agosto de 1765

[58] Se de todo não vos incomoda, Senhor, merecer agradecimentos, a mim incomoda fazê-los. Assim, não falemos mais nisso. Estou na verdade muito embaraçado acerca do emprego do tempo da Senhorita vossa filha. A bondade que ela teve de se ocupar de mim merece que eu a honre, mas não me atrevo. Sou ao mesmo tempo vaidoso e tolo; é muita coisa, seria preciso escolher. Acredito que optarei por transformar a coisa em piada, e dizer que uma jovem senhorita me acorrenta pelos pulsos.

Estou indignado com a carta insultuosa do Ministro. Ele acredita que vós tendes o coração tão baixo a ponto de pensar como ele. É inútil que eu vos envie o que escreveria para ele em vosso lugar. Vós não usáreis. Segui vossa própria iniciativa, encontrareis bastante do que é preciso lhe dizer e o direis menos duramente do que eu.

O Sr. De Luc é na verdade muito complacente de se emprestar assim a todas as minhas fantasias: mas confesso-vos que ele não saberia me dar mais

⁵⁴¹ François-Henri D'Ivernois (1722-1778), mercador genebrino que conquistou a amizade de Rousseau depois de alguma insistência. Gostava de botânica e acompanhava Rousseau nas herborizações em Môtiers.

⁵⁴² CG, volume XIV.

prazer do que ao ter a gentileza de se ocupar de meus pequenos instrumentos. Estou louco pela botânica: isto só piora todos os dias. Não tenho senão feno na cabeça, tornar-me-ei eu mesmo planta uma dessas manhãs, e [59] já estou criando raízes em Motiers apesar do Arcipreste, que continua a amotinar a canalha para me enxotar daqui.

Tenho muita vontade de ver o Sr. de Conzié, mas não espero poder ir à sua terra este ano. Lamento os prazeres de que isto me priva, mas é preciso ceder à necessidade.

As Cartas do Arcipreste estão, pelo que se diz, impressas; não sei porque elas não aparecem. É surpreendente que tenhais acreditado que eu lhe daria a honra de lhe responder. Sereis sempre enganado por estes rumores?

Meus respeitos à Senhora d'Ivernois. Recebei os respeitos da Senhorita Levasseur e as saudações daquele que vos ama.

J. J. Rousseau

1766

Em janeiro de 1766, Rousseau atravessou o Canal da Mancha e desembarcou na Inglaterra junto de seu mais novo protetor, o filósofo escocês David Hume. A terra que se orgulhava de sua liberdade de expressão e tolerância recebia-o de braços abertos, apesar das passagens do Emílio e do Contrato Social que criticavam os ingleses. Seus livros vendiam bem e a sociedade inglesa acompanhava pelos jornais a perseguição que ele vinha sofrendo. A fama de Rousseau na Inglaterra era igualmente grande; Hume exibiu-o para nobres ávidos em conhecê-lo, e novamente a procissão dos curiosos bateu à sua porta.

A estada em Londres rapidamente desagradou Rousseau. Mesmo quando estava no continente, ele já havia abandonado Paris e o grand monde. A vida frenética, barulhenta e populosa da cidade que mais rapidamente enriquecia no planeta estava bem longe de seu ideal de retiro. Ele queria preferencialmente um local calmo, no campo, em proximidade com a natureza e em que pudesse fugir das consequências de ser uma celebridade. Hume extenuou-se tentando encontrar um lugar capaz de agradá-lo. Após uma breve estadia em Chiswick, onde Rousseau esperou pela chegada de Thérèse Levasseur, apareceu finalmente uma boa solução. Richard Davenport, rico proprietário inglês e grande admirador do filósofo, alugou para ele (pois Jean-Jacques não aceitaria morar de favor) uma de suas propriedades - o Wootton Hall, em Staffordshire -, em março de 1766.

Depois que mudou-se para Wootton, Rousseau conheceu Bernard de Granville, seu “vizinho”, que morava em uma imponente mansão em Calwich a poucos quilômetros de distância. Ele foi provavelmente o melhor amigo de Rousseau na Inglaterra, não apenas porque era um dos poucos fluentes em francês da região, mas também pela paixão em comum pela música e pelas plantas. Rousseau passeava com admiração pelos jardins desse homem que dedicava bastante tempo e dinheiro ao paisagismo. As caminhadas entre Wootton e Calwich eram frequentes, bem como a troca de presentes entre os dois. Foi Granville que enfim apresentou-o a Margaret Cavendish Bentick, Duquesa de Portland, em julho. Apaixonada por botânica, a duquesa não apenas conhecia os principais botânicos da Inglaterra como possuía uma enorme coleção de história natural. Apesar do tratamento machista que o Emílio dispensa à competência

racional das mulheres, cabe observar que é como discípulo e aprendiz que Rousseau se endereçava à Duquesa, reconhecendo sua autoridade e competência no tema. Os dois herborizarão juntos diversas vezes e trocarão cartas sobre botânica durante os próximos dez anos.

A amizade e a admiração entre Rousseau e Hume, no entanto, durou apenas poucos meses. Lentamente a imaginação paranóica de Rousseau levou-o a identificar um número suficiente de indícios que apontavam para a participação de Hume no suposto complô que se armava contra ele.⁵⁴³ De início, em uma noite da viagem em que dormira no mesmo quarto de Hume, pensou ter ouvido ele dizer dormindo: “Je tien Jean-Jacques Rousseau”. Rousseau estremeceu, mas buscou uma explicação razoável. Depois, uma coincidência bizarra: o genebrino Louis-François Tronchin estava alojado na mesma hospedaria de Hume. O homem, que carregava o sobrenome da distinta família genebrina de inimigos de Rousseau, era filho de seu antigo médico, mas que depois tornara-se mais um desafeto. Rousseau não hesitou em especular sobre suas intenções. Ele estaria ali para espioná-lo? Para assassiná-lo? Depois, uma carta zombeteira, supostamente enviada pelo Rei da Prússia a Rousseau, mas na verdade iniciada por Horace Walpole e reescrita por várias mãos no continente, começara a circular em Paris e em Londres. Quem estaria por trás da brincadeira de mau gosto? Voltaire? D’Alembert? Teria Hume alguma participação na carta que o ridicularizava gratuitamente? A esta carta seguiu-se uma réplica de Rousseau publicada num jornal inglês, e depois várias outras tréplicas circularam, vindas de Voltaire, novamente de Walpole, e de remetentes anônimos. Mais indícios de que haveria um complô entre ilha e continente contra Jean-Jacques.

Depois, um esquema secreto, mas bem intencionado, entre Hume e Davenport, para poupar as despesas da mudança de Rousseau para Wootton, funcionou tragicamente como mais um ponto a ser unido à trama. Um coche a preço baixo, saindo de noite em direção a uma região erma, e justo no dia em que se fazia necessário? Rousseau desconfiou da coincidência e terminou sabendo que Davenport subsidiara o custo de sua partida. Mas, afinal, porque teriam escondido isso dele? Sentiu-se humilhado: Jean-Jacques não precisa de esmolas!

⁵⁴³ Cf. EDMONDS, D.; EIDINOW, J., *O cachorro de Rousseau*, para o relato detalhado da querela Rousseau-Hume.

E o que dizer das cartas que não lhe eram entregues, ou que pareciam chegar-lhe abertas, e que, no entanto, sempre passavam apenas pelas mãos de Hume? E o que dizer, também, da curiosidade de Hume por sua situação financeira, que o levou inclusive a inquirir Thérèse? Por fim, o problema da pensão. Hume havia conseguido uma pensão do rei Jorge III, a qual Rousseau inicialmente aceitara, mas sem grande convicção de que fazia o certo. Até então havia recusado todas as pensões reais que lhe foram oferecidas. Tomado pela paranóia com Hume, pediu um tempo para pensar melhor a respeito da pensão.

Uma vez instalado em Wootton, a correspondência com Hume quase cessou. Rousseau recusava-se a responder às cartas insistentes a respeito da pensão. Quando finalmente o fez, já estava seguro do complô e escreveu acusando-o de participar dele: por trás de toda a ajuda, Hume estaria trabalhando em segredo para desonrá-lo, unido aos outros homens de letras. A reação de Hume foi violenta e explodiu em uma série de missivas furiosas enviadas para todos os seus contatos importantes na ilha e no continente. Hume teve medo de como sua imagem iria figurar nas Confissões que Rousseau começara a rascunhar desde o ano anterior. Preparou, então, um dossiê contendo toda a troca epistolar para expor seu lado da querela e salvar sua reputação. Estava dividido entre publicar ou não publicar, com medo de que seu silêncio significasse um atestado de culpa, mas sabendo que o material tinha o potencial de prejudicar seriamente Rousseau. Terminou por publicar o dossiê completo em outubro. Rousseau, por sua vez, pouco mencionou Hume nas cartas subsequentes. Em carta a Malthus de 1767, lemos:

Tudo isso aconteceu entre ele e eu: ele achou por bem fazer a algazarra que sabeis; ele a fez sozinho, eu me calei; eu continuarei a me calar, e não tenho absolutamente nada a dizer do Sr. Hume, senão que o acho um pouco insultuoso para um homem bom, e um pouco barulhento para um filósofo.⁵⁴⁴

Ora, os inimigos de Rousseau certamente eram bem reais. Aqueles que antipatizavam com sua filosofia e com sua personalidade excêntrica eram numerosos, mas não estavam unidos em nenhum grande complô. Desprezavam Rousseau, frequentemente externalizavam seu desprezo, mas não agiam de forma

⁵⁴⁴ CG XVI, p. 195.

tática e coordenada visando prejudicá-lo. Em suma, muita fofoca maldosa, mas nenhuma trama diabólica. O leitor desta coletânea de cartas perceberá que, através da duquesa de Portland, Rousseau tentava conseguir notícias de seu amigo paternal, Milord Marechal, sem muito sucesso. Decepcionado pelo affair com Hume, e para não ter que escolher entre dois amigos queridos, ele optara pelo silêncio. Futuramente Rousseau perderá também a amizade com a Sra. de Boufflers que, após a publicação de suas Confissões vários anos depois, se dirá arrependida de tê-lo um dia admirado.

A reputação de Hume, como Adam Smith sabiamente havia previsto, não sofreu abalo significativo, e não teria sofrido mesmo que ele não tivesse publicado o dossiê: ele era David Hume, afinal, seu lugar na posteridade há muito estava garantido. Hume não era um conspirador, mas também não era de todo inocente: mentira a respeito da carta do rei da Prússia, a respeito do coche, denegrira a imagem de Rousseau para seus inimigos na primeira oportunidade, foi o único a interpretar que Rousseau recusou a pensão, quando ele na verdade pediu tempo para refletir sobre o assunto, confiscara uma carta ou outra, investigara a vida financeira de Rousseau secretamente buscando avidamente por provas de sua falha de caráter. É bem provável que a reação exagerada que apresentou tenha derivado de algum grau de sentimento de culpa, do incômodo gerado pelo descompasso entre sua conduta efetiva e a auto-imagem que tinha de si. Em todo caso, o destempero que a situação com Rousseau provocou neste homem sábio e moderado é sinal inequívoco de que “ainda que os homens são não possam sanar os insanos, os insanos podem ensandecer os sãos”⁵⁴⁵.

Ao Sr. Du Peyrou⁵⁴⁶

Wootton, 19 de julho de 1766

[332] Recebi, meu caro Anfitrião, em intervalos muito curtos, vossas duas Nº 27 e Nº 28. Fazeis bem em manter o endereço da última; não alterai até novo aviso. Mas, se podeis empregar um papel maior, e não fazer envelope, ficarei contente, porque o menor envelope custa mais do que a maior carta simples.

⁵⁴⁵ EDMONDS, D.; EIDINOW, J., *O cachorro de Rousseau*, p. 319.

⁵⁴⁶ CG, volume XV.

Tive um pressentimento de vossa gota e sentia inquietude enquanto sentíeis o mal. Estais agora, espero, livre, pelo menos por este ano. A previsão desses retornos anuais é terrível; contudo, se as dores agudas deixam raciocinar, seria algum consolo sentir, enquanto elas duram, que se compra a esse preço onze meses de repouso. Quanto a mim, se eu pudesse reunir em um ponto o que sofro no varejo, trocaria de bom grado, pois apenas os intervalos de repouso dão um preço à vida. Mas como não duvido absolutamente de que essa soma de dores seja menor do que a vossa, sinto que esta triste troca [333] não deve vos agradar. Contudo, em qualquer medida, sofrer muito parece-me ainda preferível a sofrer sempre. Ó meu Anfitrião, não renovemos nossas dores em sua pausa reconvocando sua cruel lembrança. Contentemo-nos com o esforço, como fazeis, de suavizar o rigor de seus ataques com todas as precauções que a razão pode sugerir. A do grande exercício me parece excelente; a gota deve sua origem à vida sedentária; é preciso ao menos impedir que sua causa a alimente. Pareceis igualar o exercício de pedestres, o equestre, e o movimento de carruagem; é aí que não concordo convosco. A carruagem dificilmente é um movimento e, pondo-se a cavalo sobre suas costas e seus pés, tem-se mais da metade do corpo em repouso. Ao caminhar, todas as articulações agem, e o movimento acelerado do sangue excita uma transpiração salutar. Não é possível que, enquanto se caminha, nenhuma secreção de humores se faça fora de lugar. Caminhai, então, viajai, herborizai; ide à Cressier⁵⁴⁷ a pé, voltaí do mesmo modo, mesmo que, ao passar, algum touro vos faça as honras do bosque.

Quanto à abstinência que desejais vos prescrever, também a aprovo, desde que ela não vá muito longe. Continuai sem cear; dormireis mais tranquilo e melhor. Não juntais a ceia com o jantar dobrando a dose, é ainda melhor. Mas não vades a partir daí viver como um anacoreta e pesar vossos alimentos como Sanctorius⁵⁴⁸. Muito exercício e muita abstinência não combinam; é um regime que a natureza não aprova, pois na proporção do exercício que se faz ela aumenta o apetite. É preciso ser sóbrio mesmo na sobriedade. Escolhei vossos pratos sem medi-los. Tende uma mesa frugal, mas suficiente: que nela tudo seja simples, mas

⁵⁴⁷ Comuna suíça, situada no cantão de Neuchâtel.

⁵⁴⁸ Santorio Santorio (1561-1636), médico italiano que realizou diversos experimentos sobre temperatura. Inventou um termômetro clínico e o primeiro instrumento que permitiu medir o pulso do paciente.

bom em sua espécie. Nada de temporão⁵⁴⁹, nada de rebuscado, nada de raro, mas tudo [334] bem escolhido no seu melhor momento. Era assim que eu vivia em meu pequeno lar, e que viveria ainda que tivesse uma renda de cem mil escudos. Lembro-me de ter comido em vossa casa pão feito de farinha aquecida e peixe que não estava fresco; eis o que é pernicioso. Sei que a Senhora comandante⁵⁵⁰ faz todo o possível; infelizmente não se é rico impunemente. Mas é sobretudo para aí que se deve dirigir a sua vigilância e a vossa; que nada seja refinado, mas que tudo seja saudável.

Mas há, meu caro Anfitrião, outro tipo de abstinência que acredito ser muito mais importante para vossa condição, e que sozinha, sem dúvida, poderia trazer vossa cura. O velho Dumoulin⁵⁵¹ repetia muitas vezes que jamais um homem continente teve gota, e dizia aos gotosos que bebiam leite: bebei vinho de champanhe e abandonai as meninas. Meu caro anfitrião, não estou nada satisfeito com o que me escrevestes sobre este assunto. O que considerais como o consolo de vossa existência é precisamente o que a torna um fardo para vós. Um sangue esgotado não leva ao cérebro senão espíritos lânguidos e mortos e não engendra senão ideias tristes. Deixai vosso sangue recuperar todo o seu bálsamo, em breve vereis também a natureza e os seres retomarem a vossos olhos um rosto sorridente, e sentireis com delícias o prazer de existir. A saúde do corpo, o vigor da alma, a vivacidade do espírito, a alegria do humor, tudo se liga a este grande ponto, e o único regime útil aos vaporosos é precisamente o único que eles não percebem jamais. Prego-vos um jejum cujo hábito contrário tornou muito difícil, bem o sei, mas nisso a gota deve ser melhor pregadora do que eu. Contudo, trata-se aqui menos de grandes esforços do que de uma certa sagacidade, deve-se pensar menos em vencer do que em evitar o combate. É preciso [335] saber distrair-se e manter-se muito ocupado, mas sobretudo agradavelmente; pois as ocupações desagradáveis precisam de distração, e eis precisamente onde o inimigo vos espera. Meu caro Anfitrião, tenho a maior necessidade de vós, daria metade da minha vida para vos ver feliz e saudável, e estou convencido de que isso ainda depende de vós. Tenho um grande empreendimento a vos propor. Experimentai

⁵⁴⁹ Frutas e legumes que nascem fora da época esperada.

⁵⁵⁰ Em francês, *Madame la Commandante*, refere-se à mãe de Du Peyrou.

⁵⁵¹ Jacques Molin (1666-1755), também conhecido por Du Moulin, foi médico de Luís XIV e de Luís XV. Também ensinou anatomia no Jardim do Rei.

um ano do meu penoso, mas útil, regime. Se em um ano a máquina não se reestabelece, se a alma não se reanima, se a gota retorna como antes, calo-me, retomai o vosso estilo de vida. Mas, por favor, pensai no que vosso amigo vos propõe; se podeis aspirar à felicidade e à saúde, objetos tão grandes não merecem sacrifícios? Para torná-los menos onerosos, daí-vos algum gosto que se torne enfim uma paixão, se isto é possível, e que preencha todos os vossos lazeres. Eu vos recomendei a botânica, e vos recomendo de novo, pelo duplo benefício da diversão e do exercício, e porque quando se herboriza nos rochedos durante o dia, não se fica chateado à noite em ir dormir sozinho. Vejo nela vantagens que outras ocupações dificilmente reuniriam tão bem. Todavia, segui vossos gostos, quaisquer que eles sejam, mas ocupai-vos realmente; sentireis o encanto que os conhecimentos adquirem gradualmente à medida que o cultivamos. Tal curioso analisa com mais prazer uma flor bonita do que uma menina bonita. Queira Deus, meu caríssimo Anfitrião, que logo este seja vosso caso.

Escreverei esta semana ao Milorde Marechal sobre o assunto do Sr. d'Escherny, a quem vos rogo que envieis meus cumprimentos e minhas desculpas por não lhe responder; é uma continuação da resolução que tomei de não escrever a mais ninguém, a não ser ao Milorde Marechal e a vós. Sinto o quanto importa ao repouso do resto de minha vida que eu seja totalmente esquecido pelo público. Ficaria, no entanto, muito aborrecido se meus amigos me esquecessem, mas isso é o que não devo temer daqueles que estão perto de vós, e algum dia eles ou seus filhos terão a prova de que eu também não os esqueço. Mas, quando se escreve, as [336] cartas se mostram, fala-se de um homem, e importa-me que as pessoas parem de falar de mim a ponto de eu ser reputado como morto, mesmo estando vivo. Não me reservei uma única correspondência para mim em Paris, em Genebra, em Lyon, nem mesmo em Yverdon; mas meu coração é sempre o mesmo e me vanglorio, meu caro anfitrião, de que em tudo o que está ao vosso alcance quereis suprir meu silêncio quando necessário. Estou muito aborrecido que o Sr. de Pury, a quem amo de todo o coração, tenha que reclamar de algumas falas da Srta. Levasseur, que provavelmente lhe chegaram distorcidas, mas ao mesmo tempo surpreende-me que um homem de tanto espírito digne-se a prestar atenção a essas tagarelices femininas. As mulheres são feitas para tagarelar e os homens para rir das tagarelices. Eu tomei tão bem meu partido a respeito de todos

estes ditos e reditos de fofoqueiras que eles são para mim como inexistentes. Não há senão esta maneira para se viver em repouso.

Agradeço pela cópia da carta do Sr. Hume que me enviastes. É mais ou menos o que imaginei. O tópico da pensão de 30£ esterlinas me fez rir. Podereis, ao menos disso me vanglorio, julgar por vós mesmo do que se trata; remeto a esta mesma época as explicações que concernem ao que aconteceu entre ele e eu. Vejo pelas vossas cartas e pelas do Sr. d'Escherny que ambos me julgam muito afetado pelas sátiras públicas e pelos disparates deste pobre Voltaire. Deixo os outros acreditarem no que lhes agrada. Mas como pode ser que ainda me conheçais tão mal, vós que sabeis que mando imprimir por minha conta os libelos que são feitos contra mim? Estejais bem convencido que desde muito tempo nada da parte dos meus inimigos ou do público pode me afetar por um único momento sequer. Os golpes que me consternam me são desferidos mais de perto, e eu seria digno deles se a eles não fosse sensível. Se o professor de Montmollin publicasse sátiras contra [337] vós, acredito que dificilmente vos atingiriam. Mas se soubésseis que J.J. Rousseau toma parte nelas permaneceríeis de sangue frio? Espero que não. Eis o meu caso. Por favor, meu bom anfitrião, não sejais mais tão rápido em julgar-me sem me ouvir. Algum dia convireis, asseguro-me, que sou, na Inglaterra, da mesma forma que fui quando estive perto de vós.

Eu estava bastante seguro de que os 300 luíses não tardariam a chegar. Aquele que os envia é um bom papai⁵⁵² que não esquece de seus filhos. Mas pelo relato que fazeis sobre esse assunto, parece-me que meu querido tutor, se o deixassem, precisaria ele mesmo de outro tutor. Falaremos sobre isso outra hora. Descontei com vossos banqueiros uma letra [de câmbio] de 730£ da França que, somada às 70 de vossa conta, fazem 800£ para o primeiro semestre. Ainda não recebi nenhuma notícia de meus livros. Mil saudações ternas a todos os nossos amigos e respeitos à boníssima mamãe.

Um abraço.

⁵⁵² Rousseau às vezes chamava Milorde Marechal de pai; este às vezes o chamava de filho.

À Senhora Duquesa de Portland⁵⁵³

Wootton, 3 de setembro de 1766

[43] Se eu nunca tivesse tido gosto pela botânica, as plantas que o Sr. Granville me enviou de vossa parte mo teriam dado, e para merecer os tesouros que tenho de vós gostaria de aprender a conhecê-los: Mas, Senhora Duquesa, para isso falta-me o mais essencial, e para mim não bastam vossas ervas; seria preciso, além delas, vossas instruções. E não estaria a meu alcance eventualmente tirar proveito delas? Se, começando muito tarde este estudo, eu não tivesse jamais a honra de saber, teria ao menos o prazer de aprender, e o de aprender convosco. Nele eu encontraria essa preciosa serenidade da alma, conferida pela contemplação das maravilhas que nos cercam, e, me tornasse ou não um melhor botânico, certamente me tornaria mais sábio e mais feliz. Eis, Senhora Duquesa, um bem que [44] a vosso exemplo gosto de buscar, e que não se busca jamais em vão. Quanto mais o espírito se esclarece e se instrui, mais o coração permanece tranquilo. O estudo da natureza nos desprende de nós mesmos e nos eleva ao seu Autor. É neste sentido que alguém se torna verdadeiramente filósofo; é assim que a história natural e a botânica têm uso para a sabedoria e para a virtude. Despistar nossas paixões através do gosto pelos belos conhecimentos é encadear os amores com elos de flores.

Dignai-vos, Senhora Duquesa, em receber com bondade meu profundo respeito.

J. J. Rousseau

**Ao Sr. Davenport,
Davenport⁵⁵⁴**

Wootton, 11 de setembro de 1766

[58] Após a partida, Senhor, de minha última carta, recebi finalmente uma do Sr. Becket. Ele me informa que as gravuras estão em uma das outras Caixas;

⁵⁵³ CG, volume XVI.

⁵⁵⁴ CG, volume XVI.

assim, não tenho mais nada a dizer: mas admitireis que não encontrando-nas na [59] caixa em que elas deveriam estar, e encontrando as pastas vazias, era natural que eu as acreditasse perdidas. Resta-me desculpar-me por vos haver causado neste assunto embaraços inadequados.

Felicito-vos, Senhor, pelo prazer que agora tendes de ver vossa amável família reunida ao vosso redor. No entanto, vós apreciáis este prazer um pouco às minhas custas, já que ele retarda vossa viagem: mas sei muito bem o quanto sois um bom pai para preferir nesta ocasião vosso prazer ao meu.

Se não estivésseis apressado para a plantação de vosso jardim, e quisésseis esperar até o próximo ano, me viriam talvez ideias que se recusam agora a um espírito demasiadamente cheio de coisas tristes. O refúgio em que estou, e a vida doce que levo aqui, devem me dar enfim idéias agradáveis, se nada de fora lhes vier perturbar. O que quer que vós digais⁵⁵⁵, eu preferiria e acreditaria fazer algo muito mais útil ao descobrir uma única nova planta do que pregar durante cem anos a todo o gênero humano.

Temos já há alguns dias um tempo horrível, do qual eu ficaria menos aflito se esperasse que ele não fosse se estender até Davenport. Saúdo de todo coração e com respeito os moradores e moradoras, e sobretudo o bom e amado mestre.

J. J. Rousseau

A Srta. Levasseur vos roga que tenhais a gentileza de aceitar seu respeito.

⁵⁵⁵ Em carta a Rousseau, datada de 8 de setembro de 1766, Davenport escreveu-lhe as seguintes palavras: “(...) espero que não empregueis todo o vosso tempo na busca de plantas pelos campos e bosques, mas que alguma porção dele seja dedicada a instruir e melhorar o gênero humano” (CG XVI, p. 57), ao que Rousseau responde, na carta que o leitor tem em mãos, que ele não pretende mais instruir o gênero humano. É a mesma imagem de si que Rousseau reivindica no texto *Meu Retrato*: a imagem do botânico observador, e não a do moralista. “Sou observador, e não moralista. Sou o botânico que descreve a planta. É ao médico que cabe regular seu uso” (OC I, *Mon Portrait*, p. 1120.; trad. bras., p. 74).

À Senhora Duquesa de Portland⁵⁵⁶

Wootton, 20 de Outubro de 1766

[101] Tendes razão, Senhora Duquesa, em começar a correspondência que me fazeis a honra de propor-me, por enviar-me livros que me coloquem em condição de sustentá-la, mas temo que seja perda de tempo: não retenho mais nada daquilo que leio; não tenho mais memória para os livros, resta-me memória apenas para as pessoas, para a bondade que se tem por mim, e espero assim aproveitar mais vossas cartas do que todos os livros do universo. Há um, Senhora, que sabeis ler tão bem, e do qual eu gostaria de aprender a soletrar algumas palavras seguindo vossas instruções. Feliz aquele que sabe tomar tanto gosto por essa interessante leitura para não ter necessidade de nenhuma outra, e que, desprezando as instruções dos homens, que são mentirosos, apega-se àquelas da natureza, que não mente nunca! Vós a estudais com tanto prazer quanto sucesso, vós a seguis em todos os seus reinos: nenhuma de suas produções vos é estrangeira; vós sabeis combinar os fósseis, os minerais, as conchas, cultivar as plantas, domesticar os pássaros; e o que vós não domesticaríeis? Conheço um animal um pouco selvagem que viveria com grande prazer em vosso zoológico, esperando a honra de ser admitido um dia como múmia em vosso gabinete.

Eu teria de bom grado os mesmos gostos se estivesse em condição de satisfazê-los; mas um solitário e um iniciante de minha idade deve estreitar bastante o universo, se quiser conhecê-lo, e eu, que me perco como um inseto entre as gramas de um prado, tomo o cuidado de não ir escalar as palmeiras da África nem os [102] cedros do Líbano. O tempo urge, e longe de aspirar a um dia saber a botânica, mal ousa esperar herborizar tão bem quanto os carneiros que pastam sob minha janela, e a saber como eles selecionar meu feno

Confesso, no entanto, como os homens quase nunca são consequentes, e como as tentações vêm pela facilidade de nelas sucumbir, que o jardim de meu excelente vizinho, Sr. de Granville, me deu o projeto ambicioso de conhecer suas riquezas: mas eis precisamente o que prova que, não sabendo nada, fui feito para nada aprender. Vejo as plantas, ele as nomeia para mim, eu as esqueço; vejo-as novamente, ele as nomeia novamente, eu as esqueço outra vez, e não resulta de

⁵⁵⁶ CG, volume XVI.

tudo isso senão a prova que fazemos sem cessar, eu, a de sua complacência, ele, a de minha incapacidade. Assim, do lado da botânica, pouca vantagem, mas uma vantagem muito grande, para a felicidade da vida, em cultivar a companhia de um vizinho benevolente, obsequioso, amável e, para dizer ainda mais, se é possível, a quem devo a honra de ser por vós conhecido.

Vedes então, Senhora Duquesa, que ignaro correspondente escolheste, e o que ele poderá oferecer de seu [conhecimento] contra vossas luzes. Estou em consciência obrigado a vos advertir da dimensão das minhas; depois disso, se vos dignais a vos contentar com elas, em boa hora: não tenho vontade de recusar um acordo tão vantajoso para mim. Eu vos darei relva para vossas plantas, devaneios para vossas observações; me instruirei, contudo, por vossa generosidade, e poderei um dia, se me tornar um melhor herborista, ornar com algumas flores a coroa que a botânica vos deve, pela honra que lhe concedeis em cultivá-la.

Eu trouxera da Suíça algumas plantas secas que apodreceram no caminho: é um herbário a recomçar e não tenho mais os mesmos recursos para isto. Todavia, destacarei do que me resta algumas amostras menos estragadas, as quais juntarei algumas desta região, em bem pequeno número, segundo a extensão de meu saber, e suplicarei ao Sr. Granville que as repasse a vós quando tiver [103] a oportunidade; mas é preciso primeiramente selecioná-las, retirar-lhes o mofo, e sobretudo reencontrar os nomes parcialmente perdidos, o que não é tarefa pequena para mim. E, a propósito dos nomes, como chegaremos, Senhora, a nos entender? Não conheço nada dos nomes em Inglês: os que conheço são todos do *Pinax* de Gaspard Bauhin⁵⁵⁷ ou do *Species plantarum* do Sr. Lineu, e não posso fazer a sinonímia com Gerard⁵⁵⁸, que é anterior a ambos, nem com o *Synopsis*⁵⁵⁹, que é anterior ao segundo e que cita raramente o primeiro; de sorte que meu *Species* se torna inútil para vos nomear a espécie de planta que nele conheço, e para remeter para aquela que podeis dar-me a conhecer. Se por acaso, Senhor Duquesa, tivésseis também o *Species plantarum* ou o *Pinax*, este ponto de encontro nos

⁵⁵⁷ Rousseau refere-se ao livro *Pinax theatri botanici*, de Gaspard Bauhin (1560-1624), publicado em 1623.

⁵⁵⁸ John Gerard (1545-1612), médico e botânico inglês. Publicou um importante tratado de botânica, contendo inúmeras gravuras, intitulado *The Herball or Generall Historie of Plantes* (1597).

⁵⁵⁹ Rousseau refere-se ao livro *Synopsis methodica stirpium britannicarum*, de John Ray.

seria muito cômodo para entendermo-nos, sem isso não sei minimamente como faremos.

Eu havia escrito ao Milorde Marechal dois dias antes de receber a carta com a qual me honrastes. Em breve escreverei para ele uma outra para cumprir com o que me pedistes, e para pedir-lhe os parabéns pelas vantagens que seu nome me possibilitou junto a vós. Renunciei a toda troca de cartas, exceto com ele e com um outro amigo. Sereis a terceira, Senhora Duquesa, e me fareis apreciar cada vez mais a botânica a qual devo esta honra. Passado isso, a porta fechou-se às correspondências. Me torno cada dia mais preguiçoso: custa-me muito escrever por conta de meus incômodos e, contente com tão boa escolha, limito-me a ela, seguro de que, se a estendesse mais, a mesma felicidade não me acompanharia.

Suplico-vos, Madame Duquesa, que aceiteis meu profundo respeito.

J. J. Rousseau

1767

A vida de Rousseau seguirá até o fim marcada pelo contraste entre os encantos proveniente da botânica e dos amigos de herborização, e os tormentos advindos de sua imaginação persecutória. A Inglaterra havia se tornado uma prisão de angústia e perturbação mental, mas, além disso, havia toda a dificuldade de adaptação imposta pela diferença de idioma tanto a ele quanto a Thérèse. Eles também tiveram bastante dificuldade na convivência com os funcionários da mansão de Davenport, o que resultou num mar de pequenas intrigas que o anfitrião, muitas vezes ausente, não pôde resolver. Aliás, Davenport encontrava-se afastado da residência quando Rousseau partiu, em primeiro de maio de 1767. O trato com seus funcionários foi a explicação que recebeu para a partida abrupta de Rousseau

Depois da Inglaterra, para onde ir, já que o decreto de prisão ainda estava em vigor? Entre as novas possibilidades estava o convite do “amigo dos homens”, Victor Riqueti de Mirabeau. O economista francês da escola da fisiocracia não apenas se ofereceu para abrigá-lo em sua propriedade como também tentou incorporá-lo ao time dos fisiocratas, enviando-o diversas vezes uma série de livros sobre o tema. Mas Rousseau não queria mais saber de leitura: “tomei um tal desgosto por toda leitura que foi preciso renunciar ao meu Plutarco”⁵⁶⁰. Em carta posterior, de 26 de julho de 1767, Rousseau frustrará novamente o Marquês. Em ruptura com o direito natural, diz não poder aceitar os pressupostos da fisiocracia, pois, de acordo com sua própria filosofia, não haveria leis naturais independentes das leis políticas. Afirma, assim, não enxergar a suposta evidência dessas leis naturais, de tal modo que, ainda que elas existissem, seriam inacessíveis. A seus olhos, o termo “despotismo legal” conteria duas palavras contraditórias. Termina a carta pedindo para que o Marquês não lhe envie mais livros: “prezai-me sempre, mas não me envieis mais livros, não exijais mais que os leia (...): não há mais tempo. Ninguém se converte sinceramente em minha idade”⁵⁶¹.

⁵⁶⁰ CG XVI, p. 246.

⁵⁶¹ CG, XVII, p. 159.

Após uma curta passagem por Amiens, e depois uma igualmente curta estadia junto de Mirabeau, em Fleury-sous-Meudon, o príncipe de Conti lhe ofereceu hospedagem no castelo de Trye, uma de suas propriedades. Conti quase não visitava o local, porém não escolheu-o ao acaso. A região ainda estava sob a jurisdição do parlamento de Paris, mas apenas a uma légua de distância da Normandia, onde Rousseau poderia refugiar-se rapidamente, caso necessário. Além disso, Conti também exigiu que o filósofo adotasse uma identidade falsa que pudesse preservar-lhe o anonimato. Rousseau escolheu o nome Jean-Joseph Renou, com o qual assinou algumas cartas. O sobrenome ele pegou emprestado da mãe de Thérèse, Marie Renoux, do qual retirou o x do final. Ele passará a apresentar Thérèse como sua irmã.

A instalação de Rousseau no castelo de aparência medieval ocorreu por volta de junho de 1767 e sua estada no local durou aproximadamente um ano. A primeira impressão foi favorável, como de costume, pois o verdor da paisagem circundante tinha tudo para agradá-lo. No entanto, os problemas começaram quase junto de sua chegada. Manoury, tenente de caça de Conti, é solícito, mas tem inveja de seus aposentos. O concierge Deschamps parece não gostar nada dele, fecha todos os acessos, tranca-o dentro do castelo, tranca-o do lado de fora. O jardineiro recusa-lhe legumes. Além disso, a aldeia ao redor agitou-se com sua presença e o vigário uniu-se a eles. Rousseau acreditou que o tratavam mal por desconfiarem que ele era um espião do príncipe de Conti. Quem seria afinal esse homem suspeito, que porta um nome que não é o seu? E porque ele passa os dias colhendo plantas, não seria ele um fabricante de drogas, um envenenador?

A imaginação inflamada de Rousseau via agora evidências do complô por todos os lados. Se tratam-no mal é porque possuem apoio de alguém, do contrário não o fariam. De onde vem este endosso? De quem é a mão que está por trás de tudo isso?

*Por toda parte o ódio, a malevolência e essa gente, é claro, não agia por conta própria, tinham apoio, estavam seguros da impunidade: “É impossível para mim, disse ele, imaginar qual mão dá o primeiro movimento a tudo isso, mas é certo que há uma”.*⁵⁶²

⁵⁶² TROUSSON, R., *Jean-Jacques Rousseau II: Le deuil éclatant du bonheur*, p. 357.

Aos poucos, Rousseau foi inserindo mais e mais conhecidos na trama persecutória: a sra. de Verdelin e a sra. de Boufflers, que insistiram para que ele fosse à Inglaterra, atirando-o diretamente nas garras de Hume; François Coindet, que chegou a Trye junto com ele, mas que todos sabem que é diabrete da primeira. Ele tinha receio de se afastar do castelo e ser preso; por vezes chegou a pensar que morreria, vítima de uma emboscada.

Restava ainda Du Peyrou, seu anfitrião, seu grande amigo. Rousseau pedia insistentemente que ele o visitasse em Trye. Du Peyrou estava em Paris desde setembro; porém, mesmo estando a apenas um dia de carruagem de distância de Rousseau, encontrava-se acamado, sofrendo uma dolorosa crise de gota. A impaciência de Rousseau com relação à chegada de Du Peyrou é notória nas duas cartas enviadas a ele ao final do ano, e que o leitor lerá nesta coletânea, tal como fica patente o valor que ele dava a essa amizade, que contava entre suas poucas: “não podeis imaginar a que ponto a brevidade do tempo que podeis conceder-me aflige-me; imploro-vos que ao menos tomeis todas as medidas possíveis para poder prolongá-lo tanto quanto depender de vós”⁵⁶³.

A visita ocorreu em novembro, mas foi marcada por um episódio triste e curioso. Du Peyrou caiu doente novamente. Rousseau o diz e o médico local confirma: é uma nova crise gota. Mas o doente insiste que está sofrendo do estômago. Rousseau cuida dele de todas as formas e também ministra um remédio de aparência esquisita. Ouve o amigo dizer, em delírio febril, “aceito com muita confiança”. Mas o tom utilizado não passa nenhuma confiança e levanta suspeita. De súbito, Rousseau compreendeu: seu amigo o acusa de envenená-lo! Abraçou-o, emocionado, chorando, tal como abraçara Hume outrora, perguntando como ele poderia ter pensado algo assim dele. Du Peyrou se esquivou da interação sentimental, e eis que a amizade nunca mais será a mesma. Pouco adiantará, uma vez recuperado, Du Peyrou atribuir sua suspeita ao estado de delírio febril em que se encontrava. Antes de Du Peyrou chegar, Rousseau dizia que o dia em que ele o abandonasse seria “o último que teria gostado de viver”⁵⁶⁴. Ele o verá partir, no começo de janeiro do ano seguinte, sem grande sofrimento.

⁵⁶³ CG XVII, p. 293.

⁵⁶⁴ CG XVII, p. 293.

O lado positivo da estadia em Trye foi a escrita do livro IV das Confissões, a publicação do Dicionário de Música e a descoberta de novas plantas. As caminhadas nas margens dos rios da região lhe valeram plantas e sementes raras, que enviou a Duquesa de Portland. No ano seguinte, Rousseau receberá a visita Joseph Dombay, médico e grande amante da botânica. Ele deixará para o filósofo um herbário enorme, com quase 2000 plantas, colhidas em suas viagens pelo mundo. Rousseau enriquecerá esse herbário com várias outras plantas, até finalmente vendê-lo a Malthus, em 1775.

Ao Sr. D. Malthus⁵⁶⁵

2 de Janeiro de 1767

[194] Quando aceitei vossa palavra, Senhor, sobre a liberdade que me concedíeis de não vos responder, estava bem longe de acreditar que este silêncio pudesse vos inquietar sobre o efeito de vossa carta anterior: não vi nela nada que não confirmasse os sentimentos de estima e de afeição que me inspirastes; e estes sentimentos são tão verdadeiros que, se algum dia eu tivesse de deixar esta província, gostaria que fosse para me aproximar de vós. Confesso-vos, porém, que estou tocado com os cuidados do Sr. Davenport, e tão contente com sua companhia que não me privaria sem arrependimento de uma hospitalidade tão doce; mas como ele se incomoda que eu reembolse uma parte das despesas que lhe custo, seria muita indiscrição permanecer sempre aqui em pé de igualdade, e não acreditaria que eu pudesse compensar os encantos que aqui encontro senão por aqueles que me esperariam perto de vós. Muitas vezes penso com prazer na fazenda solitária que vimos juntos e na vantagem de nela ser vosso vizinho; mas estas são mais aspirações vagas do que projetos de execução próxima. O que há de muito real é o verdadeiro prazer que tenho de corresponder em toda ocasião à benevolência com que me honrais, e de cultivá-la tanto quanto depender de mim.

Faz muito tempo, Senhor, que me aconselhei com a dama de quem falais; deveria tê-lo feito mais cedo; mas antes tarde do que nunca. O Sr. Hume era para mim [195] um conhecido de três meses, que não me foi conveniente manter: após

⁵⁶⁵ CG, volume XVI.

um primeiro movimento de indignação do qual não tive controle, me retirei pacificamente: ele quis uma ruptura formal, era preciso comprazer-lhe: ele quis em seguida uma explicação; consenti em dar. Tudo isso aconteceu entre ele e eu: ele achou por bem fazer a algazarra que sabeis; ele a fez sozinho, eu me calei; eu continuarei a me calar, e não tenho absolutamente nada a dizer do Sr. Hume, senão que o acho um pouco insultuoso para um homem bom, e um pouco barulhento para um filósofo.

Como vai a botânica? Ocupai-vos um pouco com ela? Vedes pessoas que dela se ocupam? Quanto a mim, estou louco por ela, me obstino, e não avanço nada: perdi totalmente a memória e, além disso, não tenho com o que exercitá-la; pois antes de reter é preciso aprender, e não podendo encontrar por mim mesmo os nomes das plantas, não tenho nenhum meio de conhecê-las: parece-me que todos os livros que se escreve sobre a botânica não são bons senão para aqueles que já a conhecem. Adquiri vosso *Stillingfleet*⁵⁶⁶, e não estou mais avançado. Tomei o partido de renunciar a toda leitura, e de vender meus livros e minhas estampas, para comprar imagens de plantas⁵⁶⁷: sem ter o prazer de aprender, teria o de estudar; e, para meu objetivo, dá no mesmo.

De resto, estou muito feliz por ter adquirido uma ocupação que demanda exercício; porque nada me faz tão mal quanto permanecer sentado, ou escrever, ou ler; e esta é uma das razões que me fazem renunciar a toda troca de cartas, afora os casos de necessidade. Escrever-vos-ei em breve; mas por favor, Senhor, de uma vez por todas, não tomeis jamais meu silêncio como sinal de frieza ou de esquecimento, e estejais convencido de que é para o meu coração um muito doce consolo ser amado por aqueles que são, eles mesmos, tão dignos quanto vós de serem amados: meus respeitos diligentes à Sra. Malthus, suplico-vos; recebeis aqueles da Sra. Lavasseur, e minhas mais cordiais saudações.

⁵⁶⁶ Benjamin Stillingfleet (1702-1771), botânico inglês.

⁵⁶⁷ Em francês, *plantes gravées*, expressão um pouco estranha, que dá a entender que as plantas teriam sido de algum modo gravadas no papel.

Ao Sr. Marquês de Mirabeau⁵⁶⁸

Wootton, 31 de Janeiro de 1767

[245] É digno do amigo dos homens consolar os aflitos. A carta, Senhor, que me fizestes a honra de me escrever, a circunstância em que ela foi escrita, o nobre sentimento que a ditou, a mão respeitável de onde ela vem, o infortúnio ao qual ela se endereça, tudo concorre para dar à ela em meu coração o preço que ela recebe do vosso: lendo-vos, amando-vos por consequência, frequentemente desejei ser conhecido e amado por vós. Eu não esperava que seria vós a dar o primeiro passo, e isto precisamente no momento em que eu estava universalmente abandonado; mas a generosidade não sabe fazer nada pela metade, e vossa carta a tem em plenitude. Quão belo seria que o amigo dos homens⁵⁶⁹ desse repouso ao amigo da igualdade! Vossa oferta penetrou em mim tão vivamente, acho seu objeto tão honorável a um e ao outro, que por um outro efeito, bem contrário, vós talvez me tornareis infeliz pelo medo de não aproveitá-la; pois, ainda que seja doce ser vosso hóspede, vejo pouca esperança de que aconteça; minha idade mais avançada que a vossa, o grande afastamento, minhas mazelas, que tornam as viagens muito penosas, o amor pelo repouso, pela solidão, o desejo de ser esquecido para morrer em paz, me fazem temer aproximar-me das grandes cidades onde minha vizinhança poderia despertar o tipo de atenção que constitui meu tormento. Além disso, não falo senão do que me manteria mais perto de vós, sem duvidar de minha segurança da parte do parlamento de Paris, do qual devo o respeito de não ir afrontar em sua jurisdição, como para lhe fazer confessar tacitamente sua injustiça; devo-o a vosso ministério, ao qual muitas marcas aflitivas me fazem sentir que tive a infelicidade de desagradar, e isto sem que [246] eu possa imaginar outra causa além de um mal entendido tanto mais cruel quanto sem ele aquilo que me atraiu desgraças deveria ter-me atraído favores. Dez palavras de explicação provariam isto; mas é uma das desgraças ligadas ao poder humano e àqueles que estão a ele submetidos que, uma vez que os grandes estão em erro, é impossível que voltem atrás. Assim, Senhor, para não me expor mais a novos tumultos, mantenho-me no único partido que pode garantir o repouso de

⁵⁶⁸ CG, volume XVI.

⁵⁶⁹ Referência ao livro de Mirabeau intitulado *O amigo dos homens, ou Tratado da população*.

meus últimos dias. Amo a França, sentirei sua falta por toda minha vida; se minha sorte dependesse de mim, iria lá terminar meus dias, e vós seríeis meu anfitrião, já que não gostais que eu tenha um patrão; mas, ao que tudo indica, meus votos e meu coração farão a viagem sozinhos e meus ossos permanecerão aqui.

Não tive, Senhor, para com vossos escritos, a indiferença do Sr. Hume, e poderia falar tão bem deles, que eles são, junto com dois tratados de botânica, os únicos livros que trouxe comigo em minha mala; mas, além de acreditar que vosso sublime amor-próprio esteja muito acima da pequena vaidade de autor para não desprezar estas formas de elogio, já estou muito longe destes tipos de matérias para poder falar delas com justeza e mesmo com prazer: tudo o que se liga por qualquer lado à literatura e a um trabalho para o qual certamente não fui feito tornou-se para mim tão perfeitamente insuportável, e sua recordação me lembra tantas ideias tristes, que, para não pensar mais nelas, tomei o partido de me desfazer de todos os meus livros, que me foram enviados sem propósito da Suíça: os vossos e os meus partiram com todo o resto. Tomei um tal desgosto por toda leitura que foi preciso renunciar ao meu Plutarco: mesmo a fadiga de pensar se torna cada vez mais penosa. Amo sonhar, mas livremente, deixando minha cabeça vagar e sem sujeitar-me a nenhum assunto; e, agora que vos escrevo, abandono a todo momento a pena para vos dizer ao caminhar mil coisas encantadoras, que desaparecem assim que volto ao papel. Esta vida ociosa e contemplativa que não aprovais, e da qual não me desculpo, [247] se torna cada dia mais deliciosa; vagar sozinho, sem finalidade e sem cessar, entre as árvores e os rochedos que rodeiam minha moradia, sonhar, ou antes extravarar como bem entender, e, como vos disse, pensar na morte da bezerra; quando meu miolo se aquece demasiadamente, acalmá-lo analisando algum musgo ou alguma samambaia; enfim entregar-me sem constrangimento às minhas fantasias, que, graças aos céus, estão todas sob meu poder: eis, Senhor, para mim, o gozo supremo, ao qual não imagino nada superior neste mundo para um homem em minha idade e em meu estado. Se eu fosse para uma de vossas terras, vós podeis contar que não tomaria o menor dos cuidados em favor do proprietário; eu vos veria roubar, pilhar, assaltar, sem jamais dizer uma palavra, nem a vós e nem a ninguém: todas as minhas desgraças me vêm deste ardente ódio pela injustiça, que jamais soube domar. Tenho dito: é tempo de ser sábio, ou ao menos tranquilo; estou cansado de guerras e de

querelas; estou bem certo de não tê-las jamais com os homens de corte⁵⁷⁰, e não quero mais tê-las com os malandros, pois estes são muito perigosos. Vedes então, Senhor, que homem útil colocaríeis em vossa casa. Deus me livre de querer aviltar vossa oferta com esta objeção! mas trata-se de uma de vossas máximas, e é preciso ser consequente.

Ao censurar essa indiferença, me repetireis que não serve para nada ser bom apenas para si: mas pode-se verdadeiramente ser bom para si, sem ser, de alguma forma, bom para os outros? Aliás, considerai que não cabe a todo amigo dos homens ser efetivamente, como vós, seu benfeitor. Considerai que não tenho nem condição e nem fortuna, que envelheço, que estou enfermo, abandonado, perseguido, detestado, e que, ao querer fazer o bem, faria o mal, sobretudo a mim mesmo. Recebi minha dispensa, bem notificada pela natureza e pelos homens: aceitei-a e pretendo aproveitá-la. Não delibero mais se é fazer bem ou mal, porque trata-se de uma resolução tomada, e nada me fará abandoná-la. Possa o público me esquecer [248] tal como o esqueço! Se não quer me esquecer, pouco me importa que me admire ou que me dilacere; tudo isso me é indiferente; esforço-me para nada saber, e quando descubro quase não me importo. Se o exemplo de uma vida inocente e simples é útil aos homens, posso fazer-lhes ainda este bem; mas é o único, e estou bem determinado a não viver mais senão para mim e para meus amigos, em bem pouco número, mas testados, e que me bastam: poderia ainda ter passado sem eles, ainda que eu tenha um coração amoroso e terno, para o qual os apegos são verdadeiras necessidades; mas estas necessidades frequentemente me custaram tanto que aprendi a bastar-me a mim mesmo, e conservei a alma suficientemente saudável para poder fazê-lo. Jamais sentimento odioso, invejoso, vingativo se aproximou de meu coração. A recordação de meus amigos confere ao meu devaneio um encanto que a recordação de meus inimigos não perturba absolutamente. Estou inteiramente onde estou, e não onde estão aqueles que me perseguem. Seu ódio, quando não produz efeito, não perturba senão a eles, e eu deixo que esta seja a única vingança. Não sou perfeitamente feliz, pois não há

⁵⁷⁰ Em francês, *honnête gens*, próxima da expressão *honnête homme*, da qual acredito que seja o plural. Thomaz Kawauche sugere a tradução desta última por “homem de corte” ou “cortesão”, pois a expressão designa uma pessoa polida, de sociabilidade fluida e agradável, “que, mesmo sem ser nobre de origem, sabe se conduzir adequadamente nos ambientes de corte por ter sido educada de acordo com as regras de etiqueta” (KAWAUCHE, T., *Educação e filosofia no Emílio de Rousseau*, p. 250). Acredito ainda que a expressão era às vezes usada com sentido irônico.

nada de perfeito aqui embaixo, sobretudo a felicidade; mas estou tão perto disso quanto é possível neste exílio. Poucas coisas mais preencheriam meus votos; menos doenças corporais, um clima mais ameno, um céu mais puro, um ar mais sereno, sobretudo corações mais abertos, onde, quando o meu se expandisse, sentisse fazê-lo num outro. Tenho esta felicidade neste momento, e vedes que aproveito: mas não a tenho de todo impunemente; vossa carta deixar-me-á recordações que não se apagarão, e que me tornarão por vezes menos tranquilo. Não gosto das regiões áridas, e a Provença me atrai pouco; mas esta terra em Angoumois,⁵⁷¹ que ainda não está rendendo, e onde às vezes pode-se encontrar alguma natureza, me trará frequentemente remorsos, e nem todos serão por causa dela. Adeus, Senhor Marquês. Odeio regras de etiqueta e vos rogo que delas me dispenseis. Saúdo-vos muito humildemente e de todo coração.

J. J. Rousseau

Ao Sr. Louis Dutens^{572 573}

Wootton, 5 de fevereiro de 1767

[246] Estava, Senhor, verdadeiramente incomodado de não poder, por não saber vosso endereço, dar-vos os agradecimentos que vos devia. Devo-os novamente por me haver livrado deste [265] incômodo, e sobretudo pelo livro de vossa autoria que me destes a honra de enviar-me.⁵⁷⁴ Desagrada-me não poder falar dele com conhecimento; mas, tendo renunciado por toda a vida a todos os livros, não ousou abrir uma exceção para o vosso: pois, além de jamais ter sido suficientemente instruído para julgar tal assunto, temeria que o prazer de vos ler me devolvesse o gosto pela literatura, que é importante para mim não deixar jamais reanimar. Apenas não pude me impedir de percorrer o artigo sobre botânica, a qual me dediquei por diversão; e se vosso sentimento estiver tão bem

⁵⁷¹ Antiga província francesa.

⁵⁷² Louis Dutens (1730-1812) foi um escritor francês que viveu grande parte da sua vida na Grã-Bretanha.

⁵⁷³ CG, volume XVI.

⁵⁷⁴ Trata-se da obra de Dutens, intitulada *Recherches sur l'origine des découvertes attribuées aux modernes*, publicado em Paris, em 1766.

estabelecido sobre o resto, tereis forçado os modernos a prestar a homenagem que devem aos antigos. Abstevestes-vos muito sabiamente de vos basear nos versos de Claudiano⁵⁷⁵; a autoridade teria sido ainda mais fraca, pois das três árvores que ele nomeia após a palmeira não há senão uma que carrega os dois sexos em diferentes indivíduos. De resto, não concordaria muito convosco que Tournefort seja o maior botânico do século: ele tem a glória de haver sido o primeiro a fazer da botânica um estudo verdadeiramente metódico; mas este estudo, mesmo depois dele, não era senão um estudo de boticário. Estava reservado ao ilustre Lineu fazer dela uma ciência filosófica. Sei com que desprezo as pessoas na França tratam esse grande naturalista; mas o resto da Europa o compensa e a posteridade o vingará. O que digo é seguramente sem parcialidade, e unicamente por amor à verdade e à justiça; pois não conheço nem o Sr. Lineu, nem nenhum de seus discípulos, nem nenhum de seus amigos.

[266] Não escrevo nada ao sr. Laliaud, porque me proibi toda correspondência, salvo em caso de necessidade; mas sinto-me profundamente tocado, tanto por seu zelo, quanto pelo zelo do estimado anônimo cujos escritos ele me enviou, e que, tomando minha defesa tão generosamente, sem me conhecer, restitui-me aquele zelo puro com o qual muitas vezes lutei pela justiça e pela verdade, ou pelo que me parecia sê-lo, sem parcialidade, sem medo, e contra meu próprio interesse. Contudo, desejo sinceramente que se deixe uivar o quanto queira este bando de lobos raivosos, sem respondê-los. Tudo isso não serve senão para manter viva a memória do público e, doravante, meu repouso depende de ser totalmente esquecido. Vossa estima, Senhor, e aquela dos homens de mérito que parecem convosco, me bastam. Para agradar aos ímpios seria necessário assemelhar-se a eles, não comprarei por esse preço sua benevolência.

Aceitai, Senhor, suplico-vos, meus cumprimentos e meu respeito.

Podeis, Senhor, confiar ao Sr. Davenport, ou expedir-me pelo correio para o seu endereço, o que puderdes vos dar ao trabalho de enviar-me; as duas vias estão à vossa escolha e parecem-me seguras. Quando o Sr. Davenport não está em Londres, há apenas o correio para as cartas e a *waggon de Ashbourn* para as grandes encomendas. Escrevem-me sobre uma coleta que está sendo feita em

⁵⁷⁵ Cláudio Claudiano, escritor romano dos séculos IV. e V d.C.

Londres para o desafortunado povo de Genebra; se sabeis quem está encarregado do dinheiro dessa coleta, tende a gentileza de informar ao Sr. Davenport.

J. J. Rousseau

À Senhora Duquesa de Portland ⁵⁷⁶

Wootton, 12 de Fevereiro de 1767

[291] Eu não teria, Senhora Duquesa, esperado um só instante, se tivesse podido, para acalmar vossas inquietudes acerca da saúde do Milorde Marechal, mas eu temi, ao vos escrever, apenas aumentar essas inquietudes, que se tornaram para mim alarmantes. A única coisa que me tranquilizou foi que recebi dele uma carta de 22 de novembro, e presumi que aquilo que diziam os jornais não poderia ser mais recente do que isso. Raciocinei a respeito com o Sr. Granville, que deveria partir em poucos dias, e que se comprometeu em vos relatar o que havíamos pensado, enquanto eu esperava poder, Senhora, vos dar notícias mais positivas. Nesta carta de 22 de novembro, Milorde Marechal me dizia que se sentia envelhecer e enfraquecer, que não escrevia mais senão com dificuldade, que havia cessado de escrever aos seus parentes e amigos, e que doravante me escreveria bem raramente. Essa resolução, que foi talvez o efeito de sua doença, faz com que seu silêncio durante este tempo me surpreenda menos, mas me entristece extremamente. Esperava alguma resposta às cartas que lhe enviei, demandei-a insistentemente, e esperava compartilhá-la convosco assim que possível: nenhuma chegou [292]. Escrevi também ao seu banqueiro em Londres, que igualmente nada sabia, mas que, coletando informações, me disse que na verdade Milorde Marechal tinha estado bastante doente, mas que estava muito melhor. Eis tudo que sei, Senhora Duquesa. Provavelmente sabeis mais que eu, e, isto suposto, ousaria suplicar-vos que tenhais a gentileza de mandar que me escrevam uma palavra para me tirar da perturbação em que me encontro. A menos que amigos caridosos me instruam sobre aquilo que me importa saber, não estou em condições de poder descobrir por mim mesmo.

⁵⁷⁶ CG, volume XVI.

Quase não ousa mais vos falar de plantas, depois que, tendo vos anunciado exacerbadamente as ninharias que eu tinha trazido da Suíça, não pude ainda vos enviar nada. É preciso, Senhora, confessar-vos toda minha miséria: além de esses fragmentos não valerem o esforço de vos serem ofertados, fui retardado pela dificuldade em encontrar os nomes, que faltavam à maior parte delas, e essa dificuldade não superada fez-me sentir como se tivesse assumido um empreendimento [grandioso] para a minha idade ao querer me obstinar a conhecer as plantas sozinho. É preciso, na botânica, começar sendo guiado; é preciso ao menos aprender empiricamente os nomes de um certo número de plantas antes de querer estudá-las metodicamente: é preciso primeiramente ser herborista, e então tornar-se botânico depois, se possível. Quis fazer o contrário e encontrei-me numa situação difícil. Os livros de botânica modernos não instruem senão os botânicos; são inúteis aos ignorantes. Falta-nos um livro verdadeiramente elementar, com o qual um homem que não tivesse jamais visto plantas pudesse chegar a estudá-las sozinho. Eis o livro de que eu precisaria, na ausência de instruções verbais, pois onde elas podem ser encontradas? Ao redor de minha moradia não há outro herborista senão os carneiros. Uma dificuldade ainda maior é que tenho olhos muito ruins para analisar as plantas pelas partes da frutificação. Queria estudar os musgos e as gramíneas que estão ao meu alcance: [293] fico caolho e não vejo nada. Parece, Senhora Duquesa, que adivinhastes exatamente minhas necessidades ao enviar-me os dois livros que me são mais úteis. O *Synopsis* contém descrições ao meu alcance e que estou em condição de seguir sem forçar os olhos, e o Petiver⁵⁷⁷ me ajuda muito por suas figuras, que emprestam à minha imaginação tanto quanto um objeto sem cor pode emprestar. É ainda um grande defeito dos botânicos modernos terem negligenciado isso inteiramente. Quando via no meu Lineu a classe e a ordem de uma planta que me era desconhecida, queria figurar esta planta para mim, saber se ela é grande ou pequena, se a flor é azul ou vermelha, representar-me seu porte. Nada. Leio uma descrição característica da qual após lê-la não consigo representar-me nada. Isto não é desolador?

Contudo, Senhora Duquesa, sou suficientemente louco para obstinar-me, ou, antes, suficientemente sábio. Pois este gosto é para mim um caso de razão. Às

⁵⁷⁷ James Petiver (1658-1718), botânico inglês que produziu uma edição anotada do *Synopsis* de Ray.

vezes necessito da arte para conservar-me nesta calma preciosa em meio às agitações que perturbam minha vida, para manter longe estas paixões odiosas que vós não conheceis, que não conheci senão nos outros, e que não quero deixar que se aproximem de mim. Não quero, se possível, que tristes recordações venham perturbar a paz de minha solidão. Quero esquecer os homens e suas injustiças. Quero enternecer-me a cada dia com as maravilhas daquele que os fez para serem bons, e cuja obra eles tão indignamente degradaram. Os vegetais em nossos bosques e em nossas montanhas estão ainda tais como saíram originariamente de suas mãos, e é lá que amo estudar a natureza, pois confesso-vos que não sinto o mesmo encanto ao herborizar em um jardim. Acho que neles a natureza não é mais a mesma: ela tem mais brilho, mas não é tão tocante. Os homens dizem que eles a embelezam, e eu acho que eles a desfiguram. Perdão, Senhora Duquesa; ao falar dos jardins talvez eu tenha difamado um pouco o vosso, mas, se estivesse ao meu alcance, far-lhe-ia uma reparação. Pudessem eu seguir-vos por lá e fazer apenas cinco ou seis herborizações [294] sob o comando do Sr. doutor Solander⁵⁷⁸! Parece-me que o pequeno conteúdo de conhecimento que me esforçaria por trazer de vossas instruções e das dele seriam suficientes para reanimar minha coragem, frequentemente prestes a sucumbir sob o peso de minha ignorância. Prometi-vos tagarelices e devaneios: até me excedi. Estas são as herborizações de inverno; quando não há mais nada sobre a terra, herborizo em minha cabeça, e infelizmente não encontro nela senão ervas ruins. Tudo o que tenho de bom refugiou-se em meu coração, Senhora Duquesa, e ele está cheio dos sentimentos que vos são devidos.

J. J. Rousseau

Meus farrapos de plantas estão prontos ou quase prontos, mas, por falta de saber as ocasiões para enviá-los, aguardarei o retorno do Sr. Granville para rogá-lo que os faça chegar a vós.

⁵⁷⁸ Daniel Carl Solander (1733-1782), botânico sueco, aluno de Lineu e grande propagador do sistema lineano na Inglaterra.

À Senhora Duquesa de Portland ⁵⁷⁹

Wootton, 28 de Fevereiro de 1767

[330] Senhora Duquesa,

Perdoai minha importunação: estou muito tocado com a bondade que tivestes de aliviar meu sofrimento acerca da saúde do Milorde Marechal para adiar o agradecimento. Sou pouco sensível a mil bons officios, onde aqueles que querem prestá-los a mim a todo custo consultam mais seu gosto do que o meu. Mas cuidados como os que tomastes nesta ocasião me afetam verdadeiramente e encontrar-me-ão sempre cheio de reconhecimento. É também, Senhora Duquesa, um sentimento que doravante será reunido a todos aqueles que me inspirastes.

Para dizer agora uma pequena palavra sobre botânica, aqui está a amostra de uma planta que encontrei presa a um rochedo, e que talvez vos seja muito conhecida, mas que para mim é totalmente desconhecida. Por sua forma e por sua frutificação, ela parece pertencer aos fetos, mas, por sua substância e por sua estatura, ela parece ser da família dos musgos. Tenho olhos muitíssimo ruins, um péssimo microscópio, e muito pouco saber para decidir sobre isto. É preciso, Senhora Duquesa, que aceiteis as homenagens de minha ignorância e de minha boa vontade, é tudo que posso colocar de minha parte em nossa correspondência, após o tributo de meu profundo respeito.

J. J. Rousseau

À Senhora Duquesa de Portland ⁵⁸⁰

Wootton, 29 de Abril de 1767

[39] Recebo, Senhora Duquesa, com um novo agradecimento, os novos testemunhos de vossa lembrança e de vossas **[40]** generosidades no livro que me enviastes através do Sr. Granville, e nas instruções que me destes sobre a plantinha que me era desconhecida. Encontrastes um ótimo meio de reanimar

⁵⁷⁹ CG, volume XVI.

⁵⁸⁰ CG, volume XVII.

minha memória desbotada, e estou bastante seguro de não esquecer jamais o que terei a felicidade de aprender convosco. Este pequeno *Adiantum* não é raro sobre nossos rochedos, e eu o vi vários pés acima das raízes das árvores, de modo que será fácil destacá-lo para transplantá-lo sobre vossos muros.

Tereis a ocasião, Senhora, de retificar muitos erros do pequeno miserável fragmento de plantas que o Sr. Granville tem a gentileza de se encarregar de vos entregar. Arrisquei dar nomes do *Species* de Lineu àquelas que não tinham nenhum, mas não tive esta confiança senão por contar que marcaríeis cada erro e que teríeis o trabalho de me advertir. Com esta expectativa, até mesmo acrescentei uma plantinha que me vem de vós, Senhora Duquesa, através do Sr. Granville, e que, não podendo encontrar o nome por mim mesmo, tomei o partido de deixá-lo em branco. Esta planta me parecia aproximar-se da *Ornithogale* (Star of Bethlehem)⁵⁸¹ mais do que qualquer outra que conheço, mas, sua flor estando fechada e sua raiz não sendo bulbosa, não posso imaginar o que é. Não vos envio esta planta senão para vos suplicar que tenhais a gentileza de nomeá-la a mim.

De todas as graças que me concedestes, Senhora Duquesa, aquela a que sou mais sensível, e da qual estou mais tentado a abusar, é a de ter tido a gentileza de, por diversas vezes, ter me dado notícias sobre a saúde do Milorde Marechal. Não poderia eu, mais uma vez, por meio de vossa obsequiosa mediação, descobrir se minhas cartas o alcançam? Despachei, dia 16 deste mês, a quarta que a ele escrevi após sua última. Não peço absolutamente que ele as responda, desejaria somente saber se ele as recebeu. Tomo todas as [41] precauções que estão em meu poder para que elas o alcancem, mas as precauções que estão em meu poder a este respeito, como em muitos outros, são bem pouca coisa na situação em que me encontro.

Suplico-vos, Senhora Duquesa, que aceiteis com bondade meu profundo respeito.

J. J. Rousseau

⁵⁸¹ *Ornithogalum umbellatum* L.

À Senhora Duquesa de Portland ⁵⁸²

Este 10 de Julho de 1767

[129] Permiti, Senhora Duquesa, que, mesmo habitando fora da Inglaterra, eu tome a liberdade de trazer-me a vossa lembrança. A recordação de vossas generosidades seguiu-me em minhas viagens e contribui para embelezar meu retiro. Levei os últimos livros que me enviastes, e me divirto ao fazer a comparação das plantas deste cantão com aquelas de vossa Ilha. Se eu ousasse gabar-me, Senhora Duquesa, de que minhas observações pudessem ter para vós o menor interesse, o [130] desejo de vos agradar as tornariam mais importantes para mim, e a ambição de vos pertencer faz-me aspirar ao título de vosso herborista, como se eu tivesse os conhecimentos que me tornariam digno de portá-lo. Concedei-me, Senhora, suplico-vos, a permissão de juntar este título ao novo nome que substituo aquele sob o qual vivi com tanta infelicidade. Devo cessar de ser sob vossos auspícios, e o herborista da Senhora Duquesa de Portland se consolará sem esforço da morte de J. J. Rousseau. De resto, esforçar-me-ei bastante para que este não seja um título puramente honorário: gostaria que ele me trouxesse também a honra de vossas ordens, e o merecerei ao menos pelo zelo de as cumprir.

Não assinarei aqui meu novo nome e não informo o lugar de meu retiro, não tendo podido ainda pedir a permissão que necessito obter para isto. Se for de vosso agrado, enquanto esperais, honrar-me com uma resposta, podeis, Senhora Duquesa, endereçá-la sob meu antigo nome aos *Srs. Rougemont e Lieutaut, Green Lettice Lane, Cannon Street*, que a entregarão a mim. Termino por cumprir um dever que me é muito precioso, suplicando-vos, Senhora Duquesa, que aceiteis minha humilde gratidão e as garantias de meu profundo respeito.

⁵⁸² CG, volume XVII.

À Sra Duquesa de Portland ⁵⁸³

12 de Setembro de 1767

[261] Estou ainda mais tocado, Senhora Duquesa, com os novos testemunhos de generosidade com os quais tivestes a gentileza de honrar-me, já que tinha algum receio de que a distância vos fizesse esquecer de mim. Esforçar-me-ei por sempre merecer, por meus [262] sentimentos, as mesmas graças, e por minha assiduidade em trazer-me à vossa memória, as mesmas lembranças. Estou regozijando com a permissão que tivestes a gentileza conceder-me, e muito orgulhoso com a honra de vos pertencer de alguma forma. Para começar, Senhora, a preencher as funções que a mim tornais preciosas, envio-vos em anexo duas pequenas amostras de plantas que encontrei em minha vizinhança, entre o urzal que margeia um parque, em um terreno bastante úmido onde também crescem a camomila, o *sagina procumbens*, o *hieracium umbellatum* de Lineu, e outras plantas que não posso nomear exatamente, não tendo ainda aqui meus livros de botânica, exceto o *Flora Britannica*⁵⁸⁴, que não me abandonou um só momento.

Destas duas plantas, uma, a nº 2, parecia-me ser uma pequena genciana, chamada, no *Synopsis*, *Centaurium palustre luteum minimum nostras*. Flor. Brit. 131.

A outra, a nº 1, eu não saberia dizer qual é, a menos que ela seja talvez uma *Elatine* de Lineu⁵⁸⁵, chamada, por Vaillant⁵⁸⁶, *Alsinastrum Serpyllifolium*, etc. A frase a descreve suficientemente bem, mas a *Elatine* deve ter oito estames, e nunca pude descobrir mais do que quatro. A flor é muito pequena, e meus olhos, já naturalmente fracos, choraram tanto que os perco com o tempo: assim, não me fio mais neles. Dizei-me, por gentileza, qual é ela, Senhora Duquesa: sou eu que deveria, em virtude de meu emprego, vos instruir, e sois vós que me instruíis. Não vos recuseis em continuar, suplico-vos, e permiti-me que vos recorde a planta com

⁵⁸³ CG, volume XVII.

⁵⁸⁴ *Flora britanica*, de John Hill, publicado em 1760.

⁵⁸⁵ *Elatine hydropiper* L.

⁵⁸⁶ Sébastien Vaillant (1669-1722), médico e botânico francês, foi aluno de Tournefort e secretário de Guy-Crescent Fagon, médico e botânico no Jardim do Rei.

flor amarela que enviastes ano passado ao Sr. Granville, e da qual vos reenviei um exemplar para aprender o nome.

E a propósito do Sr. Granville, meu bom vizinho, permiti-me, Senhora, testemunhar sobre a inquietude que seu silêncio me causa. Escrevi para ele, e ele não me respondeu, ele que é tão pontual. Estaria doente? Estou verdadeiramente em aflição.

[263] Mas estou ainda mais com o Milorde Marechal, meu amigo, meu protetor, meu pai, que me esqueceu totalmente. Não, senhora, não pode ser. O que quer que se tenha feito, posso estar em seu desagrado, mas tenho certeza de que ele ainda me ama. O que me aflige em minha posição é que ela me retira os meios de lhe escrever. Espero, no entanto, ter a ocasião em breve, e não preciso vos dizer com qual ardor entregar-me-ei a ela. Até lá, imploro a vossa bondade para ter notícias dele e, se ousar acrescentar, para lhe mandar dizer uma palavra sobre mim.

Tenho a honra de estar com um profundo respeito, Senhora Duquesa,

Vosso muito humilde e muito obediente
criado Herborista.

Tinha dito ao jardineiro do Sr. Davenport que eu lhe mostraria os rochedos onde crescia o pequeno *Adiantum*, para que pudésseis, Senhora, levar algumas plantas. Não me perdoo por ter esquecido. Estes rochedos estão ao sul da casa e estão voltados para o norte. É muito fácil destacar as plantas, porque existem as que crescem sobre as raízes das árvores.

A longa demora, Senhora, no envio desta carta, causada pelas dificuldades ligadas à minha situação, permite-me retificar, antes dela partir, minha gafe com relação à planta nº 1 anexada. Pois, tendo neste intervalo recebido meus livros de botânica, descobri, com a ajuda das figuras, que Michelius tinha feito um gênero desta planta sob o nome de *Linocarpon*, e que Lineu a havia colocado entre as espécies do linho. Ela está também no *Synopsis* sob o nome de *Radiola*, e eu teria achado a figura no *Flora Britannica*, que eu tinha comigo; mas precisamente a prancha 15, onde esta figura está, encontra-se omitida do meu exemplar, e não está senão no *Synopsis*, que eu não tinha. Este longo palavrório tem por objetivo, Senhora Duquesa, explicar-vos que minha gafe é devida [264], na verdade, à

minha ignorância, mas não à minha negligência. Não a colocarei jamais na correspondência que me permitis ter convosco, nem em meus esforços por merecer um título que me honra; mas, enquanto os incômodos de minha posição presente durarem, a exatidão de minhas cartas sofrerá, e tomo o partido de encerrar esta sem estar seguro ainda do dia em que poderei enviá-la.

Ao Sr. Du Peyrou ⁵⁸⁷

Esta segunda-feira, 5 de outubro de 1767

[293] Escrevo-vos, meu caro anfitrião, uma palavra às pressas, para vos perguntar se, antes de vir aqui, não poderíeis ir ver Robert, sem informá-lo da vossa visita, para que possamos ter notícias seguras. De resto, não há pressa, nem para ele nem para mim: dai-vos todo o tempo para recuperar vossas forças e para acostumar-vos com o ar. Não podeis imaginar a que ponto a brevidade do tempo que podeis conceder-me aflige-me; imploro-vos que ao menos tomeis todas as medidas possíveis para poder prolongá-lo tanto quanto depender de vós. Meu caro anfitrião, fui talvez chamado à infelicidade de envelhecer, mas tudo me indica que o dia em que me abandonareis será o último em que eu teria gostado de viver.

[294] Envio-vos uma lista dos livros de botânica que queria adquirir com calma; como ela é considerável, e como os livros são caros, gostaria apenas de adquirir, se fosse possível, um ou dois, dos quatro ou cinco primeiros. Se, em alguma de vossas compras, pudésseis, com a ajuda de Panckoucke⁵⁸⁸, arranjar sobretudo o primeiro, me dariéis um grande prazer. Quase não existem livros de botânica nos livreiros de Paris, onde as pessoas são muito bárbaras com relação a este assunto; contudo creio que Didot, o jovem, ou Chevalier, têm alguns. Sem querer fazer as contas de forma rigorosa convosco, o que me seria impossível, suplico-vos, no entanto, que anoteis com precisão vossas despesas comigo, a fim de dar-me a liberdade de fazer-vos encomendas. Um abraço.

⁵⁸⁷ CG, volume XVII.

⁵⁸⁸ Charles-Joseph Panckoucke (1736-1798), livreiro parisiense, responsável por edições importantes, entre elas a do *Mercure de France*.

Ao Sr. Du Peyrou ⁵⁸⁹

17 de outubro de 1767

[305] Tenho, meu caro anfitrião, vossa carta do dia 13, e nela vejo, com a maior alegria, que vossas forças, voltando aos poucos e mais solidamente, colocam-vos em condição de bancar o garotão em Paris; mas eu realmente gostaria que não bancásseis muito o homem por aí, e que viésseis aqui fortalecer vossa virilidade, por medo de ser tentado a exercê-la onde estais. Parece-me que estais abusando um pouco da permissão que vos dei de prolongar vossa estadia. Escutai; eu calculei essa permissão a partir das necessidades de vossa saúde, mas não nas de vossos prazeres, e não me sinto suficientemente desinteressado neste ponto para permitir que vós vos divirtais às minhas custas. Não venhais, depois de vos ter esbaldado em Paris, dizer-me que estais com pressa de sair, que os vossos afazeres vos importunam, etc.: advirto-vos que tal linguagem não leva a nada; que, neste ponto, não admito brincadeiras; e que eu tenho pelo menos o direito de exigir que não tenhais mais pressa de sair daqui do que tivestes de vir para cá. Pensai nisso muito a sério, por favor; e, acima de tudo, fazei as coisas com suficiente boa vontade para merecer que eu vos perdoe os oito dias dos quais tivestes a coragem de me falar. No primeiro momento em que estiverdes descontente aqui, vá embora, nada é mais justo; mas fazei de modo que nada senão o tédio vos afaste daqui: tenho dito.

Não lamento absolutamente os pequenos aborrecimentos que vos pode ter dado a procura dos livros de botânica; caminhadas, diversões, distrações são coisas boas para a convalescença: mas não deveis inquietar-vos com o pouco [306] sucesso de vossas buscas; eu já tinha quase certeza de antemão; e foi prevendo que poucos livros botânicos seriam encontrados em Paris que pedi um grande número deles, para colocar ao acaso o encontro de algum. É surpreendente em que ponto de crassa ignorância e de barbárie as pessoas permanecem na França com relação a este belo e deslumbrante estudo, que o ilustre Lineu tornou moda em todo o resto da Europa. Enquanto na Alemanha e na Inglaterra o estudo das plantas faz o deleite dos príncipes e dos grandes, ele ainda é considerado aqui como um estudo de boticário; e vós não acreditaríeis no profundo desprezo que

⁵⁸⁹ CG, volume XVII.

desenvolveram por mim neste país ao me verem herborizar. Este soberbo tapete com o qual a terra está coberta não mostra aos seus olhos senão lavagens e emplastos, e acreditam que eu passo a minha vida fazendo purgações. Que surpresa para eles, se tivessem visto a Sra. Duquesa de Portland, de quem tenho a honra de ser o herborista, subir em rochedos onde eu mal podia acompanhá-la para ir procurar o *chamaedrys frutescens* e o *saxifraga alpina*! Ora, para retornar ao assunto de Paris, não surpreende que aí não encontreis livros de plantas; e tomarei o partido de fazer vir de outro lugar aqueles de que precisarei.

Se o Sr. de Luze ainda não foi embora, como espero, peço-vos que lhe digais mil coisas boas por mim e que cobreis que ele faça o mesmo com a Senhora de Luze. Mal atrevo-me a falar-vos da boa mamãe, sentindo que nesta ocasião seus votos se opõem muito aos meus; mas, na verdade, é quase a única [ocasião] em que não lhe sacrifico, e mesmo com prazer, minha própria satisfação.

É chegada a hora do correio, que urge; o criado espera e importuna-me: é preciso terminar vos abraçando.

1768

Em Trye, Rousseau sentia-se cada vez mais como um prisioneiro. Pensava que impediam-no até mesmo de herborizar. O castelo havia sido fechado, barrado por todos os lados, já não havia mais “nem passagem e nem comunicação pelas alamedas ou pelo terraço”⁵⁹⁰. Foi preciso limitar seus passeios ao pequeno jardim do Príncipe, ou ao jardim do fazendeiro, que lhe dera uma chave. Conti, o patrão da casa, “impedido de saber”, nada podia fazer. Rousseau via-se como estando “entregue, só, e sem recursos, à minha firmeza e aos meus perseguidores”⁵⁹¹.

A obsessão de Rousseau com o tema do envenenamento apareceu em mais um episódio infeliz, que terminou por fazê-lo deixar o castelo de Trye. O estado de saúde do concierge Deschamps, que sofria de hidropisia, se agravara em março. No começo de abril, o homem faleceu. Rousseau, que havia deixado o ressentimento de lado e levado um pouco vinho e peixe para o doente, foi vítima da mesma obsessão que teve meses antes, quando Du Peyrou caíra doente. Mas esse caso era mais grave, pois havia uma morte. Manoury e os outros funcionários agem como quem desconfia que ele envenenou Deschamps. Rousseau exige uma autópsia, que termina por provar sua inocência.

Du Peyrou e Deschamps foram os primeiros juízes de Jean-Jacques, e agora uma outra ideia fixa tomava forma: ele queria entregar-se diretamente aos seus juízes, provar sua inocência de uma vez por todas. Conti desaconselhou veementemente que ele se entregasse gratuitamente a qualquer tipo de julgamento público. Vendo seu estado de perturbação, entendeu que ele precisava deixar o local.

Em meados de junho, após passar por Paris, Rousseau chegou a Lyon. Sabia que não poderia ficar por muito tempo, mas as poucas semanas deram-no a oportunidade de visitar várias vezes a Sra. Boy de la Tour e suas filhas em seu castelo de Rochecardon. Madeleine, agora com aproximadamente 21 anos, já estava casada com o banqueiro Etienne Delessert. Foi também a oportunidade de conhecer o botânico Marc Antoine Louis Claret de Latourette, do jardim botânico

⁵⁹⁰ CG XVIII, p. 144.

⁵⁹¹ CG XVIII, p. 144.

da Escola Veterinária Nacional de Lyon, e seu colaborador, o abade François Rozier. Entre os dias 9 e 11 julho, Rousseau herborizou com os dois naturalistas nas montanhas da Grande Cartuxa. Pouco se sabe a respeito desta expedição, já que Rousseau não nos deixou quase nenhum relato sobre ela. Sabemos que a chuva e os problemas urinários atrapalharam e, através do relato de um terceiro, que Rousseau decepcionou-se com os colegas, que preferiam observar as plantas nos livros do que aproveitar para observá-las na própria natureza⁵⁹².

Rousseau desceu da Grande Cartuxa diretamente em Grenoble, onde passou o próximo mês e onde herborizou várias vezes. No final da Sétima caminhada, conta-nos do homem que o recebera na região, o advogado Gaspard Bovier, que manteve-se fielmente ao seu lado durante os passeios, e que, para não ser indelicado, não interferiu nem mesmo para impedir Rousseau de comer umas frutinhas supostamente venenosas. Visitou Chambery rapidamente, por ocasião do aniversário de morte da Sra. de Warens. Em agosto, instalou-se em Bourgoin e casou-se finalmente com Thérèse em uma cerimônia informal. Em todos esses lugares teve de lidar com os inconvenientes da fama e testemunhar a hostilidade da “canalha”.

Em outubro, sonhou em deixar a França de vez. Pensou em mudar-se para a Grécia, para o Chipre: “não me importa onde, desde que encontre um belo clima fértil em vegetais, e que a caridade cristã não disponha mais de mim”⁵⁹³. Considerou até mesmo retornar a Wootton, para a casa do bom Davenport. Concluiu justo o contrário, convenceu-se de que nunca mais deixaria a França, não importando o que acontecesse com ele. O ano de 1768 terminou com as suspeitas paranoicas de Rousseau estendendo-se no tempo e atingindo agora até a Sra. de Luxemburgo e seu entorno, com o atormentado filósofo imaginando compreender, finalmente, os fios que ligavam os agentes secretos do complô universal que se armara contra ele. No auge da loucura, acreditou que perfurava o véu da conspiração: todos queriam incriminá-lo por regicídio.

⁵⁹² Cf. ROUX, C. *Les herborisations de J.-J. Rousseau à la Grande-Chartreuse en 1768 et au Mont Pilât en 1769*, para um relato mais detalhado dessa herborização.

⁵⁹³ CG, XVIII, p. 338.

À Senhora Duquesa de Portland ⁵⁹⁴

Este 4 de janeiro de 1768

[48] Eu não teria esperado tanto, Senhora Duquesa, para fazer-vos meus muito humildes agradecimentos pelo esforço que tivestes em escrever ao Milorde Marechal e ao Sr. Granville em meu favor, se eu não tivesse ficado detido quase três meses no quarto de um amigo que adoeceu em minha casa, e cuja cabeceira não abandonei durante todo este tempo, sem poder dispensar um momento sequer a qualquer outro cuidado. Enfim, a Providência abençoou meu zelo: curei-o quase que apesar dele. Ele partiu ontem bem restabelecido, e o primeiro momento que sua partida me permitiu, Senhora, foi empregado no cumprimento de um dever para convosco que conto entre meus maiores prazeres.

Não recebi nenhuma notícia do Milorde Marechal, e, não podendo escrever-lhe diretamente daqui, aproveitei a ocasião do amigo que acaba de partir para lhe enviar uma carta: que ela possa alcançá-lo no estado de saúde e de felicidade que os mais tenros votos de meu coração pedem aos céus para ele todos os dias. Recebi de meu excelente vizinho, [49] Sr. Granville, uma carta que deleitou completamente meu coração. Pretendo escrever-lhe em poucos dias.

Permiti, Senhora Duquesa, que eu tome a liberdade de argumentar convosco a respeito da planta sem nome que enviastes ao Sr. Granville, e da qual vos reenviei um exemplar com as plantas da Suíça, suplicando que tivésseis a gentileza de nomeá-la para mim. Não creio que seja o *viola lutea*, como me indicastes, uma vez que estas duas plantas não têm nada em comum, parece-me, a não ser a cor amarela da flor. A planta em questão parecia-me ser da família das liliáceas, com seis pétalas, seis estames em um tufo de plumas; se a raiz fosse bulbosa, eu a tomaria por um *ornithogalum*; não sendo, parece-me assemelhar-se fortemente a um *Anthericum ossifragum*, de Lineu, chamado por Gaspard Bauhin⁵⁹⁵ de *Pseudo-Asphodelus anglicus* ou *scoticus*⁵⁹⁶. Confesso-vos, Senhora, que ficaria feliz em assegurar-me a respeito do nome verdadeiro desta planta; pois não posso ser indiferente a nada que venha de vós.

⁵⁹⁴ CG, volume XVIII.

⁵⁹⁵ Rousseau refere-se à obra *Pinax theatri botanici*, de 1623.

⁵⁹⁶ *Narthecium ossifragum* (L.) Huds.

Não acreditava que muitas das novas plantas com as quais acabastes de adornar vossos jardins em Bullstrode pudessem ser encontradas na Inglaterra; mas, para encontrar em toda parte a rica natureza, não é preciso senão ter olhos que saibam ver suas riquezas. Eis, Senhora Duquesa, o que tendes e o que me falta: se tivesse vosso conhecimento, ao herborizar em meus arredores, tenho certeza de que obteria um monte de coisas que poderiam talvez ter seu lugar em Bullstrode. Quando a bela estação voltar, tomarei nota das plantas que observarei, na medida em que possa reconhecê-las; e, se houver alguma que vos convenha, encontrarei o meio de vos enviá-la, seja ao natural, seja em sementes. Se, por exemplo, Senhora, quisésseis semear o *Gentiana filiformis*⁵⁹⁷, eu facilmente colheria as sementes no próximo outono, pois descobri um cantão onde ele pode ser encontrado em abundância. Por favor, Senhora Duquesa, já que tenho a honra de vos pertencer, não deixeis sem função um título no qual coloco tanta [50] glória. Não conheço nada, asseguro-vos, que me lisonjeie mais do que ser, por toda a minha vida, com um profundo respeito, Senhora Duquesa, seu muito humilde e muito obediente criado e Herborista.

Ao Sr. Du Peyrou ⁵⁹⁸

3 de março de 1768

[143] Vossa nº 6, meu caro anfitrião, aflige-me ao informar-me que tendes um novo caso de gota, forte o suficiente para impedir-vos de sair. Acredito que estes pequenos acessos mais frequentes vos garantirão contra grandes ataques. Mas como um destes dois estados é tão incômodo quanto o outro é doloroso, não sei se vós contentar-vos-íeis em ter trocado assim vossas grandes dores em pequenas e frequentes; mas é de se presumir que trata-se apenas do fim desta gota assustada, e que tudo retomará em breve seu curso natural. Aprendei então, de uma vez por todas, a não querer sarar contra a vontade da natureza; pois é o meio quase certo de aumentar vossos males.

⁵⁹⁷ *Cicendia pusilla* (Lam.) Griseb.

⁵⁹⁸ CG, volume XVIII.

[144] A meu ver, o conselho que me dais é mais fácil de dar do que de seguir. As herborizações e as caminhadas seriam de fato agradáveis distrações de meus aborrecimentos, se me fossem permitidas; mas as pessoas que dispõem de mim têm o cuidado de não me deixar esse recurso. O projeto cujos executores são os Srs. Manoury e Deschamps implica que não me reste nenhum. Como esperam-me no caminho, não poupam esforços para expulsar-me daqui, e parece que querem ter sucesso em breve, de uma forma ou de outra. Um dos melhores modos que se emprega para isso é o de soltar o populacho das aldeias vizinhas sobre mim. Não se ousa mais colocar ninguém no calabouço e dizer que sou eu que quero assim; mas fechou-se, barrou-se o castelo, fizeram-se barricadas por todos os lados: já não há mais nem passagem e nem comunicação pelas alamedas ou pelo terraço; e, embora esta clausura me seja muito incômoda, tem-se o cuidado de espalhar, através dos guardas e outros emissários, que é o senhor do castelo⁵⁹⁹ que exige tudo isso para impedir os camponeses. Senti o efeito desse rumor em duas saídas que fiz, e isto não me animou a multiplicá-las. Implorei ao fazendeiro que me fizesse uma chave de seu jardim, que é bem grande, e minha resolução é limitar minhas caminhadas a este jardim e ao pequeno jardim do príncipe, que, como sabeis, é grande como uma mão e fundo como um poço. Eis, meu caro anfitrião, como, no coração do reino da França, as mãos estrangeiras ainda pesam sobre mim. No que se refere ao patrão da casa, ele é impedido de saber o que está acontecendo e de envolver-se. Estou entregue, só, e sem recursos, à minha firmeza e aos meus perseguidores. Ainda espero fazê-los ver que a tarefa que empreenderam não é tão fácil de executar como eles acreditaram. Eis muito palavreado para as duas palavras de resposta que vos precisava escrever sobre este ponto. Mas tive sempre o coração expansivo; nunca serei devidamente corrigido disso, e vossa divisa não será jamais a minha.

[145] Descobri com uma dificuldade infinita os nomes botânicos de várias plantas de Garsault⁶⁰⁰. Também reduzi, com não menos dificuldade, as frases de Sauvages à nomenclatura trivial de Lineu, que é muito cômoda. Se o prazer de ter um jardim vos traz um pouco de gosto pela botânica, poderei poupar-vos muito

⁵⁹⁹ Acredito que a expressão utilizada por Rousseau aqui, *le monsieur du château*, refere-se a ele próprio, e não ao proprietário do castelo.

⁶⁰⁰ François Alexandre Pierre de Garsault (1691-1778), botânico e zoólogo francês.

trabalho de sinonímia, enviando-vos para os vossos exemplares o que anotei nos meus; e é absolutamente necessário esclarecer essa parte crítica da botânica para reconhecer a mesma planta, à qual frequentemente cada autor dá um nome diferente.

Não vos falo de vossos assuntos públicos, não que tenha deixado de interessar-me por eles, mas porque tal interesse, cujos efeitos limitam-se a votos verdadeiros, mas impotentes quanto ao breve restabelecimento da paz em todas as vossas regiões, nada pode fazer para acelerá-la.

Adeus, meu caro anfitrião; minhas homenagens à melhor das mães; mil coisas para o bom Sr. Jeannin, para todos aqueles que me amam, tanto quanto para todos aqueles que amais.

Ao Sr. Du Peyrou ⁶⁰¹

Lyon, 20 de junho de 1768

[240] Eu não me perdoaria, meu caro anfitrião, por deixar-vos na ignorância acerca de minhas caminhadas, ou de delas saber por meio de outros antes de mim. Estou há dois dias em Lyon, cansado das fadigas da diligência, precisando muito de um pouco de repouso e com muito pressa em receber vossas notícias, tanto mais que a desordem que reina no país onde morais deixa-me preocupado tanto convosco, quanto com os homens de corte⁶⁰² pelos quais me interesse. aguardo vossas notícias com a impaciência da amizade. Dai-me notícias, por favor, assim que puderdes.

O desejo de distrair tantas lembranças entristecedoras que, à força de afetar meu coração, alteravam-me a cabeça, fez-me tomar o partido de buscar, em algumas viagem e herborização, as diversões e distrações de que precisava; e o patrão da casa, tendo aprovado esta idéia, decidi segui-la: levo comigo meu herbário e alguns livros com os quais proponho-me a fazer algumas peregrinações botânicas. Gostaria, meu caro anfitrião, que o relato de meus achados pudesse

⁶⁰¹ CG, volume XVIII.

⁶⁰² Em francês, *honnête gens*. Sobre a tradução dessa expressão, ver minha nota na carta ao Marquês de Mirabeau de 31 de Janeiro de 1767.

contribuir para divertir-vos; teria ainda mais prazer em fazê-los. Eu vos direi, por exemplo, que tendo ido ontem ver a senhora Boy de la Tour no campo, encontrei em seu vinhedo muita aristolóquia⁶⁰³, que nunca vira, e que ao primeiro golpe de vista reconheci com arrebo.

Adeus, meu caro anfitrião: um abraço, e espero em vossa primeira carta boas notícias de vossos olhos.

À Senhora Duquesa de Portland ⁶⁰⁴

Lyon, 2 de julho de 1768

[242] Se estivesse em meu poder, Senhora Duquesa, colocar exatidão em alguma correspondência, seria certamente naquela com a qual me honrais; mas, além da indolência e do desânimo que me subjugam cada dia mais, as aflições secretas com que me atormentam absorvem, contra minha vontade, o pouco de atividade que me resta, e eis-me embarcando agora em uma grande viagem, que por si só seria um péssimo negócio para um preguiçoso como eu. Contudo, como a botânica é seu principal objeto, esforçar-me-ei em adequá-la à honra que tenho de pertencer-vos, relatando-vos minhas herborizações, com risco de entediar-vos, Senhora, com detalhes triviais que não têm nada de novo para vós. Eu poderia fazer-vos algumas interessantes herborizações no jardim da escola veterinária desta cidade, cujos diretores, naturalistas, botânicos, e além do mais muito amáveis, são ao mesmo tempo muito comunicativos: mas as riquezas exóticas deste jardim sobrecarregam-me, perturbam-me por sua quantidade; e, à força de ver muitas coisas ao mesmo tempo, não consigo discernir e nem reter absolutamente nada. Espero encontrar-me um pouco mais à vontade nas montanhas da Grande Cartuxa⁶⁰⁵, onde pretendo ir herborizar na próxima semana com dois desses Senhores, que querem fazer esta excursão, e cujas luzes a tornarão muito útil para mim. Se tivesse estado ao meu alcance consultar mais frequentemente as suas, Senhora Duquesa, estaria mais avançado do que estou.

⁶⁰³ *Aristolochia clematitis* L.

⁶⁰⁴ CG, volume XVIII.

⁶⁰⁵ A *Grande-Chartreuse*, situado no Maciço da Chartreuse, foi o primeiro mosteiro da ordem dos cartuxos, fundado em 1084.

[243] Por mais rico que seja o jardim da escola de veterinária, não consegui encontrar o *Gentiana campestris*⁶⁰⁶, nem o *Swertia perennis*⁶⁰⁷; e como o *Gentiana filiformis* nem mesmo havia emergido do solo antes de minha partida de Trye, foi-me, por consequência, impossível colher qualquer semente, e aconteceu que mesmo tendo o maior zelo para realizar os encargos com os quais gentilmente me honrastes, ainda não fui capaz de executar nenhum. Espero ser menos infeliz no futuro, e poder portar com mais sucesso um título com o qual me glorifico.

Comecei o catálogo de um herbário de que fui presenteado e que pretendo aumentar nas minhas expedições. Pensei, Senhora Duquesa, que ao enviar-vos este catálogo, ou pelo menos o das plantas que eu possa ter repetidas, se tivésseis o trabalho de marcar as que vos faltam, eu poderia ter a honra de vos enviá-las frescas ou secas, como quiserdes, para o aumento de vosso jardim ou de vosso herbário. Dai-me vossas ordens, Senhora, para os Alpes, alguns dos quais irei percorrer: peço-vos, por favor, que eu possa adicionar ao prazer que encontro em minhas herborizações o de realizar algumas a vosso serviço. Meu endereço fixo, durante minhas excursões, será este:

Ao Senhor Renou,
a/c Sras. Boy de la Tour e Cia.
Lyon

Atrevo-me a suplicar-vos, Senhora Duquesa, que tenhais a gentileza de me dar notícias de Milorde Marechal todas as vezes que me derdes a honra de escrever-me. Receio que tudo o que se passa em Neuchâtel aflige vosso excelente coração, pois sei que ele ainda ama aquela região, apesar da ingratidão de seus habitantes. Estou aflito também por não ter mais notícias do Sr. Granville: serei apegado a ele por toda a minha vida.

Suplico-vos, Senhora Duquesa, que aceiteis com bondade meu profundo respeito.

⁶⁰⁶ *Gentianella campestris* (L.) Böerner.

⁶⁰⁷ *Swertia punctata* Baumg.

Ao Sr. Laliaud ^{608 609}

Bourgoin, 5 de outubro de 1768

[337] Vossa carta, Senhor, de 29 de setembro, chegou-me a tempo, mas sem cópia, e acho que não vos dais mais ao trabalho de seguir por essa via, já que esperais que vossas cartas continuem a chegar-me corretamente, tendo talvez sido abertas, mas não importa, desde que cheguem. Se eu notar uma interrupção procurarei um endereço intermediário aqui, se puder, ou em Lyon.

Estou muito comovido com os vossos cuidados e com os embaraços que eles vos dão, dos quais tenho certeza de que não vos arrependeis; mas é supérfluo que continueis a tê-los a respeito do patife Thévenin⁶¹⁰, cuja impostura está agora em um tal grau de evidência que o próprio Sr. de Tonnerre não pode negar. Sabeis que justiça ele se propõe a fazer-me, após me haver prometido a mais autêntica proteção para esclarecer este assunto? A de impor silêncio a este homem; quando todo o trabalho que tive foi na esperança de que ele o forçasse a falar. Não falemos mais deste miserável, nem daqueles que os colocaram em jogo. Sei que a impunidade deste os colocará à vontade para suscitar mil outras; e é por isso que importava desmascarar o primeiro. Eu o fiz, isso me basta: e ainda que viessem cem por dias, não me dignaria a responder.

[338] Embora minha situação se torne cada dia mais cruel, que eu me veja reduzido a passar o inverno, cujos golpes já sinto, em um cabaré, e que eu não tenha uma pedra sobre a qual deitar minha cabeça, não há qualquer extremo que eu não suportasse no lugar de retornar a Trye; e vós certamente não me proporíeis esse retorno se soubésseis o que me fizeram sofrer por lá, e nas mãos de quais pessoas eu caí. Estremeço só de pensar: não falemos novamente disso, suplico-vos.

Quanto mais reflito sobre os tratamentos que sofro, menos consigo compreender o que se quer de mim. Igualmente atormentado, seja qual for o rumo

⁶⁰⁸ Henri Laliaud (1718-1780), amigo de Nîmes; entrou em contato com Rousseau pela primeira vez em 1764, com a proposta de confecção de um busto em mármore em homenagem ao filósofo.

⁶⁰⁹ CG, volume XVIII.

⁶¹⁰ Figura desconhecida de Rousseau, que entrou em contato com o filósofo para recuperar nove francos que este supostamente o devia, de um empréstimo feito há 10 anos. O litígio durou quatro meses. Sentido que mais uma vez queriam desonrá-lo, Thévenin será visto por Rousseau como mais um agente do complô que se armara contra ele.

que tome, não tenho liberdade nem de ficar onde estou, nem de ir para onde quero; não posso nem mesmo saber onde querem que eu esteja, e nem o querem fazer de mim. Em vão desejei que se dispusesse abertamente de minha pessoa: isso me deixaria em paz, e eis o que não querem. Tudo o que sinto é que se incomodam com a minha existência; e que querem fazer de modo que eu me sinta assim também; não há melhor maneira de fazê-lo. Uma centena de vezes me veio ao espírito propor meu transporte para a América, na esperança de que eles fossem me deixar tranquilo por lá, no que acredito me ter por demais lisonjeado; mas de qualquer maneira eu teria de bom grado feito a tentativa, se nós estivéssemos em melhor estado, minha esposa e eu, de suportar a viagem e o ar. Ocorre-me outra idéia que vos quero contar, e que a paixão pela botânica em mim despertou; pois, vendo que eles não queriam deixar-me herborizar em paz, pensei em abandonar as plantas, mas vi que não podia mais ficar sem elas: é uma distração que me é absolutamente necessária, é uma paixão de infância, mas que vai durar por toda a minha vida.

Gostaria, Senhor, de encontrar algum meio de ir terminá-la nas ilhas do Arquipélago, no de Chipre, ou em algum outro recanto da Grécia, não me importa onde, desde que encontre um belo clima fértil em vegetais, e que a caridade cristã não disponha mais de mim. Sinto [339] que a barbárie turca me será menos cruel. Infelizmente, para chegar lá, para lá morar com minha esposa, preciso de ajuda e proteção. Não saberia subsistir sem recursos; e sem algum favor da Porta⁶¹¹, ou pelo menos alguma recomendação de algum dos cônsules que residem no país, meu estabelecimento seria totalmente impossível. Como não me faltaria esperança de tornar minha estada ali de alguma forma útil para o progresso da história natural e da botânica, creio poder, por conta disso, obter alguma assistência dos soberanos que se dão a honra de favorecê-la. Não sou um Tournefort, nem um Jussieu; mas também não faria esse trabalho de qualquer jeito, cheio de outros projetos e por obrigação: eu me dedicaria inteiramente a ele, apenas por prazer, e até a morte. O gosto, a assiduidade, a constância podem compensar muito o conhecimento, e até mesmo fornecê-lo ao final. Se eu ainda tivesse minha pensão do rei da Inglaterra, seria suficiente para mim, e eu não pediria nada, exceto que eles favorecessem minha passagem e me dessem alguma recomendação. Mas, sem

⁶¹¹ Designação dada ao governo do Império Otomano.

ter renunciado formalmente a ela, coloco-me na posição de não poder pedir, nem mesmo desejar honestamente, que continue; e, aliás, antes de lá exilar-me pelo resto de meus dias, precisaria de alguma garantia razoável de que lá não seria esquecido e deixado para morrer de fome. Confesso que, fazendo uso de meus próprios recursos, encontraria no fruto de meus trabalhos passados o suficiente para subsistir onde quer que estivesse; mas isso exigiria outros arranjos além dos que existem, e cuidados que não estou mais em condições de ter. Com licença, senhor, estou vos explicando bem confusamente a ideia que me ocorreu e os obstáculos que vejo a sua execução. No entanto, como esses obstáculos não são intransponíveis, e como essa idéia oferece-me a única esperança de descanso que me resta, julguei ser meu dever falar-vos sobre eles, para que, sondando o terreno, caso a ocasião se apresente, seja junto a alguém que tenha crédito na corte e protetores meus que conheceis, seja para tentar descobrir a disposição de Londres [340] em proteger minhas herborizações no Arquipélago, possais dizer-me se o exílio nesse país que desejo pode ser favorecido por um dos dois soberanos. De resto, há apenas este meio de torná-lo praticável, e nunca resolverei, com qualquer ardor que deseje, recorrer para isso a qualquer indivíduo, seja quem for. A maneira mais curta e segura de saber o que pode ser feito a respeito seria, em minha opinião, consultar a Senhora Marechala de Luxembourg. Tenho tanta confiança em sua bondade para comigo, bem como em suas luzes, que gostaria que não falásseis deste projeto inicialmente senão com ela, que não fizesseis acerca dele senão o que ela aprovasse, e que nele não pensásseis mais caso ela o considerasse impraticável. Escrevestes-me, Senhor, dizendo que contasse convosco. Eis minha resposta. Coloco meu destino em vossas mãos, tanto quanto depender de mim. Adeus, Senhor, abraço-vos de todo coração.

À Senhora Presidente de Verna ^{612 613}

Bourgoin, 2 de dezembro de 1768

[15] Deixemos de lado, Senhora, suplico-vos, os livros e seus autores. Fico tão sensibilizado com o vosso obsequioso convite que, [16] se minha saúde me permitisse fazer viagens de lazer nesta estação, faria uma de bom grado para ir vos agradecer. O que tendes a bondade de dizer-me, Senhora, sobre os lagos e montanhas de vosso país, se somaria ao meu ardor, mas dele não seria sua primeira causa. Diz-se que a gruta de La Balme fica ao vosso lado; seria ainda objeto de passeio e mesmo de habitação, se eu pudesse passear sem que os trapaceiros e os morcegos se aproximassem. Quanto ao estudo das plantas, permita-me, Senhora, que o faça como naturalista, e não como boticário: pois, além de ter uma fê muito medíocre na medicina, conheço a organização das plantas na palavra da natureza, que não mente nunca, e só conheço suas virtudes medicinais na palavra dos homens, que são mentirosos. Não tenho vontade de acreditar na palavra deles, nem estou em estado de verificá-la. Assim, quanto a mim, prefiro cem vezes mais ver no esmalte dos prados guirlandas para os pastores do que ervas para as lavagens. Que eu possa, Senhora, assim que a primavera trazer novamente o verdor, herborizar em vossos cantões, que não poderão ser senão abundantes e brilhantes se, pelas flores que verte vossa pena, eu julgar aquelas que devem nascer ao vosso redor. Aceitai, Senhora, e fazei com que o Senhor Presidente aceite, peço-vos, a garantia de todo meu respeito.

Renou

⁶¹² Anne-Marie Dauphin de Verna (1720-1790).

⁶¹³ CG, volume XIX.

Ao Sr. Du Peyrou
Neuchâtel ⁶¹⁴

Bourgoin, 19 de dezembro de 1768

[22] É verdade, meu caro anfitrião, que eu não esperava as más notícias que me destes do estado atual da Senhora Comandante, após o curso de um tratamento que se poderia considerar, segundo vossos detalhes, como muito afortunado, a respeito do acidente perto da clavícula, cujo efeito eu considerava passageiro. Vejo que a clavícula não está curada, e que é de se temer que o fêmur não se recupere de maneira que a doente possa esperar andar. Sinto, meu caro anfitrião, quão cruel é esse estado de incerteza e de medo para ela e para vós. Contudo, conjuro ambos a não deixar que a paciência de que tanto necessitaram, e que usaram até agora, se esgote. Parece-me certo que, quanto ao corpo duro que está no ombro, mais cedo ou mais tarde encontrar-se-á um meio de dissipá-lo e, se houvesse alguma fissura no osso, ela já teria produzido acidentes mais consideráveis; assim, não acho que seja razoável perder a esperança neste aspecto a respeito da cura. Se o osso da coxa está mal recuperado, o mal parece-me sem remédio, mas não consigo imaginar como um osso, preso apenas por suas partes laterais, pode fazer um calo muito sólido e, como este parece ser o caso, é um forte indício para mim de que as partes fraturadas se encontram melhor em suas extremidades do que pensais, e que só vai demorar um pouco mais, sobretudo por causa da idade, e talvez por causa da ciática, para destruir a grossura e o peso insuportável que a doente sente na parte afetada. De resto, meu caro anfitrião, sinto que, se estivesse em vosso lugar, ficaria tão alarmado e tão aflito quanto estais a este respeito e, apropriando-me de vosso estado pelo coração e pela imaginação, sinto vivamente toda a amargura. [23] Meu costume e minha inclinação diante de futuros duvidosos e infelizes é sempre começar por pensar no pior e ver em tal caso o que haveria a se fazer, e acho que não há um estado na vida cujos males não possam ser aliviados quando, em vez de protestar em vão contra a necessidade e se atormentar por sua condição, nos ocupamos apenas em fazer o melhor uso dela. Conheço um jovem abade em Bourgoin que está na mesma situação que a Senhora Comandante, não por uma coxa quebrada, mas por

⁶¹⁴ CG, volume XIX.

uma coxa mutilada pelos cirurgiões, tanto que é impossível para ele manter-se em pé, e mesmo, acredito, sentado, e mover-se de qualquer maneira. Bem, meu caro anfitrião, não há em todo o país um homem mais vigoroso, nem mesmo mais ativo, do que este jovem, e eu o encontrei este verão em lugares íngremes e acidentados, onde tive grande dificuldade em escalar para herborizar, e onde precisava andar de quatro. Ele mandou adaptar uma espécie de maca ou liteira descoberta, na qual, com a ajuda de dois bons carregadores, percorre todo o país e faz, creio, mais exercício do que eu mesmo, se é possível dar o nome de exercício ao transporte contínuo de um homem que não anda. Seus carregadores são tão bem-intencionados que, com a ajuda deles, dizem que ele corteja garotas o dia todo. Eis uma atividade a qual a Senhor Comandante não se dedicará; mas, a parte disso, quem a impede, pensando no pior, de reparar, graças à industriiosidade, uma parte de seu infortúnio, e de obter os meios para ir e vir pela casa, pela cidade, e mesmo pelo campo, talvez até mais do que antes? Parece-me que seria para vós uma ocupação muito agradável e muito interessante procurar invenções mecânicas para dar a ela cadeiras de rodas, cadeiras de molas, enfim, suplementos progressivos, para substituir o que suponho totalmente perdido para ela, o que, no entanto, espero ainda que não aconteça.

O que me dizeis a respeito do fim de vossas discórdias com [24] a corte dá-me grande prazer; e prevejo com isso que ainda podereis viver agradavelmente onde estais, e onde estais retido por laços de afeto que vosso coração não pode romper facilmente. Parece-me que o Rei conduz-se realmente como um grande Rei quando quer ser primeiro mestre e depois justo. Pensareis que seria maior e mais bonito querer transpor esta ordem: pode ser; mas isso está acima da humanidade, e basta, para honrar o gênio e a alma do maior dos Príncipes, que o primeiro ponto não o leve a negligenciar o outro. Se Frederico ratificar a restauração de todos os vossos privilégios, como espero, terá merecido de vós o mais belo elogio que um soberano possa merecer, e que o aproxima do próprio Deus, aquele que Armida fazia de Godofredo de Bulhão:

Tu, cui concesses il cielo e dielti in fato,

*Voler il giusto, e poter ciò che vuoi.*⁶¹⁵

Imagino que se os representantes, que a ele enviareis para agradecer-lhe, recitassem esses dois versos no lugar de toda arenga, eles não seriam mal recebidos.

Estou muito tocado com o encargo que atribuístes a Gagnebin: eis um verdadeiro ato de amizade, um desses atos aos quais sempre serei sensível, porque são escolhidos de acordo com meu coração e de acordo com meu gosto. Devo certamente a vida às plantas: não é o que eu lhes devo de bom, mas devo-lhes ainda a possibilidade de que alguns intervalos da vida fluam com encanto, em meio ao amargor que a inunda: enquanto herborizo não sou infeliz; e respondo-vos que, se me deixassem fazê-lo, não cessaria de herborizar pelo resto de minha vida, da manhã à noite. De resto, prefiro que a coleção do Sr. Gagnebin seja muito pequena, e que não seja composta de plantas comuns que se encontram em todos os lugares: nem mesmo vos dissimularei que já tenho muitas plantas alpinas e das mais raras; contudo, como ainda há um número muito grande delas que me faltam, não tenho dúvidas de que há algumas em vossa remessa que me darão grande [25] prazer por si mesmas, além daquele de recebê-las de vós. Por exemplo, embora eu seja bastante rico em gencianas, há uma que ainda não pude encontrar, e que cobiço muito, trata-se da grande *genciana púrpura*,⁶¹⁶ a segunda na ordem das espécies de Lineu. Tenho o *tozzia alpina*, Lin.; mas falta-lhe a raiz, que é a parte mais curiosa desta planta, aliás difícil de secar e conservar. Tenho o *uva-ursi*⁶¹⁷ em fruto; mas não o tenho em flor. Tenho o *azalca procumbens*; mas faltam-me outros belos *chamaerhododendros*⁶¹⁸ dos Alpes. Não tenho senão um miserável pequeno *Androsace*. Não tenho o *cortusa Matthioli*, etc. A lista do que tenho seria longa, a do que me falta mais longa ainda; mas se quiserdes enviar-me a lista do que Gagnebin vos enviará, eu poderia anotar nela o que me falta, de modo que o resto, sendo supérfluo em meu herbário, possa residir no vosso. Arruinei-me com os livros de botânica e decidi não comprá-los mais; contudo, sinto que, estando aficionado pelas plantas dos Alpes, não posso prescindir do de

⁶¹⁵ Frase do poeta italiano Torquato Tasso, encontrada no poema épico “Jerusalém Libertada”, de 1581. Em tradução livre: “Tu, a quem o céu concedeu como destino, / querer o justo e poder aquilo que queres”.

⁶¹⁶ *Gentiana purpurea*, L.

⁶¹⁷ *Arctostaphylos uva-ursi* (L.) Spreng.

⁶¹⁸ *Rhododendron chamaecistus* (L.) Rchb.

Haller. Fareis a gentileza de indicar-me exatamente seu título, seu preço e o lugar onde o encontrastes; pois a França ainda é tão bárbara em botânica que não se encontra nela quase nenhum livro dessa ciência; e fui obrigado a importar da Holanda e da Inglaterra com grandes despesas os poucos que tenho; ainda assim, procurei em todos os lugares os de Clusius⁶¹⁹ sem poder encontrá-los.

Eis muita tagarelice sobre botânica, em que vejo, com grande pesar, que perdestes completamente o gosto. Contudo, já que comemorastes meu *apocyn*⁶²⁰ um pouco, estou com muita vontade de vos enviar algumas sementes da árvore-da-seda⁶²¹ e da fruta-do-conde, que recentemente me foram trazidas das ilhas. Quando começar a guarnecer vosso jardim, ficarei feliz em contribuir com ele. Adeus, meu cara Anfitrião; nós vos abraçamos e vos saudamos de todo o nosso coração.

Mil votos de recuperação para a boa mamãe e respeitos da parte de ambos.

**Ao Sr. [Pierre] Clappier Filho,
Doutor em Medicina em Grenoble** ⁶²²

Bourgoin, 23 de dezembro de 1768

[31] Sou muito sensível, Senhor, tanto às vossas cortesias anteriores, quanto à complacência que tivestes em ajudar Liotard a rotular, e talvez a recuperar, as plantas que ele me enviou, para não vos mostrar meu reconhecimento. Sinto, além disso, como me seria útil ter-vos como mestre no estudo ocioso, mas interessante, pelo qual sou cada vez mais apaixonado, para não ambicionar um pouco vossas instruções, ao menos na medida em que não vos seja importuno concedê-las a mim. Sou, Senhor, um pobre colegial sexagenário, ao qual não falta, para se tornar botânico, senão de juventude, de memória, de vigor, de observações e de um bom método para redigi-las. Todos os livros do mundo não valem um bom guia e não podem compensá-lo, porque são todos escritos para

⁶¹⁹ Carolus Clusius (1526-1609), médico e botânico flamengo que estudou em Montpellier. Criou um dos primeiros jardins botânicos da Europa, em Leida, onde foi professor.

⁶²⁰ *Apocynum* L.

⁶²¹ *Albizia julibrissin* Durazz.

⁶²² CG, volume XIX.

discípulos já instruídos por cursos de professores ou de demonstradores. Quanto a mim, destituído de toda instrução e assistência humana, eu disse: quero estudar as plantas, e peguei livros que, supondo conhecimentos que eu não tinha, não me puderam levar ao desconhecido senão pelo desconhecido, o que não é o caminho do aprendizado. É fruto do acaso quando, em frases estranguladas, em descrições confusas ou em figuras mutiladas, consigo determinar aqui e ali alguma planta, cuja sinonímia incerta é ainda outro trabalho muito penoso quando se trata de seguir a concordância dos autores; sem o que, não sabendo de que [32] planta estão falando, sob um nome que não conheço, suas observações me são inúteis. Se algo me pudesse ter ajudado a superar a dificuldade de aprendizado, que aumenta para mim de ano em ano, teria sido herborizar por alguns meses ao lado de um bom botânico, que me teria dado conhecimentos suficientes para adquirir os outros por comparação. Seria isso que me teria deixado muito feliz de fazer convosco, se a oportunidade se tivesse apresentado, e se eu me achasse em melhor condições de acompanhar ao menos vossos pés; mas não tendo mais nem o vigor de vossas pernas e nem o de vossa cabeça, temo que me tornaria neste caso um fardo para vós, e que atrapalharia vossas excursões ter de medi-las segundo minhas forças. Assim, forçado doravante a renunciar às montanhas, e reduzido a não herborizar senão sozinho no campo, ao meu redor ou no meu herbário, eu estaria em condições de consultar-vos a qualquer momento, se eu vos incomodasse com isso tantas vezes quanto precisaria. Mas ficaria muito tentado a fazer ainda melhor pela minha instrução e pela do público, ao vos exortar, se possível, a nos dar um bom livro sobre a botânica, escrito não para os estudantes de medicina, para os quais todos os trabalhos são decifrados pelos professores, mas para os verdadeiros botanófilos⁶²³, que não têm senão o gosto por esta ciência, sem ter de resto adquirido o menor conhecimento. O livro do Sr. de la Tourrette é muito bom,⁶²⁴ mas não trata senão de plantas comuns; segue os sistemas de Tournefort e de Lineu, quando seria preciso um sistema elementar

⁶²³ Lineu separava aqueles que se interessavam por plantas em *botanophiles* e *botanistes*. O primeiro termo possuía um sentido mais amadorístico, dizendo respeito a um interesse mais geral pelas plantas que não levava em conta a ciência botânica propriamente dita. Cf. DROUIN, J.-M. *L'Herbier des philosophes*, p. 21.

⁶²⁴ Obra de popularização da botânica, em dois volumes, de Marc Antoine Louis Claret de La Tourette (1729-1793) e François Rozier (1734-1793), intitulada *Démonstration élémentaires de botanique*, publicada em Lyon, em 1766.

para começar o estudo das plantas, antes de tomar os grandes sistemas para classificá-las. O sistema de Lineu ensina a observar melhor as plantas que conhecemos, mas não ensina a conhecê-las. É um sistema para os mestres, precisamos de um para os colegiais, e como apenas um grande mestre seria capaz de encontrá-lo, atrevo-me a propor-vos essa empreitada. Se essa ideia vos fez rir, eu poderia talvez sugerir outras relacionadas a ela, justamente por causa da minha ignorância, que me faz sentir bem as dificuldades que tereis que nos [33] ensinar a superar. Desculpai-me, Senhor, pela minha tagarelice. Sou um discípulo um pouco caduco. Mas terei pelo menos a simplicidade do verdadeiro Botânico, mesmo que eu não tenha o saber. *Vale, tuissimus.*

Renou

1769

Em janeiro, um casal colocou à disposição de Rousseau um alojamento em Monquin, região acima de Bourgoin. Do alto de Monquin, o filósofo escreveu a Carta ao Sr. de Franquières, onde buscou refutar a “moda” dos argumentos materialistas. O tema apareceu antes, em fevereiro, numa carta a Moulton deste mesmo ano:

Quereis rejeitar a inteligência universal? As causas finais vos furam os olhos. Quereis sufocar o instinto moral? A voz interna eleva-se em vosso coração, nele destrói os pequenos argumentos da moda, e vos clama que não é verdade que o homem honesto e o celerado, o vício e a virtude, não são nada; pois vós sois um raciocinador muitíssimo bom para não ver imediatamente que, rejeitando a causa primeira e fazendo tudo com a matéria e o movimento, remove-se toda moralidade da vida humana.⁶²⁵

Para Rousseau, há uma incompatibilidade entre o materialismo e a moral. O estudo da natureza permite que ele contemple a existência de uma ordem física admirável na natureza e pressuponha a existência de uma ordem moral que lhe corresponda. Seu coração não o permite crer que os justos não serão recompensados e que os injustos não serão punidos.

Entre os dias 13 e 20 de agosto, Rousseau herborizou no Monte Pila⁶²⁶ com as filhas da sra. Boy de la Tour e várias outras pessoas. A viagem é descrita como desastrosa: muita chuva, nenhum guia, nenhum especialista em botânica, ninguém que conhecesse a montanha. Em suma, péssima temporada para observar as plantas. Além disso, Sultão, o cachorrinho companheiro de herborização, fugiu para a floresta depois de brigar com outro cachorro. Rousseau pensou tê-lo perdido para sempre, mas encontrou-o misteriosamente bem quando retornou a Monquin, seis dias depois.

Em setembro, Rousseau pediu que a Sra. Boy de la Tour lhe arrumasse um instrumento musical. Não gostava muito de herborizar no inverno e era preciso manter sua mente ocupada. Sabemos que a música havia sido sempre sua grande paixão, mas, nestes últimos anos, a botânica vinha ocupando bem mais seu tempo

⁶²⁵ CG XIX, p. 88.

⁶²⁶ Cf. ROUX, C. *Les herborisations de J.-J. Rousseau à la Grande-Chartreuse en 1768 et au Mont Pilat en 1769*, para um relato mais detalhado dessa herborização

livre. Ora, se o pendor pela botânica tornara-se maior do que o pendor pela música, é porque ela interrompia convenientemente a dinâmica da intersubjetividade, possibilitando o abandono momentâneo “do universo da cultura e da maldade”, ao passo que a música, a seus olhos produto inequívoco da cultura, era “signo absolutamente certo da presença de um outro homem”⁶²⁷.

Ao Senhor

Senhor Moulou⁶²⁸

Na casa da Sra. de Gremian

Montpellier⁶²⁹

Monquin, 14 de fevereiro de 1769

[87] Estou desalojado, caro Moulou: deixei o ambiente pantanoso de Bourgoin para vir ocupar uma casa vazia e solitária nas alturas, que a senhora a quem ela pertence ofereceu-me há muito tempo, e onde fui recebido com uma hospitalidade muito nobre, mas boa demais para fazer-me esquecer que não estou em casa. Tendo tomado esta decisão, o estado em que me encontro não me permite mais pensar em outra habitação; a própria honestidade não me permitiria deixá-la tão rapidamente depois de ter consentido que ela fosse preparada para mim. Minha situação, a necessidade, meu gosto, tudo leva-me a limitar meus desejos e meus cuidados a terminar na solidão destes dias, que, graças aos Céus e ao que quer que possais dizer, não acredito que estejam longe do fim. Oprimido pelos males da vida e pela injustiça dos homens, aproximo-me com alegria de uma estadia onde tudo isso não penetra em absoluto; e, enquanto espero, já não quero ocupar-me, se possível, senão de reaproximar-me de mim mesmo, e de saborear aqui, entre a companhia de meus infortúnios e meu coração, e Deus que o vê, algumas horas de doçura e paz, enquanto aguardo a última. Assim, meu bom amigo, falai-me de vossa amizade por mim, ela me será sempre cara, mas não me faleis mais de projetos. Não há mais nenhum para mim neste mundo senão o de deixá-lo com a mesma inocência em que nele vivi.

⁶²⁷ PRADO JR., B. *A retórica de Rousseau*, p. 312.

⁶²⁸ Paul-Claude Moulou (1731-1787), pastor protestante que realizou com Du Peyrou a primeira edição póstuma das obras de Rousseau.

⁶²⁹ CG, volume XIX.

[88] Vi, meu amigo, em algumas de vossas cartas, principalmente na última, que a torrente da moda vos está conquistando e que vós começais a vacilar em sentimentos nos quais eu vos pensava inabalável. Ah! caro amigo, como fizestes? Vós, em quem sempre acreditei ver um coração tão saudável, uma alma tão forte, cessais então de estar contente convosco, e o testemunho secreto de vossos sentimentos começaria a tornar-se a vós importuno? Sei que a fé não é indispensável, que a incredulidade sincera não é crime, e que seremos julgados pelo que tivermos feito, e não pelo que tivermos acreditado. Mas tomai cuidado, conjuro-vos, em ter de fato boa fé, pois é muito diferente não ter acreditado ou não ter querido acreditar; e posso conceber como aquele que nunca acreditou não acreditará jamais, mas não como aquele que acreditou pode deixar de acreditar. Mais uma vez, o que vos peço não é tanto fé, mas boa-fé. Quereis rejeitar a inteligência universal? As causas finais vos furam os olhos. Quereis sufocar o instinto moral? A voz interna eleva-se em vosso coração, nele destrói os pequenos argumentos da moda e vos clama que não é verdade que o homem honesto e o celerado, o vício e a virtude, não são nada; pois vós sois um raciocinador muitíssimo bom para não ver imediatamente que rejeitando a causa primeira e fazendo tudo com a matéria e o movimento remove-se toda moralidade da vida humana. O que, meu Deus! o justo desafortunado, vítima de todos os males desta vida, sem exceção sequer do opróbrio e da desonra, não teria nenhuma compensação a esperar depois dela, e morreria como uma besta depois de ter vivido em Deus? Não, não, Moulto; Jesus, que este século não compreendeu, porque é indigno de conhecê-lo, Jesus, que morreu por ter querido fazer dos seus vis compatriotas um povo ilustre e virtuoso, o sublime Jesus não morreu inteiramente na cruz; e eu, que sou apenas um mísero homem cheio de fraquezas, mas que me sinto um coração do qual um sentimento de culpa jamais se aproximou, isso basta para que, ao sentir a aproximação da dissolução de meu corpo, sinto ao mesmo [89] tempo a certeza de viver. A natureza inteira assegura-me disso. Ela não é contraditória consigo própria: nela vejo reinar uma ordem física admirável e que não se desmente jamais. A ordem moral nela deve corresponder. Isso foi, no entanto, invertido para mim durante a minha vida; ela vai então começar quando eu morrer. Perdão, meu amigo, sinto que estou me

repetindo, mas meu coração, cheio para mim de esperança e de confiança, e para vós de interesse e de apego, não pôde recusar esse breve desabafo.

Não penso mais em Lavagnac, e provavelmente minhas viagens acabaram. No entanto, recebi recentemente uma carta do dono da cabana, tão cheia de bondade e amizade como ele jamais me escrevera, e que dá sua aprovação a outra proposta que me foi feita; mas ficar sempre planejando não me convém mais. Quero gozar entre mim e a natureza os poucos dias que me restam, se possível sem me permitir caminhar novamente entre os homens, que me trataram e me conheceram tão mal. Embora não possa mais me abaixar para herborizar, não posso abrir mão das plantas e observo-as com mais prazer do que nunca. Não digo para enviar-me as vossas, pois espero que as tragais: este momento, caro Moulou, ser-me-á muito doce. Adeus, [90] um abraço; compartilhai todos os sentimentos de meu coração com vossa digna metade e recebei ambos os respeitos da minha. Ela continuará a lamentar-se. É apesar dela, é apesar de nós, que ela e eu não conseguimos cumprir grandes deveres. Mas ela cumpriu alguns bem respeitáveis. Quantas coisas que deveriam ser conhecidas serão enterradas comigo, e quanta vantagem meus cruéis inimigos tirarão da impossibilidade em que me colocaram de falar!

Podeis continuar a escrever-me enviando simplesmente para *Bourgoin*.

Esqueci de vos contar sobre a carta ao Sr. de Mirabeau. Escrevi-a por pura complacência, apenas para ele e de jeito nenhum para ser impresso, depois de fortes e frequentes súplicas de sua parte para que eu lesse *L'Ordre essentiel des société politiques*, que ele me enviou, e lhe dissesse minha opinião. Fiz isso pela carta em questão, escrita desatinadamente, com pressa, e versada nos segredos da amizade. Ele respondeu com outra longa carta, que ele me pediu, muito tempo depois, com insistência, permissão para imprimir. Eu não podia recusar-lhe meu consentimento para a sua carta, com a qual ele também imprimiu a minha, sem me ter prevenido de qualquer forma. Não vi este impresso, nem mesmo pude reler minha carta, da qual me foi impossível encontrar o rascunho e da qual não me lembro de nada, exceto que lhe disse minha opinião redondamente, como ele tinha desejado, mas que de resto estava muito descuidada e sem condições de ver a luz do dia. Eis, caro Moulou, a mais pura verdade. Assim, vedes que não estou em condições de vos enviar esta carta, pois não a tenho e nem mesmo a vi novamente.

Não tomeis isso como uma desculpa e tenhais a certeza de que eu nunca o faria convosco.

Ao Sr. Du Peyrou ⁶³⁰

Segunda-feira, 28 de fevereiro de 1769

[92] Estou em minha montanha, meu caro anfitrião, onde meu novo estabelecimento e meu estômago me dificultam escrever, do contrário não teria esperado tanto para vos pedir notícias frequentes da Senhora Comandante até sua completa recuperação, da qual, em vossa penúltima carta, a esperança junta-se ao desejo. Quanto a mim, minha condição não piorou desde que cheguei aqui; mas ainda sofro muito. Errei ao não vos informar da recuperação da Senhora Renou, que não ficou acamada senão por alguns dias; mas imaginai como foi os dois estarmos ao mesmo tempo quase no extremo em uma estalagem ruim.

Não houve meios de obter de Fréron o manuscrito em que o discurso em questão foi impresso; mas vejo, pelo que me apontais, que a cópia clandestina foi feita antes das correções, que, contudo, são bastante antigas⁶³¹; elas não impedem que a obra, assim corrigida, seja uma porcaria; julgai como deveria estar no estado em que a imprimiram. O pior é que Rey e os outros não deixarão de inseri-lo neste estado na coletânea de meus escritos. O que posso fazer? Nada disso é culpa minha. No estado em que estou, tudo o que resta a fazer, quando todos os males são sem remédio, é permanecer tranquilo e não se atormentar com nada.

O Sr. Séguier,⁶³² famoso pelo *Plantae Veronenses*, que talvez tenhais, ou deveríeis ter, acaba de me enviar algumas plantas que me fizeram retornar ao meu herbário e aos meus livros. Sou agora rico demais para não sentir a privação do que me falta. Se entre aquelas que vos promete o *parolier*⁶³³ pudessem se

⁶³⁰ CG, volume XIX.

⁶³¹ Rousseau refere-se ao texto *La Vertu la plus nécessaire aux héros*.

⁶³² Jean-François Séguier (1703-1784), formou-se em direito, mas apaixonou-se pela botânica. Estudou-a em Paris junto de Antoine de Jussieu. O livro a que Rousseau se refere, em três volumes, foi resultado dos vários anos que Séguier passou na Itália, estudando a flora de Verona.

⁶³³ Não há consenso a quem se refere o apelido *le parolier*, que Rousseau emprega aqui. Pode referir-se a Gagnebin ou a Abraham de Pury, sogro de Du Peyrou, que também herborizava.

encontrar a *grande Genciana púrpura*,⁶³⁴ [93] o *Thora valdensium*,⁶³⁵ o *Epimedium*, e alguns outros, o todo bem conservado e em flor, confesso-vos que este presente dar-me-ia o maior prazer, pois sinto que apesar de tudo a botânica me domina. Herborizarei, meu caro anfitrião, até a morte e além; pois, se houver flores nos campos elísios, com elas formarei coroas para os homens verdadeiros, francos e retos, e aqueles que certamente merecia ter encontrado sobre a terra.

Adeus, meu caríssimo anfitrião, meu estômago adverte-me de terminar antes que a moral me vença; pois isso me levaria longe. Meu coração vos segue ao pé da cama da boa mamãe. Um abraço no bom Jeannin.

Ao Sr. [Pierre] Clappier Filho
Doutor em Medicina em Grenoble ⁶³⁶

Monquin, 17 de abril de 1769

[106] Permitti-me, Senhor, que eu tome a liberdade de vos enviar o livro anexo, supondo que talvez não faça parte de vossa coleção. Trata-se do *Synopsis*, de Ray e de Dillenius, arranjado pelo doutor Hill segundo o sistema de Lineu, e prejudicado por essas transposições muitas vezes cortarem de uma maneira ridícula o texto dos primeiros autores.⁶³⁷ Contudo, como esta obra é frequentemente citada por Lineu e contém muitas observações que não se encontram em nenhum outro lugar, supus que, caso não a tivésseis, ela poderia vos dar algum prazer, dado que é rara no continente.

Eis, Senhor, o tempo de retomar o estudo das plantas no livro⁶³⁸ que recomendais e que ledes tão bem. Ater-me-ei a ele aqui nas herborizações que minha saúde me permite retomar e que meu gosto não me permite abandonar, pois minha memória, absolutamente em falta, torna inútil o estudo de qualquer outro livro, e até mesmo da *Philosophia botanica* que, seguindo vosso conselho, quis

⁶³⁴ *Gentiana purpurea*, L.

⁶³⁵ *Ranunculus thora*, L.

⁶³⁶ CG, volume XIX.

⁶³⁷ Johann Jacob Dillenius (1684-1747) foi um botânico alemão, radicado na Inglaterra, que publicou, em 1724, a terceira edição da *Sinopse Methodica Stirpium Britannicarum* de John Ray. John Hill (1717-1775), por sua vez, foi um botânico britânico que realizou uma revisão lineana desta terceira edição de Ray por Dillenius.

⁶³⁸ O livro da natureza.

retomar e do qual fui obrigado a desistir, pela impossibilidade de reter qualquer coisa dele.

Uma coisa que me teria sido muito mais útil, teria sido acompanhar-vos em algumas de vossas herborizações e seguir a pista de vossas descobertas, recolhendo algo aqui e ali. Se em suas expedições o Sr. Liotard encontrasse por acaso a grande genciana púrpura, *Epimedium* em flor, *Cortusa*, [107] *Soldanella*, etc., eu lhe ficaria muito grato se ele não se esquecesse de mim. Desculpai as liberdades que tomo, mas suponho que o vedes todos os dias. Aceitai, vos suplico, minhas mais humildes saudações; abraço-vos, Senhor, de todo coração.

Renou

Ao Senhor

Senhor Du Peyrou

Aos cuidados do Sr. Junet, diretor dos Correios

Pontarlier⁶³⁹

Este 19 de maio de 1769

[111] Soube de vossa perda, meu caro anfitrião, e sinto-a bem; mas não é uma perda recente para a qual não estivésseis preparado. Não quero vos consolar senão pelo detalhe que me destes a respeito do estado da falecida. Há muito tempo ela havia cessado de viver, ela não fez senão cessar de sofrer, e vós de compartilhar seus sofrimentos. Não há nada de que se afligir. Mas vossa perda, por ser de alguma forma antiga, não é menos real e não menos irreparável; e é nisso que vossas mágoas devem cair: tendes um verdadeiro amigo a menos, e um amigo que não pode ser substituído. Que nunca mais tenhais que chorar o que chorais hoje! Mas tal é a lei da natureza, é preciso abaixar a cabeça e resignar-se.

A natureza que se reanima também me reanima. Recupero as forças e herborizo. O lugar onde estou seria muito agradável se tivesse outros habitantes; eu havia semeado algumas plantas no jardim, elas foram destruídas. Isso me determinou a não ter outro jardim além dos prados e dos bosques. Enquanto eu

⁶³⁹ CG, volume XIX.

tiver forças para neles caminhar, encontrarei prazer em viver; é um prazer que os homens não me tirarão, porque ele tem sua fonte dentro de mim.

Devo agradecer pelo me envio que me fizestes; falarei mais amplamente sobre ele quando chegar a mim. Não entendo muito bem porque, sabendo que [112] não quero mais manter qualquer tipo de correspondência em Genebra, não deixastes de escolher esse longo desvio e o endereço do Sr. d'Ivernois, que continua a vir me ver, na verdade, mas sem que eu saiba com que propósito e sem que ele se incomode de forma alguma se isso me agrada ou não, enquanto vós poderíeis, muito mais simplesmente, me fazer o mesmo envio diretamente para Lyon, pela Sra. Boy de la Tour. O sr. d'Ivernois escreveu para me contar sobre essa mesma remessa, que até agora não chegou até mim.

Adeus, meu caro anfitrião, eis que esperam minha carta e eu a termino muito apressadamente, abraçando-vos de todo meu coração.

Ao Sr. [Pierre] Clappier Filho
Doutor em Medicina em Grenoble⁶⁴⁰

Monquin, 26 de maio de 1769

[112] Estou, Senhor, em [estado de] admiração diante das belas plantas que tivestes a generosidade de enviar-me, e pelas quais agradeço-vos de todo o coração. À sabedoria de conhecê-las bem, juntais a arte particular de bem preservá-las, e eu não nem chego perto de nenhuma delas. Eu tinha o *calceolus*, eu tinha o *uvularia*, mas não em um estado próximo da perfeição dos vossos. Eu também havia encontrado neste país o *carex*, que dizeis não ser descrito por Lineu, e eu o tinha relacionado com o *carex digitata* do mesmo autor, do qual deveis convir que [113] ao menos se aproxima muito, se não é uma variação. Encontrei também perto de Gisors, em grande abundância, o *Gentiana pumila* do Sr. Gouan; mas não me detive nele, tomando-o apenas como uma variedade da pequena centáurea; talvez seja por isso que o próprio Lineu não o mencione. Ao menos não diria que o Sr. de Jussieu tenha razão em acreditar que este autor o confundiu com o *Gentiana filiformis*, ao qual ele atribui suas verdadeiras

⁶⁴⁰ CG, volume XIX.

características essenciais que não se adequariam ao outro. Pelo contrário, duvidaria que o próprio Sr. Gouan tivesse conhecido bem o *Gentiana filiformis*, posto que lhe dá (*Flora Mousp*, p. 469) um sinônimo de Magnol⁶⁴¹ que não lhe convém de forma alguma, o *Gentiana filiformis* não sendo púrpuro e dificilmente podendo ser chamado de ramoso, pois, como diz muito bem Sauvages, ele não tem comumente senão três flores. Acrescento que, por comparação com esta pequena planta, o nome trivial de *pumila* parece pouco adequado ao outro, que é pelo menos quatro ou cinco vezes maior. Perdoai-me, Senhor, a impertinência com a qual me atrevo a fazer observações críticas diante de vós, mas é para vos provar que não negligencie as vossas e que as estudo como merecem. A sinonímia é a parte desoladora da botânica e sem a qual, porém, é impossível ao observador tirar proveito das observações dos outros, algo muito necessário a quem não pode ver tudo com os próprios olhos. Dentre o pequeno número de livros de botânica de que possuo, faltam-me os mais necessários, não tenho senão três de Lineu: mas esses tipos de livros são tão caros e tão raros, sobretudo na França, onde a botânica é pouco cultivada, que depois de muitas procuras infrutíferas para adquirir o que me falta decidi passar sem eles. Vossas lições, Senhor, podem compensar muitas coisas e, enquanto não desdenhardes em concedê-las a mim, não perderei a coragem, apesar de meu pequeno progresso. Mais uma vez, envio-vos os meus agradecimentos e as minhas mais humildes saudações.

Renou

[114] Não tive o prazer de ver o sr. Faure⁶⁴², que, pela pressa de partir, enviou-me o pacote de Bourgoin.

Minha carta escrita, recebo da parte do Sr. Liotard uma caixa com a postagem no valor de mais de oito libras: não estando em condição de pagar as plantas a esse preço, devolvo a caixa ao correio sem abri-la. Permiti-me, Senhor, pedir-vos que advirta o Sr. Liotard a não mais enviar-me nada, nem por correio nem de outra forma, pois ele e eu temos muita dificuldade em nos entender. Quando peço que ele não me envie nada, quero dizer em plantas, quanto à nota do preço do ornitogalo, do que ele me enviou na caixa que mandei voltar, e da

⁶⁴¹ Pierre Magnol (1638-1715), médico e botânico de Montpellier.

⁶⁴² André Faure (1739-1815), livreiro em Grenoble.

postagem das cartas, ele deve me passar, para que eu possa acertar-me com ele. Perdão, Senhor.

Senhora Duquesa de Portland ⁶⁴³

De Bourgoïn, Delfinado, 21 de agosto de 1769

[142] Senhora Duquesa,

Duas viagens consecutivas, imediatamente após o recebimento da carta com que me honrastes no último 5 de junho, impediram-me de vos expressar minha alegria mais cedo, tanto pela conservação de vossa saúde, quanto pelo restabelecimento da saúde do querido filho com o qual estáveis preocupada, e minha gratidão pelas provas de lembrança que tivestes a gentileza de conceder-me. A segunda dessas viagens foi feita em vossa intenção, e, vendo passar a temporada de herborização que eu tinha em vista, preferi nesta ocasião o prazer de vos servir à honra de vos responder. Parti, então, com alguns amadores, ao monte Pila, a doze ou quinze léguas daqui, na esperança, Senhora Duquesa, de encontrar algumas plantas ou algumas sementes que merecessem um lugar em vosso herbário ou em vosso jardim. Não tive a felicidade de cumprir minha expectativa como gostaria. Era tarde demais para flores e sementes; a chuva e outros acidentes, nos contrariando sem cessar, me concederam uma viagem tão pouco útil quanto agradável, e eu não trouxe quase nada. Eis, no entanto, Senhora Duquesa, uma nota sobre os fragmentos de minha miserável coleta. Trata-se de uma pequena lista de plantas das quais consegui salvar algo *in natura*, e acrescentei uma estrela a cada uma daquelas das quais recolhi algumas sementes, a maioria delas em quantidade muito pequena. Se dentre as plantas ou as sementes há algo, ou o todo, que possa vos agradar, dignai, Senhora, honrar-me com vossas ordens e dizer-me a quem eu poderia enviar o pacote, seja em Lyon ou em Paris, [143] para fazê-lo chegar a vós. Tenho o todo pronto para partir imediatamente após receber vossa nota. Mas temo que não haja nada digno de estar ali, e que continuo a ser para convosco um criado inútil, apesar de seu zelo.

⁶⁴³ CG, volume XIX.

Tenho a mortificação de não poder, no momento, enviar-vos, Senhora Duquesa, sementes de *Gentiana filiformis*, a planta sendo muito pequena, muito fugidia, difícil de notar aos olhos dos que não são botânicos, um pároco, com quem pretendia contar para este propósito, tendo morrido nesse meio tempo, e não conhecendo ninguém no país a quem pudesse dar o encargo.

Uma luxação que sofri na mão direita por uma queda, não me permitindo escrever senão com grande dificuldade, obriga-me a terminar esta carta mais cedo do que gostaria. Dignai-vos, Senhora Duquesa, em aceitar gentilmente o zelo e o profundo respeito de seu muito humilde e muito obediente criado e herborista.

Renou

Plantas trazidas de monte Pila e das margens do Ródano. Aquelas das quais consegui recolher algumas sementes estão marcadas com uma estrela.

Digitalis purpurea.

Digitalis lutea major. Lineu não falou desta planta.

*Arnica montana.

*Doronicum pardalianches.

Aconitum napellus.

Arbutus alpina.

*Athamanta meum.

Vaccinium Myrtillus.

Rosa alpina.

Impatiens noli me tangere.

*Melissa grandiflora.

[144] Daphne Mezereum.

Antirrhinum purpureum.

Antirrhinum bellidifolium.

*Polygonum Bistorta.

Prenantes purpurea.

Alchemilla vulgaris.

*Alchemilla alpina.

Cratægus aria.

Celtis australis.

Polypodium rhæticum.

Polypodium Dryopteris,

Acrostichum septentrionale.

*Cotyledon umbilicus. ♀

*Dianthus superbus.

**Gypsophila muralis*.
 **Carthamus lanatus*.
 **Oenothera biennis*.
 **Mœcrinigia muscosa*
 Sichen⁶⁴⁴ *usnea*.
Genista sagitalis.
Nardus stricta.
Festuca vivipara.

Ao Sr. Laliaud ⁶⁴⁵

Monquin, 27 de agosto de 1769

[145] Uma viagem botânica, Senhor, que fiz ao monte Pila quase ao chegar aqui, privou-me do prazer de vos responder tão logo como deveria. Essa viagem foi desastrosa: sempre chuvosa; encontrei poucas plantas e perdi meu cachorro, ferido por outro e fugitivo; julguei-o morto no bosque por causa do ferimento, ao regressar encontre-o aqui em boa saúde, sem que eu pudesse imaginar como ele poderia ter viajado doze léguas e cruzado o Ródano no estado em que estava. Tendes, senhor, a doçura de rever vosso lar e de viver em meio a vossos amigos. Eu participaria dessa felicidade vendo-vos gozá-la, mas duvido que o céu me destine a essa partilha. Encontrei a Sra. Renou em boa saúde: ela agradece a vossa lembrança e vos saúda de todo coração. Faço o mesmo, forçado a ser breve, por causa do cuidado exigido por algumas plantas que trouxe de volta e algumas sementes que destinava à Senhora de Portland, o todo tendo chegado aqui meio apodrecido pela chuva. Gostaria pelo menos de salvar alguma coisa, para não ter desperdiçado completamente minha viagem e o trabalho de recolhê-las. Adeus, meu caro Senhor Laliaud, conservai-vos e vivei contente.

⁶⁴⁴ Uma nota de rodapé do original aponta que o copista pode ter cometido erros de transcrição, e que provavelmente trata-se da palavra “Lichen”.

⁶⁴⁵ CG, volume XIX.

Ao Sr. [Pierre] Clappier Filho,
Doutor em Medicina, em Grenoble ⁶⁴⁶

Monquin, 31 de agosto de 1769

[147] Duas viagens, Senhor, que fiz uma após a outra, atrasaram os agradecimentos que vos devo e que vos faço de todo coração por vossa obsequiosa e instrutiva carta de 30 de junho. Para não prolongar os mesmos assuntos, não voltarei às luzes que extraí dela tanto para as gencianas quanto para os Carex; limito-me a agradecer-vos por isso.

A segunda das duas viagens de que acabo de falar teve como único objetivo a botânica, como destinação o Monte Pila, e não teve o sucesso que eu esperava, tendo sido feita tarde demais para as plantas, cedo demais para as sementes, a chuva nos tendo sempre contrariado, e a ignorância do local nos tendo feito vagar sem saber encontrar os verdadeiros lugares das plantas. Não encontramos, portanto, senão algumas plantas comuns em quase todas as montanhas, o Meum⁶⁴⁷, a Bistorta⁶⁴⁸, o Acônito⁶⁴⁹, a Uva-de-urso⁶⁵⁰, a Arnica⁶⁵¹, o Dorônico⁶⁵², o Mirtilo⁶⁵³, a Balsamina-do-mato⁶⁵⁴, o *Cacalia*, os dois *digitalis*⁶⁵⁵, etc. Apenas uma planta grande deu-me grande prazer. A princípio, pensei que fosse uma alface azul, mas, examinando-a com calma, pensei tê-la reconhecido como o *Sonchus alpinus*; infelizmente, o [148] único espécime que trouxe está tão estragado pela umidade que não é nem conservável. Mas, afinal, é sempre uma nova que conheço, e como quase não tenho talento para isso, aquelas que apanho aqui e ali dão-me sempre muito gosto. Outra que conheci foi o *Oenothera biennis*, que encontramos perto do Ródano e que já havia visto em minha primeira viagem às margens do Loire, em ilhotas formadas pelas areias; o que, o que quer que digam os botânicos, me faz presumir que esta planta seja nativa, assim como o *Erigeron canadense*, que se encontra em profusão nos lugares mais selvagens, o

⁶⁴⁶ CG, volume XIX.

⁶⁴⁷ *Athamanta meum* L. As plantas que Rousseau menciona aqui aparecem também na lista enviada à Duque de Portland, na carta do dia 21 de agosto de 1769.

⁶⁴⁸ *Polygonum Bistorta* L.

⁶⁴⁹ *Aconitum napellus* L.

⁶⁵⁰ *Arctostaphylos uva-ursi* (L.) Spreng.

⁶⁵¹ *Arnica montana* L.

⁶⁵² *Doronicum pardalianches* L.

⁶⁵³ *Vaccinium myrtillus* L.

⁶⁵⁴ *Impatiens noli-tangere* L.

⁶⁵⁵ *Digitalis purpurea* L. e *Digitalis lutea-major* Gilib.

que seria difícil, apesar de seu ligeiro papilho, se não tivesse sido naturalizada entre nós.

Eis, Senhor, um tipo de espécime, possível de se colocar numa carta, de uma outra planta que encontramos nos campos ao longo de nosso caminho e que confesso não ter sabido determinar, tanto por ignorância, quanto por causa de meus olhos ruins. Em flores tão pequenas, a análise da frutificação é certamente uma forma impossível de estudar as plantas para pessoas de minha idade. É por isso, entre outras coisas, que o estudo das gramíneas é minha desolação e que não consigo determinar um quarto das que encontro em meu caminho. As frases do *Species* são tão magras⁶⁵⁶, são tão pouco descritivas, que quando tomadas como único guia, como é o meu caso, está-se sempre impossibilitado de reconhecê-las. Tudo o que posso dizer com hesitação sobre esta planta é que me parece relacionar-se mais com o *Silene mutabilis* do que com qualquer outra expressa na mesma obra. Estou à espera, Senhor, de que vos pronuncieis sobre minha dúvida, para que eu possa sair dela.

Ainda estou em dívida com o Sr. Liotard, mas a culpa é dele se esta dívida não é paga. Não cabe a mim, mas a ele, taxar o preço de seu esforço e dizer o que lhe é devido, para que ele possa ficar satisfeito, tal como eu gostaria.

Recebei, Senhor, suplico-vos, com minhas desculpas pelas importunações que de vez em quando vos faço, meus [149] agradecimentos reiterados por todas as vossas generosidades e minhas muito humildes saudações.

Renou

Esqueci de dizer-vos, Senhor, que o *Poa rigida*, que tivestes a gentileza de enviar-me em vossa carta anterior, lá não foi encontrada.

Desde que escrevi a carta, voltando novamente ao exame da planta, ela me pareceu dióica. Poderia ser o *cucubalus otites*?

⁶⁵⁶ Em francês, *décharnées*, descarnadas.

À Senhora
Senhora Boy de la Tour, nascida Roguin,
Lyon ⁶⁵⁷

Monquin, 19 de setembro de 1769

[156] Se eu não tivesse torcido a mão em uma queda, minha cara amiga, eu vos teria respondido na hora para vos tranquilizar sobre a mordida de meu cachorro que não poderia ter tido nada [157] de sinistro, visto que não foi senão um ciúme de carícias e de preferências que atraiu essa mordida, o que não se parece em nada com aquelas que são perigosas. Ele está perfeitamente curado, assim como, graças aos Céus, um de nossos cavalheiros que foi mordido na perna por outro cachorro.

Não tenhais dúvida, cara amiga, do desejo agudo e verdadeiro que tenho de aproximar-me de vós. Mas os primeiros frios, cujo ataque sinto vivamente, deixam-me com medo, e a temporada de viagens já acabou para mim. Confesso, contudo, que a lembrança do último inverno, passado inteiramente na solidão, incomoda-me com relação a este. No verão, a caminhada e a herborização me divertem e me bastam. Mas no inverno a vida sedentária e a falta de diversão prejudicam minha saúde e até meu humor. Sempre havia tido um instrumento musical que me era muito útil. Senti cruelmente a falta desse recurso nos dois invernos precedentes. Não haveria uma maneira, cara amiga, de conseguir-me um? Pensei que talvez o Sr. Leonis quisesse, mediante vosso pedido, proporcionar-me alguma espineta para alugar por seis meses; ele estaria me prestando um serviço mais essencial do que parece se estivesse disposto a se dar a esse trabalho, e eu lhe ficaria sensivelmente agradecido por isso. Não gostaria de uma que funcionasse mal, gostaria de uma boa espineta em bom estado, e tudo o que é necessário, cordas, penas, martelo, escarlate, para ajustar aqui o que pudesse me desagradar. Imagino que o transporte seria um pouco difícil para que ela não se danificasse muito, e não vejo outro expediente a não ser carregá-la nas costas de um homem. Se fosse possível descobrir aí onde estais um homem atencioso e ajuizado que trataria dela com cuidado ao longo do caminho, ficaria muito inclinado a fazer negócio com ele e a descobrir por meio dele o quanto lhe devo

⁶⁵⁷ CG, volume XIX.

pagar. Caso não encontreis com facilidade o carregador de que precisamos, posso enviar um daqui.

A espineta não se encontrará talvez facilmente. Nesse caso, não poderia eu ter ao menos um Violoncelo, que fosse bom, todo montado, com cordas sobressalentes e breu? Como este instrumento teme menos o transporte, poderia ser enviado [158] de carruagem, ao menos se tivesse um estojo, e endereçado à Bourgoïn, na residência do Sr. la Tour, barbeiro. Se o Violoncelo de aluguel também não puder ser encontrado, eu gostaria ainda, e até de preferência, de um bom Cistro de cinco cordas, montado na parte inferior em cordas enroladas um pouco mais grossas; e também para alugar por seis meses. Por fim, cara amiga, se nada disso puder ser encontrado, contento-me com uma flauta doce, que vos peço que compreis para mim, pois não vale a pena alugá-la. Eis, confesso, encomendas muito inoportunas para as Damas, mas espero que a importância que esse recurso pode ter para mim na minha situação vos faça passar, com sua indulgência comum, por cima da incongruência. A música é para mim um verdadeiro remédio, e talvez o único que pode ser eficaz em minha condição. Desde que eu tenha um instrumento, qualquer que seja, e um pouco de papel pautado, tenho certeza de passar meu tempo sem aborrecimento e sem me afetar muito com nada. A botânica é divertida no verão, mas no inverno é apenas cansativa e quase não diverte. Não preciso de nada que canse minha memória e meu espírito.

Espero que, ao me responder, não façais como eu, que não falo aqui senão apenas de minha carência⁶⁵⁸ (conheceis essa palavra de Genebra?), que me faleis profundamente de vossa saúde, de vós, de vossa família, especialmente de Fourvière,⁶⁵⁹ para onde não escrevo há um tempo infinito. Falai-me de tudo o que sabeis que interessa aos dois solitários que estão aqui contando os dias para chegar até o dia de vos abraçar. Adeus, cara amiga, o comissário está aqui esperando minha carta e obrigando-me a terminá-la.

Nada de Cistro, a menos que seja bom e de cinco cordas. Trouxeram-me um de Lyon que era uma porcária⁶⁶⁰, totalmente impossível de tocar.

⁶⁵⁸ Em francês, *triole*, regionalismo de Genebra que tem o sentido de importunar com demandas.

⁶⁵⁹ Região de Lyon.

⁶⁶⁰ Rousseau usa a palavra *chaudron*, que pode ser usada pejorativamente, em sentido figurado, para qualificar um instrumento musical ruim.

Ao Sr. Gouan, Montpellier ⁶⁶¹

Monquin, 6 de outubro de 1769

[159] Vejo, Senhor, que tendes a bondade de vos preocupar comigo, muito menos ainda do que eu precisaria, mas muito mais do que minha ignorância merece. Sou muito agradecido pelas pesquisas que tivestes a generosidade de fazer a respeito [160] do *Ecphrasis*, de Columna,⁶⁶² mas não abusarei da descoberta que fizestes deste livro para adquiri-lo em vosso prejuízo, não tendo seguramente nem o poder nem a vontade de dar o preço que De Bure⁶⁶³ pede por ele. Assim, Senhor, que não seja eu a vos impedir de fazer a aquisição, se isso vos convier. Uma das coisas que me repugnam na botânica é o enorme preço da maioria dos livros que tratam dela, e a necessidade, todavia, de ter todos ou a maioria desses livros, sobretudo quando, não tendo feito curso ou estudado com nenhum mestre, fica-se reduzido a estudar sozinho. Fui forçado, pela mesma razão, a renunciar ao *Hortus Cliffortianus*⁶⁶⁴, aos *Amoenitates academicae*⁶⁶⁵ e a muitos outros livros que me seriam igualmente necessários para complementar, por suas descrições, a aridez do *Species*⁶⁶⁶ e, sem querer vos desagradar, a do *Hortus Monsp.* e a da *Flora Monspeli*⁶⁶⁷. Escrevestes, Senhor, apenas para os doutos; isso é muito bom. Mas eu precisaria enormemente de livros que ensinassem os ignorantes a tornarem-se doutos. Para tal, seriam necessárias muitas figuras e muitas descrições, e tudo isso encontra-se espalhado em uma biblioteca de botânica tão volumosa e tão ruinosa que, não me bastando os livros que tenho, não vejo outro caminho senão vendê-los para adquirir o resto, ou abandonar tudo.

⁶⁶¹ CG, volume XIX.

⁶⁶² Fabio Colonna (1567-1640), naturalista e botânico italiano. Rousseau refere-se à obra *Minus Cognitarum Rariorumque Nostro Coelo Orientium Stirpium Ekphrasis*, de 1616.

⁶⁶³ Provavelmente um livreiro.

⁶⁶⁴ *Hortus Cliffortianus*, de Lineu, publicado em Amsterdã, em 1737. O livro foi resultado dos dois anos que Lineu passou no jardim de Georges Clifford, jurista e botânico neerlandês. É considerado um marco na botânica por ter dado início ao método moderno de nomenclatura.

⁶⁶⁵ *Amoenitates academicae*, compilação de dissertações dos alunos de Lineu nas áreas de botânica e de zoologia, publicado, em dez volumes, entre 1749 e 1790.

⁶⁶⁶ *Species Plantarum*, publicado por Lineu em 1753.

⁶⁶⁷ Os dois últimos livros citados por Rousseau são de Gouan: *Hortus Regius Monspeliensis* (1762) e *Flora Monspeliaca* (1764). Ambos publicados em Lyon.

Estou muito sensibilizado, Senhor, com a ictiologia⁶⁶⁸ que quereis me oferecer, cujo valor certamente percebo; mas devo-vos prevenir que não poderíeis ter escolhido um leitor mais inepto e menos capaz de compreender-vos. Tenho o cuidado de não querer fazer nenhuma excursão às outras partes da história natural, meu velho cérebro [161] já tendo grande dificuldade em conter a profusão muito pequena de feno com a qual me esforço em fazê-lo pastar. Estais certamente zombando, Senhor, de vosso discípulo caduco e muito indigno quando o consultais sobre as Umbelíferas das quais tendes dúvida. Antes de vossa carta, não tinha dúvida a respeito do *Selinum palustre*⁶⁶⁹: tenho dúvida agora, porque vós a tendes, e não é senão de vós que espero a resolução dessa dúvida. Vejo que, na figura de Crantz⁶⁷⁰, há várias folhas caulinárias: não há senão uma no espécime; em Crantz, as folhas radicais são menores que as caulinárias: no espécime, são maiores. Sr. Guettard⁶⁷¹ diz que a borda das folhas é levemente dentada: no espécime, não é absolutamente; ele acrescenta que as pontas das folhas são cegas: no espécime, elas não somente são pontudas, mas também afiadas; eis tudo o que posso dizer muito grosseiramente sobre este tópico. Parece-me que a questão poderia ser facilmente decidida pela planta fresca, vendo se ela produzia leite. Com relação ao *Seseli pyrenaeum*,⁶⁷² não tendo a honra de conhecê-lo, não poderia falar dele senão como um daltônico. Contudo, a objeção que vós mesmo fazeis à figura das sementes parece-me muito forte. Sr. Lineu fala, na verdade, de uma única folha, tal como está no espécime, mas o ramo não sai da axila, como ele diz. Ele diz de novo, e até repete, que o involucelo é mais longo que a umbélula, e isso não está absolutamente no espécime. Vejo prós e contras em todos os lugares e não sei o que pensar até que tenhais decidido por mim. Com relação ao *Athramanta libanotis*⁶⁷³, não tenho nada a dizer, porque não o encontrei no herbário, e tenho certeza de que não estava lá quando o recebi, porque fiz imediatamente o catálogo em que ele não está; não mais do que o *Selinum carvifolia* de Crantz⁶⁷⁴, cuja figura também tenho nas umbelíferas, figura esta que

⁶⁶⁸ Gouan também estudava peixes. Seu *Historia Piscium* é de 1770.

⁶⁶⁹ *Peucedanum palustre* (L.) Moench

⁶⁷⁰ Heinrich Johann Nepomuk von Crantz (1722-1797), médico e botânico de Luxemburgo.

⁶⁷¹ Jean-Étienne Guettard (1715-1786), naturalista francês. Rousseau se refere à obra *Observations sur les plantes*, publicada em dois volumes, em 1747.

⁶⁷² *Seseli pyrenaeum* L., atualmente *Selinum pyrenaeum* Gouan.

⁶⁷³ *Athamanta libanotis* L., atualmente *Seseli libanotis* (L.) W.D.J. Koch.

⁶⁷⁴ O nome usado por Crantz era *Selinum carvifolium*. Atualmente usa-se *Peucedanum carvifolium*.

não encontro semelhante nas do herbário. Estou certo de que este herbário não me foi dado tal como foi arrumado sob vossos olhos; pois, independentemente das umbelíferas, família sobre a qual [162] não ousou pronunciar, de tanto que ela me parece difícil, há uma grande desordem e muitos nomes errados em todas as outras, principalmente nas verônicas e nas gramíneas. Reparei que o Sr. Dombey⁶⁷⁵ determinava muito levianamente, e se equivocava da mesma forma; dificilmente poderia ter sido diferente em sua idade. Estou convencido de que ele já está mais cauteloso hoje. Sua conduta generosa e honesta merece minha gratidão e meu afeto. Quando tiverdes notícias dele, Senhor, tende a gentileza de me repassar.

Vós fazeis com que eu sinta vivamente minha ignorância e minha miséria pela nota das umbelíferas que me enviais, e das quais não tenho e nem não conheço nenhuma, além do *Selinum carvifolia* (não o de Crantz, mas o de Lineu⁶⁷⁶), que encontrei em Trie há dois anos, e do qual trouxe um único exemplar, que destinava ao meu herbário, mas que vos cederia de bom grado, se vós não o tivésseis e se isso vos agradasse. Este país, muito pobre em Umbelíferas, não fornece nenhuma que eu saiba que corresponda à vossa nota, exceto talvez um pequeno *seseli*, do qual encontrei há alguns dias um único pé, e que se assemelharia muito ao *hippomarathrum* se não fosse o involucelo polifilo⁶⁷⁷. Esta planta me parecia ser aquela que o sr. Haller descreve em sua última edição, nº 762, e que ele relaciona, inapropriadamente, parece-me, ao *Seseli bienne*⁶⁷⁸ de Crantz. Tenho muito pouca visão, Senhor, sou muito preguiçoso, nunca tive a presunção de acreditar que pudesse coletar algo digno de ser oferecido aos botânicos de vossa estatura; e mesmo muito raramente tenho coragem de apanhar qualquer coisa para mim. Minha maneira de herborizar é vagar ao acaso pelo campo e observar, à direita e à esquerda, as plantas que atingem meus olhos, muitas vezes mesmo sem arrancá-las para dissecá-las; podeis imaginar que essa maneira indolente de estudar não deve tornar um iniciante de sessenta anos muito habilidoso. O desejo de fazer-me útil em qualquer coisa junto a vós é capaz de tornar-me vigilante e laborioso, embora isso não [163] seja,

⁶⁷⁵ Joseph Dombey (1742-1794), naturalista francês e aluno de Gouan.

⁶⁷⁶ *Selinum carvifolia* L.

⁶⁷⁷ *Seseli hippomarathrum* Jacq.

⁶⁷⁸ *Seseli bienne* Crantz., atualmente chamado de *Seseli annuum*.

asseguro-vos, um milagre fácil de realizar. Eu não tinha sequer pensado em colher sementes até uma viagem a Pila, que acabei de fazer, e onde não encontrei senão plantas alpinas comuns, exceto o *Sonchus alpinus*⁶⁷⁹, o *Proenanthes viminca*⁶⁸⁰ e o *lichen islandicus*,⁶⁸¹ que acredito serem menos comuns que as demais. Este país é húmido, os *Carex* aqui não faltam; assim eu poderei vos prover deste item no próximo ano. Dai-me vossas ordens, Senhor; talvez o desejo de ser digno delas faça com que eu me esforce o suficiente para me colocar em condições de [vos] seguir. Não tive a honra, que eu saiba, de ver o Senhor Visconde de Saint-Priest⁶⁸². Permitti-me, com a simplicidade e a cordialidade de um pobre herborista, que eu vos saúde e vos abrace, Senhor, de todo coração.

Renou

Ao Senhor
Senhor Richard [de Montenac]
Inspetor Geral dos Correios
Em Lyon ⁶⁸³

Esta quarta-feira, 1º de novembro [de 1769], com muita pressa

[176] Para estudar com sucesso a Natureza deve-se começar por amá-la. Seus tesouros mais raros estão escondidos no coração dos homens justos. É nele, Senhor, que ela é verdadeiramente digna de ser estudada. Vós, que me pareceis feito para ter o gosto deste estudo e inspirá-lo, eu não vos verei novamente? Não renovareis, com um pouco mais de calma, o trabalho piedoso que fizestes em Monquin, e que merece não permanecer imperfeito? Deixastes em mim o mais vivo desejo de vos rever e de conversar convosco. Tenho um herbário, meditei sobre o reino vegetal, sobre o que dá vida às obras da natureza, sobre o tipo de ocupação que pode deixar em uma alma humana a mais durável e mais viva das satisfações. Gostaria de conversar sobre isso convosco mais à vontade. Se pensais

⁶⁷⁹ *Sonchus alpinus* L.

⁶⁸⁰ *Prenanthes viminea* L., atualmente chamado de *Lactuca viminea*.

⁶⁸¹ *Lichen islandicus* L.

⁶⁸² Jean-Emmanuel Guignard, visconde de Saint-Priest (1714-1785).

⁶⁸³ CG, volume XIX.

[177] como Tito, não tereis desperdiçado os dois ou três dias que me dareis. Deveis perceber a impressão que me causastes. Se vós a sustentardes, tereis feito a mais bela e a mais digna obra do homem. Se a desmentirdes... Não estará no poder dos homens piorar meu destino. E mesmo se estivesse, não me arrependerei jamais de ter pensado sobre vós por mim mesmo. Adeus. Se puderdes vir, indicai-me quando, e que ninguém, exceto vosso patrão, seja informado do real motivo de vossa viagem. Abraço-vos ternamente.

Renou

Ao Senhor
Senhor Du Peyrou
Aos cuidados do Sr. Junet, Diretor dos Correios
Pontalier ⁶⁸⁴

Monquin, 15 de novembro de 1769

[181] Estais agora, meu caro hóspede, graças à recaída de que saístes, num desses intervalos felizes durante os quais, não entrevendo senão de longe o regresso dos ataques de gota, podeis gozar de saúde e até mesmo prolongá-la; e estou certo de que o mais doce uso que podereis fazer deste intervalo será em alegrar a vida dessa amável Henriette, que derrama tanta doçura e consolações na vossa. Os detalhes que me dais da maneira como cultivais o fundo de sentimento e razão que encontrastes nela, fazem-me julgar o prazer que deveis encontrar em uma ocupação tão querida, e fazem-me desejar várias vezes durante o dia ter a doçura de ser a testemunha disso: mas, chamado por grandes e tristes deveres a cuidados mais necessários, não vejo a menor chance de me lisonjear por terminar meus dias ao vosso lado. Sinto esse desejo, eu o executaria mesmo que não dependesse senão de minha vontade; a coisa talvez não seja absolutamente impossível: mas estou tão acostumado a ver todos os meus desejos recusados em todas as coisas, que deixei completamente de tê-los, e limito-me a tentar suportar o resto do meu destino de homem tal como agrada ao céu me enviá-lo.

⁶⁸⁴ CG, volume XIX.

Não falemos mais de botânica, meu caro anfitrião; ainda que a paixão que eu tinha por ela não tenha senão aumentado até agora; ainda que essa distração inocente e amável me fosse muito necessária em minha condição, eu a abandono, é preciso fazê-lo; não falemos mais sobre isso. [182] Desde que comecei a dela me ocupar, fiz uma coleção bastante considerável de livros de botânica, entre os quais alguns raros e procurados por botânicos que podem dar algum valor a essa coleção. Além disso, fiz, na maioria desses livros, um grande trabalho com relação à sinonímia, acrescentando à maioria das descrições e figuras o nome de Lineu. É preciso ter experimentado esses tipos de concordância para compreender o trabalho que custam, e o quanto aquele que tive pode evitá-lo àqueles a quem esses mesmos livros serão repassados, caso queiram fazer uso deles. Busco desfazer-me dessa coleção, que está se tornando inútil e difícil de transportar. Gostaria que ela vos pudesse convir; e não perco a esperança de que, quando tiverdes um jardim de plantas, retomeis o gosto pela botânica, o que, na minha opinião, vos seria muito vantajoso. Neste caso, teríeis uma coleção pronta, que poderia ser suficiente, e que dificilmente formaríeis tão completa em detalhes; então pensei que deveria propô-la a vós antes de contar a alguém sobre ela: estou mandando fazer o catálogo; quereis que eu mande alguém vos entregar?

Não me surpreendem em nada os cuidados, as demoras, as despesas inesperadas, os embaraços de todo tipo que vossa construção vos causa: deveríeis ter esperado, e podeis vos lembrar do que vos escrevi e disse sobre esse assunto quando concebestes a empreitada. Contudo, deveis estar no fim da grande tarefa, e o que vos resta a fazer é apenas diversão em comparação com o que foi feito: a menos, no entanto, que cedais à mania de desfazer e refazer; pois, nesse caso, tereis trabalho para a vida toda e não gozará jamais. Recusai totalmente essa tentação perigosa ou prevejo que terminareis mal.

Não soube da boa intenção que tinha o Sr. Descherny⁶⁸⁵ de vir me ver senão quando já tinha partido. Eu lhe seria grato e teria ficado feliz se ele a tivesse executado, e certamente não é minha culpa se ele não o fez.

[183] Adeus meu caro Anfitrião e minha muito amável Anfitriã. Embora esta despedida certamente não seja fria, escrevo-vos muito friamente e com um enregelamento nas mãos, pela obstinação que tenho em não querer mais acender o

⁶⁸⁵ François-Louis d'Escherny (ver lista de figuras históricas ao final).

fogo no meu quarto, visto que a lenha é muito rara e muito cara neste país. A minha esposa saúda-vos de todo coração, ela acaba de ter uma aguda, mas curta doença, da qual, graças ao Céu, recuperou-se muito rapidamente, visto que, não tendo recorrido ao médico, não foi submetida à etiqueta das convalescenças. Eis o banhista⁶⁸⁶ que se encarregará de minha carta. *Vale*.

Ao Sr. M.-M. Rey ⁶⁸⁷

Monquin, por Bourgoïn, 23 de novembro de 1769

(...)

[184] Os livros de botânica que me enviastes deram-me muito prazer, especialmente o Clusius, que é difícil de encontrar. Eles teriam me dado ainda mais prazer se não tivessem chegado no momento em que estava quase renunciando a esse divertimento, pelo qual eles ainda prolongaram um pouco meu gosto. Renuncio a ele, a partir de agora, por muitas razões, mas sobretudo porque senti que me absorvia completamente, que me relaxava o coração, me prendia demasiadamente à vida ociosa e solitária, e me impedia de cumprir deveres indispensáveis que não posso negligenciar sem faltar comigo mesmo. Tenho uma coleção bastante considerável de livros de botânica e um herbário dos quais quero desfazer-me, de modo a afastar toda oportunidade de recair nesta mania que se tornou para mim uma verdadeira paixão de criança, ou melhor, de velho caduco; pois é sabido que não se aprende mais nada em minha idade, e que se aprendia alguma coisa um dia, era esquecendo o que havia aprendido no dia anterior.

(...)

⁶⁸⁶ Em francês, *baaigneur*, acredito que se refira à pessoa que trabalhava nos banhos públicos.

⁶⁸⁷ CG, volume XIX.

Ao Sr. Laliaud ⁶⁸⁸

Monquin, 30 de novembro de 1769

[186] Soube com prazer, Senhor, que gozais com boa saúde e agradavelmente do belo clima em que viveis, e que estais satisfeito tanto com vossa estadia quanto com vossa colheita. Adivinhastes corretamente que enquanto o calor do sol ainda vos forçava por vezes a procurar sombra, eu estava reduzido a manter-me perto do fogo, e já tínhamos tido geadas severas e neve duradoura muito antes da chegada de vossa carta. Isso, Senhor, entristece-me em uma coisa, que é não poder mais executar, para este ano, vosso pequeno encargo de roseiras com folhas perfumadas, visto que, tendo perdido há muito todas as suas folhas, elas seriam agora impossíveis de distinguir e difíceis até de encontrar. Estou, então, obrigado a adiar esta procura para o próximo ano, e vos asseguro que me dais a oportunidade de uma pequena herborização muito agradável, pensando que a realizo para o vosso jardim.

Devo-vos e faço-vos, Senhor, meus agradecimentos pelos louros que tendes a boa intenção de enviar-me para o meu herbário, embora não me lembre de forma alguma de termos falado sobre isso. Eles não deixarão de encontrar seu lugar e de me relembrar de vossa obsequiosa lembrança pelo tempo em que eu ficar de posse de meu herbário; pois este poderia em breve mudar de mestre, assim como meus livros sobre plantas, dos quais estou tentando desfazer-me, estando a ponto de abandonar completamente a botânica.

Cumpri vosso encargo junto a Senhora de Lessert, e não tenho dúvida de que, em sua primeira carta, ela me encarregue [187] de vos agradecer e saudar. Ela teve a bondade de me providenciar uma boa espineta para este inverno: esse instrumento ainda me dá prazer e alguns momentos de diversão, mas não me fornece mais novas idéias de música, e tentei em vão colocar alguma delas no papel. Não me veio nada, e sinto que de agora em diante devo desistir da composição como de tudo o mais. Isso não surpreende.

Adeus, Senhor; o lindo sol que faz aqui neste momento me leva a imaginar passeios deliciosos nesta estação na região onde estais, e se eu estivesse aí

⁶⁸⁸ CG, volume XIX.

também, gostaria muito de fazê-los convosco. Adeus novamente, ficai bem, divirti-vos, e dai-me, de vez em quando, vossas notícias.

Ao Sr. de La Tourrette
Conselheiro do Tribunal das Moedas de Lyon ⁶⁸⁹

Monquin, 17 de dezembro de 1769

[192] Demorei alguns dias, Senhor, para acusar o recebimento do livro que tivestes a bondade de enviar-me da parte do Sr. Gouan, e para vos agradecer por livrar-me de um envio que eu tinha que fazer e por permitir-me o prazer de conversar um pouco mais longamente convosco.

Não me surpreende que tenhais voltado da Itália mais satisfeito com a natureza do que com os homens; é o que geralmente acontece com bons observadores, mesmo em climas onde é ela menos bela. Sei que há poucos pensadores naquele país; mas não concordaria absolutamente que nele se encontre apenas satisfação para os olhos, gostaria de acrescentar as orelhas.⁶⁹⁰ De resto, quando soube de vossa viagem, temi, Senhor, que as outras partes da história natural fizessem algum mal à botânica, e que trouxésseis daquele país mais raridades para vosso gabinete do que plantas para vosso herbário. Presumo, pelo tom de vossa carta, que me enganei muito. Ah! Senhor, faríeis grande mal à botânica ao abandoná-la após ter-lhe mostrado tão bem, por meio do bem que já lhe fizestes, aquele que ainda podeis fazer-lhe.

Fazeis-me sentir e deplorar minha miséria, ao pedir-me para prestar contas de minha herborização em Pila. Estive por lá numa má estação, com um péssimo tempo, como sabeis, com péssimos olhos, e com companheiros de viagem ainda mais ignorantes do que eu e, por conseguinte, [193] desprovido dos recursos para suprir meus conhecimentos de que contava na Grande Cartuxa. Acrescentarei que, em minha opinião, não há comparação a ser feita entre as duas herborizações e que a de Pila parece-me tão pobre quanto a da Cartuxa é abundante e rica. Não vi um único *astrantia*, um único *pyrola*, um único *soldanella*, uma única umbelífera,

⁶⁸⁹ CG, volume XIX.

⁶⁹⁰ Provável referência à música italiana.

exceto o *meum*; tampouco um saxifraga, uma genciana, uma leguminosa, um belo *didynamia*,⁶⁹¹ exceto a melissa de flores grandes⁶⁹². Confesso também que vagávamos sem guias e sem saber onde procurar lugares férteis, e não me surpreende, levando em conta todas as vantagens que me faltavam, que encontrastes nesta triste e miserável montanha riquezas que eu não vi. Seja como for, envio, Senhor, a pequena lista do que vi por lá, em vez do que trouxe de volta; pois a chuva e minha imperícia fizeram com que quase tudo o que eu havia coletado se encontrasse estragado e apodrecido quando cheguei aqui. Não há em tudo isso senão duas ou três plantas que me deram grande prazer. Coloco no topo da lista o *sonchus alpinus*, planta de cinco pés de altura cuja folhagem e porte são admiráveis, e à qual suas grandes e belas flores azuis lhe conferem um brilho que a torna digna de entrar em vosso jardim. Eu teria gostado muitíssimo de ter sementes dela; mas isso não foi possível, estando, o único pé que encontramos, em floração recente; e, considerando o tamanho da planta, e que ela é extremamente aquosa, mal consegui preservar alguns fragmentos meio podres. Como encontrei outras plantas bastante bonitas no caminho, acrescentei-as à nota separadamente, para não confundir com aquelas que encontrei na montanha. Quanto à designação específica dos lugares, é-me impossível vos dar; pois, além da dificuldade de fazê-lo de forma inteligível, eu mesmo não me lembro; minha visão fraca e meu atordoamento fazem com que eu quase nunca saiba onde estou; não consigo me orientar e me perco a cada momento quando estou sozinho, assim que perco de vista minha indicação.

[194] Lembrais-vos, Senhor, de uma pequena junça que encontramos em abundância perto da Grande Cartuxa e que eu pensei primeiramente ser o *Cyperus fuscus*, Lin.? Não é ele de jeito nenhum, e não há menção dele, que eu saiba, nem no *Species*, nem em qualquer autor de botânica, exceto *Michelius*, do qual eis a frase: *Cyperus radice repente odorâ, locustis unciam longis et lineam latis*. Tab. 31. f. 1.⁶⁹³ Se tiverdes, Senhor, alguma informação mais precisa ou mais segura sobre a referida junça, ficaria muito agradecido se me informásseis.

⁶⁹¹ Classe de plantas segundo o sistema de Lineu.

⁶⁹² *Melissa grandiflora* L.

⁶⁹³ *Nova Plantarum Genera* (1729), de Pier Antonio Micheli (1679-1737), botânico italiano.

A botânica se torna um aborrecimento tão embaraçoso e tão dispendioso quando dela nos ocupamos com muita paixão que, para implementar uma reforma, estou tentado a desfazer-me de meus livros sobre plantas. A nomenclatura e a sinonímia formam um estudo imenso e penoso: quando não queremos senão observar, nos instruir e nos divertir, não precisamos de tantos livros entre a natureza e nós. Eles são necessários, talvez, para se ter alguma ideia do sistema vegetal e aprender a observar; mas quando nossos olhos estão abertos, por mais ignorante que sejamos, não precisamos mais de livros para ver e admirar sem cessar. Quanto a mim, pelo menos, em quem a obstinação mal compensou a memória, e que não fiz senão muito pouco progresso, sinto, no entanto, que com as gramas de um quintal ou de um prado teria o suficiente para manter-me ocupado pelo resto de minha vida, sem jamais ficar entediado sequer por um momento. Perdão, Senhor, por toda essa longa tagarelice. O assunto é minha desculpa. Aceitai, suplico-vos, minhas mais humildes saudações.

À Senhora Duquesa de Portland ⁶⁹⁴

Monquin, 21 de dezembro de 1769

[195] É, Senhora Duquesa, com muita vergonha e desculpas que cumpro tão tarde com o envio da pequena remessa que tinha tido a honra de vos anunciar, e da qual certamente não valia a pena esperar. Enfim, antes tarde do que nunca, enviei para Lyon na quinta-feira passada uma caixa endereçada ao Sr. cavaleiro Lambert, contendo as plantas e sementes das quais anexo aqui a lista. Estou extremamente desejoso de que tudo vos chegue em boas condições; mas como não ousa esperar que a caixa não seja aberta no caminho, e mesmo várias vezes, tenho muito medo de que essas ervas, frágeis e já estragadas pela umidade, vos cheguem absolutamente destruídas ou irreconhecíveis. As sementes pelo menos poderiam, Senhora Duquesa, compensar pelas plantas, se elas fossem abundantes, mas perdoareis sua miséria pelos vários acidentes que, neste ponto, contrariaram meus cuidados. Alguns desses acidentes não deixam de ser risíveis, embora tenham me causado grande aborrecimento. Por exemplo, os ratos comeram quase

⁶⁹⁴ CG, volume XIX.

todas as sementes de bistorta que havia espalhado em minha mesa para fazê-las secar; e, tendo colocado outras sementes na minha janela para o mesmo efeito, uma rajada de vento soprou todos os meus papéis pelo quarto, e fui condenado à penitência de Psiquê: mas foi preciso fazê-la eu mesmo e as formigas não vieram me ajudar. Todas essas contrariedades aborreceram-me ainda mais porque eu teria gostado que um pouco do que tivesse sobrado de Bulstrode pudesse chegar até Callwich, mas tentarei estar melhor suprido em outra [196] ocasião; pois, embora os homens de corte⁶⁹⁵ que dispõem de mim, aborrecidos de me ver encontrar doçuras na botânica, procurem afastar-me desse inocente divertimento, derramando nele o veneno de suas almas vis, nunca me farão renunciar a ele voluntariamente. Então, Senhora Duquesa, querei honrar-me com vossas ordens e fazer-me merecer o título que me permitistes tomar; esforçar-me-ei para compensar minha ignorância à força do zelo em cumprir vossos encargos.

Encontrareis, Senhora, uma umbelífera a qual tomei a liberdade de dar o nome de *seseli Halleri*, por não saber como encontrá-la no *Species*, ao passo que está bem descrita na última edição de Plantas da Suíça do Sr. Haller, nº 762.⁶⁹⁶ É uma planta muito bonita, que é ainda mais bonita neste país do que em países mais meridionais, pois os primeiros ataques de frio banham seu verde escuro com um lindo roxo, e principalmente na coroa das sementes, pois ela não floresce senão no fim do outono, o que faz também com que as sementes tenham dificuldade em amadurecer e que seja difícil colhê-las. Contudo, descobri uma maneira de pegar algumas, que encontrareis, Senhora Duquesa, junto com as outras. Tereis a bondade de recomendá-las a vosso jardineiro, pois, mais uma vez, a planta é linda, e tão incomum que ainda não tem nome entre os botânicos. Infelizmente, o espécime que tenho a honra de enviar-vos é insignificante e está em péssimo estado, mas as sementes vão compensar isso.

Estou extremamente grato, Senhora, pela bondade que tivestes em me dar notícias de meu excelente vizinho, o Sr. Granville, e pelos testemunhos da lembrança de sua amável sobrinha, a Srta. Dewes. Espero que ela se lembre suficientemente dos traços de seu velho pastor para concordar que ele não se

⁶⁹⁵ Em francês, *honnête gens*. Sobre a tradução dessa expressão, ver minha nota na carta ao Marquês de Mirabeau de 31 de Janeiro de 1767.

⁶⁹⁶ Albert von Haller, *História stirpium indigenarum inchoata* (1768).

parece em nada com a figura do ciclope⁶⁹⁷ que o Sr. Hume fez questão de mandar gravar sob meu nome. Seu gravurista pintou meu rosto assim como sua pena retratou meu caráter. Ele não viu que a única coisa que retratava era ele mesmo.

[197] Peço-vos, Senhora duquesa, que aceiteis com bondade meu profundo respeito.

Renou

Catálogo de Plantas.

Echinops Sphærocephalus.
 Gentiana acaulis.
 Gentiana Pneumonanthe.
 Cotyledon umbilicus Veneris.
 Catananche Cærulea, nº 1
 Catananche Cærulea, nº 2
 *Seseli Halleri.
 Dianthus superbus.
 Doronicum Pardalianches
 Rosa Alpina.
 Mochringia muscosa.
 Achrostickum Septentrionale.
 Polygonum Bistorta.
 Antirrhinum Bellidifolium
 Epilobium angustifolium
 Epilobium angustifolium, var. γ.
 Alchemilla Alpina.
 Prenanthes vincinea.
 Prenanthes purpurea.
 Melissa grandiflora.
 Vaccinium Vitis idæa.
 Carthamus lanatus.
 Athamanta meum.
 Celtis australis.
 Arnica montana.
 Arnica Alpina
 Cyperus fuscus.
 Cyperus flavescens.

⁶⁹⁷ O pintor Allan Ramsay, amigo de Hume, pintou os retratos de Hume e de Rousseau, em 1766. Posteriormente, Rousseau passou a considerar a pintura monstruosa, acreditando que fora retratado como um ciclope terrível.

Digitalis lutea magno flore. C.B.

Lichen Barbatus.

[198] *Festuca vivipara.*

Crucianella angustiofolia.

Aster amellus.

Catálogo das sementes

1. *Athamanta Cervaria.*
2. *Athamanta meum.*
3. *Carthamus lanatus.*
4. *Alchemilla Alpina.*
5. *Seseli Halleri.*
6. *Aster Amellus.*
7. *Poligonum Bistorta.*
8. *Arnica moutana.*
9. *Dianthus superbus.*
10. *Doronichum Pardalianches.*
11. *Gypsophila muralis.*
12. *Cotyledon umbilicus.* ♀
13. *Melissa grandiflora.*
14. *Moutia fontana.*
15. *Antirrhinum purpureum.*
16. *Bulpleurum falcatum.*
17. *Mochringia muscosa.*
18. *Onnithogalum Narbonense*
19. *Cucubalus otites.*

PS: Coloquei inadvertidamente o nome *Celtica* no *Nardus*; foi um erro, deveria ser *Nardus Stricta*.

Outro erro. A planta chamada *Cyperus fuscus* não é ela; é outra junça, que não encontro nem descrita nem citada por nenhum outro botânico além de Michellius. Eis sua frase: *Cyperus radice repente odorâ, locustis unciam logis et lineam latis.* Tab. 31, fig. 1. Mich. Nov. Plant. Gen., p. 45.⁶⁹⁸

Só me resta suplicar à Senhora Duquesa, se ela encontrar algum erro nos nomes, que tenha a gentileza de me indicar.

⁶⁹⁸ *Nova Plantarum Genera* (1729), de Micheli (1679-1737).

1770

A escrita contínua das Confissões foi aos poucos aumentando a coragem de Rousseau. Afinal, tratava-se da produção do primeiro grande documento visando provar de uma vez por todas a inocência de sua alma, revelando a todos Jean-Jacques tal como é, sua vida tal como foi, sem omitir erros ou vícios. Em Janeiro, abandonou o codinome Renou, voltando a assinar como Jean-Jacques Rousseau. Também escreveu os quatro pequenos versos que aparecerão no começo de algumas cartas (“pobres cegos que somos!, etc.”). Mas suas perturbações ainda estavam longe de se estabilizar. Em março, quando Rey enviou-lhe uma nova edição de sua obra, Rousseau acreditou que ela havia sido propositalmente alterada, que textos suspeitos haviam sido acrescentados e algumas partes haviam sido rasuradas. Seu editor faria, então, parte do complô?

Em abril, saiu de Monquin, rumando em direção a Lyon, onde pôde realizar novas visitas à família Boy de la Tour. Em junho, passou cinco dias em Dijon, onde herborizou algumas vezes pelos arredores. Depois, visitou o Conde de Buffon em Montbard. Instalou-se finalmente em Paris, no dia 24 desse mesmo mês, em seu antigo endereço da rua Plâtrière. Ao menos no que se refere às autoridades, ele será deixado em paz. O decreto de prisão, emitido oito anos atrás, passara por uma espécie de prescrição moral. No entanto, Rousseau estava ali para para travar um combate:

Com a coragem fortalecida, Jean-Jacques rumou a Paris como quem ruma a um ataque. Ele iria lutar para restaurar sua honra, para enfrentar a besta em seu covil, para fazer triunfar a verdade e a inocência, para romper com um grande golpe de luz a muralha de escuridão.⁶⁹⁹

A leitura pública das Confissões, realizada várias vezes em salões importantes, foi a estratégia para remover de uma vez por todas o véu do complô. O projeto fracassou: reagiu-se à leitura com silêncio. No ano seguinte elas foram proibidas por Antoine de Sartine, lugar-tenente de polícia, a pedido da Sra. d’Epinay. Diante desse cenário, Rousseau desistiu de produzir um terceiro volume para as suas Confissões. Estando cercado pelo silêncio dos ouvintes, estando reduzido ele próprio ao silêncio, não faria qualquer diferença.

⁶⁹⁹ TROUSSON, R., *Jean-Jacques Rousseau II: Le deuil éclatant du bonheur*, p. 397.

Em Paris, Rousseau retomou o ofício de copista para conseguir complementar a renda proveniente de sua obra e mais uma vez herborizou nos tempos vagos. Entre os eventos botânicos importantes da estada em Paris, contam-se as várias visitas ao Jardim do Rei, onde conheceu Claude Richard, jardineiro do rei no Trianon. Houve também uma herborização na companhia do botânico Bernard de Jussieu, em Meudon, em 19 de julho de 1770, da qual não se tem quase nenhuma informação.

Ao Sr. Du Peyrou ⁷⁰⁰

Monquin, 7 de janeiro de 1770

[205] Desculpai, meu caro anfitrião, a demora de minha resposta. Nunca vos prometi exatidão, muito menos diligência; e tenho agora uma inércia maior do que o normal pelo rigor da estação e pelo frio excessivo de meu quarto, onde, com o nariz metido em um fogo quase tão ardente quanto os que se fazia em Trye, não posso proteger meus dedos do enregelamento.

Previ e predisse tudo o que acontece convosco [206] com relação a vossa construção, e no fundo vale mais que ela vos ocupe do que outra coisa; se é um aborrecimento, é também um divertimento. Além disso, é o fardo de vossa condição: na vida é preciso optar entre ser pobre ou ser atarefado; dando-se por satisfeito de evitar uma terceira condição, que conheço bem, que é a de ser ambos ao mesmo tempo.

Muito obrigado, meu caro anfitrião, pela súbita veleidade que vos toma de ter-me junto a vós. Houve um momento em que a execução deste projeto teria sido a felicidade de minha vida; e se esse momento não existe mais, certamente não é minha culpa. Vós me exortais a vos tratar totalmente como um estranho ou totalmente como um amigo; a alternativa parece-me dura, pois vosso exemplo não me deixou escolha, e vosso carimbo⁷⁰¹ constantemente me avisa que nossas duas almas nunca poderão elevar-se ao mesmo tom. Quereis que saltemos três ou quatro anos para trás; sois muito leviano com vossa gota: quanto a mim, não me

⁷⁰⁰ CG, volume XIX.

⁷⁰¹ Uma nota de rodapé da edição nos informa que o carimbo de Du Peyrou portava a inscrição “e se calar”, a ser entendido como “pagar e se calar”.

sinto tão disposto assim; e se em algum momento eu pudesse me decidir a dar esse salto, gostaria pelo menos de ter certeza de que em três ou quatro anos não teria um segundo a dar. Confesso-vos com naturalidade que se este salto estivesse ao meu alcance, não o faria apenas por três, mas por oito.

Tudo isso dito, não dissimularei de modo algum que apagarei dificilmente de minhas memórias a doce ideia que tinha concebido de terminar pacificamente meus dias perto de vós. Confesso até que a amável anfitriã que me destes torna essa ideia infinitamente mais alegre. Se eu pudesse fazer-lhe a corte a ponto de vos fazer sentir ciúmes do pobre velhote, isso me pareceria muito divertido e sobretudo muito agradável; e acreditai em mim, meu caro anfitrião, por mais que vos vanglorieis de querer correr os riscos, eu vos conheço, vosso jeito estóico é admirável, mas apenas enquanto estais longe do perigo.

Vosso conselho de não renunciar repentina e absolutamente [207] à botânica me parece de muito bom senso e decidi segui-lo. É contra a natureza da coisa prescrever-se ou proibir-se de antemão uma escolha em seus divertimentos. Quando vier o desgosto, cessarei de herborizar; quando o gosto ressurgir, começarei de novo até parar de novo. Ele já está de volta. As plantas enviadas a mim e a correspondência sobre botânica mo devolveram, e duvido que ele venha a se extinguir completamente. No entanto, isso não me impedirá de desfazer-me de meus livros e até mesmo de meu herbário; e, se quiserdes realmente aceitar um e outro, ficarei encantado que eles caiam em vossas mãos, das quais, o que quer que dizeis, não serão jamais para mim totalmente estrangeiras. O desejo que tinha de vos enviar o catálogo é uma das causas que atrasaram esta carta. O grande frio não me permite, no momento, que os folheie; e, como ainda não quereis ver esses livros, não há pressa. Mas não sereis esquecido e tereis a preferência que fizestes o favor de me pedir, e que realmente está se tornando uma questão de favor, pois desde minha última carta me pedem esta coleção.

Ao Sr. de La Tourrette ⁷⁰²

Monquin, 26 de janeiro de 1770

Pobres cegos que somos!
Céu, desmascare os impostores,
E force seus bárbaros corações
A se abrirem aos olhos dos homens.

[217] Está tudo acabado, Senhor, entre mim e a botânica; não se trata mais disso agora, e parece improvável que eu esteja em condições de voltar a ela. Além disso, estou ficando velho, não sou mais ágil para herborizar; e as inconveniências que me deram longos períodos de folga ameaçam fazer-me pagar por essa trégua. De agora em diante, as excursões por necessidade são suficientes para as minhas forças; devo renunciar às prazerosas, ou limitá-las a caminhadas que não satisfazem a avidez de um botanófilo. Mas, renunciando a um estudo encantador, que para mim havia se transformado em paixão, não renuncio às vantagens que ele me proporcionou e, sobretudo, Senhor, a de cultivar vosso conhecimento e vossa bondade, dos quais espero ir em breve vos agradecer pessoalmente. É a vós que é preciso remeter todas as exortações que me fizestes sobre o empreendimento de um dicionário de botânica, cuja necessidade é surpreendente que aqueles que cultivam essa ciência sintam tão pouco. Vossa idade, Senhor, vossos talentos, vossos conhecimentos, vos conferem os meios para formar, dirigir e levar a cabo este empreendimento de forma superior; e os aplausos com os quais vossos primeiros ensaios foram recebidos pelo público são vossa garantia daqueles com os quais o público acolheria um trabalho mais considerável. Para mim, que sou, neste estudo como em muitos outros, apenas um colegial caduco, pensei [218], ao herborizar, mais em distrair-me e divertir-me do que em instruir-me, e não tive absolutamente, em minhas observações tardias, a ideia tola de ensinar ao público o que eu mesmo não sabia. Senhor, vivi quarenta anos felizes sem escrever livros; deixei-me arrastar para esta carreira tarde e contra minha vontade: saí dela em boa hora. Se não reencontro, depois de tê-la deixado, a felicidade de que gozava antes de nela entrar, reencontro pelo menos bom senso

⁷⁰² CG, volume XIX.

suficiente para sentir que eu não era apto a ela, e para perder para sempre a tentação de a ela retornar.

Confesso, no entanto, que as dificuldades que encontrei no estudo das plantas deram-me algumas ideias sobre os meios de facilitá-lo e de torná-lo útil aos outros, seguindo o fio do sistema vegetal através de um método mais gradual e menos abstrato do que o de Tournefort e todos os seus sucessores, sem excetuar o próprio Lineu. Talvez minha ideia seja impraticável. Falaremos sobre isso, se quiserdes, quando eu tiver a honra de vos ver. Se a considerásseis digna de adoção, e se ela vos estimulásseis a empreender instituições botânicas de acordo com este plano, eu acreditaria que fiz muito mais vos instigando a este trabalho do que se o tivesse realizado eu mesmo.

Devo-vos agradecimentos, Senhor, pelas plantas que tivestes a bondade de enviar-me em vossa carta, e ainda mais pelos esclarecimentos que as acompanhou. O *papyrus* me deu grande prazer e coloquei-o com muito cuidado em meu herbário. Vosso *antirrhinum purpureum*⁷⁰³ me provou que o meu não era o verdadeiro, embora pareça muito com ele; tendo a concordar convosco que é uma variedade do *arvense*⁷⁰⁴; e confesso que encontro várias no *Species*, cujas frases não são suficientes para me dar diferenças específicas muito claras. Eis, parece-me, um defeito que o método que imagino jamais teria, pois nele sempre haveria um objeto de comparação fixo e real, sobre o qual se poderia facilmente atribuir as diferenças.

[219] Dentre as plantas cuja lista vos enviei anteriormente, omiti uma cuja origem Lineu não assinalou e que encontrei em Pila, trata-se do *rubia peregrina*; não sei se também notastes; ele não é absolutamente raro na Sabóia e em Delfinado.

Aqui estou eu em uma situação muito embaraçosa com o transporte de minha bagagem, que consiste, em grande parte, em parafernalias de botânica. Tenho sobretudo, em papéis dispersos, um grande número de plantas secas e em mau estado, e na maior parte comuns, mas das quais, contudo, algumas são mais curiosas: mas não tenho tempo nem coragem para organizá-las, já que este

⁷⁰³ *Antirrhinum purpureum* L., que atualmente dividiu-se em *Linaria purpureum* e *Misopates oronticum*.

⁷⁰⁴ *Antirrhinum arvense* L., chamada atualmente de *Linaria arvense*.

trabalho se torna inútil para mim de agora em diante. Antes de jogar toda essa papelada confusa no fogo, quis tomar a liberdade de vos contar sobre ela por via das dúvidas; se ficásseis tentado a percorrer esse feno, o que realmente não vale a pena, eu poderia fazer um maço dele, que chegaria a vós através do Sr. Pasquet; pois não sei como carregar isso tudo comigo e nem o que fazer disso. Acredito lembrar-me, por exemplo, que há aí algumas samambaias, entre outras o *polypodium fragrans*, de herborizações que fiz na Inglaterra, e que não são comuns em toda parte. Se a inspeção de meu herbário e de meus livros de botânicas pudesse ao menos vos divertir por alguns momentos, o todo poderia ser depositado convosco, e o inspecionaríeis à vontade. Não duvido que tenhais a maior parte de meus livros. É possível, no entanto, que não tenhais [autores] ingleses como *Parkinson*⁷⁰⁵ e o *Gerard* corrigido⁷⁰⁶. O *Valerius Cordus*⁷⁰⁷ é bastante raro; também tinha *Tragus*⁷⁰⁸, mas dei para o Sr. Clappier.

Surpreende-me não ter notícias do sr. Gouan, a quem enviei os *carex*⁷⁰⁹ deste país, que ele parecia desejar, e algumas outras plantinhas, tudo para o endereço do Sr. de Saint-Priest, que ele tinha me dado. Talvez o pacote não tenha chegado a ele: é justo o que não posso verificar, visto que nunca uma única palavra de verdade penetra através do edifício de [220] trevas que se cuidou de erguer ao meu redor. Felizmente as obras dos homens são perecíveis como eles, mas a verdade é eterna: *post tenebras lux*⁷¹⁰.

Aceitai, Senhor, suplico-vos, minhas mais sinceras saudações.

⁷⁰⁵ John Parkinson (1567-1650), herborista inglês que foi também apotecário de James I. Seus principais trabalhos são *Paradisi in Sole Paradisus Terrestris* (1629) e *Theatrum botanicum* (1640).

⁷⁰⁶ Rousseau escreveu *Gérard émaculé*. Como *émaculé* não existe na língua francesa, imagino que seja *immaculé*, imaculado, no sentido figurado de algo sem defeito, sem falhas.

⁷⁰⁷ Valerius Cordus (1515-1544), médico, botânico e farmacologista germânico.

⁷⁰⁸ Hieronymus Bock (1498-1554), conhecido como Tragus, foi um botânico germânico.

⁷⁰⁹ “Lembro-me de ter trocado, por descuido, um nome por outro, *carex vulpina* por *carex leporina*” (Nota de Rousseau)

⁷¹⁰ Em tradução livre: “depois da escuridão, a luz”. É o lema da república de genebra.

Ao Sr. de La Turrette ⁷¹¹

Monquin, 22 de fevereiro de 1770

Pobres cegos que somos! etc.

[280] Não presteis qualquer atenção, Senhor, à bizarrice de minha data⁷¹²; é uma fórmula geral que não se refere àqueles a quem escrevo, mas apenas aos homens de corte⁷¹³ que dispõem de mim com tanta equidade quanto bondade. É, para aqueles que se deixam seduzir pelo poder e iludir pela impostura, um aviso que os tornará mais indesculpáveis, se, ao julgar sobre coisas que tudo deveria tornar suspeitas, eles persistirem em recusar os meios que a justiça prescreve para averiguar a verdade.

É com pesar que vejo recuar, pelo meu estado e pela má estação, a hora de aproximar-me de vós. Espero, [281] contudo, não tardar muito mais. Se tivesse algumas sementes que valessem a pena vos apresentar, tomaria o partido de vos enviá-las com antecedência para não deixar passar o tempo de semeá-las; mas tinha muito pouca coisa, que juntei com plantas de Pila, num envio que fiz há alguns meses à senhora Duquesa de Portland, e que não foi mais feliz, aparentemente, do que o envio que fiz ao Sr. Gouan, já que não tive notícias de nenhum dos dois. Como o da Senhora de Portland era mais considerável, e como eu dediquei mais cuidado e tempo a ele, lamento ainda mais; mas devo aprender a consolar-me de tudo. No entanto, tenho ainda algumas sementes de um belíssimo *seseli* deste país, que chamo de *seseli Halleri*, porque não o encontro em Lineu. Também tenho uma planta da América, que mandei semear neste país com outras sementes que me foram dadas, mas que somente ela deu certo. Ela é chamada nas ilhas de gombô, e descobri que era o *hibiscus esculentus*⁷¹⁴; cresceu bem, floresceu bem; e tirei dele algumas sementes bem maduras de uma cápsula, que

⁷¹¹ CG, volume XIX.

⁷¹² Rousseau datava algumas cartas de forma peculiar, com uma fração correspondendo ao dia (numerador) e ao mês (denominador) dividindo o ano ao meio. Por exemplo: 17 22/2 70. Optei por não reproduzir essa fórmula de datação nesta tradução. Porém, o que essa datação idiossincrática tem a ver com o que Rousseau diz a seguir, escapa-me completamente.

⁷¹³ Em francês, *honnête gens*. Sobre a tradução dessa expressão, ver minha nota na carta ao Marquês de Mirabeau, de 31 de Janeiro de 1767.

⁷¹⁴ *Hibiscus esculentus* L., atualmente *Abelmoschus esculentus*.

vos levarei com o *seseli*, caso não as tenhais. Como uma dessas plantas vem de regiões quentes e a outra germina muito tarde em nosso campo, presumo que não haja pressa em colocá-las no solo, senão enviá-las-ia a vós.

Vosso *galium rotundifolium*, Senhor, é de fato ele mesmo em minha opinião, embora devesse ter a flor branca, e o vosso a tem amarela; mas como acontece de muitas flores brancas amarelarem ao secar, acho que as dele estão no mesmo caso. Não é de jeito nenhum o meu *rubia peregrina*, uma planta muito maior, mais rígida, mais áspera, e pelo menos da consistência da garança comum⁷¹⁵, além do que, tenho certeza de ter visto nela bagas de que o vosso *galium* não possui e que formam o caráter genérico dos *rubia*. Contudo, não estou, confesso, em condições de vos enviar um espécime. Eis minha história sobre isso.

Tinha visto muitas vezes na Sabóia e em Delfinado a garança selvagem⁷¹⁶ [282], e tinha coletado alguns espécimes. No ano passado, em Pila, novamente a vi; mas pareceu-me diferente das outras, e acho que coloquei um espécime em meu portfólio. Desde meu regresso, lendo, por acaso, no artigo *rubia peregrina*, que a sua folha não tem nenhuma nervura em cima, lembrei-me ou acreditei lembrar que o meu *rubia* de Pila também não tinha nenhuma; daí concluí que era o *rubia peregrina*. Ao me animar com essa ideia, cheguei a concluir a mesma coisa sobre as outras garanças que havia encontrado nessa região, porque elas não tinham geralmente senão quatro folhas; para que essa conclusão fosse razoável, teria sido necessário procurar as plantas e verificar; e foi isso que minha preguiça não me permitiu fazer, dada a desordem de minha papelada e o tempo que teria sido necessário para essa pesquisa. Desde o recebimento, Senhor, de vossa carta, passei mais de oito dias folheando todos os meus livros e papéis um após o outro, sem conseguir encontrar minha planta de Pila, que posso ter jogado fora com tudo que chegou podre. Encontrei algumas das outras; mas tive a mortificação de encontrar nelas a nervura bem marcada, o que me desiludiu, pelo menos nessas. Contudo, minha memória, que tantas vezes me engana, me traz de volta tão bem a [herborização] de Pila, que ainda tenho dificuldade em abandoná-la, e não perco a esperança de que ela será encontrada em meus papéis ou em meus livros. Seja

⁷¹⁵ *Rubia tinctorum* L.

⁷¹⁶ *Rubia peregrina* L.

como for, imaginai na amostra em anexo as folhas um pouco mais largas e sem nervura; eis minha planta de Pila.

Um conhecido meu quis adquirir todos os meus livros de botânica e até me pediu a preferência; então não vou me valer, neste assunto, de vossas obsequiosas ofertas. Quanto à forragem espalhada nesses farrapos, já que não desdenhais em folheá-los, entregá-los-ei ao Sr. Pasquet; mas primeiro tenho que folhear e esvaziar meus livros, nos quais tenho o mau hábito de enfiar, quando chego, as plantas que trago, porque desse modo é mais rápido. Encontrei o segredo de estragar, assim, quase todos os meus livros, e de perder quase todas as minhas [283] plantas, porque elas caem e se despedaçam sem que eu preste atenção, enquanto folheio e percorro o livro, ocupado unicamente com o que estou procurando nele.

Peço-vos, senhor, que transmitais meus agradecimentos e saudações ao senhor vosso irmão⁷¹⁷. Convencido de sua bondade e da vossa, terei prazer em aproveitar vossas ofertas quando surgir a ocasião. Termino, sem cerimônia, cumprimentando-vos, senhor, de todo coração.

Ao Sr. de La Tourrette ⁷¹⁸

Monquin, 16 de março de 1770

Pobres cegos que somos! etc.

[311] Eis, Senhor, minha miserável herbária⁷¹⁹, onde temo que não encontreis nada que valha a pena ser recolhido, exceto algumas plantas que vós mesmo me destes, das quais eu tinha algumas em dobro, e às quais, depois de ter colocado várias em meu herbário, não tive tempo para fazer o mesmo com as outras. O uso que vos aconselho é o de jogar tudo no fogo. Contudo, se tiverdes paciência para folhear esta barafunda, encontrareis, creio eu, algumas plantas que

⁷¹⁷ O irmão de Latourette chamava-se Charles-Pierre Claret de Fleurieu (1738-1810). Foi oficial da marinha francesa, explorador, hidrógrafo e político.

⁷¹⁸ CG, volume XIX.

⁷¹⁹ Em francês, *herbailles*, provável neologismo de Rousseau que tomei a liberdade de adequar para o português. A palavra refere-se às plantas de um herbário.

um oficial obsequioso teve a gentileza de me trazer da Córsega e que eu não conhecia.

Eis também estão algumas sementes do *seseli Halleri*. São poucas, e não as colhi senão com grande dificuldade, porque ele produz semente muito tarde e dificilmente amadurece neste país: mas torna-se, por outro lado, uma planta muito bonita, tanto pelo seu belo porte como pela tonalidade púrpura que os primeiros golpes do frio conferem às suas umbelas e caules. Atrevo-me também a acrescentar algumas sementes de gombô, embora não tenhais falado nada sobre isso, e que talvez tenhais ou não vos importeis, e algumas sementes de *heptaphyllum* que dificilmente ousa-se coletar; e que talvez não cresça nos jardins, pois não me lembro de ter visto nenhum deles.

Perdão, Senhor, pela extrema pressa com que escrevo estas duas palavras, e que quase me fez esquecer de vos agradecer pelo *asperula taurina*, que me deu um grande prazer. Se nossas estradas fossem transitáveis por veículos, já estaria perto de vós. Levarei o catálogo de meus [312] livros, marcaremos aqueles que podem vos convir; e se o comprador quiser se desfazer deles, terei o cuidado de obtê-los para vós. Não peço nada melhor, Senhor, asseguro-vos, do que cultivar vossas generosidades; e se algum dia eu tiver a felicidade de ser um pouco mais conhecido por vós do que pelo Senhor vosso irmão, que afirma conhecer-me tão bem, espero que não me acheis indigno. Saúdo-vos de todo o coração.

Tendes o *dianthus superbus*? Envio-o de todo modo. É realmente um cravo muito bonito, e de um cheiro muito suave, embora fraco. Consegui colher as sementes com muita facilidade, pois elas crescem em abundância em um prado que fica embaixo das minhas janelas. Não deve ser permitido senão aos cavalos do sol⁷²⁰ poderem alimentar-se com tal feno.

⁷²⁰ Referência à carruagem de Hélios, deus do sol na mitologia grega.

Ao Sr. de La Tourrette ⁷²¹

Paris, 4 de julho de 1770

Pobres cegos que somos! etc.

[344] Queria, Senhor, fazer-vos um relato de minha viagem ao chegar em Paris; mas foram precisos alguns dias para me acomodar e colocar a conversa em dia com meus velhos conhecidos. Cansado de uma viagem de dois dias, permaneci três ou quatro em Dijon, de onde, pelo mesmo motivo, fui fazer uma estadia semelhante em Auxerre, depois de ter tido o prazer de ver o Sr. de Buffon, que me deu a mais obsequiosa acolhida. Também vi em Montbard⁷²² o Sr. Daubenton, o subdelegado, que, depois de uma ou duas horas caminhando comigo pelo jardim, disse-me que eu já tinha dado os primeiros passos, e que continuando a trabalhar eu poderia tornar-me um pouco botânico. Mas, no dia seguinte, tendo ido vê-lo antes de minha partida, percorri com ele sua pepineira, apesar da chuva que nos incomodava muito; e não conhecendo quase nada do que estava ali, desmenti a boa opinião que ele teve de mim no dia anterior tão completamente que ele retirou seu elogio e não me disse mais nada. Apesar deste mau êxito, não deixei de herborizar um pouco durante a minha viagem e de encontrar-me em território familiar no campo e nos bosques. Em quase toda a Borgonha vi a terra coberta, à direita e à esquerda, com a mesma genciana-amarela⁷²³ que não pude encontrar em Pila. Os campos entre Montbard e Chably⁷²⁴ estão cheios de *bulbocastanum*⁷²⁵, mas o bulbo é muito mais acre do que na Inglaterra e quase intragável; o *œnanthe fistulosa*⁷²⁶ e a flor-de-páscoa⁷²⁷ (*pulsatilla*) também são vistas em quantidade: mas não tendo atravessado a floresta de Fontainebleau senão muito apressadamente, [345] não vi nada de notável por lá, exceto o *geranium grandiflorum*, que encontrei por acaso sob meus pés apenas uma vez.

⁷²¹ CG, volume XIX.

⁷²² Comuna francesa.

⁷²³ *Gentiana lutea* L.

⁷²⁴ Chablis, comuna perto de Dijon.

⁷²⁵ *Bunium bulbocastanum* L.

⁷²⁶ *Oenanthe fistulosa* L.

⁷²⁷ *Anemone pulsatilla* L.

Ontem fui ver o Sr. Daubenton no Jardim do Rei; encontrei por lá, enquanto caminhava, o Sr. Richard⁷²⁸, jardineiro do Trianon, que me apressei, como podeis imaginar, a conhecer. Ele prometeu mostrar-me o seu jardim, que é muito mais rico do que o do rei em Paris: assim, eis-me ao alcance de conhecer em ambos algumas plantas exóticas, sobre as quais, como tivestes a oportunidade de ver, sou completamente ignorante. Para ver o Trianon mais à vontade, aproveitarei o momento em que a corte não esteja em Versalhes, e esforçar-me-ei para obter em dobro tudo o que me for permitido pegar, a fim de enviar-vos o que não poderíeis ter. Vi também o jardim do Sr. Cochin⁷²⁹, que me pareceu muito bonito; mas, na ausência do mestre, não ousei tocar em nada. Desde a minha chegada tenho estado tão sobrecarregado de visitas e jantares que, se isso durar, é impossível que eu aguente, e infelizmente faltam-me forças para defender-me. Contudo, se eu não adotar rapidamente outro modo de vida meu estômago e minha botânica estarão em grande perigo. Esta não é a maneira de retomar a cópia de música de modo lucrativo; e temo que, por força de jantar na cidade, acabe morrendo de fome em casa. Minha alma consternada precisava de alguma dissipação, eu o sinto; mas temo não poder ajustar a medida aqui, e ainda prefiro estar inteiramente dentro de mim do que inteiramente fora de mim. Não encontrei, Senhor, companhia mais moderada e que me conviesse mais do que a vossa; nenhuma acolhida mais de acordo com meu coração do que aquela que, sob vossos auspícios, recebi da adorável Mélanie. Se me fosse dado escolher uma vida uniforme e doce, gostaria, em todos os meus dias, de passar a manhã no trabalho, seja como copista, seja no meu herbário; almoçar convosco e com Melanie; em seguida nutrir, por uma ou duas horas, meu ouvido e meu coração com os sons de sua voz e os de sua harpa; depois caminhar [346] a sós convosco o resto do dia, herborizando e filosofando segundo nossa fantasia. Lyon deixou-me saudades que talvez um dia me reaproximem de lá: se isso acontecer, não sereis esquecido, Senhor, em meus projetos: ah, se pudésseis contribuir para sua execução! Infelizmente não tenho aqui o endereço do Senhor vosso irmão, caso ele ainda

⁷²⁸ Claude Richard (1705-1784), botânico francês convidado por Luís XV a criar o jardim do Pequeno Trianon, uma das propriedades do Palácio de Versalhes.

⁷²⁹ Claude-Denis Cochin (1698-1786), botânico especialmente interessado em plantas exóticas. Criou em sua propriedade um *jardin d'expériences*.

esteja por lá: eu não teria demorado tanto para ir vê-lo, lembrá-lo de mim, e pedir-lhe a gentileza de fazer-me ser lembrado por vós e pelo Sr. ***⁷³⁰.

Se meu papel não terminasse, se o correio não tivesse de partir, eu não conseguiria terminar por minha conta. Minha tagarelice não é melhor ordenada no papel do que na conversação. Tende a gentileza de suportar uma como suportais a outra. *Vale, et me ama.*

Ao Sr. de La Tourrette ⁷³¹

Paris, 8 de setembro de 1770

Pobres cegos que somos! etc.

[368] Não queria, senhor, acusar-me de meus erros até que os tivesse reparado; mas o mau tempo que tem feito e a piora da estação me punem por ter negligenciado o Jardim do Rei quando o tempo estava bom, e me impossibilitam de tratar, por enquanto, do *plantago uniflora* e das outras plantas curiosas das quais poderia ter vos falado, tivesse sabido aproveitar melhor as generosidades do Sr. de Jussieu. No entanto, não perco a esperança de aproveitar ainda um belo dia de outono para fazer esta peregrinação e ir receber, para este ano, as despedidas da syngenesia⁷³²: mas, enquanto espero esse momento, permiti-me, Senhor, que eu vos agradeça, ainda que com atraso, a continuação de vossas generosidades e de vossas cartas, que sempre me darão o mais verdadeiro prazer, embora eu não seja muito pontual nas respostas. Ainda tenho que me acusar de muitas outras omissões pelas quais não tenho menos necessidade de perdão. Queria ir agradecer ao Senhor vosso irmão a honra de sua lembrança e fazer-lhe uma visita; demorei de início, e depois esqueci seu endereço. Eu o vi novamente na *Comédie Italienne*; mas estávamos em camarotes distantes, não pude aproximar-me dele e agora nem sei se ele ainda está em Paris. Outro erro imperdoável; lembrei-me de não vos ter agradecido por ter sido apresentado ao Sr. Robinet e pela acolhida

⁷³⁰ Falta o nome do referente

⁷³¹ CG, volume XIX.

⁷³² Classe de plantas segundo o sistema sexual de Lineu.

obsequiosa que dele obtive graças a vós. Se contaís com vosso criado, ele permanecerá insolvente demais; mas como é nosso costume, o meu, de falhar, o vosso, de perdoar, lançai mais uma [369] vez sob minhas faltas vossa indulgência, e esforçar-me-ei para ter menos necessidade dela no futuro, contanto que não exijais exatidão em minhas respostas, pois este dever está absolutamente além de minhas forças, sobretudo em minha posição atual. Adeus, Senhor; lembrai de vez em quando, suplico-vos, de um homem que é muito sinceramente apegado a vós, e que nunca recorda sem prazer e sem saudade dos passeios encantadores que teve a sorte de fazer convosco.

Pigmalião foi encenado em Montigny; eu não estava lá, então não posso falar a respeito. Jamais a memória de minha primeira Galateia me permitirá o desejo de ver uma outra.

Ao Sr. de La Turrette⁷³³

Paris, 26 de novembro de 1770

Pobres cegos que somos! etc.

[24] Quase não sei mais, Senhor, como ousar vos escrever, depois de ter demorado tanto em agradecer o tesouro de plantas secas que tivestes a gentileza de enviar-me por último. Não tendo tido tempo ainda de dispô-las, não as examinei minuciosamente; mas vejo pela região [da qual elas vieram] que são belas e boas; não tenho dúvida de que foram bem nomeados e que todas as observações que me pedis se reduzam a aprovações. Espero que esta remessa me coloque um pouco de volta no caminho da botânica, que outros encargos me fizeram negligenciar extremamente desde minha chegada aqui; e o desejo de dar testemunho de minha gratidão, muito impotente, mas muito sincera, talvez com o tempo me fornecerá alguma coisa para vos enviar. Por hora, apresento-me completamente vazio, não tendo das sementes cuja lista me enviastes senão a do *doronicum pardulianches*, que acredito já vos ter dado, e da qual [25] vos envio a

⁷³³ CG, volume XX.

miséria que me restou. Se eu tivesse sido avisado quando fui a Pila no ano passado, poderia facilmente ter trazido um litro de sementes de *prenanthes purpurea*, e existem alguns outros como o *tamus* e a genciana perfoliada⁷³⁴ que deveis encontrar facilmente ao vosso redor. Não me esqueci do *plantago monanthos*, mas não me puderam dá-lo no Jardim do Rei, onde não havia senão um pé sem flor nem fruto; desde então recuperei uma pequena amostra feia que vos enviarei com outra coisa, se não encontrar nada melhor; mas como ele cresce em abundância em torno do lago de Montmorency, pretendo ir lá herborizar na próxima primavera, e enviar-vos, se possível, plantas e sementes. Desde que estou em Paris só estive três ou quatro vezes no Jardim do Rei; e embora me recebam com a maior boa vontade e me dêem de bom grado amostras de plantas, confesso-vos que ainda não me atrevi a pedir sementes. Se eu chegar a isso, é para vos servir que terei a coragem, mas esta não pode vir de repente. Conteí ao Sr. de Jussieu sobre o *papyrus* que trouxestes de Nápoles; ele duvida que este seja o verdadeiro papel *nilótico*⁷³⁵. Se pudésseis enviar para ele, seja a planta, seja a sementes, seja por mim, seja por outros, vi que isso lhe daria um grande prazer, e talvez fosse um excelente meio de obter dele uma grande quantidade de coisas que teríamos então a boa graça de pedir, embora eu saiba bem, por experiência, que ele fica encantado em fazer gentilezas gratuitamente; mas preciso de algo para me encorajar quando é preciso pedir-lhe o que quer que seja.

Encaminho com esta carta, às Sras. Boy de La Tour, que retornam, uma caixa contendo um caranguejo-aranha, que vem de muito longe; porque me foi enviado do Golfo do México. Contudo, como não é exatamente uma peça rara e foi muito danificada no trajeto, hesitei em vos enviar; mas disseram-me que ela pode ser restaurada e ainda encontrar lugar em um gabinete: isso suposto, suplico-vos que deis a ela um lugar no vosso, em consideração a um [26] homem que será, por toda sua vida, muito sinceramente apegado a vós. Coloquei na mesma caixa as duas ou três sementes de dorônico⁷³⁶ e outras que tinha em mãos. Pretendo no próximo verão colocar-me a par da botânica para me esforçar em contribuir com uma correspondência que me é preciosa, e da qual até agora tive

⁷³⁴ Em francês, *gentiane perfoliée*. Não pude encontrar um nome mais preciso em português.

⁷³⁵ Referente ao Nilo. A planta em questão deve ser a *Cyperus papyrus* L.

⁷³⁶ *Doronicum pardalianches* L.

todo o benefício sozinho. Receio ter levado a imprudência a ponto de não vos ter agradecido pela complacência do sr. Robinet e a honradez com que me cobriu. Também deixei o Sr. de Fleurieu sair daqui sem lhe render meus respeitos, como deveria e queria ter feito. Se depender de minha vontade, Senhor, nunca estarei em falta convosco ou com os vossos; mas minha negligência muitas vezes me faz cometer atos imperdoáveis, que peço que desculpeis em vossa misericórdia. Minha esposa tem sido muito sensível à honra de vossa lembrança, e pedimos a ambos que aceitem nossas mais humildes saudações.

1771

Ainda em Paris, Rousseau começou a escrever as Considerações sobre o governo da Polônia e produziu as duas primeiras cartas sobre botânica, enviadas para a Sra. Delessert com o objetivo de iniciar ela e sua filhinha no assunto. Enviou também uma carta ao grande botânico Lineu, onde reafirmou o vínculo entre botânica e moral: “só, com a natureza e convosco, passo horas deliciosas em minhas caminhadas campestres, e tiro um proveito mais real de vossa Philosophia Botanica do que de todos os livros de moral”⁷³⁷. Segundo Cook⁷³⁸, a frase, bastante radical, não deixa de ser enigmática, já que a Philosophia Botanica resume-se a um conjunto de normas de classificação das plantas. Apenas em outras obras de Lineu aparecem considerações sobre a utilidade da natureza para o homem, que seriam mais suscetíveis de uma interpretação moral. Também não há indícios de que Rousseau conhecesse as ideias cameralistas de Lineu. Não havendo nada de especificamente moral na Philosophia Botanica, Cook acredita que o interesse de Rousseau pelo livro deve-se justamente ao estudo desinteressado da natureza e à nomenclatura lineana. Lineu respondeu a Rousseau, mas sua resposta jamais alcançou o zeloso discípulo.

A botânica também possibilitou um retorno da troca epistolar entre Rousseau e Malesherbes. Diante do suicídio da esposa, esse último passou a dedicar algumas horas do dia à observação dos vegetais. Os dois amadores herborizaram juntos algumas vezes ao longo da primavera. No final do ano, Rousseau compartilhou com Malesherbes a ideia de complementar sua renda produzindo e vendendo herbários para os gabinetes de história natural, projeto que nunca chegou a se concretizar.

Em cartas do ano seguinte, Rousseau nos conta mais de uma vez de uma herborização ocorrida em Montmorency, no verão de 1771. A expedição foi organizada por por Antoine-Laurent de Jussieu e contou com a “caterva” do Jardim do Rei. Nela, Rousseau tentou, sem sucesso, encontrar a Plantago monanthos nos arredores do lago. Foi também em 1771 que Rousseau conheceu

⁷³⁷ CG XX, p. 92.

⁷³⁸ Cf. COOK, A. *Le « disciple » critique le « maître »: Jean-Jacques Rousseau et la nomenclature linnéenne.*

Jacques-Henri Bernardin de Saint-Pierre, futuro escritor de Paulo e Virgínia. Ambos compartilhavam o gosto pela natureza e certo grau de ressentimento com relação à humanidade. Herborizaram juntos, nos arredores de Paris, diversas vezes.

Ao Sr. Lineu ⁷³⁹

Paris, 21 de setembro de 1771

[92] Recebei com bondade, Senhor, a homenagem de um muito ignaro, mas muito zeloso, discípulo de vossos discípulos; que deve em grande parte à meditação sobre vossos escritos a tranquilidade de que goza, em meio a uma perseguição tanto mais cruel porque escondida, e porque cobre com a máscara da benevolência e da amizade o ódio mais terrível que o inferno já suscitou. Sozinho, com a natureza e convosco, passo horas deliciosas em minhas caminhadas campestres, e tiro um proveito mais real de vossa *Philosophia Botanica* do que de todos os livros de moral. Soube com alegria que não sou completamente desconhecido por vós, e que estais até disposto a enviar-me algumas de vossas produções. Estejais certo, Senhor, que elas se tornarão minha leitura querida, e que esse prazer se tornará ainda mais vivo por ter vindo de vós. Divirto uma infância tardia fazendo uma pequena coleção de frutos e sementes. Se dentre os vossos tesouros desse tipo houver alguns restos com os quais gostaríeis de fazer alguém feliz, pensai em mim. Eu os receberia com gratidão, único retorno que vos posso oferecer, mas que o coração de onde ela parte não a torna indigna de vós.

Adeus, Senhor, continuai a abrir e a interpretar aos homens o livro da natureza. Quanto a mim, contente de nele decifrar algumas palavras em vosso rastro, nas folhas⁷⁴⁰ do reino vegetal, leio-vos, estudo-vos, reflito, honro-vos e amo-vos de todo coração.

⁷³⁹ CG, volume XX.

⁷⁴⁰ Rousseau usa a palavra *feuille*, que tem ao mesmo tempo o sentido de folha e página.

Ao Sr. de Malesherbes ⁷⁴¹

Paris, 21 de outubro de 1771

[104] Aqui estão, Senhor, as plantas que vos pertencem e que eu teria demorado menos tempo para vos entregar se tivesse encontrado menos dificuldades⁷⁴². Como foram colhidas na chuva e guardadas num quarto úmido, algumas delas estragaram, e substituí-as por algumas outras em menos mau estado. A experiência tendo me ensinado que grandes herbários são mais incômodos do que úteis, reduzi esta amostra a uma forma mais portátil; espero, Senhor, que ele possa vos divertir por um momento. Soube que vossa saúde estava abalada; faço votos muito sinceros por vossa rápida e perfeita recuperação, e rogo-vos, Senhor, que aceiteis minhas mais humildes saudações.

J. J. Rousseau

Ao Senhor
Senhor de Lamoignon de Malesherbes
Em seu castelo de Malesherbes
Por Étampes ⁷⁴³

Paris, 11 de novembro de 1771

[104] Ficaria muito mortificado, Senhor, se me privásseis do prazer com o qual me lisonjeastes de ocupar-me de um encargo que pudesse [105] vos ser agradável e de preparar plantas para completar vossos herbários. Não podendo subsistir sem a ajuda de meu trabalho, nunca pensei, apesar do prazer que me poderia dar, em vos oferecer gratuitamente o uso de meu tempo. Confesso-vos mesmo que teria gostado muito de entremear o trabalho sedentário e chato de copista com uma ocupação mais ao meu gosto e melhor para a minha saúde, trabalhando em herbários para os vários gabinetes de história natural que existem em Paris e onde, a meu ver, este terceiro reino, que se considera que não vale

⁷⁴¹ CG, volume XX.

⁷⁴² Trata-se das plantas que Rousseau e Malesherbes colheram juntos nas herborizações de Meudon, na primavera de 1771.

⁷⁴³ CG, volume XX.

nada, não é menos necessário do que os outros. Vários herbários a serem feitos ao mesmo tempo teriam sido mais lucrativos para mim e teriam me compensado melhor pelas pequenas despesas às vezes exigidas pelas expedições distantes e pela entrada em jardins curiosos. Mas os franceses em geral têm falsas idéias sobre a botânica e tão pouco gosto pelo estudo da natureza que não se deve esperar que essa encantadora parte [dela] lhes dê a tentação de fazer coleções desse tipo; assim, renuncio a este recurso. Quanto a vós, Senhor, que unis a conhecimentos de todos os tipos a paixão de aumentá-los sem cessar, não me retireis o prazer de contribuir para vossos divertimentos. Enviai-me a lista do que desejais, recolherei tudo o que me for possível, e receberei sem nenhuma objeção o pagamento do que vos tiver fornecido. Quanto à pequena amostra que vos enviei, é algo completamente diferente: eram plantas que vos pertenciam. Aquelas que substituí pelas que estragaram não foram coletadas para vós. Não tive outra dificuldade senão extraí-las do que havia coletado para mim, e como não me ofereci para participar de vossas despesas na herborização que fiz convosco, parece-me, Senhor, que não deveríeis me oferecer pagamento nem pelo que pegamos juntos, nem pelo pequeno arranjo que me diverti fazendo para vos enviar.

Apesar do relato positivo que fizestes sobre vossa saúde atual, [106] asseguram-me que ela ainda não está perfeitamente restabelecida e, infelizmente, a estação em que estamos entrando não é favorável ao exercício pedestre que acredito ser tão bom. O inverno também tem, como sabeis, Senhor, as suas próprias herborizações, a saber, a dos musgos e dos líquens. Deve haver coisas curiosas desse tipo em vossos parques, e exorto-vos fortemente, quando o tempo permitir, a ir examinar esta parte em seus locais em sua estação.

Vossas resoluções, Senhor, sendo as que me apontais, certamente não sou o homem para desaprová-las; é ter obtido honrosamente lazeres muito agradáveis. Cumprir grandes deveres em grandes lugares é a tarefa dos homens de vossa condição e dotados de vossos talentos, mas, quando depois de ter oferecido ao seu país o tributo de seu zelo isto revela-se inútil, então é perfeitamente permitido viver para si mesmo e contentar-se em ser feliz.

J. J. Rousseau

Ao Sr. de Malesherbes ⁷⁴⁴

Paris, 19 de dezembro de 1771

[107] Eis, senhor, algumas amostras de musgos que coletei às pressas, para vos colocar ao alcance de ao menos [108] distinguir os principais gêneros antes que a temporada de observá-los termine. Trata-se de um estudo com o qual ocupei deliciosamente o inverno que passei em Wootton, onde me vi cercado por montanhas, bosques e rochedos atapetados com as mais curiosas capilárias e musgos. Mas, desde então, perdi de vista essa família tão completamente que minha memória extinta já não me fornece quase nada do que aprendi sobre este gênero; e não tendo a obra de Dillenius⁷⁴⁵, guia indispensável nestas pesquisas, não consegui determinar as espécies que vos envio senão com grande esforço e frequentemente com dúvidas. Quanto mais persisto em superar as dificuldades sozinho e sem a ajuda de ninguém, mais me confirmo na opinião de que a botânica, tal como é cultivada, é uma ciência que não se adquire senão pela tradição: a plana é mostrada, nomeada; sua figura e seu nome são gravados juntos na memória. Há pouca dificuldade em reter assim a nomenclatura de um grande número de plantas: mas quando nos acreditamos botânicos por conta disso, enganamo-nos, não somos senão herborista; e quando se trata de determinar por nós mesmos e sem guia as plantas que nunca vimos, é então que encontramos simplesmente detidos, e estamos no limite de nossa doutrina. Permaneci ainda mais ignorante tomando o caminho contrário. Sempre só e sem outro mestre além da natureza, fiz um esforço inacreditável em troca de um progresso muito débil. Cheguei a conseguir, trabalhando bem, determinar mais ou menos os gêneros; mas, para as espécies, cujas diferenças são muitas vezes muito pouco marcadas pela natureza e ainda mais mal enunciadas pelos autores, não cheguei a distinguir com certeza senão um número muito pequeno delas, sobretudo na família dos musgos, e sobretudo nos gêneros difíceis, como os *hypnum*, os *jungermannia*, os líquens. Creio, no entanto, estar seguro sobre aqueles que vos envio, além de um ou dois que designei por um ponto de interrogação, para que possais verificar, em

⁷⁴⁴ CG, volume XX.

⁷⁴⁵ Dillenius é autor de uma história natural dos musgos, publicada em 1741, intitulada *Historia Muscorum*.

Vaillant⁷⁴⁶ e Dillenius, se estou enganado ou não. Seja como for, creio que é preciso começar por conhecer empiricamente um certo número de espécies [109] para chegar a determinar as outras, e creio que as que vos envio podem bastar, estudando-as bem, para vos familiarizar com a família e distinguir pelo menos os gêneros ao primeiro golpe de vista pelo *facies*⁷⁴⁷ próprio a cada um deles. Mas há outra dificuldade, a de que os musgos assim dispostos em brotos não têm no papel a mesma aparência que têm na terra reunidos em tufos ou montinhos de grama. Assim, herborizamos inutilmente em um herbário, e sobretudo em um mossário, se não começamos por herborizar sobre a terra. Esses tipos de coleções devem servir apenas como memorativos, mas não como instruções primárias. Duvido, no entanto, Senhor, que encontreis facilmente tempo e paciência para insistir sobre cada tufo de grama ou musgo que encontrais em vosso caminho. Mas aqui está o meio que me parece que poderíeis tomar para analisar com sucesso todas as produções vegetais de vosso entorno, sem vos aborrecer com detalhes minuciosos, insuportáveis para mentes acostumadas a generalizar as ideias e olhar sempre os objetos em grande escala. Seria preciso inspirar em um de vossos lacaios, guarda ou jardineiro, um pouco de gosto pelo estudo das plantas, e levá-lo convosco em vossas caminhadas, fazê-lo colher as plantas que não conheceis, particularmente os musgos e as gramíneas, duas famílias difíceis e numerosas. Seria preciso que ele se esforçasse em pegá-los no estado de floração, onde seus caracteres determinantes estão mais marcados. Pegando dois exemplares de cada um, ele separaria um deles para enviar-me, sob o mesmo número que o semelhante, que ficaria convosco, e no qual em seguida colocaríeis o nome da planta, quando vos tivesse enviado. Evitaríeis assim o trabalho desta determinação, e este trabalho não seria senão um prazer para mim, com o qual estou habituado e me dedico com paixão. Parece-me, Senhor, que desta forma teríeis feito em pouco tempo o levantamento das produções vegetais de vossas terras e arredores; e que, entregando-vos sem fadiga ao prazer de observar, poderíeis ainda, [110] por meio de uma nomenclatura segura, ter aquele de comparar vossas observações com as dos autores. No entanto, não me julgo capaz de determinar tudo. Mas o longo hábito de esquadriñar o campo tornou a maioria das plantas nativas familiares

⁷⁴⁶ Referência à obra de Vaillant sobre a flora parisiense, intitulada *Botanicon parisiense*, de 1723.

⁷⁴⁷ Essa palavra, que mantive no latim, designa a aparência geral da planta.

para mim. É apenas em jardins e nas produções exóticas que me encontro em região desconhecida. Enfim, o que não tiver podido determinar, será para vós, Senhor, um objeto de pesquisa e curiosidade que tornará vossas diversões mais interessantes. Se este arranjo vos agradar, estou às ordens, e podeis ter certeza de me proporcionar uma diversão muito interessante para mim.

Estou esperando a lista que me prometeste para trabalhar em completá-la tanto quanto depender de mim. A ocupação de trabalhar com herbários preencherá muito agradavelmente os meus belos dias de verão. Contudo, não espero tornar-me muito rico em plantas estrangeiras; e, na minha opinião, o maior prazer da botânica é antes poder estudar e conhecer a natureza ao seu redor do que a das Índias. Tive, no entanto, a felicidade de poder inserir na pequena coleção que tive a honra de vos enviar algumas plantas curiosas, e entre outras o verdadeiro papiro, que até agora não era conhecido na França, nem mesmo pelo Sr. de Jussieu. É verdade que não pude vos enviar senão um raminho muito miserável, mas isso basta para distinguir esta rara e preciosa junça. Tudo isso é muita tagarelice; mas a botânica me arrebatava, e tenho o prazer de falar dela convosco: concedei-me, Senhor, um pouco de indulgência.

Não vos envio senão musgos velhos; procurei em vão por novos no campo. Dificilmente haverá até fevereiro, porque o outono foi muito seco; mais uma vez será necessário procurá-los longe. Dificilmente se encontra ao redor de Paris senão os mesmos repetidos.

Ao Sr. André Thouin,
Paris⁷⁴⁸

Sexta-feira, com muita pressa [por volta de 1771]

[112] Rousseau, muito mortificado que sua saúde e o clima lhe neguem o prazer que ele havia prometido a si mesmo de seguir o Senhor Thouin em Saint-Léger, expressa seu pesar. Deseja a ele e a sua companhia uma boa viagem e uma rica herborização; quando ele fizer outra mais perto de Paris, Rousseau terá o prazer de acompanhá-lo, caso ele queira admiti-lo em seu entorno. Mas, neste

⁷⁴⁸ CG, volume XX.

momento, o estado duvidoso de sua saúde o faz temer que se exporia a algum embaraço se cedesse à tentação de correr o risco. Se algum ramo de *Gale*⁷⁴⁹ não sobrecarregasse muito o sr. Thouin, Rousseau perder-lhe-ia que fizesse a gentileza de dele se encarregar. Ele o saúda de todo coração.

Talvez eu vá ao Jardim do Rei amanhã de manhã.

⁷⁴⁹ *Myrica gale* L.

1772

Neste último período em Paris, o dia de Rousseau começava cedo com o trabalho de copista de música. Ainda na parte da manhã, organizava as plantas que colhera no dia anterior e trabalhava em seus outros projetos. Após o almoço, e se o tempo estivesse bom, saía para caminhar, afastando-se de Paris em direção ao campo. Ficava triste em ter de retornar. Além de copiar música, também passou os anos parisienses compondo: produziu novas árias para o Adivinho da Aldeia, rascunhou uma nova ópera, compôs diversas canções. Em 1772 terminou de escrever as Considerações sobre o governo da Polônia e enviou novas cartas sobre botânica à Sra. Delessert.

No entanto, apesar dos anos da década de 1770 terem sido de relativa tranquilidade, Rousseau continuava profundamente atormentado, tentando compreender a trama das perseguições e vendo indícios dela por todos os lados. Mesmo amizades de longa data começaram a arrefecer. A correspondência com a Sra. Boy de la Tour, por exemplo, só durará mais dois anos. Em 1772, iniciou a longa redação de mais um livro que objetivava denunciar o complô e provar sua inocência: Rousseau, Juiz de Jean-Jacques.

Os anos corriam, as grandes provações já estavam longe. Ele encontrou a paz? A superfície estava calma, mas nenhum visitante sabia que drama acontecia nas profundezas. O triste silêncio que precedeu a leitura de suas Confissões na casa da condessa d'Egmont lançou Jean-Jacques em um desespero tornado mais amargo pelo chamado à ordem do sr. de Sartine. Ao obrigá-lo a ficar calado, seus inimigos o proibiram de defender sua honra. Ele estava à mercê deles e ninguém jamais saberia que ele foi vítima da mais terrível conspiração (...) Longe de derrubá-lo, o fracasso exacerba sua necessidade de se explicar. De 1772 até o final de 1775, durante quase quatro anos, em grande sigilo, arrebatou três diálogos de Rousseau juiz de Jean-Jacques.⁷⁵⁰

⁷⁵⁰ TROUSSON, R., *Jean-Jacques Rousseau II: Le deuil éclatant du bonheur*, p. 421-422.

Ao Sr. de Malesherbes⁷⁵¹

Paris, 19 de janeiro de 1772

[127] Aproveitando, Senhor, de vossa obsequiosa oferta, fui à vossa biblioteca; percorri os livros botânicos que me caíram nas mãos; tomei nota da maioria e levei os quatro cujos títulos aqui estão, todos *in-quarto* pequeno:

1. Pontedera, *Anthologia* etc.⁷⁵²
2. Camerarius, *Hortus medicus*.⁷⁵³
3. Flora Prússica.⁷⁵⁴
4. Gesner, de *Lunariis*.⁷⁵⁵

Não devo ter encontrado os lugares de todos os livros de botânica, pois procurei em vão por Cesalpino, Columna e Morisson, embora tenha certeza de que, em uma biblioteca tão bem composta como a vossa, esses livros não foram esquecidos. Entre os que encontrei, há muitos grandes que seriam incômodos de transportar e que me causariam até mesmo algum embaraço pela pequenez de minha residência. Como duvido, Senhor, que esta carta ainda o encontre em Malesherbes, responderei com detalhes aos vossos outros assuntos depois de vosso retorno, e limito-me aqui a desejar-vos boa viagem e a pedir-vos, Senhor, que aceitai meu respeito.

⁷⁵¹ CG, volume XX.

⁷⁵² Giulio Pontedera (1688-1757), botânico italiano. Seu *Anthologia* é de 1720.

⁷⁵³ Joachim Camerarius, o Jovem (1534-1598), médico, zoólogo e botânico germânico. Seu *Hortus medicus et philosophicus* é de 1588.

⁷⁵⁴ *Flora Prussica, sive plantae in regno Prussiae sponte nascentes, quarum Catalogum et Nomina*, de 1703, foi escrito pelo botânico germânico Johannes Loesel (1607-1655)

⁷⁵⁵ Conrad Gessner (1516-1565), naturalista e médico suíço. Acredito que Rousseau se refira ao livro *De Raris Et Admirandis Herbis, Quae Sive Quod Noctv luceant, siue alias ob causas, Lunariae nominantur...*, de 1555.

Ao Sr. de La Tournette ⁷⁵⁶

Paris, 25 de janeiro de 1772

Pobres cegos que somos! etc.

[128] Recebi, Senhor, com grande prazer, vossas notícias, testemunhos de vossa lembrança e detalhes de vossas interessantes ocupações. Mas vós me falais de uma remessa de plantas do Sr. abade Rosier que não recebi. Lembro-me bem de ter recebido uma de vossa parte e de vos ter agradecido, embora um pouco tarde, antes de vossa viagem a Paris; mas desde vosso retorno a Lyon, vossa carta foi para mim vosso primeiro sinal de vida; e fiquei tão encantado com ela, como se já tivesse quase cessado de esperá-la.

Ao saber das mudanças ocorridas em Lyon, previra tão bem que vós vos consideráreis livre de uma dura escravidão, e que, uma vez desonerado de deveres, sem dúvida respeitáveis, mas que um homem de bom gosto dificilmente colocaria entre seus prazeres, saboreáreis um [prazer] muito intenso ao vos entregar inteiramente ao estudo da natureza, que resolvi vos felicitar. Estou muito contente por ao menos poder levar a cabo, ainda que com atraso e através de vosso próprio testemunho, uma resolução que minha preguiça não me permitiu cumprir anteriormente, embora estivesse muito certo de que essa felicitação não viria em má hora.

Os detalhes de vossas herborizações e descobertas fizeram meu coração bater de prazer. Parecia-me que vos seguia e que partilhava de vossos prazeres; esses prazeres tão puros, tão doces, que tão poucos homens sabem saborear, e dos quais, dentre esses poucos, menos ainda deles são dignos, pois vejo, com tanta surpresa quanto tristeza, que a própria botânica não está isenta das invejas, dos ódios dissimulados e cruéis que envenenam e desonram todos os [129] outros tipos de estudo. Não desconfieis, Senhor, que eu tenha abandonado esse gosto delicioso; ele lança um encanto sempre novo sobre minha vida solitária. Entrego-me a ele por mim mesmo, sem sucesso, sem progresso, quase sem comunicação, mas cada dia mais convencido de que os lazeres vindos da contemplação da natureza são os momentos da vida em que se goza mais

⁷⁵⁶ CG, volume XX.

deliciosamente de si próprio. Confesso, no entanto, que desde vossa partida acrescentei um pequeno objeto de amor-próprio àquele de entreter de forma inocente e agradável minha ociosidade. Algumas frutas estrangeiras, algumas sementes que caíram em minhas mãos por acaso, despertaram-me a fantasia de começar uma coleção muito pequena desse tipo. Digo começar, porque eu ficaria muito aborrecido de tentar concluí-la, ainda que a coisa me fosse possível, sem ignorar que, enquanto se é pobre, sente-se apenas o prazer de adquirir; e que quando se é rico, ao contrário, sente-se apenas a privação daquilo que nos falta e a inquietude inseparável do desejo de completar o que se tem. Vós deveis estar sentindo esta inquietude há muito tempo, vós, Senhor, cuja rica coleção reúne de forma reduzida quase todas as produções da natureza e prova, por sua bela variedade, o quanto o Sr. abade Rosier estava certo ao dizer que ela é obra de escolha e não do acaso. Quanto a mim, que não faço senão tatear num cantinho deste imenso labirinto, recolho fortuita e preciosamente tudo o que me cai sob as mãos, e não somente aceito com ardor e gratidão as plantas que gentilmente me ofereceis; mas, se encontrásseis com isso alguns frutos ou sementes supranumerários e rejeitados com os quais estivésseis disposto a me enriquecer, elas fariam a glória de minha pequena coleção incipiente. Fico envergonhado por não poder, em minha miséria, vos oferecer nada em troca, ao menos por enquanto. Pois, embora eu tenha coletado algumas plantas desde minha chegada a Paris, minha negligência e a umidade do quarto em que habitei inicialmente fizeram tudo apodrecer. Talvez eu venha a ser mais feliz este ano, tendo resolvido ter mais cuidado na dessecação de minhas plantas, e sobretudo colá-las [130] enquanto estão secas; o que me pareceu o melhor meio para conservá-las. Seria má fé, tendo feito uma busca vã, ostentar diante de vós uma herborização que fiz em Montmorency no verão passado com a Caterva do Jardim do Rei; mas é certo que apenas para mim tratava-se de encontrar o *plantago monanthos*, que tive o desgosto de procurar em vão. O Sr. de Jussieu, o jovem, que sem dúvida vos viu em Lyon, teria podido vos dizer com que ardor implorei a todos aqueles senhores, assim que nos aproximávamos do final do lago, para me ajudar na busca dessa planta; o que eles fizeram, e entre outros o Sr. Thouin, com uma complacência e um cuidado que mereciam maior êxito.

Não encontramos nada; e depois de duas horas de buscas inúteis, no auge do calor e no dia mais quente do ano, fomos respirar e descansar debaixo de algumas árvores que não estavam longe, concluindo unanimemente que o *plantago uniflora*, indicado por Tournefort e pelo Sr. de Jussieu nos arredores do lago de Montmorency, havia desaparecido dali absolutamente. De resto, a herborização foi bastante rica em plantas comuns: mas tudo que vale a pena mencionar resume-se ao *osmonde royale*, ao *Lythrum hyssopifolia*, ao *Lysimachia tenella*⁷⁵⁷, ao *peplis portula*⁷⁵⁸, ao *drosera rotundifolia*, ao *cyperus fuscus*, ao *schoenus nigricans*, e ao *hydrocotyle*, nascidos com algumas folhas pequenas e raras, sem nenhuma flor.

Falta-me papel para prolongar minha carta. Não vos falo de mim, porque não tenho nada de novo para vos contar, e porque não tenho qualquer interesse acerca do que dizem, publicam, imprimem, inventam, asseguram e pretensamente provam meus contemporâneos sobre o ser imaginário e fantástico ao qual lhes agradou dar o meu nome. Termino então minha tagarelice junto com a minha folha de papel, implorando vosso perdão pela bagunça e pelo rabisco de um homem que perdeu todo o hábito de escrever, e que basicamente só o retoma para vós. Saúdo-vos, Senhor, de todo coração, e imploro que não deixeis que o Senhor e a Senhora Fleurieu me esqueçam.

Ao Sr. de Malesherbes ⁷⁵⁹

[Primavera de 1772]

[134] Se demorei tanto, Senhor, para responder detalhadamente à carta que tivestes a gentileza de escrever-me em 3 de janeiro, foi antes de tudo pensando na viagem de que me havíeis avisado, e da qual só soube mais tarde que havíeis desistido, e em seguida por conta de meu trabalho variável, que surgiu-me de repente em grande abundância, e ao qual, para não aborrecer ninguém, fui obrigado a entregar-me inteiramente; isto desviou-me da botânica por vários

⁷⁵⁷ *Anagallis tenella* L.

⁷⁵⁸ *Lythrum portula* (L.) D.A.Webb

⁷⁵⁹ CG, volume XX.

meses. Mas finalmente a estação voltou, e me preparo para recomeçar minhas expedições campestres, tornadas, por um longo hábito, necessárias ao meu humor e à minha saúde.

Percorrendo o que me restava de plantas secas, quase não encontrei fora de meu herbário, no qual não quero tocar, senão algumas duplicatas do que já recebestes; e que, não valendo a pena serem reunidas para um primeiro envio, acho que seria conveniente fazer, durante este verão, uma boa provisão [de plantas], prepará-las, colá-las e organizá-las durante o inverno; após o que eu poderia continuar da mesma maneira, ano a ano, até que eu tenha esgotado tudo o que poderia fornecer. Se este arranjo vos convém, Senhor, a ele me conformarei com exatidão; e a partir de agora começarei minhas coleções. Gostaria apenas de saber qual forma preferis. Minha ideia seria fazer o fundo de cada herbário em papel de carta, tal como este; foi assim que comecei um para meu uso, e sinto cada dia mais que a comodidade desse formato compensa amplamente a vantagem que os herbários maiores têm. O papel em que estão as plantas que vos enviei seria ainda [135] melhor, mas não pude encontrar do mesmo; e o imposto sobre os papéis desnaturaram tanto sua fabricação que não consigo mais encontrar nenhum para anotar que não fure. Também tenho o projeto de uma forma de pequenos herbários de bolso para plantas em miniatura, que não são as menos curiosos, e que entretanto não incluiria senão plantas que neles coubessem inteiras, com raiz e tudo; entre outras, a maioria dos musgos, os *glauks*, *peplis*, *montia*, *sagina*, *saxifraga*,⁷⁶⁰ etc. Parece-me que esses herbários pequeninos podem se tornar charmosos e preciosos ao mesmo tempo. Enfim, há plantas de um certo tamanho que não conseguem conservar seu porte em um espaço pequeno, e espécimes tão perfeitos que seria uma pena mutilá-los. Destino a estas belas plantas papel grande e forte; e eu já tenho algumas que produzem um efeito muito belo nesta forma.

Há tempo que experimento dificuldades com a nomenclatura e muitas vezes fui tentado a abandonar essa parte completamente. Mas seria preciso ao mesmo tempo renunciar aos livros e à aproveitar as observações dos outros; e parece-me que um dos maiores encantos da botânica é, depois daquele de ver por si mesmo, o de verificar o que os outros viram: dar, pelo testemunho de meus próprios olhos, meu assentimento às observações finas e precisas de um autor

⁷⁶⁰ Todos gêneros botânicos da autoria de Lineu.

parece-me um verdadeiro gozo; ao passo que, quando não consigo encontrar o que ele diz, fico sempre em dúvida se não sou eu que vejo mal. Além disso, não sendo capaz de ver por mim mesmo senão poucas coisas, é preciso confiar no que os outros viram sobre o que resta; e suas diferentes nomenclaturas forçam-me para isso a atravessar o caos da sinonímia da melhor maneira possível. Foi preciso, para não me perder, relacionar tudo a uma nomenclatura particular; e escolhi a de Lineu, tanto pela preferência que dei ao seu sistema, quanto porque seus nomes, compostos somente por duas palavras, me libertam das longas frases dos outros. Para relacioná-los sem dificuldade aos de Tournefort, muitas vezes tenho de recorrer ao autor comum que ambos citam constantemente, a saber, [136] Gaspard Bauhin. É em seu *Pinax* que procuro a concordância entre eles: pois Lineu parece-me fazer uma coisa apropriada e justa, enquanto Tournefort apenas toma a frase de Bauhin, citando o autor original e não aquele que a transcreveu, como se faz muito injustamente na França. De modo que, embora quase toda a nomenclatura de Tournefort seja extraída palavra por palavra do *Pinax*, acreditaríamos, ao ler os botânicos franceses, que nem Bauhin nem *Pinax* jamais existiram no mundo; e, para piorar, consideram um crime Lineu não ter imitado sua parcialidade. No que diz respeito às plantas das quais Tournefort não extraiu os nomes do *Pinax*, encontra-se facilmente a concordância delas nos autores lineistas franceses, como Sauvages, Gouan, Gérard⁷⁶¹, Guettard⁷⁶² e d'Alibard⁷⁶³, que quase sempre o seguiu.

Fiz uma única herborização neste inverno, no Bosque de Bolonha, e trouxe de volta um pouco de musgo. Mas não se deve esperar poder completar todos os gêneros, mesmo no caso de uma única espécie. Há algumas muito difíceis de se colocar em um herbário, e há algumas tão raras que nunca passaram e provavelmente nunca passarão diante de meus olhos. Acredito que, nessa família e na das algas, é preciso ater-se aos gêneros cujas espécies encontram-se com bastante frequência para ter o prazer de orientar-se neles, e negligenciar aqueles cuja visão não nos censurará nosso desconhecimento, ou cuja forma

⁷⁶¹ Louis Gérard (1733-1819), botânico e médico de Montpellier.

⁷⁶² Jean-Étienne Guettard (1715-1786), médico, mineralogista e naturalista francês. Tornou-se membro da Academia de Ciências de Paris em 1743.

⁷⁶³ Thomas-François Dalibard (1703-1779) foi um dos primeiros naturalistas a adotar o método de Lineu na França.

extraordinária nos fará esforçar-nos para vencê-la. Tenho a vista muito curta, meus olhos estão ficando ruins, e não posso mais esperar coletar senão o que se apresenta fortuitamente em lugares onde sei mais ou menos o que estou procurando. A respeito da maneira de procurar, acompanhei o Sr. [Bernard] de Jussieu em sua última herborização, e achei-a tão tumultuada e tão inútil para mim, que, se ele tivesse feito outra, eu teria desistido de segui-lo. Acompanhei seu sobrinho no ano passado, vinte de maio, em Montmorency, e trouxe algumas plantas bonitas, entre outras o *lysimachia tenella*⁷⁶⁴, que acredito vos ter enviado. Mas descobri nesta herborização que as [137] indicações de Tournefort e Vaillant são muito falhas, ou que, de lá para cá, muitas plantas mudaram de solo. Procurei, e pedi a todos que procurassem com atenção, entre outros, o *plantago monanthos* na ponta do lago de Montmorency, e em todos os lugares onde Tournefort e Vaillant o indicam, e não conseguimos encontrar um único pé: em compensação, encontrei várias plantas dignas de nota, e mesmo muito perto de Paris, em locais onde não são indicadas. Em geral, sempre fui infeliz em procurar a partir dos outros. Acho melhor procurar por minha conta.

Ia me esquecendo, Senhor, de falar-vos de vossos livros. Ainda não pude senão dar uma espiada neles; e como não possuem um tamanho que dê para levar no bolso, e como no verão quase não leio no quarto, demorarei talvez até o final do próximo inverno para vos devolver aqueles que não ireis precisar antes deste momento. Comecei a ler a *Anthologie* de Pontedera, e nela encontro objeções contra o sistema sexual que me parecem muito fortes e das quais não sei como Lineu conseguiu escapar. Muitas vezes fico tentado a escrever neste autor, e nos outros, os nomes de Lineu ao lado dos deles para me orientar. Já até cedi a essa tentação para alguns, não imaginando nada além das vantagens para o exemplar. No entanto, sinto que é uma liberdade que não deveria ter tomado sem vossa aprovação, e vou esperá-la para continuar.

Devo-vos agradecimentos, Senhor, pelo local que tivestes a gentileza de oferecer-me para a dessecação das plantas: embora seja uma vantagem cuja privação conheço bem, a necessidade de visitá-las frequentemente, a distância entre os locais, que me faria gastar muito tempo fazendo expedições, impedem-me de aproveitar esta oferta.

⁷⁶⁴ *Anagallis tenella* L.

Apoderou-se de mim a fantasia de fazer uma coleção de frutos e sementes de toda espécie, que deveriam, com um herbário, formar a terceira parte de um gabinete de história natural. Embora ainda tenha adquirido muito pouco, e que não possa esperar [138] adquirir algo senão muito lentamente e por acaso, já sinto para este objeto a falta de espaço: mas o prazer de percorrer e visitar incessantemente minha pequena coleção pode sozinho compensar o trabalho de fazê-la; e se a mantivesse longe dos meus olhos deixaria de gozar dela. Se por acaso vossos guardas e jardineiros encontrarem de vez em quando, sob seus pés, nozes de faia, frutos de amieiro, de bordo, de bétula e de modo geral de todos os frutos secos de árvores de floresta ou de outras, e recolherem alguns em seus bolsos ao passar, e se tiverdes a gentileza de fazer chegar a mim alguns espécimes, eu teria um duplo prazer de com eles enfeitar minha coleção nascente.

Exceto a *Histoire des Mousses*⁷⁶⁵, de Dillenius, tenho comigo os outros livros de botânica dos quais me enviais a lista; mas, ainda que eu não tivesse nenhum, seguramente tomaria o cuidado de não consentir em vos privar, para o meu prazer, do menor dos divertimentos que estão ao vosso alcance. Peço-vos, Senhor, que aceiteis meu respeito.

À Senhora Duquesa de Portland ⁷⁶⁶

Paris, 17 de abril de 1772

[141] Recebi, Senhora Duquesa, com grande gratidão, tanto a carta com que me honrastes no dia 17 de março, como as numerosas remessas de sementes com as quais tivestes a gentileza de enriquecer minha pequena coleção. Esta remessa, em todo caso, constituirá a maior parte dela, e já desperta meu zelo para completá-la o máximo possível. Também sou muito sensível à gentileza do Dr. Solander em querer contribuir com algo; mas como não encontrei nada no pacote que me indicasse o que poderia ter vindo dele, fico em dúvida se o pequeno número de sementes ou frutos que me dissestes que ele me enviou estava junto do

⁷⁶⁵ Novamente uma referência à obra *Historia Muscorum*, cujo título Rousseau traduziu aqui para o francês.

⁷⁶⁶ CG, volume XX.

mesmo pacote, ou se ele fez outro à parte que, supõe-se, ainda não chegou até mim.

Agradeço também, Senhora Duquesa, por vossa gentileza em informar-me sobre o feliz casamento da Srta. Dewes⁷⁶⁷ e do Sr. Sparrow; alegro-me de todo coração por ela, tão capaz de fazer um homem honesto feliz e de ser feliz ela mesma, e por seu digno tio, a quem o feliz sucesso deste casamento o encherá de alegria em sua velhice.

Estou muito tocado pela lembrança de Milorde Nunham; espero que ele jamais duvide de meus sentimentos, assim como não duvido de sua bondade. Eu teria ficado lisonjeado com o prazer de vê-lo em Paris durante a embaixada de Milorde Harcourt, mas garantem-me que ele não esteve lá, e isso não é uma mortificação apenas para mim.

Fostes capaz de duvidar por um momento, Senhora Duquesa, que eu não tivesse recebido com tanta diligência quanto respeito o [142] livro dos jardins ingleses que gentilmente pensastes em enviar-me? Embora seu maior valor tenha vindo da mão da qual eu o recebi, não ignoro o valor que ele tem por si mesmo, pois é estimado e traduzido neste país; e, além disso, eu devo gostar do assunto, já que fui o primeiro em terra firme a celebrar e dar a conhecer estes mesmos jardins. Mas o de Bullstrode, onde todas as riquezas da natureza estão reunidas e combinadas com tanto conhecimento quanto gosto, merecia um canto de louvor particular.

Para desviar-me de meu gosto para minhas ocupações, propus-me a fazer herbários para naturalistas e amadores que quisessem adquiri-los. O reino vegetal, o mais gracioso dos três, e talvez o mais rico, é muito negligenciado e quase esquecido nos gabinetes de história natural, onde deveria preferencialmente brilhar. Pensei que pequenos herbários, bem escolhidos e feitos com cuidado, poderiam favorecer o gosto pela botânica, e vou trabalhar este verão em coleções que colocarei, espero, em condição de serem distribuídas daqui a um ano. Se por acaso se encontrasse, entre vossos conhecidos, alguém que quisesse adquirir herbários deste tipo, servi-los-ia o melhor possível, e continuaria a fazê-lo se estivessem satisfeitos com minhas tentativas. Mas eu gostaria particularmente,

⁷⁶⁷ Sobrinha de Bernard de Granville, que Rousseau conheceu durante sua estada na Inglaterra.

Senhora Duquesa, que às vezes me honrásseis com vossas ordens, e de merecer sempre, por atos de meu zelo, a honra que tenho de pertencer-vos.

J. J. Rousseau

Ao Sr. de Malesherbes ⁷⁶⁸

Paris, 11 de maio de 1772

[147] Recebi, Senhor, as sementes que tivestes a bondade de enviar-me e pelas quais peço que aceiteis meus agradecimentos, com elas enriquecerei meu pequeno celeiro que ainda é muito insignificante, mas que espero aumentar e arrumar um pouco no próximo inverno, porque reservo esta arrumação para as épocas em que o campo está deserto e a caminhada é impraticável. Como recolho, quando posso, tanto frutos quanto sementes, os frutos do amieiro não serão demais, embora a semente dele já tenha caído.

Já que aprovais, Senhor, a distribuição de herbários que tinha imaginado, darei um jeito de prosseguir com ela. Contudo, como me pareceu inconveniente para aqueles que gostariam de adquirir estes herbários serem obrigados a adquirir três formatos, penso que é preciso favorecer um que seja o mais completo possível, e este é o meio que escolherei para isso, reservando o grande para melhor preservar o porte das plantas grandes, e o pequeno pela conveniência da forma, mas não deixando de inserir no médio, o máximo possível, tudo o que conterão os extremos, a fim de que com aquele se possa prescindir desses, que, assim, serão basicamente apenas para os verdadeiros botânicos e para os curiosos.

Eu teria tido algo mais a dizer, a propósito de Lineu, sobre o conteúdo da última carta que tivestes a gentileza de escrever-me, mas é-me impossível no momento encontrá-la, e minha memória extinta não conseguiria reter seu conteúdo. Direi apenas que me parece ainda [148] menos crível que ele tenha tido o injusto e baixo projeto de extinguir a memória de Tournefort, a quem ele não

⁷⁶⁸ CG, volume XX.

somente cita com bastante frequência em seu *Species*⁷⁶⁹ e quase em cada artigo de seu *Genera*, mas de quem fala em mil lugares de seus escritos com os maiores elogios. Relatarei apenas o início de uma passagem que tenho atualmente sob os olhos: "Sed adhuc majori architecto pro tanto ædificio exstruendo opus erat, quem providentia omnia gubernans tandem exeunte sæculo 17º in summo Tournefortio progenuit: genuinam methodum hic primus a flore in classibus distinguendis, a fructu vero in ordinibus dignoscendis, summa sapientia adornavit. Præcipua vero quæ hic præstitit hæc fuere" etc. *Reform. Botanicae*, p. 4⁷⁷⁰. O resumo do método que ele faz em seguida não é menos honroso para o autor. Se os botânicos franceses dessem a Lineu um quarto da honra que ele dá ao seu mestre, o quanto eles se gabariam de sua própria imparcialidade? Mas eles se preocupam tão pouco com ela, que disputam entre si quem o arrastará pela lama. Quanto a mim, que não me apaixono senão pelo amor à justiça, bem sei que se alguém tratasse o Sr. Adanson com tanta indignidade e até má fé como ele trata o Sr. Lineu, que não conheço e por quem não tenho nenhum interesse senão o da verdade e da honestidade, eu me inflamaria com sua justa defesa, como faço com a de Lineu. Mas tanto os botânicos como todos os homens de letras não conhecem outra justiça ou outra paixão que não o espírito de partido. Ainda assim, é menos por amor por quem eles seguem do que por ódio por quem eles não seguem.

Começo a percorrer o campo, mas ainda não encontro nada; o vento frio e forte que reina constantemente ressecou a terra, retardando muito a vegetação. Se eu for bem sucedido nas expedições que planejo, terei a honra, Senhor, de vos prestar contas de minha colheita.

[149] Como já não tenho nenhum direito na qualidade de cidadão de Genebra, e como não desejo tê-la, me faríeis um favor, Senhor, em não mais me dar esse título.

⁷⁶⁹ "Nota. Apenas aqueles que seguem o método de Tournefort citam suas frases; Haller e todos os botânicos estrangeiros citam preferencialmente os autores dos quais ele os extraiu. Mas quando suas frases são originais e Lineu ou outros não as citam, então eles erram" (Nota de Rousseau).

⁷⁷⁰ Citação do livro *Reformatio Botanices*, publicado em Uppsala, em 1762. Em tradução livre: "Mas ainda era necessário um arquiteto maior para a construção de tal edifício, que a providência, governando todas as coisas, finalmente produziu, no final do século XVII, na figura do grande Tournefort: este homem adornou com a mais alta sabedoria o genuíno método para distinguir as flores por classes, diferenciando os verdadeiros frutos por ordens. Verdadeiramente grandes são as coisas que a providência ordenou que existissem".

À Senhora Duquesa de Portland ⁷⁷¹

Paris, 19 de julho de 1772

[183] É, Senhora Duquesa, por causa de um quiproquó muito imperdoável, mas muito involuntário, que tenho tardiamente a honra de vos agradecer pelos frutos raros que tivestes a generosidade de enviar-me da parte do Sr. doutor Solander, e pela carta de 24 de junho, pela qual gentilmente me informastes [184] deste envio. Devo também a este douto naturalista agradecimentos que serão recebidos muito mais favoravelmente se vos dignardes, Senhora Duquesa, a deles vos encarregardes, como me fizestes com o envio, do que vindo diretamente de um homem que não tem a honra de ser conhecido por ele. Por graça suprema, prometeis-me ainda os nomes dos novos gêneros quando ele os tiver atribuído: o que supõe também a descrição do gênero; pois nomes desprovidos de idéias não são senão palavras, que servem menos para adornar a memória do que para sobrecarregá-la. A tanta gentileza de vossa parte, não posso oferecer, Senhora, como sinal de gratidão, senão o prazer que tenho em vos ser grato.

Não é sem um verdadeiro desprazer que fico sabendo que esta grande viagem, para a qual os olhos de toda a Europa erudita estavam voltados, não acontecerá⁷⁷². É uma grande perda para a cosmografia, para a navegação e para toda a história natural em geral, e é, estou bem certo disso, uma tristeza para esse homem ilustre, que o zelo da instrução pública tornou insensível aos perigos e fadigas, cuja experiência já havia perfeitamente instruído. Mas vejo cada dia melhor que os homens são iguais em toda parte, e que o progresso da inveja e do ciúme faz mais mal às almas do que o progresso das Luzes, que é sua causa, pode fazer bem aos espíritos.

Certamente não esqueci, Senhora Duquesa, que havíeis desejado a semente do *gentiana filiformis*; mas essa lembrança não fez senão aumentar meu pesar por ter perdido essa planta, sem me fornecer nenhum meio para recuperá-la. No mesmo lugar onde a encontrei, que foi em Trye, procurei-a em vão no ano seguinte e, seja por não ter lembrado bem do lugar ou do momento de seu

⁷⁷¹ CG, volume XX.

⁷⁷² Rousseau refere-se ao que teria sido a segunda viagem do navegador James Cook (1728-1779) pelo Pacífico na companhia de Joseph Banks e Daniel Carl Solander.

florescimento, seja porque ela não havia produzido sementes e se renovado, foi-me impossível encontrar o menor vestígio dela. Muitas vezes senti a mesma mortificação em relação a outras plantas que descobri terem desaparecido dos lugares onde antes eram encontradas em abundância; por exemplo, o *plantago uniflora*, que [185] antigamente margeava o lago de Montmorency e da qual procurei em vão ano passado com botânicos melhores, que tinham olhos melhores do que os meus. Garanto, Senhora Duquesa, que faria, de todo coração, uma viagem a Trye para colher esta pequena genciana e sua semente, e enviar-vos ambas, se tivesse a menor esperança de sucesso. Mas não a tendo encontrado no ano seguinte estando ainda no local, qual a chance, depois de vários anos em que todos os ensinamentos que ainda me restavam se apagaram, de encontrar o rastro desta pequena e fugaz planta? Ela não está aqui no Jardim do Rei, nem, que eu saiba, em nenhum outro jardim, e pouquíssimas pessoas sequer a conhecem. Com relação ao *carthamus lanatus*, adicionarei sementes às amostras de herbários que espero enviar-vos no final do inverno.

Soube, Senhora Duquesa, com uma doce alegria, do perfeito restabelecimento do meu antigo e bom vizinho, o Sr. Granville. Estou muito comovido com o trabalho que tivestes para informar-me sobre isso e, assim, dobrastes o valor de tão boas notícias. Rogo-vos, Senhora Duquesa, que aceitai, além de meu respeito, os meus vívidos e verdadeiros agradecimentos por todas as vossas generosidades.

J. J. Rousseau

Ao Sr. Duque de Albe ⁷⁷³

Paris, 9 de novembro de 1772

[206] Tenho a honra, Senhor Duque, de assegurar a Vossa Excelência que estou tão impressionado quanto emocionado com suas generosidades. Recebi com ardor e gratidão as sementes de jardim que fizestes a graça de enviar-me, e eu me preparava para expressar meus agradecimentos quando a carta com a qual me

⁷⁷³ CG, volume XX.

honrastes em 2 de outubro veio-me determinar novamente a fazê-lo. Garanto, Senhor Duque, que é um dever [207] que cumpro de todo coração e que, na medida em que puder receber os favores de Vossa Excelência, eles me serão sempre de um valor infinito.

Se alguma coisa pode despertar um gosto que sinto diariamente arrefecer, é o presente de sementes que acabei de receber de vossa parte. Mas há muito que noto, e agora experimento eu mesmo, que as coleções, tão agradáveis de começar, dão mais embaraço do que prazer em continuar, porque à medida que nos enriquecemos sentimos mais a privação do que nos falta do que o gozo do que possuímos, ao passo que, no início, provamos apenas o prazer de adquirir. Vossa Excelência não encontrará aqui, então, a lista que seria necessário enviar-lhe para aproveitar suas obsequiosas ofertas. Além disso, as mesmas produções repetem-se bastante em todos os jardins botânicos, e não creio que o de Madrid contenha muitas coisas que faltam a este daqui. Portanto, não vou mais abusar de vossa generosidade a esse respeito, quase não pensando mais em adquirir algo desse tipo e nem mesmo tendo espaço suficiente para colocar em ordem o pouco que tenho.

Soube que a saúde de Vossa Excelência está ainda no mesmo estado; a despeito de minha pouca fé na medicina, não perco as esperanças de ter notícias melhores em breve. O partido que tomei é sem dúvida o melhor no caso de doenças incuráveis como a minha, que se devem à constituição do indivíduo. Estais, Senhor Duque, em um caso muito mais favorável, o que vos permite alimentar esperanças com as quais erraria se me deixasse iludir. Se eu souber em breve que elas se cumpriram, tenho certeza de que ninguém no mundo se alegrará mais verdadeiramente do que eu com o perfeito retorno de vossa saúde. Que assim seja. Peço a Vossa Excelência que aceite o meu respeito.

J. J. Rousseau

1773

A partir de 1773, o interesse de Rousseau pelas plantas começou a declinar sensivelmente. Em várias cartas ele nos fala a respeito de seu gosto quase extinto pela botânica. No entanto, o projeto de ensinar a Sra. Delessert continuou, marcado pela produção de mais duas das oito cartas sobre botânica. Além delas, o leitor desta coletânea encontrará mais três outras cartas, também endereçadas para a Sra. Delessert, que complementam as cartas consideradas principais com apontamentos e correções das amostras analisadas pela aluna. Em 1774, Rousseau escreveu a última das oito cartas à Sra. Delessert e herborizou no Mont-Valérien com Bernardin de Saint-Pierre. Em 1775, vendeu seus livros e seus herbários para Thomas Malthus. Seria o fim da paixão pelas plantas?

Ao Sr. de La Tourrette ⁷⁷⁴

Paris, 7 de janeiro de 1773

Pobres cegos que somos! etc.

[213] Vossa segunda carta, Senhor, fez-me sentir vivamente o erro de ter demorado tanto em responder à anterior e em vos agradecer pelas plantas que a acompanhavam. Não é que eu não tenha sido sensível à vossa lembrança e a vosso envio; mas a necessidade de uma vida muito sedentária e a falta de hábito de escrever cartas aumentam diariamente a dificuldade, e sinto que em breve será necessário renunciar a todo comércio epistolar, mesmo com pessoas que, como vós, Senhor, sempre o tornaram instrutivo e agradável.

Minha ocupação principal e a diminuição de minhas forças vêm reduzindo meu gosto pela botânica a ponto de temer perdê-lo por completo. Vossas cartas e remessas são bastante apropriadas para reanimá-lo. O retorno da bela estação talvez contribua para isso: mas duvido que em alguma estação minha preguiça suporte por muito tempo a fantasia de fazer coleções. A de sementes, feita pelo Sr.

⁷⁷⁴ CG, volume XX.

Thouin, havia excitado minha emulação, e havia tentado reunir de modo reduzido tantas sementes e frutos diferentes, nativos ou exóticos, quantos pudessem cair em minhas mãos: fiz expedições com esta intenção. Voltei com colheitas bastante razoáveis, e muitas pessoas obsequiosas tendo contribuído para aumentá-las, logo senti, em minha pobreza, o embaraço das riquezas; pois, embora eu não tenha ao todo um milhar de espécies, fui tomado de pavor ao tentar arrumar tudo que colhi; e, além disso, faltando-me espaço para colocar uma espécie de ordem naquilo, quase renunciei a esta empreitada; e tenho [214] pacotes de sementes que me foram enviados da Inglaterra e de outros lugares, há muito tempo, que ainda não me senti tentado a abrir. Assim, a menos que essa fantasia se reanime, ela está, por ora, quase extinta.

O que poderá contribuir, além do prazer pela caminhada que jamais me abandonará, a conservar o gosto por um pouco de herborização, é a confecção de pequenos herbários em miniatura que me comprometi a fazer para algumas pessoas, e que, embora composto apenas de plantas dos arredores de Paris, ainda me manterão com um pouco de interesse por recolhê-las e secá-las.

Aconteça o que acontecer a este gosto arrefecido, ele me deixará sempre lembranças agradáveis dos passeios campestres em que tive a honra de vos acompanhar e dos quais a botânica foi tema; e se me resta de tudo isso algum lugar em vossa benevolência, não acreditarei ter cultivado a botânica sem frutos, mesmo quando ela tiver perdido seus atrativos para mim. Quanto à admiração de que me falais, merecida ou não, não vos agradeço, porque é um sentimento que nunca lisonjeou meu coração. Prometi ao Sr. de Châteaubourg que vos agradeceria por ter me dado o prazer de ter tido por ele notícias vossas, e cumpro minha promessa com prazer. Minha esposa é muito sensível à honra de vossa lembrança, e ambos vos pedimos, Senhor, que aceiteis nossos agradecimentos e nossas saudações.

Ao Sr. de Malesherbes⁷⁷⁵

Paris, 8 de março de 1773

[217] Quando recebi, Senhor, a última remessa de sementes que tivestes a bondade de enviar-me, antes de vos agradecer como devia, quis esperar a remessa que contava em breve fazer-vos, contendo os começos dos herbários que vos eram destinados, e os livros que tinha de vos devolver depois de tê-los mantido comigo por tanto tempo. Mas as outras ocupações indispensáveis que dividem meu tempo, e os pequenos detalhes desta ocupação, mais minuciosos do que eu estimava, prolongaram-na tanto que não creio poder vos enviar os primeiros cadernos desses herbários antes da Páscoa, e culpo-me demais pelo meu longo silêncio para querer prolongá-lo até lá. Quanto aos livros, como os deste gênero dificilmente são lidos de uma vez, eu me havia proposto, para que isso fosse possível, colocar o nome de Lineu em cada planta, na esperança que pudésseis encontrar neste acréscimo uma pequena comodidade a mais ao consultar essas obras. Mas a divisão de meu tempo e a diminuição do meu gosto pela botânica obrigar-me-ão a abandonar este empreendimento incompleto, a não ser que desejeis, Senhor, que ele seja concluído, o que seria talvez um grande favor, ao despertar um gosto que até agora muito contribuiu para tornar agradável a vida solitária a que me consagrei. Caso contrário, esses livros, tendo se tornado perfeitamente inúteis para mim, serão reunidos às amostras de herbário que infelizmente estarão bem longe do estado em que eu queria colocá-las, e pelas quais certamente não terá valido a pena esperar por tanto tempo. Mas é meu hábito, em empreendimentos que faço de coração, [218] esgotar-me em preparativos finos e não fazer nada que valha a pena quando quero pô-los em prática. Condescendeis, Senhor, em simpatizar com a minha miséria, pois juro-vos que nela a boa-fé estava, e ainda está, inteira, mas, para meu grande pesar, o sucesso a ela não corresponde de todo.

Ainda não pude examinar detalhadamente as remessas com as quais tivestes a gentileza de enriquecer meu pequeno celeiro, que, por falta de espaço, é-me impossível pôr em ordem. Mas, Senhor, jamais lançarei meus olhos nele sem reconhecer os cuidados que tivestes a gentileza de tomar em meu favor, e da lembrança obsequiosa de que eles são o testemunho.

⁷⁷⁵ CG, volume XX.

Suplico que aceiteis meu respeito.

J. J. Rousseau

Ao Sr. de Malesherbes ⁷⁷⁶

Paris, 18 de abril de 1773

[225] Seu arrefecimento, Senhor, pela botânica, consola-me em parte, por não poder contribuir para vosso divertimento através de herbários como planejava fazer. Fiz preparativos admiráveis, recolhi uma grande quantidade de plantas. Deram-me várias. Comprei caixas, papel, papelão, portfólios; fiz molduras. Foi apenas quando finalmente quis fazer uso de tudo isso que senti minha insuficiência. Certamente teria tido mais sucesso se tivesse empreendido menos, mas também não teria colocado o mesmo zelo. A maioria dos meus preparativos se perdeu porque foram mal concebidos e, em vez de prever os inconvenientes a partir do que imaginava, não fiquei sabendo deles senão ao experimentá-los. Não tendo podido cuidar de todo esse arsenal de plantas, o que conservei reduziu-se a quase nada. Enfim, sinto que, por querer empreender demais, transformei uma diversão agradável em um trabalho penoso, inútil e custoso. Contudo, para ainda dar algum objeto às minhas excursões campestres, não renuncio inteiramente aos herbários; mas o trabalho que quero colocar neles será tal que, mesmo que ele se perca de novo inteiramente, teria poucos arrependimentos e ainda teria ganhado o divertimento que encontro ao me dedicar a eles. Comecei três ou quatro pequenos herbários em miniatura [226] aos quais me limitarei; o que farei com eles todos os anos não será cansativo e nem custoso, e ainda sustentará esse gosto remanescente que conservo pela herborização. Tinha-vos preparado, Senhor, duas pequenas amostras desses herbários, uma de cada formato, para vos serem enviadas na Páscoa, mas o Sr. de St.-Remi⁷⁷⁷, que veio me ver há algum tempo e que prometeu levá-las, não tendo vindo, suponho que não fez a viagem de Malesherbes como pretendia, e gostaria que me dissésseis a quem devo entregá-las para fazê-las chegar a vós, bem como vossos dois livros que ficaram aqui, o Sr. de St-Remi,

⁷⁷⁶ CG, volume XX.

⁷⁷⁷ Leroux de Saint-Remi (1732-1800) tesoureiro do celeiro de sal de Malesherbes.

que não pôde comodamente levar tudo isso consigo, tendo tido a gentileza de se encarregar dos outros dois quando veio me ver. Tinha a intenção de dividir esses herbários em pequenos portfólios ou cadernos, cada um com cem plantas; mas a pequenez do formato, e também a minha pobreza, obrigaram-me a reduzir esses cadernos a sessenta, para torná-los mais portáteis e mais cômodos. Esses herbários, destinados mais às damas do que aos botânicos, quase não contêm senão fragmentos de plantas, mas que me esforcei em torná-las reconhecíveis pela forma e pela cor, na medida do possível. Meu projeto era inicialmente de fazer cada um desses pequenos herbários chegar a seiscentas plantas, escolhidas dos arredores de Paris, e eu faria um caderno de cem plantas por ano; ao reduzi-los a sessenta, seriam necessários dez anos, em vez de seis, para completá-los, e é um projeto bastante quimérico em minha idade. Todavia, se este arranjo puder convir a alguém, eu o seguirei tanto quanto possível: isso é tudo o que posso prometer. Quanto a vós, Senhor, sequei e colei algumas plantas grandes escolhidas, às quais ainda tenho algumas a acrescentar. Pretendo terminar este pequeno trabalho no próximo inverno, e vos enviar essas plantas, mais dignas de vossos olhares do que os brinquedinhos com os quais me divirto. Mas não posso comprometer-me a continuar essa coleção por causa do embaraço do transporte e da dessecação. Estou começando a ficar muito pesado e muito preguiçoso para isso. *Parturiunt [227] montes*, é nisso a que meus grandes projetos de herbário se resumem. Quando tiverdes recebido minhas duas amostras, Senhor, fazei a gentileza de informar-me se devo continuá-las ou abandoná-las. Guardei de qualquer forma a lista das plantas que estão nelas para não enviar as mesmas duas vezes. Suplico-vos, Senhor, que aceiteis meu respeito.

J. J. Rousseau

Ao Sr. de Malesherbes⁷⁷⁸

Paris, 2 de maio de 1773

[228] O Sr. de St.-Remi encarregou-se, Senhor, de vos fazer chegar as duas amostras de herbário de que tivera a honra de vos falar, e às quais se reduzem todos os preparativos que tinha feito para esse tipo de trabalho. Nunca imaginei que esses fragmentos pudessem ser para vosso uso, mas apenas para o das pessoas que me dissesseis terem adquirido algum gosto pela botânica, pois é preciso sempre começar o estudo pelo conhecimento grosseiro de um certo número de plantas. Preparei algumas em formato maior, mas, como elas estão ainda em número muito pequeno para poderem ser chamadas de coleção, espero adicionar algumas outras para vos enviar tudo. Quanto aos dois pequenos herbários, meu plano era aumentá-los todos os anos com umas tantas plantas novas, e esse pequeno trabalho, sem me ser penoso, teria sido suficiente para manter-me o fôlego, impedir-me de perder agilidade tão rapidamente, e dar um objeto [229] agradável aos meus passeios. Tinha até imaginado uma forma um pouco mais cômoda para os pequenos portfólios, mas sinto que esses farrapos têm tão pouca utilidade que não se deve presumir que se deseje sua continuação.

Se, entretanto, isso acontecesse, faríeis a gentileza, Senhor, de avisar-me, e eu estaria sempre às vossas ordens.

Entreguei também ao Sr. de St.-Remi os dois livros de vossa biblioteca que me restavam, a saber, a *Flora Prussica* e a *Anthologie* de Pontedera. Acrescentei o nome de Lineu ao de várias plantas, mas não concluí este trabalho, e há até mesmo algumas cujos sinônimos me foram impossíveis de encontrar. Algumas dessas figuras fizeram-me descobrir alguns erros que marquei. Como por exemplo a transposição do *Carduus crispus* e do *Carduus acanthoides*, que se demonstra um pelo outro no Jardim do Rei, o que o *Botanicon*⁷⁷⁹ já me havia feito sentir e que verifiquei na *Flora Prussica*.

Suplico-vos, senhor, que aceiteis meu respeito.

J. J. Rousseau

⁷⁷⁸ CG, volume XX.

⁷⁷⁹ *Botanicon parisiense*, de Sébastien Vaillant.

À Sra. Delessert ⁷⁸⁰

24 de maio de 1773

[238] Juro-vos, adorável prima, que estou arrebatado com a vossa última carta e com a encantadora pequena amostra de herbário que juntastes a ela, mas sobretudo com as quatro palavras que me dissestes a respeito da número 4. Uau, fostes capaz de ver por vós mesma que esses pontos amarelos que enchem o meio da flor são outras tantas flores! Encontrastes sem mim o que tive dificuldade em vos dizer, temendo forçar demais vossa visão e sobrecarregar vossa atenção. Compreendereis melhor, talvez, o quanto me surpreendestes, quando vir na carta anexa, que já estava escrita, com que medo, com que circunspeção, ousava vos fazer vislumbrar, na pequena margarida, o que vistes por vós mesma perfeitamente bem na grande. Oh! Como estais indo nesse ritmo, não vos pouparei mais tanto, e, para vos seguir, talvez em breve tenha mais necessidade de consultar as minhas forças do que as vossas. Eis a carta que vos escrevi sobre as flores compostas, e tivestes muita sorte por ela ter sido escrita antes, pois, se ainda estivesse por ser feita, eu teria outro nível de confiança e vossa atenção não seria conquistada a um preço tão baixo.

[239] Vossas plantas estão perfeitamente bem conservadas, principalmente as cores, o que foi difícil para a flor azul, mas também não tivestes o cuidado de dessecar as folhas, que, quando o gênero é conhecido, servem para determinar a espécie. Hesitei na número 1, que não tem senão três pétalas e que não tem nenhuma folha. A número 3 também não as tem, e seria preciso ao menos deixar o pedículo mais longo, porque ele serve para distinguir duas espécies de ranúnculo, aliás muito semelhantes, mas das quais uma tem o pedículo sulcado por quatro ou cinco caneluras, ao passo que a outra, que é a vossa, tem o pedículo sem estrias e absolutamente redondo. Mas não é necessário aqui vos censurar com muita severidade, pois estou muito contente convosco. Eis agora vossas plantas, com um nome francês e o nome latino de Lineu; aconselho-vos a anotar fielmente os nomes latinos, e até mesmo vos esforçar em retê-los, pois é a única maneira de entender-se com os botânicos e lhes indicar com segurança a planta de que se fala sem recorrer a longas descrições.

⁷⁸⁰ CG, volume XX.

Nº 1. *Saxifraga granulata*, Linn.

Saxifraga-branca. — Essa planta é da família das rosáceas, da qual ainda não falamos. Ela tem o cálice recortado em cinco, cinco pétalas alongadas, dez estames, o pistilo enforquilhado terminado por dois estigmas; o ovário em maturação forma uma cápsula com dois chifres, entre os quais ela se abre para derramar suas sementes em sua maturidade. Essas sementes são escuras e muito pequenas. Suas folhas são arredondadas com algumas endentações. Sua raiz é guarnecida por pequenos tubérculos avermelhados, vulgarmente chamados de semente ou semente de saxifraga.

Nº 2. *Veronica chamaedrys*, Linn.

Verônica-carvalhinha. — É uma verônica, como bem adivinhastes, mas não é a verônica-dos-campos; é menos ainda a *não-me-esqueças*, que é uma rosácea e, por consequência, polipétala.

Todas as verônicas são flores monopétalas irregulares, divididas em quatro partes, uma das quais é sempre [240] menor ou maior que as outras. Elas não possuem senão dois estames. O ovário torna-se uma cápsula achatada em forma de coração: essa cápsula tem dois compartimentos, que contêm sementes maiores e mais brancas que as da saxifraga.

O nome carvalhinha é dado a essa espécie, porque suas folhas se aproximam na forma das da carvalhinha ou carvalho-pequeno. Eis uma marca certa pela qual podereis distingui-la de todas as outras verônicas: ela tem ao longo de seu caule duas fileiras de pêlos, bastante longos e serrados, que formam duas linhas até uma camada de galhos, e dessa camada até a próxima partem duas outras linhas semelhantes de pêlos, que se cruzam com as primeiras. Mal tereis a planta sob os olhos e entenderéis o que quero dizer, e é uma observação muito simples que ainda não foi feita por nenhum botânico.

Nº 3. *Ranunculus acris*, Linn.

Ranúnculo-dos-prados. — Família das rosáceas, gênero dos ranunculus. Um carácter particular dos ranunculus é que eles sempre têm na unha de suas pétalas uma espécie de pequena concha, ou saco, ou *nectário*, como dizem geralmente os botânicos, e esse caráter basta para distingui-los das anemone⁷⁸¹,

⁷⁸¹ *Anemone* L.

das clematis⁷⁸² e de todas as outras rosáceas, que, como elas, possuem muitos estames e muitos ovários. Deve-se tomar cuidado para não confundir essa espécie com outro ranúnculo rastejante, que se parece muito com ela e que é ainda mais comum: é chamada aqui de ranúnculo-dos-campos⁷⁸³. A ranúnculo-dos-campos tem, como vos disse, o pedículo com flores caneladas, enquanto o do ranúnculo-dos-prados é mais fino e completamente redondo.

Nº 4. *Chrysanthemum leucanthemum*, Linn.⁷⁸⁴

Margarida-maior. — Quando tiverdes lido a carta anexa e fordes iniciada na classe das compostas não precisareis que eu vos diga que essa é uma flor radiada. Dir-vos-ei apenas que o gênero da margarida-maior é facilmente distinguido do da margarida-menor, e de todas as outras radiadas, por seu cálice; pois, além de [241] seu cálice ser quase absolutamente chato quando a flor está bem desabrochada, os folíolos desse cálice têm todos uma borda membranosa e escura, pela qual é muito fácil reconhecê-la. No que diz respeito à espécie, dificilmente deve-se temer que a confundais com as outras espécies, que não são tão comuns. Há apenas uma outra margarida-maior que é encontrada com bastante frequência nos trigos; mas, além de suas folhas serem mais espessas e mais azuladas que aquelas da número 4; ela é ainda mais fácil de distinguir pela cor de sua flor, que é toda amarela e dourada, tanto no contorno quanto no disco, enquanto a número 4 tem sempre os flósculos amarelos e os semiflósculos brancos. Pode-se chamar a amarela de *margarida dos campos*, e esta (número 4), *margarida dos prados*,⁷⁸⁵ porque ela é mais comum neles, embora também seja encontrada nos campos; mas não acredito que a amarela seja encontrada nos prados.

Eis, querida prima, instruções suficientes para poder reconhecer, nomear e classificar vossas quatro plantas, até que tenhais uso para caracteres mais detalhados. Empenhai-vos em bem observar e examinar no pé essas quatro plantas, em botão, em flor, sem flor e secas, de maneira que possais reconhecê-las ao primeiro golpe de vista em todos os tipos de estado e não esquecer jamais.

⁷⁸² *Clematis* L.

⁷⁸³ Trata-se provavelmente da *Ranunculus arvensis* L.

⁷⁸⁴ *Leucanthemum vulgare* Lam.

⁷⁸⁵ Os nomes em francês são, respectivamente, *grande marguerite des champs* e *grande marguerite des prés*.

Aqui já estão quatro itens de comparação bem determinados; já é alguma coisa, e à medida que avançarmos, esse tipo de aquisição se tornará infinitamente mais fácil de fazer e a botânica mais agradável de cultivar. Vossa ideia sobre as árvores frutíferas é muito boa: falaremos sobre isso antes que elas voltem a florescer, mas por hora temos outro caminho a percorrer antes de chegarmos lá.

Por ora, chega de botânica. Vosso querido marido, que se apressa em se juntar a vós e que está disposto a se encarregar de minhas remessas, faz com que eu precise abreviá-los. Achei-o tão amável, tão complacente e de tão agradável companhia, que não o veria partir sem pesar, se eu não [242] soubesse preferir vossa felicidade ao meu prazer: gozo antecipadamente, e de todo coração, da felicidade que ambos sentirão quando ele chegar. Ele se tornou ainda mais querido para mim depois que transformou em esperança um desejo que me contentava em nutrir no fundo de meu coração, sem ter grandes expectativas de vê-lo realizado. Se há aqui embaixo momentos de pura alegria, contai, querida amiga, que será para minha esposa e para mim aquele em que poderemos vê-los novamente e abraçá-los; vós a vereis, espero, adornada com vosso presente e o com coração cheio, por vós, de sentimentos de que sois digna. Acredito que a priminha⁷⁸⁶ estará ao menos na viagem: terei o prazer de contemplar seus progressos, e cultivaremos o melhor que pudermos os direitos que temos à sua amizade. Mas, a propósito, essa excelente mamãe, que com vossas encantadoras irmãs faz viagens tão alegres até vós, por que ela não faria parte das vossas? Por que não levar ela...? Ah! pobre tolo que sou, nunca me cansaria de desejar. Paro aqui, muito contra minha vontade, mas lembrai sempre que seria injusto e mal frustrar uma esperança tão doce após tê-la feito nascer.

Soube da recuperação da mamãe assim que soube de sua indisposição. Sei que sois sua médica; aconselho-a e conjuro-a a ser dócil com essa e a não ter nenhum outro. Tive notícias bastante regulares de todos os vossos aluninhos e de sua bela ama enquanto o papai estava aqui; espero que não esqueçais que a partir de agora é através de vós que espero obtê-las, e que estou tão acostumado a tê-las com frequência que não poderia suportar a interrupção sem inquietude. Adeus, querida amiga. Termino esta carta apressadamente para levá-la ao vosso marido, com medo que ele interrompa novamente seus negócios e suba até meu quinto

⁷⁸⁶ Rousseau refere-se à filha da Sra. Delessert, Marguerite-Madeleine Delessert.

andar, como ele fez um grande número de vezes, com uma complacência cujo preço conheço bem, e pelo qual deveis redobrar-lhe as carícias. Minha esposa vos abraça de todo coração e vos pede expressamente que deis dois beijos de sua parte [243] em vossa futura pequena companheira de viagem. Quanto a mim, pretendo dar os meus por mim mesmo, e não quero preencher tais cuidados com um pedido.

Recebi notícias bastante tristes de Lyon, que me levam a pensar que nossa pequena remuneração chegará à minha pobre tia⁷⁸⁷ na hora certa, pois a carta que ela me escreveu foi enviada muito antes que ela pudesse recebê-la. Agradei ao sr. de Lessert pela gentileza de se incumbir desse pequeno encargo. Para vós, querida prima, é quase o mesmo dar-vos meus agradecimentos ou receber os vossos, de tanto que é uma satisfação recíproca prestar ou receber os ofícios de amizade. Nossos abraços a tudo que amais. Minhas saudações ao Sr. Gaujet.

⁷⁸⁷ A tia de Rousseau é Suzanne Goncerut (1682-1775), nascida Rousseau, irmã de Isaac Rousseau.

**À Senhora
Senhora de Lessert,
nascida Boy de la Tour,
Lyon**⁷⁸⁸

Paris, 9 de agosto de 1773

[253] Recebi, querida prima, vossas notícias em tempo, pois começava a ficar inquieto e não teríeis tardado em receber minhas. É com um prazer muito puro que as recebo e fico sabendo que está tudo bem convosco e com a mamãe, e que deixais entrar em vossas lembranças, com ela e com vossas amáveis irmãs, um homem que vos será por toda vida ternamente apegado. Há bom senso em pessoas como elas, feitas para causar tanto ardor, terem tão pouco elas mesmas por uma mudança de estado que, apesar do aspecto sorridente em que se apresenta na idade delas, expõe a várias chances contrárias, para uma favorável, buscada e tão raramente encontrada. Seja qual for a felicidade que elas merecem, e que tenham motivos de esperar no casamento, estou convencido de que elas sempre se lembrarão com prazer, e às vezes com pesar, dos dias doces e tranquilos que passaram fazendo felizes os de sua digna mãe.

Depois de lhes ter dado tão bem o exemplo, providenciais desde muito a recompensa preparando o coração de vossa filha para vos imitar. A atenção que tivestes de adiantar-vos aos louvores que ela iria atrair para si ao nomear uma papilionácea é um cuidado cujo valor sinto tanto mais quanto estou certo de que todos os louvores merecidos que ela pode receber vos lisonjearão ainda mais do que a ela. Mas, como parece-me impossível afastar sempre a lisonja de seu ouvido, talvez fosse melhor que ela aprendesse [254] logo a apreciá-la e a desdenhá-la, e esse efeito, melhor do que por lições diretas, talvez se operasse com mais êxito dando-lhe regras para o emprego dos louvores com economia e discernimento, fazendo-a sentir o quanto ele avilta aquele que o esbanja e indispõe aquele que o recebe quando é fútil e não merecido. Parece-me que, dessa maneira, nela se criaria uma hábil disposição a ser tão exigente com relação aos louvores que receberia quanto aos que faria. Não é da natureza do coração humano ser insensível aos elogios, dos quais nos sentimos dignos e que o coração dita, mas é

⁷⁸⁸ CG, volume XX.

muito fortemente de sua natureza não gostar que nos surpreendam e que nos tratem como um tolo ou uma criança. As mulheres devem, eu sei, ser educadas e carinhosas, mas isso não significa que elas devam ser adadoras e bajuladoras. Normalmente elas o são demais com os homens, e entre elas é ainda pior, elas o são com falsidade. Mas os louvores de uma mulher que se respeita, e que não os concede senão com justiça e moderação, são a recompensa mais lisonjeira do mérito de um homem honesto.

Parece-me, querida prima, que, dirigindo vossas instruções mais ou menos nesse espírito, vós a armareis muitíssimo, sem aparentar esforço, contra as pequenas seduções dos bajuladores. Essas lições certamente terão toda a força possível em vossa boca, e o conhecimento que delas resultará um dia valerá mais para a pequena do que a geografia e a heráldica, e até mesmo do que a botânica, tomada como comumente se entende. Mas aqui nossa caminhada é tão diferente do comum que deve naturalmente nos conduzir a um outro objetivo.

Falando em botânica, aqui estão os nomes das plantas que me enviastes. Admiro vossa paciência e o asseio de vosso trabalho, mas, no entanto, poupai vossos esforços no futuro. Contentai-vos em dessecar o que me enviais, de modo que as partes essenciais sejam reconhecíveis, mas não coleis senão o que guardais para o vosso herbário. Tereis em breve uma carta sobre a botânica. Eis-me aqui no final de meu papel. Não [255] lamentarei o afastamento de vosso marido, pois, tendo em vista o atraso de minha resposta, acredito que tenha terminado agora, e que podeis transmitir-lhe pessoalmente minhas saudações. Abraços em toda a encantadora família. Minhas felicitações ao Sr. Gaujet. Faço votos muito sinceros pela sua felicidade.

Tendes toda a razão em acreditar que minha esposa amaria e demonstraria seu afeto de todo coração por vosso pequeno bebê. Nós amamos tão ternamente vossa família, imaginando o que ela deve ser, e pelo mero fato de que ela vos pertence, que seria difícil esse sentimento aumentar com a proximidade, por descobri-la de fato tão digna de amor.

Nº 5. *Anagallis arvensis*.

Pimpinela. — Cálice monofilo, com cinco divisões pontiagudas, corola monopétala, em forma de roda, isto é, achatada e sem tubo, fendida em cinco lóbulos, cinco estames curvos. Ovário em forma de globo, cápsula esférica, que a

natureza parece ter concebida com humor; pois, embora aí vejamos, quando a cápsula está bem madura, linhas marcadas de cima a baixo na forma das nervuras de um melão, como se ela se devesse se abrir dessa maneira, no entanto, quando a apertamos entre os dedos, ficamos muito surpresos ao ver que ela abre lateralmente como uma caixa de sabonete. Essas linhas marcadas de cima a baixo não servem para nada, e são uma verdadeira armadilha. O mestre às vezes digna-se a brincar com os discípulos. Existem pimpinelas com flores vermelhas e outras com flores azuis, mas são exatamente a mesma espécie.

Nº 6. *Euphorbia*...

Eufórbia. — Eufórbia⁷⁸⁹ é um gênero de plantas que fornecem, quando rompidas, um leite cáustico que faz com que as verrugas caiam, e que não se deve deixar que permaneça na pele quando essas plantas são manuseadas. Mas tocar a planta não é prejudicial; deixando-a murchar um pouco, o leite resseca e esgota-se muito rapidamente. Então pode-se manusear a planta e prepará-la sem qualquer inconveniente.

As eufórbias são muito comuns, e há um grande número de espécies que não se pode determinar devidamente senão pela folhagem. Ora, vossa amostra não tem folhas; pois, como [256] logo aprendereis, aquelas coisas semelhantes a pires, que estão abaixo das flores e que acreditastes, talvez, serem folhas, não são. Assim, não posso vos nomear a espécie senão em outra amostra.

A frutificação das eufórbias é extremamente singular e curiosa, mas a descrição dela seria um pouco longa, e eu tenho um grande desejo de a tal ponto exercitar vossos olhos a vos fornecer essas descrições que possais prescindir dos meus. Ao examinar as plantas desse gênero, notareis que elas carregam quase toda sua frutificação em umbelas, embora não sejam umbelíferas.

Nº 7. *Geranium dissectum*.

Bico-de-pomba. — O nome de *geranium* é tão usado, mesmo entre os jardineiros, que quase não vale a pena empregar o de bico-de-pomba, menos conhecido e menos genérico.

Em todos os gerânios, os estames se reúnem circularmente ao redor do ovário, que elas circundam, mas sem se unirem como nas malvas. Há cinco

⁷⁸⁹ Rousseau usa a palavra *tithymale*. *Tithymalus* é um nome antigo para as plantas do gênero *Euphorbia*.

estiletes, e o fruto é formado por cinco cascas que se tocam, mas que não são presas senão pelo topo de uma longa barba, de modo que quando o fruto está maduro essas cascas se separam por baixo, curvam-se de baixo até o topo e, todos permanecendo presos em círculo pelo topo, representam, em uma figura muito elegante, um lustre ou um candelabro. O gerânio dissecado tem, como várias outras espécies, suas flores sempre presas duas a duas no mesmo pedículo, que se divide em dois para carregá-las.

Nº 8. *Alsine media*.⁷⁹⁰

A morugem. — É aqui a Pimpinela das senhorinhas, que as colhem para os pássaros; mas botânicos e mesmo herboristas reservam esse nome para a número 5, e não chamam essa planta senão de *morugem* ou *alsine*. É preciso evitar o equívoco pelos pobres pássaros, pois a verdadeira pimpinela os mata, enquanto esta lhes dá grande prazer e lhes faz um grande bem. Embora a frutificação tenha alguma relação nos dois gêneros, [257] existem realmente diferenças muito grandes. A flor da morugem é sempre branca, tem cinco pétalas, tem três estigmas, sua cápsula é alongada, abre-se por cima; seu caule é redondo, munido de um filete de pelos em apenas um lado. A pimpinela é monopétala, sua corola é sempre azul ou vermelha, sua cápsula é esférica, abre-se transversalmente em duas peças, seu caule é glabro (sem pelo) e quadrado. Suas folhas, aliás, têm um carácter muito fácil de distinguir, pelo pontilhado preto que se vê sempre na sua superfície inferior, e que a morugem não tem.

Nº 9. *Malva rotundifolia*.

Malva-pequena. — A malva dá o nome à família das malváceas, que é numerosa. Seu carácter geral é ter todos os estames unidos na base em um cilindro que circunda o ovário, como nas compostas: com a diferença de que, nessas, os estames não se prendem no topo pelas anteras, e os filetes são separados, enquanto nas malváceas os estames prendem-se por seus filetes, e as anteras são separadas. Essa disposição dos estames em cilindro ou coluna deu origem à denominação de columniferae, que o Sr. Crantz⁷⁹¹, botânico alemão, dá a uma classe numerosa, que inclui, com as malváceas, os gerânios e outros gêneros.

Ainda é necessário examinar nas malváceas:

⁷⁹⁰ *Stellaria media* (L.) Vill.

⁷⁹¹ Heinrich Johann Nepomuk von Crantz (1722-1799).

1. O fruto, que, na maioria dos casos, é composto por várias cascas dispostas em círculo, lado a lado, e cada uma contendo uma semente em um envelope.

2. O cálice, que é duplo em quase todos os gêneros, quais sejam, o cálice interno, que rodeia a flor e, quando ela cai, envolve o fruto, e o cálice externo, que envolve o primeiro por baixo. É do maior e do menor número de folíolos ou linguetas que compõem esse cálice exterior que o cavaleiro⁷⁹² Lineu deriva os caracteres dos principais gêneros da família das malváceas.

Podeis estudar o gênero da malva em outra espécie de malva, que tem a flor vermelha e maior que essa, [258] e que não é menos comum, e ainda mais comodamente na malva-rosa⁷⁹³, que vi abundante em vossa jardim, e que não é senão outra espécie de malva, da qual o Sr. Lineu fez um gênero diferente sob o nome de *alcea*, porque o cálice externo tem muito mais pontas do que o da malva propriamente dita, que geralmente não tem senão três folhas.

Os botânicos disputam entre si se a corola da malva é monopetala ou polipetala. Dignai-vos a tomar partido nessa questão e a dizer-me a vossa opinião.

Nº 10. *Campanula glomerata*.

Campânula agrupada. — Essa campânula, que provavelmente colhestes em um prado, não é a espécie mais bonita de seu gênero, que tem algumas encantadoras, entre outras, a *pyramidale*, que se cultiva em jardins de flores.

Não tenho senão duas coisas para vos recomendar em se tratando do exame desse gênero, que é muito simples: 1. A maneira como os largos filetes dos cinco estames forram e cobrem o topo do pericarpo. 2. A maneira singular como o fruto abre-se, quando está maduro, para verter suas sementes sobre a terra. É supérfluo avisar que em todas as campânulas a flor é súpera. Não precisais mais ouvir essas coisas.

⁷⁹² Em francês, *chevalier*, título de nobreza que Lineu recebera da coroa suíça.

⁷⁹³ *Alcea rosea* L.

À Sra. Delessert ⁷⁹⁴

30 de agosto de 1773

[266] Quando me propusestes, querida prima, dar-vos o conhecimento de algumas plantas para o entretenimento de vossas crianças, julguei que se pudesse tornar este entretenimento útil a elas através de um estudo um pouco metódico, que as acostumassem pouco a pouco à atenção, à observação e sobretudo ao bom raciocínio. Ao invés de uma simples nomenclatura, que não lhes sobrecarregaria senão a memória, não os entreteria por muito tempo, logo seria esquecida, e não lhes seria de nenhum benefício após esse esquecimento. Comecei, então, testando o gosto deles e o vosso com algumas noções gerais das partes da frutificação, onde residem os caracteres mais essenciais e constantes das plantas e pelos quais melhor conseguimos classificá-las. Ofereci-vos como primeiros objetos cinco ou seis famílias das mais numerosas e marcantes do reino vegetal, e me esforcei em acostumar vossos olhos a deslindar e distinguir suas partes essenciais, esperando que pudésseis reconhecer nelas esse ar de família⁷⁹⁵ que as distingue, mesmo sem frutificação, mas que atinge apenas olhos suficientemente treinados.

À distância que estamos um do outro, não podendo mostrar-vos os objetos em questão, buscava indicá-los de tal forma que pudésseis encontrá-los por vós mesma, mas logo senti que esta indicação tinha mais dificuldades do que eu havia previsto; que, por mais comuns que fossem as plantas das quais tirava meus exemplos, [267] eu não tinha certeza de que as conhecêsseis, nem, caso as conhecêsseis, que fosse sob o mesmo nome que eu costumava designá-las, nem, finalmente, que elas se encontrassem sob vossas mãos no momento em que precisaríeis delas para me entender. Esforcei-me em fazer frente a todas essas incertezas pelo número, esperando que, em meio a tudo o que vos nomeava, houvesse pelo menos alguma coisa que pudésseis examinar; nunca soube se alguma vez obtive sucesso, e ainda estou em dúvida, por exemplo, se conheceis uma única umbelífera.

⁷⁹⁴ CG, volume XX.

⁷⁹⁵ Em francês, *air de famille*. “Ao progredir em direção ao método natural, Lineu reviveu o conceito de hábito, uma noção importante para Tournefort. Em francês, o hábito é chamado de 'air de famille' ou 'port', e em latim *facies propria* ou *habitus plantae*” (COOK, A. *Jean-Jacques Rousseau and Botany: the salutary science*, p. 176).

Eis, para começar o estudo da botânica (pois não vou esconder que estais ainda apenas nas fases preliminares), uma dificuldade que é preciso superar de uma forma ou de outra. Para isso, pensei em vos propor começar um herbário para vosso uso, e enviar-me uma amostra de cada planta que nele fizésseis entrar. Cada planta que me enviais, e que suponho que conheceis bem, através de observações cuidadosas e reiteradas, fornece-me, enviando-vos seu nome, um certo meio de me fazer entender sem equívoco, quando terei que vos falar de alguma coisa que pertence à estrutura dessa planta. Mas esse meio torna-se extremamente longo, tanto pelo pouco tempo que vossas ocupações vos permitem dedicar a essa diversão, como pelo grande cuidado que dedicais à amostra que me enviais. Em vez de colar a amostra tão corretamente quanto o fazeis, bastaria enviar-me um ramo seco e descolado, que tivesse folhas e flores; mesmo que ficasse um pouco amassado, eu logo conseguiria, como de costume, desembaraçar tudo isso. Mas vosso extremo cuidado nos afasta do objetivo, pois eis que só me passastes dez plantas até agora. É preciso que conheçais pelo menos duzentas delas de vista e pelos seus nome para que possamos nos entender, e talvez conheçais esse tanto delas, tanto nos jardins quanto no campo, mas como não sei quais são, para mim é como se não conhecêsseis senão as dez que vos nomeei. Só posso então tirar meus exemplos dessas, até que esteja [268] melhor informado de vosso progresso, e não é possível avançar sobre uma base tão magra.

Não é que eu tenha mudado de opinião sobre a nomenclatura; não acho que seja mais útil para a botânica, que se quer estudar por conta própria, do que quando vos falei sobre isso; mas, mais uma vez, para se entender com alguém que está ausente, é preciso ter um acordo sobre os nomes que se dá aos objetos de que se fala. Não é em vão que vos dou os de Lineu, embora latinos. São os únicos admitidos em toda a Europa e pelos quais se tem a certeza de ser entendido pelos botânicos de todas as nações. Antes dele, cada botânico tinha seus nomes que, quase todos, eram longas frases; era preciso conhecer todos esses nomes para se entender com eles ou com seus discípulos, o que era um tormento para a memória, com pura perda para a ciência. Os nomes franceses estão sujeitos ao mesmo inconveniente; cada província tem os seus, cada estado, cada ofício tem os seus, todos diferentes uns dos outros. Já vistes que a Pimpinela das mulheres e a dos herboristas são duas plantas diferentes. O mesmo ocorre com o Talitron dos

herboristas e o *Thalictrum* dos botânicos, a Coquelourde dos jardineiros e a dos herboristas, a Argentine dos floristas e a Argentine dos camponeses, o *Trifolium* dos mesmos floristas e o dos cultivadores, etc.⁷⁹⁶ Enfim, tudo não passa de confusão com os nomes dados ao acaso e que não são impostos com método. É preciso, então, conhecer os de Lineu para suprimir o equívoco dos nomes vulgares, mas isso não significa que seja preciso ter esses nomes na ponta da língua, exceto nos casos em que são necessários. De resto, a pronúncia nem sempre é tão difícil quanto a do terrível *Chrysanthemum* que tanto vos intimidou. Removei os dois *h* que não servem senão para a ortografia e que não entram na pronúncia: vereis que esta mesma palavra *crisantémum* não é tão árdua de pronunciar como a princípio vos pareceu.

Retorno, querida prima, a minha dificuldade. É absolutamente necessário que conheçais de vista e por seus nomes [269] cerca de duzentas plantas, e que eu saiba quais são, para que eu possa, com sucesso e prazer para vós, vos falar de botânica. Caso contrário, meus detalhes abstratos só irão vos aborrecer quando não virdes sua aplicação. Para estudar a natureza de maneira útil e agradável é preciso ter suas produções sob os olhos.

Minha intenção é fazer um herbário para nossa pequena jardineira, mas, além de levar tempo, seu uso será o de preservar-lhe a memória das plantas que ela tiver conhecido, mas não de dar-lhe a conhecer tais plantas. É preciso então colocar um pouco mais de diligência em vossas remessas, ou aceitar ajuda de algum jardineiro ou boticário, que vos mostrará e nomeará o maior número de plantas possível. Fiquei tão perdido em minha tagarelice que ela não terminou senão com o meu papel. Não vos digo então nada sobre vós, nem sobre mim, mas encarrego vosso coração de ser o intérprete do meu.

⁷⁹⁶ Para conseguir o efeito desejado por Rousseau nessa passagem, foi necessário deixar os nomes em francês.

À Sra. Duquesa de Portland ⁷⁹⁷

Paris, 22 de outubro de 1773

[276] Recebi em tempo a carta com me honrou a Senhora Duquesa em 7 de outubro; quanto àquela ali mencionada, escrita quinze dias antes, não a recebi: a quantidade de cartas tolas que me chegam de toda parte pelo correio força-me a rejeitar todas aquelas cuja escrita desconheço, e é provável que, em minha ausência, a carta da Senhora Duquesa não tenha sido distinguida das outras. Eu iria buscá-la nos correios, se a experiência não tivesse me ensinado que minhas cartas desaparecem assim que são devolvidas, e que não é possível reavê-las. Foi assim que perdi uma do Sr. Lineu, que nunca pude reaver depois de saber que era dele, embora tenha me valido para isso do crédito de uma pessoa muito influente nos correios.

O testemunho da lembrança do sr. Granville, que a Senhora Duquesa teve a gentileza de me transmitir, deu-me um prazer no qual nada faltaria, caso eu soubesse ao mesmo tempo que sua saúde estava melhor.

O Sr. de Saint-Paul⁷⁹⁸ deve ter passado à Senhora Duquesa duas amostras de herbários portáteis, que me parecem mais cômodos e quase tão úteis quanto os grandes. Se eu tivesse a felicidade de que um ou outro, ou ambos, [277] fossem do gosto da Senhora Duquesa, teria um verdadeiro prazer em continuá-los, e isso conservaria em mim um resto gosto quase extinto pela botânica, o que lamento. Aguardo as ordens da Senhora Duquesa sobre isso e suplico que ela aceite meu respeito.

J. J. Rousseau

⁷⁹⁷ CG, volume XX.

⁷⁹⁸ Horace de Saint-Paul (1729-1812) foi secretário do embaixador inglês em Paris.

1776

Terminado os Diálogos, restava a Rousseau saber a quem poderia confiar a publicação, uma vez que ele se via cercado de inimigos e de espiões. Decidiu-se, então, por confiá-lo diretamente a Deus. Em fevereiro de 1776, foi até a Notre-Dame depositar o manuscrito no altar. Mas, para o seu desespero, encontrou uma grade, que nunca havia visto, impedindo-o de passar. O que isso queria dizer? Seria o próprio Deus agente do complô? Ele deixou a igreja e vagou sem rumo pelas ruas de Paris até anoitecer. Após reflexão, concluiu que Deus provavelmente o protegia, evitando que o manuscrito caísse nas mãos de seus perseguidores. Decidiu confiar o texto a um antigo amigo, o filósofo Condillac, que descobrira estar em Paris. Quinze dias depois, Rousseau voltou para vê-lo, mas percebeu que ele não entendera nada do significado da obra e não poderia ajudá-lo.

Rousseau teve então a ideia louca de confeccionar um panfleto destinado à nação francesa para chamar a atenção para a injustiça de que era vítima: “A tout français aimant encore la justice et la vérité”. Distribuiu cópias nas ruas e parques, mas não encontrou quem se importasse com o apelo. Finalmente, desistiu: ninguém viria esclarecer seu mistério. Melhor seria resignar-se completamente, esquecer os homens, não esperar mais nada. “O frenesi dos meses anteriores deu lugar à grande calma da lassidão, sentiu-se livre até da inquietude da esperança, levado além das afecções terrestres, seu destino já não lhe pertencia”⁷⁹⁹.

Em outubro, Rousseau começou a redação daquele que seria seu último livro, os Devaneios do caminhante solitário. Diferentemente das Confissões e dos Diálogos, o texto já não se endereça diretamente a ninguém e não se preocupa mais em provar nada: “que se inquietam com estas páginas, que delas se apoderem, que as suprimam, que as falsifiquem, doravante tudo isso é indiferente para mim”⁸⁰⁰. A completa indiferença com relação ao leitor rompe toda tentativa intersubjetiva de comunicação: o livro anuncia logo nas primeiras páginas que encerra-se em si mesmo. Para nós, lê-lo é como olhar os pensamentos de um

⁷⁹⁹ TROUSSON, R., *Jean-Jacques Rousseau II: Le deuil éclatant du bonheur*, p. 430.

⁸⁰⁰ OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1001; trad. bras., p. 38.

homem por um buraco de fechadura. Este homem, Rousseau, tinha agora uma única tarefa: a de descobrir quem, afinal, ele era. “Mas eu, afastado deles e de tudo, o que sou?”⁸⁰¹. E, para realizá-la, um único projeto: “manter um registro fiel de minhas caminhadas e dos devaneios que as preenchem”⁸⁰². O encontro consigo próprio deriva diretamente da solidão e não terá a forma da reflexão metódica e sistemática. A posse de si mesmo ocorrerá também mediante a eventual dissolução do eu na totalidade da natureza.

Mas eis que Rousseau inicia a sétima caminhada contando que o projeto de escrever seus devaneios, que mal havia começado, já estava provavelmente chegando ao fim:

*A compilação dos meus longos sonhos mal se inicia e já sinto que está no fim. Outro passatempo lhe sucede, absorve-me e me priva até do tempo para sonhar. Entrego-me a ele com um entusiasmo que tem algo de extravagância e que me faz rir de mim quando reflito sobre isso; nem por isso deixo de entregar-me a ele, pois, na situação em que me encontro, não tenho outra regra de conduta senão a de seguir minha inclinação em tudo, sem constrangimento.*⁸⁰³

Para a sua própria surpresa e espanto, trata-se da reemergência abrupta da antiga paixão pela botânica, que retorna com tamanha intensidade que mal lhe deixa tempo de sonhar. Verdadeira extravagância, pois ele não quer apenas voltar a herborizar casualmente: quer construir o maior herbário possível, conhecer todas as plantas registradas no planeta! E isso mesmo sentindo-se velho, sem forças, sem memória e tendo vendido seus livros e seus herbários. Estava novamente louco pelas plantas, como na época em que dizia ter apenas feno na cabeça:

*De repente, com 65 anos completos, privado do pouco de memória que tinha e das forças que me restavam para correr os campos, sem guia, sem livros, sem jardim, sem herbário, eis-me novamente tomado por essa loucura, porém com ainda mais ardor do que tive ao entregar-me a ela na primeira vez. Aqui estou eu seriamente ocupado com o sábio projeto de aprender de cor todo o Régnum végétabile de Murray e de conhecer todas as plantas conhecidas sobre a terra.*⁸⁰⁴

⁸⁰¹ OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 995; trad. bras., p. 29.

⁸⁰² OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1002; trad. bras., p. 39.

⁸⁰³ OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1060; trad. bras., p. 121.

⁸⁰⁴ OC I, *Rêveries du promeneur solitaire*, p. 1061; trad. bras., p. 122 (minha tradução).

À Sra. Duquesa de Portland ⁸⁰⁵

Paris, 11 de julho de 1776

[319] Os testemunhos de lembrança e bondade com os quais a Senhora Duquesa de Portland me honra é um presente muito precioso que recebo com tanta gratidão quanto respeito. Quanto ao outro presente que ela me anuncia, suplico-lhe que me permita não aceitá-lo. Se a magnificência é digna dela, não é proporcional nem à minha situação nem às minhas [320] necessidades. Desfiz-me de todos os meus livros de botânica, abandonei a agradável diversão, que se tornou cansativa demais para a minha idade. Não tenho um centímetro de terra para colocar salsa ou cravos, muito menos plantas da África; e, em minha grande paixão pela botânica, contente com o feno que encontrava sob meus pés, nunca tive gosto pelas plantas estrangeiras, que não se encontram entre nós senão no exílio e desnaturadas nos jardins dos curiosos. As que gentilmente a Senhora Duquesa quer me enviar estariam, então, perdidas em minhas mãos; aconteceria o mesmo, e pelo mesmo motivo, com o *herbarium amboinense*⁸⁰⁶, e essa perda seria lamentável na proporção do preço desse livro e do envio. Eis a razão que me impede de aceitar este magnífico presente; embora guardar sua lembrança e reconhecimento seja aceitá-lo, e ao mesmo tempo desejar que seja empregado de forma mais útil.

Suplico muito humildemente à Senhora Duquesa que aceite meu profundo respeito.

J. J. Rousseau

Acabo de receber a caixa; e, embora desejasse muito retirar dela a carta da Senhora Duquesa, pareceu-me mais adequado, já que eu tinha que devolvê-la, reenviá-la fechada.

⁸⁰⁵ CG, volume XX.

⁸⁰⁶ *Herbarium Amboinense*, de autoria do botânico germânico Georg Eberhard Rumphius (1627-1702), publicado postumamente, em 1741.

1778

Em maio de 1778, Rousseau mudou-se de endereço pela última vez. Aceitou a oferta do Marquês de Girardin, instalando-se em sua propriedade, em Ermenonville. A velhice e os problemas de saúde dele e de Thérèse conduziram-nos para fora de Paris. Era preciso encontrar um lugar mais barato, já que Rousseau teve que desistir do ofício de copista por conta da piora de sua visão e da mão trêmula. Girardin era um grande admirador de suas obras, concebendo seus jardins sob inspiração da Nova Heloísa e educando seus filhos segundo os preceitos de Emílio. Sua propriedade tinha todas as características caras a Rousseau. Ali ele levantava cedo, alimentava os pássaros que pousavam em sua janela e, depois de almoçar com Thérèse, saía para longas caminhadas. Faleceu no retorno de uma caminhada matinal, no dia 2 de julho deste ano.

*A última carta em que Rousseau aborda a botânica foi enviada em abril de 1778 ao abade de Pramont (de quem, aliás, não sabemos quase nada). O abade confiou a Rousseau uma cópia da obra *La botanique mise à la portée de tout le monde*, ou *Collection des plantes d'usage dans la médecine, dans les aliments et dans les arts...*, em dois volumes, dos autores Nicolas-François e Nangis Regnault. Rousseau arrumou as pranchas seguindo o método lineano e adicionou ao texto várias correções e notas explicativas⁸⁰⁷.*

Outras edições das correspondências de Rousseau nos informa que a carta ao abade foi antecedida por um “Quadro razoável e metódico”, da lavra de Jean-Jacques, finalizado com a seguinte reflexão sobre Lineu:

O método de Lineu não é, na verdade, perfeitamente natural. É impossível reduzir a uma ordem metódica e ao mesmo tempo verdadeira e exata as produções da natureza, que são tão variadas e que não se aproximam senão por gradações imperceptíveis. Mas um sistema de botânica não é uma história natural: é um quadro, um método que, com a ajuda de algumas características notáveis e mais ou menos constantes, ensina a reunir plantas conhecidas e a ele reconduzir os novos indivíduos que se descobrem. Este meio é necessário para facilitar o estudo e fixar a memória. Assim, nenhum sistema botânico é

⁸⁰⁷ Sobre as anotações que Rousseau fez nesse livro, cf. CHEYRON, H. « *L'amour de la Botanique* ». *Les Annotations de Jean-Jacques Rousseau sur la Botanique de Régnault*.

*verdadeiramente natural. O melhor é aquele que se encontra baseado nas características mais fixas e mais fáceis de conhecer.*⁸⁰⁸

Ao Senhor

Senhor Abade de Pramont⁸⁰⁹

Cônego da igreja de Vannes

Aos cuidados do Sr. Boudet, livreiro, Rua St. Jacques

Vannes⁸¹⁰

Paris, 13 de abril de 1778

[337] Vossas imagens de plantas⁸¹¹, Senhor, foram revisadas e dispostas como desejastes. Peço que tenhais a gentileza de mandar buscá-las. Elas poderiam estragar em meu quarto e ali causariam apenas embaraço, pois a dificuldade que tive em arrumá-las faz-me temer tocá-las novamente. Devo avisar, Senhor, que algumas folhas do discurso estão extremamente rabiscadas e quase ilegíveis; até mesmo difíceis de encadernar sem cortar a escrita, que às vezes prolonguei descuidadamente até a margem. Embora eu raramente tenha sucumbido à tentação de comentar, o amor pela botânica e o desejo de vos agradar às vezes me levaram a isso. Não consigo escrever de forma legível senão quando copio, e confesso que não tive coragem de dobrar meu trabalho fazendo rascunhos. Se estes rabiscos vos

⁸⁰⁸ Encontrei esse parágrafo na edição das *Œuvres complètes de J.-J. Rousseau*, vol. 8, editada em Paris por Armand-Aubrée, em 1832, na p. 354, e também em algumas outras edições. Porém ele não consta na *Correspondance Générale*, que utilizo aqui, e nem na *Correspondance Complète*, editada por R. A. Leigh. A edição de Musset-Pathay, de 1825, traz a carta ao Abade e parece mencionar o parágrafo, embora conteste sua legitimidade. Em nota de rodapé, na página 284, lemos: “Esta carta é seguida por uma dissertação sobre o sistema de Lineu, mas da qual não se pode acreditar ser de Rousseau, pois ele não fala sobre isso nesta carta, e porque não possui sua escrita: após essas razões, eu me dispensei de copiá-la”. Perguntei à professora Alexandra Cook a respeito e ela também não tinha conhecimento da existência desse trecho. Se o parágrafo é realmente de Rousseau, fica claro que ele sabia que a natureza jamais se confunde com as classificações que os humanos fazem dela para alcançar seus próprios objetivos, e que as separações taxonômicas, portanto, não possuem dimensão ontológica. Se as produções da natureza variam sempre em gradações imperceptíveis, e se toda classificação é necessariamente artificial e congela a dinamicidade própria à natureza, no fim das contas não haveria motivo para que não se prefira um sistema fácil de visualizar e de memorizar, tal como o de Lineu, a outro, a depender do caso. Uma boa explicação para o pluralismo taxonômico de Rousseau.

⁸⁰⁹ Jean-François-Donat de Rogé de Pramont (falecido em 1786), padre da diocese de Paris, cônego da igreja de Vannes entre 1775 e 1778.

⁸¹⁰ CG, volume XX.

⁸¹¹ Em francês, *plantes gravées*, ver minha nota na carta a Malthus, de 2 de janeiro de 1767. Curiosamente, na edição *Œuvres complètes de J.-J. Rousseau*, vol. 8, editada em Paris por Armand-Aubrée, em 1832, lê-se *planches gravées* no lugar de *plantes gravées*. Impossível saber qual edição está correta.

fizerem perder o interesse em vosso exemplar após tê-lo percorrido, ofereço, Senhor, o reembolso, com a garantia de que ele [338] não permanecerá sob minha responsabilidade. Aceitai, Senhor, minhas mais humildes saudações.

J. J. Rousseau

Obs: Tomei a decisão de cortar completamente os rabiscos quase ilegíveis de que havia falado na carta ao Senhor Abade, dado que as correções, que são muito difíceis de decifrar, seriam quase impossíveis de encontrar, que é melhor não encontrar nada do que encontrar erros, e que o encadernador pode facilmente colar papel branco sobre esses vazios, que é fácil de preencher melhor posteriormente. Se o Senhor Abade achar esses remendos muito desagradáveis, tudo o que posso fazer é reiterar a oferta que já tive a honra de fazer-lhe. Quanto às manchas e à sujidade dos títulos e de várias folhas, ele vai querer lembrar-se de que lhe devolvo o exemplar nas mesmas condições em que ele me entregou.

Cartas elementares sobre botânica

Escritas entre agosto de 1771 e abril de 1774, as oito cartas enviadas à Sra. Delessert são consideradas o material mais importante de Rousseau sobre o tema da botânica. Elas foram agrupadas pela primeira vez sob o nome de Lettres élémentaires sur la botanique na Collection complète des oeuvres de J. J. Rousseau, edição realizada por Du Peyrou e Moulton, em 1782. A edição da Pléiade não adotou esse título, mas ele pode ser encontrado até hoje em outras edições. As oito cartas foram endereçadas à Madeleine-Catherine Delessert (1747-1816), nascida Boy de La Tour, para que ela iniciasse sua filhinha de quatro anos, Marguerite-Madeleine Delessert (1767-1839), na botânica.⁸¹² Eventualmente, Rousseau parece endereçar-se a todos os filhos da Sra. Delessert, que teve no total sete meninos e três meninas. Dois deles, diretamente influenciados por Rousseau, tornaram-se naturalistas: Etienne (1771-1794) e Jules Delessert (1773-1847). Segundo Cook, esse último fundou um dos maiores museus privados de história natural do século XIX.⁸¹³

Estando seguro a respeito do benefício do estudo da botânica, especialmente para os homens da “sociedade civil”, Rousseau batalhou por sua popularização. Encontrava, no entanto, vários obstáculos, todos bem expressos ao longo de sua correspondência: dificuldade do material especializado, preço proibitivo dos livros (ele dizia frequentemente se arruinar com a compra de livros de botânica), dificuldade derivada dos termos em latim e dificuldade com a profusão de sinonímias que tornam a memorização penosa. A partir dos problemas que encontrou como “amador esclarecido”⁸¹⁴, Rousseau sentiu que faltava um trabalho introdutório que pudesse orientar os primeiros passos daqueles que não eram especialistas, uma espécie de divulgação científica que aproximasse a botânica das pessoas comuns. É possível perceber que suas Cartas elementares sobre botânica têm claramente um viés didático em que a dificuldade

⁸¹² Na verdade, Rousseau foi próximo de toda família a Boy de la Tour, tendo feito amizade especialmente com a Madeleine-Catherine Delessert, a quem ele chama de “prima”, e Julie Boy de la Tour, sua irmã mais velha, a quem ele chama de “tia”.

⁸¹³ COOK, A. *Jean-Jacques Rousseau and Botany: the salutary science*, p. 190-191.

⁸¹⁴ A expressão é de Roger de Vilmorin, responsável pela introdução das *Cartas sobre botânica* na Pléiade. Cf. VILMORIN, R. *Introductions*, p. ccx.

da observação aumenta gradualmente. Elas começam com o Lírio, que Rousseau escolheu “porque está na estação, e também pelo tamanho de sua flor e de suas partes, que as torna mais sensíveis”⁸¹⁵, e se encaminha aos poucos até as plantas mais complexas, compostas de partes tão pequenas que necessitam de uma lupa para serem propriamente observadas. Além disso, Rousseau não acreditava que aprender equivale a decorar nomes. Ele queria que o iniciante já começasse tentando compreender o básico da estrutura vegetal:

*Além disso, não conhecer simplesmente as plantas senão de vista, e não saber senão seus nomes, não pode ser senão um estudo muitíssimo insípido para espíritos como os vossos, e é de se presumir que vossa filha não se entreteria com ele por muito tempo. Proponho que tomeis algumas noções preliminares da estrutura vegetal ou da organização das plantas, a fim de que, não devendo dar senão alguns passos no mais belo e no mais rico dos três reinos da natureza, possais caminhar por ele ao menos com algumas luzes*⁸¹⁶

O grande sucesso e prestígio que o texto gozou no final do século XVIII e início do século XIX se deveu sobretudo aos esforços de tradução de Thomas Martyn, professor de botânica de Cambridge. Sua tradução apareceu em 1785 e recebeu surpreendentes oito edições até o ano de 1815. O contexto da época e o uso que Martyn deu às cartas explicam esse sucesso. Isso porque o naturalista inglês viu no texto de Rousseau, ao mesmo tempo didático e belo, uma ótima oportunidade para popularizar o método lineano, que só iria se estabelecer definitivamente na Inglaterra ao longo da década de 1780.⁸¹⁷ As correspondências de Rousseau com a Duquesa de Portland, uma das figuras mais importantes da história natural da época, deixam claro que ela não estava minimamente familiarizada com o método de Lineu, ao menos na década de 60 do século XVIII. A partir da tradução de Martyn apareceram também diversas outras traduções, incluindo uma tradução em português lusitano. Contudo, trata-se de um “legado forjado”,⁸¹⁸ já que as Cartas de Rousseau na verdade não seguem o método sexual de Lineu. Embora Rousseau tenha sido um pluralista em termos de

⁸¹⁵ OC IV, *Lettres sur la botanique*, p. 1154.

⁸¹⁶ OC IV, *Lettres sur la botanique*, p. 1151.

⁸¹⁷ Vale lembrar, muito devido aos esforços do avô de Darwin, Erasmus Darwin (1731-1802), grande amante da botânica e entusiasta de Lineu.

⁸¹⁸ A expressão é de Alexandra Cook, Cf. COOK, A. *Jean-Jacques Rousseau and Botany: the salutary science*, capítulo 9, em que a autora discute a recepção dessas cartas com profundidade.

taxonomia, ou seja, embora tenha estudado e experimentado vários sistemas classificatórios, ele escreveu as oito cartas sob influência do método natural de Tournefort e de Bernard de Jussieu⁸¹⁹. Este último dividia as plantas em sete grandes famílias: Liliaceae, Cruciferae, Leguminosae, Labiatae, Compositae, Umbelliferae, e Gramineae. Com exceção das gramíneas, que Rousseau considerava de difícil estudo, as outras seis figuraram nas oito cartas, que se estruturam, então, da seguinte forma:

Carta I - Liliaceae

Carta II - Cruciferae

Carta III - Papilionaceae

Carta IV - Labiatae

Carta V - Umbelliferae

Carta VI - Compositae

Carta VII - Sobre as árvores compostas

Carta VIII - Sobre a confecção de um herbário

⁸¹⁹ Cf. COOK, A. *Jean-Jacques Rousseau and Botany: the salutary science*, p. 196-199.



Figura 3 - Retrato de Madeleine Delessert

ca 22. 2000.

J'ai omis, chère Cousine dans ma précédente lettre de répondre à l'article de la votte qui regarde les plantes, parce que ce article seul demandait une lettre entière que je pourrais vous écrire plus à loisir.

Votre idée d'amuser un peu la curiosité de votre fille a de l'excellent
 à l'attention sur des objets agréables et variés comme les plantes me
 paraît excellente, mais je n'aurois osé vous la proposer de peur de
 faire le Monsieur Jasse; pourqu'elle vienne de vous je l'approuve
 de tout mon cœur et j'y encourage à même, pourvu qu'à son
 âge l'étude de la nature emouffe le goût des amusements privés,
 prévienne le tumulte des passions et porte à l'âme une nouveauté
 qui lui profite en la remplissant du plus digne objet de sa
 contemplation.

Vous avez commencé par apprendre à la petite les noms d'un grand nombre de plantes que nous en usiez de communes, sous les yeux. C'était précisément ce qu'il falloit faire. La petite, nombre de plantes qu'elle connaît de vue pour les pièces de comparaison pour étendre les connaissances. Mais elles ne suffisent pas. Vous me demandez un petit catalogue des plantes les plus connues avec leurs des manières pour les reconnaître. Il y a à cela un embarras; c'est de vous donner par écrit ces manières ou caractères d'une manière claire et cependant peu diffuse. Cela me paroit impossible sans employer la langue de la chose, et ~~avec~~ les termes de cette langue ne ~~peut~~ former un vocabulaire à peu que vous ne sachiez entendre, si il ne vous en préalablement expliqué.

D'ailleurs ne nous faites pas seulement les plantes que de vice et ne
savoir que leurs noms ne peut être qu'une accoutumance étude trop
insipide pour des esprits comme les vôtres, et il en a peu de personnes
que votre fille ne s'en amuserait pas longtemps. Je vous propose
de prendre quelques notions préliminaires de la structure végétale
et de l'organisation des plantes afin, d'après vous ne faire que
quelques pas dans le plus beau dans le plus riche des trois règnes
de la nature, d'y marcher de moins avec quelques difficultés. Il
ne s'agit donc pas encore de la ^{qui n'est qu'un jeu d'enfant} ~~nomination~~ ^{des familles} ~~des noms~~ d'espèces
qu'on pourroit être un très grand botaniste sans connaître une
seule plante par son nom, et sans vouloir faire de votre fille un

I

22 de agosto de 1771

[1151] Evitei, querida Prima,⁸²⁰ em minha carta precedente,⁸²¹ responder ao ponto da vossa que diz respeito às plantas, porque esse ponto sozinho me demandaria uma carta inteira, que eu poderia vos escrever mais à vontade.

Vossa ideia de entreter um pouco a vivacidade de vossa filha⁸²² e de exercitar sua atenção com objetos agradáveis e variados, como as plantas, parece-me excelente, mas eu não ousaria propô-la por medo de fazer-me de Senhor Josse;⁸²³ já que ela vem de vós, eu a aprovo de todo coração, e contribuirei com ela, persuadido de que, em qualquer idade, o estudo da natureza atenua o gosto por divertimentos frívolos, previne o tumulto das paixões e leva à alma um alimento que a beneficia, preenchendo-a com o objeto mais digno de suas contemplações.

Começastes ensinando à pequenina os nomes de tantas plantas quanto havíeis em comum sob os olhos. Era precisamente o que se devia fazer. Esse pequeno número de plantas que ela conhece de vista são as peças de comparação para expandir seus conhecimentos. Mas não são suficientes. Vós me pedis um pequeno catálogo com as plantas mais comuns e com as marcas para reconhecê-las. Há nisso um embaraço; que é o de vos dar por escrito essas marcas ou caracteres de uma maneira clara e contudo pouco difusa. Isso me parecia impossível sem usar a língua da coisa; e os termos dessa língua formam um vocabulário a parte que vós não saberíeis entender, se não vos for previamente explicado.

Além disso, não conhecer simplesmente as plantas senão de vista e não saber senão seus nomes, não pode ser senão um estudo muitíssimo insípido para

⁸²⁰ Madeleine-Catherine Delessert, nascida Boy de La Tour (1747-1816), não era prima, mas amiga de Rousseau, que nutria grande afeição por toda a família Boy de La Tour.

⁸²¹ Enviada por ele em 13 de agosto de 1771.

⁸²² Marguerite-Madeleine Delessert (1767-1839), filha da Sra. Delessert, na época com quatro anos.

⁸²³ Personagem de *L'Amour médecin*, de Molière. Na peça, Monsieur Josse é um ourives que aconselha Sganarelle a comprar jóias para curar sua filha da depressão.

espíritos como os vossos, e é de se presumir que vossa filha não se entreteria com ele [1152] por muito tempo. Proponho-vos que tomeis algumas noções preliminares da estrutura vegetal ou da organização das plantas, a fim de que, não devendo dar senão alguns passos no mais belo e no mais rico dos três reinos da natureza, nele caminheis ao menos com algumas luzes. Não se trata então ainda da nomenclatura, que não é senão um saber de herborista. Sempre acreditei que se poderia ser um grande botânico sem conhecer uma única planta por seu nome, e sem querer fazer de vossa filha um grande botânico⁸²⁴, acredito, entretanto, que será sempre útil para ela aprender a ver bem o que ela vê. Não vos assusteis com o resto da empreitada. Logo sabereis que ela não é grande. Não há nada de complicado nem difícil de seguir no que tenho a vos propor. Não se trata senão de ter paciência de começar pelo começo. Depois disso só se avança o tanto que se quiser.

Estamos nos aproximando do outono⁸²⁵ e as plantas cuja estrutura têm a maior simplicidade já passaram. De resto, peço-vos algum tempo para colocar um pouco de ordem em vossas observações. Mas, enquanto esperamos que a primavera coloque a nosso alcance começar e seguir o curso da natureza, dar-vos-ei algumas palavras do vocabulário a serem decoradas.

Uma planta perfeita é composta de raiz, caule, ramos, folhas, flores e frutos: porque chama-se fruto em botânica, tanto nas ervas⁸²⁶ quanto nas árvores, toda a fábrica da semente.⁸²⁷ Conheceis tudo isso, ao menos o suficiente para entender a palavra; mas há uma parte principal que pede um exame maior. É a frutificação, isto é, a flor e o fruto. Começamos pela flor, que vem primeiro. Foi nessa parte que a natureza encerrou o sumário de sua obra, é por ela que ela a perpetua, e é também, de todas as partes do vegetal, normalmente a mais deslumbrante e sempre a menos sujeita às variações.

⁸²⁴ Rousseau não faz a concordância de gênero. Ele o fará no começo da segunda carta.

⁸²⁵ Em francês, *arrière-saison*, última parte do ano, compreende aproximadamente ao outono e ao começo do inverno.

⁸²⁶ O termo *herbe* designava de forma vaga o conjunto dos vegetais que são atualmente chamados de plantas herbáceas. Estas diferenciam-se das plantas lenhosas, capazes de produzir madeira como tecido de sustentação.

⁸²⁷ V: Rousseau havia escrito a princípio *aquilo que contém a semente*, no lugar de *toda a fábrica da semente*.

Pegai um Lírio.⁸²⁸ Penso que ainda os encontrareis facilmente em plena flor. Antes que ele se abra, vereis na extremidade do caule um botão oblongo e esverdeado, que se embranquece à medida que ele está pronto para desabrochar; e quando ele está completamente aberto, vereis seu envoltório branco tomar a forma de um vaso dividido em vários segmentos. [1153] Essa parte envolvente e colorida, que é branca no Lírio, chama-se *Corola*, e não flor, como diz o vulgo; porque a flor é um composto de várias partes do qual a Corola é apenas a principal.

A Corola do Lírio não é de uma única peça, como é fácil de ver. Quando ela murcha e cai, ela cai em seis peças bem separadas que se chamam *Pétalas*. Assim, a Corola do Lírio é composta de seis pétalas. Toda Corola de flor que é assim de várias peças chama-se Corola *polipétala*. Se a corola não fosse senão de uma única peça, como por exemplo na trepadeira chamada rosa-do-campo,⁸²⁹ ela se chamaria *monopétala*. Voltemos ao nosso Lírio.

Dentro da corola encontrareis, precisamente no meio, uma espécie de pequena coluna presa bem no fundo, e que aponta diretamente para cima. Essa coluna, tomada em sua totalidade, chama-se *Pistilo*; tomada em suas partes, divide-se em três. 1º sua base inchada em cilindro mas com três ângulos arredondados em toda a volta. Essa base chama-se *germe* ou *ovário*. 2º um fio mais fino colocado sobre o germe. Esse fio chama-se *Estilete*. 3º O Estilete é coroado por uma espécie de capitel com três endentações. Esse capitel chama-se *Estigma*. Eis no que consiste o Pistilo e suas três partes.

Entre o Pistilo e a Corola encontrareis seis outros corpos muito distintos, que se chamam *Estames*. Cada estame é composto de duas partes, a saber, uma mais fina, pela qual o estame se liga ao fundo da corola, e que se chama *filete*. Uma mais grossa, que se liga à extremidade superior do filete, e que se chama *Antera*. Cada Antera é uma caixa que se abre quando está madura e verte um pó amarelado muito perfumado, do qual falaremos na sequência. Esse pó não tem, até o momento, nenhum nome em francês; os botânicos o chamam de *pólen*, palavra que significa pó.

⁸²⁸ *Lilium candidum* L.

⁸²⁹ *Convolvulus arvensis* L.

Eis a análise grosseira das partes da flor. À medida que a Corola murcha e cai, o germe cresce e se torna uma cápsula triangular alongada, cujo interior contém sementes chatas distribuídas em três compartimentos. Essa cápsula, considerada como o envoltório das sementes, toma o nome de *pericarpo*. Mas não empreenderei aqui a análise do fruto. Será tema de uma outra carta.

[1154] As partes que acabo de vos nomear se encontram igualmente nas flores da maioria das outras plantas, mas em diversos graus de proporção, de situação e de número. É pela analogia dessas partes e por suas diversas combinações que se marcam⁸³⁰ as diversas famílias do reino vegetal. E essas analogias das partes das flores ligam-se a outras analogias das partes da planta que parecem não ter nenhuma relação com elas. Por exemplo, esse número de seis estames, algumas vezes apenas três, de seis pétalas ou divisões da corola, e essa forma triangular com três compartimentos do pericarpo,⁸³¹ determinam toda a família das Liliáceas; e em toda essa mesma família, que é muito numerosa, as raízes são todas cebolas ou *bulbos*, mais ou menos marcadas, e variadas quanto à sua forma ou sua composição. A cebola do Lírio é composta de escamas; no asfódelo é um maço de nabos alongados, no açafrão⁸³² são dois bulbos, um sobre o outro, mas sempre bulbos.

Ao Lírio, que escolhi porque está na estação, e também pelo tamanho de sua flor e de suas partes, que as torna mais sensíveis, falta, contudo, uma das partes constitutivas de uma flor perfeita, a saber, o Cálice. *O Cálice* é essa parte verde, comumente dividida em cinco folíolos, que sustenta e abraça a corola na base, e que a envolve inteiramente antes de seu desabrochar, como vós tereis podido observar na rosa. O Cálice, que acompanha quase todas as outras flores, falta à todas as verdadeiras Liliáceas,⁸³³ como a Tulipa, o jacinto,⁸³⁴ o Narciso, a Tuberosa⁸³⁵ etc., e mesmo a cebola,⁸³⁶ o alho-poró,⁸³⁷ o alho,⁸³⁸ que são também

⁸³⁰ V: *se determinam*.

⁸³¹ V: *do ovário*.

⁸³² *Crocus sativus* L.

⁸³³ V: Rousseau nuança: *falta à maior parte das verdadeiras Liliáceas*.

⁸³⁴ *Hyacinthus orientalis* L.

⁸³⁵ *Polianthes tuberosa* L.

⁸³⁶ *Allium cepa* L.

⁸³⁷ *Allium porrum* L.

⁸³⁸ *Allium sativum* L.

verdadeiras liliáceas,⁸³⁹ embora pareçam muito diferentes ao primeiro golpe de vista. Vereis ainda que em toda essa mesma família os caules são simples e pouco ramificados, as folhas inteiras e jamais recortadas; observações que confirmam nessa família a analogia da flor e do fruto pelas outras partes da planta. Se vós seguis esses detalhes com alguma atenção, tornando-os familiar pelas observações frequentes, logo estareis em estado de determinar, pela inspeção atenta e continuada de uma planta, se ela é ou não da família das liliáceas, e isso sem saber o nome dessa planta. Vedes que não se trata aqui de [1155] um simples trabalho da memória, mas de um estudo de observações e de fatos verdadeiramente dignos de um naturalista. Não começareis por dizer tudo isso à vossa filha, e menos ainda a seguir, quando sereis iniciada nos mistérios da vegetação; mas vós não os desenvolvereis nela por graus senão o que possa convir a sua idade e a seu sexo, guiando-a para que ela encontre as coisas por ela mesma em vez de lhas ensinar.

Adeus, querida Prima, se toda essa barafunda vos convém, estarei às ordens. Espero notícias do pequeno.⁸⁴⁰

II

18 de outubro de 1771

[1156] Visto que apreendeis tão bem, querida Prima, os primeiros lineamentos das plantas, mesmo os tão ligeiramente marcados, [visto] que vosso olho clarividente já sabe distinguir um ar de família⁸⁴¹ nas liliáceas, e que nossa querida pequena botânica já se entretém com corolas e pétalas, vou propor outra família sobre a qual ela poderá mais uma vez exercitar seu pequeno saber; no

⁸³⁹ No século XVIII, a família das *Liliaceae* englobava uma variedade muito maior de plantas, que foram posteriormente desmembradas em outras famílias, de tal modo que várias plantas que Rousseau menciona nesta carta não são mais consideradas liliáceas. Por exemplo, a cebola, o alho e o alho-poró são atualmente classificados na família das *Amaryllidaceae*.

⁸⁴⁰ Rousseau refere-se aqui ao segundo filho da Sra. Delessert, Jules-Jean-Jacques, que havia quebrado um osso da coxa.

⁸⁴¹ Em francês, *air de famille*. “Ao progredir em direção ao método natural, Lineu reviveu o conceito de hábito, uma noção importante para Tournefort. Em francês, o hábito é chamado de 'air de famille' ou 'port', e em latim *facies propria* ou *habitus plantae*” (COOK, A. *Jean-Jacques Rousseau and Botany: the salutary science*, p. 176).

entanto com um pouco mais de dificuldade, confesso, por causa das flores muito menores, da folhagem mais variada; mas com o mesmo prazer da parte dela e da vossa, ao menos se tendes tanto prazer em seguir por essa estrada florida quanto encontro em vos traçá-la.

Quando os primeiros raios da primavera tiverem iluminado vossos progressos, mostrando-vos nos jardins os Jacintos, as Tulipas, os Narcisos, os Junquinhos,⁸⁴² os lírios-do-vale,⁸⁴³ cuja análise já conheceis, outras flores logo reterão vosso olhar e vos demandarão um novo exame. É o caso dos Goivos ou Goiveiros;⁸⁴⁴ das Julianas ou Julianas-dos-Jardins.⁸⁴⁵ Quando as encontrardes dobradas, não vos prendais em seu exame; elas estarão desfiguradas, ou, se preferis, adornadas à nossa moda, a natureza nelas não se encontrará mais: ela se recusa a se reproduzir através de monstros assim mutilados; pois, se a parte mais brilhante, a saber, a corola, ali se multiplica, é às custas de partes mais essenciais, que desaparecem sob esse brilho.

Tomai, então, um Goivo simples, e procedei à análise de sua flor. Vós encontrareis a princípio uma parte exterior que falta nas Liliáceas, a saber, o Cálice. Esse cálice tem quatro peças que é preciso chamar de folhas ou folíolos, já que não temos nenhuma palavra própria para os exprimir⁸⁴⁶, como a palavra [1157] Pétala para as peças da Corola. Essas quatro peças normalmente são desiguais de duas em duas: isto é, dois folíolos, opostos um ao outro, iguais entre eles, menores; e os outros dois, também iguais entre eles e opostos, maiores, sobretudo na base, onde seu arredondamento faz na parte de fora uma protuberância bastante sensível.

Nesse Cálice encontrareis uma corola composta de quatro pétalas, cuja cor deixo de lado, pois ela não faz [parte de seu] caráter. Cada uma dessas pétalas está presa ao receptáculo, ou fundo do Cálice, por uma parte estreita e pálida que se chama *unha*, e ultrapassa o cálice por uma parte mais larga e mais colorida que se chama *Lâmina*.

⁸⁴² *Narcissus Jonquilla* L.

⁸⁴³ *Convallaria majalis* L.

⁸⁴⁴ *Cheiranthus annuus* L.

⁸⁴⁵ *Hesperis matronalis* L.

⁸⁴⁶ O termo *sépala*, comumente utilizado para nomear as peças do cálice, só apareceu no final do século XVIII.

No centro da Corola há um pistilo alongado, cilíndrico ou quase isso, que termina em um estilete muito curto, o qual termina, por sua vez, em um estigma oblongo, *bífido*, isto é, dividido em duas partes que se refletem em ambos os lados.

Se examinais cuidadosamente a posição respectiva do Cálice e da Corola, vereis que cada Pétala, em vez de corresponder exatamente a cada folíolo do Cálice, está posicionada, ao contrário, entre os dois, de modo que ela responde à abertura que as separa, e essa posição alternada ocorre em todas as espécies de flores que têm um número igual de pétalas na corola e de folíolos no cálice.

Resta-nos falar dos estames. Vós os encontrareis nos goivos em número de seis, como nas liliáceas, mas nem todos iguais, ou alternadamente desiguais; pois vereis somente dois, em oposição um ao outro, sensivelmente mais curtos que os outros quatro que os separam, e que são também separados de dois em dois.

Não entrarei aqui no detalhe de sua estrutura e de sua posição: mas previno-vos que, se os olhardes bem, encontrareis a razão por que esses dois estames são mais curtos que os outros, e por que dois folíolos do cálice são mais protuberantes, ou, para falar nos termos da botânica, mais gibosos, e os outros dois mais achatados.

Para concluir a história de nosso Goivo não se deve abandoná-lo após ter analisado a flor, mas é preciso [1158] esperar que a corola murche e caia, o que ela faz muito prontamente, e observar então no que se torna o pistilo, composto, como dissemos antes, do ovário ou pericarpo, do estilete, e do estigma. O ovário se alonga muito e se alarga um pouco à medida que o fruto amadurece. Quando está maduro, esse ovário ou fruto torna-se uma espécie de vagem chata chamada *síliqua*.

Essa síliqua é composta por duas válvulas posicionadas uma sobre a outra e separadas por uma divisória muito fina chamada *mediastino*.

Quando a semente está completamente madura, as válvulas se abrem de baixo para cima para lhe dar passagem, e permanecem presas ao Estigma por sua parte superior.

Então vemos sementes chatas e circulares posicionadas sobre as duas faces do mediastino; e se olhamos com cuidado como elas se ligam a ele, descobrimos que é por um pedículo curto que prende cada semente alternadamente à direita e à

esquerda às Suturas do Mediastino, isto é, às suas duas bordas, pelas quais ele estava como que costurado com as válvulas antes de sua separação.

Receio fortemente, querida Prima, ter-vos cansado um pouco com essa longa descrição; mas ela era necessária para vos dar o caráter essencial da numerosa família das Crucíferas, ou flores cruciformes, que compõem uma classe inteira em quase todos os Sistemas dos Botânicos; e essa descrição, difícil de entender aqui sem figura, tornar-se-á mais clara, ousou esperar, quando a seguirdes com alguma atenção tendo o objeto sob os olhos.

O grande número de espécies que compõem a família das Crucíferas determinou os botânicos a dividi-la em duas seções que, quanto à flor, são perfeitamente semelhantes, mas que são sensivelmente diferente quanto ao fruto.

A primeira seção compreende as Crucíferas com siliqua, como o goivo, de que acabei de falar, a Juliana, o Agrião,⁸⁴⁷ os Repolhos,⁸⁴⁸ os rabanetes,⁸⁴⁹ os nabos,⁸⁵⁰ a mostarda⁸⁵¹, etc.

A segunda seção inclui as Crucíferas com *silícula*, isto é, cuja siliqua diminuta é extremamente curta, quase tão larga quanto longa, e dividida diferentemente por dentro; como, entre outros, o Agrião-de-jardim,⁸⁵² dito *Mastruz* ou *Mastruz-do-campo*,⁸⁵³ o *Thlaspi*,⁸⁵⁴ chamado [em francês] de *Taraspi* [1159] pelos Jardineiros, a *Cocleária*,⁸⁵⁵ a *Lunaria*,⁸⁵⁶ que, embora tenha a vagem muito grande, esta é, no entanto, apenas uma silícula, porque seu comprimento excede pouco sua largura. Se vós não conheceis nem o Agrião-de-jardim, nem a *Cocleária*, nem o *Thlaspi*, nem a *Lunaria*, vós conheceis, ao menos eu presumo, a *bolsa-de-Pastor*,⁸⁵⁷ tão comum entre as ervas daninhas do jardim. Ora, Prima, a *bolsa-de-Pastor* é uma crucífera com silícula, cuja silícula é triangular. Por meio dela podeis formar uma ideia das outras, até que elas vos caiam sob a mão.

⁸⁴⁷ *Nasturtium officinale* R. Br.

⁸⁴⁸ *Brassica oleracea* L.

⁸⁴⁹ *Raphanus sativus* L.

⁸⁵⁰ *Brassica rapa* L.

⁸⁵¹ *Sinapis alba* L.

⁸⁵² *Lepidium sativum* L.

⁸⁵³ Rousseau confunde o *mastruz* (*Lepidium sativum* L.) com o *mastruz-do-campo* (*Lepidium campestre* R. Br.)

⁸⁵⁴ *Iberis umbellata* L.

⁸⁵⁵ *Cochlearia officinalis* L.

⁸⁵⁶ *Lunaria annua* L.

⁸⁵⁷ *Capsella Bursa-pastoris* L.

É tempo de vos deixar respirar, tanto mais porque esta carta, antes que a estação vos permita utilizá-la, será, espero, seguida por várias outras, onde poderei acrescentar o que resta a dizer de necessário sobre as crucíferas, e que não disse nesta aqui. Mas talvez seja bom vos prevenir logo que nessa família, e em muitas outras, encontrareis freqüentemente flores muito menores do que o goivo, e às vezes tão pequenas que quase não se pode examinar suas partes senão com a ajuda de uma lupa, instrumento do qual um botânico não pode prescindir, não mais do que de uma ponteira e de um par de tesouras para recortar. Pensando que vosso zelo maternal pode vos conduzir a tudo isso, faço para mim um quadro encantador de minha linda Prima, apressada com sua lupa a esquadrinhar montões de flores, cem vezes menos floridas, menos frescas e menos agradáveis que ela. Adeus, Prima, até o capítulo seguinte.

III

16 de maio de 1772

[1160] Suponho, querida Prima, que recebestes minha resposta precedente, embora não a tenha mencionado em vossa segunda carta, e a ela agora respondendo, espero, sobre aquilo que me assinalais nela, que a Mamãe⁸⁵⁸ bem restabelecida tenha partido em bom estado para a Suíça, e conto que vós não esqueceréis de me informar do efeito da viagem e das águas que ela vai tomar. Como Tia Julie⁸⁵⁹ teve de partir com ela, encarreguei o senhor Guyenet, que retorna ao Val de Travers,⁸⁶⁰ do pequeno herbário⁸⁶¹ que lhe é destinado, e coloquei nele o vosso endereço, a fim de que, em sua ausência, possais recebê-lo e vos servir dele, caso haja algo para vosso uso entre essas amostras informes. De resto, não concordo que tenhais direitos sobre esse farrapo. Vós os tendes sobre aquele o fez, os mais fortes e mais caros que conheço; mas, quanto ao herbário,

⁸⁵⁸ Julianne-Marie Boy de La Tour (1715-1780), nascida Roguin, mãe da Sra. Delessert.

⁸⁵⁹ Julie-Emile Boy de La Tour (1751-1826), irmã da Sra. Delessert.

⁸⁶⁰ O Val-de-Travers é uma comuna suíça do cantão de Neuchâtel, na fronteira com a França.

⁸⁶¹ O herbário de 101 plantas, confeccionado por Rousseau à Julie Boy de La Tour, encontra-se conservado na biblioteca central de Zurique.

ele foi prometido à vossa irmã, já que ela herborizava comigo em nossas caminhadas em Croix de Vague,⁸⁶² e que vós não sonháveis verdadeiramente senão com aquelas em que meu coração e meus pés vos seguiam junto à avózinha⁸⁶³ em Vaise⁸⁶⁴. Enrubesco por lhe ter dado minha palavra tão tarde e tão mal; mas, enfim, ela tinha, sobre vós, a esse respeito, a [vantagem de] minha palavra e a primazia. Para vós, querida Prima, se não vos prometo um herbário de minhas mãos, é para vos conseguir um mais precioso das mãos de vossa filha, caso continuais a seguir com ela esse estudo doce e encantador, que preenche de interessantes observações sobre a natureza os vazios do tempo que os outros consagram à ociosidade ou a coisa pior. Por hora, retomemos o fio interrompido de nossas famílias vegetais.

Minha intenção é de vos descrever⁸⁶⁵ a princípio seis dessas famílias para vos familiarizar com a estrutura [1161] geral das partes características das plantas. Já tendes duas; restam quatro que ainda é preciso ter a paciência de seguir. Em seguida, deixando por um tempo os outros ramos dessa numerosa linha e passando ao exame das partes diferentes da frutificação, faremos de maneira tal que, sem talvez conhecer muitas plantas, pelo menos não estareis em terra estrangeira⁸⁶⁶ em meio às produções do reino vegetal.

Mas previno-vos que se quereis pegar os livros e seguir a nomenclatura comum, com muitos nomes tereis poucas ideias, as que tereis se confundirão, vós não seguireis bem nem meus passos e nem os dos outros, e não tereis mais do que um conhecimento de palavras. Querida Prima, estou cioso de ser vosso único guia nessa matéria. Quando for a hora, vos indicarei os livros que podeis consultar. Até lá, tende paciência de não ler senão naquele da natureza, e de vos ater às minhas cartas.

As ervilhas⁸⁶⁷ estão agora em plena frutificação. Aproveitemos este momento para observar seu caráter. É um dos mais curiosos que a botânica pode

⁸⁶² Localizado no maciço do Mont D'Or, no departamento de Doubs, da região administrativa francesa Borgonha-Franco-Condado, onde a mãe da Sra. Delessert possuía desde 1766 uma pequena propriedade. Faz fronteira com a Suíça.

⁸⁶³ Em francês, *grand maman*, apelido dado por Rousseau à Élisabeth Boy de La Tour (1754-1781), irmã caçula da Sra. Delessert.

⁸⁶⁴ Bairro de Lyon.

⁸⁶⁵ V: Rousseau havia escrito primeiramente *familiarizar*, depois *dar*, antes de optar por *descrever*.

⁸⁶⁶ V: *em país estrangeiro*.

⁸⁶⁷ *Pisum sativum* L.

oferecer. Todas as flores se dividem geralmente em regulares e irregulares. As primeiras são aquelas em que todas as partes se afastam uniformemente do centro da flor e assim terminam por suas extremidades externas na circunferência de um círculo. Essa uniformidade faz com que, apresentando ao olho as flores dessa espécie, ele não distinga nem a parte de cima, nem a parte de baixo, nem direita, nem esquerda;⁸⁶⁸ é o caso das duas famílias examinadas até aqui. Mas, ao primeiro golpe de vista, vereis que uma flor de ervilha é irregular; que se distingue facilmente na corola a parte mais longa, que deve estar em cima, da mais curta, que deve estar embaixo, e que se reconhece muito bem, apresentando a flor diante do olho, se ela está em sua situação natural ou invertida. Assim, todas as vezes que, examinando uma flor irregular, fala-se do alto e do baixo, é colocando-a em sua situação natural.

Como as flores dessa família são de uma construção muito particular, não somente é preciso ter várias flores de ervilha e dissecá-las sucessivamente para observar todas as suas partes uma após a outra, mas também seguir o progresso da frutificação desde a primeira floração até a maturidade do fruto.

[1162] Encontrareis a princípio um Cálice *monofilo*, isto é, de uma única peça terminada em cinco pontas bem distintas, das quais duas um pouco mais largas estão em cima, e as três mais estreitas embaixo. Esse Cálice é recurvado para baixo, assim como o pedículo que o sustenta, que é um pedículo muito solto, muito móvel, de modo que a flor segue facilmente a corrente de ar e normalmente apresenta suas costas ao vento e à chuva.

Uma vez examinado, retira-se o Cálice, destacando-o delicadamente de maneira que o resto da flor permaneça inteiro, e então vereis claramente que a corola é polipétala.

Sua primeira peça é uma pétala grande e larga que cobre as outras e ocupa a parte superior da corola, motivo pelo qual essa grande pétala levou o nome de *pavilhão*. É chamada também de *estandarte*. Seria preciso tapar os olhos e o espírito para não ver que essa pétala está lá como um guarda-chuva, para proteger aquelas que ela cobre das principais injúrias do ar.

⁸⁶⁸ V: após *nem direita nem esquerda*, Rousseau havia primeiramente escrito: *e que pode-se virá-la em todas as direções sem que se possa dizer que sua situação é perturbada, e sem que se possa atribuir ao seu contorno qualquer situação*, frase que ele substituiu por: *e que pode-se virá-la em todas as direções sem perturbar sua situação natural*, antes de riscar ambas.

Removendo o pavilhão como fizestes com o cálice, observareis que ele está encaixado de cada lado por uma pequena aurícula nas peças laterais, de maneira que sua situação não possa ser perturbada pelo vento.

O pavilhão retirado deixa descoberto essas duas peças laterais pelas quais estava aderido por suas aurículas; essas peças laterais chamam-se *asas*. Descobrireis, destacando-as, que encaixadas ainda mais fortemente no que resta, elas não podem ser separadas sem algum esforço. Também as asas não são menos úteis para proteger os lados da flor do que o pavilhão para cobri-la.

As asas retiradas vos permitem ver a última peça da corola, peça que cobre e defende o centro da flor, e a envolve, sobretudo por baixo, tão cuidadosamente quanto as três outras pétalas envolvem o topo e os lados. Essa última peça, que por causa de sua forma é chamada de *naveta*, é como um cofre forte, no qual a natureza colocou seu tesouro ao abrigo dos ataques do ar e da água.

Após ter examinado bem essa pétala, puxai-a delicadamente por baixo, pinçando-a ligeiramente pela quilha, isto é, pela saliência fina que ela apresenta, por medo de remover junto com ela aquilo que ela envolve. Tenho certeza que, no momento em que essa última pétala for forçada a se soltar da saliência [1163] e a vos revelar o mistério que ela esconde, vós não podereis, percebendo-o, vos abster de soltar um grito de surpresa e de admiração.

O jovem fruto que a naveta envolvia é construído dessa maneira. Uma membrana cilíndrica terminada por dez filetes bem distintos envolve o ovário, isto é, o embrião da vagem. Esses dez filetes são estames que se reúnem na base ao redor do germe, e que terminam no topo nas mesmas tantas anteras amarelas cujo pó vai fecundar o estigma em que termina o pistilo, e que, embora amarelo também por causa do pó fecundante que a ele se prende, distingue-se facilmente dos estames por sua figura e por seu volume. Assim, esses dez estames formam ainda ao redor do ovário uma última couraça para preservá-lo das injúrias do exterior.

Se olhais bem de perto, descobrireis que esses dez estames não formam por sua base um único corpo senão em aparência. Pois na parte superior desse cilindro há uma peça ou estame que a princípio parecia aderente às outras, mas que à medida que a flor murcha e que o fruto cresce, se destaca e deixa uma abertura acima pela qual esse fruto em crescimento pode estender-se, entreabrindo

e afastando cada vez mais o Cilindro, que, sem isso, comprimindo-o e estrangulando-o por todos os lados, impediria-o de crescer e de se desenvolver. Se a flor não estiver suficientemente avançada não vereis esse estame, destacado do Cilindro; mas passai uma agulha⁸⁶⁹ bem fina nos dois pequenos furos que encontrareis perto do receptáculo, na base desse estame, e logo vereis o estame com sua antera seguir a agulha e se destacar dos outros nove, que continuarão sempre a constituir juntos um único corpo, até que murchem e sequem, quando o germe fecundado se torna vagem e não precisa mais deles.

Essa *vagem*, na qual o ovário se transforma ao amadurecer, se distingue da *siliqua* das crucíferas pelo fato de que, na *siliqua*, as sementes estão presas alternadamente às duas suturas, enquanto na *vagem*, elas não se prendem senão de um lado, isto é, em apenas uma das duas suturas, na verdade segurando alternadamente nas duas válvulas que a compõem, mas sempre do mesmo lado. Apreendereis perfeitamente essa diferença se abirdes ao mesmo tempo a *vagem* de uma ervilha e a [1164] *siliqua* de um goivo, tendo atenção para não pegar nem um e nem outro em perfeita maturidade, de modo que, após a abertura do fruto, as sementes permaneçam presas por seus ligamentos às suas suturas e às suas válvulas.

Se me fiz entender bem, compreendereis, querida Prima, que surpreendentes precauções foram cumuladas pela natureza para conduzir o embrião da ervilha à maturidade, e para protegê-lo, sobretudo no meio das maiores chuvas, da umidade que lhe é funesta, sem contudo encerrá-lo em uma casca dura, o que teria feito dele um outro tipo de fruto. O Supremo Obreiro, atento à conservação de todos os seres, teve grande cuidado em proteger a frutificação das plantas dos ataques que podem prejudicá-las, mas ele parece ter redobrado a atenção para aquelas que servem à nutrição dos homens e dos animais, como a maior parte das leguminosas. O aparelho de frutificação da ervilha é, em diversas proporções, o mesmo em toda essa família. Suas flores portam o nome de *papilionáceas*, porque acreditou-se ver nelas qualquer coisa de semelhante à figura de uma borboleta. Elas têm geralmente um *pavilhão*, duas *asas*, uma *naveta*, o que constitui comumente quatro pétalas irregulares. Mas há gêneros em que a naveta se divide em seu comprimento em duas peças quase

⁸⁶⁹ Rousseau precisa o tipo de agulha: em francês, *Camion*.

aderentes pela quilha, e essas flores têm realmente cinco pétalas. Outras, como o trevo vermelho⁸⁷⁰, têm todas as suas partes presas em uma única peça, e embora papilionáceas, não deixam de ser monopétala.

As papilionáceas, ou leguminosas, são uma das famílias de plantas mais numerosas e mais úteis. Nela encontram-se as favas, as giestas, as Luzernas,⁸⁷¹ sanfenos, lentilhas, Ervilhacas, [em francês] Gesses,⁸⁷² os feijões, cujo caráter é de ter a naveta contornada em espiral, o que se tomaria a princípio por um acidente. Há árvores, entre outras aquela que se chama vulgarmente Acácia,⁸⁷³ e que não é a verdadeira Acácia. O índigo e o alcaçuz⁸⁷⁴ também são dessa família, mas falaremos de tudo isso com mais detalhes na sequência. Adeus, Prima. Beijos em tudo que vós amais.

IV

[1165] Tirastes-me de minhas preocupações, querida Prima; mas resta-me ainda a inquietude acerca dessas dores de estômago, chamados enjoos, de que vossa Mamãe sente os retornos na postura de escrever. Se é apenas o efeito de um excesso de bile, a viagem e as águas serão suficientes para evacuá-la; mas temo que haja alguma causa local para esses acidentes que não será tão fácil de destruir, e que sempre demandará dela um grande cuidado, mesmo depois de sua recuperação. Espero notícias dessa viagem logo que as tiverdes; mas exijo que a mamãe não pense em me escrever senão para me informar de sua completa recuperação.

Não consigo entender por que não recebestes o herbário. Persuadido de que minha Tia Julie já partira, eu entregara o maço ao senhor Guyenet para expedi-lo a vós ao passar por Dijon. Não soube de parte alguma que ele tenha

⁸⁷⁰ *Trifolium pratense* L.

⁸⁷¹ *Medicago sativa* L.

⁸⁷² Nome vernacular para plantas do gênero *Lathyrus* L.

⁸⁷³ A falsa acácia a que Rousseau se refere é a *Robinia pseudo-Acacia* L. São muito parecidas com as acácias verdadeiras, mas não pertencem ao mesmo gênero que elas.

⁸⁷⁴ *Glycyrrhiza glabra* L.

chegado, nem em vossas mãos, nem nas de vossa irmã, e não imagino mais o que pode ter acontecido.

Falemos de plantas enquanto a estação de observá-las nos convida a isso. Vossa solução para a pergunta que eu vos fizera acerca dos estames das crucíferas está perfeitamente correta, e me prova bem que me entendestes, ou melhor, que me escutastes, pois não precisais senão escutar para entender. Vós me explicastes bem o motivo da gibosidade dos dois folíolos do cálice e da brevidade relativa dos dois estames, no goivo, pela curvatura desses dois estames. Contudo, um passo a mais vos teria levado até a causa primeira dessa estrutura: pois se investigais ainda por que esses dois estames são assim recurvados e, por consequência, encurtados, encontrareis uma pequena [1166] glândula implantada sobre o receptáculo entre o estame e o germe, e é essa glândula que, afastando o estame e forçando-o a contornar, encurta-o necessariamente. Há ainda, sobre o mesmo receptáculo, duas outras glândulas, uma ao pé de cada par de estames grandes; mas, não os fazendo contornar, elas não os encurtam, pois essas glândulas não estão, como as duas primeiras, dentro, isto é, entre o estame e o germe, mas fora, isto é, entre o par de estames e o cálice. Assim, esses quatro estames, apoiados e dirigidos verticalmente em linha reta, ultrapassam os que são recurvados, e parecem mais longos porque são mais retos. Essas quatro glândulas, ou ao menos seus vestígios, encontram-se de forma mais ou menos visível em quase todas as flores crucíferas, e em algumas [são] bem mais distintas do que no goivo. Se perguntais ainda: por que essas glândulas? Eu vos responderei que elas são um dos instrumentos destinados pela natureza a unir o reino vegetal ao reino animal e fazê-los circular um no outro: mas, abandonando essas pesquisas um pouco prematuras, retornemos por ora às nossas famílias.

As flores que vos descrevi até agora são todas polipétalas. Deveria, talvez, ter começado pelas monopétalas regulares, cuja estrutura é muito mais simples: essa mesma grande simplicidade foi justo o que me impediu. As monopétalas regulares constituem menos uma família que uma grande nação⁸⁷⁵, na qual conta-se várias famílias bem distintas; de modo que, para compreendê-las todas sob uma indicação comum, é preciso empregar caracteres tão gerais e tão vagos

⁸⁷⁵ Os termos *nação* e *linha* são estranhos à botânica. O mesmo vale para o termo *beijos* (*babines*), do parágrafo seguinte.

que é dar a impressão de dizer alguma coisa sem dizer de fato quase nada. É melhor encerrar-se em limites mais estreitos, mas que se possam atribuir com mais precisão.

Entre as monopétalas irregulares, há uma família cuja fisionomia é tão marcada que se distinguem facilmente os membros pelo seu ar. É aquela a qual dá-se o nome de boquiabertas, porque essas flores são fendidas em dois lábios cuja abertura, seja natural, seja produzida por uma ligeira pressão dos dedos, dá-lhes o ar de uma boca escancarada. Essa família subdivide-se em duas seções ou linhas, uma de flores [1167] com lábio ou *labiadas*, a outra de flores com máscaras ou *personadas*: pois a palavra latina *persona* significa máscara, nome certamente muito adequado à maior parte dos que portam, entre nós, o nome de *pessoas*. O caráter comum a toda a família é não somente o de ter a corola monopétala e, como disse, fendida em dois lábios ou beiços, um superior, chamado *casco*, e outro inferior, chamado *barba*, mas o de ter quatro estames, quase sobre uma mesma fileira, distintos em dois pares, um mais longo e outro mais curto. A inspeção do objeto vos explicará melhor esses caracteres do que pode fazer o discurso.

Tomemos inicialmente as *labiadas*. Eu vos daria de bom grado como exemplo a sálvia,⁸⁷⁶ que se encontra em quase todos os jardins. Mas a construção particular e bizarra de seus estames, que fez alguns botânicos subtraí-la do número das labiadas, ainda que a natureza pareça tê-la inscrito nessa família, me leva a procurar um outro exemplo nas urtigas-mortas, e particularmente na espécie chamada vulgarmente de *urtiga-branca*,⁸⁷⁷ mas que os botânicos preferem chamar de *lâmio-branco*, porque ela não tem nenhuma relação com a urtiga por sua frutificação, embora tenha muita por sua folhagem. A urtiga-branca, tão comum em toda parte, durando tanto tempo em flor, não vos deve ser difícil de encontrar. Sem me deter aqui na elegante situação das flores, limito-me à sua estrutura. A urtiga-branca porta uma flor monopétala labiada, cujo casco é côncavo e recurvado em forma de abóbada, de modo a recobrir o resto da flor e particularmente seus estames, os quais são mantidos, todos os quatro, bem apertados sob o abrigo de seu teto. Discernireis facilmente o par mais longo e o

⁸⁷⁶ *Salvia officinalis* L. ou *Salvia pratensis* L.

⁸⁷⁷ *Lamium album* L.

par mais curto, e, no meio dos quatro, o estilete, da mesma cor, mas que se distingue pelo fato de ser simplesmente enforquilhado em sua extremidade, em vez de portar uma antera como fazem os estames. A barba, isto é, o lábio inferior, dobra-se e pende para baixo, e por essa situação deixa ver quase até o fundo o interior da corola. Nos *Lâmios* essa barba é dividida ao meio no comprimento, mas isso não acontece da mesma forma nas outras labiadas.

Se arrancardes a corola, arrancareis também os estames, que se ligam por seus filetes a ela, e não [1168] ao receptáculo, ao qual apenas o estilete restará preso. Examinando como os estames se ligam em outras flores, descobre-se que eles estão geralmente presos à corola quando ela é monopétala, e ao receptáculo ou ao cálice quando a corola é polipétala: de modo que se pode, nesse último caso, arrancar as pétalas sem arrancar os estames. Dessa observação tira-se uma regra boa, fácil e mesmo bastante segura para saber se uma corola é de uma única peça ou de várias, já que é difícil, como às vezes é o caso, de se assegurar disso imediatamente.

A corola arrancada permanece perfurada em seu fundo, pois ela estava presa ao receptáculo, deixando uma abertura circular pela qual o pistilo, e o que o rodeia, penetrava dentro do tubo da corola. O que rodeia esse pistilo, no lâmio e em todas as labiadas, são quatro embriões que se tornam quatro sementes nuas, isto é, sem nenhum envoltório; de modo que⁸⁷⁸ essas sementes, quando estão maduras, se desprendem e caem no solo separadamente. Eis o caráter das Labiadas.

A outra linha, ou seção, que é a das *personadas*, se distingue das labiadas primeiramente por sua corola, cujos dois lábios normalmente não são abertos e escancarados, mas fechados e unidos, como podereis ver na flor de jardim chamada Boca-de-leão ou *Boca-de-lobo*,⁸⁷⁹ ou então, na falta dela, na Linária,⁸⁸⁰ essa flor amarela, com espora, tão comum no campo nesta estação. Mas um caráter mais preciso e mais seguro⁸⁸¹ é que, em vez de ter quatro sementes nuas no fundo do Cálice como as labiadas, as personadas possuem todas uma cápsula que encerra as sementes, e que não se abre até sua maturidade para espalhá-las.

⁸⁷⁸ V: isto é, sem envoltório comum, cápsula ou pericarpo, de modo que...

⁸⁷⁹ *Antirrhinum majus* L.

⁸⁸⁰ *Linaria vulgaris* Mill.

⁸⁸¹ V: Rousseau é mais categórico: *Mas o caráter verdadeiramente distintivo é...*

Acrescento a esses caracteres que um grande número de labiadas são, ou plantas odoríferas e aromáticas, tais como o orégano⁸⁸², a manjerona⁸⁸³, o Tomilho⁸⁸⁴, o serpilho⁸⁸⁵, o manjeriço⁸⁸⁶, a Menta⁸⁸⁷, o hissopo⁸⁸⁸, a Lavanda, etc., ou plantas odoríferas e fedidas, tais como as diversas espécies de urtigas-mortas, Bentônica⁸⁸⁹, [em francês] crapaudines⁸⁹⁰, Marroio⁸⁹¹; somente em algumas, tais como a búgula⁸⁹², a brunela⁸⁹³, a touca, não têm odor: ao passo que as personadas são, em sua maior parte, plantas sem odor, como a boca-de-leão, a linária, a Eufrásia,⁸⁹⁴ a pediculária⁸⁹⁵, a galocrista⁸⁹⁶, a orobanca⁸⁹⁷, a cimbalária⁸⁹⁸, a [em francês] velvete⁸⁹⁹, a dedaleira⁹⁰⁰; conheço pouca odorífera nesse ramo além da Escrofulária⁹⁰¹, que cheira e que [1169] fede, sem ser aromática. Não posso citar aqui senão plantas que provavelmente não vos são conhecidas, mas que pouco a pouco aprendereis a conhecer, e cuja família, ao encontrá-las, ao menos podereis determinar por vós mesma⁹⁰². Gostaria mesmo que vos esforçásseis em determinar a linha ou seção pela fisionomia, e que vos exercitásseis a julgar com um simples golpe de vista se a flor boquiaberta que vedes é uma labiada ou uma personada. A figura exterior da corola pode ser suficiente para vos guiar nessa escolha, que podereis verificar em seguida removendo a corola e olhando no fundo do cálice; pois se tiverdes julgado bem, a flor que tereis nomeado de labiada vos mostrará

⁸⁸² *Origanum vulgare* L.

⁸⁸³ *Origanum majorana* L.

⁸⁸⁴ *Thymus vulgaris* L.

⁸⁸⁵ *Thymus serpyllum* L.

⁸⁸⁶ *Ocimum basilicum* L.

⁸⁸⁷ *Mentha spicata* L.

⁸⁸⁸ *Hyssopus officinalis* L.

⁸⁸⁹ *Stachys officinalis* (L.) Trev.

⁸⁹⁰ *Sideritis hyssopifolia* L.

⁸⁹¹ *Marrubium vulgare* L.

⁸⁹² *Ajuga reptans* L.

⁸⁹³ *Prunella vulgaris* L.

⁸⁹⁴ *Euphrasia officinalis* L.

⁸⁹⁵ *Pedicularis verticillata* L.

⁸⁹⁶ *Rhinanthus crista-galli* L.

⁸⁹⁷ Planta parasita da família das orobancáceas.

⁸⁹⁸ *Linaria cymbalaria* (L.) Mill.

⁸⁹⁹ *Linaria elatine* Mill.

⁹⁰⁰ *Digitalis purpurea* L.

⁹⁰¹ *Scrophularia nodosa* L.

⁹⁰² V: Após família, lê-se: e talvez a linha com base no exame da flor; se destes a esta carta a mesma atenção que quisestes dar às outras. De resto, confesso que tendo-na escrito com bem mais pressa, não tive tempo de torná-la tão clara. Mas o importante é aproveitar a estação de herborizar para encontrar aplicações às descrições que me esforcei em fazer. Os objetos e vosso olhar tornarão claro aquilo que eu não teria sabido vos dizer bem. Gostaria mesmo...

quatro sementes nuas, e a que tereis nomeado de personada vos mostrará um pericarpo: o contrário vos provaria que vos enganastes, e um segundo exame da mesma planta vos preveniria de um erro semelhante em outra ocasião. Eis, querida Prima, ocupação para algumas caminhadas. Não tardarei a vos preparar para aquelas que seguirão.

Não me destes o endereço que eu vos pedira. Recebei as mais ternas expressões de amizade de minha esposa e de seu marido.

V

16 de julho de 1772

[1170] Agradeço-vos, querida Prima, as boas notícias que me destes da Mamãe. Eu esperara o bom efeito da mudança de ar, e não espero menos das águas e, sobretudo, do regime austero prescrito durante seu uso. Estou tocado com a lembrança dessa boa amiga, e suplico-vos que a agradeça por mim. Mas não quero absolutamente que ela me escreva durante sua estadia na Suíça, e se ela quiser me dar diretamente notícias suas, ela tem perto dela um bom secretário que disso se encarregará muito bem. Estou mais encantado do que surpreso que ela prospere na Suíça; independentemente das graças de sua idade, e de sua alegria viva e carinhosa, ela tem no caráter um fundo de doçura e de igualdade, do qual algumas vezes eu a vi dar à avózinha o exemplo encantador que recebeu de vós. Vossas reflexões sobre as vicissitudes do comércio estão muito corretas, e espero que não sejam ocasionadas por nenhuma experiência que vos interesse. Se vossa irmã se estabelecer na Suíça, ambas perderão uma grande doçura na vida e, sobretudo ela, vantagens difíceis de substituir. Mas vossa pobre Mamãe que [mesmo morando] porta a porta sentia tão cruelmente sua separação de vós, como suportaria a dela a uma distância tão grande? É ainda de vós que ela obterá suas compensações e seus recursos. Vós lhe preparais um recurso bem precioso, ao suavizar em vossas doces mãos o caráter bom e forte de vossa favorita, a qual, não duvido nada, tornar-se-á por vossos cuidados tão plena de grandes qualidades quanto de encanto. Ah, Prima, quão afortunada é vossa mãe. O mérito de seus

filhos é certamente tão sólido e verdadeiro quanto universalmente reconhecido. Mas é ainda mais raro ver [1171] assim três irmãs partilharem tanto entre elas todos os gêneros de perfeição, que é mais fácil designar aquele que domina em cada uma do que aquele que falta a alguma das três.

Sabei que começo a me preocupar com o pequeno herbário. Não tenho de parte alguma qualquer notícia dele, embora tenha tido do Senhor Guyenet desde seu retorno, através de sua esposa, que de sua parte não me disse uma única palavra sobre esse herbário. Pedi a ele notícias; espero sua resposta. Tenho muito medo de que, não passando em Lyon, ele tenha confiado o pacote a um qualquer, que, sabendo que eram ervas secas, terá tomado tudo por feno. Contudo, se, como ainda espero, ele enfim chegar a vossa irmã Julie, ou à vós, descobrireis que não deixei de dedicar-lhe algum cuidado.⁹⁰³ É uma perda que, embora pequena, não me seria fácil de reparar prontamente, sobretudo por conta de um catálogo acompanhado de diversos pequenos esclarecimentos escritos no campo, e do qual não guardei nenhuma cópia.

Consolai-vos, boa Prima, por não ter visto as glândulas das crucíferas. Grandes Botânicos, dotados de muito bons olhos, não as viram melhor. Tournefort mesmo não lhes faz nenhuma menção. Elas são bem claras em poucos gêneros, ainda que se encontre vestígios delas em quase todos, e é por força de analisar as flores cruciformes e de ver nelas sempre desigualdades no receptáculo que, examinando-as em particular, descobriu-se que essas glândulas pertenciam a maior parte dos gêneros, e que se as supõe por analogia mesmo naqueles em que elas não são se distinguem.

Compreendo que se fique zangado em ter tanto trabalho sem aprender os nomes das plantas que se examinam. Mas confesso-vos de boa fé que não entrou nos meus planos poupar-vos desse pequeno desgosto. Pretende-se que a botânica não seja senão uma ciência de palavras, que não exercita senão a memória e que não ensina senão à nomear as plantas. Quanto a mim, não conheço nenhum estudo razoável que seja apenas uma ciência de palavras; e a qual dos dois, vos suplico, eu concederei o nome de botânico, aquele que sabe cuspir um nome ou uma frase sobre o aspecto de uma planta, sem nada conhecer de sua estrutura, ou aquele que,

⁹⁰³ V: A frase continua com estas palavras, que Rousseau em seguida riscou: *pois esta coleção era para mim um verdadeiro prazer cuja duração eu prolongava.*

conhecendo muito bem essa estrutura, entretanto ignora o nome muito arbitrário que se dá a essa [1172] planta nesta ou naquela região?⁹⁰⁴ Se não damos aos vossos filhos senão uma ocupação divertida, perdemos a melhor metade de nosso objetivo, que é, ao diverti-los, exercitar sua inteligência e acostumá-los à atenção. Antes de ensiná-los a nomear o que veem, comecemos por ensiná-los a ver. Essa ciência, esquecida em todas as educações, deve ser a parte mais importante de sua educação. Jamais repetirei o bastante; ensinaí-os a jamais se contentarem com palavras, e a crer nada saberem daquilo que não entrou senão em sua memória⁹⁰⁵.

De resto, para não ser muito malvado, nomeio-vos no entanto as plantas sobre as quais, ao vos mostrá-las, podeis facilmente verificar as minhas descrições. Vós não tínheis, suponho, sob os olhos, uma urtiga-branca, ao ler a análise das labiadas; mas bastaria enviar o herborista da esquina para buscar uma urtiga-branca recém-colhida, aplicar minha descrição à flor dele e, em seguida, examinar as outras partes da planta da maneira que trataremos a seguir, e conheceríeis a urtiga-branca infinitamente melhor do que o herborista que a forneceu a conhecerá em seus dias, logo encontraremos o meio de prescindir do herborista: mas é preciso primeiramente completar o exame de nossas famílias, assim, chego na quinta, que neste momento está em plena frutificação.

Representai-vos um caule longo, assaz reto, guarnecido alternadamente de folhas normalmente recortadas com bastante miudeza, as quais abraçam em sua base os ramos que saem de suas axilas. Da extremidade superior desse caule partem, como de um centro, vários pedículos ou raios que, espalhando-se circularmente e regularmente como as hastes de um guarda-sol, coroam esse caule na forma de um vaso mais ou menos aberto. Às vezes esses raios deixam um espaço vazio em seu meio, e então representam mais exatamente a concavidade do vaso; às vezes também esse meio é abastecido por outros raios mais curtos, que subindo menos obliquamente guarnecem o vaso e formam, conjuntamente com os primeiros, a figura aproximada de um meio globo cuja parte convexa⁹⁰⁶ está virada para cima.

⁹⁰⁴ V: A frase termina assim: *entretanto ignora o nome que agradou os homens dar à planta onde ela se encontra*.

⁹⁰⁵ V: Rousseau acrescenta: *Vereis, Prima, que curso de lógica pretendo lhes dar falando-lhes apenas de ervas e de flores*.

⁹⁰⁶ V: Após *convexa*: *olha o céu*.

Cada um desses raios ou pedículos termina em sua [1173] extremidade, não ainda por uma flor, mas por uma outra ordem de raios menores que coroam cada um dos primeiros, precisamente como esses primeiros coroam o caule.

Assim, eis duas ordens semelhantes e sucessivas: uma de raios grandes em que termina o caule, a outra, de pequenos raios semelhantes, em que termina cada um dos grandes.

Os raios dos pequenos guarda-sóis não se subdividem mais, mas cada um deles é o pedículo de uma pequena flor da qual falaremos em breve.

Se podeis formar a ideia da figura que acabo de vos descrever, tereis a disposição das flores na família das *umbelíferas* ou [em francês] *Porte-parasol*: pois a palavra latina *umbella* significa guarda-sol.

Embora essa disposição regular da frutificação seja surpreendente e bastante constante em todas as umbelíferas, não é ela, no entanto, que constitui o caráter da família. Esse caráter se depreende da estrutura mesma da flor, que é preciso agora vos descrever.

Mas convém, para uma maior clareza, dar-vos aqui uma distinção geral sobre a disposição relativa da flor e do fruto⁹⁰⁷ em todas as plantas, distinção que facilita extremamente seu arranjo metódico, seja qual for o sistema que se queira escolher para esse fim.

Há plantas, e são as de maior número, por exemplo, o craveiro⁹⁰⁸, cujo ovário está evidentemente encerrado na Corola. Daremos a essas o nome de *flores ínferas*, porque as pétalas, abraçando o ovário, nascem debaixo dele.

Em outras plantas, em número considerável, o ovário se encontra situado não nas pétalas, mas abaixo delas; o que podeis ver na rosa; pois a baga que é seu fruto é esse corpo verde e inchado que vedes abaixo do cálice, por conseguinte também abaixo da Corola, que dessa maneira coroa esse ovário e não o envolve. Chamarei a essas *flores súperas*, porque a corola está acima do fruto. Poder-se-ia dar palavras mais afrancesadas: mas me parece vantajoso manter-vos sempre o mais próximo possível dos termos admitidos na botânica, a fim de que, sem ter necessidade de aprender nem latim nem grego, possais entretanto entender razoavelmente o vocabulário dessa [1174] ciência, pedantemente extraído dessas

⁹⁰⁷ V: da corola e do fruto.

⁹⁰⁸ *Dianthus caryophyllus* L.

duas línguas, como se, para conhecer as plantas, fosse necessário começar por ser um gramático erudito.

Tournefort exprimia a mesma distinção em outros termos: no caso da flor *ínfera*, dizia que o pistilo se tornava o fruto: no caso da flor *súpera*, dizia que o cálice se tornava o fruto. Essa maneira de se exprimir podia ser igualmente clara, mas certamente não era tão correta. Seja como for, eis uma ocasião de habituar, quando for a hora, vossos jovens alunos a saberem destrinchar as mesmas ideias, expressas em termos bem diferentes.

Eu vos direi agora que as plantas umbelíferas têm a flor *súpera*, ou posicionada sobre o fruto. A corola dessa flor tem cinco pétalas chamadas regulares, embora frequentemente as duas pétalas que estão voltadas para fora nas flores que margeiam a umbela sejam maiores que as três outras.

A forma dessas pétalas varia segundo os gêneros, mas mais comumente ela é cordiforme; a unha que apoia-se sobre o ovário é muito fina; a lâmina vai se alargando, sua borda é *emarginada* (ligeiramente endentado), ou então ela termina em uma ponta que, dobrando-se em cima, dá ainda à pétala o ar de ser emarginada, ainda que pareça pontiaguda se estiver desdobrada.

Entre cada pétala está um estame, cuja antera, normalmente ultrapassando a corola, torna os cinco estames mais visíveis que as cinco pétalas. Não faço menção ao cálice aqui, porque as umbelíferas não têm nenhum bem distinto.

Do centro da flor partem dois estiletos, cada um guarnecido com seu estigma e também bastante aparentes, os quais, após a queda das pétalas e dos estames, permanecem para coroar o fruto.

A forma mais comum desse fruto é um oval um pouco alongado, que em sua maturidade abre-se pela metade e divide-se em duas sementes nuas presas ao pedículo, o qual, por uma arte admirável, divide-se em dois, assim como o fruto, e mantém as sementes separadamente suspensas até sua queda.

Todas essas proporções variam segundo os gêneros, mas eis a ordem mais comum. É preciso, confesso, ter o olho muito atento para bem distinguir sem lupa [1175] objetos tão pequenos; mas eles são tão dignos de atenção que não se lamenta o esforço.

Eis então o caráter próprio da família das umbelíferas. Corola súpera com cinco pétalas; cinco estames; dois estiletes apoiados sobre um fruto nu *dispermo*, ou seja, *composto de duas sementes* unidas.

Todas as vezes que encontrardes esses caracteres reunidos em uma frutificação, contaí que a planta é uma umbelífera, mesmo que ela não tenha em seu arranjo nada da ordem acima marcada. E quando encontrardes toda essa ordem de guarda-sóis conforme minha descrição, contaí que ela vos engana, se for desmentida pelo exame da flor.

Se acontecesse, por exemplo, que, deixando de ler minha carta, encontrásseis, ao caminhar, um sabugueiro ainda em flor, estou quase certo que à primeira vista diríeis: eis uma umbelífera. Observando-a, encontraríeis grande umbela, pequena umbela, pequenas flores brancas, corola súpera, cinco estames: é seguramente uma umbelífera; mas vejamos ainda: pego uma flor.

Em primeiro lugar, em vez de cinco pétalas, encontro, é verdade, uma corola com cinco divisões, mas, entretanto, de uma só peça. Ora, as flores das umbelíferas não são monopétalas. Eis cinco estames, mas não vejo nenhum estilete, e vejo mais frequentemente três estigmas do que dois, mais frequentemente três sementes do que duas. Ora, as umbelíferas não têm nunca nem mais nem menos do que dois estigmas, nem mais nem menos do que duas sementes para cada flor. Enfim, o fruto do sabugueiro é uma baga mole, e aquele das umbelíferas é seco e nu. O sabugueiro⁹⁰⁹ não é, então, uma umbelífera.

Se refazeis agora vossos passos, olhando mais de perto a disposição das flores, vereis que essa disposição não é senão em aparência aquela das umbelíferas. Os grandes raios, em vez de partirem exatamente do mesmo centro, nascem uns mais altos outros mais baixos; os pequenos nascem ainda menos regularmente: tudo isso não tem nada da ordem invariável das umbelíferas. O arranjo das flores do sabugueiro é em *corimbo*, ou buquê, mais do que em umbela. Eis como, enganando-nos algumas vezes, terminamos por aprender a ver melhor.

[1176] O *Cardo-corredor*,⁹¹⁰ ao contrário, quase não tem o porte de uma umbelífera, e entretanto é uma, porque ele tem todos os caracteres dela em sua frutificação. Onde encontrar, dir-me-eis, o Cardo-corredor? Por todo o campo.

⁹⁰⁹ *Sambucus nigra* L.

⁹¹⁰ *Eryngium campestre* L.

Todas as grandes estradas são forradas por eles à direita e à esquerda: o primeiro camponês pode vos mostrá-lo, e vós o reconhecereis quase por vós mesma pela cor azulada ou verde-mar de suas folhas, pelos seus duros espinhos, e por sua consistência lisa e coriácea como do pergaminho. Mas pode-se deixar de lado uma planta tão intratável; ela não tem belezas suficientes para compensar as feridas que sofremos ao examiná-la; e fosse ela cem vezes mais bonita, minha Priminha, com seus dedinhos sensíveis, seria logo desestimulada a acariciar uma planta tão mau humorada.

A família das umbelíferas é numerosa, e tão natural que seus gêneros são muito difíceis de distinguir: são irmãos cuja grande semelhança faz frequentemente tomar um pelo outro. Para ajudar a reconhecê-los, imaginou-se distinções principais que são às vezes úteis, mas com as quais é preciso também não contar muito. O foco, de onde partem os raios tanto da grande quanto da pequena umbela, não está sempre nu; ele está às vezes rodeado de folíolos, como um babado. Dá-se a esses folíolos o nome de *invólucro* (envoltório). Quando a grande umbela tem um babado dá-se a esse babado o nome de *grande invólucro*. Chamam-se *pequenos invólucros* aqueles que rodeiam às vezes as pequenas umbelas. Isso dá lugar a três seções das umbelíferas:

1ª Aquelas que têm grande invólucro e pequenos invólucros.

2ª Aquelas que não têm senão os pequenos invólucros somente.

3ª Aquelas que não têm nem grande e nem pequenos invólucros.

Pareceria faltar uma quarta divisão, daquelas que têm um grande invólucro e nenhum dos pequenos. Mas não se conhece nenhum gênero que esteja constantemente nesse caso.

Vossos surpreendentes progressos, querida Prima, e vossa paciência, encorajaram-me tanto que, desconsiderando vossa dificuldade, ousei descrever-vos a família das umbelíferas sem fixar vossos olhos sobre nenhum modelo, o que necessariamente tornou vossa atenção muito mais fatigante. Contudo, ousei duvidar, lendo como sabeis fazer, [1177] que após uma ou duas leituras de minha carta uma umbelífera em flores escape ao vosso espírito ao atingir vossos olhos, e nesta estação não podeis deixar de encontrar várias delas nos jardins e no campo.

A maior parte delas têm as flores brancas. É o caso da Cenoura,⁹¹¹ do cerefólio,⁹¹² da salsa,⁹¹³ da Cicuta,⁹¹⁴ da angélica,⁹¹⁵ do Esfondílio,⁹¹⁶ da [em francês] Berle,⁹¹⁷ da [em francês] boucage,⁹¹⁸ do Skirret ou crummock,⁹¹⁹ do funcho-do-mar⁹²⁰ etc.

Algumas, como o funcho,⁹²¹ o aneto,⁹²² a pastinaca,⁹²³ têm flores amarelas; há poucas delas com flores avermelhadas, e nenhuma de outra cor.

Eis, dir-me-eis, uma bela noção geral das umbelíferas: mas como todo esse vago saber preservar-me-á de confundir a Cicuta com o Cerefólio, ou com a salsa, que acabais de nomear com ela? A mais simplória cozinheira saberá mais sobre isso do que nós com toda nossa doutrina. Tendes razão. Mas, contudo, se começamos pelas observações de detalhe, logo sobrecarregados pelo número, a memória nos abandonará, e nos perderemos desde os primeiros passos nesse reino imenso; ao passo que, se começamos por reconhecer bem as grandes estradas, nos perderemos raramente nas veredas, e reencontrar-nos-emos em todo o lugar sem muito esforço. Concedamos, contudo, alguma exceção à utilidade do objeto, e não nos exponhamos, enquanto analisamos o reino vegetal, a comer por ignorância um omelete de Cicuta.

A pequena Cicuta dos jardins é uma umbelífera, assim como a salsa e o Cerefólio. Ela tem a flor branca como uma e outro,⁹²⁴ ela está, com o último, na seção que tem o pequeno envoltório e que não tem o grande; ela parece o bastante com eles por sua folhagem para que não seja fácil de vos marcar por escrito as diferenças. Mas eis os caracteres suficientes para não vos enganar quanto a isso.

⁹¹¹ *Daucus carota* L.

⁹¹² *Scandix cerefolium* L. (atualmente *Anthriscus cerefolium* (L.) Hoffm.).

⁹¹³ *Petroselinum sativum* Hoffm.

⁹¹⁴ *Aethusa cynapium* L.

⁹¹⁵ *Angelica archangelica* L.

⁹¹⁶ *Heracleum sphondylium* L.

⁹¹⁷ *Sium angustifolium* L. (atualmente *S. erectum* (L.) Huds.).

⁹¹⁸ *Pimpinella magna* L. (atualmente *P. major* (L.) Huds.)

⁹¹⁹ *Sium sisarum* L.

⁹²⁰ *Crithmum maritimum* L.

⁹²¹ *Foeniculum vulgare* Mill.

⁹²² *Anethum graveolens* L. Também chamado de funcho-bastardo, pois ele se parece muito com o funcho.

⁹²³ *Pastinaca sativa* L.

⁹²⁴ A flor da salsa é um pouco amarelada. Mas muitas flores das umbelíferas parecem amarelas por causa do ovário e das anteras, e não deixam de ter as pétalas brancas (Nota de Rousseau).

É preciso começar por ver em flor essas diversas plantas; pois é nesse estado que a *Cicuta* tem seu caráter próprio. É o de ter sob cada pequena Umbela um pequeno involúcro composto de três pequenos folíolos pontiagudos, bastante longos, e todos os três voltados para fora, [1178] ao passo que os folíolos das pequenas umbelas do *cerefólio* envolvem-no em toda a volta, e estão virados igualmente em todos os lados. No que diz respeito à salsa, mal possui alguns folíolos curtos, finos como cabelos, e distribuídos indiferentemente tanto na grande umbela quanto nas pequenas, que são todas claras e magras.

Quando estiverdes bem segura quanto a *Cicuta* em flor, confirmareis vosso julgamento esfregando ligeiramente e cheirando sua folhagem, pois seu odor fétido e venenoso não vos deixará confundi-la com salsa nem com o *cerefólio*, já que os dois têm odores agradáveis. Bem segura, enfim, de não fazer quiprocó, examinareis juntas e separadamente essas três plantas em todos os seus estados e por todas as suas partes, sobretudo pela folhagem que as acompanha mais constantemente que a flor, e por esse exame comparado e repetido, até que tenhais adquirido a certeza do golpe de vista, chegareis a distinguir e conhecer imperturbavelmente a *Cicuta*. O estudo vos conduz assim até a porta da prática, após o que essa facilita o saber.

Tomai fôlego, querida Prima, pois eis uma carta excessiva. Não ousou nem mesmo vos prometer mais discrição naquela que deve segui-la; mas depois disso não teremos diante de nós senão um caminho margeado de flores. Vós mereceis uma coroa pela doçura e pela constância com a qual vos dignais a seguir-me através desses matos sem vos desanimar com seus espinhos.

VI

2 de maio de 1773⁹²⁵

[1179] Ainda que vos reste, Querida Prima, muitas coisas a desejar nas noções de nossas cinco primeiras família, e que eu nem sempre tenha sabido colocar minhas descrições ao alcance de nossa pequena *Botanófila*⁹²⁶ (amante da botânica), acredito, entretanto, ter-vos dado uma ideia suficiente delas para poder, após alguns meses de herborização, familiarizar-vos com a ideia geral do porte de cada família: de modo que, ao aspecto de uma planta, possais conjecturar aproximadamente se ela pertence a alguma das cinco famílias e a qual; sem que isso impeça em seguida de verificar, pela análise da frutificação, se vos enganastes ou não em vossa conjectura. As Umbelíferas, por ex.: vos causaram algum embaraço, mas do qual podeis sair quando vos apeteecer por meio das indicações que adicionei às descrições: pois, enfim, as Cenouras, as Pastinacas, são coisas tão comuns que nada é mais fácil, no meio do verão, do que vos mostrarem uma ou outra em flor em uma horta. Ora, ao simples aspecto da umbela, e da planta que a porta, devemos formar uma ideia tão nítida das umbelíferas que, ao encontro com uma planta dessa família, raramente nos enganaremos ao primeiro golpe de vista. Eis tudo o que pretendi até aqui; pois não será questão tão cedo dos gêneros e das espécies; e, mais uma vez, não é uma nomenclatura de papagaios que se trata de adquirir, mas uma ciência real, e uma das ciências mais amáveis que se possa cultivar cultivar.⁹²⁷ Passo, então, à nossa sexta família, antes de tomar um caminho mais metódico. Ela poderá vos embaraçar de início, tanto e até mais que as

⁹²⁵ V: No topo da missiva, Rousseau colocou este título: *Sexta carta sobre a botânica*, e esta nota: *A precedente, sobre os herbários, não devendo ser colocada na série, pois interromperia a ordem que me propus*. Estas palavras fazem alusão à carta de 11 de abril de 1773 que, na primeira edição destes escritos, estabelecida por Moulton e Du Peyrou, foi alocada ao final, ou seja, passou a figurar como a oitava carta.

⁹²⁶ Lineu separava aqueles que se interessavam por plantas em *botanophiles* e *botanistes*. O primeiro termo possuía um sentido mais amadorístico, dizendo respeito a um interesse mais geral pelas plantas que não levava em conta a ciência botânica propriamente dita. Cf. DROUIN, J.-M. *L'Herbier des philosophes*, p. 21.

⁹²⁷ V: No lugar desta frase, lê-se: *Eis tudo que pretendi até aqui: a saber, exercitar vossos olhos a distinguir o porte das plantas de algumas famílias, e de vos dar ao mesmo tempo, com uma noção geral das partes da frutificação, os primeiros elementos da análise botânica. Vós vos enganareis algumas vezes sem dúvida, os mais eruditos se enganam também, e até mais que os outros, porque que julgam mais frequentemente e com mais confiança. Mas vós chegareis avançando a reconhecer e corrigir vossos erros vós mesma, como acontece com qualquer um que tenha um verdadeiro gosto pelo estudo da natureza e ame sinceramente a verdade.*

umbelíferas. Mas meu objetivo não é, por hora, senão de dela vos dar uma noção geral; até [1180] porque ainda temos muito tempo antes de sua plena floração, e porque esse tempo bem empregado poderá vos aplanar dificuldades contra as quais não é preciso lutar ainda.

Tomai uma dessas pequenas flores, que nesta estação forram os pastos, e que chama-se aqui de *Bonina*, *margarida-menor*, ou *margarida*⁹²⁸ simplesmente. Olhai-a bem; pois, dado seu aspecto, estou certo de vos surpreender ao vos dizer que essa flor, tão pequena e tão graciosa, é realmente composta de duzentas ou trezentas outras flores, todas perfeitas, isto é, tendo cada uma sua corola, seu germe, seu pistilo, seus estames, sua semente, em uma palavra, tão perfeita em sua espécie quanto uma flor de jacinto ou de Lírio. Cada um desses folíolos, brancos em cima, rosa embaixo, que formam como uma coroa ao redor da margarida, e que não vos parecerem senão no máximo pequenas pétalas, são realmente verdadeiras flores; e cada uma dessas pequenas hastes amarelas que vedes no centro, e que a princípio não tomastes talvez senão por estames, são ainda verdadeiras flores. Se já tivésseis os dedos exercitados nas dissecações botânicas, se vos armásseis de uma boa lupa e de muita paciência, eu poderia vos convencer dessa verdade por vossos próprios olhos; mas, por enquanto, é preciso começar, por obséquio, por acreditar em minha palavra, por medo de fatigar vossa atenção com essas miudezas. Contudo, para ao menos vos colocar no caminho, arrancai um dos folíolos brancos da coroa, acreditareis a princípio que esse folíolo é chato de uma ponta à outra, mas olhai-o bem na ponta que estava presa à flor, vereis que essa ponta não é chata, mas redonda e oca em forma de tubo, e que desse tubo sai um pequeno fio com dois chifres, esse fio é o estilete enforquilhado dessa flor, que, como vedes, não é chato senão no topo.

Olhai agora as hastes amarelas que estão no meio da flor, e que vos disse serem flores elas mesmas. Se a flor está suficientemente avançada, vereis várias delas em toda a volta, as quais estão abertas no meio e mesmo recortadas em várias partes. São corolas monopétalas que desabrocham, e nas quais a lupa vos faria facilmente distinguir o [1181] pistilo e mesmo as anteras que o rodeiam. Normalmente os flósculos amarelos que se vê no centro são ainda arredondados e não perfurados. São flores como as outras, mas que ainda não desabrocharam,

⁹²⁸ *Bellis perennis* L.

pois elas não desabrocham senão sucessivamente, avançando das bordas em direção ao centro. Isso basta para vos mostrar de olho a possibilidade de que todas essas hastes, tanto brancas quanto amarelas, sejam realmente flores perfeitas, e é um fato muito constante. Vedes, entretanto, que todas essas pequenas flores estão apertadas e encerradas em um Cálice que lhes é comum, e que é o da Margarida. Ao considerar toda a Margarida como uma única flor, será então dar-lhe um nome muito conveniente chamá-la de *flor composta*. Ora, há um grande número de espécies e de gêneros de flores, formadas, como a margarida, por uma reunião de outras flores menores, contidas em um cálice comum. Eis o que constitui a sexta família de que eu tinha que falar-vos, a saber, a das *flores compostas*.

Comecemos por retirar aqui o equívoco da palavra flor, restringindo esse nome, na presente família, à flor composta, e dando o de *flósculo* às pequenas flores que a compõem; mas não esqueçamos que no sentido preciso da palavra esses flósculos eles mesmos são verdadeiras flores.

Vistes na Margarida dois tipos de flósculos, a saber, aqueles de cor amarela que preenchem o meio da flor, e as pequenas linguetas brancas que os rodeiam. Os primeiros são, em sua pequenez, bastante semelhantes na forma com as flores do Lírio-do-vale ou do Jacinto, e os segundos têm alguma relação com as flores da Madressilva.⁹²⁹ Deixaremos aos primeiros o nome de *flósculo*, e para distinguir os outros nós os chamaremos *semiflósculo*: pois, de fato, eles têm bastante o ar de flores monopétalas cortadas em um lado, não deixando senão uma lingueta que mal constituiria a metade da corola.

Esses dois tipos de flósculos se combinam nas flores compostas de maneira a dividir toda a família em três seções bem distintas.

A primeira seção é formada por aquelas que não são compostas senão de linguetas, ou semiflósculos, tanto no [1182] meio quanto na circunferência, são chamadas de *flores semiflosculadas*, e a flor inteira nessa seção é sempre de uma única cor, mais frequentemente amarela. É o caso da flor chamada

⁹²⁹ *Lonicera caprifolium* L.

Dente-de-Leão⁹³⁰ ou taráxaco; é o caso das flores da alface,⁹³¹ da chicória⁹³² (essa é azul), da escorioneira,⁹³³ da Cercefi,⁹³⁴ etc.

A segunda seção compreende as *flores flosculadas*, isto é, que não são compostas senão por flósculos, todos normalmente também de uma única cor. É o caso das flores das sempre-vivas,⁹³⁵ da Bardana,⁹³⁶ do Absinto,⁹³⁷ da Artemísia,⁹³⁸ do cardo, da alcachofra,⁹³⁹ que é ela mesma um cardo do qual se come o Cálice e o receptáculo ainda em botão, antes que a flor esteja aberta e mesmo formada. Essa lanugem que se retira do meio da alcachofra não é outra coisa senão o conjunto de flósculos que começam a se formar, e que são separados uns dos outros por longos pelos implantados no receptáculo.

A terceira seção é aquela das flores que reúnem os dois tipos de flósculos. Isso sempre se dá de maneira a que os flósculos inteiros ocupem o centro da flor, e os semiflósculos formem o contorno ou a circunferência, como vistes na Margarida. As flores dessa seção se chamam *radiadas*, os botânicos tendo dado o nome de *raio* ao contorno de uma flor composta, quando ele é formado de linguetas ou semiflósculos. No que se refere à área ou ao centro da flor ocupado pelos flósculos, chama-se *disco*, e dá-se também às vezes esse mesmo nome de disco à superfície do receptáculo onde estão plantados todos os flósculos e semiflósculos. Nas flores radiadas o disco é frequentemente de uma cor e o raio de outra, contudo há também gêneros e espécies onde todos os dois são da mesma cor.

Esforcemo-nos agora em bem determinar em vosso espírito a ideia de uma *flor composta*. O trevo comum⁹⁴⁰ floresce nesta estação; sua flor é púrpura; se um vos caísse sob as mãos, poderíeis, vendo tantas pequenas flores assim reunidas, ser tentada a tomar o todo por uma flor composta. Vós vos enganaríeis: em que? no fato de que, para constituir uma flor composta, não basta um agregado de

⁹³⁰ *Leontodon taraxacum* L.

⁹³¹ *Lactuca sativa* L.

⁹³² *Cichorium intybus* L.

⁹³³ *Scorzonera hispanica* L.

⁹³⁴ *Tragopogon porrifolius* L.

⁹³⁵ *Helichrysum* Mill.

⁹³⁶ *Arctium lappa* L.

⁹³⁷ *Artemisia absinthium* L.

⁹³⁸ *Artemisia vulgaris* L.

⁹³⁹ *Cynara scolymus* L.

⁹⁴⁰ Trata-se novamente do *Trifolium pratense* L.

várias pequenas flores, mas é preciso ainda que uma ou duas partes da frutificação lhes sejam comuns, de maneira [1183] que todas tenham parte na mesma, e que nenhuma tenha a sua separadamente. Essas duas partes comuns são o cálice e o receptáculo. É verdade que a flor do trevo, ou antes o grupo de flores que não parecem senão uma, parece a princípio apoiada sobre uma espécie de cálice, mas afastai um pouco esse suposto cálice, e vereis que ele não se liga absolutamente à flor, mas que está preso embaixo dela no pedículo que ela porta. Assim, esse aparente cálice não é um; ele pertence à folhagem, e não à flor; e essa pretensa flor não é de fato senão um conjunto de flores leguminosas muito pequenas, cada uma das quais tem seu cálice particular, e que não têm absolutamente nada de comum entre si senão sua ligação ao mesmo pedículo. O comum é, no entanto, tomar tudo isso por uma única flor; mas é uma ideia falsa, ou, caso se faça questão de olhar como uma flor um buquê dessa espécie, ao menos não se deve chamá-la de *flor composta*, mas de *flor agregada* ou cabeça (*flos aggregatus*, *flos capitatus*, *capitulum*), e essas denominações são de fato algumas vezes empregadas nesse sentido pelos botânicos.

Eis, querida Prima, a noção mais simples e mais natural que vos poderia dar da família, ou, antes, da numerosa classe das Compostas, e das três seções ou famílias em que ela se subdivide. É preciso agora vos falar da estrutura da frutificação particular a essa classe, e isso nos levará talvez a determinar seu caráter com mais precisão⁹⁴¹.

A parte mais essencial de uma flor composta é o receptáculo, sobre o qual os flósculos e semiflósculos a princípio estão plantados, e em seguida as sementes que os sucedem. Esse receptáculo, que forma um disco de uma certa extensão, constitui o centro do Cálice, como podeis ver no Dente-de-Leão, que tomaremos aqui como exemplo. O Cálice em toda essa família é normalmente recortado até a base em várias peças, de modo que ele possa fechar-se, tornar a abrir-se, e inclinar-se para trás, como acontece no progresso da frutificação, sem causar rasgos. O Cálice do dente-de-leão é formado por duas fileiras de folíolos inseridas uma na outra, e os folíolos da fileira exterior, que sustentam a outra, recurvam-se e dobram-se para baixo em direção ao pedículo, enquanto os folíolos da fileira

⁹⁴¹ V: É preciso agora vos descrever em poucas palavras, se eu puder, a estrutura da frutificação que reina nesta família, e vos dar o caráter essencial recentemente estabelecido.

[1184] interior permanecem retos para rodear e conter os semiflósculos que compõem a flor.

Uma forma ainda mais comum aos cálices dessa classe é de serem *imbricados*, isto é, formados por várias fileiras de folíolos, uns recobrando as junções dos outros, como as telhas de um teto. A alcachofra, a Escovinha,⁹⁴² a Centáurea,⁹⁴³ a escorcioneira oferecem-vos exemplos de cálices imbricados.

Os flósculos e semiflósculos encerrados no Cálice estão plantados muito densamente sobre seu disco ou receptáculo em quincunce, ou como as casas de um tabuleiro de Xadrez. Às vezes eles se entretocam diretamente, sem nenhum intermediário, às vezes eles são separados por divisórias de pelos ou de pequenas escamas que permanecem presas no receptáculo quando as sementes caíam. Estais a caminho de observar as diferenças dos Cálices e dos receptáculos; falemos agora da estrutura dos flósculos e semiflósculos, começando pelos primeiros.

Um flósculo é uma flor monopétala, normalmente regular, em que a corola se fende no topo em quatro ou cinco partes. Nessa corola estão presos ao seu tubo os filetes dos estames em número de cinco: esses cinco filetes reúnem-se no topo em um pequeno tubo redondo que rodeia o pistilo, e esse tubo não é outra coisa senão as cinco anteras ou estames reunidos circularmente em um único corpo. Essa reunião de estames forma, aos olhos dos Botânicos, o caráter essencial das flores compostas, e não diz respeito senão aos seus flósculos, estando ausente em todos os outros tipos de flores. Assim, em vão tereis encontrado várias flores apoiadas sobre um mesmo disco como nas escabiosas⁹⁴⁴ e no cardo-penteador⁹⁴⁵; se as anteras não se reúnem em um tubo ao redor do pistilo, e se a corola não se apoia sobre uma única semente nua, essas flores não são flósculos e não formam uma flor composta. Ao contrário, se encontrásseis em uma única flor as anteras assim reunidas em um só corpo, e a corola súpera posicionada sobre uma só semente; essa flor, embora sozinha, seria um verdadeiro flósculo, e pertenceria à

⁹⁴² *Centaurea cyanus* L.

⁹⁴³ *Centaurea jacea* L.

⁹⁴⁴ *Scabiosa* L.

⁹⁴⁵ *Dipsacus fullonum* L.

família das compostas⁹⁴⁶, do que se depreende que é melhor extrair o caráter de uma estrutura precisa do que de uma aparência enganosa.

O Pistilo porta um Estilete normalmente mais longo do que o flósculo, acima do qual ele é visto elevar-se através [1185] do tubo formado pelas anteras. Ele termina mais frequentemente no topo por um Estigma enforquilhado, do qual se vê facilmente os dois pequenos chifres. Em seu pé o pistilo não se apoia imediatamente no receptáculo, não mais do que o flósculo, mas um e outro a ele se ligam pelo germe, que lhes serve de base, o qual cresce e se alonga à medida que o flósculo resseca, tornando-se enfim uma semente longa, que permanece presa ao receptáculo até que esteja madura. Então ela cai, se está nua, ou o vento a leva para longe, se está coroadada por um tufo de plumas, e o receptáculo permanece descoberto, totalmente nu em alguns gêneros, ou guarnecido de escamas ou de pelos em outros.

A estrutura dos semiflósculos é parecida com a dos flósculos; os estames, o pistilo e a semente são dispostas quase da mesma maneira: somente nas flores radiadas há vários gêneros onde os semiflósculos da circunferência estão sujeitos a abortar, seja porque lhes faltam estames, seja porque aqueles que eles possuem são estéreis e não têm a força de fecundar o germe, então a flor não dá semente senão pelos flósculos do meio.

Em toda a classe das compostas a semente é sempre *Séssil*, isto quer dizer que ela apoia-se imediatamente sobre o receptáculo, sem nenhum pedículo intermediário. Mas há sementes cujo cume é coroadado por um tufo, às vezes séssil, e às vezes preso à semente por um pedículo. Vós compreendeis que a finalidade desse tufo é o de espalhar ao longe as sementes, dando mais margem ao ar de levá-las e semeá-las à distância.

A essas descrições informes e truncadas, devo acrescentar que os cálices têm normalmente a propriedade de abrir-se quando a flor desabrocha, de fechar-se quando os flósculos murcham e caem, de modo a conter a jovem semente e impedi-la de se espalhar antes de sua maturidade, enfim de reabrir-se e de inclinar-se completamente para trás para oferecer em seu centro uma área maior às sementes que crescem ao amadurecer. Deveis ter visto muitas vezes o

⁹⁴⁶ V: A frase para em ... *família das compostas*, e o parágrafo termina assim: *Tudo depende do caráter essencial do qual se forma a ideia, e da definição que se adota.*

Dente-de-Leão nesse estado, quando as crianças o colhem para assoprar seus tufos, que formam um globo ao redor do cálice invertido.

Para conhecer bem essa classe, é preciso acompanhar as flores desde antes de seu desabrochar até a plena maturidade do fruto, e é nessa sucessão que se [1186] veem metamorfoses e um encadeamento de maravilhas que mantém todo espírito são que as observa em contínua admiração. Uma flor conveniente a essas observações é o girassol⁹⁴⁷, que se encontra com frequência nos vinhedos e nos jardins. O girassol, como vedes, é uma radiada. A rainha-margarida⁹⁴⁸, que no outono constitui o ornamento dos canteiros, também é uma. Os Cardos⁹⁴⁹ são flosculados; já disse que a escorcioneira e o dente-de-leão são semiflosculados. Todas essas flores são suficientemente grandes para que possam ser dissecadas e estudadas a olho nu sem o fatigar muito.

Não vos direi mais hoje sobre a família ou a classe das compostas. Temo já ter abusado demais de vossa paciência com detalhes que eu teria tornado mais claros, se tivesse sabido torná-los mais curtos; mas me é impossível poupar a dificuldade que nasce da pequenez dos objetos. Adeus, querida Prima.

Não posso deixar de vos comunicar uma dúvida que me veio relendo vossa última carta. É possível que tenhais visto por conta própria os flósculos da margarida-maior?⁹⁵⁰ Confesso que isso me surpreende. Apesar de vossa atenção e de vossa perspicácia, naturalmente deveríeis ter tomado os pontos amarelos do disco por estames, e os semiflósculos brancos do contorno por pétalas. Suplico-vos que me digais, com a veracidade que espero de vós, se ninguém vos colocou no caminho. Se o encontraste sozinha, e se vossa pequena companheira, com seus olhos astutos, viu até esse ponto, prevejo ousadamente que em poucos anos vós estareis, uma e outra, as únicas de vosso sexo junto com a Senhora a Duquesa de Portland, entre o pequeno número de verdadeiros botânicos, e que o ornamento da terra logo não terá mais nada de estranho a vossos olhos.

⁹⁴⁷ *Helianthus annuus* L.

⁹⁴⁸ *Callistephus chinensis* (L.) Nees.

⁹⁴⁹ É preciso tomar cuidado para não misturar com eles o cardo-penteador, ou [em francês] os bonnetiers, que não é um verdadeiro cardo (Nota de Rousseau).

⁹⁵⁰ *Chrysanthemum leucanthemum* L.

VII

Sem data [fim março/começo de abril de 1774]

[1187] Esperava notícias vossas, querida Prima, mas sem impaciência, porque o Sr. Teissier,⁹⁵¹ que eu vira depois da recepção de vossa carta precedente, me havia dito ter deixado vossa mamãe e toda vossa família em boa saúde. Alegro-me em ter a confirmação disso através de vós, assim como as boas e frescas notícias que me destes de minha Tia Gonceru⁹⁵². Sua lembrança e sua bênção floresceram de alegria um coração que há muito tempo quase não é levado a experimentar esses tipos de movimento. É por ela que ainda me ligo a alguma coisa muito preciosa na terra, e enquanto eu a conservar, continuarei a amar a vida, aconteça o que acontecer. Eis o tempo de aproveitar de vossas bondades comuns por ela e por mim, parece que minha pequena oferenda adquire um preço verdadeiro passando por vossas mãos. Se vosso caro Esposo vier em breve a Paris, como vós me fazeis esperar, pedirei a ele que se encarregue de meu tributo anual; mas se ele demorar um pouco, suplico-vos que me indiqueis a quem devo entregá-lo, a fim de que não haja qualquer demora, e que vós não façais o adiantamento como no ano passado, o que sei que fazeis com prazer, mas o qual não devo consentir sem necessidade.

Eis, querida Prima, os nomes das plantas que me enviastes por último⁹⁵³. Adicionei um ponto de interrogação àqueles dos quais estou em dúvida, porque não tivestes o cuidado de colocar as folhas com a flor, e a folhagem é frequentemente necessária para um exíguo botânico como eu determinar a espécie. Chegando em Fourvière, encontrareis a maior parte das árvores frutíferas em flor, lembro-me que desejastes algumas orientações sobre esse ponto. Não posso, [1188] neste momento, vos traçar abaixo senão algumas palavras muito rápidas, estando muito apressado, e a fim de que não percais mais uma estação para esse exame.

⁹⁵¹ Personagem desconhecido.

⁹⁵² Suzanne Goncerut, nascida Rousseau (1682-1775), irmã de Isaac Rousseau.

⁹⁵³ Ao final desta carta encontra-se um anexo que não traduzimos aqui, já que não também não consta na edição da Pléiade.

Não deveis⁹⁵⁴, querida amiga, dar à botânica uma importância que ela não tem; é um estudo de pura curiosidade e que não tem outra utilidade real senão a que pode tirar um ser pensante e sensível da observação da natureza e das maravilhas do universo. O homem desnaturou muitas coisas para melhor convertê-las a seu uso, nisso ele não tem qualquer culpa; mas não é menos verdadeiro que frequentemente ele as desfigurou, e que quando nas obras de suas mãos ele acredita estudar realmente a natureza, engana-se. Esse erro ocorre sobretudo na sociedade civil, ocorre mesmo nos jardins. Essas flores dobradas, que se admiram nos canteiros, são monstros desprovidos da faculdade de produzir seu semelhante, da qual a natureza dotou todos os seres organizados. As árvores frutíferas estão quase no mesmo caso pelo enxerto; em vão tereis plantado sementes de pêra⁹⁵⁵ e de maçã⁹⁵⁶ das melhores espécies, não nascerá jamais senão mudas silvestres. Assim, para conhecer a pêra e a maçã da natureza, é preciso procurá-las não nos pomares, mas nas florestas. A polpa não é tão grande e nem tão suculenta nelas, mas as sementes amadurecem melhor, se multiplicam mais, e as árvores são infinitamente maiores e mais vigorosas. Mas inicio aqui um ponto que me levaria muito longe; voltemos aos nossos pomares.

Nossas árvores frutíferas, embora enxertadas, guardam em sua frutificação todos os caracteres botânicos que as distinguem, e é pelo estudo atento desses caracteres, tanto quanto pelas transformações do enxerto, que se assegura que não há, por exemplo, senão uma única espécie de pêra sob mil nomes diversos, pelos quais a forma e o sabor de seus frutos a fez distinguir em tantas pretensas espécies, que no fundo são apenas variedades. E mais: a pêra e a maçã não são senão duas espécies do mesmo gênero, e sua única diferença bem característica é que o pedículo da maçã entra em uma reentrância do fruto, e o da pêra liga-se a um prolongamento do fruto um pouco alongado. Do mesmo modo, todos os tipo de cerejas, [em francês] guignes, ginjas, [em francês] bigarreaux, não são senão variedades de uma mesma espécie; todas as ameixas [1189] não são senão uma espécie de ameixa; o gênero da ameixa contém três espécies principais, a saber, a

⁹⁵⁴ V: *Não posso...*

⁹⁵⁵ *Pyrus communis* L.

⁹⁵⁶ *Pyrus malus* L.

ameixa propriamente dita⁹⁵⁷, a cereja⁹⁵⁸, e o damasco⁹⁵⁹, que não é também senão uma espécie de ameixa. Assim, quando o erudito Lineu, dividindo o gênero em suas espécies, denominou a *ameixa* ameixa, a ameixa cereja, e a ameixa damasco, os ignorantes zombaram dele, mas os observadores admiraram a justeza de suas reduções, etc. É preciso correr, apresso-me.

As árvores frutíferas entram quase todas em uma família numerosa cujo caráter é fácil de apreender, em que os estames, em grande número, em vez de estarem presos ao receptáculo, estão presos ao cálice, nos intervalos que as pétalas deixam entre eles; todas as flores são polipétalas, e comumente com cinco [pétalas]. Eis os principais caracteres genéricos.

O gênero da Pêra, que compreende também a maçã e o Marmelo⁹⁶⁰. Cálice monófilo com cinco pontas. Corola com cinco pétalas presas ao cálice, duas dezenas de estames, todos presos ao cálice. Germe ou ovário ínfero, isto é, debaixo da corola, cinco estiletes. Fruto carnudo com cinco compartimentos, contendo as sementes, etc.

O gênero da ameixa, que compreende o damasco, a Cereja, e o Louro-cerejo⁹⁶¹. Cálice, corola e anteras quase como na pêra. Mas o germe é súpero, isto é, [fica] dentro da corola, e não há senão um estilete. Fruto mais aquoso que carnudo, contendo um caroço, etc.

O gênero da amêndoa⁹⁶², que compreende também o pêssego⁹⁶³. Quase como a ameixa, se não fosse senão pelo germe peludo, e pelo fruto, que mole no pêssego, seco na amêndoa, contém um caroço duro, áspero, cheio de cavidades, etc.

Tudo isto não está senão grosseiramente esboçado, mas é o suficiente para vos entreter este ano. Adeus, querida Prima.

⁹⁵⁷ *Prunus domestica* L.

⁹⁵⁸ *Prunus cerasus* L.

⁹⁵⁹ *Prunus armeniaca* L.

⁹⁶⁰ *Cydonia oblonga* Mill.

⁹⁶¹ *Prunus laurocerasus* L.

⁹⁶² *Prunus amygdalus* (L.) Stokes.

⁹⁶³ *Prunus persica* (L.) S. et Z.

VIII

11 de Abril de [1773] com muita pressa

[1190] Minha carta já escrita, acabo de receber a visita do Senhor de Lessert⁹⁶⁴. Não pretendo vos informar nem sobre sua chegada, nem sobre o prazer que me deu essa agradável surpresa. Mas posso vos dizer ao menos que ele não parece minimamente cansado da viagem, e que jamais o vi tão gordo e tão bem de saúde.

Graças aos Céus, querida prima, estais restabelecida. Mas não sem que vosso silêncio, e o do Sr. Gaujet, que eu tinha insistentemente suplicado que me escrevesse uma palavra ao chegar, me tenha causado muitos alarmes. Nas inquietudes dessa espécie nada é mais cruel do que o silêncio, pois ele torna tudo pior. Mas tudo isso já está esquecido, e não sinto mais senão o prazer de vosso restabelecimento. O retorno da bela estação⁹⁶⁵, a vida menos sedentária de Fourvière, e o prazer de preencher com sucesso a mais doce e a mais respeitável das funções, logo terminarão de consolidá-lo, e sentireis com menos tristeza a ausência passageira de vosso Marido em meio às queridas provas de sua afeição e dos cuidados contínuos que eles vos demandam.

Sabeis que, neste momento, tenho também de vos demandar, por minha conta, os mesmos cuidados que tivestes a gentileza de tomar nos anos anteriores, para fazer chegar à minha Tia o pequeno tributo de meu reconhecimento e de meu apego. Se vosso caro Marido vier prontamente, suplicar-lhe-ei que tenha a gentileza de se encarregar desse envio; mas como já estou atrasado, se ele for demorar ainda a vir, gostaria que pudésseis me indicar alguém aqui a quem eu pudesse remeter esse dinheiro, para vos repassá-lo logo que possível, a fim de não deixar minha boa tia esperando por mais tempo.

A terra começa a reverdecer, as árvores a brotar, [1191] as flores a desbrochar; há aquelas que já passaram; um momento de atraso para a botânica nos postergaria um ano inteiro: assim, passo a ela sem outro preâmbulo.

⁹⁶⁴ A pressa a que Rousseau se refere transparece bem nesta primeira frase da carta.

⁹⁶⁵ A expressão “belle saison” corresponde à primavera e ao verão.

Temo que a tenhamos tratado até aqui de uma maneira demasiadamente abstrata; não aplicando nossas ideias a objetos determinados. Foi o erro que cometi, principalmente a respeito das umbelíferas. Se eu tivesse começado por vos colocar uma sob os olhos, ter-vos-ia poupado uma aplicação muito cansativa a um objeto imaginário, e a mim descrições difíceis, que um simples golpe de vista teria suprido. Infelizmente, com a distância que a lei da necessidade me mantém de vós, não estou ao alcance de vos apontar os objetos com o dedo; mas se pudermos, cada um de seu lado, ter sob os olhos [objetos] semelhantes, entender-nos-emos muito bem um ao outro ao falarmos daquilo que vemos. Toda a dificuldade consiste em que é preciso que a indicação venha de vós; pois enviar-vos daqui plantas secas de nada serviria. Para reconhecer bem uma planta, é preciso começar por vê-la em pé. Os herbários servem de memorativos para aquelas que já se conhece; mas eles fazem conhecer mal aquelas que não se viram antes. Cabe a vós, então, enviar-me as plantas que quiserdes conhecer, e que tiverdes colhido do pé; e cabe a mim nomeá-las, classificá-las, descrevê-las, até que, as ideias comparativas tornando-se familiares a vossos olhos e a vosso espírito, chegueis a classificar, ordenar e nomear vós mesma aquelas que vereis pela primeira vez, ciência que, sozinha, distingue o verdadeiro botânico do herborista ou nomenclador. Trata-se aqui, então, de aprender a preparar, dessecar e conservar as plantas ou as amostras de plantas, de maneira a torná-las fácil de reconhecer e de determinar. Em uma palavra, é um herbário que vos proponho começar. Eis uma grande ocupação, que de longe se prepara para nossa pequena amadora: pois, por ora, e por algum tempo ainda, será preciso que a destreza de vossos dedos supra a fraqueza dos dela.

Há primeiramente uma provisão a ser feita: a saber, cinco ou seis mãos de papel pardo, e quase o mesmo tanto de papel branco de mesmo tamanho, suficientemente forte e bem colado, sem o que as plantas apodreceriam no papel pardo, ou [1192] ao menos as flores nele perderiam sua cor, que é uma das partes que as torna reconhecíveis, e pelas quais um herbário é agradável de ver. Seria ainda desejável que vós tivésseis uma prensa do tamanho de vosso papel, ou ao menos dois pedaços de prancha bem unidos, de maneira que, colocando vossas folhas entre os dois, pudésseis mantê-las pressionadas por meio de pedras, ou de outros corpos pesados, com o qual sobrecarregaríeis a prancha superior. Feitos

esses preparativos, eis o que é preciso observar para preparar vossas plantas de maneira a conservá-las e reconhecê-las.

O momento que se deve escolher para isso é aquele em que a planta está em plena flor, e mesmo aquele em que algumas flores começam a cair para dar lugar ao fruto que começa a aparecer. É nesse ponto, em que todas as partes da frutificação são sensíveis, que é preciso esforçar-se para tomar a planta a fim de dessecá-la nesse estado.

As pequenas plantas se pegam todas inteiras, com sua raiz, que se tem o cuidado de limpar bem com uma escova, a fim de que não reste nenhuma terra. Se a terra está molhada, deixa-se que ela seque para escová-la, ou lava-se a raiz, mas então é preciso ter a maior atenção de enxugá-la e dessecá-la bem, antes de colocá-la entre os papéis, sem o que ela apodreceria inevitavelmente e comunicaria sua putrefação às plantas vizinhas. Contudo, não se deve obstinar-se em conservar as raízes senão na medida em que elas têm algumas singularidades notáveis; pois, na maioria delas, as raízes ramificadas e fibrosas têm formas tão parecidas que não vale a pena conservá-las. A natureza, que tanto fez pela elegância e pelo ornamento na forma e na cor das plantas, o que impressiona os olhos, destinou as raízes unicamente às funções úteis, já que, estando escondidas na terra, dar-lhes uma estrutura agradável seria esconder a luz debaixo do alqueire.

As árvores e todas as grandes plantas não se coleta senão por amostra. Mas é preciso que essa amostra seja tão bem escolhida, que contenha todas as partes constitutivas do gênero e da espécie, a fim de que possa ser suficiente para reconhecer e determinar a planta que a forneceu. Não basta que todas as partes da frutificação sejam sensíveis, o que não serviria senão para distinguir o gênero, é preciso que se veja bem o caráter da foliação [1193] e da ramificação; isto é, o nascimento e a forma das folhas e dos ramos, e mesmo, na medida do possível, alguma porção do caule; pois, como vereis na sequência, tudo isso serve para distinguir as espécies diferentes de mesmo gênero que são perfeitamente semelhantes na flor e no fruto. Se os ramos são demasiadamente espessos, pode-se adelgaçá-los com uma faca ou canivete, diminuindo-os habilmente por baixo, tanto quanto possível sem cortar e mutilar as folhas. Há botânicos que têm a paciência de rachar a casca do ramo e de tirar dela habilmente a madeira, de modo

que a casca reunida parece vos mostrar ainda o ramo inteiro, embora a madeira não esteja mais lá. Por esse meio, não se tem entre os papéis espessuras e protuberâncias demasiadamente consideráveis, que estragam, desfiguram o herbário, e fazem as plantas tomarem uma forma ruim. Nas plantas em que as flores e as folhas não vêm ao mesmo tempo, ou nascem demasiadamente longe umas das outras, pega-se um pequeno ramo com flor e um pequeno ramo com folhas, e, colocando-os juntos no mesmo papel, oferece-se ao olho as diversas partes da planta, suficientes para deixá-la reconhecer. Quanto às plantas em que não se encontram senão folhas, e cuja flor ainda não veio ou já passou, é preciso deixá-las, e esperar, para conhecê-las, que elas mostrem suas caras. Uma planta certamente não é mais reconhecível por sua folhagem do que um homem por sua roupa.

Eis a escolha que precisa ser feita naquilo que se colhe. É preciso escolher também a ocasião própria para isso. As plantas colhidas de manhã no orvalho, ou de tarde na umidade, ou de dia durante a chuva, não se conservam. É absolutamente necessário escolher um tempo seco, e mesmo nele o momento mais seco e mais quente do dia, que é, no verão, entre onze horas da manhã e cinco ou seis horas da tarde. Ainda então, caso nelas se encontre a mínima umidade, é preciso deixá-las; pois inevitavelmente elas não se conservarão.

Quando tiverdes colhido vossas amostras, levai-as para casa, sempre bem secas, para colocá-las e arranjá-las em vossos papéis. Para isso, fazei vossa primeira camada com ao menos duas folhas de papel pardo, sobre as quais colocareis uma folha de papel branco e, sobre essa folha, arrumareis vossa planta tomando grande [1194] cuidado para que todas as suas partes, sobretudo as folhas e as flores, estejam bem abertas e bem estendidas em sua situação natural. A planta um pouco murcha, mas sem o estar em demasia, normalmente se presta melhor à arrumação que se dá à ela no papel com o polegar e com os dedos. Mas há as rebeldes, que se enroscam de um lado enquanto se as arruma do outro. Para prevenir esse inconveniente tenho chumbos, grandes moedas, liards,⁹⁶⁶ com os quais submeto as partes que acabo de arrumar enquanto arrumo as outras, de modo que, quando termino, minha planta se encontra quase toda coberta com essas peças que a mantém no lugar. Depois disso, coloca-se uma segunda folha

⁹⁶⁶ Moeda de baixo valor da época do Antigo Regime.

branca sobre a primeira, e se pressiona com a mão, a fim de manter a planta submetida a situação que se deu à ela, a mão esquerda continua a pressionar, à medida que se retira com a direita os chumbos ou moedas grandes que estão entre os papéis; coloca-se em seguida duas outras folhas de papel pardo sobre a segunda folha branca, sem cessar um único momento de manter a planta submetida, por medo que perca a posição que se deu a ela; sobre esse papel pardo coloca-se uma outra folha branca, sobre essa folha, uma planta que se arruma e se recobre como a precedente; até que se tenha colocado toda a ceifa que se trouxe, e que não deve ser numerosa a cada vez, tanto para evitar a extensão do trabalho, quanto por medo que durante a dessecação das plantas o papel contraia alguma umidade por seu grande número; o que estragaria inevitavelmente vossas plantas se não vos apressardes em troca-lás de papel com a mesma atenção; e é mesmo o que se deve fazer de tempos em tempos, até que elas tenham se moldado bem, e que estejam totalmente secas.

Vossa pilha de plantas e de papéis assim arrumada deve ser colocada sob pressão, sem o que as plantas se enroscariam; algumas precisam ser mais pressionadas, outras menos; a experiência vos ensinará isso, assim como a trocá-las de papel convenientemente e tão frequentemente quanto for preciso sem vos dar um trabalho inútil. Enfim, quando vossas plantas estiverem bem secas, vós as colocareis cuidadosamente, cada uma em uma folha de papel, umas sobre as outras, sem a necessidade de papéis intermediários; e tereis assim um herbário começado, que aumentará sem cessar [1195] com vossos conhecimentos, e que conterà enfim a história de toda a vegetação da região: de resto, é preciso manter sempre esse herbário bem fechado e um pouco pressionado; sem o que as plantas, por mais secas que estejam, atrairiam a umidade do ar e se enroscariam novamente.

Eis agora o uso de todo esse trabalho para chegar ao conhecimento particular das plantas, e nos entendermos bem quando delas falamos.

É preciso colher duas amostras de cada planta; uma maior, para guardar, outra menor, para me enviar. Vós as numerareis com cuidado, de modo que a amostra grande e a pequena de cada espécie tenham sempre o mesmo número. Quando tiverdes uma ou duas dúzias de espécies assim desseçadas, vós me enviareis em um pequeno caderno em qualquer ocasião. Eu vos enviarei o nome e

a descrição das mesmas plantas, por meio dos números vós as reconheceréis em vosso herbário, e de lá sobre a terra, onde suponho que tereis começado a examiná-las. Eis um meio seguro, longe de vosso guia, de fazer progressos tão seguros e tão rápidos quanto possível. Não podereis ler este papel, temo; quanto a mim, não tenho tempo de relê-lo; falta-me tempo e termino. Adeus, prima.

Muitas saudações, vos suplico, ao Senhor De Lessert, à querida Mamãe, à toda a família. Meus cumprimentos ao Sr. Gaujet. Minha esposa vos abraça de todo coração.

P.S. - Esqueci de vos dizer que os mesmos papéis podem servir várias vezes, contanto que se tenha o cuidado de antes arejá-los e dessecá-los bem. Devo acrescentar também que o herbário deve ser mantido no lugar mais seco da casa, e antes no primeiro andar do que no pavimento térreo.

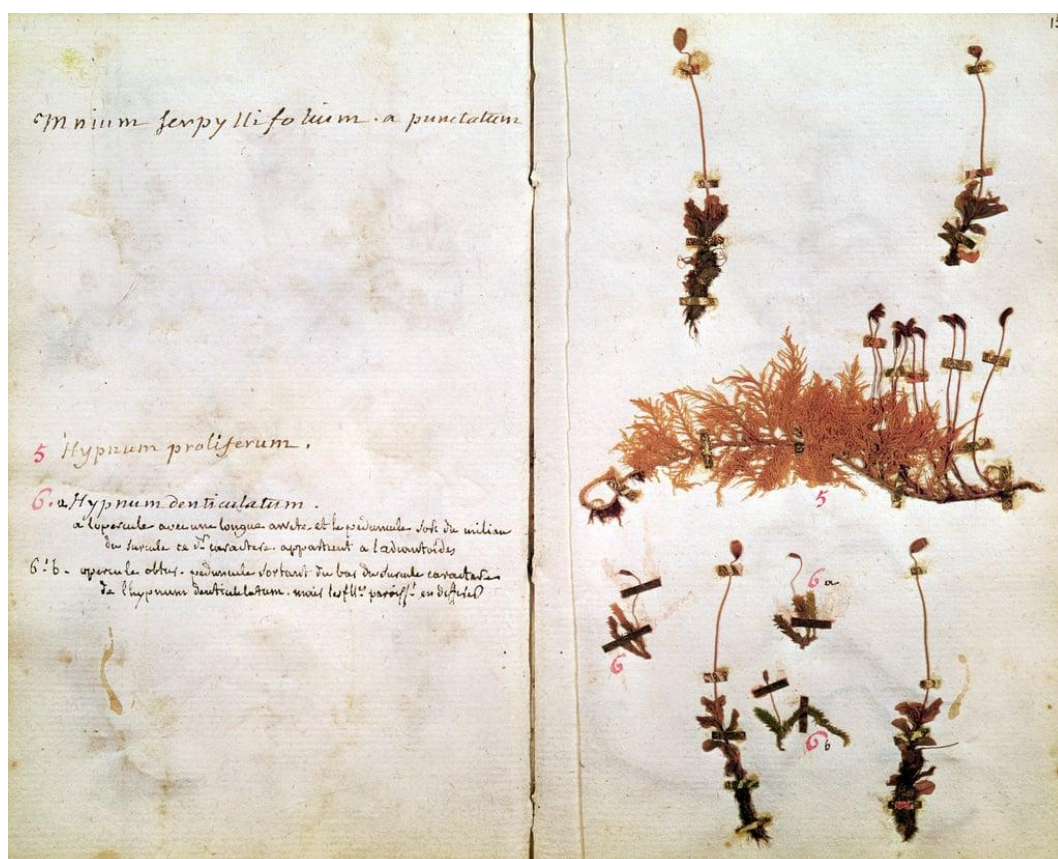


Figura 5 - Herbários de Rousseau

Figura 6 - Página de um herbário de Rousseau

Introdução

O texto chamado Introduction, aqui traduzido, foi publicado pela primeira vez na edição de 1782 das obras de Rousseau, feita por Du Peyrou e Moulton, como abertura do Dictionnaire de termes d'usage en botanique. Este é o lugar que ele ocupa também na edição da Pléiade aqui utilizada. O problema é que o Dictionnaire carrega uma polêmica⁹⁶⁷ em torno de sua fidedignidade. O livro de Alexandra Cook, A Salutary Science: Jean-Jacques Rousseau and botany, realiza a discussão completa sobre o assunto em seu capítulo 9. Até hoje não foi encontrado qualquer manuscrito desse dicionário, e sabe-se que ele foi criado postumamente por Du Peyrou e Moulton através da reunião de fragmentos esparsos de Rousseau, que consistiam em anotações dos principais tratados de botânica. Os editores julgavam serem esses fragmentos demasiado incompletos, e falavam, em troca de carta, na necessidade de realizar acréscimos para a confecção de um texto final inteligível. Logo, segundo Cook, o mínimo que se pode dizer é que não temos como saber ao certo o que é da lavra de Rousseau e o que foi acrescentado por terceiros. Além disso, o próprio Rousseau rejeitou a ideia de produzir um dicionário em suas cartas, afirmando não se sentir à altura de tal empreitada. O mais provável é que Introduction seja outro de seus fragmentos, apenas mais longo do que os demais. Polêmica à parte, o texto resume a história da botânica e deixa claro os votos de Rousseau em favor de uma nomenclatura simples. Não é por outro motivo que Rousseau termina reconhecendo a importância de Lineu para a história natural e afirmando que a revolução lineana foi sobretudo uma revolução na língua. Estando “dizer” e “ver” intimamente imbricados, na botânica como em todo o resto, a reconfiguração de uma língua produz sempre uma reconfiguração do olhar.

[1201] A primeira infelicidade da botânica é ter sido vista, desde o seu nascimento, como parte da medicina. Isso fez com que as pessoas não se

⁹⁶⁷ Alain Grosrichard me disse, em conversa privada, que acredita não ser possível decidir sobre o mérito de uma vez por todas. Ademais, do fato de que não se encontrou um manuscrito, não decorre que ele não exista.

interessassem senão em encontrar ou imaginar virtudes nas plantas, e negligenciassem o conhecimento das plantas por elas mesmas; pois, como se entregar às imensas e contínuas excursões que esta pesquisa exige e, ao mesmo tempo, ao trabalho sedentário do laboratório e ao tratamento dos doentes, pelos quais se consegue assegurar a natureza das substâncias vegetais e de seus efeitos no corpo humano? Essa falsa maneira de encarar a botânica há muito restringiu seu estudo, a ponto de limitá-lo quase às plantas usuais, e de reduzir a cadeia vegetal a um pequeno número de elos interrompidos. Até mesmo esses elos foram muito mal estudados, porque olhava-se somente para a matéria e não para a organização. Como alguém poderia ocupar-se suficientemente da estrutura orgânica de uma substância, ou antes, de uma massa ramificada, que não se pensava senão em moer em um almofariz? Não se procuravam plantas senão para encontrar remédios, não se procuravam plantas, mas simples⁹⁶⁸. Foi muitíssimo bem feito, alguém dirá; que seja. Mas o resultado foi que, ainda que se conhecesse muito bem os remédios, não se deixava de conhecer muito mal as plantas, e isso é tudo o que estou propondo aqui.

[1202] A Botânica não era nada, não havia estudo de botânica, e aqueles que mais se orgulhavam de conhecer as plantas não faziam qualquer ideia nem de sua estrutura, nem da economia vegetal. Cada um conhecia de vista cinco ou seis plantas de seu cantão, às quais dava nomes ao acaso, enriquecidos de virtudes maravilhosas que gostava de imaginar; e cada uma dessas plantas, transformada em panaceia universal, bastava para imortalizar todo o gênero humano. Estas plantas, transformadas em bálsamos e emplastros, desapareciam rapidamente, e logo davam lugar a outras, às quais os recém-chegados, para se distinguirem, atribuíam os mesmos efeitos. Às vezes era uma planta nova que se decorava com antigas virtudes, e às vezes plantas antigas propostas sob novos nomes bastavam para enriquecer novos charlatães. Essas plantas tinham nomes vulgares diferentes em cada cantão; e aqueles que as recomendavam por causa de suas drogas, davam-lhes apenas nomes conhecidos, quando muito, no lugar onde moravam; e quando suas receitas circulavam em outras regiões, não se sabia mais de que planta se estava falando; cada um atribuía uma de acordo com sua fantasia, sem outro cuidado a não ser o de dar-lhe o mesmo nome. Esta é toda a arte que os

⁹⁶⁸ Plantas com certas propriedades medicinais.

Myrepsus⁹⁶⁹, as Hildegardas⁹⁷⁰, os Suardus, os Villanovas⁹⁷¹ e os outros Doutores da época colocaram no estudo das plantas de que falaram em seus livros; e talvez fosse difícil para o povo reconhecer um único de seus nomes ou de suas descrições.

Com o renascimento das Letras, tudo desapareceu para dar lugar aos livros antigos: não havia nada de bom e verdadeiro, exceto o que estava em Aristóteles e Galeno⁹⁷². Em vez de estudar as plantas no solo, as pessoas as estudavam apenas em Plínio⁹⁷³ e em Dioscórides⁹⁷⁴; e não há nada mais frequente nos Autores daquela época do que vê-los negar a existência de uma planta pela única razão de Dioscórides não falar dela. Mas essas plantas doudas⁹⁷⁵, no entanto, tinham que ser encontradas na natureza para serem usadas de acordo com os preceitos do mestre. Então as pessoas se esforçaram; começaram a pesquisar, observar, conjecturar; e ninguém deixou de colocar todos os seus esforços em encontrar, na planta que tinham escolhido, os caracteres descritos em seu autor; e, como os tradutores, os comentadores, [1203] os práticos, raramente concordavam na escolha, dava-se vinte nomes à mesma planta, e a vinte plantas o mesmo nome, cada um sustentando que a sua era a verdadeira, e que todas as outras, não sendo aquela de que Dioscórides havia falado, deveriam ser proscritas da face da terra. É verdade que desse conflito resultaram, enfim, pesquisas mais atentas, e algumas boas observações que mereceram ser conservadas, mas, ao mesmo tempo, um tal caos de nomenclatura que os Médicos e os Herboristas haviam deixado absolutamente de se entenderem entre si: não podia mais haver comunicação de luzes, havia apenas disputas por palavras e nomes, e até mesmo todas as pesquisas e descrições úteis foram perdidas por falta de poder decidir de qual planta cada autor havia falado.

⁹⁶⁹ Nicholas Myrepsos, médico bizantino do século XIV.

⁹⁷⁰ Hildegarda de Bingen (1098-1179), monja beneditina, mística, poetisa e teóloga. Também estudou plantas medicinais.

⁹⁷¹ Arnaldo de Vilanova (1240-1311), alquimista, astrólogo e médico. Estudou medicina em Montpellier, onde também foi professor.

⁹⁷² Cláudio Galeno (ca. 129-217), médico romano de origem grega. Escreveu um compêndio de 37 volumes sobre história natural, a partir da referência das ciências antigas, intitulado *Historia Naturalis*.

⁹⁷³ Caio Plínio Segundo (23-79), conhecido como Plínio, o velho. Naturalista romano.

⁹⁷⁴ Pedânio Dioscórides (ca. 40-90) médico grego, autor de um importante tratado sobre drogas medicinais, utilizado até o século XVIII, intitulado *De materia medica*.

⁹⁷⁵ Em francês, *doctes plantes*, parece ser um modo irônico de se referir às plantas que foram estudadas e incluídas nas obras desses naturalistas.

Começaram a se formar, no entanto, verdadeiros Botânicos, como Clusius⁹⁷⁶, Cordus⁹⁷⁷, Cesalpino⁹⁷⁸, Gesner⁹⁷⁹, e a se escrever bons e instrutivos livros sobre essa matéria, nos quais já se encontram alguns vestígios de método. E foi certamente uma perda que essas peças se tornassem inúteis e ininteligíveis pela mera discordância de nomes. Mas, do próprio fato de os autores terem começado a unir as espécies e a separar os gêneros, cada um segundo sua maneira de observar o porte e a estrutura aparente, resultaram novos inconvenientes e uma nova obscuridade, pois cada autor, pautando sua nomenclatura a partir de seu método, criava novos gêneros, ou separava os antigos, conforme exigia o caráter do seus [métodos]. De modo que, espécies e gêneros, tudo era tão misturado, que quase não havia planta que não tivesse tantos nomes diferentes quanto havia autores que a tinham descrito; o que tornava o estudo da concordância tão longo quanto o das próprias plantas e muitas vezes mais difícil.

Finalmente apareceram esses dois ilustres irmãos, que sozinhos fizeram mais pelo progresso da Botânica do que o conjunto de todos que os precederam e até mesmo os seguiram, até Tournefort. Homens raros, cujo saber imenso e os sólidos trabalhos consagrados à Botânica os tornam dignos da imortalidade que adquiriram; pois, enquanto esta ciência natural não cair em esquecimento, os nomes de Jean e de Gaspard Bauhin viverão com ela na memória dos homens.

[1204] Esses dois homens empreenderam, cada um de seu lado, uma história universal das plantas; e, o que se relaciona mais imediatamente com esse tema, ambos se dedicaram a acrescentar a ela uma sinonímia, isto é, uma lista exata dos nomes que cada uma delas portava em todos os autores que os tinham precedido. Este trabalho tornava-se absolutamente necessário para que se pudesse aproveitar as observações de cada um deles; pois, sem isso, tornava-se quase impossível seguir e distinguir cada planta através de tantos nomes diferentes.

⁹⁷⁶ Carolus Clusius (1526-1609), médico e botânico flamengo que estudou em Montpellier. Criou um dos primeiros jardins botânicos da Europa, em Leida, onde foi professor.

⁹⁷⁷ Valerius Cordus (1515-1544), médico e botânico germânico. Identificou várias novas plantas e escreveu uma importante farmacopeia, intitulada *Dispensatorium* (Nuremberg, 1546). O gênero *Cordia* deriva de seu nome.

⁹⁷⁸ Andrea Cesalpino (1519-1603), médico e botânico italiano. Publicou em Florença, em 1583, uma obra em 16 volumes, intitulada *Plantis libri XVI*.

⁹⁷⁹ Conrad Gessner (1516-1565), naturalista suíço com trabalhos sobre plantas e animais. Seu *Historia Animalium* (Zurique, 1551-1558), em cinco volumes, foi uma referência para a zoologia e a história natural no período do Renascimento.

O mais velho executou mais ou menos esse empreendimento nos três volumes *in-folio* que foram impressos após sua morte, e a eles adicionou uma crítica tão justa que raramente se equivocou em suas sinonímias.

O plano de seu irmão era ainda mais vasto, como se vê no primeiro volume que ele produziu e que permitiria julgar a imensidão de toda a obra se ele tivesse tido tempo de executá-la; mas, fora o volume do qual acabei de falar, não temos de resto senão os títulos em seu *Pinax*; e este *Pinax*, fruto de quarenta anos de trabalho, é ainda hoje o guia de todos aqueles que querem trabalhar nessa matéria e consultar os autores antigos.

Como a nomenclatura dos Bauhins não era formada senão a partir dos títulos de seus capítulos, e como esses títulos normalmente compreendiam várias palavras, daí vem o hábito de não empregar como nomes de plantas senão frases confusas e muito longas, o que tornava essa nomenclatura não apenas arrastada e embaraçosa, mas pedante e ridícula. Haveria alguma vantagem nisso, confesso, se essas frases tivessem sido feitas melhor; mas, compostas indiferentemente dos nomes dos lugares de onde vinham essas plantas, dos nomes das pessoas que as tinham enviado, e mesmo dos nomes de outras plantas com as quais se encontravam alguma semelhança, essas frases eram fontes de novos embaraços e de novas dúvidas, já que o conhecimento de uma única planta exigia o de várias outras, as quais sua frase remetia, e cujos nomes não eram mais determinados que o seu.

No entanto, viagens de longo curso enriqueciam incessantemente a Botânica com novos tesouros; e enquanto os nomes antigos já sobrecarregavam a memória, [1205] novos nomes precisavam ser constantemente inventados para as novas plantas que eram descobertas. Perdidos nesse labirinto imenso, os Botânicos, forçados a procurar um fio para dele sair, apegaram-se por fim seriamente ao método; Herman⁹⁸⁰, Rivin⁹⁸¹, Ray, cada um propôs o seu; mas o imortal Tournefort prevaleceu sobre todos eles; ele foi o primeiro a arranjar todo o reino vegetal sistematicamente e, reformando parcialmente a nomenclatura,

⁹⁸⁰ Paul Hermann (1646-1695), médico e botânico germânico, professor de botânica em Leida. Entre suas produções, destaca-se a obra *Musaeum zeylanicum* (Leida, 1717), posteriormente utilizada por Lineu em sua *Flora zeylanica*.

⁹⁸¹ Augustus Quirinus Rivinus (1652-1723), médico e botânico germânico. Seu principal trabalho intitula-se *Introductio generalis in rem herbarium* (Leipzig, 1690).

combinou-a por seus novos gêneros com a de Gaspard Bauhin. Mas, longe de livrá-la de suas longas frases, ou acrescentava novas ou sobrecarregava as antigas com os acréscimos que seu método o obrigava a fazer. Então foi introduzido o costume bárbaro de ligar novos nomes aos antigos por um *qui quae quod* contraditório, que de uma mesma planta formava dois gêneros completamente diferentes.

Dens Leonis *qui* pilosella folio minus villosus: Doria *quae* Jacobaea orientalis limonii folio: Titanokeratophyton *quod* Litophyton marinum albicans.

Assim, a nomenclatura ficou sobrecarregada. Os nomes das plantas tornaram-se não apenas frases, mas períodos. Não citarei senão um, de Plukenet⁹⁸², que provará que não estou exagerando. “*Gramen myloicophorum carolinianum* seu *gramen altissimum*, *panicula maxima speciosa*, è *spicis majoribus compressiusculis utrinque pinnatis blattam molendariam quodam modo referentibus*, *composita*, *foliis convolutus mucronatis pungentibus*”. *Almag.* 137.

Teria sido o fim da botânica se essas práticas tivessem sido seguidas; tendo se tornado absolutamente insuportável, a nomenclatura não podia mais subsistir nesse estado, e era absolutamente necessário que houvesse uma reforma, ou que a mais rica, mais amável, mais acessível das três partes da História natural fosse abandonada.

Finalmente, o Sr. Lineu, tomado por seu sistema sexual e pelas vastas ideias que este lhe havia sugerido, concebeu o projeto de uma reformulação geral cuja necessidade todos sentiam, mas cujo empreendimento ninguém ousava tentar. Ele fez mais, ele o executou; e depois de ter preparado, em sua *Critica Botanica*, as regras segundo as quais esse trabalho deveria ser conduzido, ele determinou, em seu *Genera plantarum*, os gêneros das plantas, depois as espécies, em seu *Species*; de modo que, mantendo todos os nomes antigos que pudessem [1206] concordar com essas novas regras, e reformulando todos os outros, ele finalmente estabeleceu uma nomenclatura esclarecida, fundada nos verdadeiros princípios da arte que ele mesmo havia exposto. Ele conservou todos aqueles dos antigos gêneros que eram verdadeiramente naturais; corrigiu, simplificou, reuniu ou

⁹⁸² Leonard Plukenet (1642-1706), médico e botânico inglês, colaborador de John Ray. Seu *Phytographia* (Londres 1691-1696) foi uma fonte importante para Lineu. Rousseau cita aqui seu *Almagestum Botanicum* (Londres, 1696).

dividiu os demais segundo o que requeriam os verdadeiros caracteres. E, na confecção dos nomes, ele seguia, às vezes até severamente demais, suas próprias regras.

Com relação às espécies, para determiná-las, foram necessárias descrições e diferenças; assim, as frases permaneceram sempre indispensáveis, mas, limitando-se a um pequeno número de palavras técnicas bem escolhidas e bem adaptadas, ele empenhou-se em fazer boas e breves definições tiradas dos verdadeiros caracteres da planta, banindo rigorosamente tudo o que lhe era estranho. Para isso, foi preciso criar, por assim dizer, uma nova língua para a Botânica que evitasse aquele longo palavrório que se via nas antigas descrições. Reclamou-se que as palavras dessa língua não estavam todas em Cícero. Essa reclamação teria um significado razoável, se Cícero tivesse escrito um tratado completo de botânica. Essas palavras, contudo, são todas gregas ou latinas, expressivas, curtas, sonoras e formam até construções elegantes por sua extrema precisão. É na prática cotidiana da arte que se sente toda a vantagem dessa nova língua, tão cômoda e necessária para os Botânicos quanto a da Álgebra para os Geômetras.

Até então, o Sr. Lineu havia determinado o maior número de plantas conhecidas, mas não as tinha nomeado; pois definir algo não é o mesmo que nomeá-lo: uma frase nunca será um verdadeiro nome e não poderia ter seu uso. Ele supriu esse defeito inventando nomes triviais, que acrescentou aos dos gêneros para distinguir as espécies. Dessa forma, o nome de cada planta jamais passa de duas palavras; e essas duas palavras sozinhas, escolhidas com discernimento e aplicadas com justeza, muitas vezes permitem melhor conhecer a planta do que as longas frases de Micheli⁹⁸³ e Plukenet. Para conhecê-la ainda melhor e com mais regularidade tem-se a frase, que sem dúvida deve ser conhecida, mas que não é mais necessário repetir em todas as ocasiões em que não é preciso senão nomear o objeto.

Nada era mais desagradável e ridículo, quando uma [1207] mulher, ou um desses homens que se assemelham a elas, vos perguntavam o nome de uma erva ou de uma flor em um jardim, do que a necessidade de cuspir em resposta uma

⁹⁸³ Pier Antonio Micheli (1679-1737), botânico italiano, professor de botânica em Pisa e curador do jardim botânico de Florença.

longa série de palavras latinas, que lembravam evocações mágicas; inconveniente [por si só] suficiente para afastar essas pessoas frívolas de um estudo encantador, oferecido com um aparato tão pedante.

Por mais necessária, por mais vantajosa que fosse essa reforma, ela exigia nada menos do que o profundo conhecimento do Sr. Lineu para ser realizada com sucesso, e a celebridade desse grande naturalista para ser adotada universalmente. No começo ela sofreu resistência e ainda sofre alguma. Não poderia ser de outra forma: seus rivais na mesma carreira consideram essa adoção como uma confissão de inferioridade que eles têm o cuidado de não fazer; sua nomenclatura parece estar tão ligada ao seu sistema que mal se pensa em separá-la dele. E os Botânicos de primeira ordem, que se julgam obrigados por orgulho a não adotar o sistema de ninguém, e a ter cada um o seu, não irão sacrificar suas pretensões ao progresso de uma arte cujo amor naqueles que a professam raramente é desinteressado.

Os ciúmes nacionais ainda se opõem à admissão de um sistema estrangeiro. Sente-se obrigado a apoiar os ilustres de seu país, especialmente quando cessaram de viver; pois mesmo o amor-próprio, que se submetia com dificuldade à superioridade deles enquanto estavam vivos, sente-se honrado com sua glória após a morte.

Apesar de tudo isso, a grande comodidade dessa nova nomenclatura e sua utilidade, que o uso tornou conhecida, fez com que ela fosse adotada quase universalmente em toda a Europa, mais cedo ou mais tarde, na verdade, mas finalmente pouco a pouco, e mesmo em Paris. O Sr. de Jussieu⁹⁸⁴ acaba de instalá-la no jardim do Rei, preferindo assim a utilidade pública à glória de uma nova reforma que parecia exigir o método das famílias naturais, cujo autor é seu ilustre tio. Não é que essa nomenclatura lineana não tenha suas falhas e não deixe grande margem para críticas; mas, enquanto se espera que se encontre uma mais perfeita, ao qual nada falte, é cem vezes melhor adotá-la do que não ter nenhuma, ou voltar às frases de Tournefort ou de Gaspard Bauhin. Custa-me até acreditar que uma [1208] nomenclatura melhor possa, doravante, ter sucesso suficiente para proscrever essa, à qual os Botânicos da Europa já estão bastante acostumados; e é pela duplo encadeamento do hábito e da comodidade que a ela renunciariam com

⁹⁸⁴ Rousseau refere-se a Antoine-Laurent de Jussieu, e não a Bernard de Jussieu (ver a lista de personagens históricos, ao final).

ainda mais dificuldade do que tiveram para adotá-la. Para efetuar essa mudança seria necessário um autor cujo crédito apagasse o do Sr. Lineu, e a cuja autoridade toda a Europa aceitasse se submeter uma segunda vez, o que me parece difícil de esperar. Pois, se seu sistema, por mais excelente que seja, for adotado por apenas uma nação, ele lançará a Botânica em um novo labirinto e causará mais danos do que benefícios.

Mesmo a obra do Sr. Lineu, embora imensa, ainda permanece imperfeita enquanto não incluir todas as plantas conhecidas e enquanto não for adotada por todos os Botânicos sem exceção: pois os livros daqueles que a ela não se submetem exigem dos leitores o mesmo trabalho para a concordância a que foram obrigados para os livros que os precederam. Tem-se uma obrigação para com o Sr. Crantz⁹⁸⁵, apesar de sua paixão contra o Sr. Lineu, por ter adotado sua nomenclatura, embora tenha rejeitado seu sistema. Mas o Sr. Haller, em seu grande e excelente tratado sobre as plantas alpinas⁹⁸⁶, rejeita ambos, e o Sr. Adanson faz ainda mais, ele adota uma nomenclatura inteiramente nova, e não fornece nenhuma informação para relacioná-la com a do Sr. Lineu⁹⁸⁷. O Sr. Haller sempre cita os gêneros e às vezes as frases das espécies do Sr. Lineu; mas o Sr. Adanson nunca cita gênero ou frases. O Sr. Haller apega-se a uma sinonímia exata, por meio da qual, quando não acrescenta a frase do Sr. Lineu, pode-se encontrá-la pelo menos indiretamente pela relação de sinonímias. Mas o Sr. Lineu e seus livros são totalmente nulos para o Sr. Adanson e seus leitores, ele não deixa nenhuma informação por meio da qual nela seja possível nos reconhecemos. Assim, deve-se escolher entre o Sr. Lineu e o Sr. Adanson, que o exclui sem misericórdia, e jogar todos os livros de um ou do outro no fogo. Ou então é preciso empreender um novo trabalho, que não será curto nem fácil, para fazer coincidir duas nomenclaturas que não oferecem nenhum ponto de encontro.

Além disso, o Sr. Lineu não deu uma sinonímia completa. Ele se contentou, quanto às plantas conhecidas antigamente [1209], em citar os Bauhin e Clusius, e uma figura de cada planta. Para as plantas exóticas recentemente

⁹⁸⁵ Heinrich Johann Nepomuk von Crantz (1722-1799), médico e botânico de Luxemburgo. Sabemos que Rousseau conhecia a obra *Classis umbelliferarum emendata* (Leipzig, 1767), de sua autoria.

⁹⁸⁶ *História stirpium indigenarum Helvetiae inchoata*, de 1768, publicado em Berna. Para uma breve descrição de Haller, ver a lista de personagens históricos ao final.

⁹⁸⁷ Referência à obra *Familles naturelles des plantes* (1763), de Michel Adanson.

descobertas, ele citou um ou dois autores modernos, e as figuras de Rheedi⁹⁸⁸, Rumphius⁹⁸⁹ e alguns outros, e deixou por isso mesmo. Seu empreendimento não exigia dele uma compilação mais extensa, e bastava que ele fornecesse uma única informação confiável para cada planta de que falava.

Esse é o estado atual das coisas. Ora, a partir do que foi exposto, pergunto a qualquer leitor sensato como é possível apegar-se ao estudo das plantas rejeitando o da nomenclatura. É como se alguém quisesse se tornar erudito em uma língua sem querer aprender as palavras. É verdade que os nomes são arbitrários, que o conhecimento das plantas não depende necessariamente daquele da nomenclatura, e que é fácil supor que um homem inteligente poderia ser um excelente Botânico, embora não conhecesse uma única planta por seu nome. Mas que um homem sozinho, sem livros e sem qualquer ajuda das luzes comunicadas, consiga tornar-se por si mesmo um Botânico muito medíocre, é uma afirmação ridícula de se fazer e um empreendimento impossível de se executar. Trata-se de saber se trezentos anos de estudos e observações devem ser perdidos para a Botânica, se trezentos volumes de figuras e descrições devem ser lançados ao fogo, se o conhecimento adquirido por todos os eruditos que consagraram seu bolso, suas vida e suas vigílias em jornadas imensas, custosas, sofríveis e perigosas, devem ser inúteis para seus sucessores, e se cada um partindo sempre do zero para seu primeiro ponto, poderá alcançar por si mesmo os mesmos conhecimentos que uma longa série de pesquisas e estudos difundiram entre a massa do gênero humano. Se não for assim, e se a terceira e mais agradável parte da História natural merece a atenção dos curiosos, que me digam como se fará uso dos conhecimentos adquiridos anteriormente, se não se começa por aprender a linguagem dos autores e por saber a quais objetos os nomes usados por cada um deles se referem. Admitir o estudo da botânica e rejeitar o da nomenclatura é, portanto, cair na mais absurda contradição.

⁹⁸⁸ Hendrik Adriaan van Rhee (1636-1691), naturalista e militar da Companhia Neerlandesa das Índias Orientais. Produziu, com uma equipe de especialistas contratados, os doze volumes de *Hortus malabaricus* (1678-1693). A obra foi traduzida para várias línguas.

⁹⁸⁹ Georg Eberhard Rumphius (1628-1702), botânico e médico germânico que viajou várias vezes com a Companhia Neerlandesa das Índias Orientais. Especializou-se nas plantas da ilha de Amboina, a partir das quais produziu os seis volumes de seu *Herbarium amboinensis* (1741-1750). Em 1776, a Duquesa de Portland enviou essa obra a Rousseau, mas ele devolveu o presente, conforme lemos na carta de 11 de julho de 1776.

Fragmentos de botânica

1

[1249] A Botânica é a parte da história natural que trata do reino vegetal, e como esse reino é o mais rico e o mais variado dos três, a botânica é a parte mais considerável do estudo do naturalista.

A natureza, que colocou tanta elegância em todas as suas formas e tantas escolhas em todas as suas distribuições, tomou sobretudo um cuidado particular de cobrir a nudez da terra com um ornamento tão rico e tão variado que ela encanta os olhos e surpreende a imaginação; é no exame deste brilhante ornamento, é no estudo dessa profusão de riquezas que o botânico admira com êxtase a arte divina e o gosto primoroso do criador, que fabricou o manto de nossa mãe comum. A arte de estudar as plantas pela combinação dos mixtos⁹⁹⁰ que compõem sua substância, a arte de nelas determinar as virtudes medicinais verdadeiras ou falsas, seja pelo experimento e pela observação sempre imperfeita e enganosa, seja pela análise química ainda mais falível, não tem nada em comum com a botânica. O botânico estuda nos vegetais seu tecido, sua figura, sua organização, sua geração, seu nascimento, seu crescimento, sua vida e sua morte. Ele pode considerá-los também por sua cor, por seu gosto, seu odor, seu sabor, por todos os pontos de apoio que eles podem oferecer aos sentidos; mas este não é senão um estudo analógico e secundário para esclarecer e confirmar o das formas; os vegetais não são aos olhos do botânico senão seres orgânicos, tão logo o vegetal está morto, que ele cessa de vegetar, que suas partes não têm mais a correspondência mútua que os fazia viver e os constituía como um, não é mais da alçada do botânico [1250], é uma simples substância, uma matéria, um mixto, uma terra morta, que não pertence mais a partir de então ao reino vegetal, mas ao mineral. Os médicos, os charlatães, os empíricos⁹⁹¹ podem lhe falar das virtudes maravilhosas das plantas mortas e decompostas, tudo isso não lhe concerne mais. Para admitir isso seria preciso que ele tivesse na autoridade dos homens, que são

⁹⁹⁰ Em francês, *mixtes*, conceito vindo da química.

⁹⁹¹ No século XVIII, o termo “empírico” tem o sentido pejorativo de curandeiro charlatão.

mentirosos, a fé que ele não tem senão na natureza, que não mente jamais e que não lhe diz nada de parecido.

O botânico não aceita nenhum ponto intermediário entre a natureza e ele. Ele não admite como verdadeiro senão aquilo que ela lhe mostra, ele rejeita tudo que os homens a ela querem adicionar por sua conta. Ele abandona a planta no momento em que o médico dela se apodera, ele a observa em seu estado de vida, morta ele ainda estuda-a pela anatomia, a dissecar e a observa, mas tão logo sua forma é destruída e ela é moída em um almofariz, não é mais nada para ele. Insisto bastante neste ponto, persuadido de que o maior obstáculo ao progresso da botânica foi o de querer torná-la uma parte da medicina. Foi o que a tornou baixa, ridícula e repugnante, de risonha e deliciosa que ela era naturalmente. As formas mais elegantes, as cores mais vivas, flores encantadoras, perfumes deliciosos; um estudo atraente e cômodo, sem aparato, sem despesa, sem nenhuma outra fadiga além das caminhadas campestres, sem nenhum outro instrumento além de um pequeno microscópio, uma agulha, uma pinça, tesouras para recortar. Que diferença entre este amável estudo e aquele da anatomia, cujo aparato horrível revolta ao mesmo tempo o coração e os sentidos, e que vos faz viver com cadáveres, ou aquele dos minerais, que é preciso arrancar das entranhas da terra com grande fadiga, e analisar com grandes despesas, frequentemente com grandes riscos, em antros dos Ciclopes.

Os prados esmaltados de flores são o único laboratório do botânico. A caminhada é seu único trabalho. Ele carrega facilmente todos os seus utensílios no bolso, não se ocupa senão de objetos amáveis e não vê senão guirlandas para os pastores, onde o herborista não vê senão ervas para as lavagens. Não falta à botânica para ser um estudo delicioso senão ser retirada do médico e retornada ao naturalista.

Mas, dizem a ignorância e o preconceito, de que servirá, então [1251], a botânica? Sem dúvida[!], o mundo não foi feito, então, senão para os doentes, e se a história natural não cura a febre, seu estudo não é bom para nada. Concorro que os trabalhos úteis ao corpo devem ter a preferência; mas de todos os usos que damos aos nossos lazeres, aqueles que nos curam da ignorância e do erro são incontestavelmente os menos inúteis. E se permitis que o homem tenha jogos, permiti-lhe também o exame do universo e de suas partes. Já que nem todo mundo

tem a honra nem os meios para poder passar a vida matando feras ou embaralhando cartas, é preciso que alguns desocupados entretenham-se contemplando a natureza.

2

Ei, não há nenhum homem sensível às mais tocantes belezas da natureza que aí não misture sempre algum interesse pessoal? Para observar, para admirar as maravilhas da organização vegetal é absolutamente necessário ser médico? O ornamento da terra, este ornamento ao mesmo tempo soberbo e risonho, não merece por ele mesmo nenhum de nossos olhares; essas cores, esses odores, essas figuras elegantes e variadas, não foram dadas às plantas senão para se fazer moer tudo isto em um almofariz? Ah, saibamos amar a natureza, saibamos procurá-la, estudá-la, conhecê-la, saibamos admirar as belezas que não foram paramentadas para nós, aprendamos a permanecer entre ela e nós, e a nos curar da ociosidade, do tédio, de sermos um fardo para nós mesmos e para os outros. Vamos nos dar divertimentos fáceis, inocentes, amáveis, que nos dispensam de procurar os ruinosos, os criminosos, os insensatos. Se o estudo das plantas me purga a alma, isso me basta, não quero nenhuma outra farmácia.⁹⁹²

Tão logo virdes a terra se cobrir com uma penugem verde rara e quase imperceptível, apressai-vos em trocá-la ou em retirar as plantas que quereis conservar, pois elas não tardarão a perecer.

3

[1252] Seria fazer um grande serviço às pessoas ocupadas livrá-las da importunação dos ociosos, e o melhor meio de obter sucesso nisso, sem ser o único, seria ocupar os ociosos eles mesmos.

⁹⁹² V: Após *farmácia*, Rousseau escrevera ainda estas palavras, que em seguida riscou: *É a natureza que vela pela saúde de meu corpo, mas ela encarregou unicamente a mim aquela de minha alma.*

4

Para que não se procure neste livro mais valor do que ele tem, advirto desde as primeiras palavras de seu título que ele não é senão o divertimento de um homem ocioso, e devo acrescentar ainda que ele não é senão a obra de um ignorante.

Que nessas majestosas florestas que coroam as montanhas, nessas ramagens frescas que margeiam os riachos dos vales, outros procurem drogas. Os farmacêuticos não vêm no rico esmalte dos prados senão ervas para lavagens, em boa hora se a vida humana ganha com isso, se os homens se portam melhor e vivem mais longamente⁹⁹³. Quanto a mim, aí vejo objetos de admiração que me transportam e que me fazem respeitar a organização que os produz. O quê? Eu iria cortar, pilar, moer num almofariz essas rosas, esse reseda, essa Eufrásia; eu destruiria esses ramos elegantes, essa linda folhagem, eu amassaria o tecido brilhante e delicado dessas flores? Não, eu contemplarei, colherei, arrancarei, dividirei, anatomizarei talvez, mas não irei nunca, com uma mão estúpida e brutal, pilar e rasgar as frágeis belezas que admiro. Quero que meus olhos gozem com elas, observem-nas, esgotem-nas, que se saciem com elas se for possível: essas figuras, essas cores, essa simetria não foram colocadas aqui para nada.

5

As folhas do Espinafre, do Arum,⁹⁹⁴ da azedinha,⁹⁹⁵ da Bom Rei Henrique⁹⁹⁶ se parecem bastante para que se possa às vezes confundi-las.

Mas se aquelas que vedes são como que farinhentas, [1253] trata-se da Bom Rei Henrique. Se elas são ácidas de gosto, trata-se da azedinha. Se vedes nelas ao longo do dia um traço paralelo à sua borda, trata-se do arum. O Espinafre permanece fácil de distinguir. Ele não tem nada disto.

⁹⁹³ V: Após *longamente*, Rousseau escrevera a princípio: *Quanto a mim, não sou digno de estar entre estes benfeitores do gênero humano*, depois riscou estas palavras para substituí-las por: *Quanto a mim, não sou senão um admirador ocioso das maravilhas que espezinho* (1º esboço: *que me circundam*). *Que se tire partido da substância das plantas, em boa hora, mas antes que se tenha moído* (1º esboço: *pilado*) *esta planta, que se tenha colocado ela em uma pasta, que se tenha extraído sua seiva, ela tinha uma figura encantadora*.

⁹⁹⁴ Arum L.

⁹⁹⁵ Rumex acetosa L.

⁹⁹⁶ Chenopodium Bonus-Henricus L.

A folha da escabiosa-mordida⁹⁹⁷ parece um pouco com as de uma Centáurea e de outras plantas. Mas se quereis distingui-la sem sombra de dúvida, rasgai suavemente a folha: se virdes um fio sutil se desfiar e se estender entre as duas metades da folha, trata-se da escabiosa-mordida inevitavelmente. Para provar, tirai a raiz. Se a encontrardes roída e como que mordida, ela leva também, por conta disto, o outro nome de Morso-do-Diabo.

6

*Botan. François. T. I. p. 154*⁹⁹⁸

O público, que não tem nenhum método e não conhece no máximo senão espécies, não deve dar à Cerejeira o nome de ameixeira; mas quem quer que conheça e admita os gêneros colocará, sem surpresa e sem esforço, a Cerejeira no gênero das ameixeiras.

7

O Sr. Adanson culpa o Sr. Lineu por ter criticado esta singular frase de Tournefort: *Vicia flore vicia sepium*, como se ele ignorasse, acrescenta o Sr. Adanson, que plantas de famílias diversas podem ter semelhança em algumas de suas partes: mas não é isto, me parece, de que se trata aqui. Para distinguir duas espécies de mesmo gênero, não se trata de relacionar aquilo que elas têm em comum, mas aquilo que elas têm de diferente. Pois, enfim, não há nenhuma planta que tenha as flores mais semelhantes àquela da *vicia sepium* do que a *vicia sepium* ela mesma. Para distingui-las não é suficiente ter dito o que elas têm de comum, se não se acrescenta ainda no que consiste sua diferença.

⁹⁹⁷ *Scabiosa succisa* L.

⁹⁹⁸ Referência à página 154 do primeiro dos dois volumes do livro *Le botaniste françois, comprenant toutes les plantes communes & usuelles, disposées suivant une nouvelle méthode, & décrites en langue vulgaire*, de Jacques Barbeu Du Bourg (1709-1779). Barbeu Du Bourg foi um médico e escritor francês, amigo de Jussieu e botânico amador.

8

[1254] *Cores a providenciar.*

Verde íris

Vermelhão

Laca fina

Azul da Prússia

Ultramarino muito puro. 10 à 12 grãos ao menos

Amarelo esverdeado⁹⁹⁹

Goma-guta

conchas vazias e alguns bons pincéis.

9

O Sr. D'Alibard¹⁰⁰⁰ em seu *Florae parisiensis prodromus* confundiu o receptáculo com a placenta. São duas ideias muito diferentes. O receptáculo é a parte por onde o fruto se liga à planta, a placenta é a parte por onde as sementes se ligam ao pericarpo. É verdade que quando as sementes são nuas o receptáculo e a placenta são a mesma coisa. Mas todas as vezes que o fruto é angiosperma o receptáculo e a placenta são diferentes.

10

Segundo Rey,¹⁰⁰¹ as flores chamadas indeterminadamente de polipétalas são aquelas cuja corola é composta de mais de 5 pétalas. Ao passo que os frutos polispermos são aqueles que contém unicamente mais de quatro sementes. A diferença dessa medida numérica vem de que a numerosa família das rosáceas é toda pentapétala, e que as duas famílias das boragináceas e das labiadas são

⁹⁹⁹ Em francês, *stil-de-grain*.

¹⁰⁰⁰ Thomas-François Dalibard (1703-1779), um dos primeiros naturalistas a adotar o método de Lineu na França. O nome completo de sua obra, publicada em 1749, é *Florae parisiensis prodromus, ou, Catalogue des plantes qui naissent dans les environs de Paris, rapportées sous les dénominations modernes & anciennes, & arrangées suivant la méthode sexuelle de M. Linnaeus; avec l'explication en françois de tous les termes de la nouvelle nomenclature*.

¹⁰⁰¹ Provavelmente trata-se de John Ray (ver lista de personagens ao final). Rousseau conhecia seu tratado, publicado em Londres em 1724, intitulado *Synopsis methodica stirpium Britannicarum*.

tetraspermas, o que levou esse autor a tomar a denominação indefinida de várias além dos números determinados mais frequentes. Parece, contudo, que ele teria ainda tido que englobar nos números determinados as corolas hexapétalas, que a maior parte das [1255] liliáceas têm, e por esta razão não chamar polipétalas senão as flores que têm mais de seis pétalas, como é feito desde o Sr. Ludwig¹⁰⁰².

11

Há botões com frutos, botões com folhas, e botões com frutos e folhas. As árvores e arbustos que florescem antes de folharem têm todos botões com frutos e botões com folhas; mas aqueles que folham antes de florescer, tais como, por exemplo, o *Alisier*¹⁰⁰³, o Espinheiro-branco etc., não têm senão botões mistos, a saber, com folhas e com frutos ao mesmo tempo.

12

Imbricado: adj. arrumados gradualmente e alternativamente por estágios, como se arruma as Telhas em um telhado. Essa disposição acontece mais comumente nos cálices das flores compostas do que em todas as outras partes dos vegetais. Um Cálice imbricado é composto de várias fileiras de escamas que cingem e envolvem os flósculos de modo que a primeira fileira interior de escamas cinge e toca imediatamente os flósculos, a segunda fileira de escamas cinge e toca as primeiras, cada escama exterior recobrimdo a junção de duas interiores, e cada junção da segunda fileira caindo no meio de uma escama da primeira. A terceira fileira cinge a segunda como a segunda cinge a primeira, e assim por diante; como essas escamas diminuem gradualmente de tamanho, cada fileira é mais curta do que aquela que a abraça, e deixa aparecer a extremidade superior, e todas as fileiras distinguem-se facilmente pelo olho, embora [estejam] todas ligadas pela parte inferior ao mesmo disco ou receptáculo.

¹⁰⁰² Christian Gottlieb Ludwig (1709-1773), médico e botânico germânico, professor de medicina em Leipzig. Foi um grande adepto das ideias de Lineu.

¹⁰⁰³ Mantive o nome em francês por dificuldade de identificar e encontrar o nome vernacular desta planta. Caso se trate do *Sorbus torminalis*, (L.) Crantz, ele é chamado, em Portugal, de Mostajeiro.

13

O Sr. Lineu dá o nome de receptáculo à aderência do fruto à planta e à aderência da [1256] semente ao fruto. Parece-me mais vantajoso neste caso seguir os botânicos franceses, que deixam o nome de receptáculo à primeira e à outra o de placenta.

14

A natureza não fez o gasto inútil de ornar e variar o aspecto das plantas tanto por aquilo que está escondido quanto pelo que aparece.

Certamente é um objeto muito digno da curiosidade humana conhecer todos os fios deste soberbo tapete que cobre a face da terra.

Seria preciso distinguir aquelas que são dispostas em espiral, como aquelas que são alternativas como e aquelas que são confusamente dispersas como

Pois, por ex., nesta encantadora pequena flor azul chamada pelos botânicos *Myosotis scorpioides*,¹⁰⁰⁴ as folhas de baixo são estreitas em sua junção, largas e arredondadas na outra extremidade como em forma de espátula, e aquelas de cima, ao contrário, são mais largas na base do que na ponta. Apresentai estas duas diversas folhas, uma do lado da outra, não se dirá jamais pela figura que elas pertencem à mesma planta.

¹⁰⁰⁴ *Myosotis scorpioides* L.

Lista de personagens históricos

Albrecht von Haller (1708-1777)

Naturalista e homem de letras suíço, considerado um importante fisiologista moderno. Foi professor de anatomia e de botânica em Göttingen.

André Thouin (1747-1824)

Botânico francês, filho de Jean-André Thouin, jardineiro-chefe do Jardim do Rei. Herborizou com Rousseau no Jardim do Rei, no verão de 1771.

Antoine-Laurent de Jussieu (1748-1836) e Bernard de Jussieu (1699-1777)

Antoine-Laurent de Jussieu, sobrinho de Bernard de Jussieu, foi um médico e botânico francês. Trabalhou como demonstrador no Jardim do Rei. Em seu *Genera Plantarum* (1789) utilizou o método de classificação natural de plantas proposto por seu tio. Rousseau foi aluno de Antoine-Laurent nos primeiros anos da década de 1770, em Paris. Bernard de Jussieu, também médico e botânico francês, estudou medicina em Montpellier e depois foi professor de botânica no Jardim do Rei. Publicou poucas obras.

Abram de Pury (1724-1807)

O Coronel de Pury nasceu e morreu em Neuchâtel. Ocupou postos militares e políticos na Suíça. Foi um fervoroso defensor da burguesia, tendo adotado uma resoluta postura anticlerical e antiabsolutista. Herborizou diversas vezes com a pequena comitiva de interessados em botânica que contava com a presença de Rousseau, de Du Peyrou e do magistrado Clerc.

Abraham Gagnebin (1707-1800)

Naturalista suíço que passou a vida inteira em La Ferrière e que possuía um enorme conhecimento da flora local.

Antoine Gouan (1733-1821)

Importante botânico lineano de Montpellier. Autor de *Hortus Regius Monspeliensis* (1762), *Flora Monspeliaca* (1764), *Illustrationes et observationes botanicae* (1773), *Explication du système botanique du chevalier von Linné* (1787) e *Herborisations des environs de Montpellier* (1796).

Carlos Lineu (1707-1778)

Botânico, médico e zoólogo sueco, considerado pai da taxonomia moderna pela popularização da nomenclatura binomial. Lineu também criou um sistema de classificação das plantas através de seus caracteres sexuais (número de estames e

pistilos). Seu método fez muito sucesso, pois tornou a botânica um pouco mais acessível, permitindo a qualquer que possuísse um livro de Lineu classificar facilmente certas plantas. A eficácia e a simplicidade da abordagem lineana foram o motivo central da admiração de Rousseau por Lineu. Contudo, o método de Lineu vai suscitar uma grande polêmica ao longo da segunda metade do século XVIII, já que reúne de forma artificial organismos que não têm semelhança para além do número de estames e pistilos.

Chrétien-Guillaume de Lamoignon de Malesherbes (1721-1794)

Aristocrata e estadista francês, conhecido por proteger os *philosophes*. Encarregado da chefia da censura real, apoiou a publicação da *Encyclopédie*. Também estudava História Natural. Bisavô de Alexis de Tocqueville.

Daniel Malthus (1730-1800)

Pai do célebre economista Thomas Malthus, Daniel Malthus foi um rico proprietário de terras, amigo de Hume e grande admirador das obras de Rousseau. Além da paixão pelas plantas, gostava também da caça, das letras e das artes. Propôs, sem sucesso, que Jean-Jacques ocupasse a casa de campo que possuía perto de Albury. Comprou a biblioteca botânica de Rousseau e seus herbários.

François Boissier de Sauvages de la Croix (1706-1767)

Médico e botânico francês, professor de medicina em Montpellier. Autor de tratados de patologia, fisiologia, embriologia. Sobre botânica, publicou, em 1751, seu próprio método de identificação das plantas através das folhas, intitulado *Methodus foliorum, seu plantae flore monspeliensis*.

François-Louis D'Eschery (1706-1767)

Homem de letras e amigo dos *philosophes*. Mudou-se para Môtiers em 1763 e conheceu Rousseau no ano seguinte. Foi também amigo de Helvétius, de Diderot, e de D'Alembert. Herborizava com Rousseau, Du Peyrou e Pury.

Jean-Baptiste François Rozier (1734-1793)

Botânico francês, colaborador de Latourette na Escola Veterinária de Lyon, onde também foi professor.

Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-1788)

Intendente do Jardim do Rei, Buffon foi um dos mais importantes naturalistas do século XVIII. Sua monumental *Histoire Naturelle*, em 36 volumes, influenciou sobremaneira a obra de Rousseau. Este não apenas reconhecia a autoridade de Buffon na área, como admirava a qualidade da escrita buffoniana (“a mais bela pena de seu século”).

Jean Bauhin (1541-1613) e Gaspard Bauhin (1560-1624)

Irmãos suíços que foram importantes naturalistas e médicos. O mais velho foi colaborador do botânico Conrad Gesner. Autor de *Historia Plantarum universalis*, publicado postumamente (1619). O mais novo, um dos primeiros botânicos a tentar uma classificação natural das plantas com base na morfologia, foi autor de *Phytopinax* (1596), *Prodromus theatri botanici* (1620) e *Pinax theatri botanici*. Rousseau refere-se frequentemente ao seu *Pinax* nas cartas, obra que também foi importante para Lineu.

John Ray (1627-1705)

Botânico e naturalista inglês, considerado pai da história natural inglesa. Ray não era médico e, portanto, não se interessava pelo uso medicinal das plantas. Esforçou-se em criar uma classificação universal das plantas e expôs seu método nas obras *Methodus plantarum nova* (Londres, 1682), *Historia plantarum* (Londres 1686-1704), em três volumes, e na revisão de sua primeira obra, *Methodus plantarum emendata et aucta* (1703). Ray é conhecido por ter distinguido as plantas entre monocotiledôneas e dicotiledôneas de forma clara.

Joseph Pitton de Tournefort (1656-1708)

Botânico francês que estudou medicina em Montpellier. Foi professor no Jardim das Plantas, de Paris. Ficou conhecido por seu sistema formado por 700 gêneros, que posteriormente foram adotados por Lineu e outros naturalistas, de tal modo que parte significativa dos nomes dos gêneros atuais remonta a sua obra. Seus principais trabalhos foram: *Éléments de botaniques* (Paris, 1694), *Histoire des plantes qui naissent aux environs de Paris* (Paris, 1698) e *Institutiones rei herbariae* (Paris, 1700).

Louis-Jean-Marie Daubenton (1716-1799)

Grande naturalista francês e colaborador de Buffon. Trabalhou como curador e demonstrador no Jardim das Plantas, em Paris. Foi professor de zoologia no *Collège de France*. Em 1793, quando o Jardim das Plantas foi convertido no Museu de História Natural, tornou-se seu primeiro diretor.

Marc Antoine Louis Claret de Latourette (1729-1793)

Botânico francês. Após deixar o cargo que ocupava no Tribunal das Moedas de Lyon, dedicou-se exclusivamente à História Natural. Escreveu uma importante obra de divulgação da botânica, publicada em Lyon, em 1766, intitulada *Démonstrations Élémentaires de Botanique*. Acompanhou Rousseau na herborização da Grande Cartuxa, em 1768.

Marc-Michel Rey (1720-1780)

Famoso editor genebrino que publicou obras de vários *philosophes*.

Margaret Cavendish Bentick, duquesa de Portland (1715-1785)

Casou-se com o segundo duque de Portland em 1734. Apaixonada por botânica, a duquesa não apenas conhecia os principais botânicos da Inglaterra, como possuía ainda uma enorme coleção de história natural. Conheceu Rousseau através de Bernard de Granville, que era vizinho do filósofo em Wootton.

Marie-Charlotte-Hippolyte de Campet de Saujon, Condessa de Boufflers-Rouverel (1725-1800)

Casou-se com Édouard, conde de Boufflers, falecido em 1764, e tornou-se amante do príncipe de Conti. Possuía um dos mais importantes *salons* da época.

Michel Adanson (1727-1806)

Botânico francês e grande crítico de Lineu, buscou desenvolver um método natural de classificação das plantas.

Pierre-Alexandre Du Peyrou (1729-1794)

Rico herdeiro e financista que Rousseau conheceu em Neuchâtel. Compartilhava com o filósofo a paixão pela história natural e pela botânica. Foi Du Peyrou quem colocou Rousseau em contato com grandes botânicos, tais como Neuhaus e Haller. O amigo, que Rousseau chama comumente de “anfitrião”, sofria de gota. O tema é recorrente nas cartas e vemos Jean-Jacques ocupar o lugar de médico e conselheiro, inclusive aconselhando-o as caminhadas e a botânica como práticas curativas.

Pierre Clappier (1740-1818)

Médico que estudou em Montpellier e que tinha a botânica como passatempo.

Richard Davenport (1705-1771)

Rico proprietário inglês, grande admirador e protetor de Rousseau. Alugou para ele (pois Jean-Jacques não aceitaria morar de favor) uma de suas propriedades — o Wootton Hall, em Staffordshire — em março de 1766.

Victor Riqueti de Mirabeau (1715-1789)

Economista francês da escola da fisiocracia, sua primeira obra de economia intitula-se *O amigo dos homens, ou Tratado da população*. Mirabeau não só se ofereceu para abrigar Rousseau em sua propriedade como também tentou, sem sucesso, incorporá-lo ao time dos fisiocratas, enviando-o uma série de livros sobre o tema.

Referências

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AGAMBEN, G. Bartleby, ou da contingência. In: _____. *Bartleby, ou da contingência; seguido de Bartleby, o escrevente - uma história de Wall Street*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

ARÁOZ, H. *Mineração, genealogia do desastre: o extrativismo na América como origem da modernidade*. Tradução de João Peres. São Paulo: Elefante, 2020.

ARISTÓTELES. *Metafísica: volume II*. Tradução e comentário de Giovanni Reale; tradução Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

BACON, F. Nova Atlântida. In: _____. *Novum Organum ou Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza; Nova Atlântida*. Tradução de José Aluísio Reis de Andrade. São Paulo: Abril, Cultural, 1979.

BANDERA, M. Mudanças ambientais, aumento populacional e diversidade humana na antropologia de Rousseau. In: (Org.) BECKER, E.; AMORIM, M.; SANTOS, S. *Técnica, natureza e ética socioambiental*. São Paulo: República do Livro, 2019.

BARTHES, R. *Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos: cursos e seminários do Collège de France, 1976-1977*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *O neutro: anotações de aulas e seminários no Collège de France, 1977-1978*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. Ousemos ser preguiçosos. In: _____. *O grão da voz: entrevistas, 1961-1980*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Encontro com Roland Barthes. In: *Inéditos, I: teoria*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

_____. *O último escritor feliz*. Tradução de Juliana Bratfisch. In: Caderno de Leituras, nº 30. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2014.

_____. As pranchas da Enciclopédia. In: *O grau zero da escrita: seguido de nove ensaios críticos*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

_____. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2017.

BECKER, E. *Política e linguagem em Rousseau e Condillac*. Revista Kriterion, Belo Horizonte, Jun/2011, nº 123, p. 49-74

BERNARDI, B. *La fabrique des concepts*. Paris: Honoré Champion, 2006.

BENSAUDE-VINCENT, B; BERNARDI, B. Rousseau dans le contexte des sciences de son époque. In: *Rousseau et les sciences*. (Org.) _____. Paris: L'Harmattan, 2003.

BLESSON, M. Pour une démocratie écologique. In: *L'Esprit du temps*, 2013/1, nº 122, p. 71-82.

BRAGA, E. Relações e paralelos entre Rousseau e a ecologia radical contemporânea. In: *Griot – Revista de Filosofia*, dez/2013, vol. 8, nº. 2, p. 202-225.

BUFFON. *História Natural*. Tradução de Isabel Coelho Fragelli, Pedro Paulo Pimenta e Ana Carolina Soliva Soria. São Paulo: Unesp, 2020.

_____. Das épocas da natureza. In: _____. *História Natural*. Tradução de Isabel Coelho Fragelli, Pedro Paulo Pimenta e Ana Carolina Soliva Soria. São Paulo: Unesp, 2020.

CANGUILHEM, G. Prefácio. In: DELAPORTE, F. *Nature's Second Kingdom*. Tradução de Arthur Goldhammer. Londres: MIT Press, 1982.

CANTOR, P. *The metaphysics of botany: Rousseau and the new criticism of plants*. Southwest review, 1985, p. 362-380.

CAVE, C. Rousseau et les ambiguïtés de l'épistolaire: la correspondance avec Mirabeau. In: *Voix et mémoire: lectures de Rousseau*. (Org.) MERCIER-FAIVRE, A.-M.; O'DEA, M. Lyon: Presses universitaires de Lyon.

CHARBONNIER, G. *Arte, linguagem, etnologia: entrevistas com Claude Lévi-Strauss*. Campinas: Papirus, 1989.

CHARBONNIER, P. *Abundância e liberdade: uma história ambiental das ideias políticas*. Tradução de Fabio Mascaro Querido. São Paulo: Boitempo, 2021.

CHEYRON, H. « L'amour de la Botanique ». Les Annotations de Jean-Jacques Rousseau sur la Botanique de Régnault. In: *Littératures*, n° 4, outono/1981. p. 53-95.

CHOAY, F. *Du temple de l'art au supermarché de la culture*. In: *Villes en parallèle*, Paris e Nova York, 1994, n°20-21, p. 208-221.

CLASTRES, P. *Arqueologia da violência — pesquisas de antropologia política*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

CONDILLAC, E. A Lógica ou primeiros desenvolvimentos da arte de pensar. In: *Lógica e outros escritos*. Tradução de Fernão de Oliveira Salles, Lourenço Fernandes Neto e Silva e Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Unesp, 2016.

_____. Tratado dos animais. In: *A inteligência dos animais*. Tradução de Lourenço Fernandes Neto e Silva. São Paulo: Unesp, 2022.

COOK, A. Introduction. In: ROUSSEAU, J.-J. *The collected writings of Rousseau, Vol. 8: The Rêveries of the Solitary Walker, Botanical Writings, and Letter to Franquières*. Hanover: University Press of New England, 2000.

_____. Jean-Jacques Rousseau, "Terminator" and *Telos* in Nature. In: (Org.) GRANT, R.; STEWART, P. *Rousseau and the Ancients / Rousseau et les Anciens*. Montreal: North American Association for the Study of Jean-Jacques Rousseau, 2001.

_____. Jean-Jacques Rousseau and Exotic Botany. In: (Org.) MACCUBBIN, R.; KNELLWOLF, C. *Exoticism and the culture of exploration*. Durham: Duke University Press, 2002.

_____. Rousseau et les réseaux d'échange botanique. In: (Org.) BENSANDE-VINCENT, B.; BERNARDI, B. *Rousseau et les sciences*. Paris: L'Harmattan, 2003.

_____. *Jean-Jacques Rousseau and Botany, the salutary science*. Oxford: Voltaire Foundation, 2012

_____. La botanique, une passion contre les passions. In: (Org.) BERCHTOLD, J.; et al. *Rousseau, passionnément: mes passions m'ont fait vivre, et mes passions m'ont tué: exposition organisée pour le tricentenaire de la naissance du philosophe*; Montmorency, Musée Jean-Jacques Rousseau, 2012, p. 55-65.

_____. Le « disciple » critique le « maître »: Jean-Jacques Rousseau et la nomenclature linnéenne. In: (Org.) SELOSSE, P.; REYNAUD, D.. *Nomenclatures au dix-huitième siècle: la science, « langue bien faite »*. Lyon: Presses de l'Aristoloche, 2015.

_____. Manger le monde autrement: “une seule santé”, covid-19, et responsabilité morale. In: (Org.) KURIYAMA, S.; LEONARDIS, O.; SONNENSCHN, C.; THIOUB, I. *COVID-19 Tour du monde*. Paris: Manucius, 2021.

D'ALEMBERT, J. Experimental. In: *Enciclopédia, ou Dicionário razoadado das ciências, das artes e dos ofícios. Volume 2: O sistema dos conhecimentos*. Tradução de Pedro Paulo Pimenta, Maria das Graças de Souza, Luís Fernandes do Nascimento. São Paulo: Unesp, 2015.

DAMIÃO, C. *Sobre o declínio da “sinceridade”: filosofia e autobiografia de Jean-Jacques Rousseau a Walter Benjamin*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

DANOWSKI, D.; VIVEIROS DE CASTRO, E. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Cultura e Barbárie; Instituto Socioambiental, 2017.

DAUBENTON, L.; DIDEROT, D. Animal. In: *Enciclopédia, ou Dicionário razoadado das ciências, das artes e dos ofícios. Volume 3: Ciências da natureza*. Tradução de Pedro Paulo Pimenta, Maria das Graças de Souza. São Paulo: Unesp, 2015.

DAUBENTON, L. História Natural. In: *Enciclopédia, ou Dicionário razoadado das ciências, das artes e dos ofícios. Volume 3: Ciências da natureza*. Tradução de Pedro Paulo Pimenta, Maria das Graças de Souza. São Paulo: Unesp, 2015.

_____. Botânica. In: *Enciclopédia, ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios. Volume 3: Ciências da natureza*. Tradução de Pedro Paulo Pimenta, Maria das Graças de Souza. São Paulo: Unesp, 2015.

DAVID, B. « Le grand ouvrier de la nature est le temps ». In: BUFFON. *Histoire naturelle des animaux sauvages*. Paris: Le Pommier, 2020.

DELAPORTE, F. *Nature's Second Kingdom*. Tradução de Arthur Goldhammer. Londres: MIT Press, 1982.

DELEUZE, G. Jean-Jacques Rousseau — Precursor de Kafka, Céline e de Ponge. In: *A ilha deserta: e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DE MAN, P. The timid god. In: *The Georgia Review*, 1975, vol. 29, No. 3, p. 533-558.

DENEYS-TUNNEY, A. *Un autre Jean-Jacques Rousseau: le paradoxe de la technique*. Paris: Presses Universitaires de France, 2010.

D'HOLBACH. Minerais. In: *Enciclopédia, ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios. Volume 3: Ciências da natureza*. Tradução de Pedro Paulo Pimenta, Maria das Graças de Souza. São Paulo: Unesp, 2015.

DIDEROT, D. Carta sobre os cegos para uso dos que vêem. In: _____. *Diderot: Obras I — Filosofia e Política*. Tradução de Jacob Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

DROUIN, J.-M. De Lineu a Darwin: os viajantes naturalistas. In: (Org.) SERRES, M. *Elementos para uma história das ciências, Vol. II*. Lisboa: Terramar, 1995.

_____. *L'Herbier des philosophes*. Paris: Éditions du Seuil. 2008.

EDMONDS, D.; EIDINOW, J. *O cachorro de Rousseau: como o afeto de um cão foi o que restou da briga entre Rousseau e David Hume*. Tradução de Pedro Sette Câmara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

ERIBON, D. *Michel Foucault 1926-1984*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

FISCHER, J.-L. L'Encyclopédie présente-t-elle une pré-science des monstres?. In: *Recherches sur Diderot et sur l'Encyclopédie*, 1994, n° 16, p. 133-152.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Os anormais*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. *História da sexualidade III: O cuidado de si*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

_____. *História da sexualidade II: O uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

_____. Introdução (in Rousseau). In: *Ditos e Escritos, Vol I - problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. Resposta a Derrida. In: *Ditos e Escritos, Vol I - problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. *Hermenêutica do sujeito*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

_____. A posição de Cuvier na história da biologia. In: _____. *Ditos e Escritos, Vol. II, Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

_____. *O enigma da revolta: entrevistas inéditas sobre a revolução iraniana*. Tradução de Lorena Balbino. São Paulo: n-1 edições, 2019.

GARCIA, V. Foucault, Hadot, e a espiritualidade nos dias de hoje: o que resta do “retorno a si”? In: *Mnemosine*, 2023, vol. 19, nº 1, p. 95-114.

GROSRICHARD, A. « Je vais devenir plante moi-même un de ces matins ». In: *La Botanique de Rousseau, Planches de Pierre-Joseph Redouté, préface de Jean Starobinski, introductions de Alain Grosrichard et Jean-Marc Drouin*. Paris: Presses Universitaire de France, 2012

HADOT, P. *O véus de Ísis: ensaio sobre a história da ideia de natureza*. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Tradução de Flávio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações, 2014.

_____. *A filosofia como maneira de viver: entrevistas de Jeannie Carlier e Arnold I. Davidson*. Tradução de Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: É Realizações, 2016.

GOODMAN, D. *The Republic of Letters: a cultural history of the French enlightenment*. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1994.

GRISWOLD, C. *Genealogical narrative and self-knowledge in Rousseau's Discourse on the Origin and the Foundations of Inequality among Men*. *History of European Ideas*, vol. 42, nº 2, p. 276–301.

HERINGMAN, N. *Romantic rocks, aesthetic geology*. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 2004.

HULIN, M. *La mística salvaje: en los antípodas del espíritu*. Tradução de María Tabuyo e Agustín López. Madrid: Ediciones Siruela, 2007.

KAWAUCHE, T. *Educação e Filosofia no Emílio de Rousseau*. São Paulo: Editora Unifesp, 2021

KOLBERT, E. *A sexta extinção: uma história não natural*. Tradução de Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

LACAN, J. O triunfo da religião. In: _____. *O triunfo da religião, precedido de, Discurso aos católicos*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *O Seminário, livro 23: o sinthoma, 1975-1976*. Tradução de Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LAFRENIERE, G. Rousseau and the European Roots of Environmentalism. In: *Environmental History Review*, 1990, vol. 14, no. 4, p. 41-72.

LAIDLAW, G. Diderot's Teratology. In: *Diderot Studies*, 1963, vol. 4, p. 105-129.

LA NATURE DES PLANTES. Entrevistados: Timothée Léchot e Patrick Bungener. Entrevistador: Fabrice Brandli. 22 de fevereiro de 2013. Podcast. Disponível em: <https://m-r-l.ch/tous-les-podcasts/la-nature-des-plantes>. Acesso em: 22 maio de 2023.

LÉVI-STRAUSS, C. *Totemismo hoje*. Tradução de Malcolm Bruce Corrie. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. *Tristes trópicos*. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. Entrevista de Claude Lévi-Strauss. In: *Revista Tempo Brasileiro*, out-dez/2008, nº 175, p. 135-140.

_____. Respostas a enquetes. In: _____. *Antropologia estrutural dois*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

_____. A sábia lição das vacas loucas. In: _____. *Somos todos canibais, precedido por O suplício do Papai Noel*. Tradução de Marília Scalzo. São Paulo: Editora 34, 2022.

LILTI, A. *A invenção da celebridade (1750-1850)*. Tradução de Raquel Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018

LÉCHOT, T. L'herborisation comme pratique sociale: Jean-Jacques Rousseau sous la loupe de François-Louis d'Escherny. In: (Org.) LEFAY, S., *Se promener au XVIIIe siècle. Rituels et sociabilités*. Paris: Classiques Garnier, 2019.

MACLEAN, I. Foucault's Renaissance Episteme Reassessed: An Aristotelian Counterblast. In: *Journal of the History of Ideas*, 1998, vol. 59, nº 1, p. 149-166.

MALL, L. Des monstres et d'un prodige: les commencements de l'*Émile*. In: *Revue de Métaphysique et de Morale*, jul-set/2000, nº 3, p. 363-380.

MANDEVILLE, B. *A fábula das abelhas: ou vícios privados, benefícios públicos*. Traduzido por Bruno Costa Simões. São Paulo: Unesp, 2017.

MARTIN, C. La nature dévoilée (de Fontenelle à Rousseau). In: *Dix-huitième siècle*, 2013/1, nº 45, p. 79-95.

MARX, K. *Contribuição à crítica da economia política*. Tradução de Florestan Fernandes. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MATOS, L. Uma arte da medida. In: SALINAS FORTES, L. *Paradoxo do espetáculo: política e poética em Rousseau*. São Paulo: Discurso Editorial, 1997.

MELVILLE, H. *Bartleby, o escrevente - uma história de Wall Street*. In: AGAMBEN, G. *Bartleby, ou da contingência; seguido de Bartleby, o escrevente - uma história de Wall Street*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MELZER, A. *The natural goodness of man: on the system of Rousseau's thought*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1990.

MONZANI, L. *Desejo e prazer na idade moderna*. Curitiba: Champagnat, 2011.

MOON, J. *Jean-Jacques Rousseau, amoureux par lettres*. In: Cahiers de l'Association internationale des études françaises, 1987, n° 39. p. 159-173.

MVOGO, D. *Théorie de l'apprentissage chez Jean-Jacques Rousseau*. Revue des sciences de l'éducation, 1990, vol. 16, n° 3, p. 451-460

NASCIMENTO, M. *A farsa da representação política*. São Paulo: Discurso Editorial, 2016.

OLASO, E. The two scepticisms of the Savoyard vicar. In: *Scepticism in the Enlightenment*. (Org.) POPKIN, R.; E. de OLASO, E.; TONELLI, G. Dordrecht: Springer, 1997.

OLIVEIRA, B. *Francis Bacon e a fundamentação da ciência como tecnologia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

PASCAL, B. *Pensamentos*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PATY, M. *D'Alembert, ou la raison physico-mathématique au siècle des Lumières*. Paris: Les belles lettres, 2004.

PIGNOL, C. *Pauvreté et fausse richesse chez J.-J. Rousseau: l'économie entre éthique et politique*. In: Cahiers d'économie politique, 2010/2, n. 59, p. 45-68.

PIMENTA, P. *A trama da natureza: organismo e finalidade na época da Ilustração*. São Paulo: Unesp, 2018.

_____. Nota preliminar. In: *Rousseau — Escritos sobre a política e as artes*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

PRADO JR., B. *A retórica de Rousseau*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

REIS, C. Rousseau entre monstros e quimeras. In: (Org.) PINHEIRO, U. *Filosofias da alteridade no século das Luzes: Diderot, Fontenelle, Kant, Rousseau*. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

ROCHA, A. Lévi-Strauss, o “herdeiro contemporâneo” de Rousseau. In: (Org.) VERÍSSIMO, A.; et al. *Nos Horizontes da Razão: Homenagem a José Barata-Moura*, Lisboa, 2020, p. 409-423.

ROMANO, R. *Moral e ciência: a monstruosidade no século XVIII*. São Paulo: Editora SENAC, 2003.

ROUSSEAU, J.-J. *Œuvres complètes de Jean-Jacques Rousseau*. (Org.) GAGNEBIN, B.; RAYMOND, M. Paris: Gallimard, 1959-1995, 5 tomos (Collection Bibliothèque de La Pléiade).

_____. *Correspondance Générale de J.-J. Rousseau*. (Org.) DUFOUR, T.; PLAN, P.-P. Paris: Armand Colin, 1924-1934, 20 volumes.

_____. *Œuvres complètes de J.-J. Rousseau, vol. 8: Lettres de la montagne et Lettres sur la botanique*. Paris: Armand-Aubrée, 1832.

_____. *Œuvres inédites de J.J. Rousseau, suivies d'un supplément à l'histoire de sa vie et de ses ouvrages, Tome I*. (Org.) MUSSET-PATHAY, V. Paris: P. Dupont Libraire-Editeur, 1825.

_____. *Júlia ou A Nova Heloísa*. Tradução de Fulvia Moretto. Campinas: Editora Hucitec e Editora da Unicamp, 1994.

_____. Cartas Morais. In: _____. *Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral*. Tradução de José Oscar de Almeida Marques... [et al.]. São Paulo: Estação Liberdade, 2005

_____. Cartas a Malesherbes. In: *Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral*. Tradução de José Oscar de Almeida Marques... [et al.]. São Paulo: Estação Liberdade, 2005

_____. Carta de J.-J. Rousseau ao Senhor de Voltaire. In: _____. *Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral*. Org. de José Oscar de Almeida Marques. Tradução de José Oscar de Almeida Marques... [et al.]. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

_____. Carta ao Senhor de Franquières. In: _____. *Carta a Christophe de*

Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral. Org. de José Oscar de Almeida Marques. Tradução de José Oscar de Almeida Marques... [et al.]. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

_____. *Confissões*. Tradução de Rachel de Queiroz e José Benedicto Pinto. São Paulo: Edipro, 2008.

_____. Esboços das confissões. In: _____. *Textos autobiográficos & outros escritos*. Tradução de Flávia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2009

_____. Esboços dos devaneios. In: _____. *Textos autobiográficos & outros escritos*. Tradução de Flávia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2009

_____. Meu retrato. In: _____. *Textos autobiográficos & outros escritos*. Tradução de Flávia M. L. Moretto. São Paulo: Unesp, 2009

_____. Do contrato social, ou, Princípios do direito político. In: _____. *Rousseau — Escritos sobre a política e as artes*. Tradução de Ciro Lourenço Borges Jr. e Thiago Vargas. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

_____. Discurso sobre as ciências e as artes. In: _____. *Rousseau — Escritos sobre a política e as artes*. Tradução de Maria das Graças de Souza. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

_____. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. In: _____. *Rousseau — Escritos sobre a política e as artes*. Tradução de Iracema Gomes Soares e Maria Cristina Nagle. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

_____. Carta a D'Alembert sobre os espetáculos. In: _____. *Rousseau — Escritos sobre a política e as artes*. Tradução de Fabio Yasoshima. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

_____. *Emílio ou Da educação*. Tradução de Thomaz Kawauche. São Paulo: Unesp, 2022.

_____. *Devaneios do caminhante solitário*. Tradução de Jacira de Freitas e Claudio Reis. São Paulo: Unesp, 2022.

_____. *Rousseau Juiz de Jean-Jacques: Diálogos*. Tradução de Jacira de Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

ROUX, C. Les herborisations de J.-J. Rousseau à la Grande-Chartreuse en 1768 et au Mont Pilât en 1769. In: *Annales de la Société linnéenne de Lyon*, tomo 60, 1914.

SABOT, P. *Lire Les mots et les choses de Michel Foucault*. Paris: Presses Universitaire de France, 2006.

SALINAS FORTES, L. *O Iluminismo e os reis filósofos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Paradoxo do espetáculo: política e poética em Rousseau*. São Paulo: Discurso Editorial, 1997.

SCHNEIDER, M. *Jean-Jacques Rousseau et l'espoir écologiste*. Paris: Éditions Pygmalion, 1978.

SERRES, M. *O mal limpo: poluir para se apropriar?* Tradução de João Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

SILVA, F. Prefácio. In: DAMIÃO, C. *Sobre o declínio da "sinceridade": filosofia e autobiografia de Jean-Jacques Rousseau a Walter Benjamin*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

_____. Rousseau e os devaneios de um caminhante solitário. In: (Org.) NOVAES, A. *Mutações: elogio à preguiça*. São Paulo: Edições SESC SP, 2012.

SMIL, V. Detonator of the population explosion. In: *Nature*. Vol. 400, p. 415, 29/07/1999.

SMITH, A. *A riqueza das nações*. Tradução de Daniel Moreira Miranda. São Paulo: Edipro, 2022.

_____. *Teoria dos sentimentos morais, ou, ensaio para uma análise dos princípios pelos quais os homens naturalmente julgam a conduta e o caráter, primeiro de seus próximos, depois de si mesmos, acrescida de uma dissertação sobre a origem das línguas*. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SOUZA, M. *Natureza e Ilustração: sobre o materialismo de Diderot*. São Paulo: Unesp, 2002.

SOPER, K. *Post-Growth Living: For an Alternative Hedonism*. Londres e Nova York: Verso, 2020.

STAROBINSKI, J. O remédio no mal: o pensamento de Rousseau. In: _____. *As máscaras da civilização: ensaio*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

_____. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo; seguido de Sete ensaios sobre Rousseau*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Accuser et séduire: essais sur Jean-Jacques Rousseau*. Paris: Gallimard, 2012.

STEPHAN, C. *O si mesmo, os outros e o mundo: o diálogo interrompido entre Michel Foucault e Pierre Hadot*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2021.

TORT, P. *L'ordre et les monstres: le débat sur l'origine des déviations anatomiques au XVIIIème siècle*. Paris: Éditions Syllepse, 1998.

TROUSSON, R. *Jean-Jacques Rousseau I: La marche à la gloire*. Paris: Tallandier, 2016.

_____. *Jean-Jacques Rousseau II: Le deuil éclatant du bonheur*. Paris: Tallandier, 2016.

TUNSTALL, K. *Blindness and Enlightenment: an essay*. Nova York: Continuum, 2011.

VARGAS, T. *Trabalho e ócio: um estudo sobre a antropologia de Rousseau*. São Paulo: Alameda, 2018.

VILMORIN, R. Introductions. In: *Œuvres complètes, tome IV: Émile, Éducation, Morale, Botanique*. Paris: Gallimard, 1969 (Collection Bibliothèque de La Pléiade).

VOLTAIRE. *Micrômegas: uma história filosófica*. Tradução de Maria Valéria Rezende. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.